OS GAROTOS DE TOMMEN — LIVRO 6

CHLOE WALSH

Releasing 10

SALVOS PELO AMOR,
DESTRUÍDOS PELA VERDADE

Bloom Brasil

CHLOE WALSH

Releasing 10

SALVOS PELO AMOR, DESTRUÍDOS PELA VERDADE

Tradução

RAQUEL NAKASONE

AVISO DE CONTEÚDO SENSÍVEL: ESTE LIVRO CONTÉM CENAS EXPLÍCITAS DE VIOLÊNCIA SEXUAL INFANTIL.

Bloom Brasil

Aviso

Este é um livro de ficção. Todos os nomes, personagens, lugares e incidentes foram criados pela autora. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas, vivas ou mortas, é mera coincidência.

A autora lembra que todos os títulos e letras de músicas, títulos e personagens de filmes, marcas registradas e empresas mencionadas nesta obra são propriedade intelectual e pertencem aos seus respectivos donos. A publicação/uso dessas marcas registradas não é autorizada/associada ou patrocinada por seus proprietários.

Chloe Walsh não tem qualquer afiliação com as marcas, as músicas ou os artistas mencionados aqui.

Para os sobreviventes.

NOTA DA AUTORA

Releasing 10 é o sexto livro da série Os Garotos de Tommen.

Algumas cenas podem ser *extremamente* perturbadoras, portanto, aconselha-se que o leitor tenha cautela.

Por favor, esteja ciente de que são abordados aqui temas bastante desconfortáveis, como abuso infantil, trauma sexual e suicídio. Embora seja importante falar sobre esses assuntos, eles podem *não* ser adequados a leitores mais jovens. Esteja atento aos gatilhos emocionais e prossiga com cuidado.

Devido ao conteúdo sexual, à violência explícita, aos temas adultos, aos gatilhos e às palavras de baixo calão, a obra é recomendada para leitores maduros.

A história se passa no sul da Irlanda, entre 1991 e 2005, e contém diálogos e gírias irlandesas. Os termos, as referências, os jargões e os diálogos dos personagens estão em consonância com tal período e não refletem de modo algum as opiniões ou os valores pessoais da autora.

Como os primeiros livros da série eram centrados na família Lynch, as obras foram lançadas em ordem; no entanto, do quinto livro em diante, a ordem de lançamento dos livros vai alternar entre os personagens de acordo com o enredo em andamento.

Além disso, são utilizadas partes, fases e seções em vez dos títulos de capítulos convencionais como “método de navegação” neste livro.

Muito obrigada por se juntar a mim nesta aventura.

Com amor,
Chlo xxx

PARTE 1

Anos de formação

12 de junho de 1991

LIZZIE

— Qual o problema dela?

— Nada. — Mamãe continuou me ninando no peito. — Ela é perfeita.

— Por que ainda não fala? — Caoimhe não parecia feliz. Nem um pouco feliz. — A Lizzie já tem três anos, mãe. Três. E não faz nada do que já devia estar fazendo.

— Ela está ótima, Caoimhe — mamãe disse com uma voz exageradamente alegre. — Vai alcançar os outros. — Beijou minha bochecha, e eu afundei mais no seu peito.

Adorava o seu cheiro e como ela me segurava. Gostava de pressionar o ouvido nela para ouvir seu coração batendo.

Tum, tum, tum.

Sorri e toquei seu rosto. Minha irmã tinha o rosto mais lindo do mundo. Olhos bondosos. Eram azuis que nem os meus. Eu conhecia aquela cor. Sabia todas as cores e queria falar isso para ela. Só... não conseguia fazer as palavras saírem.

Minha voz não funcionava.

— Você acha que ela é meio devagar? — Caoimhe perguntou de um jeito triste, e eu quis fazê-la se sentir melhor, porque não era devagar quando corria. Eu era super rápida. — Tipo, ela precisa de escola especial ou algo assim?

— Essa conversa não é adequada pra gente pequena — mamãe falou,

irritada, e eu não gostei. Me enterrei mais ainda nela, escondendo o rosto no seu cardigã. — Então vá fazer a sua lição. Podemos conversar sobre isso mais tarde, quando o seu pai chegar em casa.

— Quero ir pra casa.

— Você está em casa, Caoimhe.

— Não, quero voltar pra nossa casa de verdade! — ela gritou. — Odeio a Inglaterra, mãe. Não tenho amigos, e todo mundo na escola fica me provocando por causa do meu sotaque.

— Pois são uns idiotas — mamãe respondeu. — Ignora.

— É fácil pra você falar — minha irmã disse antes de se virar para mim. — Você estragou tudo — berrou. — Eu queria que nunca tivesse nascido!

— Caoimhe!

— Não vou pedir desculpas, mãe, porque é verdade!

— Olha pra mim, menininha linda — mamãe disse depois que minha irmã saiu do quarto batendo os pés. — Me mostra esses seus enormes olhos azuis.

Eu mostrei.

— Aí está você. — Ela abriu um sorriso terno e afastou o cabelo do meu rosto. — Você é perfeita, está me ouvindo?

Fiz que sim.

— Você é a minha bebezinha, e sempre vou cuidar de você. — Ela fez cócegas no meu queixo e sorriu. — E não deixe ninguém te fazer achar que tem algo errado com você. — Fez cócegas de novo. — Está me entendendo, Lizzie?

Fiz que sim outra vez.

— Isso mesmo. — Ela sorriu novamente. — Te amo, meu bem.

31 de outubro de 1991

LIZZIE

— Seja normal quando meus amigos estiverem aqui — Caoimhe disse. — Não faz nada constrangedor, hein? — Ela se virou para me olhar. — Nada de gritar nem se jogar no chão.

Fiz que sim para mostrar que tinha entendido.

— Aff... — Ela balançou a cabeça. — Queria que você falasse, Lizzie!

Dei de ombros.

— Como é que vou saber se você entendeu se você não *fala*?

Eu não gostava de deixá-la brava.

Me sentia mal.

Meu rosto ficava quente.

Minhas unhas coçavam.

— Não — Caoimhe avisou, com a atenção voltada para as minhas unhas. Ela se levantou da penteadeira e foi até a cama. — Você não pode fazer isso. — Se agachou na minha frente, pegou minhas mãos e me olhou bem nos olhos. — Você *não* pode se machucar.

Me desculpe, eu queria lhe dizer. *Não sei como parar*.

Em vez disso, estiquei o braço e toquei seu rosto.

Seus olhos azuis lacrimejaram.

— Por favor, fala comigo. — Fungando, ela me pegou no colo e me abraçou. — Por favor, Liz, só uma palavrinha. Eu te

imploro.

Estou tentando.

12 de novembro de 1991

LIZZIE

— Levando em conta seus ataques frequentes de violência na creche e o forte histórico familiar, gostaria de iniciar um plano de tratamento com a Elizabeth.

— Com tratamento, quer dizer terapia?

— E medicação.

— Ela tem três anos e meio — mamãe disse com uma voz estrangulada. — Todas as crianças de três anos fazem birra, pelo amor de Deus.

— Isso não é birra, Catherine, e você sabe — papai interveio. — Pode falar sem rodeios, doutor. Qual é o diagnóstico?

— É cedo demais pra dizer.

— Mas você tem alguma teoria, não? — ele insistiu. — Acha que ela tem aquilo, né?

— Não necessariamente, mas há evidências que sugerem que a Elizabeth está tendo episódios psicóticos. O que me preocupa é a falta de consciência e os frequentes apagões dela. — Ele girou a caneta entre os dedos. — Parece não se lembrar do que faz.

— Você não tem como saber — mamãe retrucou, alisando meu cabelo. — Só vamos saber quando ela começar a falar.

21 de dezembro de 1991

LIZZIE

— Isto é um avião — mamãe explicou, apontando à nossa frente. — Ele vai nos levar pra casa, pra Irlanda.

Estreitei os olhos.

Eu *sabia* o que era um avião.

— Não me olha assim — ela falou, rindo. — Como é que eu vou saber que você sabe essas coisas?

Fiz cara feia para ela de novo, dizendo com os olhos que eu não era burra.

— Está bem, está bem — ela respondeu, dando risada e erguendo as mãos. — Me desculpe por duvidar de você, querida.

Sorri.

— Ah, você adora me surpreender, né?

Sorri mais ainda.

— Garota esperta — ela me elogiou, passando o braço pelos meus ombros. — Sua mente é afiada, né?

Fiz que sim, olhando para o papai sentado com Caoimhe, e franzi a testa.

Eu sabia que eles estavam irritados comigo.

Só não sabia por quê.

— Não se preocupe — ela sussurrou, me abraçando com mais força. — Eles também te amam, meu bem. Que nem a

mamãe.

6 de janeiro de 1992

LIZZIE

— Não — Caoimhe disse. — Nem pensar. Não vou mudar de escola de novo.

— Caoimhe, meu amor, já conversamos sobre isso. Por favor, tenta entender.

— Não vou mudar de novo, pô! — ela gritou. — Tenho amigos no St. Joseph's, e você me prometeu que eu ia poder voltar pra minha escola antiga quando a gente voltasse pra casa. — Ela balançou a cabeça e foi até a porta. — Você prometeu, mãe!

— A gente tentou, Caoimhe — mamãe falou com tristeza. — Mas o diretor disse que não vai ser possível te matricular de novo. Eles estão sem vaga, querida.

— Não é justo — minha irmã reclamou, chorando alto. — Minha vida acabou!

— Não fala assim — mamãe disse com um tom persuasivo. — Você vai ficar bem no St. Theresa's.

— Mas a escola é só pra garotas — Caoimhe gritou. — De freiras.

— É só um ano e meio, depois você vai poder encontrar os seus amigos no secundário.

— Eu te odeio com todas as forças! — Caoimhe berrou. Eu ainda estava na escada quando ela passou por mim. — Sai da

frente! — completou, me chutando. — Você sempre está me atrapalhando, Lizzie!

— Caoimhe! — mamãe repreendeu, saindo atrás dela. — Não desconta na sua irmã!

Eu queria pedir desculpa a ela, mas não conseguia fazer as palavras saírem.

— Não é culpa sua, Lizzie. — Mamãe sorriu e se agachou na minha frente. — Você não fez nada.

Estiquei o braço e coloquei a mãozinha no seu rosto.

Fungando, ela fechou os olhos e colocou a mão em cima da minha.

— Não estou chorando, meu bem — garantiu, respondendo à pergunta na minha cabeça.

Ela estava chorando.

Senti a mão molhada.

— Seja boazinha e vá pra cama. — Quando ela abriu os olhos, tinha um enorme sorriso no rosto. — E lembre-se que a mamãe te ama muito.

Também te amo, mamãe.

10 de fevereiro de 1992

LIZZIE

— Qual é o problema dessa criança?

— Mike, ela não entende.

— Ela é perturbada, Catherine. Até um cego consegue ver.

— Como é que você pode falar isso da própria filha?

— Não aguento, Catherine. Me desculpa.

— Você é um covarde do caralho.

— Me mata ver ela assim.

— E você acha que também não está me matando, Mike? A diferença é que eu nunca seria capaz de abandoná-la.

— Não vou abandoná-la, mas tenho que sair desta casa senão vou enlouquecer com ela.

— Que tipo de pai é você? Virando as costas pra menina quando as coisas complicam?

— Catherine...

— Então pode ir! Pode fugir, Mike. Vamos ficar melhores sozinhas do que com um covarde sem caráter feito você.

9 de junho de 1992

LIZZIE

— Parabéns pra você, nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida.

Meus pais e a Caoimhe estavam ao meu redor, sorrindo e cantando.

Eu estava feliz.

Gostava daquilo.

Papai estava até sorrindo, tirando fotos com a câmera.

— Assopra as velinhas — mamãe disse, apontando para o bolo rosa à minha frente. — E faz um desejo, meu bem.

Me inclinei, respirei fundo e assoprei com força.

Quando as chamas se apagaram, todos comemoraram.

À minha vida.

Sorri, contente.

— Lizzie sabe que é aniversário dela? — Caoimhe perguntou, me deixando irritada. Claro que eu sabia. Eu tinha até bolo de aniversário, né? Ela deu risada e acrescentou: — Não deve nem saber quantos anos está fazendo.

Coloquei as mãos na cintura e me virei para minha irmã de cara emburrada.

— Quatro.

Caoimhe arregalou os olhos.

— O que foi que você disse?

— Quatro — repeti, ainda puta com ela. — Não sou burra. — Apontei para as velinhas no bolo. — Um, dois, três, quatro.

Daí a mamãe e o papai se viraram para mim de olhos arregalados.

— Ela acabou de...

— Sim, ela sem dúvida falou.

— Ah, meu Deus!

— A Lizzie sabe falar.

— Não só falar. Ela sabe contar.

— Diz mais alguma coisa — Caoimhe pediu, animada. — Vamos, Liz, fala mais.

Franzi a testa.

— Tipo o quê?

— Ah, meu Deus! — Caoimhe deu um gritinho, saltitando e batendo palmas. — A Lizzie me respondeu!

Eu sempre a respondia. Ela só não me ouvia.

Ninguém me ouvia.

— Estou falando em voz alta? — perguntei, confusa. — Vocês estão me ouvindo?

Os três fizeram que sim.

Eles pareciam tão felizes.

Estavam sorrindo para mim.

— Qual é o meu nome? — minha irmã perguntou, ainda pulando.

— Caoimhe Young.

— Ah, meu Deus! — ela gritou, batendo palmas de novo. — Qual é o seu nome?

— Lizzie Young.

Minha irmã berrou toda empolgada e depois apontou para os nossos pais.

— E quem são eles?

— A mamãe e o papai — falei, franzindo a testa ao vê-los

chorando. — Vocês estão tristes?

— Não — papai falou, me abraçando. — Estamos felizes.

11 de outubro de 1992

LIZZIE

— Ela estragou a minha vida! — Caoimhe gritou. — Nunca mais vou poder aparecer na escola de novo.

— Caoimhe!

— Todo mundo está falando de mim.

— Não está, não.

— Está, sim, mãe. E é tudo culpa dela.

— Caoimhe, por favor.

— Não vou pra aula amanhã se ela for.

— Você está na sexta série, Caoimhe. Sua irmã está no infantil júnior. Vocês estão em lados opostos na escola.

— Não quero saber! Não vou se ela for.

— Ah, vai, sim.

— Ela nem devia estudar na mesma escola que eu, porque tem alguma merda muito errada com ela! — Caoimhe jogou a mochila no chão e se virou para mim. — Por que é que você tem que estudar no mesmo colégio que eu? — Soltou um grito furioso e encarou nossos pais. — Por que é que vocês não mandaram ela pra outra escola?

— Caoimhe, você precisa se acalmar — mamãe disse, se colocando entre nós. — Ela só tem quatro anos, meu bem, e evoluiu muito este ano. Não fique brava com ela.

— Brava? — Caoimhe arregalou os olhos. — Eu odeio ela,

mãe!

— Caoimhe!

— Ela é maluca, mãe.

— Não ouse usar essa palavra com a sua irmã.

— Por que não? É verdade. Ela passa metade do tempo muda, e a outra metade gritando sem parar e atacando qualquer um que chegar perto. — Minha irmã ergueu as mãos e berrou. — A Lizzie atacou outra criança da sala dela, pelo amor de Deus! Irmão do meu amigo! Ela fez ele sangrar. Você não pode achar que isso é normal.

— Chega! — papai interveio. Ele se aproximou e passou o braço nos ombros da mamãe. — Não levanta a voz pra sua mãe. Você sabe que ela não anda bem.

— Sim, ela está sofrendo de outra praga que trouxe pras nossas vidas — Caoimhe vociferou. — Primeiro a Lizzie e agora o câncer!

— Não fala assim com a sua mãe! — papai rugiu.

Ele conduziu a mamãe para a poltrona e a ajudou a se sentar antes de se voltar para Caoimhe.

Enquanto isso, fui até minha mãe, assustada e irritada e preocupada, tudo de uma vez. Subi no seu colo e me enterrei no seu peito, mas agora a sensação era diferente. Ela estava magra e esquelética. Não era mais macia.

— Está tudo bem — minha mãe sussurrou, me abraçando.

Sua pele estava amarela, e não cor de pêssego como antes. A cabeça estava brilhante e careca.

— Eu estava te dando uma colher de chá porque entendo como os últimos anos foram difíceis, mas você passou dos limites, mocinha — papai falou para Caoimhe. — Entendo as suas frustrações e sinto muito, mas descontar na sua mãe doente não é o melhor jeito de lidar com isso, Caoimhe.

Minha irmã cobriu o rosto e colapsou na frente dele,

gritando:

— Eu queria morrer!

4 de novembro de 1992

LIZZIE

— Lizzie, meu amor, está acordada? — Mamãe entrou no meu quarto e suspirou ao me ver na cama. — A gente já conversou sobre isso. — Ela se aproximou, se sentou na beirada do colchão e fez carinho no meu cabelo. — Você tem que levantar pra ir pra escola, meu bem.

— Estou tão cansada... — falei, sentindo que meus braços e minhas pernas não funcionavam mais.

— É que o seu corpo ainda está se acostumando à nova medicação — ela explicou. — Logo logo você vai se sentir melhor.

— Não quero mais ser eu.

— Por que está falando isso?

— Porque eu sou ruim.

— Você não é ruim, meu amor.

— Sou, sim. — Pisquei para conter as lágrimas. — É por isso que você me dá esses comprimidos. Ouvi a Caoimhe e o papai falando. É porque sou louca.

— Não, Lizzie, não. — Ela segurou meu rosto. — Você não é louca, querida. Está me ouvindo? Você é perfeita.

— Então por que as pessoas me odeiam? — choraminguei, virando o rosto. — Por que todo mundo me olha estranho?

— A pessoas não te odeiam, meu bem, e ninguém te olha

estranho.

— Olha, sim. — Funguei. — Eu sei que olha.

27 de novembro de 1992

LIZZIE

Deitada em posição fetal no sofá da sala, cobri os ouvidos e tentei abafar a gritaria, mas não adiantou.

— É melhor assim, Catherine — papai gritava da cozinha. — Confia em mim. Já passei por isso antes.

— Não ligo — mamãe retrucou. — Não vou mais dar remédio pra essa criança.

— Ela precisa do remédio.

— Ela precisa é ter uma infância! — gritou. — Ela é a nossa bebê, nossa filhinha, e me recuso a continuar com essa farsa.

— Ah, então você quer falar de farsas, Catherine? Sério?

— Ela não vai continuar tomando esse remédio. Está me ouvindo? Chega!

— E quando ela explodir? O que a gente vai fazer?

— A gente vai lidar com a situação.

— Não vou mudar a Caoimhe de escola de novo — meu pai avisou. — Não é justo com a nossa filha. Você sabe que tem outra filha, né?

— Isso não é justo, e você sabe.

— Não, o que não é justo é passar a vida toda vivendo desse jeito pra depois ter que repetir o ciclo tudo de novo.

— E o que é que a gente devia fazer?

— Bem, eu sei o que você devia ter feito! — ele berrou. —

Você devia ter...

— Ah, meu Deus! Parem! Dá pra ouvir vocês lá de cima — Caoimhe falou. — O que aconteceu?

— Sua mãe acha que é uma boa tirar a medicação da sua irmã.

— Está maluca? — Caoimhe disse. — Mãe, ela tem que tomar a medicação.

— Não começa.

— Ela é um ser humano de verdade agora, mãe. Se você tirar a medicação, a Lizzie vai voltar a ser um monstro selvagem.

— Caoimhe!

— Desculpa, mas é verdade. O papai tem razão. Ela precisa tomar os comprimidos. Os médicos falaram. Vários médicos, mãe. Várias vezes.

— Talvez a gente não esteja olhando a situação pelo ângulo certo — papai acrescentou. — Talvez um internato seja a melhor opção.

— Não vou mandar minha filha embora.

— Não vai ser pra sempre.

— Sem chance. Isso não vai acontecer!

Me levantei de uma vez e disparei para as escadas, subindo para o meu quarto o mais rápido que consegui. Fechei a porta silenciosamente e me afundei no chão, com a mão ainda na maçaneta.

Eu tinha que fazer a minha família me amar.

Porque, se isso não acontecesse, eles iam me mandar embora.

"*Pare de lutar*", uma vozinha na minha cabeça falou, e me encolhi quando a imagem borrada do rosto de uma mulher cintilou diante dos meus olhos. "*Só desista. Tudo vai melhorar.*"

Ah, não!

A voz tinha voltado.

A voz assustadora.

A voz que me fazia molhar a cama.

A voz que me fazia brigar.

Coloquei as mãos nos ouvidos e comecei a cantar para abafá-la.

Eu tinha que fazer a voz sumir.

25 de dezembro de 1992

LIZZIE

— Eu sabia que ir pra casa era uma péssima ideia, Mike. Eu sabia que estaríamos procurando encrenca, e eu estava certa!

— Calma, Catherine. Você não pode se deixar abalar assim. Você está no meio da quimioterapia, amor. Precisa ir com calma.

— Como, em nome de Deus, eu posso ficar calma sabendo que aquela mulher estava na minha casa? Não consigo nem respirar pensando no que poderia ter acontecido hoje, Mike.

Dei a descarga, subi na escadinha que me ajudava a alcançar a torneira e peguei a barra de sabão laranja.

— Tentei te avisar na Inglaterra, mas você não me ouviu. Você estava determinada a fazer as coisas do seu jeito sendo que te implorei pra não fazer. Agora está tendo um vislumbre de como era a minha vida e como vai ser a nossa vida.

— Não pensa assim!

— Não consigo evitar. Eu consigo ver a coisa descendo pelos trilhos feito um trem de carga, e estamos presos.

— É uma chance pequena, Michael, não uma garantia. Então, não joga isso na minha cara. Como ousa ficar ressentido comigo por ter feito a coisa certa?

— A coisa certa pra quem?

— Pra nossa família!

— Talvez pra você, mas nunca foi o certo pra mim.

— Como é que você tem coragem de me falar isso?

— Porque é o que eu sinto, Catherine. É a minha verdade. Não pude dar a minha opinião, porque você não me deixou escolher!

Abri a torneira e dei risada quando o sabão escorregou entre as minhas mãos feito um peixe escorregadio.

— A gente tem que se mudar, Michael. Não podemos mais ficar aqui. Ela é perigosa demais.

— Não vou me mudar de novo. Esta é a casa da minha família, Catherine. A casa onde os meus pais me criaram. É aqui que eu devo ficar.

— Bem, eu vou voltar pra Cork pra casa da minha família, onde eu devo ficar, onde aquela monstra não vai conseguir nos achar!

— De volta pros cafundós de Ballylaggin? E onde você quer que eu trabalhe? Ou você está esperando que eu bote a fazenda da minha família na mala?

— Você sabe que eu tenho dinheiro, Michael. A gente nunca precisou se preocupar com isso. Pelo amor de Deus, nem as nossas filhas vão ter que se preocupar com isso. Meu pai cuidou de tudo me deixando a herança da família.

— Não vou viver à custa da riqueza da sua família, Catherine.

— Mas tudo bem a gente viver à custa da fazenda que você herdou do seu pai?

— Você já pensou na educação da Caoimhe? Ela está na metade da sexta série e já trocou de escola três vezes, isso pra não dizer o que outra mudança vai fazer com a Elizabeth. Você ouviu a professora. Ela está lidando mal com o ensino infantil, e está deixando as outras crianças apavoradas com seus ataques.

— Isso se chama trauma, Michael, e você, entre todas as pessoas do mundo, deveria entender isso.

— Não começa...

— Ela é uma garota extremamente inteligente, e você saberia se gastasse um minuto do seu tempo com ela. Você lembra de pelo menos

uma coisa positiva que a professora dela falou? Não, claro que não, porque só ouve as coisas negativas quando se trata da Lizzie.

— Ah, e é culpa minha?

— Como ousa? Não tem nada errado com a nossa filha, mas tem algo muito errado com o pai dela. Você é um covarde por deixar o seu medo te impedir de amar a nossa menininha.

— Disse a mulher que nunca passou pelo que eu passei.

— Caso você tenha se esquecido, sou eu que cuido da Lizzie. Sou eu que levo a nossa filha pra todos os compromissos, não você.

— E eu que paguei todos os médicos, não é?

— E já te falei que tenho dinheiro pra pagar esses médicos. Ser pai é mais que preencher cheques, sabia?

Cantarolando baixinho, briguei com o sabonete, tentando esmagá-lo nas mãos. Meus olhos me observaram do espelho, e fiz careta. Eu não gostava de me encarar por muito tempo. Meus olhos me assustavam quando mudavam de cor. Falavam comigo sempre que ficavam escuros. Dentro da minha cabeça. Sussurros, sussurros, sussurros.

— E você estava planejando deixar o câncer pra trás também? Hein? Porque está na metade da terceira rodada de quimioterapia e não está em condições nem de sair de casa. Que dirá do condado!

— Tem hospitais em Cork também, sabe? E pelo menos aquela criatura horrorosa não vai nos achar na minha cidade.

— Não vou me mudar de novo, Catherine. Me recuso.

— Tudo bem, se você quer bancar o teimoso e ficar aqui cuidando da sua fazenda, vai em frente. Mas eu vou voltar pra casa, onde é seguro, e vou levar nossas filhas comigo.

— Olha, podemos conversar com calma antes de agirmos precipitadamente?

— O que temos pra conversar? Aquela monstra nos encontrou e pegou minha filha, e eu vou embora antes que ela possa fazer isso de novo.

— Sim, mas ela não a machucou. Só pegou a menina por algumas horas e a trouxe de volta.

— Ela não avisou que ia pegar nossa filha! Meu Deus, Michael, as meninas nem conhecem essa mulher. Você não entende como isso é perigoso? Qualquer coisa podia ter acontecido com a Lizzie!

— Liz? — Caoimhe enfiou a cabeça pela porta do banheiro e sorriu. — Aí está você!

Franzi a testa quando a vi. Ela nunca sorria para mim. Estava sempre irritada.

— Não aconteceu nada. Ela a trouxe de volta intacta.

O sorriso da Caoimhe ficou triste.

— Vamos. — Ela estendeu a mão para mim. — Vem comigo.

— Por quê? — perguntei, confusa.

— Dessa vez. O que vai acontecer da próxima? E se ela acordar um dia e decidir...

— Porque eu quero brincar com você — ela disse, abrindo um enorme sorriso. — Vem logo.

Animada, atirei o sabonete escorregadio na pia e fechei a torneira antes de descer do banquinho. Sequei as mãos no pijama e segui minha irmã pelo corredor até o quarto dela.

Caoimhe tinha quase doze anos e tinha uma cama grande que nem os nossos pais. Eu só tinha quatro e ainda dormia na minha caminha, mas não ligava porque podia dormir com os meus ursinhos de pelúcia.

— Você está bem? — ela perguntou, me esperando entrar para fechar a porta. — Não estava ouvindo a briga, né?

— A mamãe está brava — falei, indo direto para a cama gigante. Caoimhe nunca me deixava entrar no quarto dela, não desde que comecei o ensino infantil, e vivia irritada comigo, então eu estava contente por estar ali. — O papai também.

— Pois é. — Ela foi até a caixa de som e a ligou.

Reconheci a música que ressoou dos alto-falantes e sorri.

— É a minha favorita — falei, me sentando de pernas cruzadas no meio da cama.

Antes de começar a escola, ela sempre me deixava ficar ali. É por isso que eu conhecia todas aquelas celebridades e cantoras que ela curtia.

— Eu sei. — Ela olhou por cima do ombro e sorriu para mim. — Lembra o nome da banda, né? — Seu tom era provocativo. — É melhor você não ter esquecido o nome da melhor banda do mundo.

— Fleetwood Mac — falei orgulhosamente antes de apontar para a caixa de som. — E esse álbum se chama *Rumours*. — Ela não parava de ouvi-lo, e eu sabia as letras das músicas melhor do que as frases que aprendia na escola.

— Excelente — minha irmã me elogiou, aumentando o volume quando a gritaria lá embaixo ficou mais intensa. — E quem é a nossa bruxa rainha?

— Stevie.

— E o nosso guitarrista rei?

— Lindsey.

O sorriso da Caoimhe cresceu.

— E qual é a minha música favorita?

— “Landslide”.

— E a da mamãe?

— “The Chain”.

— E a sua?

— “Silver Springs”.

— E quem mais a gente ama? — Minha irmã apontou para sua camiseta, que mostrava uma carinha sorridente. Ela estava usando um jeans largo com rasgos nos joelhos e um monte de pulseiras. Também usava um colarzinho de prata com pingente de lua, e eu queria ser igual a ela quando crescesse. — Vou te dar uma dica — falou, ainda apontando para a camiseta. —

Começa com Nir...

— Nirvana! — falei, toda empolgada porque ela estava feliz comigo.

Eu gostava quando as pessoas ficavam felizes comigo. Sentia um quentinho no coração que não parecia nada com o nervoso de quando deixava os outros tristes. Que nem o papai. Ele sempre estava triste ao olhar para mim, e eu não me sentia bem. Nem um pouco.

— Eu sou ruim, Caoimhe?

— O quê? — Caoimhe ergueu as sobrancelhas numa cara engraçada. — Onde foi que você ouviu isso?

Dei de ombros.

— Sei lá.

— Não, Liz. — Ela deu um grande suspiro e subiu na cama comigo. — Você não é ruim. — Suas mãos estavam quentes quando ela me puxou para o colo, mas a voz estava desanimada. A queimação aumentou. Aquela queimação que me deixava com vontade de gritar. Que me deixava com vontade de me coçar. — Você só é complicadinha.

— Por que você não quer que eu estude na sua escola? — Me virei no seu colo para olhar para ela. — Você me odeia?

— Não — ela sussurrou com uma voz super triste. — Só fico frustrada, só isso.

— Por minha causa?

Ela fez que sim.

— Me desculpa.

— Não, Liz, me desculpa você. — Ela me abraçou com mais força, fazendo eu me sentir quentinha e feliz. Fazendo a queimação e a pressão incômoda na garganta irem embora. — Preciso ter mais paciência com você.

— O papai me odeia?

— Não. — Ela me puxou para mais perto. — Só está

preocupado com o vovô e a Nell.

— Quem é Nell?

— Lembra aquela estranha que apareceu pra jantar hoje com presentes de Natal? — Caoimhe me colocou entre as pernas e soltou meu rabo de cavalo. — Aquela que deixou a mamãe brava por ter te levado pro rio?

Pensei na moça que tinha aparecido em casa e sorri.

— A gente deu comida pros patos.

— Ela é irmã do papai. — Ela continuou escovando meus cabelos com os dedos. — A Nell.

— Eu não sabia que o papai tinha irmã — falei. — Essa moça nunca tinha vindo aqui.

— É porque a irmã dele é uma doida varrida — Caoimhe explicou, fazendo uma trança no meu cabelo. — Que nem o pai dela antes de morrer.

— O pai dela?

— O vovô Young.

— O que é doida varrida?

— Alguém maluco que ouve vozes. — Caoimhe suspirou. — Foi por isso que o vovô se afogou no rio quando o papai era pequeno. As vozes falaram pra ele pular.

— Mas eu ouço vozes. — Arregalei os olhos. — Estou ouvindo a sua voz agora.

— Não vozes de verdade — Caoimhe disse, dando risada e trabalhando na trança. — Vozes de mentirinha. — Ela bateu o dedo na minha têmpora. — Dentro da sua cabeça.

— Mas a moça não parecia uma doida varrida — falei, erguendo as sobrancelhas. — Não estava conversando com ninguém quando a gente deu comida pros patos.

— Devia estar ocupada demais pensando em um jeito de transformar *você* em comida pros patos — ela comentou, preocupada. — Você teve sorte de ela não ter te atirado na

água.

— Mas eu ainda não sei nadar.

— Eu sei. — Sua voz estava triste de novo. — É por isso que a mamãe ficou tão brava. Ela pensou que você não fosse voltar.

— Porque a mulher me levou pra dar comida pros patos?

— Porque te levou pro rio. — Caoimhe estremeceu. — Você não pode ficar sozinha com ela.

— Nunca mais?

— Nunca mais. E, se ela voltar e tentar te levar, você vai ter que fugir, Liz.

— Fugir?

— Fugir. — Ela terminou a trança e me virou para si. — Você vai correr o mais rápido que conseguir.

— Como foi que as vozes entraram no vovô e na moça? — perguntei, chegando mais perto da minha irmã.

— Não sei. — Ela deu de ombros. — Acho que eles nasceram assim.

— Eles podem melhorar? — Me aninhei no seu peito e estiquei o braço para tocar sua bochecha; era o meu jeito preferido de me aconchegar. — Os médicos não podem fazer as vozes irem embora?

— Bem, o vovô está no céu com Deus, então não está mais sofrendo.

— Sofrendo?

— Tipo, as vozes sumiram e ele está melhor.

— Deus consertou o vovô?

— Isso — Caoimhe respondeu. — Porque, quando a gente vai pro céu, todo o nosso sofrimento vai embora.

Sorri.

Era bonito pensar assim.

— O papai também ouve vozes? É por isso que ele fica tão bravo comigo?

— Não, o papai está bem. — Ela deu um suspiro pesado. — E não está bravo com você, prometo. Só tem medo de a história se repetir. Só está assustado.

— Ele tem medo de mim?

— Não, Liz, ele não tem medo de você. Ele só... É complicado, e você é pequena demais pra entender. — Ela respirou fundo, fazendo carinho no meu rosto com o dedão, e sorriu de novo, só que dessa vez seu sorriso estava ainda mais triste. — Quando você crescer, vou te explicar tudo.

— Mas quero saber agora.

— Acredite em mim: você não vai querer.

— Mas você não é adulta — observei. — Então como você sabe?

— Porque aprendi do jeito mais difícil — ela falou com uma voz triste. — Queria não saber dessas merdas.

— E a moça? Ela quer ir pro céu pra Deus fazer as vozes sumirem? Que nem o papai dela?

— Não, porque, quando a Nell estava no hospital, os médicos encontraram um jeito de fazer as vozes sumirem.

— Como?

— Dando um remédio especial pra ela.

— Então ela está melhor?

— Não, Liz, não está... — Caoimhe murmurou. — Porque ela não toma os remédios.

Fiquei pensando no remédio no armário do banheiro, no frasco com o nome *Elizabeth Young*, e na mamãe me dando um comprimido por dia.

— Eu estou doente que nem a moça? — Um calor cresceu dentro de mim, engolindo a excitação anterior. — Tem algo errado comigo, né?

Eu sabia que tinha.

Também ouvia vozes.

Elas sussurravam no meu ouvido quando eu estava sozinha na cama de noite.

— Não — Caoimhe falou em um tom severo. Um tom zangado. Que nem o papai. — Aqueles remédios são pra dores do crescimento, bobinha.

— Não. — Balancei a cabeça. Eu sabia como eram os remédios pra essas dores. — Esses comprimidos são rosa.

Minha irmã estava mentindo.

Eu não gostava disso.

Estava ficando tonta.

— Liz...

— Eu também ouço, Caoimhe. — Estiquei o pescoço para olhar para ela, sentindo meu corpo todo coçar. — Também vejo coisas. Quando estou dormindo. O monstro vem me pegar. E fica me empurrando com unhas afiadas...

— Lizzie, você precisa parar de falar — ela avisou, tapando minha boca. — Nunca mais diga isso em voz alta. — Minha irmã me encarou com um olhar irritado. — Você está *bem*. Não tem *nada* de errado com você. Você não ouve vozes. Você não está doente. A coisa pulou você, assim como pulou o papai e eu. Você é uma criança normal, e todas as suas manias esquisitas vão desaparecer.

Balancei a cabeça, me sentindo confusa e com um calor terrível.

Minha pele estava formigando.

Meus dedos estavam coçando.

Eu sentia os gritos na minha garganta.

— Não tem *nada* de errado com você — minha irmã repetiu, com a mão ainda na minha boca para me impedir de gritar. — Então para de agir como se tivesse ou vai acabar que nem *ela*.

31 de dezembro de 1992

LIZZIE

— Já chegamos? — perguntei do banco de trás do carro do papai.

Estiquei o pescoço, tentando olhar por cima das caixas empilhadas à nossa volta, mas não consegui ver meus pais.

— Se perguntar isso de novo, vou abrir a sua porta e te jogar pra fora — minha irmã grunhiu, me dando uma cotovelada. O carro estava tão lotado de caixas que estávamos espremidas uma contra a outra. Caoimhe estava colada em mim e seu cotovelo estava apoiado no meu. — Acho que eu preferia quando você era muda.

— Caoimhe! — meus pais a repreenderam da frente.

Ela me deu outra cotovelada, ligou o walkman e descansou o braço em mim. Aumentou tanto o volume que cheguei a ouvir a música "Do They Know It's Christmas?" ressoando dos seus fones.

Estreitei os olhos, devolvi a cotovelada e deixei o braço em cima dela. Em seguida, voltei para a janela.

— Está nevando — falei, animada, com os olhos cravados nos flocos branquinhos caindo lá fora. — Já chegamos?

— Deus, me dê forças — papai murmurou enquanto a mamãe ria.

— Está vendo essa placa, querida? Olha pela janela.

Procurei a placa até ver um letreiro gigante na lateral da estrada.

Ballylaggin
Condado de Cork

— Estou vendo — falei, pulando no lugar. — É aqui? Chegamos?

— Quase — mamãe respondeu, contente. — Só mais uns minutinhos.

Pressionei o rosto no vidro, olhando para a paisagem e sorrindo. A neve estava caindo no chão. Estava lindo.

— É daqui que você veio, mamãe? — perguntei, vendo um grupo de crianças atirando bolas de neve umas nas outras no parque.

— Isso, querida. Nasci e cresci aqui em Ballylaggin.

— Ballylaggin — repeti devagar para garantir que falaria certo.

Era uma cidade grande, de ruas compridas com lojas e pubs. Havia luzinhas de Natal por toda parte, nas janelas das casas e penduradas sobre as ruas. Bandeiras vermelhas e brancas pendiam de todas as lojas e algumas casas também. A bandeira de Cork, lembrei. A bandeira da mamãe. A bandeira do papai era azul e amarela, de Tipperary.

— Tem cinema aqui! — Caoimhe comemorou. Ela arrancou os fones de ouvido, se inclinou em cima de mim e pressionou o rosto na janela. — E um centro de esportes e lazer.

— Eu sei — mamãe disse, rindo, parecendo mais feliz que o comum.

— Tem piscina?

— Tem — ela respondeu. — E boliche.

Papai continuou dirigindo até sairmos da cidade e seguirmos para o interior. Entrou em uma rua menor e diminuiu a

velocidade em frente a um portão gigante.

— Uau! — Caoimhe falou, lendo a placa brilhante presa no enorme pilar de pedra. — Old Hall House, Robin Hill Road, Upper Northwest, Ballylaggin.

— Robin Hill Road — falei, dando uma risadinha ao ver os portões se abrindo. — Que engraçado!

Papai entrou na propriedade, e ouvi o cascalho estalando sob os pneus. Ele seguiu por uma estrada sinuosa ladeada por árvores, e então estávamos de frente para a casa.

— Chegamos — mamãe anunciou com um suspiro satisfeito quando papai estacionou. — Bem-vindas, meninas.

Abri a porta do carro, mas Caoimhe passou por cima de mim e saiu primeiro.

— Nossa! — ela disse, dando uma volta no lugar. — Tudo isso é nosso, pai?

— Não — meu pai respondeu baixinho, contornando o carro para abrir a porta da mamãe. — É da sua mãe.

— Bem, é muito melhor que a fazenda — Caoimhe falou, rindo e girando. — Lizzie, vem ver.

Desci do carro e corri até minha irmã, chutando o cascalho na pressa de alcançar Caoimhe, que estava escalando uma cerca de madeira.

— Temos um quintal e um campo — ela falou, animada. — E celeiros e estábulos. — Ela pulou outro portão e gritou: — Meu Deus, temos até um pomar!

— É um palácio? — perguntei, ainda tentando subir a primeira cerca.

— Não, é uma baita propriedade — Caoimhe disse. — E é toda nossa!

— Meninas! — papai gritou. Ele estava parado na frente da casa gigante com o braço em volta da mamãe. — Venham aqui agora!

Pulei da cerca de madeira e voltei para os meus pais, feliz demais para me preocupar que ele estivesse bravo de novo.

— É isso, meninas — mamãe disse com um sorriso radiante, virando a chave na porta enorme. Papai a empurrou para ela. — Esta é a casa da nossa família.

— Cacete! — Caoimhe falou, passando por mim para entrar no casarão primeiro. — Somos ricos!

Depois de entrar, deslizei pelo hall de ladrilhos e saí espiando cômodo após cômodo em busca da minha irmã. Eram tantos cômodos que eu nem conseguia contar. Na nossa antiga casa, uma escada levava até os quartos, mas naquela casa havia uma escada subindo e outra descendo, e outra subindo ainda mais.

Eu não sabia o que pensar daquilo tudo.

Perdida num labirinto de salas e corredores, enfim encontrei meus pais na cozinha. Era a maior cozinha que eu já tinha visto na vida. Ao vê-los sentados à mesa, fui até lá, mas parei ao perceber que Caoimhe também estava ali, falando de mim.

Me escondi atrás da porta por onde entrei e fiquei escutando atentamente. Eles falavam baixo, mas dava para ouvir.

— Ela vai estar no infantil júnior e você na sexta série — mamãe dizia. — Vocês não vão ficar perto.

— Eu sacrifiquei tudo pela minha família, mas esse é o meu limite — Caoimhe disse. — Fiz tudo o que vocês me pediram. Vocês fizeram as nossas malas e nos trouxeram pra cá, e eu não protestei. Mas chega.

— Caoimhe, *por favor*.

— Amo minha irmã, de verdade. E entendo por que a gente teve que fazer isso, mas vocês precisam me colocar em primeiro lugar desta vez. Não vou ter chance nenhuma se vocês mandarem ela pro Sagrado Coração comigo.

— Concordo — papai interveio.

— Michael!

— A Caoimhe tem razão — ele falou baixinho. — Isso é o mínimo que a gente pode fazer por ela, considerando tudo o que a menina passou.

— E a Lizzie, hein? — mamãe perguntou, chateada. — Quando as aulas voltarem, ela não vai pra escola?

— Isso mesmo.

— Mas a gente já fez a matrícula dela no Sagrado Coração.

— Então a gente desfaz a matrícula — ele falou. — É melhor assim, Catherine. Você sabe.

— Ela precisa estudar, Michael.

— E se ela atacar outra criança? — Caoimhe perguntou. — Vai sobrar pra mim, porque sou eu que tenho uma irmã maluca.

— Ela não é maluca.

— Também não é normal — Caoimhe falou. — Se você quer mesmo ajudar a Liz, devia ouvir o papai e procurar um internato pra ela. Uma escola que possa ajudar com...

— Só por cima do meu cadáver!

— A Liz pode começar as aulas em setembro, quando a Caoimhe for pro secundário — papai sugeriu. — Assim você vai ter tempo suficiente pra se adaptar, e a gente, pra conseguir a ajuda que a Elizabeth precisa.

Então mamãe começou a chorar.

— Isso é tão injusto!

— Não, injusto é nossas vidas serem destruídas — papai disse com um suspiro cansado. — Fizemos as coisas do seu jeito até agora, Catherine, mas concordo com a Caoimhe. A Elizabeth vai ficar em casa.

30 de abril de 1993

LIZZIE

— Caoimhe, não foi de propósito. — Parada na porta do quarto da minha irmã, juntei as mãos e funguei. Eu queria pedir desculpas por estragar o seu aniversário, mas ela não estava me ouvindo. — Eu não quis...

— Vaza daqui! — ela gritou, atirando um desodorante em mim. — Eu te odeio, Lizzie!

Cobri a boca para me impedir de berrar de novo. Que nem eu fiz na frente dos amigos dela mais cedo. Não foi de propósito. Eu não sabia por que tinha feito aquilo.

— Eu odeio ela! — Caoimhe gritou, se jogando de cara no colchão. — Queria que ela não estivesse aqui!

— Não fala assim — um dos seus amigos da escola falou, passando a mão no seu ombro. Era o único menino na festa. — Também tenho irmãos mais novos, e eles fazem birra o tempo todo.

— Não que nem ela — Caoimhe choramingou no travesseiro.

— Você claramente não conheceu o Joey — o menino comentou. — Shhh, vamos lá, não é o fim do mundo.

— Não posso nem curtir o meu aniversário que ela estraga tudo. — Chorou mais ainda. — Queria que estivesse morta!

Eu também.

— Ela puxou meu cabelo — tentei explicar em meio às

lágrimas. — Me machucou.

O menino se virou para mim.

— Eu sei — disse com uma voz gentil. — A Lizzie está falando a verdade, sabe? — Ele olhou para Caoimhe. — Eu vi a Saoirse Murphy puxar o rabo de cavalo dela quando você estava assoprando as velas do bolo.

— E isso dá o direito de atacar a menina? — Caoimhe esbravejou, se sentando para me encarar. — Ela é minha amiga e você fez ela sangrar. — Ela conteve um soluço. — Pode esquecer se acha que o papai vai te mandar pra escola da cidade agora. Você vai ter sorte se não for mandada pra um internato!

— Caoimhe, para com isso, ela é pequena.

— Qual é? Você sabe que eu tenho razão — ela rebateu, tremendo. — Te contei tudo, Darren. Você sabe o que a Lizzie me custou. — Fungando, se voltou para mim de cara feia de novo. — É melhor torcer pro câncer não matar a mamãe, porque, se isso acontecer, você vai ter que se mandar daqui antes mesmo do corpo dela esfriar, e já vai tarde.

— Meu Deus, Caoimhe!

— Não ligo, Darren — ela gritou. — Minha irmã é maluca!

— Caoimhe, sinto muito...

— Tira ela daqui, Darren — continuou berrando. — Por favor, tira ela da minha frente antes que eu mesma mate essa garota!

— Talvez seja melhor você ir lá pra baixo um pouquinho. — Darren olhou para mim com seus olhos azuis, agora tristes. E acrescentou numa voz bondosa: — Sua irmã só está chateada, ok? Ela não está falando sério.

Funguei e fiz que sim.

— Me desculpa.

— Vai ficar tudo bem. — Darren abriu um sorriso

tranquilizador. — Prometo.

19 de setembro de 1993

LIZZIE

— Oi, meu bem — mamãe disse quando entrei na cozinha depois da escola e a encontrei fazendo cookies. — Teve um bom dia hoje?

Fiz que não.

— Ah, não diga isso — ela respondeu, colocando uma travessa no forno. Em seguida, fechou a porta e se virou sorrindo para mim. — Com certeza teve alguma parte boa.

Não teve.

Só havia dez crianças na minha sala, e algumas usavam até fraldas. Eram todas mais novas que eu, e tudo o que a gente fazia era colorir e brincar com brinquedinhos bobos. Daí fui levada para a "sala de terapia" para falar sobre os meus sentimentos ou brincar ou fazer exercícios estranhos ou praticar palavras. Eu já sabia as palavras e ficava irritada quando os professores fingiam que eu não sabia. Eles ficavam me observando o tempo todo, escrevendo sobre mim em um caderno secreto.

Eu odiava aquele lugar.

A melhor parte do dia era voltar para ela.

— Não quero ir pro prezinho — declarei, me aproximando da mamãe. — Tenho cinco anos. Quero ir pra escola grande e fazer amigos. Que nem a Caoimhe.

— O St. Anthony não é um prezinho, Lizzie — mamãe falou com uma voz gentil. — É uma escola particular pra crianças de todas as idades que precisam de uma ajudinha.

— Mas eu não preciso de ajudinha — reclamei, me recostando no balcão. — Já sei todas as letras e todos os números. Sei escrever o meu nome e fazer contas e também sei ler.

— Eu sei, você é muito esperta. — Minha mãe ainda estava sorrindo, mas era um sorriso triste. — Mas o dr. Wolfe acha que um ano no St. Anthony vai te ajudar.

Estreitei os olhos.

— Odeio o dr. Wolfe. — Ele era velho e ranzinza e sempre olhava para mim de um jeito estranho. — Ele acha que sou ruim. — Que nem o papai.

— Não acha, não. Só está tentando te ajudar.

Me ajudar com remédios que me deixavam sonolenta.

— O St. Anthony não é pra sempre — ela continuou, com outro sorriso triste. — É só uma etapa.

— Pra quê?

— Pra você se readaptar — mamãe respondeu, se agachando para fazer carinho no meu rosto. — Você precisa voltar a falar com as pessoas de novo.

— Estou falando com você.

— Com as outras pessoas. Com os professores e as outras crianças. Você estava indo tão bem no ano passado... — Abriu um sorriso sem graça. — Sei que é inteligente, meu amor, mas os professores não vão saber se você não mostrar.

— Não quero falar com eles. Eles estão sempre bravos comigo.

— Eu sei que isso não é verdade.

— É, sim — insisti. — Estou sempre no cantinho da sala.

— Ok. — Ela mordeu o lábio, preocupada. — Vou conversar

com os professores de novo.

Não adiantava.

Minha mãe já tinha conversado com eles e mesmo assim eu sempre voltava para o cantinho.

— Eu sou ruim.

— Não é, não.

— Todo mundo acha que eu sou.

— Bem, vou te contar um segredinho. — Ela dobrou o dedo, gesticulando para que eu me aproximasse. Daí sussurrou no meu ouvido: — Qualquer um que achar que você é ruim é um filho da puta burro.

Arregalei os olhos de surpresa.

— Você falou palavrão.

— Falei — ela disse, dando risada e colocando uma mecha atrás da minha orelha. — Não me imite.

Também dei risada, fazendo carinho nos cachos grisalhos da sua cabeça.

— Seu cabelo está engraçado.

Ela gargalhou.

— É que ele voltou a crescer.

— Parecem nuvens fofinhas — falei, puxando um dos seus cachos. — Eu estava com saudade.

— Eu também, meu amor. — Ela me envolveu nos seus braços e me puxou para um abraço. — Me desculpa por não ter conseguido ir te buscar na escola hoje. — Ela encheu minha bochecha de beijinhos. — Tive uma consulta no hospital.

Hospital.

Era uma palavra feia.

Eu não gostava dela.

Putz.

— Não se preocupe — me tranquilizou, esfregando o nariz

no meu. — Os médicos estão felizes com a mamãe.

— Sério?

Ela fez que sim.

Abri um sorriso radiante para ela.

— Então meu desejo se tornou realidade.

— Que desejo, meu amor?

— Fiz meu desejo de aniversário pra você — respondi alegremente. — Pedi pra você ficar boa, e *funcionou*.

— Hoje foi o melhor dia da minha vida! — Caoimhe gritou, entrando na cozinha com seu novo uniforme. — É oficial, mãe: eu *adoro* a escola!

— Bem, tem uma primeira vez pra tudo. — Mamãe deu uma piscadinha para mim antes de se levantar e se aproximar da minha irmã. — Tudo bem, me conta. Quem é o garoto que botou esse sorriso no seu rosto?

— Quem disse que um menino tem a ver com o meu sorriso? — Caoimhe deu risada, saltitando alegremente. — Talvez eu só ame o Tommen.

Mamãe arqueou a sobrancelha.

— Caoimhe Catherine Young...

— Ok, ok, o nome dele é Mark, é um calouro de Ballylaggin que nem eu. Ele se mudou recentemente pra Clonamore com o pai... você conhece Clonamore, né, mãe? É a cidade do lado de Ballylaggin. Várias crianças dessa região estudam no Tommen.

Minha irmã continuou falando antes que minha mãe tivesse chance de dizer alguma coisa.

— Bem, a mãe dele morreu no ano passado e o pai decidiu que precisavam de novos ares, então se mudaram de Roscommon pra Cork. — Caoimhe abriu um sorriso radiante. — Ele está na minha sala no Tommen.

— E o Darren? — Olhei para ela. — Ele também está na sua

sala, né?

— Não. — Ela deu um suspiro triste. — O Darren estuda na ECB.

— Como assim?

— A família dele não tem dinheiro, e o Tommen é uma escola particular que custa uma *fortuna*.

— Que injustiça!

— Pois é. — Ela jogou a mochila no chão e deu umas voltinhas até chegar à geladeira. — Enfim, o Mark está no primeiro ano que nem eu, e o pai dele está saindo com a Sadhbh Gibson. Você se lembra da Sadhbh, né? Eu sempre cuido do Gibs e da Beth.

— Sim, Caoimhe, eu me lembro da Sadhbh. — Mamãe revirou os olhos. — Te deixo e te busco na casa dela todo fim de semana, querida.

— Bem, o Mark e o pai moram em Clonamore, mas vão se mudar pra cidade depois que o Joe e a Sadhbh resolverem as coisas. Acredita? Ele vai morar com as crianças que eu cuido! É como se o destino estivesse a meu favor, porque ele é um gato.

— Caoimhe... — mamãe a repreendeu.

Ao mesmo tempo, perguntei:

— Como assim um *gato*?

— Significa que ele é bonito — minha irmã explicou, suspirando sonhadora. — Ele é alto e tem cabelo preto e joga rúgbi e tem um mullet cacheado muito lindo.

Franzi a testa.

— O que é mullet?

— É um corte de cabelo — mamãe respondeu, pegando a tábua de passar.

— Isso — Caoimhe concordou, entregando a camiseta que estava no cesto para a nossa mãe. — Que nem o Slater de *Uma galera do barulho*.

Eu sabia tudo sobre *Uma galera do barulho*. Era a série favorita da minha irmã. A gente via todos os dias depois da escola.

— Eu gosto do Zach.

— O Zach é fofo — ela disse, assentindo pensativamente. — Mas o Slater é sexy. — Ela colocou a mão no peito e suspirou. — Que nem o Mark!

— Caoimhe! — mamãe a repreendeu de novo. — Sério, querida, ela é pequena demais pra ouvir essas coisas.

— Desculpa, desculpa, não consigo evitar — minha irmã disse, abrindo o maior sorriso que eu já tinha visto. — Ele é tão alto, mãe! Tipo, tem quase um metro e oitenta.

— Sim, querida, você já disse isso.

— E tem um cabelo preto maravilhoso e olhos verdes e joga rúgbi.

— Você também já disse isso, Caoimhe.

— Eu sei, mas vale a pena repetir. — Caoimhe colocou a mão no peito de novo e suspirou. — Ele é tão lindo, mãe, e você não vai acreditar... ele me chamou pra sair. Euzinha, mãe. Entre todas as meninas da escola, ele me escolheu. — Sorrindo de orelha a orelha, ela fez uma dancinha e deu um gritinho. — Acho que estou apaixonada.

— Ah, Caoimhe... — mamãe falou, rindo, dobrando a camisa que estava passando. — Faz um mês que você conheceu o garoto.

— Não se manda no coração, mãe — ela disse, com a mão no peito. — E o meu coração quer o Mark Allen. — Ela continuou a dancinha engraçada na cozinha. — Nunca fiquei tão animada pra ir pra escola!

— Bem, se ele é tão especial assim pra você, convide o rapaz pra jantar hoje.

— Sério? — Caoimhe arregalou os olhos. — Sério mesmo?

Mamãe sorriu.

— Por que não?

— Ah, meu Deus! Eu te amo! — berrou, jogando os braços na nossa mãe. — Você é a melhor mãe da Irlanda. — Deu um monte de beijos na bochecha dela. — Vocês vão adorar ele, prometo!

19 de setembro de 1993

LIZZIE

— Qual o problema da sua irmã? — o Mark perguntou depois do jantar quando entrei na cozinha e os vi se beijando.

— Mutismo seletivo — Caoimhe respondeu, enchendo um copo na torneira. — Não leve pro pessoal. Ela é assim com todo mundo, menos com a família. — Tomou um gole antes de acrescentar: — É por isso que estuda na cidade e faz aquelas terapias que te contei. — Encolheu os ombros. — Ela fala perfeitamente bem quando quer.

— Mas por quê? — Ele olhou para mim e depois para a minha irmã. — Por que ela não fala que nem uma criança normal?

— Os psiquiatras dizem que é por causa de traumas passados.

— Que tipo de traumas?

— Não é... eu, hum, é um assunto familiar — Caoimhe disse, vermelha. — Mas, se continuar nesse ritmo, vai terminar a escola quando tiver uns trinta anos. — Deu outro gole e continuou: — Você só precisa saber que a Liz não vai dedurar a gente pros meus pais.

Mark olhou para mim e sorriu.

— Ei, baixinha.

Ele me chamava de baixinha.

Eu gostava.

— Ela não vai contar pro seu pai que a gente estava se beijando, né? — Mark perguntou, olhando para a minha irmã por cima do ombro. — Sabe ficar de boca fechada?

— Dããã! — Caoimhe revirou os olhos e enfiou uma uva na boca. — Acabei de te falar isso. E ela mal conversa com o nosso pai.

— É muda com ele também?

— Às vezes.

— Ele machucou a menina ou algo assim?

— Não — Caoimhe falou, brava. — Por que o nosso pai machucaria ela?

— Desculpa, eu só estava perguntando — ele respondeu, erguendo as mãos. — Não quis te deixar chateada.

Caoimhe deixou o comentário para lá, porque começou a olhar para o Mark de um jeito meloso de novo.

— Ela gosta de você.

— Como você sabe?

— Está sorrindo. Vai por mim: ela não estaria sorrindo desse jeito se não gostasse de você.

— Parece um anjinho. — Mark também sorriu e se agachou na minha frente. — Você gosta de mim, baixinha? Hein? Vai falar comigo?

— Ah, não, não, não. Ela pode até parecer uma anjinha, mas não deixa essa carinha te enganar — Caoimhe disse, rindo. — Ela grita que nem doida quando quer.

— Aposto que consigo fazer ela falar — Mark disse, colocando meu cabelo atrás da orelha.

— Você pode até tentar. Mas nenhum médico conseguiu consertar ela.

— Vai querer, baixinha? — Mark perguntou com a mão no meu ombro. — Vai querer que eu te conserte?

Fiz que sim e sorri para ele.

Sim, por favor.

— Onde ela está?

— Sei que está aqui.

— Estou sentindo o cheiro dela!

Dei uma risadinha e me virei debaixo da cama, tentando fugir do monstro da meia fedorenta, mas não adiantou.

— Te peguei! — A mão coberta por uma meia apareceu e agarrou minha perna. — Huuuum, é exatamente o que eu queria comer — Mark brincou, fazendo a voz do monstro da meia fedorenta, me arrastando para fora. — Uma baixinha saborosa só pra mim!

Gritando de empolgação, tentei me livrar dele, mas Mark era rápido demais. Enlaçou minha barriga e me puxou para o colo, fingindo me devorar com a mão de meia.

— Sério, você é o melhor namorado do mundo — minha irmã disse, sorrindo para nós, recostada na porta. — Obrigada por ser tão paciente com ela.

— A gente não liga, né, monstro da meia fedorenta? — Mark falou. Depois, acrescentou na voz engraçada do monstro: — Não, a gente não liga. A gente adora devorar baixinhas.

— Bem, agora que você fez a noite da minha irmã, que tal fazer a minha? — Ela deu uma piscadinha para ele e inclinou a cabeça para a porta. — Antes que o seu pai venha te buscar.

— Foi mal, baixinha, mas a chefe é que manda. — Ele me colocou na cama e bagunçou meu cabelo. — A gente brinca mais da próxima vez, ok?

Fiz que sim alegremente e fiquei vendo-o sair, torcendo para a Caoimhe trazê-lo para casa logo.

Meu primeiro amigo.

15 de novembro de 1993

LIZZIE

— O que diabos você está fazendo? — papai perguntou, dando um pulo da cadeira quando subi no seu colo. — Você não pode subir no meu colo sem roupa desse jeito. — Furioso, ele me embrulhou na toalha e cobriu os meus ombros. — Volta lá pra cima e bota uma roupa. Nunca mais desça pelada, senão vou deixar a sua bunda vermelha.

— Calma... — mamãe falou quando passei correndo por ela. — A menina acabou de sair do banho.

— Ela tem cinco anos, Catherine, não é mais um bebê — papai disse. — Está grande demais pra ficar correndo por aí pelada e devia saber disso.

— Michael, ela só estava tentando dar um abraço no pai.

— A Caoimhe nunca se comportou desse jeito.

— Não comece a comparar as duas. Elas são bem diferentes.

— E eu não sei, porra?

— Michael!

— Converse com ela, Catherine. Explique pra menina que ela não pode fazer essas coisas. Pelo amor de Deus, e se a Caoimhe estivesse com o Mark?

— Se você se preocupasse um pouco menos com a Caoimhe e um pouco mais com a Elizabeth, talvez ela não estivesse desesperada pela sua atenção.

— E, se você não mimasse tanto essa menina, talvez ela conseguisse abrir a boca pra falar por si mesma.

— Como ousa?

— Só estou dizendo que, se você deixasse ela ser mais independente, ela poderia agir como uma garota, e não um bebê.

— Não vem botar esse fardo nos meus ombros. Tem um motivo pra nossa filha ter problemas, e esse motivo é responsabilidade sua, não minha!

— Agora você está me culpando por algo que não posso controlar?

— Que nem você, que está me culpando por não ser capaz de consertar a menina?

— Isso foi um erro.

— Não fala assim.

— Preciso beber.

— Não sai assim. A gente precisa conversar.

— Não temos nada pra conversar. As coisas são como são. Fim da história.

— Michael, por favor!

A porta da frente bateu.

— *É isso. Não chora. Shh, shhh...*

— *É porque você é malvada. Deus está te punindo...*

— *Ele me mandou pra te purificar...*

— *Diz que você quer...*

Entrando em pânico, corri para a escada e só parei quando já estava debaixo das cobertas na minha cama.

Malvada.

Malvada.

Malvada.

Fechei os olhos com força, tentando afastar as vozes da minha cabeça, mas elas não queriam ir embora.

25 de dezembro de 1993

LIZZIE

Era tarde da noite de Natal quando a porta do meu quarto se abriu e o Mark entrou no meu quarto.

Sorri ao ver que ele tinha trancado a porta, porque isso significava que ia me consertar de novo.

Eu gostava muito dele. O Mark tinha um cheiro bom e era super engraçado e sempre brincava comigo, mesmo quando a Caoimhe não queria que eu ficasse com eles. Ela queria ficar beijando o Mark no mato nos fundos de casa, onde os nossos pais não poderiam ver. Faziam isso o tempo todo, e a Caoimhe o levava para dentro quando nossos pais estavam fora.

Viviam me fazendo prometer não contar nada. O que era muito fácil para mim, porque eu era boa em guardar segredos.

Afinal de contas, guardava um monte de segredos para os dois.

Especialmente sobre o superpoder secreto do Mark.

Nunca contei para ninguém, pois o Mark disse que, se eu contasse, o poder pararia de funcionar, e eu não queria ficar doente de novo. Ele disse que era isso que aconteceria se ele não pudesse continuar me consertando.

O Mark e o papai dele tinham jantado em casa e dormiriam ali porque o papai dele tinha bebido muito uísque com o meu papai.

— Está pronta pra mim, baixinha? — Mark sussurrou, se aproximando da minha cama.

— Eu estava te esperando — falei, orgulhosa por ter ficado acordada até tarde sem ser descoberta. — Como você me pediu.

— Essa é a minha garota. — Ele sorriu e se sentou na ponta do colchão. — Olha só o que ganhei de Natal. — Depois, me mostrou uma câmera brilhante e disse: — Vou tirar umas fotos suas, baixinha. Fotos especiais só pra mim, ok?

Fiz que sim, animada. Eu fazia tudo o que ele me pedia.

— Você é tão bonitinha — Mark falou depois que terminou de tirar as fotos. — Como está se sentindo hoje, baixinha?

— Ótima.

Ele franziu a testa e tocou a minha testa.

— Ah, não.

— O que foi?

— Está piorando.

Arregalei os olhos.

— É mesmo?

Ele assentiu com tristeza.

— Sabe o que vai acontecer se você não melhorar?

— O quê?

— O seu cabelo vai cair que nem o da sua mamãe, e você vai ficar cada vez mais doente, que nem ela.

— Vou? — Levei as mãos à cabeça, assustada. — Mas não quero perder o cabelo.

— Você pode morrer.

Comecei a chorar.

— Não pode contar pra ninguém que sabe a verdade — sussurrou, fazendo carinho na minha bochecha. — As coisas podem piorar.

— Sério?

— Ah, sim. Falar sobre a doença faz ela se espalhar dentro do seu corpo.

— Faz ela parar!

— Posso tentar, se você quiser.

— Você disse que podia me fazer ficar boa — choraminguei, agarrando seu braço. — Por favor, me conserta.

— Ok, mas você vai ter que ser muito boazinha. — Ele deu um suspiro triste. — Pode fazer isso por mim? Consegue ser corajosa e fazer tudo o que eu te pedir?

— Consigo. — Fiz que sim avidamente. — Prometo.

— E vai guardar segredo?

— Prometo que não vou contar pra ninguém.

— Talvez a gente tenha que tentar algo diferente essa noite, baixinha.

— Tipo o quê?

Ele ficou pensando por um longo tempo, batendo o dedo no queixo, e depois disse:

— Eu poderia tentar o abraço especial.

— Sim. — Concordei, ansiosa. — Faz isso.

— Tem certeza? — Ele arqueou a sobrancelha. — Pode ser meio estranho.

— Vai me fazer ficar boa?

— Ah, sim — ele respondeu com um tom persuasivo. — Você vai se sentir muito melhor, baixinha.

Concordei.

— Então pode fazer.

— Ok. — Ele se sentou na cama e colocou a mão na minha perna. — Você vai ter que tirar a camisola, baixinha. — Sorriu. — É assim que meninos e meninas dão o abraço especial. Temos que tirar as roupas.

Nem pensei duas vezes. Eu não queria ficar doente que nem a mamãe. Queria ser consertada, e o Mark podia me consertar.

Ele me prometeu. Tirei a camisola, olhei para ele e fiquei esperando que me dissesse o que fazer.

— Pode olhar — falou, arrancando as próprias roupas. — Você gosta de olhar, né, baixinha?

Arregalei os olhos de surpresa quando vi aquela coisa levantada entre as pernas dele.

— O que é isso?

— É o que vai te fazer ficar boa, baixinha. Quer tocar?

Eu não queria.

Achei estranho.

E fiquei com medo.

— Está tudo bem — ele disse, dando risada e subindo na minha cama. — Podemos trabalhar até chegar lá.

— Até chegar aonde? — perguntei, me deitando no colchão para receber meu abraço especial, abrindo as pernas do jeito que o Mark gostava.

— Deixa pra lá. — Ele abriu mais ainda minhas pernas, se ajoelhou no meio e suspirou, contente. — Você é tão boazinha...

— Sou?

— É sim — confirmou, passando os dedos pela minha coxa.

— Isso faz cócegas.

— É mesmo? — Ele sorriu. — Você gosta quando faço cócegas em você?

Dei de ombros, assustada.

— Sei fazer cócegas secretas — ele sussurrou, subindo a mão. — Quer que eu te mostre?

PARTE 2

As bases da amizade

27 de outubro de 1994

Bolas estouradas, carrascos e separações

HUGH

— Qualquer dia desses, vou pegar vocês, seus pirralhos — o sr. Murphy rosnou ao lado do muro do jardim na quinta-feira à noite, depois da escola. — E, quando eu fizer isso, vou amarrar vocês dois pelo saco. Estão me ouvindo? Esse é o último canteiro de flores que vocês vão destruir com a porra dessa bola!

— Ah, merda, ele vai estourar a bola, né?

— Ele só está blefando, Hughie.

Com as costas grudadas no muro do jardim, olhei feio para o menino de cachinhos dourados ao meu lado, disfarçando a risada com a mão.

— Ele nunca blefa, Gibs — sussurrei, dando uma cotovelada nele. — E para de rir.

— Fala sério! — ele disse, rindo mais ainda enquanto a chuva caía sobre nós. — É *engraçado*.

— Não é. Engraçada é essa capa de chuva amarela que você está usando.

— Ei! Eu fico lindo de amarelo.

— Você é um arruaceiro, isso sim. E agora estou encrencado

de novo. Por sua causa. *De novo*.

— Ah, não encana, bebezão. — Parecendo achar muita graça da situação, ele enxuga uma gota de chuva do rosto. — Não precisa ficar todo sensível.

— É fácil falar — grunhi. — Não é você que vai perder a terceira bola da semana.

Eu sabia que isso ia acontecer. O Velho Murphy era o pior vizinho da nossa rua, e todas as crianças de Avoca Greystones sabiam o que rolava quando seus brinquedos ultrapassavam o muro do jardim dele. Eu tinha sorte de morar do outro lado da rua do velho ranzinza, mas o Gibsie morava a duas casas do homem.

— Não fica puto comigo, Hughie — ele implorou, olhando para mim com aqueles olhos cinzentos de filhotinho pidão que sempre livraram sua barra. — Você é meu irmão mais velho.

Revirei os olhos com força, mas ele tinha razão. Podíamos não ter os mesmos pais, mas Gerard Gibson *era* meu irmão.

Nossos pais eram melhores amigos desde o infantil e acabaram comprando casas juntos em Avoca Greystones, um condomínio de doze casas na parte norte da cidade natal deles, Ballylaggin. Morávamos no número quatro, e os Gibson moravam do outro lado da rua, no número nove.

Tirando os quatro meses que vivi sem ele, nunca conheci um mundo sem aquele pestinha ao meu lado. Era estranho, porque eu não pensava nele como um amigo, como o Patrick Feely, meu melhor amigo da escola. Eu pensava no Gibsie do mesmo jeito que pensava na minha irmã mais nova, a Claire. O Gibs não precisava pisar em ovos com os meus sentimentos, e vice-versa. A gente podia brigar, discutir e dizer as piores coisas um para o outro que tudo continuava bem, pois éramos irmãos, e irmãos sempre se resolviam no fim das contas.

— Não fica triste. — Gibs deu um tapinha no meu ombro,

demonstrando apoio e me arrancando dos devaneios. — A guerra ainda não acabou. A gente vai recuperar a sua bola.

— Aposto que ele já está com o canivete pronto. — Soltei um suspiro pesado. — Aquela era a minha favorita.

— Estão ouvindo, seus pestinhas? — o Velho Murphy continuou, com a voz mais perto. — Quando eu botar as mãos nesses dois, vou torcer o pescoço de vocês. Principalmente do gordinho!

Então foi a minha vez de cobrir a boca para disfarçar a risada enquanto Gibsie fazia careta de indignação.

— *Filho da puta*.

— Isso mesmo que você ouviu, seu empanturrado — o Velho Murphy provocou, um pouco mais distante. — Vou te ensinar a se comportar!

— *Babaca!* A mamãe diz que eu sou corpulento, e não gordo, e o papai diz que isso vai passar quando eu ficar mais alto — Gibsie falou, na defensiva, todo ofendido. — Tenho ossos largos, *Hughie*. — Então foi a vez dele de me dar uma cotovelada para que eu parasse de dar risada. — Nem todo mundo é uma vara que nem você.

— Eu sei, eu sei — falei, tentando parar. — Não liga pro Velho Murphy. Ele só tem inveja porque é idoso e careca.

— Sério?

— Sério.

— Ok, vai lá dar uma olhada — Gibs pediu, gesticulando para o muro onde estávamos nos escondendo. — Vai lá ver o que o velho está fazendo. Se ele entrar, você pode passar pelo portão pra pegar a bola.

— Por que não vai *você*? Foi você que chutou a bola pra lá. — *De novo*. — Você destruiu as petúnias dele. — *De novo*. — A culpa é sua. — *De novo*.

— Sim, mas não sei escalar o muro que nem você — Gibsie

explicou, olhando para mim com olhos travessos. — Vamos. — Ele juntou as mãos e baixou os braços. — Vou te dar uma mãozinha.

— Sou quatro meses mais velho que você — grunhi, usando suas mãos como degrau para me erguer. — Mas você é quatro vezes mais peste. — Me segurei na beirada do muro do jardim do sr. Murphy e puxei o corpo bem a tempo de ver o monstro grisalho enfiando o canivete na minha bola.

E foi isso.

Menos uma.

Soltei um suspiro de frustração, me abaixei até o chão e balancei a cabeça, enquanto o Gibsie me olhava com uma expressão esperançosa.

— Já era — declarei, desconsolado. — Vai com Deus, bola.

— Ah, chega. — Gibsie cerrou os punhos e olhou feio para o muro que nos separava daquele estraga-prazeres, colocando as mãos em torno da boca para gritar: — É melhor tirar fotos das suas florzinhas, Murphy, porque você não vai poder ficar de guarda pra sempre, seu velho carrasco duma...

— Não piora as coisas — avisei, tapando sua boca antes que ele terminasse a frase. — A gente já está ferrado. — Passei o braço em torno dele e o levei para longe do muro do vizinho, tomando cuidado com o canteiro de flores da sra. Grady ao atravessar o quintal dela. — Se o velho contar pros nossos pais que a gente xingou ele, estamos mais ferrados ainda.

Acenei para a sra. Grady, que sorria para nós da janela da cozinha, e fiz o Gibs se desviar das suas preciosas rosas para não as estragar. A sra. Grady era ainda mais velha que o Velho Murphy, mas não era rabugenta como ele. Foi nossa babá até fraturar o quadril durante o verão. Mesmo assim, ainda nos deixava brincar no jardim e vivia nos convidando para tomar chá e comer scones.

— Ah, estamos em uma guerra — Gibsie grunhiu quando já estávamos na rua. — Espera só até semana que vem. — Ele cerrou os punhos com força. — A gente vai pegar aquele filho da puta no Halloween, Hughie.

Saímos da trilha ao chegarmos à casa dele e segui meu amigo pela garagem, me sentindo mal por ter perdido a bola.

— Vou te dar uma bola nova de aniversário — Gibsie prometeu assim que entramos na casa dele. — Vou passar o fim de semana no meu pai, daí ele vai me levar pra comprar uma bola nova.

— Esquece a bola — falei, me sentindo pior ainda ao ficar sabendo que ele ia passar o fim de semana fora. — Você vai pra aula amanhã? A srta. Lawlor disse que vai levar docinhos porque é o último dia antes do recesso de Halloween.

— Vou — ele prometeu, atravessando o corredor em direção à cozinha. — Só que vou da casa do meu pai.

— Você vai estar de volta pra minha festa na segunda?

— Claro.

— E pra gente sair pra pegar doces depois?

— *Óbvio*. — Ele esfregou as mãos, animado, e se aproximou do bolo no balcão. — Estou estocando bandejas de ovos debaixo da cama pra me vingar do assassino de bolas.

Sorri.

— Excelente.

— Gerard Joseph Gibson, se você não tirar as mãos do bolo do Hughie, não vai ter mais dedos pra cutucar o nariz — Sadhbh ameaçou, aparecendo atrás da geladeira aberta.

— Como ousa? — ele bufou, indignado, com as mãos a centímetros da cobertura do meu bolo. — Eu não cutuco o nariz.

— Não, você não cutuca o nariz, Gibs — Joe interveio, entrando na cozinha com a Bethany dormindo no seu ombro.

— Você só usa o seu nariz pra guardar coisas, né, filho?

— Só fiz isso uma vez, pai — Gibsie retrucou. — E botei uma miçanga só.

— Foram quatro miçangas — eu o corrigi, rindo e me lembrando do incidente durante a aula de artes na semana anterior. — E você foi parar no hospital por causa delas.

— Eu só queria ver quantas cabiam. É tão ruim assim?

— É — nós três respondemos juntos, fazendo meu amigo ficar emburrado daquele jeito típico.

— Sinceramente, Gerard, eu não devia ter que te falar isso, mas objetos estranhos não deveriam ser enfiados no nariz. — Usando a colher de pau como uma arma, Sadhbh afastou o filho do bolo em forma de número sete. — Nem nos ouvidos!

— Vou subir pra pegar as malas das crianças pro fim de semana — Joe falou para a esposa, permanecendo imóvel até a Sadhbh assentir.

— Quando o papai vai voltar pra casa? — Gibsie perguntou assim que o pai saiu. — Odeio este lugar sem ele.

Eu também, fiquei com vontade de dizer, mas meus pais tinham me falado que eu não deveria interferir na família deles.

Segundo minha mãe, a Sadhbh e o Joe estavam se separando, e a gente precisava guardar nossas opiniões para nós mesmos, pelo bem do Gibs e da Bethany.

E eu tinha muitas opiniões sobre as merdas que aconteciam na casa da frente. Principalmente sobre o babaca que a Sadhbh estava beijando em vez do Joe, mas fiz o que minha mãe pediu e fiquei calado.

Keith Allen.

Eca.

— Gerard... — Sadhbh soltou um suspiro cansado. — A gente já conversou sobre isso, filho.

— Não conversou, não. Você só me contou que o papai ia se mudar. Contar e conversar são coisas diferentes.

— Nada mudou — a mãe dele falou, tentando convencê-lo, chegando mais perto. — Seu pai e eu ainda amamos muito você e sua irmã. — Ela deu tapinhas nos seus cachos e fez carinho na sua bochecha. — A gente ainda é uma família, meu amor.

— Não somos. — A voz do Gibsie falhou, e ele se afastou da mãe antes de limpar o rosto com o dorso da mão. — *Tudo* mudou.

— A gente *ainda* é uma família — Sadhbh repetiu com um tom mais severo. — A nossa família só está um pouquinho diferente.

— Sim, porque *você* destruiu tudo! — Gibs berrou, tomando distância da mãe. — Você e o escroto do seu namorado.

Arregalei os olhos e tapei a boca depressa para impedir que as palavras *puta merda* escapassem.

A mãe dele respirou fundo.

— Gerard!

— O que foi? — Gibs olhou para ela de um jeito insolente. — Não estou mentindo.

— Não fale comigo assim — ela ordenou, com a voz falhando. — Ainda sou sua mãe.

— Bem, queria que você não fosse! — Gibs gritou, saindo da cozinha batendo os pés e me deixando sozinho com a mulher.

— Eu, ah... — Empurrei a cadeira para trás, me levantei sem jeito e gesticulei para a porta. Desconfortável, dei de ombros, além de um sorrisinho amarelo. — Eu devia ir pra casa.

Com os olhos cheios de lágrimas, ela deu um sorriso triste para mim e se virou depressa para que eu não visse seu rosto.

— Ok, querido.

— Eu, ah... obrigado pelo bolo. — Balancei a cabeça e fui para

a porta. — E... sinto muito.

Sem esperar a resposta dela, dei uma de Gibsie e disparei para fora, quebrando meu recorde de velocidade na pressa de atravessar a rua para chegar à segurança do meu lar.

— Acho que você fez sua mãe chorar — falei, ofegante, ao alcançar a garagem e ver Gibsie atirando uma bola de basquete na parede.

— Que bom! — foi só o que ele disse, atirando a bola de novo.

— Você não está falando sério.

— Não?

— Não — insisti, evitando por pouco a bola que passou em alta velocidade raspando pela minha cabeça, acertando com estrondo as lixeiras atrás de mim.

— O que acha da gente fugir? — Gibs perguntou, pegando a bola e mirando na minha cabeça novamente. — Acho que a gente podia fugir.

— Não vou fugir com você de novo. — Peguei a bola no ar. — Na última vez que a gente fez isso, você mijou no meu saco de dormir. — Joguei a bola nele com o máximo de força que consegui. — Comigo lá dentro.

— Foi um acidente — ele disse, atirando a bola na minha cabeça outra vez. — Esquece isso.

— Vou esquecer — falei, desviando da bola antes que ela me acertasse. — Quando você parar de mirar na minha cabeça.

— Estou puto!

— Eu *sei*.

— Odeio aquele escroto!

— Eu *sei*.

— Não quero morar com ela!

— Eu *sei*.

— Quero ficar com o meu pai!

— Eu *sei*.

Com o coração pesado de nervoso e os olhos cinzentos cheios de lágrimas, Gibs ficou olhando de cara feia para mim por um século, e então soltou um suspiro entrecortado.

— Só quero que tudo volte ao normal, Hugh.

— Eu sei, Gibs. — Respirei fundo. — Eu também.

— Mas não vai voltar, né?

— Não, Gibs. — Balancei a cabeça devagar. — Acho que não.

Completamente derrotado, ele foi até a beira da trilha ao final da minha garagem e afundou no chão. Com as mãos em torno dos joelhos, ficou encarando a casa dele do outro lado da rua.

Eu não sabia o que dizer para que ele se sentisse melhor e detestava isso. Porque *queria* ajudar. Queria melhorar as coisas para o meu amigo. Queria levar seu pai de volta para casa para que sua família estivesse reunida novamente.

Mas não podia fazer isso.

Só podia me sentar ao seu lado e fazer companhia.

— Foi mal por tentar arrancar a sua cabeça — Gibs disse quando enfim se acalmou.

— Tudo certo.

— Você ainda quer que eu vá à sua festa na segunda?

— Claro que sim.

— E ainda quer que eu vá pedir doces com você quando os nossos amigos forem embora?

— Quero, Gibs.

— E eu ainda vou dormir na sua casa depois?

— Sim.

— E a gente ainda vai sair pra tacar ovo na casa daquele babaca quando nossos pais forem dormir?

— Com *certeza*.

— Que bom! — Um sorriso surgiu nos seus lábios, e ele me

deu um empurrãozinho com o ombro. — E aí, a que horas a sua irmã vai voltar do cabeleireiro com a Sinead?

Revirei os olhos e fiz cara feia, apesar de estar secretamente feliz por ele estar falando do seu assunto favorito.

— Você morreria se fingisse que sou o seu preferido só por um dia?

— Sei lá, Hugh. Não minto muito bem — ele disse, dando risada e voltando a ser o palhaço que eu conhecia. — A sua mãe vai te obrigar a convidar as amigas da Claire pra sua festa mesmo?

— Vai. — Curvei os ombros em derrota. — Mas vou escrever os convites hoje e ela vai estar no trabalho, então talvez eu consiga me livrar dessa.

— Quem ela quer convidar mesmo?

— Não lembro os nomes. — Dei de ombros. — Só sei que são quatro meninas.

Ele arregalou os olhos.

— Quatro?

— Pois é.

— E a gente vai ter que brincar com as *quatro*?

— Pois é.

— O tempo todo?

— Sim.

— Aff... — Gibsie grunhiu. — O que é que a gente vai fazer com quatro meninas?

— Cinco — falei em um tom sério. — Você esqueceu de contar a minha irmã.

— Mas a Claire é uma de nós, então não conta. Além disso, a gente gosta de brincar com ela.

— Não, Gibs, *você* gosta de brincar com ela.

— Talvez não seja tão ruim assim — ele disse, claramente tentando me animar. — Talvez elas sejam que nem a sua irmã.

— É. — Encolhi os ombros. — Não consigo pensar em nada pior que isso.

27 de outubro de 1994

A encrenca bate à porta

LIZZIE

— Obrigada, Lizzie — Shannon sussurrou ao meu lado. Estávamos sentadas no banco do lado de fora da sala do diretor, esperando nossos pais saírem da reunião. — Mas você não devia ter feito isso. — Ela olhou para mim com seus enormes olhos azuis. — Vai se encrencar por minha causa.

— Não ligo. Ele machucou minha amiga. Te fez chorar.

— É, mas você tirou sangue dele — Shannon disse, mordendo os lábios. — Vai ficar de castigo.

Eu sabia disso.

Vi como meu pai estava bravo ao entrar na sala com a nossa professora e o diretor. Vi a cara deles. Os rostos nervosos olhando para mim.

Mas eu não me sentia mal.

Não estava com vontade de gritar.

Eu estava tranquila.

Meus pensamentos estavam lentos e bons.

Isso sempre acontecia quando eu me sentava com a Shannon Lynch.

Queria me sentar com ela para sempre.

— Obrigada — ela disse, com os ombros tremendo. — Nunca tive uma amiga pra me defender antes.

— Sempre vou te defender — prometi. — Você e a Claire — acrescentei depressa, pensando na garota cheia de cachinhos da nossa turma que tinha virado minha amiga desde que comecei a escola grande no mês passado. A Claire era barulhenta e engraçada e me deixava feliz. A Shannon era quietinha e calma e me deixava segura.

Eu estava bem nervosa ao começar na Escola Primária Sagrado Coração. O lugar era tão diferente da minha antiga escola que me ajudou a fazer as palavras saírem sempre que ficavam presas na garganta. Mas os adultos diziam que eu estava fazendo um ótimo trabalho e que eu *finalmente* estava pronta para frequentar *aquela* escola agora. Eu não sabia direito o que significava isso, mas estava apreensiva com a mudança e com o início do infantil júnior. Todas as outras crianças da minha sala tinham quatro ou cinco anos, e eu tinha medo de que elas pensassem que havia algo errado comigo.

Quando a professora me levou até uma mesa redonda e me colocou ao lado de uma menininha de cabelo castanho-escuro, me senti fora de lugar. Mas daí a Shannon sorriu e me disse que era sua segunda vez no infantil júnior e que ia fazer seis anos em março, e me senti melhor. Essa sensação só aumentou quando percebi que eu já conhecia seu irmão mais velho, o Darren. Ele era amigo da Caoimhe, e a gente até já tinha se visto algumas vezes. Ele se parecia com a Shannon e era tão legal quanto ela.

Pouco tempo depois, a professora trouxe outra menina para se sentar com a gente. Ela não era tímida que nem a Shannon ou estranha que nem eu. Era radiante, feito um raio de sol. Todo mundo queria se sentar com a Claire Biggs e ser melhor amiga dela, mas ela só queria se sentar com a gente e ser a

nossa melhor amiga.

— Por que a sua mãe tem um lenço na cabeça? — Shannon perguntou, me distraindo dos meus devaneios.

— Minha mãe não tem cabelo — respondi, balançando as pernas para a frente e para trás. — O cabelo caiu quando ela ficou doente.

— Ah... — Ela colocou a mãozinha na minha. — Sinto muito.

— Tudo bem. — Sorri para ela. — Ela já ficou doente antes e o cabelo voltou a crescer. — Dei de ombros. — Quando ela melhorar, o cabelo vai voltar.

Shannon ficou me olhando por um longo tempo antes de sussurrar:

— Você é diferente, Lizzie Young.

— Sou?

Ela fez que sim e sorriu.

— Você é especial.

— Isso é ruim?

— Não. — Shannon balançou a cabeça, sem parar de sorrir. — Você me lembra o Joe.

— Seu irmão?

— É. — Ela fez que sim de novo. — E isso é uma coisa muito boa.

— Calma, Mike — mamãe disse pela décima vez desde que saímos da escola. Sentada na frente, ao lado do papai, ela colocou a mão no joelho dele e falou: — Não é o fim do mundo. — Depois, se virou e deu uma piscadinha para ele.

Juntei as mãos com força e sorri de volta para a minha mãe. Eu adorava olhar para o rosto dela. Tinha olhos bondosos, azul-escuros que nem os da Caoimhe, e sua voz era a minha favorita. Era macia e gentil e me envolvia como um abraço. O papai também tinha olhos azuis, mas eram claros e tristes. Que

nem os meus.

— Calma? — Meu pai balançou a cabeça, e senti o carro acelerar. — Catherine, a Lizzie mordeu um menino da sala dela. Que nem um maldito cão selvagem. — Ele parecia muito bravo. Eu não gostava daquilo. — O que adianta gastar uma fortuna com terapeutas se ela reage assim quando é contrariada?

— Ele empurrou a Shannon — me ouvi dizendo, irritada. — Estava fazendo bullying, papai.

— O garoto te empurrou? — ele perguntou, olhando feio para mim pelo retrovisor. — Botou as mãos em você?

Fiz que não e me virei para a janela.

— Não, papai.

— Então você não tinha o direito de botar as mãos nele. Tem sorte de não ter sido expulsa por isso, Elizabeth. Deus sabe que tinha motivo.

— Mas o menino *empurrou* a Shannon — insisti, sentindo a pele esquentar enquanto meus olhos seguiam as gotas de chuva se espalhando pelo vidro da janela. — Ele empurrou a minha *amiga*. — Será que eu estava falando errado? Por que ele não me entendia? — Ele é malvado, papai — acrescentei, cerrando os punhos. — Puxou o cabelo da Claire semana passada e fez ela chorar no primeiro dia de aula.

— Chega! — meu pai explodiu, batendo a mão no volante. — Sério. Não tenta justificar o seu comportamento, porque não tem justificativa pra morder outra criança com tanta violência a ponto de ela sangrar!

Respirando rápido e com força, fiquei encarando o seu assento, me esforçando muito para não gritar. Para não pular do banco e arranhá-lo. Eu não queria deixar minha mãe triste de novo, mas sentia a coisa crescendo dentro de mim.

— Meu Deus do céu, achei que você já tivesse superado isso

— papai continuou ralhando comigo. — Você já sabe o que é certo e o que é errado, Elizabeth, então por que não consegue se comportar? Você tem seis anos, pelo amor de Deus. Já está grande demais pra ficar dando showzinho. Por que é que não consegue ser normal, hein? Não é tão difícil assim...

— Para com isso, Michael — mamãe disse. — Abaixa a voz.

— Abaixa a *voz*? — Ele se virou para a minha mãe antes de atravessar os enormes portões da escola da minha irmã. — Acorda, Catherine. O jeito que essa menina se comporta não é normal. Ela já tem idade suficiente pra estar na primeira série, mas está no infantil, bem atrás dos outros, só porque não consegue se controlar.

— Eu disse pra parar com isso — mamãe repetiu, irritada. — Você já falou o que queria, assim como o diretor. Agora chega.

— Ela merece ouvir mais que alguns sermões, mas claro que isso não vai acontecer, porque você está cega e a Elizabeth é seu ponto fraco. — Balançando a cabeça, papai estacionou e apertou o botão para fazer os limpadores de para-brisa trabalharem mais rápido. — Pensei que os médicos tivessem dito que o novo remédio já estaria fazendo efeito a essa altura.

— E *está*.

— Bem, diz isso pro coitado que levou mordidas na cara! — papai gritou de novo. — Sabia que era uma péssima ideia tirar a menina do St. Anthony. Sabia. Ela tinha toda a ajuda que precisava lá, com professores preparados pra lidar com pessoas como ela. Mas não, você tinha que fazer as coisas do seu jeito, né? Porque esse é o show da Catherine e da Elizabeth. Não importa o que o resto da família que...

— Michael! — mamãe explodiu, erguendo a voz. — Não é hora pra essa conversa.

— Eu nunca devia ter dado ouvidos a você ou àqueles médicos malditos — ele grunhiu. — Estou cansado de viver

assim, Catherine. De verdade.

Cobri os ouvidos, fechei os olhos e tentei engolir minha voz enquanto me esforçava para silenciar a voz *dela*.

Volte para mim.

Estou esperando.

Vou te encontrar.

Não resista.

— Ah, meu Deus, está caindo o mundo lá fora — Caoimhe disse bem alto, abrindo a porta de trás.

A voz da minha irmã fez *ela* ficar quieta dentro da minha cabeça.

Respirando depressa, mantive os olhos fechados, com medo de abri-los e *vê-la* de novo — a moça assustadora das garras, aquela que se infiltrava na minha cabeça na hora de dormir. Ou quando eu ficava brava. Ela saía da água pingando, com o cabelo todo bagunçado e as garras compridas à mostra. Era a mulher que eu via da minha janela às vezes. Que os médicos diziam que não estava ali. Que minha família dizia ser fruto da minha imaginação. Eu não devia vê-la. *Mas eu via*.

— Elizabeth! — papai falou com uma voz tão ameaçadora que fez meus olhos se abrirem.

Não me deparei com o rosto da mulher, mas com o do meu pai. Eu era boa em ler o rosto dos outros. Era o meu superpoder. E, agora, meu pai estava me dizendo com os olhos para eu me *comportar*.

— Senta no meio, Liz — Caoimhe pediu, atirando a mochila aos meus pés e se sentando ao meu lado. — O Mark vai pra casa com a gente, lembra?

Sim, eu me lembrava.

— E aí, baixinha? — a familiar voz do Mark me arrancou das minhas lembranças, e o vi entrando no jipe do papai e se acomodando no banco.

Ele sorriu para mim ao prender o cinto de segurança e mexeu no meu cabelo antes de voltar a atenção para os meus pais.

Cobri a boca para disfarçar a risadinha.

O Mark sempre me chamava de *baixinha*, e eu gostava.

Papai deu a partida no carro e fiquei ouvindo os quatro conversarem no caminho para casa. Ninguém falou comigo, mas eu não ligava. Estava acostumada.

Quando o Mark colocou o braço no meu colo para segurar a mão da minha irmã, estremeci. Ele percebeu e me deu a piscadinha especial. A piscadinha secreta que dava só pra mim. Quando estava me consertando. Eu me sentia especial com ela, então sorri para ele.

27 de outubro de 1994

Coerção na cozinha

HUGH

— Como vão os meus homens preferidos? — minha mãe perguntou ao entrar na cozinha na quinta-feira à noite.

— Melhor agora que estou te vendo — papai respondeu com uma piscadinha, se recostando na cadeira e dando a ela atenção total. — Como foi o trabalho, amor?

— Bem movimentado — ela respondeu com um suspiro contente, ainda com o uniforme do hospital. — Minha bebê está na cama?

— Ainda bem — murmurei do lado do meu pai.

Levou bem mais tempo que o normal para a Claire pegar no sono, o que me incomodava bastante, porque significava que eu teria menos tempo com o papai.

— Foi culpa minha — ele disse para a mamãe, dando risada. — Deixei a Claire e o Gibzinho sozinhos com um bolo de chocolate.

— Erro de principiante, Biggs.

— Não me diga.

— E vocês tiveram uma noite agradável? — mamãe perguntou com um sorrisinho.

Quando ela fazia plantão diurno no hospital, só voltava para casa umas dez da noite, mas o papai *sempre* me deixava ficar acordado com ele. Mesmo se eu tivesse aula no dia seguinte. O segredo era colocar a Claire na cama às oito e passar as outras duas horas assistindo a esportes, lendo histórias ou fazendo o que eu quisesse.

Aquela noite, passamos nosso tempo escrevendo convites para a minha festa de aniversário para entregar para os meus amigos na escola no dia seguinte, antes de sairmos para o recesso de Halloween. Eu ia fazer sete anos, então não precisava da ajuda do papai para escrever os convites, mas *queria* que ele estivesse ali. Tinha caprichado muito praticando caligrafia, mesmo durante as férias, e dava para perceber. Quando ele disse que estava orgulhoso, fiquei com vontade de me esforçar mais ainda para deixá-lo ainda mais orgulhoso.

— Ah, que bom, vocês fizeram os convites pra festa! — mamãe disse, olhando para a pilha de envelopes na mesa à minha frente. — Uau, quantos convites, meu amor!

— Convidei a sala toda. São vinte e seis convites.

— Vinte e seis? — Ela arqueou as sobrancelhas. — Que ótimo! — continuou com uma voz esganiçada, e murmurou: — Vinte e seis crianças correndo pela casa parece... ótimo.

— Acontece que a gente tem um gênio, Sinead — papai anunciou, passando o braço nos meus ombros. — Ele vai fazer sete anos só na semana que vem e escreveu sozinho cada palavra desses convites. E você já ouviu esse menino lendo? Ele estava lendo *O hobbit* outra noite, e nunca ouvi nada igual. A escola tinha razão ao sugerir que ele fizesse aquele teste, Sinead. Nosso filho está muito à frente do grupo. — Ele apertou meu ombro. — Esse rapazinho vai realizar grandes proezas.

Mamãe abriu um sorriso indulgente.

— É mesmo?

Meu rosto ficou vermelho feito um pimentão, e sorri de volta todo orgulhoso.

Eu sabia que era considerado *brilhante* na escola, mas ouvir meu pai dizer me fazia acreditar mesmo nisso. Os professores viviam me elogiando, e mesmo que não me contassem os resultados daqueles testes individuais que me tiraram da aula para fazer, eu sabia que devia ter ido bem.

— Também é um grande artista — papai continuou, enchendo minha bola para a minha satisfação. — O que vai ser bem útil se ele decidir seguir os passos do pai. — Ele apertou meu ombro de novo. — Não é, filho?

— Segura a onda aí, Peter Biggs — mamãe interveio, dando risada. — Seu filho só tem sete anos. — Ela ergueu a sobrancelha. — Acho que é um pouco cedo pra enfiar arquitetura e urbanismo na cabeça dele, né, amor?

— Não se ele tem as habilidades de leitura de um adolescente — papai comentou. — Ou se consegue montar um conjunto de lego mais rápido que qualquer criança que a gente conhece.

— Pete, deixa o menino ser criança — ela disse, indo até a geladeira. — O Hugh tem a vida toda pela frente. A infância é só uma parte, então não vamos encurtar essa fase, amor.

— Nossa, você tem razão, Sinead. Eu não devia estar falando esse tipo de coisa pra ele. Só me deixei levar... — Meu pai deixou as palavras no ar antes de limpar a garganta, sem jeito. Seu rosto estava vermelho, e ele parecia constrangido. — Não liga pra mim, filho. Vamos nos concentrar no seu aniversário, que tal?

— Ah, e não se esquece de fazer os convites pras amigas da Claire — mamãe falou. — Sei que anotei os nomes delas em algum lugar... — Vasculhou os papéis e os desenhos colados na

geladeira até encontrar um bilhete amarelo. — Aqui está.

— Pai... — grunhi, me virando para ele, sentado ao meu lado. — *Por favor*.

Ele ergueu as mãos.

— Sua mãe que manda, filho.

— A Claire só vai convidar quatro amigas — minha mãe disse. — Você aguenta.

— *Por quê*, mãe? — choraminguei, olhando para ela colocando o bilhete à minha frente na mesa. — Nenhum dos meus amigos da escola tem que convidar as amigas da irmã pra festa deles. Por que tenho que ser o único menino da sala com *garotas* na festa?

— Porque, pelo visto, você é o único menino da sala cuja mãe está criando um cavalheiro — ela respondeu, fazendo carinho no meu queixo com o dedão antes de voltar para a geladeira. — Escreve os convites.

— Mas estamos na primeira série. O que é que vamos fazer com quatro *meninas* da pré-escola?

— Cinco — ela me corrigiu alegremente. — Esqueceu de contar a sua irmã.

— Aff, pior ainda. — Baixei a cabeça na mesa e cobri a nuca com as mãos. — Porra!

— Olha a boca, menino — papai me repreendeu, dando uma cotovelada no meu braço. — E senta direito ao falar com uma mulher.

— Me desculpa — murmurei, nem um pouco arrependido, mas fazendo o que ele pediu. — Então não tem jeito mesmo? — perguntei, derrotado. — Mesmo?

— Não, filho. Escreve logo esses convites antes de ir pra cama — ela ordenou, se aproximando do micro-ondas. — A Claire vai no seu ônibus amanhã, então você vai poder entregar os convites pessoalmente pras meninas.

— Por favor, meu Deus! Não!

Mamãe gargalhou.

— Você não vai morrer, Hugh.

— Talvez eu morra.

— Você ouviu sua mãe — papai disse, cobrindo a boca. — Ela está criando um cavalheiro.

Sabendo que eu tinha perdido a batalha, dei um suspiro e peguei o bilhete com os nomes das amigas idiotas da minha irmã.

— Shannon Lynch, Marybeth e Cadence O'Neill, e Lizzie Young — li a lista em voz alta e fiz uma careta. — Aff.

— É a irmã da Caoimhe? — papai perguntou, se inclinando para ver os nomes. — Caoimhe Young, babá da Sadhbh?

— É, sim — mamãe respondeu. — Falando em babás, peguei o contato dela com a Sadhbh. Estava pensando que a gente podia chamar a garota pra cuidar da nossa gangue.

Os olhos do papai se iluminaram.

— Meu Deus, faz um século que a gente não tem uma noite só nossa, amor.

— Desde que a sra. Grady fraturou o quadril — ela disse, sorrindo. — A Caoimhe foi altamente recomendada pela Sadhbh, e os O'Reilly aqui da rua vivem falando bem dela.

— Ah, vai ser maravilhoso se der certo — ele comentou, coçando o peito. — Com a sra. Grady fora de ação, perdemos a nossa babá pras férias escolares.

— Vamos torcer pra dar certo — ela falou. — Ela parece ser um sucesso com as crianças. Até o nosso Gibzinho está apaixonado.

— Detesto quando vocês chamam ele assim — resmunguei. — Vocês fazem isso o tempo todo e é irritante. Ele não é o *Gibzinho*. Ele é só o *Gibs*.

— Me desculpa, filho — papai disse, dando risada. — É que o

Joe Gibson sempre vai ser o Gibsie original.

— É assim desde a nossa infância — mamãe concordou, gargalhando.

— Então o filho dele é o *Gibzinho*.

— Que seja. Não ligo pra babás... mas o Joe é o *Joe*, e o Gibs é o *Gibs* — bufei, voltando para o convite que eu estava sendo *obrigado* a fazer. — A Marybeth e a Cadence são as irmãs gêmeas do Pierce, então só vou escrever um convite pra elas.

— Então capricha — ela disse. — Capricha nessa letra, hein?

— Não fique tão aflito, Hugh — papai falou, bagunçando o meu cabelo. — Daqui a uns anos, você vai estar implorando pra gente deixar você receber as meninas em casa.

— Sabe, a vovó Biggs fez o seu pai me convidar pra festa dele quando a gente era criança. — Minha mãe se aproximou e abraçou meu pai por trás. — E olha só pra gente agora.

— Foi mesmo — ele disse, dando um beijo na mão dela. — E foi o melhor convite forçado que já escrevi.

Ela abriu um sorriso radiante para ele.

— E não passamos mais de uma semana longe um do outro em três décadas.

— Então nunca se sabe, filho — papai provocou. — Um desses nomes pode ser o nome que você vai dizer no seu casamento.

Estremeci e olhei para ele horrorizado.

— Isso era para me *animar*?

28 de outubro de 1994

Valentonas, convites de aniversário e irmãos mais velhos

LIZZIE

— Está pronta? — Claire perguntou na porta do banheiro. — A gente vai perder o ônibus pra casa. Vou sair mais cedo, lembra? A professora disse que era meio-dia em ponto.

— Estou indo — falei, tirando a calcinha e a amassando na mão.

Eu não queria me encrencar de novo, o que acabaria acontecendo se os adultos soubessem que tive um acidente. Preocupada, procurei a lata de lixo e, quando a encontrei, enfiei o tecido de algodão lá no fundo e depois o cobri com papel higiênico.

Dei a descarga, destravei a porta e corri até a pia para lavar as mãos, pedindo desculpas para a minha amiga.

— Eu estava muito apertada.

— Tudo bem — Claire falou, segurando a minha mochila. — Não esquece do sabonete líquido.

— Pode deixar — eu disse, despejando uma gota na mão. — Ei, você já fez xixi vermelho?

— Eca, não! — Ela arregalou os olhos castanhos. — Você já?

— De vez em quando. — Me concentrei em enxaguar a espuma. — Quando dói.

— Você sente dor pra fazer xixi?

Fiz que sim e sequei as mãos na toalha.

— Você não?

Claire balançou a cabeça.

— Não.

— Ah... — Sorri, peguei a mochila e enfiei os braços nas alças. — Estou pronta.

Rindo, começamos a correr para ver quem chegaria no portão da escola primeiro. Claire era tão alta quanto eu e tinha pernas compridas que a faziam correr mais rápido, mas cheguei antes dela.

— Você é um foguete — ela disse, gargalhando ao me alcançar. — Um foguete super rápido.

— Vocês duas são foguetes — Shannon falou, no meio da multidão de outras crianças esperando o ônibus do lado de fora da escola. — Não consigo correr rápido que nem vocês.

— Ah, caramba! — Claire exclamou em voz alta. — Quase esqueci. — Ela vasculhou a mochila, pegou um envelope e o entregou para a Shannon antes de se virar para mim. — Você vai receber mais tarde, prometo.

— Vou? — perguntei, sentindo a empolgação me dominar.

Eu não fazia ideia do que era aquilo, mas fiquei contente de ser incluída.

— É um convite de aniversário.

— Mas o seu aniversário é em agosto — Shannon e eu falamos juntas.

— É aniversário do meu irmão — ela explicou, franzindo o nariz. — Ele é fedorento e super irritante, mas acho que é ok.

— Ok? — falei, dando risada enquanto a Shannon guardava o envelope sem nem abrir.

— E aí, você vai?

Respondi que sim ao mesmo tempo que ela disse que não.

Claire começou a sorrir e comemorar, mas depois perguntou com tristeza:

— Por que não?

Shannon ficou sem jeito.

— Não tenho permissão pra ir a festas...

— Por que não? — falamos.

— Porque ela é uma sarnenta — uma menina da quarta série rosnou, empurrando a Shannon para fora do caminho. — Sai, sarnenta!

— Ei! — Claire bufou, colocando a mão no ombro da nossa amiga quando ela cambaleou com a força do empurrão da garota. — Isso foi cruel.

— Ah, foi? — a garota de cabelo escuro zombou. — Por que não chora, *cachinhos dourados*?

— O nome dela é Claire — grunhi, sentindo o corpo tremer de raiva e me aproximando das minhas amigas. — E você, por que não vai se foder?

Todo mundo ficou chocado.

— Caraca! — um menino mais velho comentou.

Os outros apontaram para nós e deram risada.

— Você falou palavrão — Claire sussurrou no meu ouvido. — Você falou aquela palavra com F, Liz.

— Falei — eu disse, me mantendo firme mesmo quando uma multidão se formou à nossa volta.

Estávamos do lado de fora da escola, mas mesmo se alguém chamasse os professores, eu não me importava. Estava acostumada com adultos gritando comigo. Estava acostumada a decepcionar as pessoas.

— E posso falar coisa pior — acrescentei, fazendo careta para a valentona. — E fazer pior também.

— Você mora em Avoca Greystones, né? — outra menina perguntou para Claire.

— Moro — ela respondeu, assentindo com cautela. — Por quê?

— Aquelas casas são bem legais — a garota comentou. — Por que você convidaria uma Lynch pra sua casa?

Todos gargalharam.

Os olhos da Shannon se encheram de lágrimas.

— Porque ela é minha *amiga* — Claire disse, pegando a mão da Shannon. — Por isso.

— Bem, se eu fosse você, não deixaria essa sarnenta entrar em casa. — A menina jogou o rabo de cavalo por cima do ombro e acrescentou: — Você sabe que ela mora no Elk's Terrace, né? Ela vai roubar a sua família no instante em que vocês virarem as costas.

— Também ouvi dizer que ela tem piolho — a primeira valentona interveio. — Então é melhor vocês pensarem nisso antes de chegar tão perto dela. Não querem pegar piolho, né?

— Por que é que você não cala a boca? — gritei, avançando e empurrando a garota com força.

Em vez de me empurrar de volta, ela riu na minha cara. Todas as amigas também riram. Só porque eram mais velhas. O que me deixou mais brava ainda.

Não consegui controlar a raiva se acumulando dentro de mim e, pior, não quis controlar. Shannon era uma boa amiga. Sua presença me ajudava a manter minha mente clara e fazer minha voz sair. Eu não ligava para onde ela morava. Ela era gentil e doce e fazia eu me sentir segura. Eu queria arrancar os olhos daquela menina. Queria fazê-la sangrar e pagar por ter magoado a minha amiga.

— Lizzie, não — Shannon implorou, envolvendo a minha mão. — Vamos sair daqui e esperar o ônibus.

— É, *Lizzie*... — a valentona zombou. — Escuta a sarnenta da Shannon, que não pode pegar o ônibus porque os sarnentos dos pais dela são pobres demais pra pagar a passagem.

As crianças ao nosso redor gargalharam de novo, e eu tremi de raiva.

— Retira o que disse — falei, me soltando da minha amiga e cerrando os punhos. — Retira o que disse agora!

— Senão o que você vai fazer? — ela provocou, se inclinando para dar risada na minha cara. — O que é que você vai fazer, sua doida?

— Cuidado! — um garoto falou logo antes de a valentona cambalear para longe.

— Ah, meu Deus! — Segurando a própria cabeça, a garota começou a berrar loucamente. — Minha cabeça, minha cabeça!

Chocada, me virei e vi Joey Lynch descendo as escadas que iam dos portões da escola até o campo com um hurley pendurado no ombro.

O irmão mais velho da Shannon estava só na segunda série, mas os garotos saíam do seu caminho mesmo assim. Porque tinham medo dele. Porque ele se envolvia em *muitas* brigas na escola. Até mais que eu.

— Falei para tomar cuidado. — Joey abriu o portão da escola com tanta força que bateu no muro. Não precisou abrir caminho na multidão, pois todo mundo saiu da frente. — Não tenho culpa se você é surda.

— Talvez você devesse mirar melhor — a valentona choramingou, com as mãos ainda na cabeça, enquanto as amigas corriam para pegar o ônibus que tinha acabado de chegar.

— Talvez você não devesse chegar perto da minha irmã — Joey retrucou, se colocando na nossa frente e bloqueando a visão dela.

— Você me machucou de verdade, *Joey Lynch* — a menina continuou resmungando, chorando para valer. — Vou contar tudo pro meu irmão.

— Nunca encostei um dedo em você, *Loretta Crowley* — ele disse, dando de ombros despreocupadamente. — Mas vai em frente e conta pra porra da família toda. Não ligo.

— Ela chamou a Shannon de sarnenta — Claire disse, segurando a manga do uniforme branco do Joey. — E empurrou ela também.

— Ah, é? — Joey falou, com os olhos cravados na Loretta. — E foi um baita erro, né, Loretta?

— Não tenho medo de você — ela declarou, dando vários passos para trás. — Você é um merda.

— Pode ser — Joey disse, soltando uma gargalhada perigosa e retomando o espaço que ela havia conquistado. — Mas sou um merda que vai te destruir se você tocar na minha irmã de novo.

Eita!

— Fala pro seu irmão me procurar — ele acrescentou, pegando o sliotar e o acertando habilidosamente com o hurley. — Vou ficar esperando por ele. E você? — Joey agarrou a bola de couro no ar e a enfiou no bolso da calça. — É melhor prestar atenção *nesse* aviso, porque vai ser o último, hein?

Loretta bufou alto antes de se virar e sair correndo para o ônibus.

Rá!

Toma essa!

Nem disfarcei a gargalhada que me escapou.

Estava encantada.

— Shan... — Joey falou, se concentrando na irmã. — Você está bem?

— Estou, Joe — ela murmurou, se aproximando dele

depressa.

Bufando, ele encarou a irmã por um longo tempo e depois disse:

— Que bom! — Em seguida, sem nem olhar para mim ou para a Claire, assentiu rigidamente. — Vamos.

— Hum, tchau, gente — Shannon falou, saindo atrás do irmão, que seguia na direção da cidade. — Vejo vocês depois do recesso.

— Tchau — a gente respondeu, de cabeça baixa.

— Isso foi demais! — exclamei, indo para o ônibus. — O Joey fez ela chorar.

— Foi bem assustador — Claire comentou, arregalando os olhos castanhos. — O irmão da Shannon ficou super zangado com todo mundo. — Ela franziu a testa. — Ele parecia bravo até com a gente.

— Ele está sempre bravo — uma das gêmeas da nossa sala disse quando entramos na fila atrás delas. Eu não sabia se era a Marybeth ou a Cadence, porque as duas eram *iguaizinhas*. Mas não importava. Elas eram legais.

— Com todo mundo — a gêmea concordou.

Na mesma hora, eu disse:

— Acho ele ótimo.

— *Ahhh* — a primeira gêmea falou, dando risada e cobrindo a boca. — A Lizzie está a fim do irmão da Shannon.

— A fim?

— Você olha pra ele e o seu rosto fica vermelho.

— Claro que não.

— É, sim.

— Acho que eu também estou a fim do Joey — a segunda gêmea confessou. As bochechas dela ficaram vermelhas, e percebi que aquela era a Cadence. A Cadence sempre corava quando a professora fazia alguma pergunta. — O meu rosto

fica vermelho quando vejo ele no parquinho.

— O meu também — Marybeth disse. — É porque ele é gatinho, que nem o Gasparzinho.

Claire franziu a testa.

— O fantasma?

— É — as gêmeas falaram ao mesmo tempo, e acrescentaram: — Mas na versão menino.

A fila andou, e minhas amigas subiram no ônibus na minha frente.

Quando entrei e vi como o ônibus estava cheio, senti algo estranho na barriga. A gente geralmente pegava um ônibus menor para voltar para casa às duas da tarde, que levava só as crianças do ensino infantil, mas como estávamos saindo para o recesso de Halloween e as aulas terminaram meio-dia, tivemos que pegar o transporte com os mais velhos. O ônibus era enorme e pegava crianças de outras escolas também. Não gostei nada daquilo.

Uma das gêmeas puxou a Claire para se sentar ao seu lado, e a outra se sentou com alguém, e a sensação na minha barriga piorou.

Achei um lugar vazio, coloquei a mochila no banco e me acomodei na janela antes de o ônibus sair.

Tudo estava tão barulhento...

As outras crianças.

O rugido do motor.

As risadas à minha volta.

As vibrações debaixo do meu assento.

Era barulhento demais.

Demais.

Desconfortável, coloquei as mãos no colo e me concentrei em cutucar a pelinha da minha unha enquanto o motorista atravessava a cidade. A Caoimhe chamava as pelinhas de

enxeridas e me disse para não mexer, senão elas iam piorar, mas não adiantava.

Com os olhos fixos naquele pedaço de pele mole, puxei até ela ceder e rasgar. Ao sentir aquela ardência no dedo, meus ombros relaxaram. Um pontinho vermelho surgiu, da mesma cor da mancha que tinha aparecido na minha calcinha mais cedo, e observei fascinada a coisa escorrendo lentamente pelo meu dedo.

Como um pequeno rio de sangue, a voz sussurrou do canto escuro da minha mente. *Você pertence à água, abelhinha.*

Ah, não!

Não, não, não.

Meu corpo ficou duro e olhei em volta desesperada, me perguntando se alguém mais tinha ouvido. Não parecia. Todos estavam conversando e rindo sem me notar. O ônibus parou de novo e algumas crianças estavam descendo enquanto outras subiam.

Dessa vez, só garotos.

Garotos barulhentos.

Em pânico, baixei as mangas, escondendo os dedos dentro do tecido do suéter escolar. Porque eu queria continuar cutucando. Queria arrancar a minha pele, pois me acalmava. Mas eu não podia mais fazer isso. Era ruim. Os médicos falaram que era ruim.

Então usei as mangas para esconder as mãos dos meus olhos.

Da minha mente.

Porque eu *queria* ser uma boa garota.

Que nem o Mark prometeu que eu seria.

— Oba! Você escreveu mesmo!

Minha cabeça se virou quando ouvi o gritinho empolgado da Claire e a vi conversando com um dos garotos mais velhos que tinha acabado de entrar. Ela estava toda animada, mas eu não

sabia se ele estava ouvindo, porque estava usando fones de ouvido. Uns fones bem legais com uma faixa metálica, que nem a Caoimhe tinha ganhado de Natal. Os fones estavam presos a um fio preto que se conectava ao walkman prateado na sua mão.

— Você é o melhor irmão do mundo! — ela continuou gritando, batendo palmas.

As gêmeas estavam de joelhos no banco, mas eu não sabia quem era quem, porque as duas estavam vermelhas.

— Essa é a Marybeth — Claire falou para o irmão, apontando para a garota ao seu lado antes de apontar para a que estava na frente. — E essa é a Cadence.

Ele deu um envelope para as duas. As gêmeas abriram um sorriso radiante e estenderam a mão ao mesmo tempo.

A coisa rapidamente virou uma briga de irmãs e eu me distraí com o irmão da Claire. Eu sabia que ela tinha irmão e até sabia o nome dele — Hugh —, mas a Claire tinha dito que ele era fedorento e parecia o troll da capa do livro *Os três bodes Gruff*.

A Claire mentiu.

O irmão dela *não* parecia um troll.

Ele usava uma calça cinza e um suéter verde-escuro com o brasão da Scoil Eoin, a escola primária só de meninos, e era alto. Tipo, super alto. Era loiro como a irmã, mas seu cabelo era mais escuro, bem curto na parte de trás e nas laterais, com uma mecha bagunçada de cachos ondulados em cima.

— Essa é a Lizzie — Claire anunciou, apontando para mim enquanto o ônibus saía. — Aquela ali, está vendo?

Então ele me olhou e senti um súbito calor invadindo o meu corpo. Não era o calor raivoso ou assustador que eu sentia de noite. Não, era um tipo *diferente* de calor. Como o que eu sentia quando via o irmão da Shannon na escola. Só que *melhor*.

Muito melhor.

O irmão dela veio na minha direção, e meu corpo se contraiu conforme o calor aumentava.

Ele chegou perto, colocou os fones no pescoço e abriu um sorriso esperançoso.

— Lizzie?

Uau!

A Claire era uma baita mentirosa.

Concordei vigorosamente, tirei a mochila do assento e sorri para ele, torcendo e rezando para que ele se sentasse.

Ele *se sentou*.

— Obrigado — ele falou, colocando a mochila no chão junto com a minha. — Sou o Hugh.

— Eu sei. — Uma empolgação borbulhou dentro de mim quando Hugh me encarou. — A Claire disse que você tinha cara de troll. — Me virei de lado no banco, me inclinei para a frente e dei uma fungada. — E que era fedorento. — Recuei e franzi a testa. — Mas você não é. — Ele tinha cheiro de sabonete e morango. — Gostei do seu perfume.

— Hum, legal... — Hugh falou, dando uma risadinha. — O que dizer...valeu?

Os olhos dele eram grandes e calorosos e seguros. Não tinham a mesma cor dos da Claire. Os dele eram de um tom bem mais fechado. Eram como os do meu pai.

Olhos cor de uísque.

— O que é isso? — perguntei, apontando para os seus fones, ainda tocando música.

— Isso? — Ele ergueu o aparelho. — É um walkman.

— Eu sei, besta. — Dei risada, peguei o negócio e dei um tapinha no fone. — O que você está ouvindo?

— Ah... — Ele tirou os fones do pescoço e os ofereceu para mim. — "Send Me on My Way", do Rusted Root.

Levei o fone ao ouvido e fiquei escutando a música com atenção. Era alegre. Me fez sorrir.

— Gostei.

— É — ele concordou depois que devolvi seus fones. — Também gosto.

Concentrada no garoto sentado ao meu lado, observei cada mancha dos seus olhos castanhos. Cílios grossos e escuros adornavam suas pálpebras, no mesmo tom das suas enormes pupilas.

Hugh Biggs tinha olhos de uísque que não se intimidavam.

Que permaneceram cravados nos meus, ternos e gentis, afastando todos os sentimentos assustadores da minha cabeça. A Caoimhe vivia falando para eu parar de olhar fixamente para os outros. Dizia que era bizarro e estranho. Mas aquele garoto não parecia se importar.

— Seus olhos são bonitos — falei, sentindo o coração dar uma cambalhota quando olhei para ele. — Gostei.

— Hum... valeu? — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Também gostei dos seus olhos.

— Seu rosto está vermelho.

Ele se mexeu, sem graça.

— O seu também.

— Eu sei por quê. — Abri um sorriso radiante. — É porque você está a fim de mim.

— Hum... — Ele pareceu surpreso, e seu rosto ficou mais vermelho ainda. — Eu, hum...

— Tudo bem. — Sorrindo, peguei sua mão e a levei ao meu rosto. — Está vendo? Também estou a fim de você.

— Hum... é, talvez — Hugh murmurou, afastando a mão. — Aqui — ele disse, enfiando um envelope na minha, me observando cautelosamente com seus olhos castanhos. — É um convite pro meu aniversário. — Suas bochechas ainda estavam

coradas. — Tomara que você possa ir.

— Eu posso — falei de uma vez, segurando o envelope com todas as minhas forças. — Vou, sim.

— Você nem viu que dia é — respondeu, rindo e me olhando de um jeito engraçado. — Vai ser no Halloween, então talvez você tenha algum compromisso com a sua família.

— Não tenho — retruquei depressa, sem saber se eu tinha. Eu não sabia e não ligava. Naquele momento, só sabia que *não* perderia o aniversário dele de jeito nenhum. — Eu vou.

— É uma festa à fantasia.

— Ah... — Torci o nariz. — Não gosto de me fantasiar.

— Eu também não. — Ele suspirou. — Mas minha mãe faz questão porque meu aniversário é no Halloween. — Ele deu um sorrisinho como quem pedia desculpa. — Uns garotos da minha sala vão usar máscaras da loja de uma libra e sacos de lixo, então não se preocupa, não precisa ser nada muito chique — acrescentou antes de dar uma gargalhada.

— O que foi? — Sorri e cheguei mais perto. — O que é tão engraçado?

— Só estou pensando no meu amigo — Hugh explicou, ainda rindo. — Ele vai de Peter Pan. — Conteve outra gargalhada, deixando escapar um ronco. — De meia-calça verde e tudo.

Sua risada me fez rir também, e estremeci quando senti um negócio na barriga.

— E você vai do quê?

— Dr. Grant, do *Jurassic Park*.

— Dr. Grant — repeti, guardando essa informação. — Então nada de meia-calça pra você?

— Não mesmo — ele disse, com os olhos castanhos cintilando, divertidos. — Você não precisa se fantasiar. — Então acrescentou com um tom gentil: — Não precisa fazer nada que não queira.

— Sério?

— Sério. — Hugh ficou me olhando por um longo tempo, depois balançou a cabeça e se levantou. — É melhor eu voltar pros meus amigos. — Pegou a mochila, a colocou no ombro e sorriu. — Até mais.

— Até — respondi, querendo pedir que ele voltasse.

Hugh fez que sim, se virou para ir embora e logo em seguida mudou de ideia chegando perto de mim.

— Acho que você está certa — ele sussurrou, e senti seu hálito no meu rosto.

Eu ia perguntar o que o Hugh queria dizer com isso, mas ele já estava se afastando. Fiquei de joelhos, apoiei o queixo no banco e fiquei vendo o irmão da Claire se juntar a um grupo de garotos com o mesmo uniforme no fundo do ônibus.

Sorri e vi o Hugh se sentar com um menino de cabelo escuro, que passou o braço em volta do pescoço dele e lhe deu uma chave de braço. Os dois começaram a rir e a lutar, e os outros os incentivavam.

O irmão da Claire se soltou do amigo, ergueu a cabeça e olhou na minha direção.

Quando ele me encarou e sorriu, meu coração deu outra cambalhota. Me afundei no assento depressa e soltei um suspiro trêmulo. Com o rosto ardendo, apertei o convite contra o peito e *sorri*.

28 de outubro de 1994

Essa é a Lizzie?

HUGH

Quando subi no ônibus para ir embora da escola na sexta-feira, me senti uma espécie de soldado em uma missão perigosa. Porque eu *sabia* que qualquer pessoa que se relacionasse com a louca da minha irmã seria uma ameaça, e eu tinha que convidar *quatro* amigas dela para a minha festa. *Pessoalmente*. Pior ainda, o Joe tinha ido buscar o Gibsie depois da aula, então ele não estaria comigo no ônibus para me apoiar, e o Feely estava achando tanta graça do meu constrangimento que não dava para contar com ele. Uma das meninas não voltava de ônibus, então Claire levou o convite para entregar na escola de manhã, mas, mesmo assim, ainda me restavam três.

Vi as irmãs gêmeas do Pierce sentadas com a Claire e, de cara amarrada, fui andando pelo corredor e parei ao lado delas, que se viraram para mim ao mesmo tempo, sorrindo o mesmo sorriso e falando as mesmas palavras ao mesmo tempo.

Eu sabia que não era culpa delas serem tão idênticas, mas era bem assustador.

Meu Deus, fiquei agradecido por não ter que lidar com *duas* Claires.

Depois de três convites entregues, só faltava um. Minha intenção era encontrar a última garota, entregar o convite o mais rápido possível e voltar para os meus amigos. Mas *não* imaginei ficar paralisado no meio do corredor quando minha irmã apontou para *ela*.

Puta merda.

Essa é a amiga da minha irmã?

Essa é a Lizzie?

Eu achava que a minha irmã tinha o cabelo mais loiro do mundo, mas o cabelo daquela garota era *branco*. Tipo, *branco como a neve*. Sua pele era tão branca que era quase transparente, parecendo uma das bonecas de porcelana da Claire. Ela não tinha uma única sarda no rosto. Nada.

E aqueles olhos azuis cravados em mim? Bem, eu nunca tinha visto olhos como *aqueles* antes.

Pisquei algumas vezes, sem saber se estava enxergando direito, porque aquela menina não parecia com as outras do ônibus. Não parecia com nada que eu já tinha visto.

Ela meio que lembrava um fantasma.

Ou um anjo.

Algo diferente.

Algo especial.

A garota não desviou os olhos de mim quando me pegou encarando-a. Em vez disso, só me encarou de volta.

De alguma forma, não sei direito como, consegui reunir coragem para me aproximar e perguntar:

— Lizzie?

Se a Claire tivesse apontado para a garota errada, eu ia ficar muito sem graça.

Meu Deus, por favor, faz com que seja a garota certa.

Quando ela fez que sim e me ofereceu um lugar ao seu lado, quase me joguei no banco. E fiquei confuso, porque nunca quis

me sentar com meninas, mas *queria* me sentar com ela. Também *queria* olhar para ela.

Seu cabelo comprido e liso não estava preso com fitas ou laços extravagantes como o das outras garotas. Estava atrás das orelhas para não ficar caindo no rosto. Ela também não estava de meia-calça como as outras, mas de meias brancas até o joelho. Seu casaco era preto, nem rosa nem colorido, e seus joelhos estavam cheios de arranhões de mato. Tudo nela era diferente, mas foram seus olhos que realmente me chamaram a atenção. Eram tão claros que pareciam gotas de gelo azul-claras atravessadas por raios cinzentos.

Depois que me apresentei e começamos a conversar, mal consegui ouvir uma palavra do que ela disse. Eu não fazia ideia do que estava falando. Estava distraído demais com as batidas do meu coração retumbando nos ouvidos e com meus olhos curtindo a visão daquela garota. Sinceramente, não dava para evitar, porque a menina sentada ao meu lado era a mais linda do mundo. Daí ela se inclinou para cheirar o meu pescoço, e a achei também um pouco esquisita. Mas não me afastei e não me senti estranho nem envergonhado quando ela me elogiou. Pelo contrário, fiquei *satisfeito*. Pois logo percebi que eu *queria* que ela me admirasse.

Como eu certamente a admirava.

Depois que entreguei o convite da festa e ela topou ir, meu estômago se revirou feito uma panqueca. Tentei agir naturalmente, mas mal conseguia respirar. O sorriso dela fez minha pele formigar e esquentar. Não sei quanto tempo levei para voltar para os meus amigos, mas, quando finalmente consegui me levantar, foi como se tivesse acabado de sair de um brinquedo de parque de diversões. Um brinquedo muito doido que me fez girar e ficar tonto.

Os caras ficaram me provocando por causa dela, mas não

liguei nem um pouco. Dei risada das piadinhas, me sentindo meio malandro, e não constrangido.

Porque eles não sabiam o que eu tinha feito.

Não tinham chamado a garota mais estranha de Ballylaggin para o aniversário deles.

Meus olhos se cravaram nos dela do outro lado do ônibus, e sorri.

Ou melhor, a garota mais linda da cidade.

31 de outubro de 1994

Ele cheira a sabonete e morango

LIZZIE

Eu estava tão feliz que pensei que fosse explodir em cem milhões de pedacinhos. Estava esperando o Halloween desde sexta-feira, e o dia finalmente tinha *chegado*. Minha barriga fervilhava de empolgação, me impedindo de ficar parada como minha irmã queria.

— Você é tipo minha boneca — Caoimhe falou atrás de mim.

Ela estava arrumando meu cabelo para a festa.

— Meu cabelo está ficando comprido — comentei, olhando nossos reflexos no espelho da penteadeira dela.

— Uhum — ela concordou, colocando a trança loira que ia até a cintura por cima do ombro. — Está quase tão comprido quanto o meu.

— Quase.

— A que horas a mãe da Claire vem te pegar?

— Duas e meia. — Um tremor de empolgação atravessou meu corpo. — Que horas são?

— Quase duas. Você sabe que não precisa levar o convite, né, Liz?

— Eu sei. Eu só... gosto dele. — Segurei o convite e o li em

voz alta pela centésima vez. — Para Lizzie, você está...

— Convidada.

— Eu sei ler, Caoimhe — grunhi antes de continuar. — Para o meu aniversário de sete anos...

— Às duas horas no dia trinta e um de outubro.

— Ei! — reclamei, cobrindo o convite com a mão para que ela não pudesse ver. — Eu disse que sei ler.

Bufei e voltei para o convite.

— Do Huge — falei devagar, me concentrando para falar corretamente. — Do Hu... ge... — Minha irmã deixou escapar uma gargalhada, e estreitei os olhos para desafiá-la. — É um nome difícil, ok?

— É mesmo — ela concordou, tentando se conter. — É Hugh, e não *Huge*.

— Eu sabia — resmunguei, passando o dedo pelo convite escrito à mão. — Hugh. Gosto do nome dele. — Um sorrisinho se espalhou pelo meu rosto. — Também gosto da letra dele. É bonitinha.

— Ele *é* bonitinho — ela comentou, se inclinando por cima do meu ombro para dar uma olhada no convite.

— Eu também sou bonitinha — falei. — Só não tanto quanto ele.

— Bem, você só tem seis anos. O Hugh tem sete.

— Vou fazer sete em junho.

— E daí? Não é uma competição.

— Ele escreve com letra cursiva. — Ergui o convite para que ela o observasse bem. — Olha só como o g dele é bonito. — Apontei para a caligrafia perfeita. — Você tem que me ensinar a fazer isso.

— Ah, meu Deus, Liz. Calma. — Ela abaixou a escova e pegou um frasco de perfume na penteadeira, passando-o no meu cabelo. — Não precisa aprender tudo de uma vez. Só

desliga sua mente um pouco e curte a sua infância.

— Mas não consigo desligar a minha mente. Ela nunca para de falar comigo.

— *Não*. — Caoimhe alisou meu cabelo e me deu um olhar de advertência. — Você não pode dizer essas coisas.

Engoli as palavras e assenti para mostrar que tinha entendido.

Eu sabia o que significava esse olhar.

Fica de boca fechada e não fala o que está pensando.

— Está vendo como a gente conversa bem quando você não está dando uma de doida? — Caoimhe disse, ajeitando a minha roupa. — Juro que este ano foi o melhor desde que você nasceu. — Ela sorriu para mim no espelho. — Sério, você é uma pessoa totalmente diferente desde que trocaram os seus remédios.

— Me encrenquei na escola semana passada — falei. — Mordi um menino da minha sala.

— Ok, tirando *isso*. — Ela deu risada. — De resto, você está arrasando.

Sorri, orgulhosa.

Eu gostava quando a Caoimhe ficava contente comigo.

Eu queria que todo mundo ficasse contente comigo.

— Odeio a nova médica — falei, fazendo careta ao lembrar da moça de batom rosa-choque. — Ela vive me fazendo perguntas.

— Bem, se não quiser responder, é só mentir.

— Mentir?

A Caoimhe fez que sim.

— É só dizer o que ela quer ouvir.

— Mas eu não posso mentir.

— São só mentirinhas. — Ela sorriu. — Conto mentirinhas o tempo todo.

— Sério?

Ela assentiu.

— Sério.

— Sobre o quê?

— A minha idade, quando quero fazer algo que me acham muito nova pra fazer. — Ela sorriu de novo. — E sobre... — Fez uma cara triste e suspirou. — Um monte de coisas.

— Você mente pra mim?

— Só pra te manter segura.

Franzi a testa.

— Hã?

— Deixa pra lá. — Ela bagunçou meu cabelo. — Estou orgulhosa de você, sabia? Você está conversando como um ser humano normal e não surtando a cada dez segundos. Finalmente começou o ensino infantil, fez amiguinhas e conseguiu até descolar um convite pra uma festa. — Ela deu uma piscadinha. — Talvez haja esperança pra você.

— Ele é muito lindo. — Suspirei, lembrando do irmão da Claire. — Tem olhos castanhos e é bem alto, e tem cheiro de sabonete e morango, e não parece nem um pouco com um troll.

— Oun... — Caoimhe soltou, levando a mão ao peito. — Você gosta dele, né?

— Gosto. — Apontei para a minha roupa e perguntei: — Tem certeza que essa é a fantasia certa?

— Claro que sim — minha irmã confirmou, colocando os óculos de sol na minha cabeça como se fosse uma faixa. — Você está *maravilhosa*, Liz.

Era para a mamãe me ajudar a me arrumar, mas ela teve que passar a noite no hospital. Papai foi visitá-la de manhã e deixou a Caoimhe comigo.

— Quando ela volta?

— Quem?

— A mamãe.

— Logo.

— Hoje?

Minha irmã balançou a cabeça.

— Logo, Liz.

— Não sou burra, Caoimhe — grunhi, sentindo meu corpo esquentar. — Sei que tem algo acontecendo com a mamãe — falei, cerrando os punhos. — Eu só... não entendo.

— Fique feliz por não entender, Liz. — Ela soltou um suspiro pesado, me abraçando com força. — Escuta... quando você estiver mais velha, vou te explicar tudo. Mas, até lá, só aproveita a sua infância.

Não consigo, tive vontade de gritar. *Tenho muito medo*.

— É ruim, né? — insisti, com um frio na barriga. — A mamãe está muito doente, né?

— Ela também estava doente da outra vez e melhorou mesmo assim — Caoimhe respondeu com a voz tensa. — Ela é uma guerreira. Vai vencer a doença de novo.

— Por que é que isso fica acontecendo com ela?

— Não sei.

— Mas a coisa fica voltando, Caoimhe.

— Pois é, Liz, *eu sei*.

— Ela vai morrer?

Minha irmã respirou fundo.

— Não. E chega desse papo pesado por hoje. — Ela me soltou do abraço de urso, endireitou a postura e soltou um suspiro trêmulo. — Hoje é um bom dia, abelhinha. — Ela abriu um sorriso grande, foi até o rádio e pegou uma fita cassete da sua impressionante coleção. — É Halloween. Você vai na sua primeira festa de aniversário e vai se divertir e dançar muito. Enquanto isso, vou passar o dia com o meu namorado, então...

— Fez uma pausa, trocou de fita e ficou mexendo nos botões do aparelho até "Twist and Shout", do Chaka Demus & Pliers, ressoar das caixas de som. — Acho que a situação está pedindo uma dancinha de comemoração.

— Ah, meu Deus. — Sem conseguir me segurar, tapei a boca para dar risada conforme a Caoimhe dançava feito uma galinha ao meu redor. — Você é tão esquisita...

— Ah, *eu* que sou esquisita? — Dando risada, ela pegou minha mão e dançou comigo pelo quarto. — Olha quem fala, maninha.

Incapaz de resistir à tentação de dançar com a Caoimhe, afastei os sentimentos assustadores e os substituí por um sorriso radiante. Igual ao dela.

A campainha tocando um instante depois fez minha irmã gritar.

— Ah, meu Deus, é ele! — Ela soltou minha mão e disparou para a penteadeira. — Chegou mais cedo! — Passou seu batom marrom favorito e depois esfregou os lábios um contra o outro. Se virou para mim e ajeitou o cabelo. — E aí? — perguntou, fazendo beicinho e uma pose. — Como estou?

Ela estava com um vestido xadrez verde de alcinha que ia até os joelhos, sapatos Dr. Martens, seus preferidos, e um monte de pulseiras. A metade de cima do cabelo estava presa, e o resto solto, com mechas frisadas.

— Está parecendo uma adulta — respondi.

Eu estava com inveja, porque meu cabelo era liso e sem graça.

A campainha tocou de novo, e minha irmã entrou em ação.

— Ah, meu Deus, é melhor eu deixar ele entrar — ela disse, se aproximando de mim com o dedinho estendido. — Ok, promete que não vai me dedurar?

Enlacei o dedinho no dela.

— Prometo.

— O papai me mataria se soubesse que eu trouxe o Mark aqui quando eles não estão em casa, então você não pode falar nada. — Ela mordeu os lábios. — Sério, você não pode contar, Liz.

— Não vou contar.

— Porque sabe como nossos pais ficaram putos daquela vez que eu trouxe o Dar e eles não estavam. — Ela deu risada. — O papai ficou tão bravo quando viu a gente no meu quarto...

— Que saudade do Darren! — comentei, pensando no irmão mais velho da Shannon. Ele era igualzinho a ela. — Ele era tão legal.

— Pois é, também tenho saudade dele — ela disse. — A gente se afastou um pouco desde que comecei o secundário, mas ele sempre vai ser um dos meus melhores amigos.

— Como assim vocês se afastaram?

— O Darren está estudando na ECB agora. E ele não suporta... bem, vamos só dizer que ele não é o maior fã dos amigos que eu fiz no Tommen.

— E como você nunca namorou com ele? — Dei de ombros. — Você conheceu ele primeiro.

— Antes eu queria isso. — Ela juntou as mãos e suspirou. — Mas não rolou. — Então abriu um grande sorriso. — Mas o Mark *é* o meu namorado, e é super legal, e super gostoso, e vou super morrer se o papai descobrir que ele veio aqui quando eu devia estar tomando conta de você, então você não pode falar nada. — Ela olhou com uma expressão preocupada. — Sério, Liz. Você *tem* que ficar de boca fechada.

— Eu sei, eu sei. — Revirei os olhos e grunhi: — Eu sei guardar segredo, Caoimhe.

Eu sempre guardava segredos.

31 de outubro de 1994

Balinhas de gelatina e o g perfeito

HUGH

— Hugh! — Robbie Mac berrou da mesa da cozinha, vestido de Power Ranger vermelho.

Ele apontou para as duas meninas vestidas de princesas sentadas uma de cada lado dele e balbuciou um "faz alguma coisa".

A minha festa estava bombando e minha casa estava abarrotada de amigos. Infelizmente para o Robbie, as irmãs gêmeas bizarras do Pierce tinham grudado nele. Eu não sabia o que ele queria que eu fizesse. Eu que não ia trocar de lugar com ele. Já passava tempo suficiente com a Claire pendurada em mim. E não tinha planos de me voluntariar para aturar mais duas garotas.

Fingi que não ouvi o Robbie e passei por um grupo esmurrando uma pinhata a caminho do quintal. Revirei os olhos ao ver o Danny Callaghan da minha sala vestido de Power Ranger azul, apontando e rindo do Robbie.

— Olha, gente, o Robbie tem *namorada*.

Que babaca!

Fiquei aliviado ao encontrar o Peter Pan e o Zorro na

garagem e me aproximei deles.

— Que porcaria você está fazendo? — perguntei quando vi a baba escorrendo do queixo do Peter Pan. — Que porra é essa na sua boca, Gibs?

— ... linha... tina... — Gibs tentou falar com a boca cheia de algo que eu só poderia descrever como gosmento.

— Ele está tentando quebrar o recorde mundial — Zorro disse.

— *Do quê*? — falei, olhando perplexo para o Feely. — De ser um idiota?

— ... linha... tina... — Gibs repetiu, empurrando a gosma para dentro da boca com os dedos.

— O Gibsie acha que consegue quebrar o recorde mundial de quantidade de balinhas de gelatina na boca — Feely explicou em meio à gargalhada.

— Qual é o recorde? — perguntei.

— Ele não sabe.

— Então como vai quebrar o recorde?

— ... endo... ma... — Gibsie disse, erguendo as mãos. — ... endo... ma... eely...

— Não faço ideia, cara — Feely falou, dando risada e entregando outra cobrinha de gelatina para o Gibs, que já estava esperando. — Pelo menos ele está calado.

— Ele pode se engasgar — avisei, observando-o com atenção.

— Pode.

— Quantas já comeu?

— Nove.

— Nove? — Arregalei os olhos, impressionado. — Até parece. — Olhei para o Gibsie perplexo. — Você está engolindo, né? — Estreitei os olhos, desconfiado. — Não é possível caber nove cobrinhas na sua boca, seu mentiroso.

— ... ão... — Gibs balançou a cabeça e se engasgou, fazendo

escapar mais gosma dos lábios. — Ah... erda!

Assim que ele segurou a barriga e fez que ia vomitar, Feely e eu saímos da frente. Não era a primeira vez que lidávamos com sua golfada.

— Ah, meu Deus! — Uivando de tanto rir, Feely colocou as mãos na barriga e apontou para o nosso amigo idiota vomitando um monte de bala de gelatina. — Ele parece o Bocão dos *Goonies*.

Grunhindo de desespero, cruzei os braços e fiquei olhando para a última desventura do Gibsie espalhada pela garagem.

— Você é *doente*, Gerard Gibson.

— Está vendo? Falei que não tinha engolido — ele declarou todo orgulhoso depois de botar as cobrinhas para fora. — Está vendo, Hugh? — Gesticulou para as balinhas babadas no chão e contou. — Nove cobras sem nem uma marca de dente.

— Parabéns — respondi, tremendo. — Você tem a maior boca de Ballylaggin.

Uma buzina fez nós três nos virarmos ao mesmo tempo para o carro da minha mãe parando na frente de casa.

— Bem, já era hora! — Gibsie exclamou com um suspiro dramático antes de usar a capa preta do Feely para limpar a baba do queixo.

— Credo, Gibs! — Feely o empurrou para longe, tirando a capa e a jogando nele. — Você é doente *mesmo*.

— Peter Pan! — o berro esganiçado de empolgação da minha irmã tomou conta do ambiente logo antes de ela passar correndo por mim e pelo Feely.

Com sua fantasia de Sininho, Claire se jogou no engolidor de cobrinhas de gelatina.

— Estava morrendo de saudade de você!

Gibsie endireitou a postura, erguendo minha irmã, cujos pés foram lá no alto.

— Eu que estava morrendo de saudade de você, ursinha.

— Ele só passou o fim de semana com o pai — comentei, cada vez mais desconfortável com as interações da minha irmã com o meu melhor amigo.

Antes do Joe se mudar, eles passavam todas as horas livres do dia juntos, mas agora que o Gibs tinha que dividir o tempo entre a Sadhbh e o Joe, eles ficaram ainda mais irritantes.

O Gibs estava *sempre* olhando para ela, e nas raras ocasiões em que não estava, era a Claire que ficava olhando para *ele*.

Nossas mães diziam que era um amor juvenil inofensivo, mas eu não tinha tanta certeza.

Tinha um pressentimento bastante incômodo de que sempre se olhariam daquele jeito.

E não sabia direito o que pensar.

— Eu não encostaria nele se fosse você — Feely avisou, mantendo distância dos dois e arrumando o *sombrero* preto. — Ele acabou de vomitar nove cobrinhas de gelatina.

— Sério? — Minha irmã arregalou os olhos e ficou encarando meu amigo como se ele fosse a própria lua. — Da última vez, você só tinha conseguido sete!

— Te falei que ia entrar pro *Guinness*, ursinha. — Todo cheio de si, Gibs botou Claire no chão e pegou sua mão rápido. — Vamos. Tem uma bandeja de brownie com os nossos nomes na cozinha.

— Claire, você não está se esquecendo de alguém? — minha mãe perguntou em um tom cansado, mas era tarde demais.

Minha irmã já tinha desaparecido dentro de casa com o Gibs para caçar açúcar.

— Ah, merda... — Feely murmurou. — Mais uma.

Enquanto isso, meu coração começou a bater com violência no peito.

Ela está aqui.

— Me desculpa pela Claire, querida. — Minha mãe deu a volta no carro para abrir a porta do carona e sorriu. — Ela não tem um pingo de juízo.

— Tudo bem, sra. Biggs — uma voz familiar respondeu. — Estou acostumada.

— Pode me chamar de Sinead. E o nome do meu marido é Pete. Nada de sr. e sra. Biggs, entendeu, querida?

— Continua andando pra trás — Feely sussurrou, caminhando em direção à casa. — Talvez sua mãe não veja a gente.

— Beleza — falei, dando uma risada forçada, mas sem me mexer.

Eu não tinha a menor intenção de fugir *daquela* garota.

— Hugh? Ah, que bom! Vem aqui, querido. Leva a Lizzie lá pra dentro.

Isso!

— Foi mal, cara, mas você está por sua conta — Feely disse, disparando para a porta. — Tenho quatro irmãs — acrescentou por cima do ombro. — Já sofro o suficiente.

— Hugh!

— Estou indo, mãe — falei, sentindo minhas mãos suarem mais a cada passo que eu dava até o carro.

Eu nunca admitiria para ninguém, nem mesmo para o Gibs, mas *queria* ver a Lizzie Young de novo. Tinha pensado bastante nela no fim de semana e estava torcendo para que ela viesse na minha festa. Agora ela estava ali, e eu estava nervoso e enjoado e empolgado, tudo ao mesmo tempo.

— Ah, aí está o meu aniversariante — minha mãe disse quando me aproximei. Ela passou o braço nos meus ombros e me puxou para o seu lado. — Prometo que esse aqui é bem mais educado que a irmã.

Geralmente eu era, mas, naquele instante, não havia uma

palavra na minha cabeça que pudesse cumprir a promessa da minha mãe, porque todas tinham escapulido e eu só sabia ficar parado olhando para a menina.

Na semana anterior, no ônibus escolar, percebi que ela não era a maior fã de festas à fantasia, mas ali estava ela com a fantasia mais legal que eu já tinha visto.

— Você é a dra. Sattler — enfim consegui falar, percorrendo sua fantasia com os olhos e aprovando tudo. — Do *Jurassic Park*.

Ao contrário das outras garotas com vestidos de princesa e asas de fada, ela estava de short cáqui, botas de trilha marrons, blusa azul e camisa rosa amarrada na cintura. No cinto marrom, havia um walkie-talkie de plástico e um cordão amarelo.

Vendo Lizzie na minha festa toda fantasiada, eu me senti especial, mas ao ver que ela estava combinando comigo... bem, eu não sabia lidar direito com o que estava sentindo.

— Feliz aniversário, Hugh — ela disse, estendendo a mão para mim. — Quer dizer, dr. Grant.

— Meu Deus... — As palavras escaparam da minha boca sem querer, e balancei a cabeça, meio desconcertado. — Ou melhor, obrigado... — Limpei a garganta, tentando disfarçar a voz falhando, e apertei sua mãozinha. — E, hum... oi.

— É melhor eu entrar pra ajudar o seu pai com as crianças — minha mãe nos interrompeu, me soltando. — Hugh, seja bonzinho e cuida da Lizzie, hein? — Ela pegou as sacolas que estavam em cima do capô do carro e foi para a porta. — É a primeira vez dela numa festa de aniversário, então não deixa ela sozinha, querido.

Ergui a sobrancelha, surpreso.

— Minha festa é a sua primeira?

— É — Lizzie confirmou com um sorrisinho tímido. —

Ainda tenho o seu convite. — Ela soltou minha mão e pegou o convite que escrevi para ela no bolso do short. — Eu gosto do seu G.

— Do meu G?

— Uhum. — Assentindo com veemência, ela desdobrou o convite e apontou para a minha assinatura. — Você caprichou bastante na letra.

Eu tinha *mesmo* caprichado na minha letra. Na verdade, caprichava em tudo o que dizia respeito à escola. Não porque tivesse que fazer isso — aprender era fácil para mim —, mas porque eu *queria*. Inglês. História. Geografia. Biologia. Ciências. Irlandês. Religião. Não importava a matéria. Eu gostava de tudo. Tudo que existia no mundo me fascinava, e eu lia mais que todo mundo da minha sala, mas a Lizzie não tinha como saber disso. Então *como* é que ela sabia que eu tinha caprichado?

— Ah, e não precisa ficar comigo — Lizzie disse, guardando o convite de volta no bolso. — Sei que sua mãe te pediu pra fazer isso, mas pode ficar com os seus amigos se quiser. — Ela sorriu de novo. — Não tenho medo de ficar sozinha.

— Não. — Balancei a cabeça, absorvendo suas palavras. Absorvendo a sua *presença*. — Não quero fazer isso.

— Não?

— Não. Quero ficar.

Um rubor lento tomou suas bochechas.

— Comigo?

Fiz que sim devagar, mantendo a atenção cravada na garota estranha à minha frente, enquanto uma pressão ainda mais estranha aumentava no meu peito.

— Você é bem alta — comentei, notando que ela batia no meu nariz. — Pra uma menina.

— É por causa das minhas pernas. — Ela ergueu o pé, não

me dando outra escolha a não ser segurá-lo no ar. — Minha irmã diz que tenho pernas de girafa.

A irmã dela estava certa.

— E você corre rápido?

— Sim — ela respondeu com orgulho. — Sou a mais rápida da minha sala.

— Bem que pensei — respondi, abaixando o seu pé. — Você está combinando comigo.

— Eu sei. — Ela sorriu, esticou o braço e tocou no meu chapéu. — Achei que você fosse gostar.

— Gostei — respondi, sentindo o rosto esquentar.

— Quer o seu presente?

Ergui as sobrancelhas de surpresa.

— Você comprou presente pra mim?

— Claro que sim.

— Por quê?

— Porque é seu aniversário.

— Mas você nem me conhece.

— E daí? Você não me conhece e me convidou pra sua festa. — Então ela se virou e foi até o carro da minha mãe. — Eu comprei dois presentes pra você — ela explicou antes de abrir a porta e entrar no carro. — Bem, comprei um e fiz outro.

Intrigado, eu a segui e fiquei observando-a procurar algo no banco de trás.

— Não tenho irmão, então me desculpa se você odiar.

— Não vou odiar — falei, pegando o pacote das suas mãos. — Obrigado.

— De nada. — Ela soltou um suspiro alto e sorriu. — Esse é o presente que eu comprei.

— Você quer que eu abra agora? — perguntei, sentindo mais calor se espalhar pelo meu pescoço quando seus olhos se fixaram nos meus.

— Quero.

— Então tá. — Dei de ombros. — Vem aqui.

Ela chegou mais perto e me sentei ao seu lado no banco com o pacote na mão.

— Não precisava ter comprado nada — falei, já abrindo o presente. — Só pra você saber.

— Abre logo. — Ela ficou de joelhos me olhando, e vi a empolgação em seus olhos. — Vai.

Fiz o que Lizzie mandou e rasguei o resto do papel de presente, ficando imediatamente chocado com o que ela estava me dando.

— *Mortal Kombat II*. — Balancei a cabeça sem acreditar, segurando a caixa. — Esse jogo *acabou* de sair.

— Bem, a Claire me falou que você tem um Sneeze — ela explicou depressa, um pouco insegura. — Disse que você vive jogando. Eu não sabia se você tinha esse jogo.

— É SNES.

— Hã?

— Se chama SNES — falei, me voltando para a garota sentada ao meu lado. — Super Nes. — Ela ficou me encarando sem expressão, e acrescentei: — Super Nintendo Entertainment System. É um videogame, e eu vivo jogando, sim.

— Então esse jogo vai funcionar no seu Sneeze? — ela perguntou, apontando para o presente nas minhas mãos.

— No meu SNES — corrigi com delicadeza, ainda chocado. — Com certeza.

— E você gostou?

— Adorei. — Na verdade, eu estava planejando usar o dinheiro que ganharia no meu aniversário para comprar justamente esse jogo. — Obrigado. — Balancei a cabeça, sentindo uma mistura de confusão e gratidão. — Sério, muito obrigado.

O alívio cintilou em seus olhos, e ela abriu um sorriso radiante para mim.

— De nada.

— É um presentão — falei devagar, mantendo os olhos nela. — Você sabe disso, né? É *bem* caro.

— É só um jogo, Hugh. Minha mãe disse que não tinha problema.

Nossa, a família dela deve ser cheia da grana.

— Aqui. — Ela levou a mão às costas e pegou um envelope verde, que atirou no meu colo. — Eu que fiz.

Deixei o jogo de lado para não me distrair e concentrei toda a minha atenção no envelope com o meu nome.

Tomando cuidado para não rasgar o cartão, eu o puxei devagar, ignorando educadamente a nuvem de glitter que se espalhou pelo meu colo.

Afinal de contas, eu morava com a Claire. Sempre tinha glitter para todo lado.

— Legal — falei, examinando cada centímetro daquele cartão. Ela devia ter levado horas para fazer aquilo. Cada pedacinho estava preenchido de cor e tinta. — A sua letra é linda. — Sorri ao ver o G torto do meu nome em letra cursiva. — Você é caprichosa.

— Não tanto quanto você.

— Bem, eu pratico bastante.

— Aposto que eu pratico mais.

— E eu leio bastante.

— Aposto que eu leio mais.

— Ah, é? — Contorci a boca e tentei não sorrir, mas ela era fofa me desafiando assim. — Duvido.

— Ah, é? — Seus olhos se estreitaram, me desafiando outra vez. — Quer testar?

— Beleza.

Sorrindo, comecei a listar todos os livros que eu lembrava enquanto aquela garotinha estranha aceitava a provocação e respondia citando os nomes dos protagonistas de cada história. Tipo, de *cada um dos livros que eu falava*. Em seguida, ela me deixou impressionado com sua capacidade não só de contar, mas também de somar e subtrair de cabeça, sem precisar de caderno para fazer as contas. Ela sabia soletrar todas as palavras que pedi, até as mais difíceis, com as quais eu planejava surpreendê-la. Só que quem acabou surpreendido fui *eu*, pois ela soletrou cada palavra sem demonstrar um pingo de esforço.

— Como é que você sabe tudo isso? — perguntei, com a atenção cravada naquela menina e em tudo o que saía da sua boca, porque eu nunca tinha ficado tão encantado com alguém assim na vida. Não era só sua fantasia que combinava com a minha. Seu cérebro também combinava com o meu. — A Claire não sabe um quarto das coisas que você sabe.

Ela abriu um sorriso vitorioso.

— Te falei que sou inteligente.

— Pois é. — Eu a observei com cautela. — Não parece que você está no ensino infantil.

Lizzie deu de ombros e devolveu:

— Não parece que você está na primeira série.

— É que sou mais inteligente que os meninos de sete anos.

— É, e eu sou mais inteligente que as meninas de seis anos.

— Você tem seis anos? — Ergui as sobrancelhas, surpreso. — Quando você nasceu?

— Nove de junho de 1988.

— Então sou menos de um ano mais velho que você?

— Sete meses e vinte e dois dias. — Ela abriu um sorrisinho presunçoso. — Eu contei.

— Então por que está no infantil? Não devia estar mais adiantada? Na primeira série que nem eu?

— Hum, é. — O brilho nos seus olhos sumiu rápido, e ela baixou a cabeça. — Eu sei.

— Você repetiu de ano ou alguma coisa assim? — perguntei, apesar de achar difícil acreditar nisso.

Não faria sentido obrigar uma garota tão inteligente quanto ela a repetir de ano.

— Eu estudava em uma escola diferente na cidade — Lizzie respondeu baixinho. Segui seu olhar e a vi apertando tanto as mãos que sua pele estava ficando branca. — Mas, quando entrei no Sagrado Coração, me colocaram no infantil. — Ela mordeu os lábios. — Não sou lenta — acrescentou depressa, enfiando as unhas na mão. — Juro que não sou...

— Eu sei que não, ok? — falei, afastando suas mãos uma da outra. — E quem liga se você é a mais velha da sua sala? — Ela não pareceu perceber que estava se coçando, mas eu percebi. — Você é mais nova que a maioria das pessoas da minha turma e mesmo assim é muito mais esperta.

Ela ergueu a cabeça de uma vez, e seus olhos azuis se fixaram nos meus.

— Sou?

— É. — Assenti, querendo afastar aquela preocupação dela. Dava para ver nos seus olhos, e eu não gostava daquilo. — Você é, sim.

Quando o medo nos seus olhos foi substituído por esperança e sua mãozinha se fechou na minha, senti um formigamento me percorrer. Enquanto meu cérebro ficava confuso, meu coração me garantiu que aquela era uma sensação importante.

Que *ela* era importante.

— Minhas palavras costumavam ficar presas — ela contou, ainda segurando minha mão. — Era difícil fazer elas saírem.

— Você gaguejava? — falei, duvidando um pouco disso.

Havia um garoto na minha sala que gaguejava muito. A Lizzie

não parecia ter nenhum problema em pronunciar as palavras.

— Não, não era isso. As palavras só ficavam presas — explicou, olhando para mim com aqueles olhos azul-claros. — Mas agora consigo fazer elas saírem.

— Ah, que bom! — Sorri. — Porque você tem uma voz bonita.

Seus olhos se iluminaram.

— Sério?

Ah, que droga!

Ela tirou a mão da minha e a colocou na barriga.

— Ops!

— O que foi?

— Minha barriga. Está se revirando.

Eu a olhei preocupado.

— Como se você quisesse vomitar?

— Não, não vomitar. — Lizzie fez uma pausa e depois falou: — Parece mais um soluço.

— Na sua garganta?

— Não, na minha barriga — ela respondeu. — Tem borboletas no meu estômago.

Franzi a testa.

— Então você está com... *borboluço*?

— Ah, meu Deus, isso! — Ela fez que sim vigorosamente. — Estou com *borboluço*!

— Caralho! — Não consegui disfarçar uma gargalhada. — Você é tão esquisita!

— Fala de novo.

— Caralho?

Ela sorriu.

— Caralho.

— Como vai o *borboluço*?

— Ainda aqui, mas tudo bem — ela disse, rindo. — Não dói.

— Bom saber — falei. *Porque acho que também peguei esse negócio*.

— O que você quis dizer no ônibus? — a Lizzie perguntou. — Quando falou que eu estava certa?

Ah, que droga mesmo!

— Hum... te conto depois. — Abri a porta do carro e saí correndo antes de passar mais vergonha. — Vem. — Sorrindo, gesticulei para que ela me seguisse. — Vamos entrar pra brincar.

31 de outubro de 1994

Estrelas são melhores que quadrados

LIZZIE

Depois que comemos o bolo, fomos todos brincar na sala porque estava chovendo muito para voltarmos lá para fora. A Cadence ficou com algumas bonecas que encontrou na caixa de brinquedos da Claire, e os meninos mais velhos brincavam de lutinha e pulavam ao som da música que estava tocando. Claire e Gibsie pulavam no sofá.

Eu não sabia o que fazer.

Não sabia conversar com as pessoas.

Sentia falta da Shannon.

Queria que ela estivesse na festa.

Ela não gostava de falar muito, e eu adorava isso nela. Às vezes, era legal só *não* falar e ainda sermos amigas.

Me sentei no banco da janela e fiquei balançando as pernas enquanto observava todos. Tudo estava tão barulhento! Senti uma tontura na cabeça! Como se ela estivesse girando. E também fiquei com calor, como se estivesse em frente à lareira.

Fiquei desviando o olhar de um lado da sala para o outro. Eu queria fugir, mas a gente não podia sair, então me sentei sobre as mãos para impedi-las de me coçar. Balancei a cabeça e tentei

sorrir, e não me sentir tão irritada, mas eu não estava gostando nada daquilo.

Estava muito barulhento.

Minha mente ficava voltando para quando meu pedaço de bolo caiu no chão e a Marybeth deu risada.

Ela estava conversando com o Hugh.

Estreitei os olhos.

Algo cresceu na minha barriga.

Algo feroz.

Algo quente.

Minha respiração foi acelerando até eu ficar com vontade de gritar.

Ah, *não*. *Não*, *não*, *não*, *não*...

Coloquei a mão na boca para me conter.

Não grita.

Seja uma boa menina.

— Ei! — O Hugh se sentou no banco da janela ao meu lado. — Não está se divertindo?

Eu não conseguia responder.

Estava respirando rápido demais.

Estava me esforçando muito para não gritar.

— Ei, ei... — Ele se aproximou e me olhou com preocupação. — Você está bem?

Eu ainda não conseguia responder.

Só conseguia manter a mão na boca e respirar pelo nariz, balançando a cabeça.

— Consegue respirar?

Balancei a cabeça de novo conforme meus olhos ficavam selvagens e temerosos.

— Está tudo bem. — Ele se virou de frente para mim, colocou a mão no meu ombro e foi me girando com delicadeza até eu ficar de costas para a sala, encarando a janela. — Deve

ser só um ataque de pânico. — Em seguida, pegou minha mão e a segurou com força. — Só respira.

Fiquei olhando para ele apavorada. Porque, apesar de não entender o que estava acontecendo comigo, eu sabia o que ia acontecer depois, sabia o que sempre acontecia depois, e não queria que meus amigos vissem aquilo.

Não queria que *ele* visse aquilo.

— Isso. — Sua voz era bondosa e suave. — Devagar. — Ele apertou minha mão de novo. — Está tudo bem.

Estava mesmo?

Eu achava que não.

Queria gritar. Queria arrancar todos os quadros das paredes. Queria correr o mais rápido que podia. Queria... Queria... Queria continuar vendo os *olhos* dele.

Concentrei toda a minha atenção no garoto ao meu lado e deixei meus olhos percorrerem seu rosto.

Pele dourada.

Cabelo loiro.

Sorriso gentil.

Olhos cor de uísque do meu pai.

Sabonete e morango.

Hugh Biggs.

— Isso — ele enfim falou, sorrindo e me tirando da concentração. — Olha só pra você.

Olhei para baixo e fiquei surpresa de ver que ele estava segurando minhas duas mãos. Minha mão não estava mais na boca, e eu não estava gritando.

Confusa, observei minhas mãos e olhei para ele.

— Estou bem?

Ele assentiu e sorriu.

— Você está bem.

Observei a sala ao redor.

Todo mundo ainda estava brincando.

Ninguém estava olhando para mim.

Ninguém estava gritando comigo.

Eu não era ruim.

Voltei a atenção para ele.

— Como foi que você fez isso?

— Isso o quê?

— Como você fez parar?

— O ataque de pânico?

Fiz que sim, sem saber direito se era aquilo, mas precisando saber a resposta de qualquer jeito.

— Como você fez parar?

— Não fiz nada, Lizzie — Hugh disse, ainda sorrindo, ainda segurando minhas mãos. — Você que fez sozinha.

Eu não fiz.

Sabia que não tinha feito.

Ele olhou para as nossas mãos unidas no seu colo.

— Hum...

— O que foi?

— É a segunda vez que eu seguro a sua mão. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Nunca tinha segurado a mão de uma garota até hoje.

— Não?

Hugh balançou a cabeça devagar, sem soltar minhas mãos.

— E você? — Com as bochechas coradas, ele acrescentou depressa: — Já segurou a mão de outro garoto?

— Não. — Também balancei a cabeça. — Você é meu único garoto. — Senti minha pele esquentar. — Só você.

Seus lábios se contorceram em um sorrisinho tímido, como se ele tivesse ficado satisfeito com a minha resposta.

— Eu gosto de você, Hugh Biggs — falei de uma vez, com o peito explodindo de calor. — Eu acho.

Fiquei observando atentamente sua reação, e quando ele tentou em vão disfarçar um sorriso, meu coração disparou.

— Eu não acho que gosto de você, Lizzie Young. — Ele olhou para a janela e sussurrou: — Eu *sei*.

Várias horas depois, quando quase todo mundo da festa já tinha ido embora, eu ainda estava esperando meu pai chegar. Mas não liguei. Na verdade, estava secretamente torcendo para que ele esquecesse de ir me buscar. Queria ficar bem ali com meus novos amigos.

Bem, a Claire não era bem uma amiga nova, mas seu irmão e os amigos dele eram. O garoto de cabelo escuro que se chamava Patrick Feely era super legal, mas meio tímido. E o outro se chamava Gerard Gibson e era muito *engraçado*.

Sentados em uma rodinha no chão, nós cinco estávamos brincando de telefone sem fio, um jogo em que tínhamos que sussurrar uma frase de um para o outro, e a última pessoa tinha que dizê-la em voz alta. O Gibsie era a última pessoa e nunca entendia a frase direito. Ele falava as coisas mais esquisitas, me fazendo dar tanta risada que minha barriga até doía.

— Lizzie, querida, seu pai acabou de me ligar — Sinead Biggs anunciou, entrando na sala no meio de outra rodada de telefone sem fio.

Ela se sentou no sofá e gesticulou para que eu me aproximasse, o que fiz sem demora. Eu gostava muito dela. Sinead tinha olhos castanhos que nem a Claire e uma voz gentil.

— Seu pai está atrasado — ela disse quando me sentei ao seu lado. — Eu não sabia que a sua mãe estava no hospital, meu bem.

— Sua mãe está no hospital? — Claire perguntou, olhando

para nós do seu lugar na rodinha. — Ela está bem?

Dei de ombros.

— Ela tem câncer.

Claire arregalou os olhos.

— O que é isso?

— A Caoimhe está em casa e seu pai me pediu pra te levar lá, mas tenho uma ideia melhor. — Sinead pegou minha mão e sorriu. Tinha um lindo sorriso. Parecido com o da minha mãe. — Você não quer sair pra pedir doces com a gente?

— Oba, oba, oba! — Claire comemorou antes que eu pudesse responder. — Vem com a gente, Lizzie, por favor. — Ela se levantou, correu até o sofá e se acomodou comigo. — É muito divertido e a gente sempre consegue uma tonelada de doces.

— Está bem! — Dei risada, tremendo pela força com que minha amiga puxava meu braço. — Eu vou.

— Oba, oba, oba! — Claire berrou alegremente, sem parar de puxar meu braço. — Ela pode ficar aqui, mãe? A Lizzie também pode dormir aqui? — Ela se inclinou sobre mim para agarrar os ombros da mãe. — Por favor, mãe, por favor. Os amigos do Hughie sempre dormem aqui. — Claire passou por cima de mim e se jogou no colo da mãe, implorando. — Por favor, mamãe, *por favor*! O Patrick e o Gerard vão dormir aqui hoje. Eu quero a Lizzie.

Ninguém nunca tinha falado assim de mim.

Mas a Claire falou.

Ela disse que *me* queria.

Meu coração bateu forte de tanta empolgação.

— Ela pode ficar no meu quarto, e prometo que vou dividir meus ursinhos com ela — Claire continuou. — Por favor, mamãe, ela é minha melhor amiga.

— Por mim tudo bem, mas talvez a gente devesse perguntar pra Lizzie primeiro o que ela quer fazer, né? — Sinead deu

risada. — O que acha, querida? — Ela sorriu para mim. — Você quer dormir com esse furacãozinho que é minha filha?

— Sim! — quase berrei, sem conseguir conter a animação. — Sim, por favor!

— Está de vigia?

— Estou.

— Tem certeza?

— Tenho. Só vai, Hughie.

— E se alguém pegar a gente, Gibs?

— Já joguei duas caixas e ninguém me pegou.

— É, mas você é sortudo, e eu sou cagado.

— Ah, meu Deus, só vai logo, seu bebezão.

— Vá se foder, Feely. Vai você.

— Por que eu? Não tenho problema nenhum com o Velho Murphy.

— Só porque não foi você que teve a bola furada pelo escroto.

— Gente, parem de falar palavrão.

— E se ele sair dessa vez?

— Vamos entrar, ok? Antes de sermos pegos.

— Até parece. A gente tem uma missão a cumprir.

— Talvez a Biggzinha tenha razão, gente. A sua mãe vai surtar se descobrir que a gente saiu e ainda trouxe as meninas junto.

— Cala a boca, Feely. Não precisamos dessa negatividade. Joga logo esse ovo, Hughie!

— Eu jogo. — Peguei dois ovos da bandeja, saí de trás do carro que usamos para nos esconder e corri pela entrada do inimigo mortal do Hugh e Gibsie.

Depois de lançar os ovos com toda a força que consegui, voltei para o esconderijo o mais rápido que pude.

— Caraca... — Hugh sussurrou, me olhando de olhos

arregalados. — Você é rápida *mesmo*.

— Te falei — respondi, sentindo minha barriga dar uma cambalhota com ele me olhando desse jeito.

Ele me olhou bastante quando saímos para pedir travessuras ou gostosuras, e eu também tinha gostado.

— Isso foi foda, nível Tomb Rider — Gibsie declarou, erguendo a mão para um high-five. — Você acertou as janelas dele.

— Foi divertido. — Dei risada e aceitei o high-five antes de pegar mais ovos. — Vou de novo.

— Isso é super péssimo — Claire grunhiu, cobrindo o rosto. — A gente vai se encrencar.

— Ok — Hugh disse, colocando a máscara para esconder o rosto. — Eu vou. — Ele pegou os dois últimos ovos da nossa última bandeja e saiu correndo meio agachado em direção à casa enquanto o Gibsie o incentivava do nosso esconderijo.

Só que assim que ele alcançou o jardim e tomou impulso para jogar os ovos, as luzes da varanda se acenderam e o velho apareceu.

— Peguei vocês, seus merdinhas — o homem rosnou, agarrando o Hugh pelo colarinho da camiseta. — Tira essa máscara e deixa eu ver com quem estou lidando!

— Ah, que droga! — Gibsie soltou, saindo do esconderijo para defender o nosso amigo, mas cheguei primeiro.

Disparei de trás do carro e corri até o velho, que estava agarrando o Hugh pelo colarinho, e me joguei nele.

— Solta ele — sussurrei, atirando os ovos que eu ainda tinha na mão antes de morder o seu braço.

— Meu Deus! — o velho gritou, soltando meu amigo e levando a mão ao peito.

Avancei sobre ele de novo, mas alguém segurou a minha mão e me afastou. *Hugh*, percebi, enquanto corríamos a toda

velocidade para os nossos amigos, na direção oposta à da casa.

— Cacete! — Hugh disse, rindo e ainda segurando minha mão, enquanto fugíamos da cena do crime. — Não acredito que você mordeu o Velho Murphy.

— Me desculpa — falei, me esforçando ao máximo para não ficar para trás. — Por favor, não fica bravo comigo.

— Bravo? — Ele me puxou para uma parede no final da rua. — Liz, você acabou de me salvar de um mês de castigo. — Estava ofegante pela corrida. — Não estou bravo com você. Estou grato.

— É mesmo? — perguntei, arfando, enquanto nos escondíamos. — Sério?

— Sério. — Hugh apertou minha mão e sorriu. — Obrigado por me salvar.

— De nada — respondi, sorrindo de volta.

— Isso foi bem foda — Gibsie disse, saindo dos arbustos com Patrick e Claire logo atrás. Ele veio até nós, passou o braço pelo meu ombro e riu. — Cara, a gente vai ter que ficar com essa garota.

— De acordo — Hugh e Patrick falaram ao mesmo tempo, e a Claire juntou as mãos e saltitou de empolgação.

— Viram só? Falei pra vocês que ela era a melhor.

— Você estava certa, ursinha — Gibsie disse, abrindo um sorriso radiante para ela. — Uma estrela é melhor que um quadrado.

Ergui as sobrancelhas.

— Quadrado?

— É. A gente é um quadrado, está vendo? — Gibsie apontou para os quatro e depois para mim. — Com você, somos uma estrela.

— Oba — Claire comemorou com a mão no peito. — Estou tão feliz!

— Certo, gente, pra dentro. — Gibsie esticou a mão, e todos nós colocamos as mãos pra cima. — Time Gibson no três.

— Sem chance — Hugh reclamou. — Tem dois Biggs nesse grupo, então devia ser Time Biggs no três.

— Esperem aí — Patrick disse. — Precisamos votar primeiro.

— Está bem — Hugh falou, erguendo a mão. Fiquei vermelha de calor. — Quem for a favor da Liz no grupo levanta a mão.

Todos levantaram as mãos.

Sorri de felicidade.

— Então é oficial — Hugh declarou, sorrindo para mim. — Você é uma de nós agora.

— Sou?

— Isso quer dizer que guardamos os nossos segredos e permanecemos juntos, não importa o que aconteça.

Meu coração disparou.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz. — Hugh sorriu de novo. — Não importa o que aconteça.

1º de novembro de 1994

Cegonhas, sementinhas e inseminação de vacas

HUGH

— Bem, o nosso casamento vai ser super especial — Claire estava tagarelando no café da manhã do dia seguinte. — Gerard vai usar terno, e eu vou usar um vestido branco de princesa, grande como o da Cinderela. — Ela enfiou metade da panqueca na boca e continuou: — E a gente vai ter um cavalo e uma carruagem que nem a da Barbie e do Ken, e a nossa noite de núpcias vai ser na lua.

— Não se esqueça dos bebês, ursinha — Gibsie observou ao seu lado, também devorando sua pilha de panquecas. — Vamos ter uns dez, né?

— Sim, Gerard, mas os bebês vêm depois da lua de mel — minha irmã disse. — Quando a gente se beijar e você me der o abraço especial.

Arqueei a sobrancelha.

— Abraço especial?

— Uhum — ela respondeu, assentindo vigorosamente. — Sabe, que nem o abraço especial que o papai deu na mamãe pra nos botar na barriga dela.

— Meu Deus do céu... — murmurei, colocando as mãos na cabeça enquanto a garota ao meu lado disfarçava a risada.

— Eles são tão esquisitos... — Lizzie sussurrou no meu ouvido, fazendo os pelos do meu braço se arrepiarem.

— Nem me fale — eu disse, ousando dar uma espiada nela.

Sim, meu coração continuava disparando quando eu olhava para ela.

— Não é assim que as coisas funcionam — Feely declarou para todos na mesa. — Touros têm bolas que nem os meninos, e vacas têm vaginas que nem as meninas. — Então ele limpou a garganta, munido de conhecimentos da vida na fazenda e pronto para destruir a inocência deles. — As bolas armazenam esperma, e o esperma precisa sair do pênis e entrar na vagina da vaca para que ela engravide.

O Gibsie e a Claire ficaram boquiabertos.

— É assim que a vaca fica prenhe — Feely continuou entre colheradas de cereal. — O touro tem que montar na vaca ou ela precisa ser inseminada artificialmente.

— O que é isso? — Lizzie perguntou, com os olhos tão arregalados quanto os do Gibs e da Claire.

— Por favor, não responde, Feely — implorei, pois já tinha ouvido exatamente o mesmo discurso do pai dele quando fui brincar na casa da família na primavera do ano passado e acabei no galpão de parto.

— O fazendeiro coleta o esperma do touro, o coloca na pistola de inseminação e o injeta na va...

— Beleza, Feely! — berrei, alto o bastante para bloquear a sua voz. — Lá, lá, lá, lá! Chega por hoje, cara.

— Eca! — Claire grunhiu, olhando para o Gibsie horrorizada. — Eca!

— Talvez a gente só tenha bichinhos de estimação — Gibsie sugeriu, passando mal. — Porque acho que não quero injetar

você com minha pistola de inseminação, ursinha.

— Concordo — Claire respondeu, entrelaçando o dedinho no dele. — Vamos ter só filhotinhos de gatos então.

— Que papo é esse de pistola de inseminação, rapazinho? — uma voz familiar perguntou, fazendo o Gibsie pular da cadeira.

— Pai! — Ele atravessou a cozinha correndo e se jogou no homem. — Você está aqui!

— Bem, o Pete comentou que ia levar a turma pra nadar — Joe respondeu, erguendo Gibsie nos braços.

Gibsie podia ter o mesmo cabelo loiro da mãe, mas as semelhanças paravam por aí. Ele era filho do Joe Gibson em todos os aspectos, tanto na aparência quanto na personalidade.

— Pensei que a gente podia se juntar a eles. — Joe deu um beijo na cabeça do Gibsie e o colocou de volta no chão. — O que acha, filho? — Ele bagunçou os cachinhos do menino. — Que tal dar uma acelerada no seu nado cachorrinho?

— Mas e a padaria?

— Fechar a padaria por um dia não vai me matar — o pai falou com um sorriso. — Além disso, prefiro passar meu tempo com meu melhor amigo.

Gibsie assentiu e ficou sorrindo por uns dez segundos até começar a chorar.

— Não sei por que estou chorando — ele tentou dizer para o pai em meio à enxurrada de lágrimas. — Estou feliz, pai, eu juro.

— Tudo bem, rapazinho — Joe o tranquilizou, puxando o rosto do filho para o seu peito. — Pode chorar. Você teve um ano difícil.

— Pois é. — Fungando, Gibs abraçou a cintura do pai e o agarrou. — Valeu, pai.

— Esse é o pai do Gibsie — sussurrei no ouvido da Lizzie. — A mãe deu um pé na bunda dele um tempinho atrás.

— Ah... — Ela olhou para mim com seus tristes olhos azuis. — Que ruim...

— É — sussurrei de volta. — O Gibs sente muita falta dele.

Então meu pai entrou na cozinha com o celular na mão.

— Patrick, filho, sua irmã está lá fora no carro te esperando — ele disse para o meu amigo e depois se virou para mim. — Acabei de ter uma conversa bastante interessante com o Donal Murphy ali na rua.

Ah, merda!

Feely, que estava se levantando da cadeira, congelou e logo em seguida se sentou de novo.

— Ah, é mesmo? — respondi, sem ousar olhar para os outros. Se eu fizesse isso, meu pai sacaria tudo. — O que ele queria?

— O homem está ligando pra todos os vizinhos — meu pai disse, coçando o queixo. — Parece que tacaram ovo na casa dele ontem à noite, e uma dessas crianças selvagens até teve a pachorra de arrancar um pedaço do braço dele.

Lizzie arfou e peguei a mão dela debaixo da mesa depressa. Eu não podia olhar para ela, pois acabaria sendo descoberto, então só fiquei fazendo carinho com o polegar para acalmá-la.

— Não me diga — Gibsie felizmente falou, fingindo surpresa. Ele mentia bem melhor que eu. — Onde foi isso? — perguntou, se aproximando de nós na mesa da cozinha.

— Na varanda da casa dele — meu pai disse. — Tinha outras crianças, mas estavam todas de máscara, daí o Murphy não tem certeza de quem eram.

Mentalmente, relaxei de alívio.

— Esse é o Velho Murphy? — Joe perguntou para o meu pai. — Aquele ranzinza da nossa rua que gosta de ficar aterrorizando a vizinhança?

— Esse mesmo — meu pai respondeu, segurando a risada. —

Garanti a ele que não podia ser ninguém da nossa turma porque estavam todos na cama. — Ele olhou para nós. — Né, *turma*?

Todos fizemos que sim, convictos.

— Isso.

— Bem, tomara que essa "criança selvagem" tenha arrancado um bom pedaço dele — Joe comentou, dando uma piscadela. — Quem sabe ele não fica menos ranzinza?

1º de novembro de 1994

De volta para Robin Hill Road

LIZZIE

Quando cheguei em casa no dia seguinte à festa do Hugh, minha irmã foi me receber na porta. Meu pai ainda estava no hospital com minha mãe, e apesar de estar muito preocupada com ela, eu não conseguia parar de sorrir.

Porque o dia anterior tinha sido o melhor da minha vida. Esta manhã também. Com os meus *amigos*. Eu não queria voltar para casa, mas sabia que não podia ficar na casa deles para sempre. Morreria de saudade da minha mãe. Mas, como ela não estava ali, eu me sentia sozinha.

Ainda assim, saber que agora eu tinha cinco amigos ajudava a manter o sorriso no meu rosto.

Hugh.

Claire.

Gibsie.

Shannon.

Patrick.

E *eu*.

— Seus remédios — Caoimhe me lembrou assim que fechou a porta. — Agora mesmo, mocinha. — Ela pegou minha mão,

me levou até a cozinha e ficou procurando o frasco de comprimidos com o meu nome em um dos armários. Havia muitos frascos daqueles ali. — Aqui — ela disse, abrindo a tampa e me entregando uma pílula. — Você sabe o que fazer.

Soltando um suspiro pesado, fui até a pia e peguei um copo do escorredor. Depois o enchi de água da torneira, engoli o comprimido e abri a boca para que minha irmã a inspecionasse.

— Boa, garota — ela falou em tom de aprovação e depois me deu um abraço. — Agora me conta da sua noite.

— Foi muito legal — eu disse, sentindo a animação voltar. — E fiz novos amigos. Agora tenho cinco amigos, Caoimhe. Cinco! Claire, Shannon, Patrick, Gibsie e Hugh!

— Vamos. — Ela se sentou em uma cadeira na mesa da cozinha, apoiou o queixo na mão e sorriu. — Me conta todos os detalhes.

— Depois da festa, a gente foi pedir doces e depois vimos *Abracadabra* e lanchamos à meia-noite e... — Parei na hora de pular a parte dos ovos. — Ficamos acordados até tarde, e daí a Sinead fez panquecas pro café da manhã. — Me joguei na cadeira ao seu lado e suspirei alegremente. — Acho que eu amo ele.

— Qual deles?

— O Hugh — falei com a mão no peito. — Ele é tão legal, Caoimhe! Tipo, muito legal, e é bonito também e ele segura a porta pra mim e me deu um travesseiro extra do quarto dele e cortou a minha panqueca quando eu não consegui cortar. — Soltei outro suspiro, já com saudade. — Ele é tão *fofo*!

Minha irmã deu risada.

— Então está rolando uma paquera forte.

— Como a mamãe está? — perguntei. — Ela vai voltar pra casa logo?

— O papai ligou e disse que ela volta em um dia ou dois. Está se sentindo bem melhor.

Fiquei aliviada.

— Graças a Deus.

— Pois é — ela comentou, apertando minha mão. — Agora, o que acha de assistir a um filme de terror na sala e dividir com sua irmã mais velha os doces que você descolou?

Mais tarde naquela noite, enfiada na cama, ouvi o som familiar da porta do quarto se abrindo e, quando ergui os olhos do meu livro de historinhas, vi o Mark na porta.

— Ei, baixinha — ele disse, trancando a fechadura. Meu estômago se contorceu. — O que está fazendo acordada até tarde?

— Lendo. — O pânico me dominou, e senti meu corpo enrijecer assim que ele se aproximou. — Por que está aqui?

— Vim fazer companhia pra sua irmã — o Mark falou, se sentando na minha cama. — Ela apagou no sofá, e pensei em dar uma olhadinha em você.

O Mark estava sempre dando uma olhadinha em mim.

Eu costumava achar ok, mas agora não tinha mais certeza.

Achava que não queria mais que ele viesse.

Não queria que ele me consertasse de novo.

Nunca mais.

— O meu pai ainda não chegou?

— Não. — Ele sorriu e pôs meu cabelo atrás da orelha. — É só a gente, baixinha.

— Quando o *seu* pai vai vir te buscar?

— Vou dormir aqui hoje — ele respondeu, colocando a mão no meu ombro. — Seu pai vai ficar no hospital com a sua mãe, então eles não vão saber.

— Ah... — O pânico foi aumentando. — Tá...

— Então, sua irmã me falou uma coisa hoje que não me deixou contente.

— O quê?

— Ela disse que você dormiu na casa de um menino ontem.

— Do Hugh. — Sorri sem perceber. — Ele é muito legal.

— Hum... — Mark não pareceu satisfeito. — Não sei como me sinto com você me traindo desse jeito, baixinha.

— Como assim? — perguntei, confusa.

— Não quero dividir você.

Um tremor me percorreu.

— Me dividir?

— Você é especial pra mim, lembra? — Ele colocou a mãozorra na minha perna. — E não quero que você seja especial pra mais ninguém.

Meu rosto ficou quente.

— Você está ficando vermelha. — Ele se inclinou pra perto e sussurrou: — Gosto quando você fica vermelha por causa de mim.

Eu não estava ficando vermelha, estava assustada. Mas, se eu lhe dissesse isso, ele ficaria zangado comigo, e sempre doía mais quando ele estava zangado. Era melhor não o irritar. Estremeci, sentindo algo estranho na barriga.

— Sabe o que eu acho, baixinha? — Mark foi subindo os dedos pela minha perna. — Acho que você está precisando do meu remédio especial de novo. — Ele me observou. — Você não quer acabar que nem a sua mãe, né? — Então, enfiou a mão debaixo da minha camisola. — Apodrecendo de doença numa cama de hospital?

Balancei a cabeça, tristonha.

— Mas dói.

— Só por um tempinho — ele disse, envolvendo meu pescoço. — Você aguenta. — Ele me imprensou na cama e

ergueu minha camisola até a cintura. — Que nem das outras vezes.

Sem conseguir parar de tremer, fechei os olhos e pensei em coisas felizes.

No *Hugh*.

19 de novembro de 1994

A donzela e o cavaleiro valente

HUGH

Aquilo foi uma péssima ideia.

Percebi assim que a Liz escorregou da árvore em cima de mim, fazendo nós dois cairmos de bunda. E tive certeza enquanto me equilibrava em um galho e a observava cambalear feito um potro recém-nascido.

Eu podia me considerar morto se algo acontecesse com ela.

Se minha mãe não me matasse, minha irmã me mataria.

— Cuidado — falei, sem conseguir disfarçar a preocupação.

Eu devia ter sido mais esperto e não topado subir na árvore, sendo que choveu o dia todo ontem. Sim, os galhos estavam secos, mas ainda escorregadios. O problema era que eu parecia perder todo o juízo quando a Lizzie Young estava por perto.

Aquela manhã, por exemplo, eu deveria estar treinando rúgbi, como todo sábado, mas a Liz tinha dormido com a Claire, e quando me perguntou se eu queria fazer alguma coisa, resolvi matar o treino sem nem pensar duas vezes.

Ela subiu em um galho particularmente instável da árvore, o mesmo em que eu estava, se balançou sem *nenhuma* graça e estendeu um pau à sua frente. Com um sorriso travesso, girou

o graveto com um floreio antes de apontá-lo para o meu coração.

— Te desafio pra um duelo, cavaleiro valente.

— Um cavaleiro valente jamais duelaria com uma moça — falei, imitando o sotaque britânico que ela havia usado. Em seguida, fiz uma reverência exagerada, tirando o chapéu imaginário para ela. — Milady...

— Vamos, meu bom cavaleiro, se apresse — ela me desafiou, se inclinando sobre o galho para me cutucar no peito com o graveto. — Pois tenho pouco tempo para aturar comentários desagradáveis como esse.

— Eu não poderia fazer isso, milady — respondi, colocando minha espada imaginária a seus pés. — Agora, preciso implorar para você recuar antes que se machuque.

Lizzie estreitou os olhos e saiu do personagem.

— Vamos! Luta comigo, Hughie.

— Você vai cair e quebrar a bunda — falei, rindo, achando graça das suas palhaçadas. — É melhor recuar antes que acabe se matando.

— Ah, é? — Ela atirou o graveto longe, deu uma piscadela e pulou para fora do galho.

— Lizzie! — berrei. Meu coração parou de bater enquanto eu olhava horrorizado para a loira parecendo uma panqueca no gramado abaixo. — Você está bem?

A risada dela foi como música para os meus ouvidos, e quando ela se virou de barriga para cima e fez um joinha, meu corpo inteiro relaxou de alívio.

— Você é uma donzela de merda.

— Porque não quero ser uma donzela — ela retrucou, sorrindo. — Quero ser um cavaleiro que nem você.

— Ei, Liz, tem certeza que não quer ir pra aula de balé comigo? — Claire perguntou do pátio de tutu cor-de-rosa e

meia-calça branca. — A sra. Good deixa as meninas fazerem uma aula experimental pra ver se gostam.

— Hum... não, obrigada — Lizzie respondeu, um pouco chocada.

Cobri a boca para disfarçar a gargalhada.

Esparramada no meu gramado com uma jardineira jeans e uma camisa xadrez larga, a Liz era o completo oposto da minha irmã.

Eu adorei aquilo.

— Hugh, posso conversar com você, querido? — minha mãe disse, se juntando à Claire na porta.

— Claro, mãe — falei, descendo da árvore com movimentos precisos. Me sentindo um pouco travesso ao pousar no chão, peguei a "espada" da grama e a coloquei aos seus pés de novo. — Milady...

Ela sorriu para mim.

— Cavaleiro valente...

Fiz uma reverência dramática antes de ir até a minha mãe.

— O que foi?

— Entre um minutinho — ela pediu.

Depois, falou para a Claire sair para brincar com a Liz até dar a hora do balé.

— Algum problema? — perguntei, observando minha mãe com atenção. — Mãe?

Ela começou com:

— Como a Lizzie está? Ela está bem? Comentou alguma coisa com você ou a Claire?

Franzi a testa.

— Tipo o quê?

Minha mãe suspirou.

— Acabei de receber uma ligação da mãe dela.

— E aí?

— A mãe da Lizzie está muito doente, Hugh. — Ela botou a mão no meu ombro. — Está enfrentando a terceira batalha contra o câncer.

— Certo — respondi, ainda de testa franzida. — Ela não está melhorando?

— Sim e não — minha mãe disse, soltando um suspiro pesado. — Mas a recuperação da Catherine é um processo lento e está afetando a família, especialmente a Lizzie. Ela está muito preocupada com a filha.

— Mas a Liz nunca comenta nada da família — falei, sem entender. — Pensei que estava tudo bem, que a mãe dela estivesse melhorando.

Minha mãe assentiu e ficou pensando na minha resposta até me fazer outra pergunta.

— A Lizzie já conversou com você sobre os sentimentos dela?

— Que tipo de sentimentos?

— Sobre sentir medo ou ouvir vozes assustadoras — explicou, em um tom cauteloso. — Ou talvez sobre algumas preocupações?

— Hã? — Balancei a cabeça, confuso. — Como assim?

— Deixa pra lá. — Ela abriu um sorriso. — É tudo o que eu precisava saber.

— O que está acontecendo, mãe? — perguntei, agora preocupado. — A Lizzie está bem?

— Sim, querido, está ótima — minha mãe respondeu, passando a mão pelo meu cabelo. — Falei pra Catherine que estamos felizes em receber a Lizzie sempre que for necessário enquanto ela se recupera. Então, acho que a Lizzie vai passar bastante tempo aqui nos próximos meses.

— Sério? — A empolgação ganhou vida dentro de mim, se misturando à confusão que eu estava sentindo com aquela conversa. — Que bom!

— Você é um bom garoto, Hugh, e sei que é emocionalmente maduro e que eu nem precisaria te pedir isso, mas, por favor, fica de olho nela. — Minha mãe fez carinho no meu rosto e abriu um sorriso triste. — A Lizzie é uma garotinha muito frágil e precisa de alguém cuidando dela.

— Pode deixar — prometi, olhando pela janela do pátio para a loirinha girando com sua jardineira jeans. — Vou cuidar dela, mãe, prometo.

3 de dezembro de 1994

Mergulhando fundo

LIZZIE

Borbulhando de empolgação, fiquei segurando a mão da minha mãe durante todo o caminho do vestiário até a piscina. Ela ainda estava enjoada e não podia entrar na água, mas foi *mesmo assim* quando Sinead Biggs nos convidou. Falou que aquilo era um presente para todos nós.

Eu ficava doida para entrar na piscina quando via meus amigos brincando na água. Mas estava me esforçando muito para ser uma boa menina e não cometer nenhum erro, pois meu pai também estava ali, e se eu não me comportasse bem, não poderia voltar para a piscina outra vez.

Eu tinha que ser boazinha.

Não podia errar.

— Catherine? — Sinead chamou, se levantando de uma espreguiçadeira assim que cheguei com minha mãe. — Sou a Sinead Biggs. É um prazer finalmente te conhecer.

— Digo o mesmo — minha mãe respondeu, apertando a mão dela. — Muito obrigada por ser tão boa pra Lizzie. Tenho uma dívida eterna com você.

— Imagina — Sinead disse, ajudando minha mãe a se

acomodar em uma espreguiçadeira ao lado da sua. — A Lizzie é uma graça. É bem-vinda na nossa casa sempre que quiser.

— Meu filho leva essa coisa de política de portas abertas no sentido literal — outra mulher falou, rindo, de uma espreguiçadeira próxima. — Juro que a Sinead vê mais o Gerard que eu. — Ela se inclinou para o lado e ofereceu a mão para a minha mãe. — Sadhbh Gibson... Você é a mãe da Caoimhe, né? Ela é uma bênção, Catherine. De verdade.

— Muito obrigada. — Minha mãe sorriu e apertou sua mão. — É ótimo enfim conhecer vocês.

As três começaram a conversar, e eu também sorri, feliz pela minha mãe. Era bom ver que ela estava sorrindo de novo. Sadhbh e Sinead não ficavam encarando o lenço na cabeça dela nem olhavam para ela com pena. Apenas a tratavam como se ela fizesse parte da turma.

Assim como seus filhos faziam comigo.

— Você está aqui — Hugh comentou logo antes de sua mão envolver meu tornozelo. Ele sorriu para mim da água. — O que está esperando?

Dei uma olhada em volta, procurando meu pai, e, como não o encontrei, recuei alguns passos e saí correndo para pular na água.

— Você é doida? — Hugh disse, dando risada e me observando nadar até ele. — Não pode pular assim no fundo. Você é pequena demais.

— Se você consegue, eu também consigo.

Ele sorriu.

— Então por que está afundando?

Estreitei os olhos.

— Porque nunca fiquei sem encostar no fundo antes.

Hugh gargalhou e se aproximou.

— Se segura em mim.

Fiz isso e deixei que ele nos conduzisse para a beira da piscina.

— Pronto. Usa a minha mão pra se erguer — ele me instruiu, oferecendo um apoio para o meu pé.

Saí da água e me sentei na borda da piscina, sorrindo para ele.

— Estou caidinha por você.

Pelo menos foi o que a Caoimhe disse. Eu não sabia o que estava acontecendo até contar sobre os *borboluços*. Ela deu risada e explicou que eu estava gostando de um garoto.

As bochechas dele ficaram vermelhas feito um pimentão.

— Você não devia dizer isso, Liz.

— Mas é verdade — falei.

— Mesmo assim. — Ele olhou em volta e depois acrescentou: — Os garotos vão tirar com a nossa cara se te ouvirem falando assim.

— E daí?

— Daí que... — Ele ficou pensando por um momento e então balançou a cabeça. — Sei lá.

Sorri.

— Você também tem uma quedinha por mim?

— Meu Deus.

Ele ficou vermelho e mergulhou na água, reaparecendo poucos segundos depois, bem mais longe.

— Espera! — falei. — Você não me respondeu.

— Sim — ele disse por cima do ombro, nadando de volta para os nossos amigos. — A resposta é sim!

Me levantei e levei a mão ao peito, sem conseguir impedir que o sorriso se espalhasse pelo meu rosto.

Porque ele também tinha uma quedinha por mim.

Hugh Biggs gostava de mim.

— Volta pra mim — pedi, pulando na água e batendo as

pernas.

Eu não sentia o mesmo medo que os outros pareciam sentir quando a cabeça deles ficava debaixo d'água ou quando a água entrava no nariz. Quanto mais dor eu sentia, mais calma minha mente ficava.

— Você é doida — Hugh disse, rindo e passando o braço em torno de mim. — O que teria feito se eu não voltasse pra te salvar?

— Eu sabia que você ia voltar — respondi, também rindo e envolvendo seu pescoço enquanto ele nos levava para a parte rasa da piscina.

— Ah, é? — ele falou, me soltando assim que consegui ficar de pé. — Como?

— Confio em você — declarei. — Você faz eu me sentir segura.

Ele ficou confuso e franziu a testa.

— Você sempre vai estar segura comigo.

— Eu sei. — Taquei um pouco de água nele. — Não importa o que aconteça, né?

— É, Liz. — Hugh deu risada, jogando água em mim. — Não importa o que aconteça.

17 de dezembro de 1994

Namorados sem-vergonha e irmãos corajosos

HUGH

— Eu conheço a sua irmã. — Essas foram as primeiras palavras que saíram da boca da minha irmã quando a irmã da Lizzie entrou pela nossa porta no sábado antes do Natal. — Ela é minha melhor amiga da escola, mas o Gerard é meu melhor amigo do bairro.

— É mesmo? — Caoimhe falou, rindo e deixando que a Claire a levasse pela escada para mostrar sua coleção de bonecas.

— Vamos voltar lá pra uma e meia — minha mãe me disse, passando batom no espelho. — Se precisar de qualquer coisa ou se tiver algum problema, quero que ligue pra Sadhbh, ok?

— Não vou ligar pra Sadhbh — respondi, franzindo o nariz de desgosto. — Ela está com aquele homem de novo.

— Hugh... — minha mãe me repreendeu. — Não é da nossa conta, lembra?

— Que seja, mas o Joe é bem melhor — grunhi.

— Claro que você acha isso — ela disse, dando risada. — Ele é seu padrinho e te mima pra caramba.

— Não, estou falando porque é verdade — retruquei, bufando. — Vou ligar pro Joe se eu precisar de um adulto.

— O Joe está com as crianças esse fim de semana — minha mãe me lembrou, ajeitando o vestido. — Então, por favor, só liga pra Sadhbh se precisar.

— Vou ligar pro vovô Healy, e essa é minha última oferta — falei com firmeza.

— Está bem. Pode ligar pro vovô — ela cedeu, gargalhando. — Ah, e a Caoimhe perguntou se o Mark Allen pode vir assistir a um filme com ela quando vocês tiverem ido dormir. Falei que sim, mas que ele teria que ir embora às onze, então fica de olho nas coisas, ok?

— Mark Allen? — Olhei para a minha mãe perplexo. — O *filho* do namorado da Sadhbh?

— Hugh...

— Aff! — resmunguei, fazendo cara feia. — Por que é que alguém ia querer ver filme com *ele*?

— Também não é da nossa conta.

Eu tinha encontrado o Mark algumas vezes, e o Gibs não mentiu quando disse que o garoto era um babaca. Ele se achava mais durão e mais legal que a gente só porque era adolescente, sendo que, na verdade, só era mais babaca mesmo.

— Odeio esse cara!

— Hugh!

— Você me ensinou a não mentir, mãe.

— Também te ensinei a se comportar — ela disse com um sorrisinho. — Sei que a Caoimhe é sua babá, mas você é o homem da casa quando seu pai não está, então tem que cuidar da sua irmã.

— Meu Deus, mãe, você está linda! — comentei, observando o vestidinho vermelho todo cintilante que ela tinha colocado. — Você é muito mais elegante do que eu pensei.

— Ora, obrigada, filho — ela falou, rindo e apertando minha bochecha. — Que galanteador você!

— Ele puxou o pai — meu pai interveio, vindo da cozinha com os casacos no braço. — Certo, amor, vamos nessa. O táxi está lá fora.

— Espera, espera, espera, acho que esqueci uma coisa. — Minha mãe deu risada enquanto ele a conduzia até a porta. — Preciso dar um beijo nos meus amores antes de ir.

— Seu amorzão está bem aqui — ele disse, abrindo a porta e carregando minha mãe pelas escadas da varanda. — E você pode dar um beijo nele dentro do carro.

— Eca! — resmunguei, fechando a porta. — Já vão tarde...

Duas horas depois, eu tinha que admitir que ficar com a Caoimhe Young era bem melhor que ficar com a sra. Grady. Eu me senti mal por pensar isso, mas era verdade. A Caoimhe tinha bastante energia para lidar com a Claire, o que significava que eu não tinha que ficar atrás dela caso ela saísse correndo pela casa, pegasse a tesoura ou se apossasse da maquiagem da nossa mãe. A Caoimhe fazia tudo isso, e eu podia ficar jogando no computador em paz.

— A gente fez cookies pra você — Claire anunciou, quase arrancando a porta do meu quarto enquanto eu xingava mentalmente. Que saco! — Vamos, Hugh. Vamos lá embaixo experimentar.

Eu não queria comer nada que tivesse os dedinhos imundos da minha irmã. Estava familiarizado demais com os insetos bizarros que ela colecionava com o Gibs, mas, conhecendo a Claire, sabia que ela tentaria me enfiar esses cookies goela abaixo quando eu estivesse dormindo se eu não concordasse. Era uma batalha perdida, então parei o jogo e desci até a cozinha.

Como eu esperava, os cookies pareciam ter sido cagados pelo cachorro do vizinho, mas peguei um e dei uma mordida para satisfazer a demônia de cabelos cacheados dando piruetas pelo cômodo.

— Hum... — murmurei, alisando a barriga. — Está delicioso. — Não estava, mas também não estava ruim. — Bom trabalho.

Caoimhe revirou os olhos e deu risada.

— A minha irmã estava certa. Você *é* fofo.

Minhas bochechas ficaram vermelhas, e quase engoli o cookie inteiro para responder.

— A Liz disse que eu sou fofo?

— Uhum. — Ela sorriu, se recostou no balcão da cozinha e secou as mãos no pano de prato. — Entre outras coisas.

— Tipo o quê? — perguntei, tentando inutilmente agir com naturalidade. — Tipo, hum, ela falou de mim?

— *Oun*, olha só você ficando vermelho por causa da minha irmã. Que gracinha!

— O Hugh está apaixonado — Claire se intrometeu. — Ele quer beijar a sua irmã.

— Claire! — gritei, sentindo o rosto esquentar. — Para com isso. Você sabe que não quero.

— Mentiroso — Claire disse, dançando até a nossa babá. — Ele vive me perguntando dela.

— É *mesmo*? — Os olhos da Caoimhe brilharam, travessos. — Que tipo de perguntas ele te faz?

— Tipo: qual é a cor favorita dela, se ela gosta de dinossauros, quem é seu escritor preferido e também se ela fala dele na escola — minha irmã respondeu, dando risada. — Ele até faz desenhos pra Lizzie e escreve bilhetinhos e me pede pra entregar pra ela.

Grunhindo, lutei contra a vontade de subir as escadas correndo e morrer de vergonha sozinho.

— A Lizzie também faz desenhos pro Hughie — Claire continuou, espalhando todos os meus segredos enquanto acompanhava a Caoimhe até a sala. — E escreve bilhetes cheios de coraçõezinhos que tenho que trazer pra ele.

— Ah, meu Deus! — Caoimhe soltou, se sentando no sofá ao lado da Claire. — Essa é a coisa mais fofa que já ouvi.

— Acho que o Hughie tá namorando a Lizzie — Claire disse. — Que nem o Gerard é o meu namorado.

— Não estou, não — falei, todo suado e sem jeito, parado na porta. — E o Gibsie também não é seu namorado. — Balancei a cabeça, agitado. — Ele só é seu *amigo*. Que nem eu e a Liz.

— Nada disso, Hughie — minha irmã retrucou, gesticulando para que eu me sentasse com elas. — O Gerard diz que vai se casar comigo quando eu for mais velha.

— Oun! — Caoimhe disse, dando risada. — O meu Gibzinho falou que ia casar com você?

— Sim. — Claire abriu um sorriso orgulhoso. — Só que a gente vai pegar uns gatinhos depois da lua de mel, e não pistolas de inseminação.

— Podem me matar... — murmurei, afundando no sofá. — Sério.

— E você? — Claire perguntou, subindo no colo da Caoimhe. — Tem namorado?

— Com certeza — ela respondeu, sorrindo. — Na verdade, acho que vocês devem conhecer o meu namorado. É o Mark Allen.

— Credo! — Claire se afastou, horrorizada. — Eca!

Caoimhe deu risada.

— Você não gosta dele?

Minha irmã fez que não.

— O pai dele beijou a mãe do Gerard sendo que não podia — ela explicou, franzindo o narizinho. — O Gerard disse que eles

traíram o pai dele.

— Ah, caramba! — Caoimhe suspirou. — Isso não é bom, né?

— Não. É bem ruim.

— Às vezes os adultos fazem coisas ruins. Mas só porque eles fazem coisas ruins, não significa que devemos culpar os filhos deles.

Claire ficou confusa, mas eu sabia *exatamente* o que a Caoimhe estava tentando fazer.

— Não é culpa do Gibsie, né? — Caoimhe esclareceu com um tom gentil.

— Não.

— Isso. — Ela sorriu. — Então também não é culpa do Mark.

Minha irmã ficou chocada e fez uma careta.

— Hum...

Ergui a sobrancelha, incrédulo, e bufei.

— Tem algo a dizer, Hugo Boss?

— Sim: o Gibs é criança e o Mark faz bullying.

— Com quem?

— Com o Gibsie.

Caoimhe ficou me encarando, e vi que ela não acreditava em mim.

— Você está enganado. O Mark é ótimo depois que a gente conhece ele.

Não, obrigado.

— Você ama ele? — Claire perguntou, trazendo a atenção da nossa babá de volta para si. — Ele segura a porta pra você?

— Sim — ela disse, sorrindo. — O Mark faz várias coisas legais pra mim.

— Sério?

— Uhum.

— Que tipo de coisas?

— Certo, vou pra cama — declarei, me levantando e dando

tchauzinho.

Se fosse para ficar acordado até tarde ouvindo minha babá tagarelar sobre o babaca do namorado para a coitada da minha irmã, era melhor dormir logo.

Fui até a janela do quarto e olhei para a janela do Gibsie do outro lado da rua. Estava escura. Vi a van estacionada na garagem dele e fiquei contente por ele estar passando o fim de semana na casa do pai.

Me ajoelhei ao lado da cama e fiz minhas orações rapidamente antes de me enfiar debaixo do cobertor. Demorei mais tempo que o normal para pegar no sono, e pensei até em ligar a televisão, mas mudei de ideia. Se eu fizesse isso, ficaria com vontade de jogar videogame e acabaria passando a noite em claro.

Pouco depois, ouvi a porta da frente se abrindo e fechando e me concentrei para ouvir as vozes abafadas.

Escutei uma voz masculina.

Fiquei confuso, porque eu conhecia a voz do meu pai, e não era ele.

Me virei de lado, tentando dormir, sentindo os olhos pesados. Mas uma sensação estranha me atormentava.

Foi então que lembrei das palavras da minha mãe.

Mark Allen.

Ele tinha vindo ver filme.

Mas que droga!

Afastei as cobertas, pulei para fora da cama e desci para dar uma olhada neles. Quando cheguei na sala e vi aquele adolescente de cabelo escuro sentado no meu sofá com minha irmã no colo, a apreensão me dominou.

Não sei explicar por que ficava tão desconfortável ou os pelos da minha nuca se arrepiavam assim que eu botava os olhos nele. Mas isso *sempre* acontecia. Era como se eu fosse o Peter

Parker com a intuição do Spidey me dizendo que o Mark Allen *não* era legal. Nem um pouco.

— Claire! — berrei, pisando duro pela sala. — Não... — Parei na frente deles, agarrei a mão da minha irmã e a arranquei do colo dele. — Você não pode sentar no colo de estranhos.

— Mas não tem problema, porque ele logo vai virar irmão do Gerard — minha irmã disse, me observando com seus enormes olhos castanhos. — Ele não é um estranho.

— Não importa. — Sem soltar a mão dela, eu a levei para o outro lado do sofá e me virei para ele. — Não encosta na minha irmã de novo — avisei, parado na frente dela. — Nunca mais.

— Eita, Hugh, está tudo bem — Caoimhe falou ao lado do Mark. — A gente só estava vendo um filme. Sua mãe deixou. — Sorrindo, ela gesticulou para o bully que a abraçava. — Quer ficar aqui com a gente?

— Você vai pra cama? — perguntei para a minha irmã, ignorando o Mark, que estava tentando falar comigo.

— Não. — Claire sorriu e apontou para a televisão. — Vou ficar pra ver *Olha quem está falando*.

— Beleza. — Assenti e me sentei com ela. — Então também vou.

— Você está sendo super grosseiro — Claire sussurrou no meu ouvido.

Eu sabia, e estava com medo de me encrencar com meus pais.

Me esforçava para ser bom, para fazer a coisa certa, mas desta vez não consegui me controlar.

Não gostei nem um pouco daquilo.

Parecia errado.

— Não senta no colo dele — sussurrei de volta.

— Por quê?

Não sei.

— Só não senta, ok?

— Ok.

— Sério. — Ergui o dedinho para ela. — Promete.

— Prometo — ela respondeu, entrelaçando o dedinho no meu antes de se deitar no meu colo.

Normalmente, eu mataria minha irmã por isso, mas não aquela noite.

Em vez disso, passei o braço sobre seus ombros e a mantive bem pertinho.

31 de dezembro de 1994

Comemorando o ano-novo

LIZZIE

— Você está bem? — perguntei para o Gibsie, apesar de já saber a resposta.

Era véspera de Ano-novo e estávamos sentados na mesa da minha cozinha enquanto a mãe dele e o Keith bebiam champanhe com os meus pais.

— Ah, vou ficar — ele respondeu com tristeza. — Valeu por me convidar pra sua festa, Liz.

A festa era dos meus pais, não minha. Eles tinham decidido organizar uma festa para agradecer a todos os amigos pelo apoio durante o ano.

Minha mãe estava fora da cama com um lindo vestido e meu pai parecia verdadeiramente feliz. A cozinha estava cheia de adultos cujos nomes eu não sabia, e a Caoimhe e o Mark estavam com a sala lotada de amigos da escola deles.

Estiquei o braço, peguei a mão do Gibsie e sussurrei:

— O Keith é um escroto.

Isso o fez sorrir, então quebrei a cabeça procurando mais palavrões.

— O Keith é um escroto idiota, filho da puta e desgraçado.

Daí ele gargalhou.

— Ele é um desgraçado *mesmo*.

Sorri.

— É.

Quando a campainha tocou, o Gibs e eu nos entreolhamos antes de disparar para a porta.

— Ele chegou! — berrei.

Na mesma hora, ele comemorou:

— Ela chegou!

Empurrei o Gibsie para o lado com o corpo, agarrei a maçaneta um segundo antes dele e dei um sorriso vitorioso. Podia ser uma bobeira, mas eu queria receber o Hugh na minha casa. Queria ser a primeira pessoa a ver o rosto dele. Na verdade, queria ver o rosto dele o tempo todo. Todos os dias.

Então abri a porta com tudo e, ao dar de cara com a família Biggs, tive que me controlar para não me jogar nele.

Eu queria muito.

Muito mesmo.

Porque pensava nele o tempo *todo*. Meu rosto ficava quente quando Hugh sorria para mim, e eu queria passar todo o meu tempo perto dele. Mesmo quando eu devia estar brincando com a Claire, sempre procurava por ele, secretamente torcendo para que entrasse no quarto e se juntasse a nós. Eu adorava as coisas que Hugh falava. Ele era tão esperto e vivia me ensinando de tudo. Estrelas, constelações, natureza, livros, filmes, música. Ele era a minha enciclopédia pessoal.

— Gerard! — Claire exclamou, passando direto por mim para abraçar o nosso amigo. — Você está super lindo de camisa.

— Valeu, ursinha — ele respondeu, dando risada. Estava bem mais relaxado agora que ela estava ali. — E você está parecendo uma princesa. — Passou o braço pelos seus ombros e seguiram os pais dela para a cozinha, enquanto eu permanecia congelada

no lugar, com a atenção voltada para o único garoto que eu queria olhar.

Ele estava usando uma camisa xadrez vermelha por dentro de uma calça jeans escura, com botas marrons. Seu cabelo estava bem penteado, mas ainda caía para a frente que nem o do Junior do filme *O Pequeno Grande Time*.

Hugh sorriu para mim.

— Oi.

Abri um sorriso radiante para ele.

— Oi.

— Obrigado pelo convite. — Hugh ergueu um cartão familiar e deu uma piscadinha. — Belo G.

Meu rosto pegou fogo.

— Andei praticando.

— Deu pra perceber. — Sem parar de sorrir, ele entrou e seu braço roçou no meu, me fazendo *borboluços* doidos.

Não consegui me conter e me inclinei para dar uma fungada nele. Seu cheiro era exatamente como eu me lembrava: grama recém-cortada, sabonete, morango e Hugh.

— Você estava me cheirando de novo? — ele perguntou, dando uma risadinha.

— Gosto do seu cheiro.

— Acabei de tomar banho. — Hugh ergueu o braço e deu uma cheirada no sovaco e, depois, deu de ombros. — Usei o mesmo sabonete de sempre.

— Sua mãe coloca bolhas na banheira?

— Sim.

— Gosto de bolhas.

— Eu também.

— Mas não gosto mais da banheira.

— Por que não?

— Ela arde.

Ele franziu a testa.

— Arde?

Fiz que sim.

— É.

Seus olhos foram tomados por uma confusão.

— Não acho ardida.

Dei de ombros.

— Talvez seja só a minha banheira então.

— Talvez. — Ele ficou me observando, e senti meu corpo esquentar. — Você está toda arrumadinha. — Sorriu, deu um peteleco no meu laço e brincou: — Nem parece a Lizzie.

— Minha irmã me obrigou a usar esse treco. — Fechei a porta, corando. — Obrigada por vir.

— Sua casa é enorme. Tipo, imensa.

— É. — Parada no corredor, juntei as mãos e o encarei. — Ela é bem velha.

— Tem cara mesmo. — Ele pareceu muito interessado nas paredes. — É bem legal.

— Sério?

— É. — Seus olhos encontraram os meus por um momento e meu rosto pegou fogo de novo. — Meu pai é arquiteto, então eu meio que adoro este tipo de lugar. — Ele se virou devagar com os olhos focados nos entalhes do teto. — Georgiano?

— Hum, o nome do meu pai é Michael. Ele está na cozinha.

Hugh franziu a sobrancelha por um breve instante até um sorriso se espalhar pelo seu rosto.

— Você é tão fofa!

Arregalei os olhos.

— Eu sou fofa?

Ele deu um meio-sorriso, mas não respondeu.

— E aí, milady? Que tal um tour pelo palácio com seu cavaleiro valente?

— Você é tão esquisito! — Dei risada, peguei sua mão e o conduzi para a escada. — Vamos.

— Ei, sabia que o tata-tata-tata-tata-tata-tataravô da sua mãe lutou no Cerco de Cork em 1690?

— São tataravôs demais, Hugh. — Deitada no chão do meu quarto, apoiei o queixo nas mãos, observando Hugh folhear um livro que tinha achado na biblioteca.

— E sabia que a sua é uma das poucas famílias católicas irlandesas que mantiveram as terras e propriedades durante a época das *plantations*?

— Ele morreu aqui?

— Quem?

— O meu tata-tata-tata-tata-tata-tataravô.

— Não, mas aqui está dizendo que o homem perdeu uma perna. — Hugh virou a página empoeirada com cuidado e continuou lendo. — Liz, sua mãe é rica. — Ele se inclinou para ler o diário. — Não só rica. — Virou para mim. — A riqueza dela é de gerações.

Dei de ombros.

— Não sei o que significa nada disso.

— Significa que os filhos dos filhos dela nunca vão precisar se preocupar com dinheiro. — Ele franziu a testa e depois deu risada. — Acho que estou falando dos seus filhos.

— Mas eu não tenho filhos.

— Não agora, mas quando você for adulta vai ter um monte — ele disse, se concentrando de novo no caderno. — E vão ser podres de ricos.

— Ah! — Pensei por um momento, decidi que não ligava para aquilo e voltei a encará-lo. — Acho que gosto mais de ficar com você do que com a sua irmã — admiti. — Será que sou uma amiga ruim?

— Não — ele respondeu, se virando para mim de novo. — Eu entendo.

— Entende?

— Sim. — Ele assentiu, fechou o caderno e apoiou o queixo na mão. — Você gosta de paz e silêncio, e minha irmã é o oposto disso.

Arregalei os olhos de surpresa.

— Eu gosto *mesmo* de silêncio.

— Eu também. Além disso, você é a caçula da sua família, né? E a Caoimhe é bem mais velha.

— É.

— Então você está acostumada com o silêncio. Sou o mais velho dos quatro, então estou acostumado com barulho, mas não gosto.

Franzi as sobrancelhas, confusa.

— Mas vocês só são dois.

— O Gibsie é tipo o filho do meio, e a Beth, a caçula. — Hugh deu um sorrisinho e acrescentou: — Ele é praticamente meu irmão.

— Então vocês meio que adotaram ele? — Sorri. — Que nem o Mestre Splinter fez com as tartarugas?

Seus olhos castanhos se fixaram nos meus e seu sorriso aumentou.

— Quase isso.

Ele *era* lindo. Tão lindo!

— Ei, Hugh?

— Hã?

— Eu gosto de você.

— Também gosto de você, Liz — respondeu, se sentando. — Queria que você estivesse na minha sala na escola, e *não* na da minha irmã.

Imitei seus movimentos e me sentei de pernas cruzadas, de

frente para ele, e sorri.

— Quero ficar com você o tempo todo.

— É. — Suas bochechas ficaram vermelhas, e ele assentiu. — Eu também.

— Ei, Hugh?

— Sim, Liz?

— Sabia que o Gibsie vai pedir a Claire em casamento quando eles crescerem? — Fui chegando mais perto até que nossos joelhos se tocaram. — Você pode me pedir em casamento também?

Hugh ficou me encarando por um longo tempo até dizer:

— Se eu te pedir em casamento, você vai dizer que sim?

— Vou. — Acenei a cabeça vigorosamente. — Com certeza.

Ele sorriu.

— Bom saber.

— Ei, Hugh?

— Sim, Liz?

Apontei para o relógio no seu pulso.

— Feliz Ano-novo.

Hugh ficou olhando para o relógio por vários instantes e depois voltou para mim. Daí, com as bochechas coradas, se inclinou e deu um beijo na minha bochecha.

— Feliz Ano-novo, Liz.

PARTE 3

Partidas devastadoras

1º de abril de 1995

Mudanças

HUGH

Sentados no meio-fio do nosso lado da rua, ficamos vendo uma grande van branca parar no número nove. Keith e Mark Allen desceram. Keith deu a volta na van e abriu a porta, e os dois começaram a pegar as caixas da mudança.

— Você acha que é pegadinha de primeiro de abril? — Feely perguntou em um tom esperançoso.

— Bem que eu queria — respondi.

— Que merda — Gibsie murmurou, segurando a criancinha cacheada no seu colo.

— Uma grande bosta fedorenta — Liz concordou, suspirando.

— Gente, não fala assim — minha irmã disse. — Na frente da Beth...

— Poxa, Claire! — resmunguei. — Se a gente não falar hoje, quando vamos falar?

Ela deu de ombros, mas não respondeu.

Porque não podia responder.

Porque aquele era o pior dia do mundo.

Alguns minutos depois, a Sadhbh saiu correndo da casa. O

sorriso dela era maior que qualquer sorriso que ela já tinha dado com o Joe.

Quando ela jogou os braços ao redor do Keith Allen, o garoto sentado ao meu lado enterrou o rosto no pescoço da irmãzinha e grunhiu.

— Este é o pior dia da minha vida.

— Gib... — Beth falou, puxando o cabelo dele. — Gibby...

— Está tudo bem, Beth — eu disse, pegando a menina no colo. — O Gibs só está cansado.

Eu estava mal pelo meu amigo, mas não sabia o que dizer, então dei um empurrãozinho nele com o ombro, torcendo para que ele entendesse que eu sentia muito pela sua mãe ter substituído o pai por aquele homem.

Já minha irmã não se conteve.

— Eca! — ela soltou do outro lado do nosso amigo. — Isso é... eca!

Franzindo o narizinho de nojo, Claire passou o braço magrinho pelo ombro do Gibsie, sem alcançar o outro ombro, claro, pois era pequena demais. Mas o gesto estava ali, e, por algum motivo estranho, seu acolhimento foi mais bem recebido que o meu. Porque Gibs apoiou a cabeça nela, deixando que ela o confortasse.

Eu sabia que Gibs estava chorando, notei seus ombros sacudindo, mas ele não emitiu nenhum som. Era tipo o choro silencioso que eu via nos filmes mudos que meus avós viam. De alguma forma, era pior do que se ele estivesse esperneando feito louco.

Como se fosse a guarda-costas do Gibsie durante todo aquele suplício, Claire cobriu os olhos dele. Eu não sabia direito o que ela estava tentando fazer naquele momento: protegê-lo do beijo ou do mundo.

Olhei para o Feely, sentado do outro lado da Claire, e ele deu

de ombros, tão perdido quanto eu.

Nenhum de nós sabia o que fazer.

Foi quando uma mãozinha se entrelaçou na minha, enviando uma faísca de calor pelo meu corpo.

No instante em que virei para a esquerda e meus olhos se cravaram nos azul-claros da Lizzie, a familiar energia que eu sentia sempre que ela estava perto me invadiu. Acontecia até quando eu estava sozinho *pensando* nela.

Eu achava que isso ia passar quando eu me acostumasse com ela, mas como a gente se viu todos os dias nos últimos seis meses e eu continuava assim, dava para dizer que não ia passar, não.

Estava começando a entender por que o Gibs queria ficar com a Claire o tempo todo. Se com a Claire ele se sentia como eu me sentia com a Liz, quem era eu pra julgar?

Antes da Liz, eu não acreditava que uma garota podia ser minha melhor amiga, mas ela era a prova viva disso. Eu preferia sua companhia entre todas as outras e passava todo o meu tempo livre com ela.

Claire e Gibs eram sortudos por morarem de frente um para o outro. Lizzie morava do outro lado da cidade. A casa dela ficava a dez quilômetros da minha, e eu ainda não tinha permissão para pedalar até lá. Ela vinha com a irmã quando Caoimhe cuidava da gente e dormia lá em casa a maioria dos fins de semana, mas *ainda* não era o suficiente porque, quando ela tinha que ir embora, eu só me sentia eu de novo depois que ela voltava.

— Pu — Bethany falou, esticando o bracinho para puxar o meu cabelo. — Pu, pu.

— É Hugh — eu a corrigi enquanto a galera dava risada. — Consegue dizer Hughie, Beth?

— Piu — ela respondeu, sorrindo para mim com seus

grandes olhos cinzentos. — Pu, Pu, Piu.

Até Gibsie deu risada.

Pelo menos, servi para alguma coisa.

21 de abril de 1995

Mas ele não fez

LIZZIE

— Obrigada por me convidar pra sua casa — Shannon falou baixinho do banco de trás do carro do pai da Claire na sexta-feira depois da escola. — Fiquei muito agradecida.

— Tudo bem, Shan. — Claire apertou a mão dela. — Estou tão feliz por você ir! — Ela se inclinou sobre a Shannon para dar um tapinha no meu joelho. — E você também, Liz.

Sorri para elas, mas não falei nada porque estava cansada. Tudo pesava nos meus ombros e a moça assustadora estava barulhenta demais na minha cabeça.

Eu já estava sentindo isso fazia um tempo.

Minha felicidade foi diminuindo, diminuindo e diminuindo até que cheguei ao fundo do poço.

Agora tudo era escuridão e tristeza.

Eu nem ficava mais irritada.

Só me sentia vazia.

Tentando me distrair, dei uma espiada nos pais da Claire. O pai dela estava dirigindo e a mãe estava no banco do carona. Ele segurava sua mão e às vezes dava um beijo nela.

"Rock 'n' Roll Kids" tocava no rádio, e eu sabia a letra

todinha porque a Irlanda tinha vencido o Eurovision com essa música no início do ano.

Só que eu não ligava.

Não importava se sabia a letra ou não. Não importava se as meninas falavam comigo ou não. Nada importava. Eu só queria me deitar em posição fetal na cama e dormir.

Quando ia para a casa da Claire, seguia minhas amigas e me esforçava para participar das conversas, mas era exaustivo demais.

A moça assustadora não parava de sussurrar na minha cabeça.

As garras dela me puxavam para debaixo da água.

Era como se a minha cabeça estivesse submersa e eu pudesse vê-la, mas a imagem estivesse borrada e opaca.

Eu estava cansada demais para mantê-la na minha mente.

Ela estava sentada nos meus ombros agora, mas ninguém a enxergava.

Quando eu falava para as meninas que precisava usar o banheiro, era mentira. Eu não precisava. Só precisava *ir*. Entrei na banheira, me deitei toda encolhida e cobri a cabeça.

— Seja boazinha e abra a boca.

Vai embora.

— Se você me morder, vou matar ela. Você quer isso?

Vai embora.

— Isso. Você gosta, não?

Vai embora!

— Para de chorar. Estou sentindo que você está gostando.

Por favor, vai embora da minha cabeça.

— Porra, você está ficando tão boa nisso!

Para de me machucar!

— Isso. Não é tão ruim assim, né?

Não!

— Vai se limpar.

Por favor, faz parar!

É culpa sua, não minha...

Não ouvi a porta do banheiro abrindo nem se fechando, mas *ouvi* a voz do Hugh quando ele gritou:

— Liz? Você está bem?

Me obriguei a me sentar e erguer a cabeça para ele.

— Oi.

— Oi. — Ele se agachou ao lado da banheira, apoiou os cotovelos na borda e ficou me encarando. — O que está fazendo aí?

— Descansando — sussurrei, entorpecida demais para sentir vergonha. — Estou cansada.

— Você está doente? — Hugh esticou o braço e pressionou a mão na minha testa, preocupado. — Você não está quente.

— Não — implorei quando ele mexeu a mão. Tremendo, eu a peguei de volta e a segurei na minha bochecha. — Consigo sentir você.

— Hum, bem, espero que sim — ele disse, abrindo um sorrisinho triste. — Estou tocando o seu rosto.

— Não, eu consigo *sentir* você — falei, tentando fazer com que ele entendesse. — Consigo *me* sentir quando sinto *você*.

Ele não falou nada, mas também não afastou a mão. Em vez disso, se ajoelhou ao meu lado e continuou com a mão na minha bochecha.

— Olha, estou fazendo lição de casa no meu quarto, mas você pode vir comigo e dormir na minha cama se quiser — Hugh ofereceu depois de um longo silêncio. — A Claire e a Shannon estão na casa da árvore, então não vão ligar.

— Você pode dormir na minha cama...

Eu sabia o que isso significava.

Mas tudo bem.

Porque eu amava Hugh Biggs.

Meu coração tinha certeza.

E Hugh nunca me machucaria que nem *ele*.

Assenti, aceitei a mão que ele me estendeu e saí da banheira. Segurei firme nele e absorvi seu calor enquanto ele me conduzia até o quarto.

Estava tudo bem.

Porque ele era gentil.

Não me faria chorar.

Não me faria sangrar.

— Pode descansar aqui — ele disse com um tom cuidadoso, parando na frente de uma cama enorme. — É mais confortável que na banheira.

Subi no colchão, me deitei de costas e me ajeitei na posição de sempre, com um braço de cada lado e as pernas abertas, esperando que aquele garoto fizesse o que o Mark disse que todos os garotos faziam.

Mas *ele não fez*.

Em vez de tirar as minhas roupas, Hugh me cobriu com um cobertor e se afastou.

Confusa, virei e o vi sentado de pernas cruzadas diante de uma pilha de livros no chão do quarto.

Me ergui sobre os cotovelos e fiquei olhando para ele sem entender nada.

Será que eu era ruim?

Será que tinha feito algo errado?

Será que ele estava bravo comigo?

Ele não *parecia* bravo.

Na verdade, estava cantarolando e escrevendo no caderno. Eu conhecia aquela música. Estava tocando no walkman dele no dia em que a gente se conheceu — "Send Me on My Way", do Rusted Root.

Meu coração disparou, e junto veio uma enxurrada de emoções. Os sentimentos bombardearam o meu peito, correndo por mim feito um rio.

Eu estava sentindo.

Conseguia *sentir* de novo.

Nem precisei gritar para fazer a moça ir embora.

Ela desapareceu assim que Hugh me encontrou na banheira.

A moça tinha medo do Hugh.

Porque ele era bom.

Porque ele era corajoso.

Um cavaleiro valente.

Me deu um alívio, e agarrei o cobertor que ele tinha colocado sobre mim, o que fez minhas pálpebras pesadas se fecharem.

O Mark não me consertou dessa vez.

O *Hugh*, sim.

E ele nem teve que me machucar para fazer isso...

6 de maio de 1995

A primeira comunhão e o primeiro cadáver

HUGH

Quando as nossas famílias subiram naquele barco no sábado à tarde, lembro de pensar que era um dos melhores dias da minha vida. Gibsie e eu, bem chiques com nossos ternos da primeira comunhão, ficamos debruçados na lateral do barco para ver os golfinhos nadando atrás da gente enquanto navegávamos no mar.

Passei a maior parte do tempo planejando diferentes jeitos de torrar as nossas fortunas. A gente tinha feito uma *grana* aquele dia. Nossas mães tinham envelopes gordos nas bolsas.

Cheios de dinheiro todinho para nós.

Só que o que deveria ter sido o melhor dia das nossas vidas acabou sendo o pior.

Em um momento, Gibs e eu estávamos discutindo com nossas irmãs por causa de um laser idiota, e, logo depois, uma delas tinha caído na água.

Tudo aconteceu bem rápido, e mesmo assim o tempo pareceu passar mais devagar.

Em um minuto, a Bethany estava ali e no seguinte não estava mais.

O tempo congelou por um longo instante até o grito estridente da Sadhbh fazer a Terra tremer.

Foi o som mais assustador que já ouvi na vida.

— Bethany! — ela berrou. — Joe, eu não sei nadar. Por favor, Joe, eu não sei nadar!

— Vou salvar a nossa bebê. — Fomos empurrados para fora do caminho e fiquei vendo Joe Gibson passar por nós e pular na água gritando o nome da filha. — Bethany!

— O papai está indo, Beth — Sadhbh ficou dizendo, fazendo minha pele se arrepiar diante da desgraça iminente. — Aguenta firme, meu amor. O papai está indo!

Assustado, agarrei a *minha* irmã e a arranquei da borda em que ela estava debruçada, chorando histericamente.

Todo mundo estava gritando e eu não sabia o que fazer. Estava com medo de olhar para a Sadhbh, porque os barulhos que saíam dela eram mesmo apavorantes.

Então só fiquei segurando firme a menininha cacheada, agradecendo por Deus ter poupado a *minha* irmã.

Porque aquilo era terrível.

Eu tinha certeza.

Beth não sabia nadar, pois era só uma bebezinha, e a correnteza estava forte demais. Aquilo não era uma piscina com salva-vidas à disposição: era o oceano Atlântico selvagem, e ela não tinha emergido nenhuma vez.

— Beth, aguenta firme! — Os berros do Gibsie chamaram minha atenção, e cravei os olhos nele subindo na lateral do barco. — Pai, estou indo!

— Gibs, não! — me esgoelei, largando minha irmã, mas era tarde demais.

Ele já tinha desaparecido debaixo das ondas.

— Espera, Gibs! — falei, prendendo o fôlego e me jogando na borda.

Não caí na água porque alguém segurou a minha camiseta.

— Não! — A voz do meu pai estrondou nos meus ouvidos enquanto ele me puxava com força para trás e me atirava no deque. — Fica aí! — ordenou antes de pular na água.

— Pai! — gritei, rastejando atrás dele. — Pai!

Em frações de segundos, minha mãe já estava em cima de mim, me envolvendo em um abraço feroz para que eu não fosse atrás dele.

— Não, mãe — reclamei, empurrando-a e me contorcendo para me soltar. — O Gibs não sabe nadar direito.

— Ele não sabe nadar! — Claire berrou, repetindo as minhas palavras e correndo para a lateral do barco, onde nosso amigo tinha desaparecido. — Você tem que fazer alguma coisa! — ela exclamou, batendo as mãozinhas na perna do Keith. — Você tem que salvar ele!

— Eu não sei nadar — Keith disse, segurando a Sadhbh, que parecia estar em um estado de delírio. — Sinto muito, eu não sei nadar.

Enquanto isso, Mark ficou parado de braços cruzados.

Como se fosse uma estátua.

Como se fosse um demônio.

Fazendo *nada*.

Consegui me libertar da minha mãe e disparei para a borda do barco. Gritei quando o Joe emergiu com os filhos.

Que alívio!

Fui tomado pelo alívio.

O corpo inerte do Gibsie estava no seu ombro, e ele mantinha a bebê agarrada no peito. Nenhum deles se mexia.

Os olhos do Gibsie estavam fechados, e as mechas douradas e úmidas da Bethany estavam coladas no rosto.

Fui dominado pelo pânico.

Ah, não!

Não, não, não...

— Gerard! — Claire gritou com a voz mais assustada que eu já tinha ouvido nela. — Aguenta firme, ok? Estou aqui, Gerard! Não apaga!

— Eles estão bem? — Sadhbh ficou perguntando sem parar, desmoronada no chão do barco. — Estão respirando?

— Estou indo, Gibs — meu pai falou, respirando com força e nadando freneticamente até o melhor amigo. — Estou aqui, cara.

— Pete... — Joe disse, lutando para manter a cabeça acima da água em meio ao ataque implacável das ondas.

A gente não devia ter saído hoje, pensei.

O mar estava agitado demais. As condições não estavam favoráveis. Eu tinha ouvido meu pai falar isso para a minha mãe de manhã.

Mesmo assim, me agarrei à esperança de que tudo ficaria bem.

Mas a esperança logo se arrefeceu quando pouco tempo depois uma onda enorme atingiu os quatro, fazendo com que o Joe soltasse o Gibsie.

— Gerard! — Claire gritou, tentando subir na borda do barco para pegá-lo. Felizmente, minha mãe a segurou firme. — Pai, você tem que encontrar ele! Por favor! Por favor! Gerard! Aqui, papai! — Claire ficou berrando em um tom feroz, apontando para o local onde o nosso amigo havia sido engolido pelas águas impiedosas. — Ele foi sugado bem ali, papai!

— Vou encontrar ele — meu pai prometeu, claramente com mais fôlego que Joe, que sumia. — Juro que vou encontrar o seu filho. — Ele olhou para onde minha irmã estava gritando e apontando e assentiu. — Vou trazer ele de volta.

— Não deixe ele morrer, Pete.

— Não vou deixar. Leva a Beth. Vou pegar o menino.

Então outra onda os acertou, e Bethany afundou dentro da água como o irmão, seguida pelo pai.

A menina foi engolida pelas ondas feito uma boneca sem vida e flutuante.

Seu vestido cor-de-rosa foi a última coisa que vi.

Ela não reapareceria aquele dia.

Nem o Joe.

— Ele pegou o Gerard! — Claire gritou, reacendendo a chama moribunda da esperança dentro de mim. — O papai pegou o Gerard!

Não consegui olhar, pois sabia que a situação não estava boa.

Estava com medo demais de ver que ele *não* estava mais vivo.

Meu amigo mais antigo.

— Hugh, preciso que você me escute. — Minha mãe me virou nos seus braços e ficou segurando meus ombros enquanto falava. — Preciso que você seja corajoso, ok?

Fiz que sim, com os olhos cheios de lágrimas.

— Ok.

— Você tem que fazer tudo o que eu te pedir. Não importa o que aconteça, filho.

Fungando, fiz que sim de novo.

— Pode deixar.

— Precisa ajudar o seu pai agora e precisa *cuidar* da sua irmã, está bem?

Segurei o soluço e assenti.

— Bom menino. — Ela se aproximou, deu um beijo na minha testa, foi até a lateral do barco e entrou nas águas agitadas.

— Não, mamãe! — Claire gritou desesperada quando a viu no meio da turbulência. — Volta!

Minha mãe nadou até o nosso pai, lutando contra as ondas que se quebravam, e só parou quando o alcançou.

Pegou o menino inerte dos seus braços e nadou com ele, oferecendo ao meu pai a chance de se recuperar.

Então, por alguma intervenção divina, eles conseguiram levar o corpo mole do meu amigo até o barco.

— Ele está morto — Sadhbh choramingou, colapsando no chão nos braços do Keith. — Estão todos mortos.

Mas eu não podia me concentrar nela.

Porque todo o meu foco estava na minha mãe enquanto aguardava mais instruções.

— Hugh! — ela disse, segurando a borda do barco, ofegante pelo esforço de se manter acima da água naquelas condições.

Ela entregou o Gibs para o meu pai mais uma vez, olhou para mim das profundezas da água e disse:

— Você precisa segurar seu amigo. — Seus olhos estavam suplicantes quando ela acrescentou: — Tem que usar toda a sua força pra segurar ele, ok? O que quer que aconteça, não solta ele.

— Pode deixar — prometi em prantos, me inclinando sobre a água e agarrando os ombros do Gibsie.

Tentei erguê-lo, mas ele estava tão pesado que não consegui.

— Eu te seguro, Hugh — Claire disse, abraçando as minhas pernas. — Não vou te soltar.

— Não solta ele — meu pai ordenou, saindo da água e entrando no barco. — Bom garoto.

— Não vou soltar — sibilei, entre dentes, pela força que estava fazendo, pois a correnteza estava puxando e as ondas se quebrando sobre ele.

Mas, se o oceano queria Gerard Gibson, teria que levar meus braços junto, porque eu jamais o soltaria.

Meu pai correu até mim, dependurado na borda, e agarrou a parte de trás da camiseta do Gibsie para me ajudar a puxá-lo para o barco.

— Gerard! — Sadhbh gritou, rastejando até ele enquanto meu pai caía no chão de tanto cansaço. — Ah, meu amor, respira. — Ela passou as mãos pelo corpo imóvel do Gibs e começou a empurrar seu peito, desesperada para fazer seu coração voltar a bater.

Mas não estava funcionando.

Ele não estava respirando.

Estava com uma cor estranha.

Um azul-acinzentado.

Ele estava morto.

Eu sabia.

Ignorando toda a loucura à minha volta, me concentrei na minha mãe, ainda na água. Me inclinei sobre a borda e estendi as mãos para ajudá-la a subir no barco.

— Meu menino corajoso — ela disse, ofegante, depois de voltar à segurança. Eu não sabia se eram lágrimas nos seus olhos ou se era só a água salgada, mas ela abriu o sorriso mais triste do mundo e fez carinho na minha bochecha com seus dedos gélidos antes de ir até o Gibsie.

— Respira — Sadhbh ainda gritava, empurrando o peito dele enquanto meu pai soprava sua boca.

— Vamos, garoto. Respira.

Não estava dando certo.

— Vamos, filho. Volta pra mim.

Aquilo não parecia estar fazendo diferença nenhuma.

— Respira, Gibs. Respira, cara!

Ele não estava *respirando*.

— Dá licença — minha mãe pediu, se ajoelhando diante do meu amigo inerte para ressuscitá-lo do jeito certo. Porque ela era esperta. E sempre sabia o que fazer.

Qualquer esperança estava nas suas mãos.

Ela era enfermeira de UTI.

Ia dar um jeito.

Ia fazê-lo respirar de novo.

— Vou ligar o motor — Keith declarou com a voz rouca. — Chamei os paramédicos. Eles vão nos encontrar na praia.

— Não, não, não! — Sadhbh gritou, puxando e arrancando os cabelos, se jogando na lateral do barco, onde sua filha tinha caído. — Minha bebê! Minha bebê ainda está na água! Não podemos largar ela aí!

— Gerard vai morrer se não conseguirmos ajuda — Keith argumentou. — Temos que ir, Sadhbh, meu amor.

— Ele já está morto.

— Cala a boca, Mark.

Alguns instantes depois, quando o som do motor encheu o ar e uma vibração percorreu meu corpo, dois bracinhos me envolveram e não hesitei em abraçá-la, me agarrando com todas as forças à *minha* irmã.

— Joe! — Sadhbh gritou de um jeito feroz. — Joe!

— Está tudo bem, amor. Vão te dar alguma coisa pra lidar com o choque quando voltarmos pra praia.

— Bethany! Joe! Não, não, não. Não faz isso. Não deixa eles pra trás!

Naquela hora, senti uma gratidão pela Claire do que jamais tinha sentido nos cinco anos com ela no meu mundo. Porque ela estava ali, no barco, com o coração batendo.

— Te amo, Claire — falei, chorando e a abraçando com tanta força que até pensei estar machucando seu corpinho, mas não liguei. Ela estava viva, e eu precisava daquele abraço. Depois de segurar o corpo inerte do Gibsie, eu tinha que tocar em algo cheio de *vida*. — Te amo. Te amo. Te amo!

— Também te amo — Claire choramingou, se agarrando em mim com a mesma força, me sufocando com seus cachos selvagens. — Não me abandona nunca, Hughie.

— Pode deixar — sussurrei, enterrando o rosto dela no meu pescoço para protegê-la do que estava acontecendo ao nosso redor.

O desespero que crescia dentro de mim continuou aumentando, inflando e me consumindo, até que o som de uma tosse engasgada encheu meus ouvidos.

— Isso aí, garoto — minha mãe disse. — Vamos, volta pra gente.

Ouvi outra tosse, mas não me animei.

E se eu estivesse errado?

E se eu estivesse só imaginando aquele som?

— Rápido, vira ele de lado, Pete, ele está sufocando — minha mãe falou. — Isso, Gibsie, querido. Bom menino. Coloca tudo para fora.

— Vamos aquecer seu corpo antes que ele tenha hipotermia.

— Gerard... — Claire disse, e foi só então que ousei olhar.

Ousei sentir esperança.

Ela saiu do meu colo e foi engatinhando até o nosso amigo, deitado de lado, de frente para nós. Seus olhos estavam vazios, mas estavam abertos e focados inteiramente no rosto da minha irmã.

— Te pegamos, Gerard — ela ficou falando, agachada perto dele, com a mãozinha na sua bochecha encovada. — Você voltou pra mim.

Gibs estava com uma cor mortalmente azul-acinzentada, tremendo muito debaixo da montanha de casacos e cobertores que os adultos tinham colocado sobre ele, mas seu peito estava se mexendo.

Ele estava *respirando*.

Nessa hora, me prometi jamais ficar só olhando sem fazer nada.

Eu nunca seria uma estátua como o Mark, nem incompetente

que nem a Sadhbh ou o Keith.

Pelo resto da minha vida, eu seria útil.

Eu salvaria os outros.

Os traria de volta à vida.

Assim como o meu pai, que trouxe Gibs de volta do seu túmulo no mar.

Assim como a minha mãe, que fez seu coração ressuscitar.

24 de junho de 1995

Melhores amigos para sempre

LIZZIE

Mais de um mês se passou desde o enterro, mas a tristeza ainda pairava sobre nós. Feito um monstro, ela pegou todo mundo e engoliu por inteiro.

Eu queria ajudar o Gibsie, mas não sabia como. Não sabia as palavras que deveria dizer nem se ele queria ouvir alguma coisa. Eu não ia querer. Se minha mãe fosse sugada pelo mar, eu nunca mais ia querer acordar.

Ficava arrasada de pensar que Gibs jamais teria de volta o pai e a irmã. Meu pai e minha irmã estavam sempre bravos comigo, mas pelo menos eu podia vê-los todos os dias, enquanto Gibsie nunca mais os veria de novo.

Ele voltou para a escola logo depois, o que achei bem corajoso. Claire disse que Gibs poderia ter se ausentado durante o resto do ano letivo, mas não, ele foi lá e enfrentou a situação. Eu tinha orgulho de ser sua amiga. Ele me fazia acreditar que, um dia, eu poderia ser tão corajosa quanto ele.

Depois do enterro, Caoimhe passou a cuidar da Claire e do Hugh com mais frequência, porque Pete estava triste demais e Sinead precisava de ajuda.

O pai do Gibsie era o melhor amigo do pai do Hugh desde o primário, e Pete não queria mais sair da cama. Porque seu melhor amigo do mundo agora estava no céu.

Sinead me disse que eu podia ir lá sempre que minha irmã estivesse de babá, porque era bom para as crianças terem os amigos por perto.

Concordei alegremente, pois não queria ficar longe deles nem do Gibsie, que passava a maior parte do tempo na casa dos Biggs.

Quando meu pai deixou Caoimhe em Avoca Greystones de manhã para trabalhar como babá, fiz questão de ir com ela.

Subi a conhecida escadaria, atravessei o corredor e fui direto para o quarto da Claire, mas hesitei ao chegar na porta.

Porque algo lá no fundo me dizia para ir para a outra porta.

Vai até o Hugh.

Eu não conseguia explicar o que era, mas era algo poderoso e forte que me compeliu a colocar um pé diante do outro.

Pensei em bater, mas desisti. Girei a maçaneta e entrei.

Olhei em volta e fiquei um pouco tonta. Atordoada. Era como se eu tivesse entrado na sala de visitas de alguém e não devesse tocar em nenhum dos cristais brilhantes, apesar de querer *muito*.

Era isso que o quarto do Hugh era para mim.

Eu queria tocar em tudo.

Em todos os seus livros e troféus e legos.

Mesmo sabendo que não podia.

Ele tinha uma camiseta autografada pelo Roy Keane emoldurada na cabeceira da cama, e imaginei que era seu bem mais precioso.

Eu queria muito tocar nela.

O Hugh era mais organizado que a Claire. Tudo tinha seu devido lugar naquele quarto. O cômodo era quase vazio se

comparado às inúmeras bonecas, aos bichinhos de pelúcia e aos brinquedos que enfeitavam as paredes do quarto dela. Ele era simples e arrumado.

Seu cheiro estava em todo lugar e era o meu cheiro favorito no mundo todo.

Sabonete, grama, morango e Hugh.

Me aproximei da cama e passei os dedos sobre o volume debaixo do edredom.

— Sou eu.

Fui recebida pelo silêncio.

Suspirei com tristeza, olhei para a janela e espiei a casa do outro lado da rua até voltar a atenção para o garoto.

Sem falar nada, tirei a sandália e enfiei a mão onde achei que estaria a sua bochecha antes de pegar a coberta.

Afastei o edredom, me ajeitei ao lado dele rapidamente e nos cobri, nos protegendo do sol de verão.

— Oi.

Dessa vez ele respondeu:

— Oi.

Me aninhei mais perto do seu corpo quente e fiquei deitada de lado, olhando para ele.

Apesar do esforço para se esconder na escuridão, o sol conseguiu se infiltrar, envolvendo-o em uma luz gloriosa e brilhante.

Soltei um suspiro pesado, estiquei o braço e pressionei a mão no seu rosto, sentindo suas lágrimas úmidas.

Fungando, ele cobriu minha mão sem dizer nada.

Este era o lance entre mim e Hugh: às vezes, a gente não precisava falar nada.

A gente só sabia o que o outro estava sentindo.

Naquele momento, ele estava triste.

Estava triste por causa do Joe e da Bethany.

Mas estava mais triste ainda porque seu pai não saía do quarto.

Sabe, Hugh gostava de resolver problemas e geralmente era bem bom nisso, mas não podia resolver aquilo.

Aquele era um problema dos adultos, não das crianças.

Fui chegando mais perto até meu nariz roçar o seu.

Então ele sorriu.

Outra fungada lhe escapou, mas essa carregava um ar de encerramento, como se tivesse acabado de chorar — ou decidido parar de chorar.

Ele soltou minha mão e pegou minha bochecha.

— Te amo.

Meu coração bateu feito um tambor, porque aquela era a primeira vez que ele falava essas palavras.

— Sério?

Ele assentiu devagar, fazendo carinho na minha bochecha e soltando um suspiro trêmulo.

— Só achei que você devia saber. — Um arrepio o percorreu. — Caso alguma coisa aconteça e eu não consiga te falar.

— O que vai acontecer?

— Nada, talvez. — Ele soltou outro suspiro e sussurrou: — Mas nunca se sabe o que o amanhã vai nos trazer.

— Eu sei o que o amanhã vai nos trazer, Hugh. Você e eu. Assim como ontem e assim como hoje. Vamos ser melhores amigos pra sempre. — Sorrindo, me inclinei e esfreguei o nariz no dele. — Não importa o que aconteça.

— Isso, Liz. — Ele abriu um sorrisinho. — Não importa o que aconteça.

4 de julho de 1995

Comemorações de aniversário e advertências sobre o futuro

HUGH

Como minha casa era a sede não oficial da galera, eu não frequentava muito a casa dos meus amigos. Nem a do Feely. Podia contar as vezes em que fui à fazenda da família dele, mas era seu aniversário e ele só tinha convidado o Gibsie e a mim para a comemoração.

Infelizmente, Gibs ainda estava na fase "não vou sair do lado da Claire", então eu era o único presente. Para ser justo com Feely, ele não foi insistente com o nosso amigo, e eu também não.

Ele estava indo bem, considerando que todo o seu mundo tinha desmoronado dois meses atrás. Nenhum de nós queria forçar a barra. Se ele precisava da companhia da Claire naquele momento, tinha as nossas bênçãos.

— Você sabe que eu não como isso — Feely disse, me arrancando dos meus pensamentos. Dei uma espiada no prato diante dele e meu estômago roncou de satisfação quando meus olhos pousaram em um bife suculento. — Sou vegetariano, pai.

— Que bunda mole — seu pai disse antes de colocar outro

bife gigante no *meu* prato. — Agora, Hugh, aproveita essa carne irlandesa de primeira qualidade.

Eu queria.

Muito.

Mas não estava a fim de ser usado na ofensiva do Paddy Feely contra o filho. Principalmente no aniversário dele.

— Na verdade, também sou vegetariano — menti, mentalmente arrasado por renunciar àquela carne maravilhosa no meu prato.

Feely olhou para mim e me ofereceu um sorriso agradecido.

— Meu Deus do céu... — o velho murmurou, balançando a cabeça. — Tem algo errado pra cacete com os jovens hoje em dia.

— Paddy... — Mary o repreendeu, servindo uma montanha de batatas fumegantes em uma tigela e a colocando no meio da mesa. — Quer dar um tempo? É o aniversário do nosso filho. Deixa o menino comer o que quiser pelo menos um dia.

— Dá uma olhada nele, Mary — Paddy continuou, apontando o garfo para o filho do outro lado da mesa. — Ele parece um fantasma.

— Só está pálido.

— E magrelo.

— Porque está crescendo que nem um pé de feijão.

— Porque está com falta de ferro. E sabe de onde vem o ferro, Mary? Da carne vermelha — ele resmungou, sacudindo a cabeça. — Já viu isso? Um criador de gado com um filho vegetariano?

— Você só está desatualizado — ela retrucou. — Não tem nada de errado em não comer carne.

— Isso é culpa das irmãs, que ficaram botando essas ideias na cabeça dele — o homem insistiu, sem se importar nem um pouco com a minha presença. — Trataram ele que nem um

bebê e o deixaram mole. Enfiaram instrumentos musicais nas mãos dele, em vez de uma pá e uma enxada!

— Ele é brilhante — me ouvi dizendo, irritado com o homem. O pai do Feely não era intimidador nem fisicamente agressivo, apenas um coroa teimoso e inflexível. Seus pais eram mais velhos, grisalhos e cheios de rugas e meio que pareciam seus avós. — Seu filho é o melhor cantor da escola.

Não era mentira nenhuma. Feely conseguia alcançar as notas agudas do "Queen of the May" melhor que qualquer um no coral da escola, por isso todos os anos era obrigado a cantar na primeira comunhão. E sua interpretação de "Oíche Chiúin" era extraordinária. Meu amigo sabia tocar qualquer tipo de instrumento, fosse *bodhrán* ou violão, teclado ou violino. Feely era tão superior ao resto da turma que eu sempre me perguntava por que os professores nos obrigavam a participar das apresentações dele, sendo que a gente claramente as prejudicava.

No ano passado, Gibs se revoltou contra o favoritismo óbvio e o deixaram tocar triângulo e cantar "Kumbaya, My Lord", mas isso foi o mais perto que Feely chegou de perder o papel principal.

— Isso vai ser tão útil quando estiver trabalhando na terra! — seu pai zombou, voltando para o filho, que poderia facilmente ser seu neto. — É bom lembrar disso, rapaz. Não fica se achando, porque este é o seu destino. — Ele apontou para a janela da cozinha, indicando a paisagem verde e imensa que era a fazenda da sua família. — Esse é o seu futuro.

Depois do jantar, peguei emprestado um par de galochas e, com um bastão de gado na mão, percorri a fazenda com meu amigo. Eu estava mal por ele, mas sabia que não devia verbalizar meus pensamentos.

— Você está bem, cara? — finalmente perguntei após um tempo considerável.

— Estou ótimo — ele respondeu, empurrando o problema para baixo do tapete como só ele sabia fazer, conduzindo as vacas ordenhadas para fora do salão e de volta para o campo. — Meu pai não me entende.

— Bem, eu te acho brilhante. Acho que você não devia parar de tocar.

— É — ele falou, sem emoção, cutucando uma vaca desgarrada para fazê-la seguir em frente quando ela começou a atrapalhar as outras. — As coisas são como são, Hughie.

Seus ombros estavam caídos; sua cabeça, baixa; e eu sabia que ele se afogava nas palavras do pai.

Eu não era nenhum Patrick Feely. Na verdade, cantava bem mal e *sempre* era mandado para o fundo do coral, mas decidi cantar alguma coisa aquela hora porque ele estava precisando.

Cantarolando feito um passarinho, escolhi a primeira música que me veio à mente, que por acaso era "Don't Forget Your Shovel", do Christy Moore.

Felizmente, minha tentativa de animá-lo deu certo. Ele soltou uma gargalhada. Encorajado pelas risadas calorosas, aumentei a aposta, imitando o caminhar manco do seu pai enquanto me arrastava na sua direção.

— Você é um idiota — ele falou, rindo e me empurrando com o ombro quando me aproximei.

Sorrindo, passei o braço nele e continuei cantando até meu amigo ceder e cantar comigo.

E foi assim que passamos o resto do seu aniversário, afundados até os joelhos em bosta de vaca na fazenda do pai dele, cantando sobre pás e baldes esburacados.

9 de setembro de 1995

Eu estava tentando te proteger

LIZZIE

A gritaria começou pouco depois que nossos pais saíram para encontrar os amigos no pub e foi aumentando até eu não aguentar ouvir nem mais um gemido.

Nossos quartos ficavam no segundo andar, bem distantes um do outro, mas Caoimhe estava berrando tão alto que eu conseguia ouvi-la mesmo assim.

Sabia que não devia chegar perto do quarto da minha irmã quando ele estava lá — Caoimhe havia deixado muito claro que eu tinha que ficar longe —, mas eu não estava suportando aqueles gritos estridentes.

Sabia o que significavam.

Ele estava usando seus poderes especiais.

O que me deixava assustada, porque isso queria dizer que minha irmã também estava doente. Preocupada, desci da cama e atravessei o corredor na ponta dos pés até chegar ao seu quarto. Pressionei a orelha na velha porta de madeira e fiquei ouvindo atentamente os barulhos do outro lado.

— Ah, meu Deus!

— Você gosta assim?

— Isso, porra, assim mesmo.

— Hum, isso, gostosa. Desse jeito.

— Não consigo, não consigo...

— Toma. Toma essa, safada!

— Não para!

— Vira.

— Mas eu não...

— Mandei virar, porra. Agora!

— Ok, mas seja gentil dessa vez... Ahhh!

Minha irmã gritou tão alto que acabei gritando mais alto ainda. Desesperada, perdi o controle da minha voz e abri a porta, temendo que ela estivesse doente que nem a nossa mãe.

— Lizzie, que merda você está fazendo? — Caoimhe rugiu.

Não consegui fazer nada além de ficar parada ali na porta berrando. Ela estava inclinada com a cara na beirada da cama e Mark atrás. Os dois estavam sem roupa, e ele estava lhe dando o remédio especial. Aquele remédio que me fazia tomar mesmo quando eu não queria.

Meu coração murchou.

Ela estava *mesmo* doente.

— Ah, meu Deus, Lizzie, sai daqui! — a minha irmã gritou, se cobrindo com o edredom. — Agora!

Tentei pedir desculpas, dizer que não queria ter quebrado as regras, mas que ela ia ficar bem, porque o Mark poderia consertá-la.

Abri a boca para falar, mas não saiu nada.

Meus olhos pousaram nele.

Mark não estava com cara de bravo.

Estava me olhando com um sorrisinho.

Estremeci.

— Você é surda, além de burra? — Dessa vez, Caoimhe gritou tanto que senti lágrimas nos meus olhos. — Mandei

você vazar.

Dei meia-volta e saí correndo o mais rápido que minhas pernas conseguiram.

— Não briga com ela assim — Mark disse, mas não parei para ouvir o resto.

Voltei direto para a cama e me enfiei debaixo das cobertas. Cobri a boca para impedir que os gritos escapassem e fiquei me balançando para a frente e para trás, tentando me confortar.

Ficaria tudo bem.

Caoimhe não ia morrer.

Mark tinha lhe dado o remédio.

Ele estava usando seus poderes especiais para consertá-la.

Aquilo era bom.

Isso é bom.

Fechei os olhos com força quando senti as lágrimas escorrendo.

Mais tarde aquela noite, quando minha porta se abriu e minha irmã entrou, fiquei confusa, pois ela nunca me visitava de noite.

Fiquei dura, escondida debaixo do cobertor, tentando me encolher o máximo possível.

— Não precisa se esconder, Liz — ela disse. Não parecia mais nervosa como antes. — Não estou zangada. Me desculpa. — Fungando, dei uma espiada depois que ela se sentou na cama. — Eu não devia ter te xingado — falou, soltando um suspiro pesado. — Mas você entrou do nada e me desesperei.

Eu queria perguntar se ela estava se sentindo melhor.

Queria perguntar se ela ia ficar bem.

— Sei que pode ter parecido que o Mark estava me machucando, mas juro que ele não estava. Na verdade, era o oposto disso. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Ele

estava fazendo eu me sentir bem, Liz. É o que os garotos fazem com as garotas que eles amam. Fazem elas se sentir bem. E o Mark faz eu me sentir muito, *muito* bem. Mas você não precisa se preocupar com nada disso agora — acrescentou, esfregando meu braço. — Não até você ser grande que nem eu e encontrar um garoto especial que te ama.

Se os garotos só faziam isso com as garotas que eles amavam, será que o Mark me amava?

Porque eu não queria que o Mark me amasse.

Eu queria que o *Hugh* me amasse.

— Por favor, tenta esquecer o que você viu hoje. — Caoimhe soltou um suspiro trêmulo e me encarou com olhos suplicantes. — E, por favor, por favor, *por favor*, não conta pra ninguém, especialmente pra mamãe e pro papai.

— Ele fez você melhorar? — falei.

— Hã?

— O Mark — eu disse, me esforçando para não tremer. — Ele fez você melhorar?

— Ah... — Suas bochechas coraram de novo, e ela concordou, convicta. — Sim, o Mark me fez melhorar muito.

— Ok. — Suspirei de alívio. — Vou guardar o seu segredo.

30 de outubro de 1995

Tries e pais desaparecidos

HUGH

— Cadê o Gibs? — perguntei ao entrar na cozinha depois de um jogo de rúgbi do sub-10 na segunda-feira à noite.

— Lá em cima com a Claire — minha mãe respondeu de uma cadeira, tentando prender uma pinhata no teto. Era algo que meu pai sempre fazia. — Como foi o jogo?

— A gente ganhou de trinta e cinco a seis — falei, deixando a bolsa esportiva perto da porta. — Marquei um try e dez pontos de conversões.

— Bom trabalho — ela me elogiou, sorrindo por cima do ombro. — Você agradeceu à mãe do Patrick por ter te deixado em casa?

— Sim, mãe, eu sempre agradeço à Mary — falei, tentando não parecer irritado, mas era difícil conter a amargura dentro de mim. — O papai disse que iria me ver dessa vez.

Ela soltou um suspiro pesado.

— Hugh...

— Ele disse que ia sair da cama pra *ir* me ver *dessa vez* — reforcei com um tom mais duro. — Só jogo rúgbi porque *ele* queria que eu jogasse.

— Hugh, meu bem, sei que você está decepcionado, mas o seu pai está enfrentando um momento complicado.

— Todos nós estamos enfrentando um momento complicado, mãe — retruquei, sem a menor vontade de aliviar pro lado dele. — O Joe era o pai do Gibsie, e a Beth era a *irmã mais nova* dele, mas Gibs não ficou cinco meses grudado na cama, né?

— O seu pai é um *bom* homem — ela repetiu a mesma ladainha que vinha repetindo desde que ele nos abandonou. — Ele nos ama mais que um menino da sua idade consegue entender, mas está de luto e a gente precisa entender isso.

— *Eu* estou de luto. A *Claire* está de luto. *Você* está de luto. Por que o luto dele é mais importante que o nosso?

— Não é, mas o seu pai foi diagnosticado com depressão severa e estresse pós-traumático, filho. Sei que são só palavras pra você, mas ele não consegue simplesmente sair dessa assim do nada.

— Por que não? — perguntei, arrasado porque o homem que cresci adorando não queria mais saber de mim. — Só fala que ele tem que se levantar.

— Só porque você não pode ver a doença do seu pai, não significa que ela não merece a sua empatia — ela disse com um tom severo. — Sei que você está lidando com um monte de coisa, todos nós estamos, mas isso não te dá o direito de falar mal do seu próprio pai, e não vou mais tolerar isso. Entendeu?

— Entendi... — murmurei, sabendo que era hora de levantar a bandeira branca.

Minha mãe só faltava beijar o chão que meu pai pisava e lutaria por ele a qualquer custo. Antes eu pensava que ele também faria isso por nós, mas esse ano me fez abrir os olhos para várias verdades duras.

— Bom menino — ela falou de um jeito aprovador. — E aí, o

que achou da minha obra?

— Está ótima. — Cruzei os braços, me recostei no balcão e suspirei de desânimo. Todas as paredes da cozinha estavam decoradas com monstros, duendes e balões. — Mas você sabe que não vou fazer festa este ano.

— Ah, vai, sim!

— Não, mãe, não vou. Nem entreguei convites pros caras nem nada.

— Então que sorte que a sua mãe tem o telefone dos "caras", né?

— Você não fez isso?! — perguntei num grunhido. — Por favor, me diz que você não fez isso!

— Claro que fiz, garotinho — ela falou, feliz da vida. — Os caras vão chegar amanhã às duas, como todos os Halloweens que tivemos desde que os cirurgiões te tiraram da minha barriga.

— Valeu, hein — soltei, perplexo, indo até a mesa da cozinha. — Que imagem adorável!

— Fica contente por só imaginar e não vivenciar a experiência — ela disse, dando risada. — Agora, anime-se, porque vamos dar uma festa de arromba amanhã.

— Não temos nada pra comemorar — resmunguei, me afundando em uma cadeira.

— Com licença — ela falou, fingindo indignação. — Que tal o nascimento do meu primeiro e único filho?

— Mãe, fala sério. — Jogado na mesa, apoiei o queixo na mão e bufei. — Qual é mesmo a expressão que a rainha da Inglaterra usou pra descrever o ano terrível que ela teve?

— *Annus horribilis*?

— É exatamente isso que este ano é pra gente. O ano de 1995 é o nosso *annus horribilis*.

— Quer saber, filho? Acho que você é inteligente demais pro

seu próprio bem — ela brincou, pendurando um esqueleto de plástico no teto. — Duvido que exista outra mãe em Ballylaggin cujo filho cite uma expressão em latim.

Dei de ombros, aborrecido e triste demais para me alegrar com o elogio.

PARTE 4

Constatações avassaladoras

31 de agosto de 1996

Esse toque é ruim

LIZZIE

— Ei, Hugh — falei no último dia das nossas férias de verão, quebrando o longo silêncio que estávamos curtindo. Deitada na casa da árvore com as pernas apoiadas nele, sentado em um pufe, olhei para ele do meu lado. — Mudou de ideia?

— Sobre o quê? — Hugh perguntou, concentrado no livro que estava lendo.

— Sobre ser médico quando crescer — falei, baixando o meu exemplar de *Os cinco na ilha do tesouro*.

— Não — ele respondeu, virando a página. — Ainda é o plano.

— E você ainda quer consertar corações, né?

— Quero ser cardiologista.

— Cirurgião de corações, né?

— Isso.

Me ergui sobre os cotovelos para observá-lo melhor.

— Por quê?

— Porque tem corações quebrados demais por aí.

Arregalei os olhos.

— Em Ballylaggin?

Ele desviou os olhos do livro para olhar para mim e sorriu.

— No mundo, Liz.

— Ah! — Assenti para mostrar que tinha entendido. — E o meu coração?

Ele deu uma risada baixinha.

— O seu coração está funcionando muito bem.

— Mas e se ele se partir?

— Isso não vai acontecer.

— Como não?

Virou outra página e disse:

— Não vou partir o seu coração.

— Mas e se outra pessoa fizer isso?

— Não vai acontecer.

— Como não?

— Guardei ele muito bem em um lugar seguro.

— Ah! — Dei uma risadinha travessa. — E o seu coração?

— O que tem ele?

— E se ele se partir? — provoquei. — Você não vai poder consertar o próprio coração, bobinho.

— Então é melhor você não machucá-lo.

— Pode deixar — prometi, levantando o dedinho. — Não importa o que aconteça.

Hugh soltou um suspiro pesado, fechou o livro e se inclinou para a frente para entrelaçar o dedinho no meu.

— Você é um perigo, sabia?

— Como assim?

— Está sempre me distraindo.

— Ei, *você* que me chamou aqui, mocinho. — Com vontade de brincar, pulei no colo dele e o joguei no chão antes de atacá-lo com cócegas. — Além disso, é falta de educação chamar sua melhor amiga de perigo.

— Ah, piedade, piedade! — ele berrou em meio às

gargalhadas quando fiz cócegas bem debaixo dos seus braços. Era seu ponto fraco. *Rá!* — Você ganhou, você ganhou, Liz!

— Você grita que nem uma menina — falei, rindo e prendendo suas mãos acima da cabeça.

— E você luta que nem um menino — ele retrucou, sem parar de rir. — Então acho que estamos quites, né?

Eu o prendi embaixo de mim e sorri.

— Você faz eu sentir uma coisinha gostosa na barriga.

— São os *borboluços* — ele falou, também sorrindo.

Não eram *borboluços*.

Era outra coisa.

Outra sensação.

Aquela que *ele* colocou em mim.

— Quer saber um segredo?

Hugh assentiu.

— Conheço alguém que tem superpoderes.

— Que tipo de superpoderes? — ele perguntou, achando graça.

Eu queria contar, mas tinha medo do que aconteceria. Não queria morrer. Não queria que ele me machucasse. Ele disse que me machucaria se eu contasse para alguém dos seus poderes especiais.

— Não posso falar. — Soltei um suspiro triste. — É segredo.

— Pode me contar — Hugh disse com os olhos castanhos cravados em mim. — Vou guardar o seu segredo, Liz.

— Mas o segredo não é meu... — murmurei, confusa. — E posso me encrencar.

— Por que você se encrencaria?

— Não importa. — Afastei a tristeza e foquei no Hugh. No meu pensamento feliz. No meu sentimento bom. — Você é um trono bem confortável, cavaleiro valente.

Ele deu uma piscadinha.

— Faço qualquer coisa por você, milady.

Contente de novo, soltei suas mãos e fui descer do seu colo, mas parei quando ele gritou de dor.

— O que foi?

— Nada, nada, estou bem — ele grunhiu, se contorcendo no chão da casa da árvore com as mãos na virilha. — É que você me deu uma joelhada nas bolas.

— Bolas?

— Nos meus testículos — esclareceu, entredentes, enquanto seu rosto assumia um profundo tom de vermelho. — Caralho, dói muito.

— Dói?

Ele assentiu rigidamente, ainda se contorcendo.

— Vai passar daqui a pouco.

— Não se preocupa. Sei consertar isso. — Segurei o cós do seu short e tentei abaixá-lo. — Sou boa nisso.

— O quê? Espera! Não, Liz! — Hugh se afastou e pulou para o outro lado da casinha. — O que você está fazendo?

— Sei consertar — expliquei, rastejando até ele. — Posso fazer você se sentir melhor.

— Não, Liz! — Ele ergueu a mão para me impedir de continuar. — Não pode, não.

— Não?

— Não — ele repetiu, balançando a cabeça. — Você não *pode*.

— Ah... — Me ajoelhei, deixei as mãos baixas e olhei para ele, sentindo que meu mundo estava prestes a desmoronar. Eu não sabia o que tinha feito para deixá-lo tão chateado e estava arrasada. As lágrimas queimaram nos meus olhos. Eu era ruim. — Me desculpa, Hugh.

Ele ficou me encarando, desconfiado.

— Por que você fez isso?

Dei de ombros, sem fazer ideia do que dizer.

— Sei lá.

— Você não *pode* fazer isso, Liz.

Eu não podia?

— Você não *pode* fazer isso — ele repetiu com uma voz severa. — *Nunca* se deve tocar alguém assim.

Senti o rosto esquentar.

— E ninguém pode *te* tocar assim — acrescentou. — Principalmente por baixo das suas roupas. Só adultos podem tocar outros adultos assim.

Fiquei encarando-o, confusa.

Eu não entendia.

Eu era ruim?

Ele me odiava?

O que ele estava dizendo?

— Esse toque é ruim — ele continuou explicando. — E ninguém pode fazer isso com uma criança.

— Me desculpa — falei, com lágrimas escorrendo. — Eu não queria te tocar de um jeito ruim.

— Tudo bem — Hugh disse, suspirando. — E, tecnicamente, você não fez nada.

Mas tinha tentado.

E aquilo era ruim.

Hugh falou.

E Hugh *nunca* mentiria para mim.

Eu confiava nele mais que tudo no mundo.

Ele era meu melhor amigo.

— Como você sabe? — perguntei. — Como sabe sobre esse toque ruim?

— Minha mãe me contou tudo. Por quê? A sua mãe não te contou?

Fiz que não.

Ele franziu a testa.

— Sério?

Fiz que não de novo, completamente perdida. Era como se eu estivesse na sala de aula e todo mundo soubesse a resposta, menos eu. Me senti burra. Era uma sensação péssima. Minha pele esquentou.

— Ok, bem... tem partes do seu corpo que são só pra você — Hugh explicou. — Pros meninos, a parte íntima é o pênis. Pras meninas, é a vagina. E *ninguém* pode tocar a sua vagina. Nem os seus amigos. Nem a sua família. E, principalmente, os adultos.

— Mas e se você estiver doente? — perguntei enquanto o mundo desmoronava ao meu redor.

Hugh franziu a sobrancelha.

— Doente?

— E se você estiver doente e precisar do remédio pra melhorar? — falei, enfiando as unhas nas mãos. — E se você for ruim e precisar ser consertada?

— Liz, se você ficar doente, você vai ao médico e ele vai te dar um remédio. Entendeu?

Não.

— Sim.

Ele ficou me olhando atentamente.

— Tem certeza?

Não.

— Sim.

— Ok. — Ele continuou me encarando por um longo tempo antes de soltar um suspiro de alívio. — Que bom, porque está cheio de monstros por aí que gostam de fazer coisas ruins com crianças.

— Monstros?

— É. — Ele assentiu. — Qualquer um que machuca criancinhas é um monstro disfarçado.

Arregalei os olhos de horror.

— Não precisa ficar com medo — ele me tranquilizou. — Você só precisa saber dessas coisas pra contar pra um adulto se alguma coisa acontecer. — Ele sorriu. — Está bem?

— Ok.

Assenti e caí no choro. Eu queria me jogar da casa da árvore e bater a cabeça cinquenta vezes no chão, porque preferia morrer a fazer alguma coisa ruim pro Hugh.

Não conseguia explicar a devastação que me invadiu naquele momento.

— Está tudo bem, Liz, tudo bem — ele tentou me acalmar, me abraçando. — Você é criança. Você não sabia.

— Eu só queria te c-consertar. F-fazer você se s-sentir melhor — falei, chorando e cobrindo o rosto. — N-não sabia que era r-ruim, Hugh. Me d-desculpa.

— Eu sei, não tem problema — ele disse, me abraçando. — Não estou bravo com você.

— É m-melhor eu i-ir pra c-casa.

— Não é, não — ele discordou, me segurando com mais força. — É melhor você ficar bem aqui comigo, porque sou seu melhor amigo e eu te amo e não tem mais ninguém com quem eu queira brincar.

Isso me fez chorar mais ainda.

Porque eu não queria mais estar ali.

Porque tinha feito algo ruim pro Hugh.

Eu não podia explicar o horror que estava sentindo.

Eu era ruim.

Ruim.

Ruim.

Ruim.

— Por que você está chorando? — Caoimhe perguntou quando entrou no meu quarto aquela noite. — Hein, Liz?

— Vai embora — sibilei entre soluços, enterrando o rosto no travesseiro e tentando fazer o mundo parar de girar.

Porque estava doendo. Tudo doía e eu precisava que aquilo *parasse*.

— O que aconteceu? — ela perguntou, me ignorando.

Por que ela não me ouvia?

Por que *ninguém* me ouvia?

— Falei pra você ir embora, Caoimhe — repeti mais alto enquanto a raiva crescendo dentro de mim ameaçava me dominar. — Me deixa em paz!

— Não. — Ela continuava não me ouvindo. — Só vou embora depois que você me contar por que está chorando desse jeito.

— Porque eu não sabia, Caoimhe! — gritei com todas as forças, perdendo o controle. Me levantei da cama, peguei o travesseiro e o atirei nela. — Eu não sabia, cacete!

— O quê? — ela falou, assustada. — O que você não sabia?

— Sai do meu quarto, sua vagabunda! — gritei mais alto do que já tinha gritado em toda a minha vida. — Estou te avisando!

— Nossa, vai se foder — ela esbravejou. — Foi mal por me importar com você. Eu que sou idiota por ter me dado ao trabalho de vir ver como você estava, sua escrota maluca.

— Ninguém me contou! — berrei, puxando o cabelo com tanta força que uma mecha saiu na minha mão. Então a joguei nela também. — E dói e não está me fazendo melhorar e é tudo culpa sua!

— De que merda você está falando? — minha irmã perguntou, me olhando com uma expressão horrorizada. — Lizzie Young, é melhor você se recompor agora mesmo e parar de puxar o cabelo!

Ela estendeu o braço para pegar minha mão e foi aí que

explodi.

— Te odeio! — Avancei nela, puxando-a pelo cabelo e a arrastando até a cama. — É tudo culpa sua! — Usando toda a minha força, arranhei seu rosto. — Você fez isso comigo! Foi você!

— Pai! — Caoimhe começou a gritar, tentando me afastar. — Pai, me ajuda! Rápido! A doida está me atacando!

— Vai se foder! — Segurei seu cabelo com mais força para que ela não fugisse, subi no seu peito e continuei arranhando seu rosto. — Você deixou o monstro entrar! — Arranhei sua pele com tanta força que ela começou a sangrar. — Você deixou o monstro me enganar!

— Lizzie! — meu pai berrou, me arrastando para longe da minha irmã. — Em nome de Deus, o que deu em você? — ele perguntou, me pressionando com tanta força no seu peito que não consegui me soltar. — Para com isso!

— Ela me atacou, pai. — Caoimhe se levantou cambaleando, segurando o rosto e chorando. — A Liz é maluca.

— É culpa dela, papai — berrei, apontando para Caoimhe enquanto ele me segurava acima no colo em um abraço feroz de urso. — Ela deixou o monstro me pegar!

— O que está acontecendo? — Minha mãe entrou no quarto. — O que está acontecendo, meninas?

— Essa menina precisa de um tranquilizante — meu pai falou, se esforçando para me conter. — Vou internar ela, Catherine.

— Calma, Michael — minha mãe tentou apaziguá-lo, se colocando entre nós. — Vamos sentar e conversar como uma família.

— O que temos pra conversar? — Caoimhe disse, apontando para o sangue escorrendo do rosto. — A Liz é selvagem, mãe, e precisa ser internada.

— É culpa dela, mamãe! A Caoimhe deixou o monstro entrar — falei.

Mas meu pai me interrompeu, vociferando:

— Chega! — Ele me colocou no chão, agarrou meus ombros e me sacudiu com tanta força que meus dentes bateram. — Não tem monstro nenhum e a sua irmã nunca te machucou! — Meu pai me sacudiu de novo. — Não tem moça assustadora nenhuma e as vozes na sua cabeça não são reais! — Minha cabeça ia para a frente e para trás enquanto ele berrava na minha cara. — Você tem uma doença mental, está me ouvindo? Toda essa loucura está dentro de *você*, Elizabeth!

— Michael, para de sacudir a menina assim!

— Você vai consultar um médico e vai fazer e aceitar tudo o que te derem pra manter essa loucura sob controle — continuou, ignorando minha mãe, que tentava afastá-lo de mim. — Que Deus me ajude, senão vou te botar num barco e te mandar...

— Michael! — ela gritou de uma forma que eu jamais tinha ouvido. — Não ouse!

— Vai ser assim, Catherine — ele declarou, lançando um olhar de repulsa para mim. Soltou meus ombros e foi direto para a Caoimhe. — De hoje em diante, vamos fazer as coisas do *meu* jeito.

12 de outubro de 1996

Onde está a sua irmã?

HUGH

— Obrigada por vir assim de última hora — minha mãe disse quando Caoimhe entrou na nossa cozinha no sábado à noite. — Fui chamada no trabalho e o Pete, hum... ele ainda está indisposto.

Indisposto.

Que palhaçada!

Meu pai não estava indisposto.

Ele tinha nos abandonado.

— Falei pra ela que eu podia cuidar da Claire — intervi, irritado com o fato de precisar de babá sendo que Feely podia ficar sozinho quando os pais dele não estavam em casa. — Não preciso mais de supervisão.

— Você pode até se cuidar sozinho, mas a sua irmã com certeza não pode — minha mãe repreendeu com uma expressão que dizia "não começa".

— Eu sei que você sabe se cuidar, Hughie — Caoimhe comentou, bagunçando o meu cabelo. — Só estou aqui pra manter sua irmã longe de encrenca, ok? — Ela sorriu. — E você também, garoto.

— A Claire e o Gibs estão brincando no quarto dela, e o Pete está lá em cima se precisar de alguma coisa — minha mãe falou, olhando para ela com gratidão. — As crianças já jantaram, mas tem dinheiro no pote pra pedir pizza, se vocês quiserem.

— Está ótimo — Caoimhe disse, acompanhando minha mãe até a porta. — Se cuida.

— Pode deixar, querida.

Esperei a porta se fechar antes de começar o interrogatório. Porque eu tinha um assunto para resolver com a nossa babá.

— Onde está a sua irmã?

— Você sabe onde ela está, Hugh. — Caoimhe deu a volta em mim e seguiu para a cozinha. — Já te falei um milhão de vezes.

— Sim, mas você ainda não me falou quando ela vai voltar — insisti, saindo atrás dela. — Já faz muito tempo que a Lizzie está no hospital, Caoimhe. — A preocupação na minha voz ficou evidente. — Quero saber quando ela vai voltar pra casa.

— Logo.

Eu não via minha melhor amiga havia semanas, e ouvir que ela voltaria "logo" sempre que eu perguntava estava me deixando maluco. Na verdade, eu estava com vontade de gritar. O que é que significava "logo"? Duas horas ou dois dias ou duas malditas semanas? Era uma palavra inútil, que não fazia *nenhum* sentido para mim.

— Quero visitar ela — insisti, olhando feio para Caoimhe. — A Liz vai querer me ver.

— Já te falei que ela não está podendo receber visita agora.

— Sim, mas você não me disse por quê! — berrei, perdendo a paciência. — Aliás, você nem me disse o que ela tem!

— Ela está doente, Hugh. Já te falei.

— Mas *o que* ela tem? — pressionei, sem querer ceder.

— É particular.

— Particular *não* é uma doença, Caoimhe.

— Meu Deus do céu, Hugh. É complicado, ok?

— Bem, eu entendo coisas complicadas. Não sou idiota que nem o seu namorado.

— Ei! — foi a vez dela de gritar. — Não mete o Mark nessa.

— Beleza. — Cruzei os braços. — Então para de me tratar que nem criança.

— Você *é* criança, Hugh. Uma criança bizarramente esperta, mas *ainda assim* uma criança.

— Você sabe que não vou desistir — falei para a adolescente na minha cozinha. — Não sou como a Claire ou o Gibs. Você não vai conseguir me comprar com cookies nem me distrair com joaninhas. — Estreitei os olhos. — E, se não disser o que está acontecendo com a minha melhor amiga, eu mesmo vou descobrir.

Ela ergueu a sobrancelha, incrédula.

— Está me ameaçando, Hugh Andrew Biggs?

— Como é que eu poderia te ameaçar se sou só uma *criança*?

Caoimhe ficou me encarando por um longo tempo sem nem piscar até soltar um suspiro frustrado.

— Certo, gênio, se você se acha maduro o suficiente pra ter essa conversa bombástica... — Ela suspirou de novo, resignada, e apontou para a mesa. — Então senta aí e vamos ver se você é tudo isso mesmo.

Com os cotovelos na mesa da cozinha, apoiei a cabeça nas mãos e fiquei ouvindo cada uma das palavras que saíam da boca da minha babá.

— Não dá pra ver o tipo de doença que a minha irmã tem — ela continuou, dando batidinhas na têmpora. — Está tudo na cabeça dela. A Liz ouve vozes que fazem ela surtar. — Caoimhe se recostou na cadeira e apontou para a cicatriz na bochecha.

— Ela me arranhou. Minha própria irmã.

— O que você fez pra ela?

— Nada — ela respondeu, cruzando os braços. — Aí é que está, Hugh. Ela é doida.

— Não é, não. — Balancei a cabeça, refutando sua alegação. — Não fala assim da minha amiga.

— Ah, não? Bem, pois a sua *amiga* é *minha* irmã, então acho que a conheço um pouco melhor que você — retrucou, nervosa. — Ela pode ter te enganado e aos seus amigos com aquele papinho doce dela, mas aquilo é só uma máscara. — Sua voz estava carregada de emoção quando ela disse: — Tentei ajudar ela um milhão de vezes e ela só sabe atirar as coisas na minha cara. Pior, só sabe *me* culpar pelos problemas. — Ela soltou uma risada sofrida e apontou para o rosto de novo. — Esse é o resultado do surto dela. A Liz disse que eu tinha levado monstros pro quarto. — Caoimhe balançou a cabeça. — Tipo, o que é que eu posso dizer? Sinto muito pelos monstros invisíveis que só existem na sua cabeça, maninha.

Eu não fazia ideia de como responder, mas não estava gostando *nada* do seu tom, então decidi dizer exatamente isso.

— Você não devia falar da sua irmã desse jeito. Está parecendo uma pessoa amarga e cruel.

— Só lamento se você não gostou — Caoimhe falou, enxugando uma lágrima no canto do olho. — Porque tenho quinze anos e meio e a minha vida é um inferno. Tenho um pai raivoso em negação, uma irmã doida de pedra e uma mãe que já teve câncer tantas vezes que provavelmente não vai ver minha formatura, então talvez eu tenha direito de me sentir um pouco amarga.

— Quem mais sabe disso? — perguntei, segurando a vontade de defender a Liz. Eu sabia que, se dissesse mais alguma coisa, Caoimhe encerraria a conversa. E eu tinha perguntas. Muitas

perguntas. — Além da sua família, quero dizer.

— A escola da Lizzie, os médicos e terapeutas, meu namorado... ah, e a sua mãe.

Ergui as sobrancelhas, surpreso.

— Minha mãe?

Ela fez que sim.

— A Sinead está sendo incrível com a nossa família.

— Ah... — falei, baixinho, arquivando suas palavras no meu cérebro para uma análise futura. — E os médicos do hospital descobriram o que está acontecendo com a Liz? Qual o nome do que ela tem?

— Ainda não, mas tenho certeza que vão descobrir algum termo chique pra rotular ela. Afinal, existem centenas de palavras bonitas pra classificar os doidos. — Ela colocou as mãos na mesa, se levantou e me deu um sorriso amarelo. — Vão encontrar uma palavra pra classificar a disfuncional família Young.

25 de outubro de 1996

Doutor, doutor, onde estou?

LIZZIE

— Depressão.

— Transtorno de estresse pós-traumático.

— Não, não, não, a sua filha está apresentando todas as características da agorafobia social.

— Na verdade, estou começando a achar que estamos caminhando pra um transtorno do pânico.

— É depressão clínica.

— Ela precisa se exercitar mais. A endorfina melhora o humor naturalmente.

— Gostaria de agendar uma ressonância magnética pra descartar qualquer outra coisa mais séria.

— É transtorno depressivo. Não tenho dúvidas.

— É um desequilíbrio químico.

— Neste momento, estamos considerando a possibilidade de transtorno de personalidade borderline.

— Bobagem, ela é perfeitamente funcional. Só precisa de ar fresco e comida saudável.

— Ela não produz serotonina naturalmente, então precisamos ajudá-la com isso. O Prozac é um ISRS *suave, adequado pra crianças.*

— Ela é nova demais pra considerarmos esquizofrenia, mas devido à forte tendência genética, não podemos descartar.

— Transtorno depressivo...

Totalmente entorpecida, fiquei sentada na cadeira entre os meus pais, com a mala aos meus pés, ouvindo-os atirando perguntas para o dr. Natal. Pelo menos era assim que eu o chamava na minha cabeça, porque ele era igualzinho ao Papai Noel.

Tentei lembrar do nome de todos os médicos e enfermeiras, mas era difícil demais. Havia sempre um novo nome e um novo rosto e um novo par de ouvidos que *não* me escutavam.

Eu não sabia quanto tempo estava ali nem se estava mesmo ali.

Poderia ser outro sonho.

Eu tinha tantos.

Sonhos ruins com monstros que saíam debaixo da minha cama de noite e com moças assustadoras que furavam buracos na minha cabeça. Mas os remédios do hospital me deixavam sonolenta demais para me preocupar com isso.

Agora, quando os monstros saíam à noite, eu deixava que me pegassem. Eu não resistia mais. Em vez disso, abria a porta e os deixava entrar em mim.

No meu corpo.

Na minha mente.

Eu não ligava.

Porque aquilo *não* era real.

Os médicos que falaram.

Os monstros só estavam na minha cabeça.

— Após extensa investigação e muitas horas de trabalho com a Elizabeth, posso afirmar com segurança que, apesar de ser raro, sua filha atende aos critérios do transtorno bipolar de início precoce. Há vários tratamentos disponíveis, mas, neste

momento, dada a rápida melhora dela, gostaria que a Lizzie continuasse com a medicação prescrita. — Ele pigarreou antes de acrescentar: — Claro, a medicação vai precisar ser ajustada à medida que ela for crescendo, e vocês devem estar cientes de que a adolescência é um período particularmente difícil. Alguns estudos sugerem que pacientes com esse transtorno têm uma puberdade precoce em relação aos seus pares, inclusive menstruação precoce. A ciclagem rápida entre episódios maníacos e depressivos não é incomum, sem contar ondas intensas de hipersexualidade, que tendem a vir acompanhadas de euforia severa.

Meu pai abaixou a cabeça, e minha mãe começou a chorar.

— Não é uma sentença de morte — o médico os tranquilizou depressa. — Ela é uma criança excepcionalmente inteligente, com um mundo em potencial.

— Não consigo passar por isso de novo — meu pai disse, cobrindo o rosto. — De novo, não.

— Michael, sei que você tem as suas preocupações, mas a sua filha, com a medicação correta, vai ter uma vida *plena* e *saudável*.

— O que podemos fazer? — Minha mãe pegou minha mão e a segurou firme. — Como podemos facilitar a vida da nossa filha?

— Levem a menina pra casa e a amem — o médico respondeu com simplicidade. — Nunca subestimem o poder curativo do amor de mãe.

31 de outubro de 1996

Você sempre vai ser a minha donzela, milady

HUGH

Era meu aniversário de nove anos e, como sempre, minha casa estava abarrotada de amigos. Os caras corriam alegremente, brincando de pique-pega, mas eu não estava participando. Só conseguiria curtir minha festa depois que *ela* chegasse.

Quando minha mãe entrou no quarto trazendo as boas-novas — a Lizzie enfim tinha saído do hospital —, eu surtei. Não sei o que me deu naquela hora, mas desabei no choro, e fiquei gritando que nem doido por ela ter escondido algo tão importante de mim.

Depois que finalmente me acalmei, ela se sentou comigo e fez um discurso parecido com o que eu já tinha ouvido antes sobre minha amiga — sem os insultos depreciativos que a Caoimhe usou. E me avisou que, *sob hipótese nenhuma*, eu poderia dizer uma palavra sobre os assuntos particulares da Lizzie com a minha irmã, Gibs, Feely ou qualquer outra alma viva.

Ela falou que sabia que eu era inteligente, mas que havia coisas que uma mente tão jovem quanto a minha não poderia

compreender, não importavam quantos livros eu lesse.

Acrescentou ainda que eu não deveria acreditar na Caoimhe dizendo que a Liz era maluca e perigosa, porque a mente *dela* também era jovem demais para entender aquela situação.

Catherine ligou de manhã para falar para a minha mãe que Liz estava se sentindo melhor e iria à minha festa, e esse foi o melhor presente que eu poderia receber. Nem liguei para os pacotes fechados que me esperavam.

Só queria a Liz.

Estava sentado nos degraus da varanda quando o carro do pai dela enfim parou na minha garagem. Uma empolgação estrondosa ganhou vida dentro de mim assim que Mike desceu e abriu a porta do carona. No instante em que a vi saindo, uma sensação estranha me dominou. Foi como se o meu coração tivesse sido capturado em uma rede de pesca e eu estivesse sendo arrastado de volta para ela.

Liz estava usando uma jardineira vermelha e um cardigã de tricô bege enorme, com meias brancas com babados e sapatos pretos brilhantes. Era uma combinação esquisita, mas que nela ficava descolada. Só que, quando ela começou a caminhar na minha direção, o pânico cresceu no meu peito, porque ela estava andando como se tivesse blocos de cimento presos nos pés.

— Liz! — desci os degraus da varanda e me aproximei depressa, só parando até estar com ela nos braços. — Estava morrendo de saudade.

Dois meses.

Foram *dois* longos meses sem a minha amiga, e, agora que ela estava ali, eu estava com medo de soltá-la.

— Hugh! — Liz não hesitou em me abraçar, tremendo sem parar, enterrando o rosto no meu pescoço. — Juro que eu estava com mais saudade.

— Eu queria te ver — falei, abraçando-a com mais força. — Teria ido se tivessem deixado.

— Eu sei. — Ela agarrou minha camiseta. — Acredito em você.

Desviei a atenção momentaneamente para o pai dela, ainda parado perto do carro conversando com a minha mãe. Os dois estavam sérios. Mike estava de sobrancelhas franzidas, falando baixinho enquanto minha mãe concordava sem parar.

A forma como eles olhavam para a Lizzie me fez puxá-la para o meu lado e passar o braço de maneira protetora em volta dela.

Ele *não* ia levá-la embora de novo.

Só por cima do meu cadáver.

— Quer brincar de pega-pega com os caras? — perguntei, a levando para dentro de casa depressa antes que seu pai mudasse de ideia e a levasse embora. — Ou quer ir à casa da árvore? — Fechei a porta e abri um sorriso tranquilizador. — Eu topo o que você quiser.

— Tudo bem, Hugh. Você devia aproveitar a sua festa — ela falou com uma vozinha. — Vou só me sentar um pouquinho.

Não, eu não ia deixá-la sentada em uma cadeira sozinha a festa toda. Não agora que ela estava de volta.

— Não dou a mínima pra essa festa — declarei, e era verdade. A única coisa que me importava era ela. — Vamos. — Peguei sua mão e a puxei para a escada. — Podemos ficar lá no meu quarto. — Eu a segurei com firmeza enquanto subia. — Lá em cima é mais calmo.

— Ahhh — Danny Call brincou quando entramos no quarto. O babaca enxerido estava fuçando as minhas coisas, como sempre fazia quando vinha em casa. — A *namorada* do Biggsie chegou.

— Sai do meu quarto, Danny — ordenei, apontando para a

porta. — Agora.

— Com quem será? Com quem será? Com quem será que o Hugh vai casar? — ele cantarolou, se aproximando da porta. — A Lizzie aceitou, a Lizzie aceitou, tiveram dois filhinhos...

Fechei a porta na cara dele antes que o Danny terminasse.

— Quer saber um segredo? — perguntei, levando a Liz até a cama. — Não *suporto* esse cara.

Liz se sentou no colchão e então se deitou em posição fetal, de frente para mim.

— Então por que você sempre convida ele pras suas festas?

— Porque ele é um dos caras, acho — respondi, me deitando ao seu lado. — Seria meio bosta convidar todo mundo menos ele.

— Mesmo se você não suporta ele?

Me virei de lado para ela.

— Educação é tudo. — Sorri. — Pelo menos é o que minha mãe vive dizendo.

Um sorrisinho brincou em seus lábios.

— Você gosta dela.

— Da minha mãe?

Ela assentiu, esticou o braço e colocou a mãozinha no meu rosto.

— Você é bom por dentro.

— Você também, Liz.

— Não, Hugh. — Ela balançou a cabeça com tristeza. — Não sou.

Franzi a testa, passei o braço nela e a puxei para perto.

— Por que está falando isso?

Ela estremeceu, descansou a testa na minha e sussurrou:

— Porque é verdade.

— Não. — Me aproximei mais e pousei a mão na sua bochecha. — Isso não chega nem perto da verdade.

— Me desculpa por ter me atrasado pra sua festa — ela sussurrou, mudando de assunto conforme outro tremor a dominava. — Feliz aniversário.

— Não tem problema. — Fiz carinho na maçã do seu rosto. — Só estou feliz por você estar aqui.

— Está mesmo?

Fiz que sim.

— A Caoimhe disse que te contou. Que eu arranhei ela. E que eu estava no hospital. — Uma lágrima escorreu quando ela falou: — Você me odeia agora?

— Eu nunca poderia te odiar — respondi, sentindo meu coração se partir. — Eu te amo, lembra?

Ela fechou os olhos.

— Todo mundo acha que sou louca.

— Eu não acho — retruquei, roçando o nariz no seu. — Eu *sei* que você não é louca.

Fungando, Liz abriu o olho e perguntou com uma vozinha esperançosa:

— É mesmo?

— É. — Coloquei seu cabelo atrás da orelha e continuei fazendo carinho na sua bochecha. — Acredita em mim, eu sei dessas coisas.

— Eu acredito. — Ela arregalou os olhos, me dando um vislumbre da garota que eu conhecia. — Confio *de verdade* em você, Hugh.

— Às vezes você fica triste, e tudo bem — eu disse, sentindo uma vontade urgente de puxá-la para perto e protegê-la do mundo. — E você também fica brava, mas quem é que não fica?

— E a moça assustadora? — ela sussurrou, insegura. — E o monstro? — Seus olhos se encheram de lágrimas. — Ninguém consegue ver, mas eu juro que vejo, Hugh. — Um soluço

sofrido escapou dos seus lábios. — Eles me machucam.

— Eles estão aqui agora?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Eles nunca me machucam quando você está comigo. — Fungando, ela se aproximou tanto que pressionou o corpo no meu. — Têm medo do cavaleiro valente.

— Eu sou o cavaleiro valente?

Liz assentiu, chorando.

— Ainda sou a sua donzela?

— Você sempre vai ser a minha donzela — prometi. — Milady...

31 de dezembro de 1996

Você é mocinha agora

LIZZIE

Eu sabia que estava sonhando quando o monstro entrou no meu quarto de noite, porque os médicos me disseram que ele não era real. Que eu tinha inventado tudo. A moça assustadora também. Os dois eram frutos da minha imaginação, ilusões que eu criava dentro da minha cabeça, e acho que isso me acalmou, pois significava que eu não estava sendo machucada de verdade.

A moça assustadora não estava me empurrando para baixo da água no mundo real, e o monstro também não estava enfiando coisas dentro do meu corpo. Eu não precisava resistir e gritar e falar para o monstro que o meu melhor amigo tinha me contado sobre o toque ruim, porque aquilo não estava acontecendo de verdade.

Isso fazia eu me sentir bem melhor.

Eu não precisava arranhar e morder e empurrar o monstro para longe. Eu podia só ficar deitada ali quietinha, porque ele não podia me machucar. Os médicos falaram. Estava tudo na minha cabeça.

Quando o monstro me virou e empurrou minha cabeça no travesseiro, eu não precisei implorar para morrer, porque era só um sonho. Quando ele enfiou a coisa ruim dentro do meu corpo, não torci para que ele me levasse para a escuridão e me largasse lá, porque ele morava na

escuridão e eu morava na luz. Quando ele enfiou a coisa ruim na minha boca, me xingando e me mandando fazer o que ele tinha me ensinado, eu só fiz. O que quer que ele quisesse, eu dei sem hesitar. Eu não precisava mais desejar ser um fantasma sem corpo para ser violado, porque, no mundo real, ele não podia me pegar.

No mundo real, eu estava livre.

— Vamos, Liz! Estamos no meio da tarde!

Sonolenta, acordei e dei de cara com a minha irmã.

— O que foi? — grunhi, afundando mais no colchão. — Estou cansada.

— Você está sempre cansada ultimamente — ela resmungou, revirando os olhos. — O papai disse que você precisa se levantar e ajudar a preparar a casa pra hoje à noite.

— Por quê? — murmurei, com as pálpebras pesadas. — O que tem hoje?

— Hum, *alô*? É a nossa festa anual. — Minha irmã ficou olhando para mim como se eu tivesse duas cabeças. — É véspera de Ano-novo, Liz.

— Ah! — Bocejei, me deitei de costas e falei: — Ok.

— Vamos — ela insistiu, pegando minhas cobertas. — O papai disse que você tem que ajudar. — Ela arrancou o cobertor e ergueu as sobrancelhas de surpresa, gritando: — Mãe! Vem aqui! A Lizzie menstruou!

Eu tinha menstruado?

Confusa, me ergui sobre os cotovelos e olhei para as minhas coxas sujas de sangue.

— Estou sangrando. — Encarei minha irmã. — Vou morrer?

— Não, não, você não vai morrer, Liz, juro que isso é totalmente normal Caoimhe falou depressa. — Se chama menstruação.

— Menstruação? — Entorpecida, fiquei olhando para o

lençol manchado. — O que é isso?

— É quando a vagina da menina sangra por uns dias todos os meses. — Ela me ajudou a me levantar e começou a tirar a roupa de cama. — É completamente normal e acontece com todas nós.

— Com você também?

— Sim, Liz. Todo mês.

Estremeci de repulsa.

— Ah!

— Ah, coitadinha — ouvi minha mãe falar da porta do quarto. — Está tudo bem, meu amor. — De bengala, ela mancou até nós e me puxou contra o peito. Estava só pele e osso, e, quando me abraçou, meu coração disparou e meus pensamentos aceleraram. — A gente sabia que isso poderia acontecer mais cedo com você.

Eu não fazia ideia do que ela estava falando, mas não tinha energia para me importar. A única coisa que me preocupava era ela.

O remédio que os médicos me davam no hospital me deixava lenta, e eu não sentia mais raiva como antes. Depois de quase dois meses longe da minha mãe, percebi que eu me sentia *melhor* quando não estava perto dela. Porque tinha medo do que aconteceria se ela não se curasse da próxima vez. Porque *sempre* havia uma próxima vez. Ela ficava doente e sarava, e depois ficava doente de novo, só que cada vez parecia pior.

Era estranho não querer que minha mãe me abraçasse e ao mesmo tempo não querer que ela me soltasse. Mas era o que eu sentia quando ela me abraçava.

— Vem, meu amor — ela disse, me levando para o banheiro. — Vou preparar um banho pra você.

Me sentei na tampa do vaso e fiquei observando-a encher a banheira sem prestar atenção em uma palavra do que ela dizia.

Eu sabia que minha mãe estava tentando me explicar o que estava acontecendo com o meu corpo, mas eu não ligava. Porque não gostava de ter um corpo. Daí Caoimhe entrou e me contou dos absorventes. Eu também não ligava para isso. Sem problemas. Eu faria o que fosse preciso.

— E se a água ficar vermelha? — perguntei para elas, afundando na banheira.

— Isso não vai acontecer — minha mãe respondeu, saindo do banheiro para me dar privacidade e levando minha irmã junto.

Assim que as duas se foram, ergui o pé e abri a torneira de água quente com o dedão.

Quando a água quente começou a borbulhar e o vapor subiu, mantive o pé no jato.

Eu era boa com a dor, e a dor era boa comigo.

Ela fazia eu me sentir melhor.

Me ajudava a me concentrar.

A impedir que meus pensamentos corressem soltos na minha cabeça.

A dor fazia todos os meus pensamentos se esvaírem da minha mente, e suspirei aliviada.

Minhas pálpebras tremeram e fechei os olhos, permanecendo completamente imóvel enquanto a água queimava minha pele e formava bolhas.

Mais tarde naquela noite, quando a festa dos meus pais estava bombando, fiquei no quarto, cansada demais para conversar com adultos cujos nomes eu nem me lembrava.

Ganhei um aparelho de som novinho de Natal, além do álbum *Rumours*, do Fleetwood Mac, edição deluxe. Aquela noite, Stevie e Lindsey ficaram tocando sem parar, suas vozes bloqueando o barulho da festa. Minha barriga estava doendo e

eu não queria ficar zanzando por aí, com medo das minhas entranhas caírem. Aquela coisa de menstruação era assustadora.

Daí meus amigos chegaram e foram me ver, até que Claire e Gibsie saíram para caçar o que comer. Mas Hugh não. Ele se deitou na cama e ficou comigo, me fazendo companhia a noite toda.

Me contou histórias das suas aventuras com Gibsie nas férias de Natal, dos jogos de computador que o Papai Noel lhe dera e dos livros que tinha lido.

— Eu odeio ele pra cacete, Liz — confessou quando perguntei se ele estava feliz porque seu pai tinha ido à festa. Com os braços dobrados atrás da cabeça, Hugh ficou encarando o teto do quarto e depois suspirou. — Ele podia muito bem ter parado de nadar aquele dia, porque, desde esse momento, não viveu mais.

Eu estava familiarizada com a dor contida naquelas palavras. Meu melhor amigo sofria ao ver o pai desistir da vida. Ao contrário da Claire, que não parecia perceber nada, Hugh estava chateado. Eu achava que aquilo podia ter a ver com o seu cérebro gigante. Era mais difícil para ele ignorar os problemas familiares. Ele via tudo, observava tudo, e isso o deixava arrasado diariamente.

Me virei de lado para ele, coloquei as mãos debaixo do rosto e sussurrei:

— Você sempre vai ter a mim, Hugh.

Ele também se virou para mim e sorriu.

— Você gosta mesmo dessa banda, né? — Mudou de assunto, deixando claro que não queria mais falar sobre o pai. Tudo bem. Eu não ligava. Ficava feliz de ouvi-lo falar sobre qualquer coisa, contanto que estivesse comigo. — Qual o problema?

Franzi a testa.

— Como assim?

Ele tocou a mão que eu tinha colocado na barriga, preocupado.

— Você está doente?

— Não, não estou doente. Só estou com dor.

Seus olhos castanhos se fixaram nos meus.

— Por quê, Liz?

Minhas bochechas coraram.

— Eu menstruei.

— É aquela coisa que acontece com as mulheres? — Ele franziu as sobrancelhas. — Aquele sangramento?

Fiz que sim.

— Mas você ainda não é mulher.

— Eu sei.

Quando ele colocou a mão na minha bochecha, senti aquela empolgação familiar crescendo e fazendo meu coração disparar.

— Você está bem?

— Estou. — Assenti e abri um sorrisinho forçado. — Eu só... não gosto dessas mudanças.

Vários segundos se passaram e ficamos ali, compartilhando um silêncio agradável. Ele se aproximou e tirou a mão da minha bochecha, passando o braço ao meu redor.

— Não se preocupa, Liz. — Ele me envolveu no abraço mais quentinho e seguro do mundo. — Você também sempre vai ter a mim.

31 de dezembro de 1996

Se isso a mantivesse segura

HUGH

A festa estava bombando no andar de baixo, mas a Liz não estava a fim de participar, então passei a noite toda com ela. Haveria um milhão de outras festas, mas só havia uma Lizzie Young.

Eu sabia que ela estava melhor desde que tinha voltado do hospital, mas Liz não era mais a mesma. Tinha algo diferente nela. Eu não entendia o que era nem o que tinha acontecido, mas sabia que *tinha* alguma coisa.

Liz agora vivia cansada e não ficava mais rolando na grama como antes. Seus olhos não brilhavam mais e ela estava bem mais calada. Demorava mais tempo que o normal para responder às perguntas ou dar respostas espertinhas — algo que ela sempre foi mestra em fazer.

Agora, coisas de adulto estavam ocorrendo no seu corpo, e eu não podia fazer nada. Também não conseguia fazê-la feliz.

Tudo o que eu podia fazer era ficar com ela.

Então foi o que fiz.

Porque, no fundo, sabia que me sentaria com a Lizzie Young pelo resto da vida, se isso mantivesse a tristeza longe dos seus

olhos.

Se isso a mantivesse segura.

— Ei, Hugh? — ela falou pouco tempo depois, quando estávamos lendo em sua cama.

— Sim, Liz?

Liz apontou para o relógio na mesinha de cabeceira.

— Feliz Ano-novo!

Verifiquei as horas e vi que era meia-noite, o que significava uma coisa. Me inclinei para perto e dei um beijo no rosto dela, achando um pouco mais difícil me afastar dessa vez.

— Feliz Ano-novo, Liz!

5 de janeiro de 1997

Me acorda quando amanhã acabar

LIZZIE

— Qual é o problema? — Chorando na cama no escuro, abracei os joelhos e fiquei me balançando. — Por que você está bravo?

— Porque você menstruou, porra — o monstro esbravejou, surgindo da escuridão em uma nuvem de fumaça. — Você só tem nove anos! — Seus olhos estavam vermelhos. — Por que menstruou se tem nove anos?

Acorda, Lizzie.

Acorda.

Agora!

— Me desculpa — choraminguei, enterrando o rosto nos joelhos, com medo de olhar para os seus dentes afiados. — Eu não queria.

— Isso aconteceu porque você é ruim. Deus está te punindo por você ser uma putinha imunda. — Ele se aproximou, segurou meu rosto e ficou me encarando. — Você precisa ser punida por fazer isso comigo. — O monstro colocou a outra mão na fivela do cinto. — Hoje, você vai aprender como as coisas podem ficar feias, mas primeiro preciso que tome isso.

— O que é? — perguntei com o peito pesado, tentando lembrar que aquilo era só um sonho. Logo eu acordaria e tudo melhoraria.

— Boas meninas tomam remédio, senão acabam com um barrigão —

o monstro sussurrou, enfiando um comprimidinho na minha goela. — Você não quer ficar com um barrigão, né?

Fiz que não.

— Você vai tomar um desses toda noite — o monstro continuou. — Vou garantir.

— Não quero — choraminguei, detestando a sensação da pílula escorregando pela minha garganta. — Por favor, não me faz tomar mais remédios.

17 de janeiro de 1997

Duas semanas é demais

HUGH

Quando a Liz começou a primeira série em setembro, passou a pegar o ônibus das três da tarde para voltar da escola comigo. Só que duas semanas tinham se passado desde o recesso de Natal e a Lizzie ainda não tinha voltado.

Eu sabia o que isso significava.

Ela estava doente de novo.

Depois de passar dias atormentando minha mãe para que ligasse para a mãe da Lizzie, ela finalmente cedeu ontem de noite. Passou meia hora ao telefone com a Catherine e foi até o meu quarto para me dizer que a Lizzie não tinha voltado para o hospital, mas que estava gripada em casa.

Talvez fosse verdade, mas aquilo não me caiu nada bem e eu estava perdendo a paciência.

Quando ela saiu para o trabalho no sábado de manhã, cheguei ao meu limite. Escapulir pela cozinha era moleza quando Caoimhe estava de babá, porque ela passava a maior parte do tempo com a língua enfiada na garganta daquele cretino.

Felizmente, Caoimhe não costumava ficar com ele dentro de

casa durante o dia e preferia o jardim.

Liguei para o número que decorei aos sete anos, levei o telefone à orelha e fiquei ouvindo a linha chamar.

— Alô? — uma voz familiar atendeu.

— Oi, Mike, sou eu — respondi com um tom ameno. — Posso falar com a Lizzie, por favor?

— A Elizabeth ainda está indisposta, Hugh — ele disse de um jeito simpático. Mike gostava bastante de mim, e, apesar do sentimento não ser recíproco, eu sempre me esforçava para ser educado. — Está descansando lá em cima.

— Sim, eu sei que ela está doente — insisti, tomando cuidado para não deixar as emoções me dominarem quando tudo o que eu queria era berrar *passa logo esse telefone pra ela*. — Mas preciso muito falar com ela. Senão nem te pediria isso, Mike.

— Espera um pouco, filho — Mike pediu, cedendo mais rápido do que eu esperava. — Vou ver se ela está acordada.

— Obrigado, Mike.

Vários minutos angustiantes de silêncio se passaram até a Lizzie atender.

— Alô?

— Liz? — Agarrando o telefone como se minha vida dependesse disso, relaxei contra a parede e soltei um suspiro de alívio. — Sou eu.

Ela levou um tempão para responder.

— Hugh?

— Isso, Liz, sou eu.

— Oi.

— Você está bem? — consegui perguntar, com o coração martelando no meu peito. — Falaram que você está gripada.

— Gripada? — Houve outra pausa exagerada e depois ela murmurou: — Ah, sim.

— Você não parece bem, Liz.

— Estou bem... só... cansada. — Muitos segundos se passaram e então ela acrescentou: — Preciso ir agora, Hugh.

— Liz, espera...

Mas a ligação já tinha caído.

— Porra! — Bati o fone no aparelho, o peguei de novo e bati mais três vezes. — Cacete!

— Ei! — Caoimhe falou, entrando na cozinha. — O que foi que o telefone te fez?

— Sua irmã está mesmo bem? — perguntei de uma vez. Ou melhor, exigi. — Já sei tudo sobre ela, Caoimhe, então pensa bem antes de mentir na minha cara.

— Se já sabe tudo sobre ela, por que está me perguntando?

Estreitei os olhos.

— Liz não está gripada, né?

— Está, sim. É verdade. — Caoimhe deu a volta em mim e foi até o fogão, pois minha mãe tinha deixado o almoço pronto. — Mas ela está tendo uma crise.

— Ah! — Meu coração murchou. — A coisa está muito feia?

— Não, não está tão ruim quanto antes — ela falou, baixinho. — Mas a medicação foi ajustada, então ela está super aérea. — Caoimhe deu de ombros e abriu um sorriso tranquilizador. — Ela vai ficar bem. Lizzie é tipo um bumerangue. Ela sempre volta.

Sim, mas e se não voltasse?

Eu queria saber mais sobre a doença, mas ninguém me explicava direito, e a Lizzie parecia tão no escuro quanto eu.

Daí decidi mentir, mentalmente planejando meu próximo passo.

— Vou passar umas horinhas no Gibsie.

— Hum, alô? — Ela apontou para o teto. — O Gibsie está lá em cima com a Claire.

Merda!

— Então vou na casa do Robbie.

— Estou com cara de quem nasceu ontem, Hugh Biggs? — Caoimhe colocou as mãos na cintura e me olhou feio. — Aonde você está querendo ir?

— Na casa do Robbie — insisti, saindo para a garagem. — Juro por Deus.

— Hum... — Ela me seguiu, desconfiada. — E sua mãe concordou com isso?

Bem, ela nunca *discordou*, e eu planejava tirar proveito disso.

— Sim. — Peguei a bicicleta na garagem, subi no selim e saí pedalando. — Te vejo mais tarde.

— Toma cuidado na rua, Hugh! — ela falou.

Atravessei a cidade feito um demônio, até que as ciclovias deram lugar às estradas.

Eu não estava preocupado com o trânsito veloz nem com a possibilidade de errar o caminho. Era um ciclista bastante confiante e tinha uma memória excelente. Encontraria o caminho até ela. Nem que fosse a última coisa que eu fizesse na vida.

Quarenta e cinco minutos depois, passei pela placa que dizia Robin Hill Road e senti orgulho por ter me virado sem ajuda nenhuma. Ao chegar nos portões da Old Hall House alguns minutos depois, a propriedade me pareceu tão impressionante quanto eu lembrava.

Havia um portãozinho de pedestres ao lado da entrada da garagem, que a família nunca fazia questão de trancar, então entrei com a bicicleta e pedalei pelo caminho de cascalho até a casa.

Mike estava saindo bem quando cheguei no pátio.

— Hugh? — Ele ergueu as sobrancelhas de surpresa. — Não

sabia que você vinha, filho.

— Pois é — foi só o que eu disse, descendo da bicicleta para empurrá-la. — Posso entrar, se não tiver problema?

— Fica à vontade, cara — ele respondeu, dando de ombros, seguindo para os estábulos. — Elizabeth está no quarto.

Fui direto para a imponente escadaria, sentindo o coração acelerar a cada passo. Quando cheguei à porta dela, entrei sem bater.

— Liz? — Ao vê-la deitada em posição fetal no meio da cama, juro que meu coração se partiu. Fui chegando mais perto até estar sentado ao seu lado. — Liz, está acordada?

Nada.

— Ei! — Toquei seu braço, tentando acordá-la com o máximo de gentileza. — Sou eu.

Só que, assim que a toquei, ela surtou, me atacando violentamente com os braços e as pernas. Ela não disse uma palavra. Pelo contrário, permaneceu em um silêncio mortal naquela histeria, se debatendo e esperneando como unhas e dentes.

— Meu Deus! — exclamei, me afastando da cama e erguendo as mãos. — Lizzie, sou eu, o Hugh.

Quando falei meu nome, algo se transformou e ela parou na hora.

— Hugh?

— Sim, Liz, estou aqui — respondi, querendo me aproximar, mas sem saber se era o que ela queria. — Olha pra mim.

Ela se virou com muito esforço, e quando seus olhos encontraram os meus, senti uma pontada no peito. Porque não pareciam mais seus olhos. Não eram mais azul-claros. Estavam quase pretos.

— Me desculpa — Liz sussurrou, enfiando as mãos debaixo do rosto. — Pensei que ainda estivesse sonhando.

— Tudo bem — falei, parado na lateral da cama. — Era um sonho ruim?

Ela deu de ombros.

— Todos os meus sonhos são ruins.

— Quer falar disso?

Ela balançou a cabeça.

— Estou cansada demais.

— Posso me sentar?

Ela fez que sim.

Aliviado, me sentei devagar no colchão.

— Andei preocupado com você.

— Hum... — Suas pálpebras tremeram. — Estou bem.

Ela não estava bem.

Não estava *nada* bem.

— O que aconteceu?

— Eu fui má — ela murmurou.

— Má?

Ela assentiu.

— Não entendo.

— Eu também não. — Ela colocou a língua para fora para molhar os lábios rachados. — Estou doente, Hugh.

Meu coração se apertou.

— Está?

Ela deu tapinhas na têmpora.

— Aqui.

— Não está, não. — Sem conseguir me conter, me aproximei e fiz carinho no seu rosto. — Você é perfeita.

— Estou doente. — Ela tirou a mão debaixo das cobertas e a pôs sobre a minha. — Minha cabeça não está boa.

— Não fala assim — pedi, desesperado. — Você é a minha Lizzie. A mesma de sempre.

— O médico me passou um novo remédio — ela sussurrou,

segurando minha mão no seu rosto. — Agora eu vivo cansada.

— Você falou isso pra eles?

Ela acenou de leve.

— É pro meu bem.

— Posso fazer alguma coisa pra te ajudar?

— Fica — ela respondeu, choramingando. — Não me deixa.

— Não vou te deixar, Liz — prometi, me segurando para não a puxar para os meus braços. — Vou ficar com você.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz. — Fiz carinho na sua bochecha, me inclinei e dei um beijo na sua cabeça. — Não importa o que aconteça.

— Vou ficar bem, Hugh? — ela perguntou, olhando para mim como se eu tivesse todas as respostas. — Será que um dia vou ser normal que nem as outras meninas?

Suas palavras dilaceraram meu coração, e senti uma necessidade urgente de acalmar seus medos.

— Presta atenção porque vou te contar um segredinho.

— É mesmo?

— Uhum. — Eu a segurei pelos braços e a puxei gentilmente para que ficasse sentada. Depois, ajeitei seu cabelo bagunçado por cima dos ombros. — Não existe isso de normal, Liz. Não existe. É só uma palavra que alguém inventou pra fazer todo mundo se comportar exatamente do mesmo jeito e poder enfiar todo mundo nas mesmas caixas.

— Sério?

Eu não fazia ideia, mas era uma teoria que tinha sobre o assunto.

— É só uma palavra — repeti, enxugando uma lágrima da sua bochecha. — E você é especial *demais* pra ser colocada na caixinha dos “normais”.

— Sou?

— É. — Assenti e sorri para ela. — Jamais poderia ser

definida por uma palavra, Liz, muito menos por uma tão chata quanto “normal”. Quer saber? Eu não mudaria nada em você. E adoro que você não esteja nessa caixa entediante.

Ela fungou e pegou minha mão.

— Você não me mudaria se pudesse?

— Não.

— Como não?

— Senão você não seria *você* — expliquei, enxugando outra lágrima. — E um mundo sem Lizzie Young seria uma farsa.

— Farsa — ela repetiu devagar, absorvendo a palavra.

— Olha, sei que você está cansada, e tudo bem se não quiser, mas o que acha de dar uma voltinha lá fora comigo?

Lizzie ficou me encarando por um longo tempo antes de assentir.

— Sim, Hugh, eu adoraria.

17 de janeiro de 1997

Isso, Elizabeth

LIZZIE

Um pouco zonza e desequilibrada, caminhei com dificuldade pelos campos nos fundos da nossa propriedade com Hugh. Segui tropeçando pelo terreno irregular e nos buracos, tentando me orientar. Ele foi muito paciente o tempo todo.

Era como se eu estivesse saindo da hibernação. Eu era tipo um urso acordando após um longo inverno. O sol ameno era um pouco estranho no meu rosto, mas a sensação da mão dele na minha parecia *certa*.

Eu sabia que Hugh andava bem mais rápido e eu estava lenta, mas ele parecia contente de ir no meu ritmo, e eu me sentia mais viva do que em semanas.

Caminhamos por horas pelos campos e estradas rurais enquanto Hugh me contava tudo o que tinha acontecido desde o nosso último encontro. Eu não conseguia reter muita coisa, mas sua voz era tão reconfortante que eu não queria que ele parasse de falar. Poderia passar o resto da vida ouvindo a voz dele sem nunca me cansar.

Era difícil explicar o conforto que sua presença me dava.

Estar viva parecia fácil com ele.

Eu sabia que era uma coisa estranha de pensar, mas era o que eu sentia.

Viver era muito mais fácil quando Hugh estava por perto.

Quando eu estava com ele.

Chegamos em casa depois de uma eternidade zanzando pelo bairro, e já estava escuro. Mas eu não estava com medo. Pois o cavaleiro valente me protegeria. Eu tinha fé na habilidade dele de manter os monstros longe. Acreditava que ele nunca soltaria minha mão.

Não importava o que acontecesse.

— Ah, merda! — Hugh resmungou quando demos a volta na lateral da casa e vimos o carro da mãe dele ali. — Estou morto, Liz.

Abri a boca para perguntar por que, mas sua mãe chegou primeiro.

— Hugh Andrew Biggs! — Sinead gritou. — Espero que seja você se escondendo aí atrás!

Ele soltou um grunhido alto, tentando se esconder.

— Eita, ela está bem zangada.

— Por quê? — perguntei, me virando para ele.

— Ah, eu meio que não contei que vinha pra cá — falei timidamente. — E meio que não pedi permissão pra pedalar até aqui.

— Ah! — Dei risada pela primeira vez em muito tempo. — Você está *mesmo* morto.

— Elizabeth Eleanor Young! — Foi a vez da *minha* mãe. — Devolve o menino pra mãe dele agora mesmo.

— Isso, *Elizabeth*. — Hugh agitou as sobrancelhas, fazendo graça. — Me devolve pra minha mãe agora mesmo.

Então meu sorriso se transformou em gargalhada.

PARTE 5

Amizades salva-vidas

17 de março de 1997

Construindo bicicletas e amizades

HUGH

Depois do desfile do dia de St. Patrick daquela tarde na cidade, a Catherine Young nos convidou para a Old Hall House para brincar. O tempo estava bom demais para ficar dentro de casa, então nós cinco decidimos construir uma casa da árvore.

Enquanto Gibs, Feely e Claire vasculhavam os estábulos procurando materiais que poderíamos usar, Liz e eu percorremos os galpões do outro lado da propriedade.

Mas nossos planos de construir uma casa na árvore foram por água abaixo assim que encontramos uma bicicleta tomada por teias de aranha no fundo de um galpão.

— Pode segurar isso?

— Claro.

— Está segurando, Liz?

— Estou, Hugh.

— Boa.

Assenti e lubrifiquei a corrente daquela bicicleta velha e enferrujada que tínhamos encontrado. Depois, fui ajustando a corrente até ter certeza de que ela permaneceria no lugar.

— Acho que deu certo.

— Foi tão fácil assim? — Liz perguntou, fascinada.

— Sim. — Chutei o suporte para cima e segurei o guidão enquanto ela subia no selim. — Vamos fazer um teste pra ver se a corrente está firme.

Ela empurrou os pedais com vontade e desceu a rua de cascalho, pedalando feito doida para ganhar velocidade.

— Muda de marcha! — gritei, dando risada, com a atenção totalmente focada na loirinha voando na bicicleta. — Vê se ela aguenta!

— Está aguentando — respondeu, empolgada. — Você conseguiu.

Sorrindo de satisfação, limpei o óleo das mãos com um pano e fiquei observando minha melhor amiga pedalar.

— Cuidado, Liz, os freios estão travados...

— Não estou nem aí — ela disse, rindo e passando por mim a toda velocidade. — Não quero frear, Hugh. Quero ir mais rápido!

— Ela parece feliz — alguém comentou. Me virei e dei de cara com a mãe da Lizzie na porta da frente. Seu sorriso era quase tão grande quanto o da filha. — Olha só pra ela.

— Pois é — concordei, gargalhando, e me aproximei. — É destemida, essa aí.

— Você é um bom amigo pra ela, Hugh. — Ela voltou a atenção para mim. — Obrigada.

— Ela também é uma boa amiga pra mim — falei, dando de ombros e fitando a frágil mulher. — Como está se sentindo, Catherine?

— Você é mesmo um querido. — Catherine deu risada, emocionada. — Estou bem melhor ultimamente.

Sorri para ela, aliviado, porque gostava muito da Catherine Young. Ela era super legal, e era uma merda que passasse tanto tempo no hospital. Eu entendia o motivo — minha mãe tinha

me explicado sobre a doença — e torcia para que ela melhorasse. Até rezava por ela quando ia para a cama. Toda noite. Sem exceção. Só para garantir.

— A Liz também está se sentindo bem melhor ultimamente — decidi contar, porque eu sabia que ela queria me perguntar mas não perguntaria. O alívio que vi nos seus olhos azuis me fez continuar depressa: — Está rindo mais e fazendo piadas como antes. — Era verdade. A Liz estava cada vez melhor desde o Ano-novo e, apesar de nunca falar sobre o seu diagnóstico *verdadeiro*, não tentava mais escondê-lo de mim.

Ela confiou que eu guardaria seus segredos e me contou tudo sobre o remédio que tomava todo dia — ele a fazia se sentir *estável* e não estava mais a deixando cansada. Eu sabia tudo sobre as sessões de terapia e o médico que parecia o Papai Noel, que a Liz consultava a cada dois meses.

Ela ainda passava alguns dias calada e, quando ficava triste, não ficava só triste, mas arrasada. Só que isso já não acontecia com tanta frequência. Tudo na minha amiga parecia mais equilibrado.

— Você é um bom menino, Hugh Biggs. — Catherine deu tapinhas na minha mão. — Sua mãe tem muita sorte de ter um filho como você.

Várias horas depois de consertar a bicicleta velha, nós a batizamos de *Sucata*. E, após uma árdua caminhada pelo campo carregando um monte de tábuas de madeira, a casa na árvore que queríamos construir começou a tomar forma.

Encontramos o carvalho perfeito e escolhemos o galho mais forte para ser o piso. Teríamos erguido as paredes, mas Gibsie decidiu surtar quando Feely acidentalmente acertou o dedão dele em vez do prego e *jogou* nosso *único* martelo no chão. Nós cinco ficamos procurando em vão no mato alto. Foi como

tentar encontrar uma agulha num palheiro.

— Gerard já pediu desculpas, Hugh — Claire disse, defendendo-o pela centésima vez. — Ele vai arranjar outro martelo, você vai ver.

— Onde? — perguntei, irritado. — Na bunda dele?

— Hugh! — Claire me repreendeu enquanto Lizzie dava risada ao seu lado. — Não fala assim.

— Vai escurecer em uma hora, Claire — Feely falou calmamente.

— Pois é — eu disse. Estava anoitecendo e quase não havia mais luz. — Mesmo se ele arranjar outro martelo, não vamos ter tempo de erguer as paredes.

— Muito menos o teto — Feely acrescentou, concordando comigo.

— Ah, meu Deus, gente! Olhem! — Liz exclamou, rindo e apontando para algo ao longe.

Claire e eu viramos ao mesmo tempo e vimos Gibsie arrastando uma marreta na direção da casa da árvore.

— Achei um martelo, galera!

— Ahhh! — Liz continuou uivando de tanto rir. — Ele está parecendo o Thor com esse martelo!

— Ouviu essa, Gibs? — Feely falou, gargalhando. — A Lizzie disse que você parece um super-herói!

Gibsie abriu um sorriso sedutor para nós, deu uma piscadinha e começou a flexionar os bíceps inexistentes.

— Ah, isso — Liz o encorajou. — Mostra pra gente as suas armas, Thor.

8 de junho de 1997

Feis, emoções e passeio em família

HUGH

— Esse é o melhor fim de semana de aniversário do mundo — Lizzie declarou, toda animada, enquanto caminhávamos pela multidão do festival do condado na tarde de domingo.

Ela faria nove anos no dia seguinte, e não poderíamos ter planejado um dia melhor para comemorar. O sol estava rachando, sua mãe estava mais saudável do que em meses, e a menina segurando minha mão estava radiante. No sentido literal mesmo. A Lizzie estava *radiante*.

Segurando firme a mão dela, fui abrindo caminho entre as pessoas aglomeradas em volta da van de sorvete, tendo garantido os nossos. Nossas famílias estavam do outro lado do parque de diversões, esperando o festival de Feis começar.

— Você devia ter pedido xarope de menta — ela disse, lambendo a gosma verde que escorria pela casquinha. — É tão bom!

— Não, obrigado. Prefiro a velha e boa baunilha — falei, olhando para ela por cima do ombro e sorrindo.

Liz era diferente de todas as outras meninas do festival. Ela não estava de vestido bufante nem de bermuda larga cor-de-

rosa — que pelo visto estava na moda, considerando o número de garotas usando aquele negócio —, tampouco usava laços chiques no cabelo.

Com sua jardineira jeans clássica bem larga no corpo, camiseta branca e tênis de cano alto, era a mais bonita. Tinha feito uma trança que ia até o meio das costas. Seu cabelo estava bem mais escuro agora, com mechas cor de mel e douradas. Eu nunca tinha visto um cabelo como o dela, com tantos tons diferentes, e achei que combinavam mais com ela do que o loiro de antes.

Minha irmã dizia que aquela cor era *loiro-escuro*, e, apesar de eu não entender nada do assunto, certamente o cabelo da Lizzie era o meu favorito.

Mas a melhor coisa nela era a sua coragem. Liz não gritou quando ficou presa no topo da roda-gigante nem choramingou feito uma bebezinha quando bateram com tudo nela no carrinho de bate-bate. Ela deu risada e saiu perseguindo freneticamente quem quer que fosse o infeliz. Não tinha um pingo de medo de altura, assim como eu, o que a tornava a companhia perfeita no parque de diversões.

Passamos a maior parte da tarde correndo para lá e para cá atrás dos nossos pais para descolar dinheiro e ir em cada um dos brinquedos.

— A que horas o Gibs e a Claire vão se apresentar? — Liz perguntou, me arrancando dos meus pensamentos. — Daqui a pouco, né?

— Sim, acho que a qualquer momento — respondi, esticando o pescoço para dar uma olhada no palco.

O Feis era uma competição de dança irlandesa que acontecia todo ano no festival do condado. Eu já tinha sido arrastado para o evento inúmeras vezes ao longo dos anos e não estava muito animado, mas aquela era a primeira vez da Lizzie. Ela

estava vibrando de empolgação para ver Gibs e Claire no palco, e eu estava contente só de vê-la sorrir.

Fomos andando entre a multidão, passando pelos brinquedos do parque e pelos vendedores ambulantes até chegarmos ao palco. Percorremos as fileiras de cadeiras e toalhas de piquenique e encontramos nossas famílias na frente.

Estavam sentados juntos em panos espalhados sobre a grama recém-cortada. Acostumado com os espinhos de palha que os fazendeiros deixavam nos campos depois de trabalhar a terra, logo procurei um espacinho no cobertor da irmã dela. Eu detestava o babaca sentado ao lado da minha babá, mas estava de short e não pretendia passar o resto do dia me coçando e cheio de arranhões.

Ignorando Mark e Caoimhe se devorando, me sentei com Liz. Direcionei sua atenção para o palco, apontando para a frente e falando:

— Olha, Liz, eles estão entrando.

— Oba! — ela comemorou, batendo palmas e gritando de animação quando Gibsie subiu com minha irmã logo atrás. — Vai, gente!

Senti uma onda de orgulho ao ouvir as pessoas à nossa volta sussurrando e apontando para eles. Isso sempre acontecia assim que Claire e Gibsie entravam em cena, e eu vivia me perguntando por que os outros dançarinos continuavam se dando ao trabalho de competir com eles.

— Todos são mais velhos que eles — Liz observou, indicando os outros casais alinhados ao lado, com os garotos atrás das garotas. — Eles são tão pequenininhos perto do resto...

— Pois é — concordei, olhando para os adolescentes no palco. — Mas não se preocupa — acrescentei, sabendo que nenhum deles seria capaz de tirar o brilho do nosso casal. — Está no papo.

Os cachinhos da Claire estavam presos e ela usava um vestido de veludo verde, típico da dança irlandesa. Atrás dela, Gibs estava de calça preta com suspensórios e camisa branca. Seu cabelo estava elegantemente penteado para o lado, e seus sapatos eram pretos e brilhantes, com saltos barulhentos, enquanto os da Claire tinham fitas que iam até as canelas.

Apesar de estar sorrindo, dava para ver que minha irmã estava nervosa. Mas Gibs, não. Não, ele parecia um pavão orgulhoso, parado um pouco atrás da Claire, segurando a mão dela.

Quando a banda Ceili começou a tocar sua animada versão da tradicional "Glasgow Reel", os casais começaram a dançar no palco.

— Uau! — Liz falou, com os olhos fixos no Gibsie e na Claire. — Parece que estão flutuando.

— Pois é — concordei.

Essa era a única forma de descrever como aqueles dois se moviam.

Minha irmã se movimentava feito um cisne com seus membros em perfeita simetria, e Gibsie dançava como se tivesse nascido para fazer exatamente isso.

Em geral, as meninas eram as estrelas e os meninos simplesmente dançavam meio sem jeito ao fundo. Só que esse garoto não.

Não o nosso Gibs.

Gibs dominava o palco como se fosse a atração principal. Eu nunca tinha visto alguém mexendo o corpo como ele. Sua coordenação era fenomenal, e ele parecia sentir o ritmo no corpo todo.

Não errou um passo durante toda a apresentação, e quando Claire vacilou no solo, Gibs a trouxe de volta ao ritmo, assumindo a liderança na dança que os coroaria como os

vencedores da competição.

O que era uma tarefa bem difícil, já que os passos eram bastante avançados para a idade deles, mas os dois arrasaram. Não só isso; arrasaram com um sorriso no rosto.

Ignorando os concorrentes mais velhos, Gibs e Claire deslizaram pelo palco, executando toda a coreografia como se fosse algo natural para eles. Não tiraram os olhos um do outro, dançando para si e não para os jurados. Eu achava que essa dedicação talvez explicasse por que as estantes lá de casa estavam abarrotadas de troféus e medalhas.

Quando a música acabou e os dançarinos congelaram na pose final, os gritos da multidão foram ensurdecedores. Todo mundo estava aplaudindo de pé e assobiando, e, como previ, Claire e Gibsie foram anunciados como os vencedores.

— Boa, Thor! — Lizzie gritou com todas as forças assim que um dos jurados colocou uma medalha no pescoço do Gibsie, enquanto outro enfiava um troféu enorme nas suas mãos. — Você é o campeão! — Gritando e comemorando feito doida, ela deu pulinhos de alegria até se concentrar na minha irmã, recebendo seu troféu. — Você é a melhor, Claire!

Então enfim deixaram o palco e Liz se sentou no cobertor, ostentando um sorriso tão grande quanto a lua.

— Estou tão orgulhosa deles! — Seus olhos brilhavam de empolgação. — Isso foi a melhor coisa que já vi. — Com as pernas esticadas para a frente, ela levou as mãos para trás para se apoiar, conversando comigo.

Tentei prestar atenção, mas não consegui me concentrar em nada além do Mark brincando com a sua trança.

Lizzie pareceu não perceber, absorta no que estava dizendo, mas eu percebi.

Percebi e não gostei.

Não gostei nem um pouco.

Me esforcei para sorrir e ignorar a cena, porque ele estava na vida dela havia tanto tempo que era praticamente seu irmão, e eu vivia bagunçando os cachos da minha irmã quando queria demonstrar carinho de um jeito brincalhão. Mas não *conseguia* me livrar do sentimento protetor rugindo dentro de mim. Talvez porque soubesse que Mark fazia bullying com Gibsie, e vê-lo perto da Lizzie me deixava em estado de alerta. Ou talvez fosse outra coisa. Só sei que não consegui me livrar daquela sensação ruim.

Quando ele empurrou a trança para o lado e colocou a mão na nuca dela, explodi.

— O que você está fazendo com a minha amiga?

Falei tão alto que assustei Caoimhe e Liz, que me olharam como se eu tivesse perdido a cabeça. Mark arqueou a sobrancelha.

— Hã?

— O que você está fazendo aí com a sua mão? — insisti, erguendo a voz e ficando cada vez mais irritado. — Você está tocando nela.

— Do que você está falando? — Mark perguntou, perplexo. Olhou para Liz, que tinha uma expressão confusa, e depois me encarou. — Não estou fazendo nada.

— Não sou cego, seu babaca — eu disse, gesticulando para a mão dele ainda no pescoço da Lizzie. — Tira a mão da minha amiga *agora*.

Ele fez cara de surpresa e baixou a mão rápido.

— Relaxa, Biggs. Eu só estava brincando. — Ele deu um empurrãozinho no ombro da Lizzie antes de acrescentar: — Não é, baixinha?

— É — Liz respondeu, olhando para mim como não estivesse entendendo a minha irritação. — O Mark sempre brinca comigo.

— Oun, olha só pra você, todo protetor e ciumento com a minha maninha — Caoimhe disse, claramente achando graça da situação. — Não se preocupa, Hugo Boss, toda a Ballylaggin sabe que o coração da Lizzie pertence a você.

Ignorando os dois, olhei para Lizzie.

— Você está bem?

— Estou — ela respondeu, me observando com cara de perdida. — E você?

— Também... — murmurei, voltando a atenção para Caoimhe e Mark, que riam de mim como se eu fosse idiota.

Pois eu não era.

Conhecia muito bem Mark Allen e sabia que ele gostava de ferir criancinhas. Crianças mais novas e mais fracas que ele. Também sabia que, se ele sequer *pensasse* em intimidar Liz que nem fazia com Gibs, eu ia surtar.

Eu via os hematomas que Mark deixava no meu amigo quando batia nele. Ele podia enganar todo mundo fingindo ser o garoto de ouro de Ballylaggin, mas eu não ia cair nessa. E, ao contrário do Gibsie, não tinha problema nenhum em expor seus abusos. Eu já tinha feito isso inúmeras vezes antes, mas foi inútil, porque ele era esperto e tinha conseguido enganar a madrasta.

A questão era que eu não me importava se as pessoas acreditariam em mim, e estava mais do que disposto a continuar expondo seus delitos.

Estreitei os olhos para Mark, mentalmente prometendo: *Qualquer dia desses, os adultos vão ver sua verdadeira face, e quando esse dia chegar, vou estar na primeira fila para ver a sua queda.*

23 de agosto de 1997

Votos secretos, moças assustadoras e irmãs desentendidas

LIZZIE

— Liz, vem aqui, rápido — Hugh falou do outro lado da rua. — O sol está tão forte que está derretendo o asfalto.

— É mesmo? — Me levantei do chão, larguei o giz com o qual estava brincando e fui até ele depressa.

— Está vendo? — Hugh cutucou o asfalto preto com o bastão que estava segurando. — Está mole.

— Que *legal*! — Intrigada, me ajoelhei e cutuquei o asfalto com o dedo. Fiquei empolgada quando ele se mexeu. — Sei que está calor hoje, mas não sabia que o sol podia derreter a *rua*.

— Asfalto é que nem chocolate — Hugh explicou, se agachando ao meu lado para investigar o chão. — Quando está quente, ele amolece e, quando está frio, endurece.

— Como assim?

Ele deu de ombros.

— Tem a ver com os componentes físicos e o efeito no alcatrão quando ele absorve a energia térmica do sol.

Fascinada, fiquei ouvindo atentamente cada palavra enquanto

ele explicava mais um dos mistérios da terra. Hugh era ótimo. Sempre sabia as respostas para todas as nossas perguntas. E não só isso: também sabia explicar de um jeito que não era chato. Até Gibsie, que detestava a escola, gostava de ouvir o Hugh.

Com o canto do olho, vi uma figura escura e familiar ao longe, e meu estômago se contorceu.

A moça assustadora.

Ela estava *de volta*.

Fazia muito tempo que eu não a via durante o dia. O remédio que eu tomava me ajudava a mantê-la fora da minha cabeça. Só que ela estava ali. Tinha me seguido até a casa do Hugh.

Pisquei depressa e desviei o olhar antes de dar outra espiada na sua direção, e dessa vez ela não estava mais lá.

A tristeza floresceu dentro de mim, porque eu não queria começar a ver a moça assustadora de novo. Como via antes do remédio. Se isso acontecesse, meu pai ia me mandar embora, e eu não podia ficar doente outra vez.

— A gente devia escrever nossos nomes — Hugh disse, me arrancando dos meus pensamentos.

— Hã?

— Nossos nomes — ele repetiu, sorrindo carinhosamente para mim. — A gente devia escrever nossos nomes no asfalto.

— Ah! — Balançando a cabeça para desanuviar a mente, abri um sorriso radiante e concentrei toda a minha atenção nele. — Está bem.

Usando a ponta do bastão que tinha encontrado, o Hugh escreveu a letra H no asfalto.

— Aqui. — Ele me passou o bastão e indicou o sinal de + ao lado do H. — Escreve o L bem fundo, senão vai desaparecer.

Segurei o bastão e comecei a gravar o L no asfalto, tentando afastar as preocupações.

— Pronto — ele disse, passando o braço nos meus ombros.

— Daqui a vinte anos, quando voltarmos aqui, vamos poder mostrar isso pros nossos filhos.

— Então você vai *mesmo* se casar comigo — brinquei, dando uma cotovelada nele.

— Pensei que já tivesse te falado isso — ele disse, confuso.

— *Não*, você me perguntou se eu responderia sim — falei, chegando mais perto. — Mas nunca disse que ia *mesmo* me pedir em casamento.

— Ah! — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Bem, considere essa conversa uma confirmação.

Sufoquei uma risada.

— Às vezes você fala tão engraçado.

— De que jeito?

— Que nem um adulto — falei, achando graça. — Ou um nerd.

Hugh deu de ombros e sorriu.

— Talvez, mas aposto que consigo fazer um drop goal da linha de dez metros melhor do que qualquer nerd que você conhece.

— Não entendo nada de lances de rúgbi, mas você é bem mais bonito que qualquer outro nerd. E que qualquer outro jogador de rúgbi também. — Minhas palavras fizeram Hugh ficar todo vermelho, e dei risada. — Você fica mais bonito ainda vermelho desse jeito.

— Você não pode dizer que eu sou bonito, Liz — ele murmurou, sem graça. — Eu é que devo dizer que *você* é bonita.

— Então diga.

Ele revirou os olhos.

— Você sabe que é bonita.

— Vamos, quero ouvir você dizer. — Me virei de lado, estiquei o braço e segurei seu rosto entre as mãos, obrigando-o

a olhar para mim. — Não fica tímido.

— Você é linda — Hugh falou, com os olhos fixos nos meus. — Você é a garota mais linda de Ballylaggin.

— Obrigada. — Abri um sorriso radiante para ele. — E o que mais?

— Como assim?

— Você não ia me perguntar alguma coisa?

Hugh revirou os olhos de novo.

— Sim, Liz, quando você tiver dezenove anos, e não nove.

— Dezenove está longe demais. — Dei uma risada travessa. — Me pergunta agora.

— Isso é constrangedor demais — ele grunhiu. Mas, sabendo que eu não deixaria para lá, limpou a garganta e disse: — Elizabeth Eleanor Young, você me daria a honra de se tornar Elizabeth Eleanor Biggs?

— Sim, Hugh Andrew Biggs — respondi em meio a gargalhadas. — Eu adoraria.

— Milady, você é muito gentil — ele falou com seu sotaque brincalhão de cavaleiro valente, antes de se levantar e fazer uma reverência dramática. — Deste dia em diante, querida esposa, juro essa espada a você. — Ele colocou o bastão aos meus pés e fez outra reverência. — Matarei todos os seus inimigos, te defenderei dos dragões e te protegerei com a minha vida.

— E te protegerei com a minha, querido marido. — Agarrei o bastão, fiquei de pé e o sacudi. — Não tenha medo, cavaleiro valente, pois serei sua arma secreta em todas as batalhas.

Hugh abriu a boca para me responder, mas logo a fechou, notando alguma coisa atrás de mim.

— Tudo bem? — perguntei, observando sua expressão atentamente.

Ele não pareceu nada bem. Na verdade, seus olhos se

estreitaram e seu rosto se contorceu.

— Hugh?

— Liz? — Mantendo os olhos fixos em algo além do meu ombro, Hugh apontou: — Está vendo aquilo?

Curiosa, me virei para olhar, mas congelei quando vi a figura familiar.

— Ah, meu Deus! — Encarei o Hugh perplexa. — Você também está vendo ela?

— Sim. — Ele assentiu. — Estou vendo, Liz.

Meu coração batia tão forte que achei que fosse explodir.

Hugh conseguia ver.

Conseguia ver a moça assustadora.

Não era coisa da minha cabeça.

— Vem aqui, Liz — ele pediu com uma voz séria, estendendo a mão para mim. — Agora mesmo.

Não discuti e me aproximei dele sem hesitar.

— É ela, Hugh. — Segurei sua mão e afundei nele. — É a moça assustadora.

— Estou vendo — ele falou, encarando a estranha que nos observava das árvores no fim da rua sem saída. Hugh pegou o bastão da minha mão, me puxou para perto e o ergueu à frente. — Não se preocupa, estou aqui.

— Acho que ela é um monstro — eu disse, tremendo. — Tem garras afiadas e tudo mais.

— Ela não é um monstro — Hugh retrucou, lentamente me conduzindo para a sua garagem. — Deve ser uma doida.

— Mas você está vendo ela, né? — insisti, precisando da sua validação, enquanto ele nos levava pelos degraus da sua varanda. — Não estou sonhando, né? — Desesperada, me agarrei à sua mão. — Isso é real, né? Estamos mesmo aqui?

— Sim, Liz — ele confirmou de um jeito tão seguro e firme que me senti melhor. — Estou bem aqui com você, eu juro.

Quando chegamos, ele me empurrou para dentro e entrou logo em seguida, batendo a porta.

— Caoimhe! — ele berrou, ainda segurando o bastão. — Vem aqui rápido!

Minha irmã estava trabalhando para a Sinead e enfiou a cabeça na porta da sala, irritada.

— O que foi?

— A moça assustadora voltou! — gritei. — Ela me achou.

Minha irmã revirou os olhos.

— Liz, já conversamos sobre isso um milhão de vezes. Não existe moça assustadora.

Abri a boca para protestar, mas Hugh se adiantou:

— Não sei de moça assustadora nenhuma, mas tem uma mulher bem esquisita no final da rua — ele disse, me mantendo ao seu lado. — Eu vi, Caoimhe. Ela estava olhando a gente.

Caoimhe ficou encarando Hugh por um longo tempo e depois deu risada.

— Tá bom, gente. Conta outra.

— Por acaso estou rindo? — Hugh explodiu, apontando para a porta. — Ela está bem ali na rua, Caoimhe. No final da rua sem saída. Na mata.

— Está falando sério?

Ele fez que sim.

— Bem sério.

— Ah, meu Deus! — O sorriso da minha irmã murchou. — Cadê a Claire?

— Lá em cima com o Gibs.

— Ok, ok. — Ela assentiu e saiu voando para a porta. — Fiquem em casa — instruiu antes de abrir a porta. — Não me sigam.

Assim que ela saiu e disparou para o final da rua, claro que a

gente correu atrás para ver o que ia acontecer.

— Onde foi que você viu ela? — Caoimhe perguntou, voltando alguns minutos depois.

Parados na garagem, apontamos para as árvores no final da rua sem saída.

— Ali.

— Não tem ninguém ali — falou, frustrada. — Se estiverem tirando com a minha cara, eu vou...

— Ela estava bem ali, Caoimhe — Hugh a interrompeu, soando igualmente frustrado. — Não estamos tirando uma com você.

— Bem, pois está parecendo, porque não tem ninguém ali, Hugh.

— Então ela deve ter desaparecido de novo — falei, tremendo. — A moça assustadora é boa nisso. Ela faz puf e desaparece no...

— Ah, meu Deus, para com essa merda de moça assustadora — Caoimhe rugiu, olhando feio para mim. — Já não basta você com essas maluquices, agora está fazendo a cabeça dele também?

— Ei! — Hugh reclamou, se colocando à minha frente. — Sua irmã não está fazendo a minha cabeça, Caoimhe. Eu vi a mulher com os meus próprios olhos.

— Claro que sim, com o Papai Noel e o Coelhinho da Páscoa — ela devolveu com sarcasmo, entrando em casa. — Se vier com uma dessas de novo, Hugh Biggs, vou contar tudo pros seus pais.

— Ela não acredita em mim, Hugh — falei quando minha irmã bateu a porta.

— Não importa se ela acredita ou não — ele grunhiu, segurando minha mão e olhando para a porta fechada. — Você está falando a verdade.

— Estou?

— Sim, Liz. — Quando seus olhos se cravaram nos meus, vi sua empatia transbordando. — Está, sim.

— Ok. — Suspirei fundo enquanto Hugh apertava minha mão para me acalmar. — Ok.

5 de setembro de 1997

Esse é o Brian

HUGH

— Quer jogar uma pelada? — perguntei para Gibs quando descemos do ônibus escolar na quinta à tarde.

— Pode ser, só vou tirar o uniforme da prisão antes — Gibs respondeu, seguindo para casa. — O que a sua mãe vai fazer de janta?

— Repolho com bacon — falei, entrando na casa dele. — E batata assada.

— Oba! — Gibs comemorou, encantado. — Meu prato favorito.

— Meninos! — Sadhbh chamou da sala. — Venham ver o presente de casamento que Keith me deu.

Gibsie virou pedra no corredor, e eu sabia que ele estava prestes a surtar, então coloquei a mão no seu ombro e sussurrei:

— Calma.

— *Calma*? — Gibs olhou para mim com uma expressão homicida. — Não bastava ela me obrigar a ir naquela merda de casamento em Paris... destruindo o lugar mais mágico do mundo pra mim... e agora quer que eu admire os presentes de

casamento deles?

— Eu sei, eu sei — falei, conduzindo-o para a porta da sala. — Mas ela é a sua mãe, cara. — No entanto, tive que abandonar o papel de pacificador assim que vi a criatura escalando as cortinas da sala de estar.

— Que porra é essa? — Gibsie verbalizou meus pensamentos em voz alta, apontando para a gigantesca bola de pelo branca.

— Esse é o Brian — Sadhbh apresentou orgulhosamente, gesticulando para a bola de pelo alucinada arrancando a cortina fora. — Ele não é lindo?

Gibsie franziu a testa e entrou na sala, hesitante.

— Isso é um *gato*?

Era?

— Não faço ideia, cara — murmurei, seguindo-o. — Ele é um pouco grande pra um gato.

— Claro que é um gato — Sadhbh falou, rindo. — Brian é meio maine coon, meio persa.

— Maine coon? — Gibsie arregalou os olhos, horrorizado. — Que porra é *essa*?

— Olha a língua, Bubba — ela o repreendeu, indo até a janela e pegando o felino gigante. — Não repara o tamanho. No fundo, o Brian é um gatinho doce.

— Por que é que as patas dele parecem de labrador, Hugh?

— Nunca vi um labrador com garras assim, Gibs.

— Deixem de bobeira, meninos. — Sadhbh levou a fera até nós e sorriu. — Façam carinho nele.

Não, obrigado, pensei, dando um passo para trás e empurrando o Gibsie para a frente.

— Pode ir, cara.

— Por que as orelhas dele parecem chifres? — Gibsie perguntou, encarando a criatura de olho amarelo. — Por que ele está com cara de que quer me matar?

— Não seja bobo, filho — Sadhbh disse, dando risada e ninando a enorme bola de pelo branco. — Brian só está curioso.

Sim, curioso com o sabor do meu amigo.

Hesitante, Gibs ergueu a mão para fazer carinho na cabeça do Brian, e foi aí que a coisa virou um pandemônio.

Cuspindo e sibilando feito a fera que era, Brian avançou nele, e juro que pensei ver seus olhos ficando vermelhos quando ele encarou Gibsie e começou a atacar.

— Ahhh! — o grito estridente do Gibsie teria sido hilário se ele não estivesse sendo estraçalhado. — Ele está me matando, mãe! — Gibs se jogou no chão e ficou se contorcendo, tentando desesperadamente afastar a besta selvagem.

— Não, não, não, Brian! — Sadhbh falou, meio brigando, meio cantarolando, correndo para intervir. — Gerard é seu irmão, meu gatinho. Você não pode morder seu irmão.

Então taquei um *foda-se*.

Dei meia-volta e saí correndo da casa o mais rápido que minhas pernas podiam me levar, berrando:

— Hoje não, Satã, hoje não!

31 de outubro de 1997

O grande lobo mau

LIZZIE

— Obrigada por me receber, Liz — Claire disse na manhã de sexta-feira, durante uma sessão épica de desenho e pintura na sala da minha casa. — Essa foi a melhor festa do pijama de todas.

Na noite anterior, Claire tinha dormido na minha casa pela primeira vez. Eu também tinha convidado Shannon, mas ela não veio. Não fiquei nem surpresa. Ela nunca ia à casa da Claire. Os pais dela eram bem rígidos com esse tipo de coisa.

— Eu também — respondi, apesar de não ter dormido direito.

Claire roncava de um jeito esquisito enquanto dormia, o que geralmente me mantinha acordada, mas eu não ligava. Eu só gostava de estar com ela. Minha amiga estava sempre contente e, quando eu estava com ela, também ficava contente. Que nem agora, por exemplo. Estávamos desenhando na sala, esperando alguém vir nos buscar para a festa do Hugh, e eu estava *feliz*. Não estava com medo nem triste nem brava. Só sentia paz e contentamento. Claire fazia isso comigo sem nem perceber.

— Você é o melhor pato de todos os tempos — acrescentei,

observando sua roupa de Halloween.

Ela estava usando uma fantasia fofinha e amarela de pato, com meias amarelas e pés gigantescos e palmados.

— Sou uma galinha — ela me corrigiu, mostrando a língua, concentrada na sua pintura. — O Gerard vai ser meu ovo.

— Ah! — Cobri a boca para disfarçar a risada e foquei no meu desenho.

Eu gostava de elaborar capas para as minhas histórias e estava trabalhando na capa da minha mais nova criação. Ficava toda orgulhosa quando meu pai imprimia meu trabalho e grampeava tudo.

A história de hoje se chamava *As aventuras de Dorothy Cócegas e Samson Fortão*.

Com os conteúdos do meu estojo jogados na mesinha de centro, me esforcei para pintar dentro das linhas, como Hugh tinha me ensinado. Eu sabia fazer, claro, mas não tinha uma letra tão bonita quanto a dele. E também não era tão boa na pintura.

— Como vão minhas garotas favoritas? — uma voz familiar falou da porta, me deixando tensa e fazendo a Claire resmungar.

— Aff! — Ela franziu o nariz de desgosto e estreitou os olhos para Mark. — Você é tão irritante!

Dando risada, ele entrou na sala e se sentou no sofá atrás de nós.

— E você é uma gatinha, Biggzinha — Mark brincou, zapeando os canais da televisão.

— E você é um fedorento, Mark Fedido — Claire respondeu, pintando com força o seu desenho.

— E você, baixinha? — Ele cutucou meu quadril com o pé coberto por uma meia. — Qual é a dessa peruca preta e desse vestido bizarro? Você vai de bruxa?

— A Lizzie *não* é uma bruxa — Claire falou, indignada. — É a Mortícia Addams.

— E deixa eu adivinhar... o seu irmão é o Gomez.

— Isso mesmo, e já temos um amigo indo de Tropeço, então você devia parar de fazer essa cara boba.

— Você é uma bruxinha atrevida, hein?

— Sou uma galinha, não uma bruxa, seu besta.

Eles continuaram discutindo enquanto eu tentava me encolher o máximo possível, desejando poder estalar os dedos e puf, desaparecer que nem a moça assustadora.

Enjoada, me concentrei no desenho da Dorothy e do Samson. Ela parecia comigo, e decidi dar ao Samson uma linda capa dourada. Para combinar com a pele dele. Ele teria lindos olhos cor de uísque e cabelo loiro e ondulado.

— Desliga isso — Claire ordenou em voz alta, apontando para a televisão. — Isso não é adequado pra mim.

— É *Baywatch*.

— E daí? Continua não sendo apropriado pra mim.

— Quem disse?

— A minha mãe.

Olhei para a televisão, e dois salva-vidas estavam se beijando e se apalpando no chuveiro.

Eu sabia bem o que era aquilo.

O que acontecia depois dos toques.

O monstro me mostrou.

— E você, Biggzinha? — Mark seguiu provocando minha amiga. — Já beijou meu irmão assim?

— Você é burro? — Claire franziu o nariz de nojo. — Só tenho oito anos.

— E você, baixinha? — Ele me cutucou com o pé de novo. — Aposto que você já beijou o irmão dela assim.

— O Hugh é amigo dela, seu esquisitão, e a Liz só tem nove

anos — Claire falou, afastando o pé dele. — Para de nos irritar, senão vou chamar a Catherine!

— Você é fogo, hein, Biggzinha? — Mark riu, claramente indiferente à ameaça dela. — Que beleza!

Então ouvi a porta da frente batendo, seguida da minha irmã dizendo:

— Olhem quem encontrei lá fora, meninas. — Ela apareceu na sala com um menino cacheado ao lado.

— Gibs! — exclamei, na mesma hora que Claire disse:

— Gerard.

— Olha só pra você — Mark comentou, olhando feio para o meu amigo. — Que porra de fantasia é essa?

— Ele é um ovo — Claire respondeu, se aproximando do Gerard. — E eu sou uma galinha.

— Ele é um otário, isso sim... — Mark murmurou.

— Deixa ele em paz — Caoimhe interveio, dando uma cotovelada nele e se sentando ao seu lado no sofá. — Ele é só uma criança.

Gibsie olhou para Mark antes de se concentrar na Claire.

— Você está bem?

— Claro! — ela falou alegremente, se atirando nos braços dele. — Estava com saudade, Gerard.

— Eu também — Gibs disse, desviando a atenção do irmão postiço para Claire. — A sua mãe está lá fora conversando com a Catherine — acrescentou, se virando com ela e ficando de costas para o sofá. — Eu queria entrar pra ver se você estava bem. — Ele deu de ombros. — Está bem mesmo?

— Estou, Gerard — Claire respondeu, rindo e saltitando de tanta empolgação por estar com ele. — Minha mãe está lá fora?

— É, conversando com a Catherine.

— Vou lá dar um abraço nela — Claire anunciou antes de disparar para a porta. — Pega minha mala no seu quarto, Liz?

— Pego — falei, vendo-a desaparecer de vista.

— Gibs! — Mark berrou, nos fazendo pular de susto. — Vem cá, seu imbecil. Quero dar uma palavrinha com você.

Gibsie pegou minha mão na mesma hora em que peguei a dele, e perguntei:

— Quer ir lá em cima pegar a bolsa da Claire comigo?

Ele fez que sim avidamente, e saímos correndo para o corredor. Subimos as escadas a toda velocidade.

Só paramos quando já estávamos no meu quarto. Gibsie ficou de costas para a porta, respirando com dificuldade.

— Você está bem? — perguntei, preocupada.

— Sim, eu... — Ele ergueu a mão, arfando, e se concentrou em respirar até se acalmar. — Só odeio aquele cara.

— Sério?

Ele assentiu rigidamente.

— Eu nunca tinha odiado alguém antes, mas odeio o Mark de verdade.

— Pode guardar um segredo? — sussurrei, nervosa.

Seus olhos estavam desconfiados, mas ele fez que sim devagar, indo até a cama e se sentando ao meu lado.

— Vou guardar o seu segredo, Lizzie.

— Promete?

Ele fez que sim de novo.

— Prometo.

Enlacei o dedinho no seu e me virei para ele, oferecendo minha atenção total.

— Acho que também odeio ele.

No instante que as palavras saíram da minha boca, comecei a tremer.

— Me desculpa — falei depressa. — Eu não devia ter falado isso.

Pelo menos não em voz alta.

— Tudo bem — ele disse, pegando minha mão. — Tudo bem, Liz.

Não estava tudo bem.

Porque se ele descobrisse...

Respirando rápido e com força, tentei me concentrar no rosto do Gibsie e não nas vozes falando cada vez mais alto na minha cabeça.

Eu não queria que o monstro saísse.

Não durante o dia.

Meu amigo ficou ali comigo por um longo tempo, com os olhos fixos nos meus, antes de finalmente falar:

— Ele te machucou?

— Quem?

— O Mark.

Pensei bastante e então fiz que não.

— Tem certeza?

Será?

Eu costumava achar isso, mas não mais. Era só o monstro dos meus sonhos, não o Mark. O monstro me pegava à noite quando eu estava dormindo, só que os médicos disseram que ele não era real. Mas minha irmã... Mark definitivamente tinha pegado ela.

Me inclinei para perto e sussurrei no seu ouvido:

— Ele machuca a Caoimhe. — Depois, apontei para a cama para enfatizar o que estava querendo dizer. — O Mark faz coisas com ela.

Seu corpo todo ficou tenso.

— Que tipo de coisas?

— Coisas ruins — cochichei, lembrando vividamente da cena que eu tinha visto. Na escuridão da noite, quando eu devia estar dormindo. Lembrando dos gritos dela. Da tristeza. Da dor no meu coração. — Ele tira toda a roupa dela, daí solta uns

grunhidos e a prende na cama. Enfia aquela coisa dura dentro dela e ela grita, Gibs. Caoimhe grita muito, mas ele sempre tapa a boca da minha irmã e continua enfiando até ela parar de gritar. Ele só para de lutar com ela quando aquela coisa branca sai, ele desce da cama e volta pra... Ele desce pra beber alguma coisa.

Gibsie ergueu o braço e enxugou uma lágrima do rosto.

— Ele é mau, Liz. Ele faz isso na minha casa também.

Arregalei os olhos de horror.

— Com a Caoimhe? Quando ela dorme lá?

Gibsie fez uma pausa, fechou os olhos e assentiu.

— Quero que ele vá embora — confessei, chegando perto dele, dando voz aos meus pensamentos pela primeira vez. — Não gosto dele na minha casa. — Tremendo, acrescentei: — Quero que ele vá embora e *nunca* mais volte.

— Eu também — Gibs sussurrou, direcionando seus olhos cinzentos e brilhantes para mim.

— Não falei isso pra ninguém — eu disse baixinho. — Nem pro Hugh.

— Eu também não. Nem pra Claire.

— Promete que não vai contar pra ninguém? — Ergui o dedinho. — Não posso me encrencar de novo, senão vão me internar.

— Prometo se você também prometer — ele disse, enlaçando o dedinho no meu. — Vou levar seu segredo pro túmulo.

— Eu também. — Soltei um longo suspiro de alívio e depois perguntei: — Você acha que a gente devia fazer eles se separarem? — Dei de ombros e acrescentei: — Pelo menos assim ele pararia de machucar minha irmã de noite.

— A sua irmã não vai terminar com ele — Gibsie falou, cheio de tristeza nos olhos. — Caoimhe quer se casar com ele.

— Não quero que Caoimhe se case com Mark. — Uma

infelicidade se espalhou pela minha barriga só de pensar. — Então ele vai ficar pra sempre aqui.

— Não se preocupa — Gibsie tentou me acalmar, enxugando uma lágrima no meu rosto. — A gente vai ser adulto quando isso acontecer, vamos ter nossa própria casa, e *ele* não vai ser convidado.

— Que nem os Três Porquinhos e o Lobo Mau?

— Exatamente — ele concordou, abrindo um sorrisinho. — Mark Allen pode assoprar o quanto quiser quando eu for adulto, mas vou ser forte o suficiente pra manter ele pra fora.

— Eu também — concordei, cerrando os punhos. — E o cavaleiro valente vai usar a espada se ele tentar entrar pela chaminé.

— Ei, Lizzie?

— Sim, Gibs?

— Tem certeza que você está bem?

— Sim. — Sorri, estiquei o braço e limpei outra lágrima no seu rosto. — Estou sempre bem, Gibs.

PARTE 6

Dores do crescimento

22 de fevereiro de 1998

Criaturas e confortos

LIZZIE

Eu sempre ficava bem na casa da Claire e do Hugh. Não importava que jogos a gente jogasse ou que comida deliciosa a Sinead preparasse para o jantar. A casa deles parecia um lar *de verdade*, e era o único lugar que eu podia ir para fugir dos sonhos ruins. Na casa deles, eu podia relaxar.

Eu podia respirar.

Aquele dia não era diferente, exceto pelo fato de que eu *devia* estar do outro lado da rua na festa de dez anos do Gibsie. Em vez disso, me esgueirei de volta para o número quatro e estava deitada em posição fetal na cama do Hugh.

Tudo no quarto dele era reconfortante — a cama, a escrivaninha, as fotos penduradas nas paredes, os livros que ele leu empilhados na mesinha de cabeceira, e até o cheiro do sabão em pó que a mãe dele usava nos lençóis.

Eu amava o Gibsie e ele era um dos meus melhores amigos do mundo, mas às vezes a casa dele me lembrava a minha, e eu também não queria estar lá.

— Então é aqui que você anda se escondendo — Hugh disse, parado na porta com um sorriso no rosto. — Você perdeu a

coisa mais engraçada, Liz — continuou, com os olhos brilhando de empolgação. — O Danny Call acabou de perder um pedaço do tornozelo graças ao Brian. — Gargalhando, Hugh se aproximou da cama e se deitou ao meu lado. — Você devia ouvir o grito que ele deu.

— Aquele felino feroz devia estar no zoológico. Não ligo se a Sadhbh diz que ele é meio persa, porque aposto que ele também é meio tigre.

— Ele é meio demônio, isso sim — me corrigiu, dando risada. — Fugiu pela porta dos fundos e aterrorizou todos os caras. Todo mundo levou uns arranhões por tentar pegar o bicho. — Outra gargalhada lhe escapou. — Gibs e Claire estão lá fora tentando botar uma coleira pra levar ele pra casa.

— Então que bom que eu não estava lá. Porque, se essa criatura me morder, eu vou morder de volta.

— *De novo*, você quer dizer, né? — Hugh brincou, dando um empurrãozinho no meu ombro.

— Ei! Só fiz isso porque ele mordeu a *minha* orelha primeiro e eu que não ia deixar barato — falei, sem conseguir conter o sorriso se espalhando pelo meu rosto nem meu coração disparando quando ele pegou minha mão. — Você conhece o ditado, Hugh. — Dei de ombros, ainda sorrindo. — Quem com ferro fere...

— Com ferro será ferido — Hugh terminou por mim, sem parar de gargalhar, entrelaçando os dedos nos meus. — Bem, aposto que o Brian vai pensar duas vezes antes de te atacar de novo.

— Bom mesmo. — Dei risada. — Ele te arranhou?

— Não. — Hugh sorriu. — Sou rápido demais.

— Você é inteligente demais pra chegar perto dele.

— Isso também — ele respondeu, dando um suspiro divertido antes do seu sorriso se transformar em uma careta.

— Ah, merda! — Ele soltou os dedos dos meus, virou minha mão e ficou encarando meu pulso. Seu olhar ficou sombrio quando ele tocou o arranhão recente. — O Brian te pegou de novo? — Seus olhos castanhos me observaram, preocupados. — Foi por isso que você foi embora da festa?

Não.

— Foi. — Contive um tremor, afastei a mão e puxei a manga para baixo. Depois me sentei, juntei as mãos e dei de ombros. — Me desculpa.

— Não precisa pedir desculpas, Liz — ele disse, se virando de frente para mim. Tinha um sorriso no rosto, mas seus olhos ainda carregavam um mundo de preocupação. — Quer que minha mãe dê uma olhada nesse arranhão? Parece meio fundo.

— Não, tudo bem. — Ansiosa, ergui a mão e coloquei o cabelo atrás da orelha. — Não estou sentindo nada.

Ele ficou me encarando por um longo tempo antes de pegar minha mão de novo.

— Qual o problema?

— Como assim?

— Você parece assustada. — Seus olhos perscrutaram os meus. — Você não está me falando tudo.

— Estou bem. — Abri um sorriso forçado em uma tentativa inútil de convencê-lo. — Sério. Estou bem, Hugh.

Ele não se convenceu.

— Conversa comigo.

Eu não podia.

Mas, meu Deus, como eu queria.

Só que *não* podia.

— Algum dos caras falou alguma coisa pra você? — Hugh perguntou, com os ombros tensos. — Na festa? Alguém foi babaca com você?

— Não.

— Então por que parece que você está prestes a chorar?

— Não estou. — Lágrimas encheram meus olhos. — Não vou chorar.

— Liz, me conta. — Ele me lançou um olhar incrédulo. — Sou *eu*?

— Eu só... — Balancei a cabeça e soltei um suspiro sofrido antes de murmurar: — Não importa.

— Se tem alguma coisa te chateando, importa, sim — ele retrucou, mantendo os olhos de uísque cravados nos meus. — Importa *muito* pra mim.

— Eu... — Abri a boca para responder, mas tudo o que saiu foi um suspiro trêmulo.

O que é que eu podia dizer?

Que eu era atormentada por monstros que minha própria imaginação criou para me assustar?

Que eu era atormentada por imagens terríveis e pensamentos horrorosos que faziam eu querer morrer?

E se eu dissesse que era imunda, impura e defeituosa?

Qual dessas coisas eu deveria contar?

Qual pecado o afastaria de mim?

— Só estou tendo um dia ruim — enfim falei.

Hugh ficou me olhando como se não acreditasse, mas não insistiu. Em vez disso, apertou minha mão e sussurrou:

— Te amo, Lizzie Young.

Culpa e esperança floresceram no meu peito, me deixando tanto animada quanto arrasada.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz. — Ele se inclinou e pressionou a testa na minha. — Não importa o que aconteça.

2 de maio de 1998

À beira dos dezessete

HUGH

Minha irmã e o Gibs tinham uma competição de dança no interior naquele fim de semana, e minha mãe organizou as coisas para que eu ficasse na casa da Lizzie até eles voltarem.

Deveria ter sido o melhor fim de semana da minha vida, e provavelmente teria sido não fosse o fato de Caoimhe e eu ainda estarmos brigados.

Eu mal tinha trocado dez palavras com ela desde o verão, quando ela se recusou terminantemente a acreditar que a Liz e eu vimos aquela mulher na floresta.

Pior, Caoimhe convenceu nossos *pais* de que *ela* estava certa, e todo mundo ficou pensando que a gente tinha inventado tudo. Até minha *mãe* acreditou, concordando que eu devia ter inventado aquela história.

Pois eu não tinha inventado nada.

Sabia muito bem o que tinha visto.

E tinha a sensação de que, no fundo, Caoimhe também sabia.

Mas ela continuava me chamando de mentiroso, o que só intensificava minha sede de vingança.

E meu rancor só crescia.

Caoimhe tinha feito dezessete anos na quinta-feira e tinha planejado dar uma grande festa na casa dela no sábado. Nem dei parabéns quando desci para a festa com a Liz. Sim, minha suposta babá receberia minhas felicitações quando começasse a dizer a verdade.

Quanto ao babaca do namorado dela perambulando pela casa como se fosse o dono do lugar, bem, ele podia ir catar coquinho. Sério. Eu realmente queria que ele fosse, porque só de ver aquela cara metida a besta fiquei irritado e com vontade de vomitar.

Imbecil.

Liz e eu passamos a festa toda grudados, assistindo a filmes no quarto dela e descendo sorrateiramente para roubar uns lanches.

Ela parecia bem mais relaxada e tinha dormido feito um bebê aquela noite. Falou que era porque eu estava no quarto e me disse várias vezes que eu era o seu apanhador de sonhos pessoal. Pelo visto, minha presença ali, com minha cama improvisada no chão ao lado dela, afastava os monstros.

Eu não gostava de pensar muito nisso porque sempre era tomado por uma onda de devastação. Pois isso era um lembrete de que ela era diferente. De que tinha um problema que eu não podia consertar. Eu não podia lutar contra o que não via e me sentia impotente.

Mas nada disso me assustava. Porque, mesmo que eu não tivesse a capacidade emocional de reconhecer de fato as batalhas que ela travava, tinha os meios para admirar a mente talentosa escondida embaixo das partezinhas fraturadas.

A família dela não parecia entendê-la — bem, o pai e a irmã certamente não entendiam —, mas eu entendia.

Minha melhor amiga tinha uma mente linda, complicada e brilhante, e eu sabia que tinha amor suficiente no meu coração

para permanecer ao seu lado.

Não importava o que acontecesse.

— É aniversário da sua irmã — Mark disse, entrando no quarto da Lizzie pela terceira vez.

Sem bater.

Pela terceira vez.

— Da próxima vez que você entrar sem bater, vou arrancar a sua cabeça — avisei, olhando feio para ele do chão do quarto. Balancei os dados na mão e os joguei no tabuleiro do *Banco Imobiliário* antes de acrescentar: — Só pra você saber.

— Dois seis te levam pra depois do meu hotel — Lizzie grunhiu, arrasada, quando movimentei meu peão pelo tabuleiro. — Caramba, Hugh Biggs! Eu estava contando com esse dinheiro pra sair da cadeia.

— Você não me ouviu, baixinha?

Ignorando-o completamente, Lizzie pegou os dados para jogar, mas sua mão estava tremendo tanto que vi o quanto ela estava estressada.

Irritado com a presença dele e furioso por ele chamá-la daquele apelido horrível, fiquei de pé e me aproximei.

— Você é mesmo desprovido de intelecto nesse nível? — perguntei, mais que saturado de Mark Allen por um fim de semana. — Se você é burro demais pra entender, deixa eu te explicar. A Liz não liga pra festa da sua namorada. Ela não está nem aí e eu também não. Então por que você não nos faz um favor e vaza daqui?

O babaca ficou tão chocado por alguém mais novo ter a ousadia de desafiá-lo que se distraiu quando dei o próximo passo.

Empurrei seu peito com toda a minha força e fiquei muito satisfeito quando ele cambaleou para trás, me dando ampla oportunidade de fechar e trancar a porta.

— Seu merdinha abusado! — ele esbravejou do outro lado. — Você vai ver, Biggs. Espera só.

— Vou esperar sentado — devolvi, revirando os olhos. — Cérebro de minhoca.

— Isso foi épico! — Liz me fitou de olhos arregalados e abriu um sorriso radiante. — Mas você não tem medo de ele retaliar?

— Não, porque é só papinho — respondi, sem o menor medo do bully que eu estava alcançando rápido no quesito altura. Voltei para o lado dela e peguei os dados para jogar. — Esses caras se alimentam de medo. — Dei de ombros e acrescentei: — E o Mark não vai se alimentar de mim.

— Como?

— *Não* tenho medo dele.

— Não?

— Não, Liz, e você também não devia ter. Porque eu seria capaz de matá-lo se ele te machucasse.

— Sério?

— Sem a menor dúvida.

— Mas por quê?

Encolhi os ombros.

— Porque você é minha melhor amiga e eu faria tudo pra te proteger.

Seus olhos azuis se suavizaram e ela sussurrou:

— Eu te amo tanto, Hugh Biggs! — Ela pegou minha mão sorrindo. — Queria que você ficasse comigo pra sempre.

9 de junho de 1998

Desejos de aniversário e beijos na mão

HUGH

— Parabéns pra você nessa data querida, muitas felicidades, muitos anos de vida! Viva a milady!

Cantarolando feito uma gralha esganiçada, atravessei a grama alta do campo da propriedade da família Young depois da escola na terça-feira cheio de presentes de aniversário, uma toalha de piquenique e um bolo no formato do número dez.

Lizzie soltou uma risada calorosa, pulou de um balanço de madeira preso em uma árvore e saiu correndo na minha direção.

— Ora, ora, muito obrigada, cavaleiro valente. — Ela chegou perto, ficou na ponta dos pés e deu um beijo na minha bochecha. — Meu herói.

Ela estava de jardineira, como sempre, mas essa ia até os joelhos. Outra peça que era sua marca registrada era a camisa de flanela, e aquele dia não foi diferente. A roupa xadrez estava amarrada na sua cintura. Seus joelhos sujos de terra combinavam com o cabelo bagunçado e salpicado de grama, e havia lama no seu rosto.

— Obrigada por vir até aqui — ela disse, me arrancando dos

meus pensamentos.

— Disponha.

Sorrindo de um jeito brincalhão, Lizzie inclinou o chapéu imaginário para mim antes de falar com um sotaque sulista:

— Parece que você não é a única criança de dez anos nessa cidade, caubói.

— Calma lá, srta. Dolly — eu disse, entrando na onda e imitando o sotaque dela. — Vou ser mais velho que você de novo daqui a quatro luas cheias.

— Você é tão esquisito... — ela declarou, rindo e colocando o cabelo atrás das orelhas. — Obrigada pelo bolo. — Lizzie deu uma gargalhada quando viu a mordida no número um. — Gibsie?

— Precisa mesmo perguntar? — Entreguei para ela o bolo que a Sadhbh tinha preparado, estendi a toalha na grama e me sentei. — Ainda bem que peguei ele no flagra, senão você estaria comemorando seu aniversário só com um zero, em vez de dez.

— Tudo bem — ela falou, se sentando de pernas cruzadas de frente para mim. — Você é tudo o que eu quero de aniversário.

Ela falou isso num tom blasé, como se fosse óbvio que não quisesse nada além de mim, o que me fez achar que eu valia um milhão de libras. Apesar de suas palavras provocarem choques elétricos no meu peito, fingi normalidade e não reagi.

Liz parecia tão relaxada e contente que achei melhor não lançar a bomba nuclear no seu dia listando os complicados sentimentos que eu tinha desenvolvido por ela.

— Sua mãe deixou você dormir aqui em casa hoje? — Com o dedo, ela pegou um pouco de cobertura do bolo e a colocou na boca. — E deixou você pegar o ônibus daqui de manhã?

— Foi uma negociação difícil. — Soltei um suspiro dramático. — Mas consegui chegar a um acordo.

Seus olhos azuis se iluminaram.

— Conseguiu?

— Consegui. — Sorri. — Ela está deixando o meu uniforme e a minha mochila com a sua mãe agora.

— Ah, meu Deus! Viva! — Dando gritinhos de alegria, Liz se inclinou para frente e me abraçou. — Você é o melhor.

De noite, quando já estávamos no quarto depois de jantar e assistir a um filme com a sua família, ficamos vasculhando sua impressionante coleção de livros.

Eu sabia que os caras da escola me chamariam de nerd por admitir isso, mas eu *adorava* ler. Thrillers, suspenses, policiais, autobiografias... não importava o gênero. Eu devorava todos como se fossem droga. Para mim, livros eram melhores que rúgbi, futebol e quase qualquer outra das minhas atividades extracurriculares.

Uma das coisas que eu mais gostava na Liz era que ela também era entusiasta da leitura. Podíamos facilmente ficar horas lendo na companhia um do outro sem sentir um pingo de pressão para acharmos assunto, porque não havia o menor constrangimento entre a gente.

Eu sabia que a Liz era maravilhosa, mas sua aparência não chegava nem perto da sua mente. O fato era que ela me desafiava e me intrigava a ponto de eu estar totalmente caidinho por ela.

Quando ela abaixou o livro e sugeriu que a gente experimentasse um jogo novo, fiquei mais confuso e animado que o normal.

— Vamos — ela insistiu, estendendo o braço para mim. — Me mostra como você está pensando em fazer.

Sentado de pernas cruzadas na cama de frente para ela, fiquei olhando para a sua mão, perdido.

— Você não está falando sério.

— Por favor, Hugh — ela implorou, se aproximando tanto que nossos joelhos se tocaram. — Quero saber.

Nervoso, olhei para o seu pulso antes de me concentrar no seu rosto.

— Por quê?

Ela sorriu.

— Porque sou curiosa.

Arqueei a sobrancelha.

— Você é esquisita, isso sim.

— Também — ela brincou, ainda com a mão na minha cara. — Por favor, Hugh. Me dá um beijo.

— Ok, vou dar. — Contendo um tremor, segurei seu braço e a puxei para perto. — Mas, se contar pros caras, nunca mais vou falar com você de novo.

— Seu segredo está seguro comigo — ela prometeu, e seus olhos brilharam, travessos. — Agora, faça biquinho.

Me inclinei para a frente, mantive os olhos nos dela e pressionei os lábios no seu pulso. Eu não tinha ideia do que fazer depois, então só a fitei por um longo tempo antes de perguntar:

— Foi bom?

— Perfeito.

Liz afastou a mão devagar e soltou um suspiro trêmulo. Depois me deixou chocado ao beijar o próprio pulso no *exato* lugar que eu tinha beijado.

— O que você está fazendo? — Meu coração batia tão forte que pensei que fosse explodir. — Por que você fez isso, Liz?

Ela cravou os olhos nos meus, levou a mão ao peito e sussurrou:

— Eu queria saber como é te beijar.

10 de julho de 1998

Piscinas infláveis e sundaes gloriosos

LIZZIE

Hugh deixou uma enorme caixa de som na janela da cozinha e desapareceu, reaparecendo logo depois ao som de “Give It Up”, do KC and the Sunshine Band.

— É essa música que você queria, Gibs?

— Essa mesmo, Hugo — ele falou de uma das espreguiçadeiras do jardim do Hugh. — Boa. Pode botar pra repetir, eu adoro ela. — Na sua mão, estava um impressionante copo de sundae com chantilly, com um canudo e uma cereja no topo. — É a vida, gente. — Se balançando ao som da música, ele deu um gole exagerado no canudinho e soltou um suspiro contente. — E esse é o melhor sundae que eu já experimentei.

— Não tenho como discordar, Gibs — Patrick disse. Ele estava esparramado em uma boia na gigantesca piscina inflável, curtindo o sol com seu sundae na mão, enquanto a Claire, toda travessa montada em uma boia de unicórnio, se aproximou. — Cuidado, Biggzinha — avisou quando Claire bateu nele pela milionésima vez. — Porque, se eu afundar, você vai comigo.

Suspirei de alegria, me sentei de pernas cruzadas no terraço

do jardim de inverno e fiquei observando o ambiente ao meu redor.

O céu estava límpido, o sol brilhava e eu estava cercada pelas minhas pessoas favoritas no mundo. Hugh estava certo quando me disse de manhã que aquele seria um dia bom.

Na verdade, eu não me lembrava a última vez que tinha me sentido tão despreocupada.

— Estou te avisando, Biggzinha. — Patrick deu risada e empurrou a boia dela. — Se eu afundar, você vai comigo.

— Cuidado com meu cabelo, Patrick — Claire grunhiu, evitando por pouco cair na água. — Eu levo um século pra arrumar esses cachos.

— A barra continua limpa, Liz? — Hugh perguntou, se inclinando pela janela do segundo andar da casa dele.

— Está — respondi, dando mais uma olhada no jardim sem adultos. — A Sadhbh chamou a sua mãe pra tomar café.

Ele sorriu para mim e desapareceu de vista, voltando segundos depois no parapeito da janela.

— Espera, espera — Patrick falou, descendo da cama inflável e saindo da piscina, levando a Claire junto. — Ok — ele acrescentou quando estava fora de perigo. — Fica à vontade.

— Tá maluco? — Gibs perguntou, tirando os óculos de sol para olhar feio para ele. — Essa piscina tem um metro e meio de profundidade, cara.

— Eu sei — Hugh disse, dando risada e pulando com coragem do parapeito.

Completamente pasma, fiquei observando-o executar um salto perfeito na água antes de ficar de pé.

— Moleza.

— Você é um doido varrido... — Gibsie murmurou, colocando os óculos de volta. — Não sei lidar com as suas loucuras.

— Pronta? — Hugh perguntou, abrindo um sorriso cheio de expectativa para mim. — Você consegue, Liz.

— Não consigo — falei, dando uma risadinha.

O telhado do jardim de inverno era mais baixo que a janela de onde o Hugh tinha pulado, e eu não era tão graciosa quanto ele na água, mas ia dar o meu melhor.

— Ok, ok. — Dei um sorriso brincalhão, me levantei e recuei alguns metros antes de correr até a beira do telhado. — Aí vou eu... ahhh!

O intervalo de tempo entre pular do telhado e atingir a água foi de apenas uns dois ou três segundos, mas a adrenalina que esses segundos no ar dispararam pelas minhas veias valeu *muito* a pena.

— Você é tão incrível! — Hugh me elogiou quando emergi, tossindo e cuspindo, porque claro que eu esqueci de prender a respiração. — Foi épico, Liz.

— Parece que você encontrou uma parceira pras suas loucuras, Hugo — Gibsie brincou. — Você devia botar um anel no dedo dela. Quem sabe na sua lua de mel vocês não vão mergulhar nas cataratas do Niágara?

3 de outubro de 1998

Seu filho é o meu sol

LIZZIE

O monstro estava furioso hoje. Fiquei feliz por estar sonhando, porque acho que eu não sobreviveria à dor se ele fosse real. Ele ficou grunhindo e sibilando para mim, me culpando por ter revelado os seus segredos.

Mas eu não tinha revelado nada.

Eu só tinha pegado no sono e o encontrado nos sonhos.

Mas alguém tinha deixado ele bem zangado.

Ele estava tão cruel que me enforcou e me socou.

Foi tão bruto que me quebrou de dentro para fora.

— Não falei nada, juro — tentei esclarecer, mas não adiantou nada.

O monstro não estava me ouvindo.

— O que foi que ele falou pra ela? — o monstro ficava perguntando, arrancando e rasgando minhas roupas. — Você sabe de alguma coisa, né?

— Não sei de nada, juro — respondi, sem resistir.

Não importava, porque aquilo não era real.

Eu ficaria bem.

Tudo melhoraria quando o sol nascesse.

Na escuridão, o monstro me prendeu na cama e sussurrou ordens nos meus ouvidos...

— De joelhos.

— Se inclina pra frente.

— Não me faz te machucar.

— Fica quieta, senão vou quebrar o seu pescoço.

De novo e de novo.

Até eu ter vontade de morrer.

— Qual o problema? — Caoimhe perguntou do banco do motorista do jipe do papai a caminho de Avoca Greystones. — Você está saindo de órbita de novo.

— Estou ótima — menti, limpando a garganta.

Eu não estava ótima.

Bem pelo contrário.

Uma energia ansiosa crescia dentro de mim e eu estava a dois segundos de explodir.

Mas nunca contaria isso para Caoimhe.

Pois ela era os olhos e os ouvidos do nosso pai.

— Que horas você tem que estar na casa da Sinead? — perguntei, redirecionando a conversa para águas mais calmas.

— Dez minutos atrás — ela murmurou, dirigindo pelas estradas rurais. — Não sei o que aconteceu hoje. Eu nunca perco a hora. — Ela grunhiu, mudou de marcha e segurou o volante com força. — Parece que fui atropelada por um caminhão.

Bem-vinda ao meu mundo, pensei, mas decidi ficar quieta.

— Tem uma curva perigosa aí na frente — avisei, gesticulando para um trecho sinuoso da estrada à nossa frente. — Vai com calma.

— Eu sei dirigir, Lizzie!

Ela podia até saber, mas não era muito boa. Desde que tirou a carteira de motorista em abril, minha irmã tinha acumulado um número impressionante de arranhões e amassados no

range rover do nosso pai.

— Aff! — ela reclamou. — Por que é que parece que fui dopada?

— Você bebeu ontem? — Eu sabia que ela bebia álcool com os amigos nos finais de semana. E fumava. Não na frente dos nossos pais, claro, mas eu sempre a via nos estábulos com um cigarro na boca. — Talvez você só esteja de ressaca ou algo assim.

— Fiquei em casa a noite toda — respondeu, frustrada. — A gente pediu comida e assistiu a um filme no meu quarto.

A gente.

Ou seja, ela e o Mark.

— Ah! — Juntei as mãos e fiquei olhando para a janela. — Então sei lá.

Ela ficou reclamando até chegar na casa da Sinead, enquanto minha ansiedade continuou aumentando. Quando enfim paramos na frente da casa deles, disparei para dentro sem nem olhar para trás.

Eu não poderia olhar para ela nem se quisesse.

Porque estava prestes a explodir.

Me movendo por instinto, subi as escadas a toda velocidade e só parei até estar no quarto dele.

— Meu Deus, Liz! — Hugh exclamou quando praticamente arranquei a porta do batente na pressa de estar com ele. — Qual o problema? — Seu tom era preocupado. — O que aconteceu?

Não falei nada.

Não *consegui*.

Em vez disso, fui direto até ele, escalei os livros espalhados na cama e me aninhei no seu colo.

As lágrimas que eu tinha segurado no caminho finalmente se romperam e minhas emoções emergiram em uma onda

intensa de soluços.

Hugh jogou o livro que estava segurando para o lado e me envolveu naquele casulo confortável de segurança e calor.

— Está tudo bem — ele disse, me abraçando com força. — Estou bem aqui. — Ele alisou meu cabelo por cima do ombro, me ninando com delicadeza. — Shhh, Liz. Estou bem aqui com você.

Sua voz só me fez chorar ainda mais, e o agarrei com firmeza.

— Aconteceu de novo.

— Você teve outro pesadelo?

— Pareceu muito real dessa vez. — Assenti, me balançando com força. — Por favor, não me deixa.

Um tremor percorreu seu corpo e depois senti que ele foi relaxando no colchão.

— Não vou embora, Liz. — Ele me envolveu nos seus braços e então seus lábios estavam no meu ouvido. — Vou ficar com você.

Essas palavras significavam mais que qualquer declaração de amor ou promessas de eternidade.

Eu só precisava que ele *ficasse*.

E foi justamente o que ele me ofereceu.

Eu estava fazendo tanto escândalo que a Claire entrou no quarto exigindo saber o que tinha acontecido, mas o Hugh não sabia e eu não podia falar.

Então ela desistiu e saiu, voltando logo depois com a mãe e minha irmã.

— Ah, meu Deus! — Caoimhe grunhiu de algum lugar atrás de mim. — Me desculpa por ela, Sinead. Vou falar pro meu pai vir buscar a Liz.

— Não! — Hugh falou. — Ela pode ficar aqui, né, mãe?

— Claro que pode — Sinead disse. — Lizzie, querida, o que está te deixando chateada?

Eu não podia explicar.

Porque *não* era real.

Porque a Sinead pensaria que eu era louca.

Que nem todo mundo.

— Por que você não tenta conversar um pouquinho comigo antes de eu sair pro trabalho? — Ela apertou meu ombro com gentileza, e seu toque me lembrou o do Hugh. — O que acha disso?

Fiz que não, sem conseguir soltar o filho dela.

Porque ele era o meu *sol*.

— Eu só quero o Hugh — falei, com a voz tremendo tanto quanto o meu corpo. — Só... só o Hugh, ok?

PARTE 7

A perigosa arte da dissociação

15 de outubro de 1998

Ajudando irmãos heróis

LIZZIE

Depois que os médicos trocaram meus remédios de novo, eu não estava mais desesperada. Na verdade, não sentia nada. Cumpria todas as tarefas na escola e em casa, satisfeita e entorpecida.

Nada de moça assustadora.

Nem de monstro debaixo da cama.

Nada de nada.

Era difícil me concentrar, porque eu só queria dormir e me distraía bastante durante a aula.

Minha mãe falava que essa confusão logo passaria e eu voltaria ao normal, mas eu não sabia o que era normal. Pois não me lembrava de um período no tempo em que fui eu mesma.

As únicas vezes em que sentia algo de verdade era quando estava com Hugh. Ele parecia ser a única pessoa capaz de me despertar emoções, e, cara, como elas ficavam despertas quando Hugh estava por perto!

Isso sem remédios.

Quando chegou a quinta-feira eu já estava exausta, e me

ofereci para segurar a corda para as minhas amigas brincarem no almoço. Eu não tinha energia para muito mais que isso. Então o melhor que podia fazer era segurar a corda.

— *Um homem bateu em minha porta e eu a-bri. Senhoras e senhores, ponham a mão no chão...* — as meninas cantavam à minha volta enquanto eu segurava uma ponta da corda e a Marybeth segurava a outra. No meio de nós duas, Claire pulava feito uma atleta profissional. — *Senhoras e senhores, pulem em um pé só. Senhoras e senhores, deem uma rodadinha. E vão pro olho da rua!*

Claire era a melhor da escola, melhor até que as meninas mais velhas, e eu sabia que ela podia passar o almoço todo pulando sem errar. Ela me lembrava o coelhinho do comercial de pilhas da televisão, com a diferença de que não precisava de pilhas, só do sol mesmo.

— *Dentro, fora, dentro, pisa, fora, cruza...* — outro grupo cantava do outro lado do pátio conforme duas garotas esticavam o elástico com as pernas e outra pulava o mais rápido que conseguia sem tocar nele.

Elas eram barulhentas.

Todo mundo era tão *barulhento*!

Atrás de mim, eu ouvia outra brincadeira começando.

— *Com quem? Com quem? Com quem será que a Mary vai casar?*

Com as mãos tremendo, fechei os olhos e respirei fundo.

Era demais para mim.

Era demais.

— Você está estragando tudo — alguém falou antes de arrancar a corda da minha mão. — Sai, Lizzie. Deixa que eu bato a corda.

Agitada, me afastei da brincadeira só para ser interceptada por outra menina da minha sala.

— Vamos, Lizzie — Cadence me encorajou, erguendo as mãos, cheia de expectativa. — Brinca comigo. Você sabe a

música.

Eu *sabia*, ou pelo menos *deveria* saber, mas não conseguia me lembrar. Tudo tinha virado um borrão na minha cabeça.

— *Adoleta, le peti peti polá. Le café com chocolá. Adoleta, puxa o rabo do tatu...* — ela cantarolou, batendo as mãos na minha. — Vamos, Lizzie, você não está nem tentando.

— Foi mal. Preciso ir ao banheiro... — murmurei, saindo do pátio às pressas.

Era mentira.

Eu só precisava de *silêncio*.

Quanto mais barulho no ambiente, mais desorientada eu ficava.

Eu já sabia disso.

Tinha aprendido muito tempo atrás.

Encontra a Shannon, a voz gentil na minha mente instruiu. *Ela faz tudo silenciar*.

Shannon não quis brincar no pátio aquele dia, então imaginei que ela pudesse estar na sala. Mas, quando fui até lá, estava vazia.

Voltei para o pátio e procurei minha amiga no parquinho antes de seguir para o campo.

Os meninos da quinta e da sexta séries estavam lá, como sempre, se chutando com vontade sob o pretexto de estarem jogando hurling.

Eu não ligava para eles.

Todo o meu foco estava na garotinha chorando na lateral do campo.

Shannon.

Ela estava com o suéter na mão, chorando inconsolavelmente, enquanto seu irmão mais velho a confortava.

Nessa hora, senti alguma coisa no peito, uma espécie de

pontada, ao notar seu suéter rasgado.

Raiva. Era o que eu estava sentindo. Ela fervilhava dentro do meu estômago e ficava mais quente a cada lágrima que se derramava dos seus olhos.

Então Joey tirou o próprio suéter e o colocou na irmã, e outro tipo de emoção me dominou.

Tristeza.

Porque o suéter dele não estava muito melhor que o dela. Mas pelo menos não tinha sido rasgado por aquelas desgraçadas. Minha amiga se encolheu toda naquele suéter gigante que batia no seu joelho, enquanto seu irmão ficava só com a camiseta amassada que certamente já tinha visto dias melhores.

Na verdade, os punhos estavam tão desgastados que estavam moles e mal chegavam ao meio dos seus braços. Alheio ao fato de que sua camisa estava pequena para ele, Joey Lynch arregaçou o que restava das mangas antes de bagunçar o cabelo da irmã e dar um sorriso carinhoso.

Não estava chovendo, mas a brisa de outubro era gelada, e eu sabia que ele devia estar congelando.

Então por que Joey fez aquilo?

Por que deu para ela algo de que não podia abrir mão?

Eu não tinha a resposta, mas seu gesto acendeu algo dentro de mim, e fiz uma nota mental para levar um suéter meu que estivesse sobrando para Shannon no dia seguinte.

Pelo menos assim, o irmão dela não passaria frio.

Na sexta-feira, fiquei esperando a oportunidade perfeita para pegar Joey Lynch sozinho na escola.

O que não era nada fácil porque, ao contrário de Shannon, todo mundo vivia se aglomerando em torno dele. Mesmo com medo do garoto, as pessoas queriam ficar por perto.

Eu entendia que ele tinha algo misterioso que fazia os outros se aproximarem, mas achava sua irmã mais misteriosa.

Pelo menos para mim.

Minha oportunidade surgiu ao final do dia, quando Ciara Maloney bateu nas costas da Shannon com um apagador, e dei um soco na cara dela.

Claro que me mandaram pegar minhas coisas e ficar esperando no banco do corredor até a aula acabar. O que não era nada fora do comum para mim. Eu passava bastante tempo no banco, mas aquele dia tinha companhia, e por acaso essa companhia era Joey Lynch.

O que também não era nada fora do comum, porque Joey passava ainda mais tempo que eu no banco. Mas foi, *sim*, um sinal de sorte.

O irmão da Shannon não falou comigo quando me sentei ao seu lado. Na verdade, ele nem olhou para mim. Não liguei, pois além da Claire e da Shannon, eu não queria que ninguém falasse comigo na escola.

Como no dia anterior, ele estava usando uma camisa tão apertada que parecia ser da Shannon, e não estava de suéter. Ele não tinha nem um casaco para usar quando as aulas acabassem. Nem cachecol, luvas ou gorro. Seu tênis esquerdo tinha um furo na lateral, mostrando a cor da sua meia. *Cinza*.

Coloquei a mochila entre as pernas, a abri e fiquei vasculhando entre os livros até encontrar o que estava procurando.

Peguei o saco plástico com o uniforme da minha irmã do Sagrado Coração e atirei no colo dele.

— Estou com cara de lixo, loirinha? — Joey perguntou em tom sarcástico.

Eu o ignorei, fechei a mochila e me recostei na parede, com os braços cruzados. Que nem ele.

— Você é amiga da Shan, né? — ele perguntou com uma voz menos cruel.

Me virei para ele e assenti uma vez.

— Sou.

Ele ficou me encarando com aqueles grandes olhos verdes.

— O que tem na sacola?

— Umas coisas que não estou usando.

Joey franziu a testa, abriu a sacola devagar, deu uma olhada lá dentro e depois deixou a sacola no meu colo.

— Não, obrigado.

— Pega — insisti, atirando a sacola de volta para ele.

— *Não*.

— Por que não?

Ele sibilou, furioso:

— Porque não quero a sua caridade.

— Não importa se você não quer — retruquei, sem ceder. — Você *precisa*.

Joey me olhou como se eu tivesse lhe dado um tapa na cara.

— Vai se foder, garota.

— Eu? — grunhi, indignada. — Vai se foder você, seu *babaca*.

— Nossa! — Joe ergueu a sobrancelha. — Isso é o melhor que você consegue?

— Não chega nem perto do meu melhor, seu *babaca*. — Estreitei os olhos. — Quer ouvir mais, seu *babaca*?

Ele continuou me encarando por vários segundos e então contorceu os lábios.

— Meu Deus. — Ele soltou um grunhido, balançou a cabeça e desviou o olhar, murmurando: — Onde foi que minha irmã te encontrou?

Mantive a careta firme no lugar quando ele abriu a mochila e guardou a sacola. Mas por dentro eu estava sorrindo.

E acho que ele também.

31 de outubro de 1998

Pode me chamar de Paddy Spice

HUGH

— Isso é mais que humilhante — Feely declarou, aparecendo no banheiro do andar de baixo vestido com uma calça de moletom azul brilhante, um top laranja, uma peruca com rabo de cavalo e a cara toda rebocada de maquiagem. — Me sinto um idiota.

— Não só se sente como está parecendo um idiota também — falei, gargalhando.

— Disse o cara todo de oncinha. Bela peruca, Hughie. Você com certeza está fazendo jus à sua imagem, seu esquisito do cacete.

— O sujo falando do mal lavado, Feely. E para de reclamar. — Fiz uma careta e olhei para o macacão colado de oncinha que eu estava sendo obrigado a usar e depois para as horríveis botas de plataforma que prendiam toda a circulação dos meus pés. Eu mal conseguia ficar em pé com elas, então não tinha muita esperança de conseguir andar. — Pelo menos você está de moletom e tênis.

— E peitos de rolo de papel higiênico — ele acrescentou, gesticulando para o peito. — Não se esqueça dos peitos de rolo

de papel higiênico, Hugh.

— Olha como fala dessas belezinhas — comentei, pegando o meu par de "seios".— Os meus são maiores que os seus!

— Não pega nos peitos, Hughie — minha irmã falou, correndo até mim. — Senão vai estragar o formato.

— Pelo menos vocês podem usar calça — Gibs bufou, entrando na sala com botas de couro vermelho que iam até o joelho e uma peruca ruiva. — E, se acham que peitos de rolo de papel higiênico são ruins, experimentem peitos de bexiga!

— É que a Ginger Spice é mais peituda — minha irmã falou por cima do ombro, ajeitando os meus peitos. — E já expliquei as roupas. O Hugh e o Patrick têm as pernas peludas demais.

— Não sei se isso é um elogio ou uma ofensa — Gibs disse, coçando o queixo.

— É um elogio — ela o tranquilizou, voltando a atenção para o peito do Feely. — As suas pernas são as melhores, Gerard.

— Não, *ela* tem as melhores pernas — Feely sussurrou no meu ouvido.

Segui seu olhar e fixei os olhos na loira esbelta do outro lado da sala, tentando esconder seu cabelo comprido em uma peruca escura.

Inexplicavelmente irritado com o comentário do Feely, me esforcei para me acalmar, sendo que tudo o que eu queria fazer era tirar essas botas de merda e acertá-las nele.

Liz estava usando o menor vestido preto que eu já tinha visto na vida. O tecido era tão apertado que parecia praticamente costurado à sua pele branquinha e macia. Suas pernas já eram normalmente longas, mas com aqueles saltos altos pareciam *escadas*.

Saber que o meu amigo estava olhando para ela do mesmo jeito que *eu* olhava me fez querer acabar com tudo antes mesmo de começar.

— Não, não, não! — minha irmã gritou, chamando a atenção de todos. — Você devia estar de vermelho, branco e azul, Gerard — ela choramingou, arrasada, andando em volta do Gibs. — E não verde, branco e dourado!

— Não está tão ruim assim, vai? — Ele deu uma voltinha para mostrar seu vestidinho improvisado, claramente feito de algumas bandeiras costuradas às pressas. O Gibs passou o braço em volta dos ombros da minha irmã e piscou. — Pode me chamar de Paddy Spice.

— Os caras vão encher o nosso saco quando chegarem — Feely disse, bastante desgostoso consigo mesmo. — Já estou até ouvindo as piadinhas do Danny.

— O Danny é um escroto — Liz interveio, se colocando ao meu lado. — E, se falar merda, vou tirar o sapato pra acertar o salto nele. — Ela olhou para mim e deu uma piscadinha. — Principalmente se falar alguma coisa de você, aniversariante.

Ah, cara!

Meu pobre, pobre coração.

Minha festa fluiu sem nenhum problema. Como o Feely previu, o Danny Call caiu matando nas nossas fantasias assim que chegou, mas calou a boca depressa quando o Spice ameaçou realocar o buraco por onde ele mijava. Depois disso, Danny ficou excepcionalmente quieto.

No geral, a festa foi boa, mas eu estaria mentindo se dissesse que não estava contando os minutos para os meus amigos irem embora. Porque eu queria ficar só com a minha galera, as pessoas que me conheciam melhor que qualquer um. Os amigos com quem eu podia ser eu mesmo sem precisar me preocupar em ser educado ou diplomático, pois eles aceitavam a minha versão crua e sem censuras, assim como eu aceitava a deles.

Como Feely e eu tínhamos completado onze anos aquele Halloween, nos deixaram sair para pedir travessuras ou gostosuras sem a supervisão de nenhum adulto. Claro que minha mãe e a Sadhbh fizeram todo um discurso dizendo que deveríamos ser responsáveis e cuidar dos mais novos do grupo. O que elas realmente queriam falar era: "Gibs e Claire são um perigo e, se possível, será que vocês poderiam, por favor, impedir que os dois imbecis sejam atropelados por um carro ou levados no banco de carona de um estranho?".

Não precisavam se preocupar, pois eu estava mantendo os dois vivos desde que cheguei nessa terra. Sim, eles eram uma completa dor de cabeça às vezes, mas eu sabia que sentiria falta se um estranho os levasse embora prometendo doces.

Perto do fim da noite, quando estávamos carregados de doces suficientes para encher as prateleiras de uma loja, fiquei para trás de propósito. Diminuí o passo até meus amigos tomarem um pouco de distância, usando as botas como desculpa, mas eu tinha um motivo secreto.

Eu queria ficar sozinho com *ela*.

— Posso falar com você sobre uma coisa, Liz?

— Claro — ela respondeu, automaticamente ajustando o ritmo da caminhada ao meu. — O que foi?

Eu não sabia como verbalizar os pensamentos que estavam me atormentando o dia todo, então falei de uma vez:

— Ele gosta de você.

— Quem?

Sentindo outra onda forte de ciúme, apontei para a frente, onde Feely estava brincando de lutinha com Gibs.

Liz observou a cena e assentiu.

— Sim. — Ela soltou um suspiro pesado. — Eu sei.

— Sabe?

Ela suspirou de novo.

— Ele me falou.

Ok, essa informação era novidade.

Uma novidade que não me agradava.

Não, não me agradava nem um pouco.

— Você não me contou nada.

Ela deu de ombros.

— Eu tinha esquecido totalmente disso até você falar.

— Ah! — Tentando acalmar as emoções, olhei para ela e perguntei: — Quando ele te contou?

— Um tempinho atrás — ela disse baixinho.

Outra onda de ciúme me dominou, dessa vez mais intensa.

Feely gostava da Liz.

E Liz sabia que Feely gostava dela porque ele tinha *falado* para ela.

Um tempinho atrás.

Que porra era aquela?

Quando é que as pessoas estavam planejando *me* contar?

Meu Deus, eu queria matar ele.

Eu nunca tinha sentido uma fúria tão irracional.

Tive vontade de lhe perguntar uma dúzia de coisas, mas não perguntei.

Porque não tinha direito.

Não era dono dela.

Ela era minha melhor amiga.

É isso.

Eu não tinha direito de fazer um interrogatório.

Mas que saco, hein?

Sério.

Que saco!

— Não falei nada pra ele, Hugh. — Ela pegou minha mão e me fez parar de andar no meio da calçada. — Foi no verão, quando a gente foi jogar boliche no aniversário dele. Fomos

pegar raspadinhas no balcão e ele acabou falando.

— O que ele te disse? — perguntei de um jeito surpreendentemente calmo, dado que meu mundo inteiro estava desmoronando à minha volta. — Feely disse que estava a fim de você?

— Patrick só falou que gostava de mim e depois me perguntou se eu queria sair com ele. — Seus olhos estavam cheios de sinceridade quando ela olhou para mim. — Eu falei que não, Hugh. Quando ele perguntou se eu queria namorar com ele, eu falei que não.

Ela falou que não.

Ela deu um fora nele.

Respira, Hugh, respira.

Meu peito subiu e desceu depressa, com um suspiro trêmulo. Tentei desesperadamente controlar as emoções retumbando no meu coração. Ela continuou segurando minha mão, e com minha pulsação disparada por causa do contato foi difícil elaborar uma frase coerente.

Medo.

Fúria.

Pânico.

Esperança.

Eu estava me afogando em *todos* esses sentimentos.

— Você, ah... — Minha voz falhou e pigarreei bruscamente antes de olhar de soslaio para ela.

A Liz estava tão calma, e eu estava surtando por dentro. Porque a imagem dela com outra pessoa de repente me atingiu com tudo.

Com dificuldade para respirar, finalmente perguntei:

— Você deu um fora nele mesmo?

Eu precisava que ela dissesse mais uma vez.

Precisava daquela confirmação, caramba.

Precisava de uma salvação.

Quando ela assentiu, o pânico e o medo que estavam me sufocando foram expurgados dos meus pulmões visivelmente.

Meu Deus do céu.

— O que você falou? — consegui perguntar de um jeito relativamente tranquilo. — Quando ele, hum... te pediu em namoro?

— Falei que também gostava dele. — Sem soltar minha mão, ela acrescentou: — Mas que a gente não podia namorar.

— Ele te perguntou por quê?

— Perguntou.

— E o que você respondeu?

— O que falo pra todos os garotos.

Então havia outros garotos.

O que é que eu estava pensando? *Claro* que havia outros.

Porra!

— O quê?

— Que só quero namorar um garoto. — Com os olhos cravados nos meus, ela se aproximou, chegando tão perto que senti seu coração batendo. — E que ele é o único pra quem vou dizer sim.

2 de novembro de 1998

Acordos

HUGH

— Vamos, Hughie — Feely sussurrou, se inclinando na carteira que a gente dividia, na segunda-feira de manhã. — Você não pode ainda estar bravo por causa do lance da Liz.

— Ah, pode acreditar que estou — sibilei, dando uma cotovelada nele. — Agora se recolha pro seu lado da carteira.

— Beleza — Feely disse, devolvendo o gesto, com uma cotovelada dolorida. — Vai em frente e fica aí ruminando essa história. — Ele balançou a cabeça e se afastou, mas continuou fazendo cara feia para mim. — Você está puto por nada, porque falei com ela meses atrás e ela...

— Isso só *piora* as coisas — interrompi, alternando a atenção entre a nossa professora de costas para nós e meu amigo traidor. — Chega! Para de falar.

— Não.

— Certo. Então para de olhar pra mim.

— Não.

Estreitei os olhos, desafiando-o.

— Feely...

— Ela me deu um fora, Hugh — Feely continuou falando

baixinho. — A Lizzie não gosta de mim, cara. Não desse jeito, então não sei por que você está tão chateado.

— Estou chateado porque você devia ter me *contado*. Porque você agiu pelas minhas costas.

— E por que eu devia te contar alguma coisa? A Lizzie não é sua namorada. — Ele também estreitou os olhos e acrescentou: — Já que você é covarde demais pra pedir ela em namoro.

— Quem é covarde? — Gibsie perguntou, se virando da carteira da frente e se juntando à discussão.

— O Hughie — Feely respondeu. — Ele está puto porque eu tive a coragem de pedir a Lizzie em namoro e ele não.

— Não — eu o corrigi, nervoso. — Estou puto porque você fez isso pelas minhas costas.

— Eu não sabia que precisava pedir sua permissão, Hugh.

— É uma questão de educação, Patrick.

— Bem, pois estou te contando agora.

— Sim, quatro meses depois.

Feely deu de ombros.

— Antes tarde do que nunca.

— Antes *nunca* do que nunca.

— Ah, não, não, não — Gibs soltou, sacudindo a cabeça de desgosto. — Você não devia ter feito isso, Fe.

— E por que não? — Feely perguntou, indignado.

— Porque o Hugo Boss aqui ama a nossa Viborazinha — ele falou solenemente, com os olhos cinzentos arregalados, sem nem piscar. — Você sabe.

— Bem, então é melhor você falar pro *Hugo Boss* aí parar de ser covarde — Feely grunhiu. — Além disso, eu chamei a Liz pra sair porque *gosto* dela, não porque quero chatear ele.

— Ele não é covarde — Gibs me defendeu. — É um cavalheiro. Pelo menos é o que minha mãe diz.

— *Valeu*, Gibs — falei, me sentindo vingado.

— *Claro* que você vai defender o cara. — Feely revirou os olhos. — Você é obcecado pela irmã dele.

— Sou mesmo — Gibsie disse, sorrindo e franzindo a testa um segundo depois. — Espera aí. — Ele estreitou os olhos e olhou para Feely desconfiado. — Você não chamou a Claire pra sair quando estava procurando namorada, né?

— Não, Gibs — Feely esclareceu, rindo. — Eu nem sonharia com isso.

— Que bom! Pois continue *não* sonhando com isso — ele acrescentou, sério. — Porque não sou tão controlado que nem ele. — Gibsie apontou para mim, mantendo os olhos fixos no Feely. — Eu te mataria, Patrick Desmond Feely. — Ele fez um gesto de decapitação. — Não deixa essa carinha de anjo te enganar. Tem um assassino à espreita aqui dentro. E ele acabaria com você se você tentasse pegar a minha ursinha, entendeu?

— Entendi, Gibs — Feely disse, segurando a risada, enquanto eu nem tentei disfarçar. Levei a mão à boca para abafar a gargalhada. — Prometo fielmente que nunca vou tentar pegar a sua ursinha — ele falou em um tom divertido.

— Boa — Gibsie declarou, apaziguado. — Porque eu ia sentir a sua falta se tivesse que te matar. — Sorrindo, ele agitou o dedo entre nós. — Agora deem um beijinho.

Feely se virou para mim, reprimindo um grunhido.

— Me desculpa por não te contar da Lizzie. — Ele soltou um suspiro sofrido e acrescentou: — Mas aprendi minha lição e não vou mais tentar nada. Não se ela é tão importante pra você.

— Ela é — respondi, ainda irritado, mas disposto a deixar aquela história para trás. — E eu não sou covarde — completei, sentindo necessidade de me defender. — Eu só... estou trabalhando nisso.

— Beleza. Continua trabalhando nisso que vou continuar fora dessa. — Ele me deu um sorriso pesaroso e estendeu a mão para mim. — Estamos de acordo?

— Sim, cara — falei, apertando sua mão. — De acordo.

15 de novembro de 1998

Sentimentos profundos e mecanismos de defesa

LIZZIE

A primeira vez que encostei uma faca na minha pele foi na primavera, e foi por conta de um acidente que aconteceu enquanto eu descascava uma maçã. O corte da faca no meu dedo provocou uma onda instantânea de dor e sangue. Mas também provocou uma estranha sensação de *clareza*. Eu lembro porque estava tendo um dia ruim, e depois disso ele se tornou tolerável.

A segunda vez foi um quase acidente com uma tigela fumegante de mingau. Eu me lembro da cena como se fosse ontem. Estava sentada no sofá com a tigela quente no colo. Olhando fixamente para ela, eu a inclinei devagar para sentir minhas pernas queimando. Fiquei vendo o mingau espesso e ardente penetrar na minha meia-calça, se infiltrando na minha pele feito mil agulhas.

A dor foi instantânea e *gloriosa*.

A terceira não foi um acidente, apesar de ser a opção mais plausível. Me sentei de propósito na lareira só de camisola, com os dedos dos pés bem em frente ao fogo crepitante, à

espreita, e continuei imóvel cada vez que alguma faísca atingia minhas pernas nuas. Foi só quando uma brasa grande e vermelha pousou na barra da minha camisola que alguém da minha família percebeu o que eu estava fazendo. Mesmo assim, enquanto minha camisola pegava fogo e eles a arrancavam de mim às pressas, ninguém me questionou, atribuindo meu descuido ao fato de eu ser uma criança imprudente que tinha se aproximado demais do fogo sem querer.

Antes disso, eu costumava coçar e arranhar minha pele ou me queimar no banho sempre que a pressão na minha cabeça ficava forte demais, mas *nada* que eu tivesse tentado se comparava à paz que encontrei em uma lâmina afiada.

Depois, virei escrava da dor.

Do alívio temporário da dor.

Da dor que ninguém podia ver.

Da dor na minha mente.

Eu tomava cuidado para esconder as cicatrizes do mundo com pulseiras e roupas largas. Protegia minha forma de consolo secreto como se minha vida dependesse disso, porque com toda a sinceridade, nos dias ruins de verdade, ela dependia *mesmo*.

A arma que escolhi se tornou a lâmina, e minha pele se tornou o campo de batalha, onde eu travava uma guerra interna contra as partes de mim que não podiam ser curadas. A guerra começou na parte interna das minhas coxas até que não houvesse mais espaço para lutar, e, nesse ponto, o campo de batalha se transferiu para a minha barriga, depois para os meus seios, até se estabelecer nos meus pulsos.

O alívio temporário da tortura mental me levou a brincar com facas enquanto as meninas da minha idade brincavam com bonecas. Eu era esperta o suficiente para disfarçar, para cortar só o suficiente para me aliviar sem chamar atenção.

Afinal, foi a atenção que iniciou a guerra na minha cabeça.

Não me sentia mal por fazer isso.

Era algo que eu fazia pro meu bem.

Estava tentando *sobreviver* e enfim tinha encontrado um jeito de atravessar os dias sem querer morrer.

— Qual o problema? — Hugh perguntou pela décima vez desde que eu tinha chegado na casa dele. — Sei que tem alguma coisa errada. — Estávamos sentados na casa da árvore, e *deveríamos* estar lendo, mas ele estava se preocupando. *Comigo*.

— Hugh, estou *bem* — falei pela décima vez. — Relaxa.

— Não consigo. — Ele esticou o braço e passou o dedo entre as minhas sobrancelhas. — Você fica com uma marquinha aqui quando está preocupada com alguma coisa.

— Sério?

— É. É bem pequenininha, mas eu percebo — ele disse, cravando os olhos castanhos em mim. — Então *sei* que tem alguma coisa pegando.

Ele não ia deixar para lá até ter uma resposta. Soltei um suspiro pesado e admiti:

— São os pesadelos.

Seus olhos foram tomados por apreensão.

— Você voltou a ter muitos pesadelos?

Fiz que sim.

— E a moça? — Ele não riu nem fez nenhuma piadinha. Parecia genuinamente angustiado. — Você também está vendo ela?

— Não posso falar disso. — Meu pai ficava bravo e eu não podia arriscar. — Você sabe.

— Você pode me contar tudo — ele insistiu, sem desistir. — E eu quero ouvir, Liz.

Arqueei a sobrancelha, incrédula.

— Você quer ouvir sobre os meus *delírios*?

— Você não é louca, Liz. — Ele pegou minha mão e me puxou para o seu colo. — E não está delirando. — Ele me envolveu em seus braços e me abraçou com força. — Mas talvez você seja meio esquisita.

— Seu besta — brinquei, dando uma cotovelada na sua barriga. — Você sabe o que dizem de gente esquisita, né?

— Que gente esquisita atrai gente esquisita? — ele provocou com um sorrisinho. — Deve ser por isso que sou tão obcecado por você.

Meu coração deu um solavanco quando ele disse isso.

Irracionalmente animada, me aproximei ainda mais, querendo grudar meu corpo no dele e nunca mais me separar.

— Hugh?

— Hum?

— Você acha que ela é real?

— A moça assustadora?

Assenti.

— A moça dos meus sonhos.

— Nunca vi a moça dos seus sonhos — ele falou de um jeito sincero. — Mas sei muito bem o que vi aquele dia, Liz, e, se você diz que é ela, eu acredito em você.

— Mesmo?

— Sim. — Ele se afastou um pouco para olhar para mim. — Acredito mesmo.

— Acho que você deve ser a primeira pessoa que acredita em mim — sussurrei, segurando o seu moletom. — Obrigada.

— Não precisa me agradecer — ele falou com uma voz sofrida. — Me agradeça quando eu pegar ela e provar pra todo mundo que a gente estava falando a verdade esse tempo todo.

Arregalei os olhos.

— Você quer pegar a moça?

Ele acenou a cabeça.

— Ah, é melhor você acreditar que eu *vou* pegar ela. — Ele sorriu e acrescentou: — Essa moça é o tipo de esquisita que não é bem-vinda no nosso clube.

Estremeci de repulsa.

— Definitivamente não.

— Quando eu pegar ela, nossa primeira parada vai ser o lava-rápido — ele continuou, sorrindo e achando graça da cena. — Provavelmente, vamos ter que lavar ela duas vezes pra tirar aquela sujeira toda... e ainda pegar uma lixadeira pra dar um jeito naquelas garras.

Não consegui segurar a risada, porque Hugh tinha de alguma forma transformado algo traumatizante em divertido.

31 de dezembro de 1998

Vamos entrar em um novo milênio ou não?

HUGH

— Quem é que está pronto pra dar as boas-vindas pro novo milênio? — Gibsie perguntou, entrando no meu quarto na véspera de Ano-novo com uma língua de sogra na boca.

Armado com uma pilha de caixas das suas barras de chocolate favoritas e um chapéu de festa, ele se aninhou no meu pufe pronto para comemorar o Ano-novo.

— Você está um ano adiantado, Gibs — Feely comentou, concentrado no jogo que estávamos jogando.

— Eu sei, Feely — Gibsie bufou, irritado. — Foi por isso que perguntei quem estava pronto pra dar as *boas-vindas* pro novo milênio.

— Ele está querendo dizer que o novo milênio começa em 2000, Gibs — expliquei calmamente, acabando com o Feely no FIFA. — Ainda estamos em 1998, cara.

— Então por que *ele* disse que estou um ano adiantado? — perguntou, incrédulo.

— Porque *ele* tem razão — Feely retrucou secamente. — O milênio *vai* virar no ano que vem.

— Mas como no ano que vem, se você disse que *não* vai ser

no ano que vem? — Gibsie reclamou, ainda sem acreditar. — Vamos ter um novo milênio ou não?

Feely balançou a cabeça e murmurou:

— Você vai ter que assumir essa, Hugh.

— São oito horas da noite do último dia de 1998. Quando o relógio bater meia-noite, vai ser 1999. — Pausei o jogo, me virei para o nosso amigo e continuei: — Então, esta noite, tipo, agora, é 1998, e daqui a quatro horas, vai ser 1999. O novo milênio vai chegar no *final* de 1999, não no início.

— Do ano que *vem*? — Gibsie perguntou de testa franzida.

— Isso, Gibs. — Assenti com avidez. — *Isso mesmo*.

— Ok, faz sentido. — Ele ficou pensativo por um momento e depois fez cara feia para o Feely. — Por que você não falou isso logo no *começo*, Patrick?

Feely abriu a boca para protestar, mas pensou melhor e só murmurou "Deus, me dê forças" baixinho.

Bem nessa hora, a porta do quarto se abriu e a cabeça do meu pai apareceu. Ele não parecia mais meu pai, claro, com aquela barba desgrenhada e olhos fundos. As partes do seu rosto que não estavam cobertas de pelos estavam magras e encovadas. Era a própria definição de fantasma.

— Estão prontos pra noite, gente?

— Pete! — Gibsie comemorou, tão empolgado de ver meu pai quanto a Claire ficava com suas aparições esporádicas. — Que camisa chique!

— Achei bom fazer um esforcinho hoje.

Fazer um esforcinho.

Que piada!

— Você e a Sinead vão passar a noite na Old Hall House?

— Vamos, Gibs. — Ele sorriu e direcionou a atenção para mim. — Está pronto pra celebrar o Ano-novo com seus amigos, filho?

Decidi ignorá-lo, assim como ele fazia comigo, e continuei jogando FIFA, fuzilando a tela da televisão com o olhar. Notando meu desconforto, o Feely me deu um empurrãozinho com o ombro para demonstrar solidariedade.

Porque ele me entendia.

— Pete! O táxi chegou, amor! — minha mãe gritou do andar de baixo e, depois, acrescentou: — Claire! A Lizzie está aqui com a Caoimhe.

Meu coração bateu tão forte quanto os passos pesados da minha irmã disparando do quarto e descendo as escadas, berrando:

— Lizzie, Lizzie, Lizzie!

Pois é, irmãzinha.

Também me sinto assim.

— Sabe o que acabei de pensar? — Feely falou várias horas depois. — Se a Caoimhe se casar com o Mark, a Liz e o Gibs vão fazer parte da família.

— Merda, você tem razão — eu disse, franzindo a testa. — Eles vão virar parentes.

— Não vamos, não — Gibs protestou, horrorizado. — Porque ele *não* é meu irmão.

— Definitivamente, não — Claire concordou da minha cama, onde ela estava pintando as unhas. — Credo, Patrick. Não ofende os genes dos Gibson.

— *Obrigado*, ursinha — Gibsie falou, erguendo a mão para fazer um high-five com a minha irmã. Ela deu uma pausa nas unhas para responder ao cumprimento. — Aquele merda nunca vai ser minha família.

— O pai dele *se casou* com a sua mãe, cara — Feely lembrou, dando uma risada bem-humorada. — Então ele é seu irmão postiço.

— Não me diga! — Gibsie grunhiu, se concentrando no FIFA 98 que estávamos jogando. — Keith Allen... — Ele farejou o ar como se o nome fosse um insulto. — Deveria se chamar Keith Alien, porque é isso o que ele é. — Apertou com raiva os botões do controle. — A porra de um intruso parasita.

— O que foi que eu perdi? — Lizzie perguntou, voltando com um monte de besteiras que pegou na cozinha.

Liz estava linda com sua camisa de flanela de manga comprida e jeans largos. Ela deixou um pacote de gotinhas de chocolate no meu colo e olhou para o pufe que eu estava dividindo com Feely antes de mudar de ideia. Então foi até a cama e recuou comicamente de horror ao ver o salão de beleza improvisado da minha irmã.

Então se afastou o mais discretamente possível e encontrou refúgio com Gibs na poltrona inflável roxa que Claire tinha levado para o meu quarto mais cedo.

Claire falou que deveríamos ficar juntos para fazer uma festa do pijama. Tinha idealizado toda uma cena com guerra de travesseiros, fofocas e papos de meninas e insistiu que ficássemos no quarto dela. Só que o PlayStation estava no meu quarto, e os meninos eram maioria, por isso nos acomodamos ali mesmo.

— Quem é o intruso parasita, Thor? — Liz perguntou, empurrando o quadril dele para abrir espaço na poltrona. — Quem é que eu preciso machucar?

— Você está falando sério, né? — Gibs deu risada, chegando mais para o lado para ela se sentar com ele. — Viborazinha.

— Keith Allen — Claire respondeu, retomando a pintura das unhas do pé. — Concordo totalmente.

Ah, lá vamos nós.

Contendo um grunhido, me recostei no pufe e me preparei para a encrenca.

— Eu só estava falando que, se a sua irmã se casar com o Mark, você e o Gibs vão virar uma família — Feely explicou, claramente por fora do que se passava com o nosso amigo e sua relação com a família do marido da mãe dele.

Não era culpa do Feely. Ele não morava na nossa rua, e Gibsie era o mestre da dissimulação. Quanto mais feia a coisa ficava, mais absurdamente bobo ele se tornava.

— Segundo o Gibs, isso não é bom.

— Não mesmo — Liz disse, dividindo um pacote de salgadinho com Gibs. — E a gente não precisa que eles se casem pra ser uma família.

— Exatamente — ele falou, concordando com Liz entusiasticamente.

— Podemos não falar daquele babaca? — Claire pediu, desgostosa. — Já basta ele na sala engolindo a Caoimhe. — Seu corpo tremeu todo. — Eca!

— Isso — falei, sorrindo ao marcar outro gol contra o time do Feely. — É Natal, gente, não Halloween.

— Falando em Natal... — Gibsie deu uma risada calorosa e passou o braço pelo pescoço da Liz, puxando-a para perto. — Tenho um presente pra você.

— Nem vem — todos nós protestamos, mas era tarde demais, pois o barulho de uma trombeta dolorosamente longa e fedorenta rasgou o ar.

— Ah, meu Deus, Gibs, você acabou de *peidar*? — Liz perguntou em meio à gargalhada, tentando se desvencilhar da chave de braço do Gibsie. — Ah, acho que estou até sentindo o seu cheiro podre...

— Respira — Gibs a encorajou, abanando o pé na cara dela. — É minha receita especial.

— Meu Deus do céu, o que foi que você comeu? — Feely perguntou, cobrindo o nariz com a camiseta. — Parece que

tem algo *morto* dentro de você, cara.

— Você sabe que eu gosto de comer feijão com batata assada — Gibs falou, rindo e cantarolando: — E você sabe que feijão faz a gente peidar...

— E cagar também! — Claire completou, prendendo o nariz. — Quanto feijão você *comeu*, Gerard?

— Ei, pelo menos não foi repolho — ele disse, rindo.

— Você é *doente* — Feely falou, sacudindo a cabeça. — Totalmente repugnante.

— Posso soltar mais — Gibsie disse, sem parar de rir. — Vocês querem?

— Não! — gritamos ao mesmo tempo.

— Beleza — ele falou, voltando a atenção para a Liz, que estava tentando se desvencilhar dele. — Vem aqui, Liz. O Papai Noel esqueceu de entregar o seu presente e me pediu pra te entregar.

— Se você peidar em mim de novo, vou te matar — ela gritou, se esforçando para se levantar. — Estou avisando, Gibs.

— Tarde demais — ele disse, derrubando-a no chão. — Está a caminho.

— Não, Gibsie! — Rindo histericamente, ela empurrou seu peito quando ele fazia barulho de motor. — Não ouse... ahhh!

— Brum, brum, brum... — ele soltou, abaixando devagar a bunda na cara dela e soltando o peido mais vil do mundo. — Feliz Natal!

— Ahhh! Estou sentindo o gosto! — ela berrou. — Estou sentindo o gosto do feijão na minha língua!

Eu queria ajudar, mas estava ocupado demais gargalhando enlouquecidamente.

Arfando e engasgando, ela saiu de baixo dele e disparou para a janela do quarto.

Se inclinou sobre o parapeito, engolindo ar em meio a

ataques de riso.

— Se eu pegar alguma doença, juro por Deus, Thor, que minha missão de vida vai ser atormentar você.

— Ah, é uma declaração de guerra, Víbora? — Gibs ficou de pé e bateu no peito feito um gorila. — Estou pronto pra você.

— Ah, é? — Aceitando o desafio, Liz subiu no parapeito da janela e mirou no Gibs. — Você acha que é durão o suficiente pra me enfrentar, é?

— Ah, pode acreditar, Víbora. Sou o Matt e o Jeff combinados — ele provocou, chamando-a com os dedos. — Sou o terceiro irmão dos Hardy Boyz.

— Bem, então se prepara pro salto mortal da Lita, seu puto — Liz avisou, virando as costas para ele e se agachando.

— Liz, não, não, não... não tem proteção aí! — Gibs exclamou, correndo para interceptá-la. — Espera! Você vai acabar quebrando a sua... ahhh!

— Sem chance! — falei, completamente hipnotizado pela garota. Ela executou um mortal perfeito da janela do meu quarto. Além disso, conseguiu deixar o Gibs parecendo uma panqueca.

— Estou morto — ele choramingou debaixo dela, enquanto minha irmã dava gritinhos atrás do travesseiro. — Estou morto, estou te falando!

— Sente essa, Thor — Liz falou, pressionando-o no chão no estilo luta livre. — *Vitória*.

— Você é uma garota estranha e assustadora — ele declarou. — Mas inesquecível.

Ela gargalhou e o ajudou a se levantar.

— Está ferido?

— Só o meu orgulho.

PARTE 8

Monstros em todo lugar

22 de janeiro de 1999

Te vejo por aí, garota

LIZZIE

Aconteceu de novo ontem à noite.

O monstro me atacou durante o sono e me machucou tanto que levei os ferimentos para a realidade.

Só de ficar sentada na carteira na aula doía, e quando chegou a hora do almoço, eu estava prestes a perder a cabeça. Meu corpo estava todo dolorido, mas era a minha mente que estava abalada de fato. Porque era cada vez mais difícil distinguir a diferença entre o que era real e o que era minha imaginação.

Como estava no limite, evitei meus amigos no recreio e fugi da sala assim que o sinal tocou. Rezando para não ser encontrada e buscando consolo, me escondi atrás do muro no fundo do campo, sabendo que Shannon e Claire não me procurariam ali.

Me sentei de pernas cruzadas na grama, me recostei no muro e tentei respirar em meio à dor. Eu não sabia o que era pior: a dor na minha mente ou entre as minhas pernas.

As lágrimas quentes escorrendo pelo meu rosto eram a única prova de que eu estava mesmo acordada, na escola. Dava para sentir, tocar, saborear e ver minhas lágrimas. Elas eram *reais*, o

que significava que eu também era real.

Fungando, coloquei as mãos trêmulas nas coxas e me obriguei a olhar. Meu corpo ficou tenso quando vi as marcas das garras que o monstro tinha deixado na minha pele.

Havia hematomas escuros e arroxeados gravados na minha carne. Pareciam bem graves, mas eu sabia que eram insignificantes em comparação com o estrago que o monstro fazia dentro de mim. Nas partes que eu não conseguia ver no espelho.

O mais assustador de tudo era que parte de mim poderia estar gostando daquilo, o que não fazia o menor sentido, porque eu *sabia* que não gostava dele. Eu odiava aquele monstro, e nunca queria dormir à noite, temendo que ele rastejasse para dentro do meu corpo. Só que, ultimamente, algo estranho estava acontecendo em mim — uma horrível sensação pulsante que fazia eu me sentir mal.

Ela crescia e piorava sempre que os *meninos* olhavam para mim. Principalmente o Hugh. Quando ele me observava, ela ficava tão forte que era quase como se eu tivesse outro coração batendo na minha barriga. E o pior era que talvez eu *curtisse* aquilo.

Eu *não* era uma boa pessoa.

Chorando copiosamente, cerrei os punhos e fiquei batendo na cabeça sem parar, torcendo e rezando para que eu pudesse de alguma forma apagar esses pensamentos terríveis.

Eu sou ruim.

Eu sou ruim.

Eu sou ruim.

Continuei me batendo até me cansar de tanto esforço. Ainda tremendo, fechei os olhos com força e respirei fundo várias vezes, tentando desesperadamente me recompor antes que o sinal tocasse.

— Esse lugar está vago? — Assustada com a intrusão repentina, me virei e me deparei com Joey Lynch se sentando na grama ao meu lado. — Por que está chorando, garota?

Fungando, enxuguei as lágrimas às pressas e limpei a garganta.

— Não estou chorando.

Ele arqueou a sobrancelha, incrédulo, mas não falou nada. Nas mãos, tinha um discman velho.

Distraída pela sua presença, voltei a atenção para a música escapando dos seus fones.

— O que você está escutando?

Ele não respondeu. Em vez disso, pegou o fone da direita e o ofereceu para mim. Eu o coloquei no ouvido e levei alguns segundos para reconhecer a música: "They Don't Care About Us", do Michael Jackson.

— Achei no trabalho — ele explicou, erguendo o discman. — Meu chefe ia jogar fora. — Ele deu de ombros e acrescentou: — Caso você esteja pensando que roubei.

— E por que eu pensaria que você roubou?

Joey encolheu os ombros de novo, sem falar nada. Deu uma olhada em volta, vasculhando a área, e então pegou um cigarro e um isqueiro no bolso da calça do uniforme.

Intrigada, fiquei observando-o umedecer os lábios antes de colocar o cigarro na boca e acendê-lo.

— E aí? — Joey deu uma longa tragada e segurou a fumaça nos pulmões por um tempo antes de exalar devagar. — Quer me falar quem é o responsável?

— Pelo quê?

— Pelas suas lágrimas.

— Não, porque eu *não* estava chorando — falei, prestando atenção nos estranhos círculos de fumaça que ele soltava pela boca. — Você sabe que vai ser expulso se os professores te

pegarem fumando, né?

Ele contorceu os lábios.

— É mesmo?

— É — eu disse, franzindo o nariz quando o cheiro doce e enjoativo invadiu meus sentidos. — Isso não tem cheiro de cigarro.

— Porque não é cigarro — ele declarou despreocupadamente. Deu outra tragada e soltou o ar sem pressa, acrescentando: — Todos temos nosso jeitinho de enfrentar o dia, né, garota?

— Sim, mas você só está na sexta série. — Franzi a testa, confusa. — Não vai poder começar o secundário em setembro se te pegarem usando drogas, Joey.

Seus olhos verdes se cravaram nos meus, me desafiando.

— Você vai me dedurar?

— Não. — Balancei a cabeça. — Sei guardar segredo.

— Que bom! — Soltou outra nuvem de fumaça. — Também sei.

Dei um suspiro pesado, abracei minhas pernas e apoiei o queixo nos joelhos.

— Aposto que sou melhor que você nisso.

— Hum... — Ele sorriu e ficou olhando para a frente. — Então vamos ver. — Depois, bateu as cinzas na grama e deu outra tragada no cigarro caseiro. — Quem te fez chorar?

— Por quê? — Ergui a sobrancelha. — Você vai bater nele?

— Pode ser — respondeu, dando de ombros preguiçosamente. — Se você precisar que eu bata.

— Não preciso de ninguém.

Daí ele *sorriu*.

— Bem que imaginei.

— Qual a graça?

— Você. Você me lembra alguém.

— Quem?

— Eu mais novo — ele disse, me surpreendendo e se virando para mim. — Olha — continuou, todo sério, com a careta de volta. — Podemos fazer isso do jeito fácil ou do jeito difícil. De qualquer forma, vamos acabar chegando ao mesmo resultado.

— Qual é?

— Você me contando quem foi que te fez chorar, e eu resolvendo a situação pra você.

— Por quê? — Estreitei os olhos. — Por que você quer me ajudar?

— Por que *você* quer me ajudar? — ele devolveu, segurando o suéter que estava usando.

Eu sabia que era o suéter que eu tinha dado porque me lembrava do fio verde que a minha mãe usou para consertar a manga.

— Fiz isso pela Shannon — expliquei. — Além disso, você nem gosta de mim.

— Não preciso gostar de você pra querer te ajudar — ele falou calmamente, dando outra tragada. — É só ajudar.

— Só isso.

— Só isso, garota. — Ele jogou a cabeça para trás, soltou um suspiro pesado e relaxou os ombros pelo que pareceu a primeira vez. — E outra: não gosto de ficar devendo favores pros outros.

Eu não sabia o que responder, então fiquei quieta, respeitosamente estudando o garoto sinistro sentado ao meu lado.

Joey não era como os outros.

Ele ficou ali, fumando seu cigarro esquisito até não restar mais nada. Só depois que a chama se apagou, Joey guardou a ponta no bolso e falou novamente:

— Eu *vou* devolver o favor, garota.

— Ah, é? — falei, acompanhando cada movimento seu

enquanto ele se levantava e se limpava. — Como?

— Depende de você — foi tudo o que ele disse antes de dar meia-volta e se afastar. — Te vejo por aí, garota.

19 de fevereiro de 1999

Reto abdominal

HUGH

Gibs não foi para a escola, o que era bem estranho, considerando que a professora levava bolo para a gente no nosso aniversário.

Em todos os anos que passamos juntos, ou seja, literalmente *todos* os anos da minha vida, ele jamais recusou um bolo de aniversário. Caramba, até destruiu o bolo do *meu* aniversário.

Isso só podia significar duas coisas: ou estava à beira da morte ou já estava morto.

Quando cheguei à varanda da casa dele depois da escola e tentei entrar, como fazia todos os dias desde que aprendi a andar, encontrei resistência.

A porta estava trancada.

Desde quando a gente tinha passado a trancar portas?

Foi estranho tocar a campainha de uma casa cujos códigos dos alarmes eu sabia de cor, mas toquei e fiquei esperando impacientemente.

E, depois de cerca de vinte e cinco toques, alguém enfim abriu a porta.

Assim que meus olhos se fixaram no babaca à minha frente,

meu sangue gelou.

Mark Allen.

Juro que aquele escroto me deixava de cabelo em pé.

— Cadê o Gibs? — perguntei, sem nenhuma formalidade. Eu sabia que ele não gostava de mim, e o sentimento era recíproco.

Mark Allen tinha complexo de superioridade e não suportava que alguém mais novo o superasse intelectualmente. Esse alguém era eu, e eu adorava dar uma surra nele com a minha mente.

— E eu lá sei? — Mark resmungou, parado na porta com uma calça de moletom de cintura baixa e nada mais. — Pra que tocar essa merda de campainha desse jeito? Eu estava treinando, seu imbecil!

— Espero que o treino seja pro seu cérebro — retruquei secamente, me esforçando para não vomitar diante daquela criatura. — Porque pelo visto seu reto abdominal é uma causa perdida.

— Espera aí. — Ele estreitou os olhos. — O que você disse do meu reto?

Abri um sorriso divertido.

— Aí é que está.

— Biggs, é melhor falar logo o que quer ou vazar de uma vez daqui — Mark esbravejou, dando um passo ameaçador na minha direção. — Porque não estou a fim de aturar o seu palavreado nerd.

Em vez de me encolher, dei risada.

— Você é mesmo burro, né?

— Espera pra ver. — Ele apontou para o meu rosto e assentiu sombriamente. — Daqui uns anos vou quebrar essa sua cara metida a besta.

— Pois estou bem aqui — falei, rindo. — Dê o seu melhor.

— Ah, bem que você gostaria, né? Um espertinho que nem você deve ter uma câmera escondida em algum lugar.

Sorri.

— Por que não arrisca pra ver?

— Por que você não volta pro buraco de onde saiu? — ele berrou, batendo a porta na minha cara sem a menor cerimônia.

— Na verdade, eu nasci de cesárea, babaca. Então sua tentativa de me ofender é inútil.

Aí ouvi o clique da fechadura.

Filho da puta.

— Odeio esse cara... — murmurei, olhando feio para a porta.

Bem, ele não podia me deixar fora assim tão facilmente.

Dei a volta pela lateral da casa, escalei o carvalho antigo que ficava na frente do quarto do Mark, que antes era o quarto da Beth, e me joguei pela janela.

Moleza.

Pousei suavemente de pé e fiz uma careta para o completo chiqueiro que era aquele quarto.

Havia cartazes de mulheres peladas enfeitando as paredes e um monte de fotos instantâneas espalhadas na mesinha de cabeceira. Nem me dei ao trabalho de dar uma olhada, porque o que quer que fosse do interesse dele seria de zero interesse para mim.

Mark claramente fazia do chão sua lata de lixo, pois havia mais porcaria ali do que na nossa lixeira. Ele nem tinha lençol na cama, e havia uma marca óbvia e gigantesca de mijo bem no meio.

Aquele babaca era um animal.

Saí de lá antes que a química do meu cérebro se alterasse e fui direto para o quarto do Gibsie.

Não me dei ao trabalho de bater, porque a gente não fazia

esse tipo de coisa. Me aproximei da cama dele e inspecionei seu corpo inerte, encolhido sob o edredom.

— Você está morto, Gibs?

Assustado pelo som da minha voz, ele se ergueu de repente, logo em seguida soltando um suspiro sofrido e se acomodando cuidadosamente de lado.

— Estou, cara.

— É contagioso? — perguntei, me sentando ao lado dele. — Você parece mesmo meio morto. — Estendi a mão e toquei sua testa úmida. — Meu Deus, você está ardendo, cara. — Fui tomado por preocupação. — Está encharcado de suor, Gibs.

— Estou bem, Hugh — ele sussurrou, tremendo debaixo das cobertas, todo encolhido, deitado em posição fetal. — Estou sempre bem.

— Cadê a sua mãe?

— No trabalho.

— E o Keith?

— No trabalho.

— O Mark está com você?

Ele assentiu rigidamente.

Franzi a testa e toquei sua testa de novo, preocupado de deixá-lo ali.

— Consegue levantar?

— Por quê?

— Porque é seu aniversário e não vou te largar aqui sozinho — falei, ficando de pé. — Vem pra minha casa pra ficar com a gente até sua mãe voltar do trabalho. — Sorri e acrescentei: — A Claire está fazendo um bolo pra você. Se bem que já vou te avisando que vi ela babando na colher.

— Mas é pra eu ficar aqui com ele.

— Ah, grande coisa — grunhi. — Ele está ocupado demais "treinando" pra se importar com você. Você devia ter visto

como ele rosnou pra mim quando bati na porta. Ficou puto porque o atrapalhei. — Balancei a cabeça, peguei sua mão e o ajudei a se sentar. — Nah, você vai pra casa comigo. — Coloquei o edredom nos seus ombros, passei o braço no meu amigo mais antigo e o levei para fora.

— Aonde é que vocês acham que estão indo, porra? — Mark perguntou quando estávamos no corredor. Ele se colocou na frente da escada e cruzou os braços. — Sua mãe me deixou responsável por você. — Ele voltou para o Gibs e disse: — Volta pra cama agora.

Um tremor o percorreu e ele pegou minha mão, apertando-a quase com tanta força quanto Lizzie fazia quando esse canalha estava perto.

— Ele vai comigo — declarei, assumindo uma posição protetora diante do meu amigo.

— Eu sou responsável por ele. — Mark bufou, nervoso. — Ele é meu irmão.

— Não, seu cretino — sibilei, dando um tapa na sua mão quando ele tentou agarrar o Gibs. — Ele é *meu* irmão. Agora sai da frente.

Ele abriu um sorriso sinistro.

— Me obriga, cabeção.

Eu raramente perdia a calma. Na verdade, era reconhecido pela minha habilidade de manter a cabeça no lugar. Só que aquele bully arrancava o pior de mim.

Mark Allen era um babaca cruel. Estava sempre provocando, zombando e atormentando Gibs e, quando não estava fazendo meu amigo chorar, era a minha babá que chorava.

A diferença era que eu não era o Gibsie nem a Caoimhe. Também não era a Claire ou a Liz. Não abaixaria a cabeça para ele. Sim, eu podia ser mais novo, mas era alto para a minha idade e não tinha medo de briga, mesmo que a probabilidade

de eu levar uma coça fosse alta.

Eu não tinha dúvidas de que Mark poderia acabar comigo, mas o fato de não ter receio de enfrentá-lo somado ao fato de que certamente conseguiria acertar uns golpes nele o fez parar por um momento.

Pois não ficaria bem para ele ser pego batendo em uma criança. Ele tinha uma reputação a zelar — a que havia vendido para todos os adultos da nossa comunidade.

Todo mundo adorava aquele cara.

Todo mundo.

Tentei alertar a Sadhbh sobre o bullying, mas ela não ouvia uma palavra contra seu precioso enteado. Tentei alertar a Caoimhe, e ela também não acreditava em mim.

— Você vai mesmo fazer isso? — perguntei, sem querer ceder. — Aqui, agora?

Mark percebeu que eu estava falando sério, pois balançou a cabeça e desdenhou:

— Não vale a pena ir pra cadeia por sua causa.

E saiu andando.

Aproveitei a oportunidade para vazar dali, levando meu amigo pelas escadas, antes que o bully mudasse de ideia.

— Obrigado — Gibs falou quando já estávamos na minha garagem.

— Sem problemas, cara — respondi, conduzindo meu amigo pela escada da varanda. — Estou aqui pra isso.

— Olha que vou cobrar — ele disse, rindo, ainda segurando minha mão.

Por algum motivo estranho, não a larguei nem quando meu amigo entrou em casa. Só deixei que ele a segurasse por mais uns cinco minutos até enfim me soltar.

20 de fevereiro de 1999

Escapadas para o cinema e lambidinhas

HUGH

Eu não esperava ver aquele cretino tão cedo depois do nosso confronto, mas foi o que aconteceu quando abri a porta no dia seguinte e dei de cara com ele na minha porta.

Mark Allen estava parado na minha frente feito um cheiro ruim que não ia embora. Ele estava com os braços apoiados no batente, numa tentativa óbvia de parecer intimidador. Se achava que eu ia me encolher de medo, não tinha aprendido absolutamente nada. Porque, como falei mil vezes, ele podia me chutar para cima e para baixo e eu ainda voltaria para me vingar.

O único motivo de eu não ter retribuído seu gesto e batido a porta na cara dele era o fato do Gibs também estar lá.

— O que foi? — perguntei com indiferença.

— Me mandaram perguntar se você e sua irmã querem ir ao cinema com a gente — o cretino disse, me deixando chocado.

— Ao cinema. — Arqueei a sobrancelha, sem acreditar. — Com *você*?

— Quer ir ou não? — ele falou, impaciente.

— Se eu quero *ir*? — Arregalei os olhos. — Seu babaca, você

deve estar louco se está pensando ou sequer imaginando que eu respiraria de bom grado o mesmo ar que...

— Por favor, vem comigo, Hugh — Gibsie me interrompeu, olhando para mim com uma expressão suplicante. — *Por favor*.

— Aonde? — Claire perguntou, surgindo debaixo do meu braço. — Ah, oi, Gerard. — O sorriso radiante que ela deu para o nosso amigo logo se transformou em uma careta quando viu Mark. — Eca!

— Caoimhe vai nos encontrar no cinema — ele continuou, com os olhos fixos nos meus. — Aquele da cidade. É o presente dela pra mim. — Então deu de ombros, impotente. — Sabe, por causa do meu aniversário.

Puta merda, Gibs!

Ele tinha que usar essa carta?

— Eu vou — Claire aceitou o convite sem hesitar. — Espera — ela acrescentou, recuando pelo corredor. — Vou pedir dinheiro pra mamãe.

Puta merda, Claire!

Agora eu tinha que ir mesmo, porque não havia a menor chance de deixar a *minha* irmã subir no carro daquele babaca sem mim.

***

Meu mau humor logo se dissipou quando entrei no saguão do cinema trinta minutos depois e vi a Lizzie meio de lado enquanto a irmã comprava os ingressos na bilheteria. Claire e Gibs tinham ido pegar bebidas, mas eu não consegui nem me mexer.

Momentaneamente atordoado, não fiz nada além de encará-la feito um idiota, absorvendo sua imagem na minha mente.

Liz estava usando um vestido verde enorme com um cardigã

branco maior ainda, meias brancas com babados até o tornozelo e coturnos pretos. Estava com o cabelo solto, esvoaçando sobre os ombros, e tinha um curativo no joelho. As roupas largas claramente pertenciam a Caoimhe, mas, de alguma forma, ficavam descoladas em Liz. Ela exalava uma confiança despretensiosa que não era comum em garotas da nossa idade.

Ela estava com uma expressão vazia, mas quando chamei sua atenção seus olhos literalmente ganharam vida e ela começou a se mover, abrindo caminho pelo saguão lotado como se estivesse em uma missão.

Liz se aproximou e envolveu os braços no meu pescoço sem hesitar e não pensou duas vezes ao enterrar o rosto em mim.

— Que bom! — foi tudo o que ela disse, respirando fundo e demonstrando mais uma das suas esquisitices que eu achava adoráveis.

Não falou nem "Oi".

Só "Que bom!".

De alguma forma, foi melhor que qualquer outro cumprimento.

Senti a tensão abandonar seu corpo quando abracei sua cintura e a puxei para perto. Ela ficou ainda mais mole depois que segurei sua mão.

Eu não dava a mínima se nossos amigos estavam me vendo de mãos dadas com ela. Já fazia tempo que tinha deixado para trás a fase da vergonha.

Tudo o que eu sentia ao segurar sua mão era sorte e orgulho.

Porque a Liz tinha *me* escolhido.

— Ainda bem que você está aqui — falei. — Pensei que ia ficar preso com o Burro e a Burra, a Barbie e o Ken.

— Também pensei isso — ela disse, dando risada e segurando minha mão entre as suas. — Estava com saudade.

— Você me viu anteontem, Liz.

— Eu sei.

Sua resposta não provocou apenas um solavanco no meu coração como também várias *outras* coisas dentro de mim, mas consegui me conter e perguntar:

— E aí, que filme a gente vai ver?

— *Marcação cerrada* — ela falou, dando de ombros. — Pelo menos acho que foi isso que Caoimhe disse.

Liz parecia tão interessada no filme quanto fiquei quando o cretino sugeriu o passeio, na varanda. Mas, apesar de não querer estar ali, eu estava totalmente absorto pela sua presença.

— Vamos, gente! — Claire chamou, acenando feito um unicórnio todo enfeitado do outro lado do saguão. O que não era exagero nenhum. Minha irmã estava usando uma tiara de unicórnio com um chifre cor-de-rosa cintilante. Ela apontou para os outros se dirigindo para a sala e acrescentou: — Vou lamber a sua bala se você não se apressar, Hugh.

Liz sorriu.

— Você sabe o que isso quer dizer, né?

— Claro que sei — grunhi, a conduzindo para a sala um. — Quer dizer que essa demônia cheia de cachos *já* lambeu a minha bala.

— Pois é. — Minha melhor amiga jogou a cabeça para trás e gargalhou. — Exatamente.

Tudo parecia estar correndo bem até mais da metade do filme, mas então Lizzie começou a se mexer incontrolavelmente na poltrona. Seus joelhos e ombros tremiam sem parar e ela puxou todos os fios da manga do cardigã, até que ele começou a se desfazer. Daí ela tirou cada uma das pulseiras que estava usando só para colocá-las de novo logo em seguida, para então tirá-las outra vez.

Me inclinei para o lado, coloquei a mão sobre a dela e sussurrei:

— Você está bem?

Lizzie fez que sim, ajeitando o cardigã que tinha escorregado do seu ombro.

— Sim, eu só... — Ela deu uma olhada para os lados antes de voltar a atenção para o telão à nossa frente. — Acho que preciso ir ao banheiro.

— Você quer que eu... — comecei a dizer, mas ela já estava de pé, disparando para a saída.

Mais que confuso com a mudança repentina no seu humor, olhei para Gibsie e Claire para ver se tinham percebido alguma coisa, mas os dois estavam entretidos com o filme. Então olhei para Mark e Caoimhe, mas me arrependi na mesma hora, pois eles estavam se engolindo.

Que nojo!

Dez minutos se passaram e a Liz não voltou, então me levantei da poltrona, entreguei minha pipoca para Gibsie e saí para procurá-la.

Verifiquei todas as cabines do banheiro e não a encontrei, e aí um nervosismo foi crescendo dentro de mim. Meu sexto sentido ficou em alerta.

Onde a Liz tinha ido?

Havia algo estranho.

Algo errado.

Circulei pelo saguão, dei uma olhada na frente e nos corredores e espiei todas as portas destrancadas que vi.

Só quando empurrei as portas de saída nos fundos do prédio e me deparei com sua nuca loira senti algum alívio, que logo se dissipou assim que notei seu rosto coberto de lágrimas.

— O que aconteceu? — perguntei, sentindo o coração acelerar. — Liz?

Fungando, ela se virou para mim, escancarando a tristeza nos seus olhos.

Nem tentou disfarçar.

Não de mim.

Tive acesso privilegiado à desolação que se refletia nos seus olhos azuis e tempestuosos.

— Sei lá — ela finalmente disse, avançando direto para os meus braços. — Acho que estou ficando um pouco louca de novo, Hugh.

— Todo mundo é um pouco louco — falei, abraçando-a com força. — Olha só pro meu pai, Liz. Ele é bem mais que um pouco louco.

— Sim, mas pelo menos ele sabe a diferença entre a vida real e a imaginária — ela sussurrou, me agarrando com todas as forças. — Eu não sei.

— Isso não significa que você seja louca, Liz — eu disse, puxando-a para perto. — Está tudo bem. É só como você se sente às vezes.

— Mas está tudo errado, Hugh — Liz retrucou, chorando mais alto. — Não quero me sentir assim.

Eu sabia disso e gostaria de ter as soluções para todos os seus problemas, mas só tinha onze anos e ainda estava aprendendo a lidar com aquilo. Nunca tinha tido essas questões com a Claire. A maior preocupação dela era descobrir o melhor método de capturar borboletas e joaninhas.

Mas *essa* garota...

Essa garota tinha uma tristeza cravada na *pele*.

Liz sentia as coisas mais profundamente que as pessoas da nossa idade e sempre foi assim. Alguns dias eram melhores que outros, e alguns eram piores. Aquele era um dia difícil. Só que dizer isso para ela não ajudaria em nada.

— Hoje é um *bom* dia — resolvi falar, oferecendo as palavras

que ela precisava ouvir. — Você está tendo um *bom* dia, Lizzie Young. — Eu a abracei mais forte, querendo cobrir seu corpo com o meu e protegê-la do mundo. — Está feliz e segura porque está comigo e sabe que não vou deixar nada ruim acontecer com você.

— É mesmo?

— É, sim — insisti, disposto a ser a garantia que ela precisava quando sua mente lhe pregava peças. — Você está bem aqui comigo, feliz e sorridente, tendo um *ótimo* dia.

— Com você.

— Comigo. E você é saudável e corajosa e inteligente. Que nem eu.

— Que nem você?

Assenti.

— E sabe o que mais?

— O quê?

— Você é minha melhor amiga.

Ela soltou um suspiro de surpresa.

— E o Patrick?

— O que tem ele? — falei, mantendo os olhos fixos nela. — Você é a única que me conhece de verdade, Liz.

— Você também — ela disse, me fitando com aqueles tristes olhos azuis. — Ninguém me entende como você.

— Vou te manter segura — prometi, colocando seu cabelo para trás da orelha. — Sempre.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz — confirmei, sem compreender totalmente o peso dessa promessa sobre os meus ombros tão jovens. — Não importa o que aconteça.

26 de fevereiro de 1999

Mudanças de humor e trovões

LIZZIE

Minha mente estava me escapando de novo.

Eu sentia meu humor mudando, descarrilando feito um trem de carga pronto para aniquilar cada progresso que eu havia feito.

— *Se ajoelha e implora pra que eu fique...*

— *Para de resistir que eu não te machuco da próxima vez...*

— *Seja boazinha e toma o seu remédio...*

— *Sua putinha maluca, sinto que você está gostando disso...*

— *Se abaixa, puta, e lembre-se que, se você gritar, vou matar ela...*

Atormentada por pesadelos e memórias de uma vida que nunca existiu, eu dependia da tesoura escondida debaixo do meu colchão para enfrentar os dias.

Estrelas e cicatrizes abertas e ocas cortam, cortam, cortam, rasgam, rasgam, rasgam.

Quanto mais sangrento fosse, maior a minha paz.

As marcas na minha pele refletiam a dor imposta ao meu coração.

— *Elizabeth, vem, vem, onde quer que você esteja...*

— *Você não pode se esconder...*

— Consigo sentir você dentro de mim...

— Posso te encontrar em qualquer lugar, abelhinha...

Os meus pensamentos estavam tão desenfreados que nem o remédio no fundo da minha garganta conseguia domar a fera despertando dentro de mim.

Eu queria tirar toda a roupa e sentir o sol na minha pele.

Queria arrancar a pele, camada por camada, até que todos pudessem ver como eu era impura por dentro.

Queria me jogar da janela do meu quarto e perfurar minhas entranhas nas grades lá embaixo.

Queria saber como seria cortar minha carótida e ver o sangue jorrar do meu corpo.

Seria o suficiente para afogar o monstro?

Talvez eu pudesse afiar minhas unhas e transformá-las em facas que nem as da moça assustadora e matá-lo nos meus sonhos.

Perder o contato com a realidade não era algo estranho para mim, mas cada vez que isso acontecia eu era consumida pelo medo de não conseguir voltar.

Por favor, não me deixa voltar.

17 de março de 1999

Pensa duas vezes antes de encostar na minha garota

HUGH

Eu sabia que Liz estava mal.

Só não sabia como ajudar.

Fazia semanas que ela estava se retirando da vida, mal falando com os amigos e perdendo a noção da hora.

Tinha bastante tempo que eu não a via tão triste, e morria de medo. Via a dor nos seus olhos e não tinha como arrancá-la dela. Eu não podia resolver esse problema.

Mesmo quando éramos menores, quando a Liz ficava triste, ela não ficava apenas triste. Ficava *arrasada*. Sempre sentia as coisas mais profundamente do que a gente e absorvia todo o sofrimento ao seu redor feito uma esponja. A Liz era ótima em disfarçar as coisas e aprendeu a esconder sua turbulência com maestria.

Mas não de mim.

Eu enxergava através da sua armadura e, por isso, sabia que ela estava mal.

Ela continuava frequentando a minha casa, como sempre, mas várias vezes parecia que só estava ali fisicamente. Era

como se a mente dela estivesse em outro lugar, e eu não era o único que percebia. Minha mãe também notava, porque ela costumava chamar a Liz num canto para conversar em particular.

Eu queria ajudar, mas toda vez que perguntava o que estava acontecendo, ela só dava de ombros e me dizia que não importava.

Claro que importava.

Qualquer coisa que a deixava triste *assim* importava.

Eu sabia que a Liz tinha questões de saúde mental. Minha mãe tinha me explicado, só que eu me sentia tateando no escuro. Não era burro nem ingênuo como a Claire e o Gibs. Poderia lidar com o que quer que estivesse acontecendo com a minha melhor amiga se os adultos das nossas vidas me dessem uma chance.

Entendia por que eles pisavam em ovos para tratar desses assuntos, mas eu era o alvo errado desse cuidado todo. Porque, quer minha mãe admitisse ou não, a depressão não era uma novidade para mim — ou fosse lá o que minha melhor amiga tivesse.

Afinal de contas, testemunhei o declínio mental do meu próprio pai durante anos.

Um mês se passou e nada do humor da Lizzie melhorar, e fui ficando cada vez mais protetor. Se houvesse um jeito de entrar na mente dela e trazê-la de volta, eu teria feito isso. Mas como não havia, tive que me conformar em blindá-la do que eu *podia* controlar.

Dos monstros que eu podia ver.

Minha oportunidade surgiu no dia de St. Patrick, durante um amistoso de rúgbi. Estávamos no parque com nossos amigos depois do desfile. Claire, Gibs e Liz estavam deitados na grama na beira do campo, enquanto eu e Feely estávamos formando

um maul com uns vinte caras da cidade quando tudo começou.

— Cuidado, Gordo — Pierce O'Neill gritou cerca de dois segundos antes de a bola passar zunindo por nós e acertar Gibsie bem no rosto.

Na hora, os caras do campo caíram na risada, e Gibs se levantou, levando a mão ao rosto. Ao afastar a mão e ver sangue entre os dedos, ele apagou e caiu de cara no chão.

— Gerard! — Claire exclamou, se abaixando para confortar nosso amigo.

Não era a primeira vez que a gente via Gibs desmaiar ao ver o próprio sangue. Era uma cena até que comum, só não costumava acontecer em público. Fiquei horrorizado por ele, e as gargalhadas ao nosso redor não contribuíram em nada para abaixar a minha pressão.

— Ele desmaiou mesmo?

— Gente, o Gordo acabou de apagar.

— Ele está bem?

— Que piada, galera! Billy Elliot tem medo de sangue!

— Cala a boca, Danny — Feely rosnou, mirando no escroto bocudo que não parava de rir enquanto eu avançava no principal culpado.

— Você fez de propósito, né? — O sorrisinho na cara do Pierce me garantiu que eu tinha razão. — Por que não atira alguma coisa em mim então? — perguntei, empurrando seu peito com tanta força que ele caiu de bunda no chão. — Pois é, foi o que pensei — sibilei, olhando feio para ele e pairando acima do babaca. — Esqueceu que é durão, né?

— Eu só estava brincando, Biggsie — Pierce falou, erguendo as mãos em rendição feito o covarde que era. — Calma, hein? — Deu de ombros e acrescentou: — Foi só uma brincadeirinha.

— Ah, você acha isso engraçado? — Estreitei os olhos de

repulsa. — Se inteligência fosse merda, você estaria constipado.

— Ei, alguém segura aquela putinha! — um dos caras gritou, chamando minha atenção para a lateral do campo bem a tempo de ver Lizzie chutando a bola para além do muro que separava o parque do rio.

— Sua idiota! — Danny se esgoelou, avançando nela. — Essa bola era *minha*!

— Ah, é? — Lizzie gritou para ele, se colocando na frente do Gibsie. — Bem, agora ela é dos peixes.

— Se você tiver juízo, vai pegar a minha bola agora.

— E, se *você* tiver juízo, você e seus amiguinhos escrotos vão deixar o *meu* amigo em paz! — Furiosa, ela apontou para Gibs, que já estava sentado, enquanto minha irmã segurava a manga do suéter no nariz dele. — E você ainda tem coragem de chamar o Gibs de "Gordo"? Pelo menos quando ele se machuca sai sangue de verdade. Se a gente furar essa sua bunda roliça, aposto que vai sair molho de tomate!

Então todo mundo estava rindo de novo, só que dessa vez da cara do *Danny*.

— Quer falar na minha cara?

— Acabei de fazer isso — Lizzie respondeu com sarcasmo. — Quer se virar pra eu falar pro outro lado, seu bostinha duas-caras?

— Chega de besteira — ele grunhiu, se aproximando e apontando para o rio. — É melhor você ir lá pegar a minha bola.

Liz se manteve firme e o encarou com uma expressão desafiadora.

— Eu preferia cagar na mão e bater palma.

— Pega a minha bola, sua piranha — Danny ordenou, pressionando o peito nela. — Agora.

— Piranha é você — a Lizzie retrucou, empurrando-o para

trás. — E sai da minha frente.

Eu já estava indo separar a briga, mas quando Danny a derrubou, meu sangue ferveu.

— Ei! — disparei para eles, agarrei a camiseta do Danny e o arrastei para longe da Liz. — Se manda!

— Ela chutou a minha bola pra porra do rio — Danny disse, tentando sem sucesso se desvencilhar de mim para avançar nela. — E ela vai pegar essa merda, Hughie!

— Foda-se a sua bola — rugi, dando um tapa no punho que ele tinha erguido e que eu *sabia* que estava preparado para socar a Liz. — E foda-se você por sequer pensar nisso.

— Qual é a porra do seu problema, Biggs? — ele perguntou, direcionando sua fúria para mim. Empurrou o peito no meu e disse: — Somos amigos desde que tínhamos quatro anos e você vai ficar do lado dessa *piranha*?

— Chama ela de piranha mais uma vez e vai ver como estou do lado dela — avisei, encarando-o de volta. — E, se pensar em botar as mãos nela de novo, vou arrancar a sua cabeça.

— Ei, gente — Robbie Mac falou, se aproximando com Feely. — Calma, Dan — ele disse, tentando tirar o babaca do melhor amigo da confusão. — É só uma bola, cara. Não exagera.

— Esse otário é um pau-mandado — Danny gritou mais alto agora que estava fora do alcance dos meus socos. — Está me ouvindo, Biggsie? Essa vagabunda te dominou, cara.

— Fica calmo, Hughie — Feely disse, segurando com firmeza meus ombros. — Fica calmo.

— Ei, Danny! — Lizzie atravessou o campo e foi direto para onde ele estava com Robbie. — Espera, me esqueci de te dar uma coisa.

— Sua piranha, a única coisa que eu quero de você é a minha bo-laaa! — As palavras do Danny se transformaram em um grito agudo quando a Liz o chutou bem no saco.

— Essa é por você ter dado risada do meu amigo — ela sibilou, colocando as mãos na cintura. — E chamado ele de gordo.

Danny se dobrou feito uma panqueca, rolando na grama, choramingando e segurando o pau.

— E se acha que está doendo agora, espera só, babaca, porque se *pensar* em xingar ele de novo... — Lizzie fez uma pausa para apontar na *minha* direção e depois continuou: — ... vou fazer muito mais que chutar as suas bolas. — Ela se agachou para que ele a ouvisse bem e disse: — Vou cortar elas *fora* e dar pro seu amigo idiota.

Tendo dito isso, Lizzie o chutou mais uma vez antes de dar meia-volta e empurrar o Robbie para fora do caminho.

— Cara... — Feely disse, dando risada e me cutucando com o ombro enquanto observávamos Liz vir na nossa direção. — Não sei se estou apaixonado ou me cagando de medo pra sempre.

Eu só podia torcer para que fosse a segunda opção, porque eu com certeza estava preso na primeira.

17 de março de 1999

Pelo menos você não mordeu ele

LIZZIE

Nós cinco tínhamos ido da casa do Hugh para a cidade de bicicleta para assistir ao desfile — algo que só pudemos fazer porque Caoimhe estava cuidando da gente. Feely e eu estávamos sem as nossas bikes, então tivemos que ir na garupa dos nossos amigos. Claire estava com sua bicicleta de unicórnio rosa, enquanto Gibsie dava carona para Feely, e Hugh, para mim.

Apesar de estar com o nariz sangrando, Gibsie estava todo animado e passou o caminho inteiro me elogiando por ser *fodona*.

Eu não era fodona.

Longe disso.

Tinha feito merda de novo.

Uma merda bem grande dessa vez.

Quando estava brigando com Danny, sabia que tinha que *parar*, mas simplesmente não consegui me controlar.

Se meu pai ficasse sabendo, eu estaria muito encrencada. Pior, eu tinha feito Hugh passar vergonha. Aqueles caras eram seus amigos, e estraguei tudo.

Me esforcei muito para manter a calma, mas quando miraram no Gibsie, perdi a cabeça. Ele era tão fofo e gentil que não merecia virar alvo só porque não queria jogar aquele jogo idiota.

Feely e Claire se juntaram a Gibsie, rindo e fazendo piadinhas sobre a briga no parque. Mas Hugh não. Ele passou o caminho inteiro quieto.

Desesperada, fiquei me equilibrando atrás dele, segurando na sua cintura com toda a força e rezando para que ele não me odiasse.

Ao chegarmos na casa dele, deixamos as bicicletas na calçada e entramos, ainda falando sobre a briga.

Eu sabia que estava ferrada assim que Claire entrou na sala e começou a narrar o que tinha acontecido para a minha irmã. Ela parecia muito orgulhosa contando para Caoimhe como eu tinha defendido a honra do *Gerard*, e meu coração só foi se apertando. Pois enquanto Claire considerava minhas atitudes justificadas, meu pai as veria sob um prisma bem diferente.

E ele ficaria sabendo de tudo.

Era inevitável.

Caoimhe sabia, o que significava que era apenas uma questão de tempo para que meu pai também soubesse.

No instante em que minha irmã cravou os olhos nos meus, suspirei, derrotada.

Estou ferrada.

— Você está bem? — Hugh perguntou, se sentando ao meu lado no sofá da sala com o controle remoto na mão. — Está tão calada desde que a gente chegou...

Eu estava morrendo de medo de falar alguma besteira de novo. Fazia umas três horas que tínhamos chegado da cidade, e eu estava por um fio. *Sabia* que, quando visse meu pai, a coisa

ficaria feia. Para ser sincera, estava até surpresa por ele ainda não ter ido me buscar. Pelo visto, Caoimhe ainda não tinha ligado para ele.

— Liz? — Hugh bateu no meu joelho, trazendo minha atenção de volta para o seu rosto. — Você está bem? — Seus olhos estavam tomados de preocupação. — Fala comigo.

— Desculpa, eu só estava vendo o filme... — murmurei, abrindo um sorrisinho amarelo. — Estou ótima.

— Que filme? — ele perguntou, franzindo mais ainda a testa, gesticulando para a televisão apagada. — O que você está pensando?

— Você me odeia? — falei de uma vez. Respirei fundo, com medo da resposta.

— Se eu te odeio? — Ele balançou a cabeça, confuso. — Por que eu te odiaria?

— Por ter feito aquela cena... — murmurei com o corpo tremendo. — E por chutar o saco do seu amigo.

— O Danny não é meu amigo, Liz. — Ele esfregou o queixo, pensativo. — Ele é só... o Danny. — Um sorriso surgiu nos seus lábios. — Acho que ele mijou um pouco nas calças quando você ameaçou cortar as bolas dele.

— Aff! — Soltei um grunhido e cobri o rosto com as mãos. — Eu sou uma idiota.

— Você é brilhante — ele disse, dando risada e segurando minhas mãos. — Ei, pelo menos você não mordeu ele.

— Haha — ri, com as bochechas pegando fogo. — Muito engraçado. Vamos todos rir da doida varrida.

— Não estou vendo nenhuma doida varrida — ele retrucou com um tom sério. — Do meu ponto de vista, a única culpa que você tem é de ser uma boa amiga.

Talvez, mas isso não ia colar com a minha família.

— Você é leal, Liz — ele continuou, passando o braço pelos

meus ombros e me fitando com seus olhos castanhos cheios de ternura e sinceridade. — E corajosa e bizarramente forte.

— Não ando me sentindo muito forte ultimamente, Hugh — admiti, chegando mais perto dele. — Estou cansada e...

— E o que, Liz?

— Com medo — sussurrei, enterrando o rosto no seu peito. — Estou sempre com medo.

— Do quê?

Fechei os olhos e confessei:

— De mim.

PARTE 9

Juntando os pontos

18 de março de 1999

Desencanando e comparecendo

HUGH

— Hugh, acho que tem alguma coisa errada com a Lizzie — Claire falou na noite seguinte quando chegou em casa da aula de dança. — Ela estava bem esquisita na escola hoje.

— É? — Ergui a cabeça da lição espalhada na mesa da cozinha. — Como assim? — Fiquei em alerta na mesma hora, encarando minha irmã por cima do balcão com uma careta incomum. — O que aconteceu?

— Ela tirou os sapatos e a meia-calça na sala e saiu correndo. — Claire se mexeu claramente desconfortável. — Disse que queria sentir o sol nas pernas, mas estava chovendo, Hugh.

Merda.

— Pensei que ela não tivesse ido pra escola hoje... — murmurei, esfregando a mandíbula. — Ela não estava no ônibus.

— Porque estava atrasada de manhã. Daí o pai dela apareceu e levou ela pra casa mais cedo.

Puta merda.

Empurrei a cadeira para trás e fui até a porta.

— Cadê a mamãe?

— Ainda no cabeleireiro — Claire respondeu, contorcendo a boca. — Você acha que a Liz está bem?

— Ela está ótima — menti baixinho, desesperado para proteger minha amiga: — Eu que desafiei ela a fazer isso.

Claire arregalou os olhos.

— Sério?

— Sério. — Dei uma risada forçada. — Não acredito que ela fez mesmo.

Eu claramente estava mentindo melhor que antes, porque minha irmã acreditou.

— Seu besta! — Claire fez cara feia, marchou até mim e deu um tapa na minha nuca. — Você podia ter encrencado ela, Hugh. Ela foi mandada pra sala do diretor e tudo! — Com as mãos na cintura, minha irmã ficou me encarando. — Não faz mais isso com a Lizzie, ok? Foi muita maldade sua. Ela parecia uma boba. Todo mundo ficou rindo e apontando.

Arrasado por dentro, me obriguei a dizer:

— Ok, Claire. — Estava difícil até de respirar. — Não vou fazer mais isso.

Dei a volta nela e fui para a escada, subindo dois degraus por vez até alcançar a porta do sótão, mais conhecido como o escritório do meu pai. Pensei em bater, mas decidi que, se ele ia me ignorar, podia fazer isso na minha cara.

Abri a porta de uma vez, subi a escadinha e entrei no refúgio do meu pai. Como esperado, ele estava curvado sobre a mesa que abrigava o computador no qual ele escrevia romances policiais.

— Pai? — Me aproximei, sabendo que ele estava dormindo, e bati a mão na mesa. — Pai!

Como previsto, meu pai acordou assustado, de olhos arregalados.

Meu Deus.

Quando foi a última vez que esse homem fez a barba?

Ele estava começando a parecer o Al Pacino em *Serpico*.

Com a sua atenção finalmente em mim, fixei o olhar nele e declarei:

— Preciso da sua ajuda.

— Onde está a sua mãe?

— Indisponível — falei, tentando manter a calma. — E é por isso que preciso da *sua* ajuda.

Olhos iguaizinhos aos meus me fitaram. Mas não havia mais fogo ali. Ele tinha se extinguido quatro anos atrás.

— Do que você precisa, filho?

— Preciso que você me leve na casa da Lizzie — eu disse no tom mais neutro que consegui. — É muito importante.

Ele franziu a testa, confuso.

— Da Lizzie?

— Sim, pai, da *Lizzie* — falei, sem disfarçar a irritação. — Minha melhor amiga. A garota que passou quase todos os fins de semana aqui em casa nos últimos quatro *anos* e meio.

Quando meu pai me olhou, vi arrependimento ali.

— Me desculpa, Hugh. — Ele balançou a cabeça, curvando os ombros, derrotado. — Não estou muito... ah... hoje não é um bom dia pra mim, filho.

— Nenhum dia é bom pra você, pai — retruquei, decepcionado, me virando para ir embora. — Não se preocupa. Não vou pedir a sua ajuda de novo.

O inferno congelaria antes disso.

— Hugh? — ele falou com uma voz arrasada. — Espera, filho!

Não esperei.

Também não olhei para trás.

18 de março de 1999

Para cima, para cima, para longe

LIZZIE

— Eu costumava morar em outro planeta... — murmurei, tentando sem sucesso fazer contato visual com o estranho na minha frente. — Debaixo da água. — Comprimi a boca e passei a língua nos lábios, mas não senti nada. — Ela tem garras. — Sim, dessa vez surtei de verdade. — E o monstro me arranha. — Eu via quatro estranhos agora. — Eles me trouxeram aqui de avião.

— Ela está bem? — minha mãe perguntou. Estava chorando. Dava para ouvir. Eu sabia que deveria estar triste, mas não conseguia *sentir*. — O que está acontecendo com ela?

— Não se preocupa. É só o midazolam agindo — ouvi a moça de jaleco branco dizendo. — Ela vai ficar extremamente sonolenta por um ou dois dias até o medicamento sair do corpo.

— O que vamos falar na escola? Como explicamos o que ela fez hoje?

— Vou escrever uma carta pra você levar pro diretor explicando o incidente desta manhã. Por favor, tenta não se preocupar, sra. Young. As escolas são altamente empáticas com

crianças com questões médicas complexas, e isso não vai afetar de maneira nenhuma a oportunidade da Lizzie de aprender com os colegas.

— E quanto às aulas que ela está perdendo?

— O Conselho de Educação já foi informado sobre a condição da Lizzie e uma exceção já foi concedida em seu favor, então você não vai ter problemas com alegações de evasão escolar. Em relação à educação dela, todas as anotações da professora confirmaram que, apesar do transtorno bipolar, sua filha continua tendo um bom desempenho no colégio. Eu até apostaria que a Lizzie está entre os melhores alunos.

— Pelo menos isso.

— Sim, nem tudo está perdido.

Afundada na cadeira entre os meus pais, precisei de todas as minhas forças para manter a cabeça erguida. Ouvia o médico falando sobre episódios de bipolaridade e algo chamado ciclagem rápida.

Mas não me importava.

Não mais.

— Você pode me ajudar a morrer? — falei com a voz arrastada, virando a cabeça para a sombra de um homem. — Ei, senhor, pode me ajudar a encontrar o meu amigo?

— Meu Deus! — o homem resmungou. — Como a gente vai continuar vivendo desse jeito?

— Michael, por favor — minha mãe choramingou. — Não na frente dela.

— Ei, senhor doutor? — Meu pescoço estava mole. — Você pode fazer o monstro parar?

— Elizabeth, sou eu, o papai.

— Papai? — repeti, deixando a palavra se demorar na minha língua. — Ei, senhor papai! Você pode fazer parar de doer?

O homem gritou de novo, só que dessa vez mais alto, e não

entendi por quê.

Eu não entendia nada do que estava acontecendo.

— Está tudo bem, Elizabeth. — Alguém segurou minha cabeça. — Você vai ficar bem.

Será?

Eu me importava?

A injeção que a médica me deu fez eu me sentir dormente por dentro.

Eu não conseguia sentir nada.

18 de março de 1999

Você me criou para ser um homem

HUGH

Duas horas depois, eu estava sentado no banco do carona do carro da minha mãe enquanto ela estacionava na frente da Old Hall House.

— Antes da gente entrar, quero conversar uma coisa com você — ela disse, parando o carro na vaga de sempre. — E preciso que você me escute. — Minha mãe puxou o freio de mão e se virou no assento para me dar atenção total. — Pode fazer isso por mim, Hugh?

Eu queria falar que não, porque sabia que ela ia defender meu pai, mas como é que eu poderia fazer isso sendo que ela literalmente tinha largado tudo para me levar até ali? Eu não podia, então concordei.

— Sim, mãe. Vou te escutar.

— Sei que você está tendo dificuldade de lidar com as suas emoções em relação ao seu pai agora e sente que ele anda ausente da sua vida.

Não, mãe, não sou eu *que estou tendo dificuldade de lidar com as minhas emoções. O* papai *que está, e não sinto que ele anda ausente da minha vida. Ele anda ausente.*

— Mas preciso que você saiba que o seu pai te ama muito, Hugh, e está de coração partido por ter te chateado essa manhã.

Não o suficiente para me ajudar de verdade.

— Seu pai está arrasado, Hugh. Sei que é difícil aceitar isso a essa altura da sua vida, mas preciso que você pegue leve com ele. — Ela esticou o braço sobre o console e bagunçou meu cabelo. — Um bom homem sabe demonstrar compaixão, e estou te criando pra ser um bom homem.

Esperei um pouco para ver se ela planejava acrescentar alguma coisa. Como ela não falou mais nada, assenti e soltei o cinto de segurança.

— Entendido.

— Espera. — Ela segurou meu braço. — Entendido? É tudo o que você tem pra dizer?

— O que você quer que eu diga, mãe? — falei, dando de ombros. — Você pediu pra eu te escutar, e eu te escutei.

— Hugh... — Percebi a sua decepção quando ela falou meu nome. — Por favor, tenta se colocar no lugar do seu pai por um instante...

— Fiz o que você me pediu, mãe — interrompi, colocando a mão na maçaneta. — Eu te ouvi. E te ouvi passando a mão na cabeça dele pela milésima vez, mas é tudo o que eu posso fazer, ok? Não posso demonstrar compaixão se acabou o meu estoque.

— Hugh, você não pode falar assim — ela disse com um tom magoado e cansado. — Ele é seu pai.

— Você é o meu pai, mãe. *Você!* — retruquei, olhando feio para ela. — Você é a única pessoa que cuida da gente desde o acidente.

Ela soltou um suspiro de susto.

— *Hugh!*

— Olha... — Bufei, frustrado, pressionando os dedos nas têmporas e tentando acalmar a tensão que crescia dentro de mim. — Sei que ele é meu pai e sei que você não quer que eu me sinta assim, mas nunca obriguei você ou a Claire a sentirem a mesma coisa, então, por favor, não tenta me obrigar.

Ela ficou me olhando como se fosse discutir, então seus ombros se curvaram em derrota.

— Me desculpa. — Ela se recostou no assento, levou a mão à testa e sussurrou: — Sinto por muito por não ter conseguido te proteger disso.

— Mãe, você não tem *por que* pedir desculpas. — Segurei a mão dela. — Você faz tudo pela gente todos os dias. — Apertei sua mão em um gesto tranquilizador. — Claire e eu não podíamos ter uma mãe melhor.

Seus olhos ficaram marejados pelas lágrimas que eu sabia que ela jamais derramaria na nossa frente. Porque ela as guardava para quando estava no banho e pensava que ninguém estava escutando.

Mas eu escutava.

Toda noite.

— Como foi que você cresceu tão rápido? — Ela abriu um sorriso triste e colocou a mão no meu rosto. — Meu bebezinho não é mais um bebê.

— Não sei o que te falar, mãe — respondi, dando de ombros. — Você me criou para ser um homem, e é isso que estou sendo. — Um sorrisinho se espalhou pelos meus lábios antes de eu acrescentar: — Mas, se precisar de um bebezinho, acho que você tem mais uns três anos com Gibs antes de ele amadurecer.

Isso a fez dar risada e fiquei contente, porque não queria ver minha mãe chateada. Aquela mulher tinha me dado a vida. Eu preferia pisar numa fogueira do que lhe causar sofrimento.

— O que é que eu faria sem você, hein? — Ela fez carinho na minha bochecha. — Te amo.

— Também te amo, mãe. E obrigado pela carona. — Segurei a maçaneta e limpei a garganta antes de acrescentar: — Obrigado por tudo.

18 de março de 1999

Eu sou bipolar

HUGH

Deixei minha mãe na cozinha com Catherine e Mike e fui direto para o andar de cima, ansioso para ver minha amiga. Quando entrei no quarto dela, Liz estava exatamente onde pensei: deitada em posição fetal na cama. O pequeno abajur na mesinha de cabeceira iluminava sua figura imóvel.

Tirei os sapatos e fui até a cama, e só parei até estar deitado de lado, de frente para ela. Seus olhos estavam abertos, mas estavam opacos e sem vida.

— Oi. — Alisei seu cabelo, descansei a mão no seu rosto e sussurrei: — Estou aqui, Liz.

Ela segurou minha camiseta, mas não falou nada. Nem piscou. Só continuou olhando através de mim. Era como se parte dela *soubesse* que eu estava ali, mas estivesse presa em uma jaula congelada.

— Está tudo bem. — Cheguei mais perto e rocei o nariz no seu antes de pressionar a testa nela. — Estou com você, Liz.

Ela estava respirando — dava para ver seu peito subindo e descendo —, mas não estava ali. De vez em quando, uma lágrima escorria pelo seu rosto. Minha missão virou enxugar

cada uma delas.

— Pode dormir — sussurrei, fazendo carinho nela. — Vou ficar aqui pra manter os monstros longe. — Ela devia estar exausta. Eu sabia. Mas não fechou os olhos.

Estiquei o braço e limpei outra lágrima do seu rosto antes de limpar uma lágrima minha.

— Não vou deixar nada te machucar. — Eu não sabia se era a coisa certa a dizer, mas foi o que eu disse. — Porque você é minha melhor amiga no mundo todinho. — Fungando, segurei seu rosto de novo e me aproximei. — E sempre vou te amar, Lizzie Young. — Dei um beijo na ponta do seu nariz. — Não importa o que aconteça.

Quando me afastei, a senti segurando minha camiseta e me puxando para perto, me trazendo de volta para si.

Me chamando para casa.

— Hugh? — ela falou com a voz arrastada.

— Isso, Liz. — Enxuguei outra lágrima na sua bochecha. — Sou eu.

— Hugh? — Minha amiga enfim piscou, abriu os olhos e ficou tentando localizar o meu rosto. — Também te amo.

— Eu sei. — Meu coração disparou e quebrou ao mesmo tempo. — Te deram aquele remédio que te deixa sonolenta, Liz? — Eu tinha certeza de que tinham dopado ela. Ela estava completamente fora de órbita. — Hein?

— Sim — ela respondeu toda grogue. — Eu fui... hum... ruim na escola.

— Você não foi ruim, Liz — falei. Eu detestava quando ela falava assim de si mesma. — Você nunca foi ruim.

— Me desculpa.

— Pelo quê?

— Não sei. — Ela tentou balançar a cabeça. — Só me desculpa.

— Bem, pois *eu* sei, Liz — eu disse, sentindo meu coração se despedaçar. — Sei que você é boa e gentil. Você é a garota mais maravilhosa que já conheci. — Engolindo minhas emoções, passei a mão pelo seu cabelo e me inclinei para sussurrar: — Você é todas as coisas *boas* do mundo, e nenhuma das ruins. Não vai se sentir assim pra sempre. Viu? Você vai ficar bem de novo.

— Não vou, não, Hugh... — murmurou, sonolenta, fechando os olhos. — Eu sou bipolar.

— Bipolar? Como assim bipolar, Liz?

— Uhum.

— É o diagnóstico que te deram? — insisti, mais que preocupado com a minha amiga, trabalhando freneticamente para registrar a palavra na cabeça e trazer as informações que eu tinha sobre o assunto para o primeiro plano da minha mente. — Liz? — Me sentei e peguei sua mão, sentindo um milhão de emoções complicadas me atravessarem. — Os médicos disseram que você é bipolar?

— Uhum.

— Liz... — Completamente perdido, fiquei olhando para a garota que eu tinha passado a maior parte da infância adorando e falei: — Por que você não me contou?

— Medo... — ela murmurou, apertando minha mão. — De você ir embora.

— Eu não iria embora — eu disse com o peito pesado, tentando dar sentido a tudo o que descobri em tão pouco tempo. — Eu *não* vou embora — esclareci, com o coração batendo forte. — Eu *não* vou.

Aturdido com o que eu sentia por essa garota, peguei sua mão e a beijei. Não tinha ideia do motivo, só sabia que precisava fazer isso.

— Vou ficar com você, ok? — Beijei sua mão de novo. —

Não importa o que aconteça.

— Preciso de você.

— Eu sei. — Assenti e levei sua mão ao meu rosto, querendo sentir seu toque. — Também preciso de você.

— Tão cansada... — Com os olhos ainda fechados, ela acenou com a cabeça e murmurou devagar: — Fica, por favor.

— Vou ficar — prometi, voltando a atenção para a mão que eu estava segurando. — Vou ficar bem aqui. — Virei seu pulso e fiquei olhando horrorizado para as profundas marcas na sua pele. — Não foi o Brian que fez isso, né, Liz?

Nada.

— Liz? — repeti um pouco mais alto, observando seu pulso. Abaixo dos cortes recentes, havia cicatrizes mais antigas. Mais feias. Cicatrizes que eu nunca tinha notado porque ela sempre usava um monte de pulseiras. — Onde você arranjou essas cicatrizes?

— Não vai embora — foi tudo o que ela falou em um murmúrio pouco coerente. — Ele me pega quando você não está aqui.

— Tudo bem, Liz. Pode dormir — sussurrei, resignado ao fato de que eu não ia obter resposta nenhuma naquela noite. Ela estava completamente fora de si. — Não vou deixar o monstro te pegar. — Tremendo, pisquei para conter as lágrimas enchendo meus olhos, porque eu sabia que aquilo era ruim. — Nem a moça assustadora.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz. — Fungando, usei o ombro para enxugar uma lágrima no meu rosto. — Não importa o que aconteça.

Esperei até ter certeza de que Lizzie estava dormindo para sair do quarto e ir até o banheiro. Eu passava bastante tempo naquela casa para saber onde ficavam as coisas. Incluindo os

remédios que ela tomava diariamente.

Fui até o armário acima da pia onde guardavam os comprimidos e comecei a vasculhar os vários frascos até encontrar um pote com o nome dela.

Elizabeth Young.

Clonazepam.

Guardei logo o frasco no bolso e continuei procurando até achar outro com o nome da Lizzie junto com a palavra "olanzapina" e o enfiei no bolso também.

Mais do que irritado, desci a escada em espiral e fui direto para a cozinha com apenas uma coisa em mente.

Respostas.

Quando entrei, Catherine e Mike estavam sentados na frente da minha mãe bebendo café.

— Hugh! — Mike disse, enquanto Catherine me deu um sorrisinho amarelo e perguntou:

— A Lizzie falou com você, querido?

— Sim, ela falou comigo — respondi, me aproximando da mesa e puxando uma cadeira ao lado da minha mãe. — Falou bastante, aliás. — Me sentei, peguei os dois frascos do bolso e os coloquei na minha frente. — Na verdade, a Lizzie tinha muito a dizer sobre *isso*. — Encarei cada um deles sem a menor pressa antes de perguntar: — Por que vocês não me disseram que a minha *melhor amiga* é bipolar?

Com a mente a mil, fiquei sentado na mesa da cozinha da família Young ouvindo os adultos à minha volta falando comigo como se estivessem se comunicando com um bebê.

Em quarenta minutos, perdi as contas de quantas vezes ouvi as palavras "A Lizzie fica meio pra baixo de tempos em tempos" ou "Ela tem seus altos e baixos, mas não precisa se preocupar" ou o meu favorito: "Ela vai se recuperar rapidinho".

Até parece.

Será que eles realmente achavam que eu acreditava naquilo?

A filha deles não estava "meio pra baixo". A Liz tinha chegado ao ponto de não conseguir levantar a cabeça do travesseiro. E não era a primeira vez que isso acontecia. Eu sabia porque tinha testemunhado episódios parecidos de forma esporádica desde o dia que nos conhecemos.

E sabia que, quando ela ficava triste, ninguém conseguia tirá-la daquilo.

Nada funcionava.

Os adultos disseram que aquilo se chamava episódio depressivo, e achei que esse talvez fosse o comentário mais sensato que ouvi a noite toda. Pelo menos a palavra "depressão" retratava com precisão o que ela se tornava: algo sem vida. Quando ela ficava desse jeito, parecia uma espécie de cadáver que ainda tinha o coração batendo.

— Ela tem uma mente muito complicada.

— As melhores pessoas são assim.

— A Elizabeth sofre disso desde que era bebê.

— Mas aqueles surtos eram basicamente birra.

— Ela chegou à puberdade muito antes do que a gente esperava e, por causa disso, seus hormônios estão lhe causando problemas.

— Mas você não precisa se preocupar.

— Assim que o corpo se acostumar com o remédio novo, Lizzie vai voltar a si — Catherine disse, me oferecendo promessas em vez de *fatos*. — Por favor, tenta não se preocupar, Hugh.

Tamborilando os dedos na mesa, me esforcei para me manter calmo quando tudo o que eu queria era gritar. Por que estavam fazendo aquilo comigo? Por que insistiam tanto em dourar a pílula como se eu fosse uma criancinha?

— Chegou a minha vez? — perguntei quando os três pareciam ter esgotado o estoque de baboseiras. — Posso falar agora?

Os pais da Lizzie assentiram e minha mãe levou a mão à testa.

— Será que vocês podem, por favor, não falar comigo como se eu não entendesse as coisas? — eu disse, sem conseguir disfarçar a rispidez no tom. — Sou novo, eu sei, mas por acaso tenho capacidade de compreender assuntos delicados.

Minha mãe soltou um suspiro cansado e pressionou os dedos nas têmporas.

— Ah, Hugh...

— Estou falando sério, mãe — insisti, me recusando a voltar para o rótulo "criança" que tinham me colocado. — Faz quase cinco anos que sou amigo da Liz e sempre soube que ela enfrenta problemas de saúde mental. Ao contrário dos nossos amigos, não sou cego, burro ou indiferente ao que está acontecendo. Ela é minha melhor amiga, pelo amor de Deus. *Quero* ajudar, mas não posso fazer isso se vocês não me *deixarem*.

— Sei que você tem boas intenções, Hugh, mas você é criança — Mike interveio com uma voz ainda mais cansada que a da minha mãe. — Não tem a menor noção do que está acontecendo aqui, filho.

— Tenho mais noção do que você... acho — retruquei, me obrigando a acrescentar a última palavra à frase para não soar mal-educado.

Porque, apesar do que eu achava do Mike, perder as graças dele poderia comprometer o tempo que eu passaria com sua filha.

— Eu sei que ela está se cortando — decidi falar. A reação deles me garantiu que não esperavam que eu soubesse daquilo.

— Sei que ela anda fazendo isso há pelo menos um ano — acrescentei, mentalmente resgatando as lembranças da primeira vez que vi marcas inexplicáveis no seu corpo. — Eu posso *ajudar* — reiterei, implorando para os pais dela me deixarem participar. — Podem *confiar* em mim. Eu juro. Vocês *só* têm que me deixar ajudar!

22 de março de 1999

Esconde tudo, não sinta e nunca revele nada

LIZZIE

— Como está se sentindo agora, Lizzie?

— Bem.

— Não é o que a sua mãe me contou.

Não falei nada.

O que eu poderia falar?

— Sua mãe me disse que você anda se cortando de novo.

Dei de ombros, puxei a manga do suéter e fiquei encarando minhas coxas cobertas pela calça jeans.

O que eles poderiam fazer?

Absolutamente nada.

De todas as coisas na vida com as quais eu podia contar, a maior delas era a incapacidade dos médicos de me curar.

Porque eles não me ouviam.

Não faziam as perguntas certas.

Não acreditavam em mim.

Então parei de acreditar neles.

Eu sabia o que aconteceria.

A mesma coisa que aconteceu da última vez.

Aumentariam a dose do remédio ou tentariam uma nova

marca de “veneno” químico.

Não ia funcionar.

Porque mentes enguiçadas como a minha eram imunes a esses remédios.

— Pode me dizer o que você está pensando agora? — a médica perguntou, girando a cadeira para ficar de frente para mim. — Quero que você seja totalmente sincera. — Ela pegou minha mão e deu um sorriso terno. — Pode desabafar.

Respirei fundo, fitei seus olhos castanhos e disse:

— Estou me sentindo bem melhor agora, doutora. Obrigada por me consertar.

Vi decepção no seu olhar.

Novidade nenhuma.

— Certo, Lizzie. — Ela deu um suspiro pesado. — Vamos tentar de novo na próxima sessão.

31 de março de 1999

Em caso de dúvida, consulte os livros

HUGH

Saí da Old Hall House aquela noite com mais dúvidas que respostas. Apesar das minhas súplicas, Catherine, Mike e minha mãe continuaram me enrolando, sem querer considerar que uma "criança" poderia ajudar. Sim, não engoli aquele papo e decidi que, se não estavam a fim de me explicar o que estava acontecendo com a Liz, eu descobriria sozinho.

Levei a missão a sério e fui até a biblioteca pública depois da escola no dia seguinte. Vasculhando a seção de não ficção, dei uma olhada em todos os livros de medicina que consegui encontrar. Como meu cadastro dizia que eu tinha menos de dezesseis anos, não pude levar nenhum para casa. Então voltei à biblioteca depois da natação e do rúgbi no fim de semana e tirei cópia de todos os trechos que mencionavam algo sobre transtorno bipolar de início precoce.

O livro mais interessante foi o *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Nas páginas daquele exemplar de capa dura e empoeirado, aprendi mais sobre a mente humana do que jamais havia aprendido na aula do sr. Coulson no Scoil Eoin e logo desenvolvi minhas próprias teorias sobre os problemas

mentais da minha melhor amiga.

Determinado a provar a ela que eu não tinha intenção de desaparecer da sua vida, eu descia do ônibus no ponto da casa dela todos os dias para visitá-la. Esse pequeno gesto me rendeu pontos positivos com seus pais, mas nem liguei para isso. Era bom que Catherine e Mike vissem que Liz tinha amigos que sabiam da sua doença e não fugiam, só que minhas visitas não eram para eles.

Eu estava exclusivamente focado na filha deles.

Nas primeiras três visitas, só a abracei e fiquei sussurrando palavras de conforto no seu ouvido enquanto ela chorava no meu ombro.

Na quarta visita, a Liz sorriu.

Na quinta e na sexta, jogamos baralho.

Na sétima e na oitava, ela dormiu.

Na nona visita, levantou da cama e se trocou.

Na décima, na décima primeira e na décima segunda, ficamos do lado de fora, passeando pelos campos e mantendo uma conversa unilateral.

Essa era a décima terceira visita, e, quando desci do ônibus, fui surpreendido por ela me esperando no portão da propriedade da família.

— Será que meus olhos estão me enganando ou é Lizzie Young que estou vendo? — falei assim que a vi recostada no portão de metal.

Ela deu risada e juro que foi o melhor som que ouvi na vida. Ergueu a mão para acenar e me cumprimentar, e saí correndo até ela.

— Ora, ora, é *mesmo* a Lizzie Young — brinquei, atravessando o portão de pedestres. Deixei a mochila escorregar do meu ombro, segurei sua camisa de flanela e a puxei para um abraço. — Aí está a minha garota.

— Sim. — Ela envolveu minha cintura e pressionou o corpo no meu com força. — Aqui estou eu.

Daí ela fez algo que era tão a sua cara que eu soube na hora que estava de volta.

Ela me *cheirou*.

9 de abril de 1999

Luta por isso

LIZZIE

— Você precisa se abrir com os médicos, Liz — Caoimhe repetiu quando chegamos em casa depois da consulta.

Ouvi o mesmo discurso durante todo o caminho. Geralmente, era a minha mãe que me levava para as consultas, mas ela não estava se sentindo bem aquele dia, e como estávamos no recesso de Páscoa, Caoimhe a substituiu nessa função.

— Fiquei sentada do outro lado da porta por quarenta e cinco minutos e ouvi a sua voz um total de seis vezes.

— Você não pode ficar ouvindo — falei, me jogando em uma cadeira na mesa da cozinha. — É quebra de privacidade.

— Você é minha irmã — ela bufou, abanando o ar como se isso fosse motivo suficiente para invadir minha privacidade.

Não que eu me importasse.

Pelo contrário, não dava a mínima.

Passava a maior parte do tempo de boca fechada mesmo.

— É sério, Liz — Caoimhe continuou, perambulando pela cozinha em busca de besteiras para comer. — Como é que vão te consertar se você não contar o que está pegando?

Não podem me consertar.

— Não sei o que está pegando — respondi, apoiando o queixo na mão. — Esse é o problema, Caoimhe.

— Bem, pelo menos você voltou a ser humana de novo — ela falou, fechando a geladeira com o quadril. — Você nos deu um susto da última vez que surtou.

Eu já sabia disso.

Caoimhe vivia repetindo.

A questão era que eu não me lembrava de nada.

Pelo visto, o novo remédio que os médicos estavam me dando era a causa da minha letargia e eu logo me sentiria melhor. Não botava muita fé nisso, mas definitivamente não estava mais me sentindo tão vazia quanto antes.

Estava conseguindo me levantar da cama, coisa que tinha dificuldade de fazer havia um tempo. Também não estava gritando nem delirando, o que era um bônus. Eu tinha voltado para a escola, e meus pais estavam de olho em mim.

Mas não sabia se já estava fora de perigo; tinha medo de criar esperanças e contar com a estabilidade, sendo que minha mente poderia acabar com essas esperanças num piscar de olhos. Mas eu queria ficar bem de novo.

Então alguém bateu na porta, e alguns instantes depois, minha irmã gritou:

— Liz, seu namoradinho veio te ver.

Mordi o lábio e sorri.

Porque, se eu esperava ser normal, teria que lutar.

Eu iria lutar.

Por ele.

PARTE 10

Acendendo chamas e brasas

9 de junho de 1999

Desejos de aniversário e irmãs fugitivas

HUGH

Ao entrar no ônibus depois da escola na quarta-feira, nem me dei ao trabalho de esconder o que estava procurando. Assim que vi Liz do corredor, sentada do lado direito, fui direto até ela.

Deixei a mochila no chão entre os assentos, me sentei ao seu lado e passei o braço por seus ombros.

— Feliz aniversário, Liz. — Me sentindo corajoso, dei um beijo no seu rosto e ignorei solenemente os assobios e as provocações dos meus colegas.

— Obrigada, Hugh — ela disse, dando risada e se aproximando até estar aninhada debaixo do meu braço. — Estava com saudade.

— Eu também — falei, relaxando no banco. — Seu presente está na mochila. Vou te dar quando a gente chegar na sua casa.

— Você sabe que não quero presente.

— E *você* sabe que vou te dar presente mesmo assim.

Ela sorriu.

— Até que horas você pode ficar?

— Nove e meia — respondi, maravilhado. — A minha mãe

disse que vai me buscar depois do trabalho.

O sorriso radiante que se espalhou pelo seu rosto me garantiu que a Liz estava tão maravilhada quanto eu com o tempo que teríamos juntos.

Desde março, ela estava cada vez melhor. A nova combinação de remédios parecia estar funcionando bem, e eu a encorajava todos os dias a continuar o tratamento. Sabia que ela detestava aqueles comprimidos, mas também sabia que, sem eles, Liz não conseguia ser funcional.

— Como é que você já vai fazer onze anos? — comentei, balançando a cabeça. — Ontem mesmo você tinha seis e estava sentada nesse ônibus, cheirando o meu pescoço feito um cachorrinho.

— Ah, meu Deus! — ela disse, dando risada e descansando o rosto no meu braço. — Cheirei *mesmo* o seu pescoço.

— Pelo menos foi só isso — falei, também rindo. — Tive bem mais sorte que os outros que você mordeu.

— Pra ser justa, a comparação com um cachorrinho foi um elogio. — Ela deu uma gargalhada e acrescentou: — Eu era selvagem naquela época.

— Você *ainda* é — falei, bem-humorado. — Mas tudo bem. Acabei me apegando a esse seu lado selvagem.

— Meu Deus! — soltei quando entramos na Old Hall House e fomos recebidos por um grito estridente. — O que foi isso?

A voz do Mike ecoou pelo ar, acompanhada pelo lamento histérico da Caoimhe e, em seguida, pelo som da Catherine, claramente tentando acalmar todo mundo.

— Não faço ideia — Liz respondeu, suspirando e se aproximando da porta fechada da cozinha. — Mas acho que estamos prestes a descobrir.

— Como você pôde fazer isso? — Mike perguntou do outro

lado da porta. — Você estragou o seu futuro, Caoimhe!

— Michael, por favor, se acalma.

— Me acalmar? Como você quer que eu faça isso, Catherine? Sabendo que a nossa filha foi pra Inglaterra com o namorado em vez de fazer o leaving cert?

Puta merda.

Caoimhe tinha perdido o leaving cert?

Me virei para Liz, mas ela estava tão chocada quanto eu, surpresa e de olhos arregalados.

— É só uma prova, pai — Caoimhe tentou falar, mas sua voz acabou sobreposta pelo seu choro agudo. — Me desculpa, ok? Me desculpa, pai. Juro que vou fazer os outros exames. Vai ficar tudo bem, prometo. Vou tirar nota máxima nas outras matérias.

— Não vai ficar tudo bem, Caoimhe — Catherine interveio, furiosa. — Inglês é uma das principais matérias e você perdeu a prova. Sem ela, vai ser automaticamente reprovada no leaving cert, não importa quão bem vá nas outras matérias!

— Eu não sabia disso! — ela gritou ainda mais alto. — Eu não sabia, juro!

— Você sabia que devia estar no Tommen às nove da manhã em ponto. Você *sabia* disso, Caoimhe, mas não, você não podia fazer isso, né? Não, porque decidiu jogar o seu futuro no ralo por um fim de semana de bagunça com aquele babaca do Mark Allen!

Eita...

Boa, Mike.

— Já pedi desculpas! — Caoimhe berrou. Ouvi uma cadeira arranhando o piso. — Mas eu tinha que ir, pai, estava ficando sem tempo...

— Não ouse terminar essa frase! — o pai dela esbravejou. — Já sei perfeitamente por que ele te levou pra Inglaterra de

barco. Não preciso que você verbalize meu pior pesadelo em voz alta!

— Por que, Caoimhe? — Catherine choramingou. — Por que você não me procurou, meu amor?

— Por causa dele! — ela gritou. — Olha só a reação dele, mãe. Como eu poderia te contar o que estava acontecendo sabendo que ele ia perder a cabeça e me julgar? Fiz a coisa certa pra *mim* e pensei que estava fazendo a coisa certa pro...

— Nem pense em falar o que você quer!

— Michael, por favor, tenta se acalmar.

— Com que cara a gente vai aparecer na missa agora, Catherine? Ela envergonhou a família inteira.

— Ninguém sabe, pai. Eu juro.

— Deus sabe, Caoimhe!

— Está falando sério, pai? Você está preocupado com seu Deus lá no céu quando a sua própria filha está na sua frente implorando a sua ajuda?

— Nenhuma filha minha faria o que você fez — Mike retrucou. — Nunca mais traga esse babaca aqui. Está me ouvindo? Ele nunca mais vai pôr os pés nesta casa!

— Pai, por favor!

— Não, não vem me abraçar agora! Não estou suportando nem olhar pra você.

— Pai, estou implorando pra que você entenda...

— Sai da minha frente, Caoimhe — Mike se esgoelou. — Por favor. Antes que eu faça algo de que eu me arrependa depois.

— Rápido! — Lizzie sussurrou quando os passos da irmã se aproximaram. — Vamos.

Ela não precisou dizer duas vezes.

Peguei sua mão estendida e disparamos para a escada, nos escondendo na segurança do seu quarto.

— Puta merda — falei com as costas apoiadas na porta

fechada. — Sua irmã está ferrada.

— Eu nunca tinha ouvido meu pai gritando com ela daquele jeito — Liz disse com os olhos arregalados. — Ele geralmente deixa a gritaria pra mim.

Eu sabia muito bem disso, e esse era o principal motivo de eu não gostar do pai dela.

— Até a mamãe estava brava — ela continuou, indo até a cama. — E ela é uma santa.

— Você sabia que ela ia pra Inglaterra? — perguntei, seguindo-a. — Ela comentou alguma coisa com você?

— Comigo não, mas ouvi ela falando algo sobre isso no telefone com uma amiga — Liz disse, se sentando de pernas cruzadas na cama. — Eu não prestei atenção porque, sinceramente, não ligo pro que ela faz. E, quando ela passou o fim de semana todo fora, pensei que estivesse estudando na casa de alguma amiga. — Ela deu de ombros e acrescentou: — O leaving cert começava hoje. Ela devia ter feito a prova de Inglês I.

— Você acha que ela pegou o barco pra Inglaterra porque estava grávida... — Fiz uma pausa, abaixando a voz até sussurrar: — ... e agora não está mais?

Embora não fosse algo que as pessoas ousassem falar em voz alta, todos na Irlanda sabiam por que as garotas faziam viagens de barco inesperadas para a Inglaterra. Não era para apreciar a paisagem.

— Não sei — Liz respondeu, mordendo o lábio, ansiosa. — Talvez.

25 de junho de 1999

Viagens solo e irmãs chorosas

LIZZIE

— Elizabeth? — meu pai disse, parado na porta do meu quarto. — Vamos sair em cinco minutos, ok?

— Ok, pai — respondi, subindo na minha mala em uma última tentativa de fechá-la. — Estou quase pronta.

— Você pegou tudo o que precisa?

— Acho que sim.

— Tem certeza? Vai ficar longe de casa por três noites.

— Eu sei, pai.

E mal podia *esperar*. A Sinead Biggs tinha me convidado para acompanhar a família na viagem anual que eles faziam para a casa de férias do pai dela, na costa de West Cork. Eu nunca tinha viajado sem a minha família, e meu pai me *deixou* ir. Melhor ainda, Claire e Hugh disseram que todos os seus tios, tias e primos maternos estariam lá e que as crianças podiam acampar no quintal do avô todos os anos. Segundo os irmãos, o vovô Healy gostava de bebida e gostava ainda mais de bagunça, e sempre deixava os netos escaparem ilesos das travessuras, o que só me deixava mais empolgada.

Eu sabia que deveria agradecer a Caoimhe, porque, se ela não

tivesse feito merda, ele não estaria me dando essa chance. Além disso, o fato de Sinead Biggs ser uma enfermeira experiente ajudava bastante. Meus pais acreditavam que ela saberia o que fazer se meu humor mudasse inesperadamente.

Eu estava mal pela Caoimhe, sem brincadeira, pois sabia que as três últimas semanas tinham sido difíceis para ela. Mas a verdade é que eu nunca tinha me sentido tão *bem*.

Pela primeira vez em onze anos, eu não era a única causa dos problemas da minha família. Minha irmã tinha feito uma merda tão grande que *eu* fiquei parecendo a filha boa, algo que jamais tinha me acontecido.

Sua pisada na bola inesperada me deu um desconto dos olhares preocupados e decepcionados dos meus pais. Logo percebi que a aprovação deles era algo de que eu gostava *muito* e me vi querendo impressioná-los e mantê-los felizes, o que era muito mais fácil agora que eu realmente estava dormindo à noite. Fazia semanas que não era atormentada por pesadelos e estava descansando oito horas seguidas por dia.

— Pegou os remédios? — meu pai perguntou, chamando minha atenção de volta.

— Peguei. — Sorri e dei tapinhas no bolso da frente da mala. — E já tomei o de hoje.

— Boa menina. — Ele também sorriu, e dessa vez foi um sorriso genuíno. — Vou te esperar lá embaixo.

Sorrindo como se eu tivesse ganhando uma medalha olímpica, fiquei observando meu pai se afastar. Ouvi o som dos seus passos descendo as escadas.

Hoje é um bom dia.

Eu não sou ruim.

Porque meu pai me ama.

Eu posso ser amada.

Quando enfim consegui fechar a mala, a peguei de cima da

cama, coloquei as alças nos ombros e saí do quarto. Ao passar pelo quarto da Caoimhe, congelei no corredor. Abaixei a mala e fiquei escutando seu choro baixinho do outro lado da porta.

Já fazia semanas e ela *ainda* estava chorando.

Decidi dar uma olhada nela antes de viajar. Entrei e fui até a sua cama, onde ela estava deitada toda encolhida em posição fetal.

— Caoimhe?

— O q-que oi? — ela disse em meio aos soluços.

Eu só conseguia ver seu cabelo loiro espalhado no travesseiro. O resto estava escondido debaixo do edredom roxo.

— Você está bem?

— O q-que você a-acha, p-porra? — ela soltou, chorando mais forte.

— Parece que não... — murmurei, me segurando para não responder, porque eu detestava quando ela falava comigo daquele jeito. — Eu só queria me despedir — acrescentei. — Antes de viajar.

— Tchau. P-pode i-ir.

Soltei um suspiro pesado.

— Você quer conversar...

— Se eu quisesse, você seria a ú-última pessoa na Terra com q-quem eu ia q-querer! — ela gritou, se sentando e afastando as cobertas. — Então v-vaza do meu q-quarto, Lizzie! — Como não me mexi imediatamente, ela avançou e me empurrou com força suficiente para me derrubar no chão. — Mandei v-você vazar, sua d-doida v-varrida!

— Está bem! — falei, me levantando. — Aproveita pra chafurdar aí na cama. — Cerrei os punhos e me afastei de uma vez antes de perder a calma e estragar minha chance de viajar. — Vou acampar com os meus amigos.

— Vai logo! — ela berrou, atirando o travesseiro em mim. —

Faz um f-favor pra todo mundo e n-não volta mais!

27 de junho de 1999

No fundo do fundo do fundo

LIZZIE

— Hugh Andrew Biggs, desce daí agora mesmo! — Sinead gritou, mas era tarde demais. Principalmente porque seu primogênito estava prestes a dar um impressionante salto mortal para trás de uma altura assustadora. — Ah, meu Deus, Lizzie, ele vai pular, né?

— Vai — falei, rindo, batendo palma e comemorando da praia depois que Hugh executou o salto mais perfeito da ponta do penhasco. — Com certeza!

— Ele está bem? — Tapando os olhos, a mãe dele soltou um grunhido sofrido. — Por favor, me diz que ele conseguiu.

— Conseguiu — eu disse, dando tapinhas no seu ombro enquanto meus olhos acompanhavam o garoto nadando para o barco.

— Calma, mulher — o pai dela, mais conhecido como vovô Healy, falou. Depois, elogiou o neto: — Boa, Hughie! — ele vibrou, radiante de orgulho. — Mandou bem, garoto!

O vovô Healy era um homem alto, com cabelos brancos como a neve e uma barba branca e grossa. Ele me lembrava um pouco o Capitão Smith do *Titanic*, e eu gostava muito dele. Era

alegre e tinha um senso de humor fantástico. Parecia adorar o neto mais velho, que recebeu seu nome — algo que nós dois tínhamos em comum.

— Ele está sem colete salva-vidas — Sinead continuou reclamando. — Meu Deus do céu, falei pro menino usar colete.

— O menino está bem — o vovô Healy disse, dando risada, sem parecer nem um pouco preocupado. — Foi ouro nas competições do condado três vezes seguidas, e você está preocupada com um maldito colete salva-vidas?

— Não ligo. — Sinead soltou um suspiro trêmulo, levando a mão ao peito. — Vou matar ele.

— Não fica no pé dele, Sinead — o vovô Healy disse, tirando fotos do neto com uma câmera antiga. — Se isso é o pior que ele apronta, você está ótima. — Ele se virou e a fitou com um olhar cúmplice, então acrescentou: — Você e o Pete certamente fizeram pior quando tinham a idade dele.

— E por que você acha que me preocupo tanto? — ela grunhiu, se sentando no banco.

— Sabe, acho que você foi incrível de nos botar nesse barco — decidi falar. — Sei que deve ser bem assustador pra você depois do que aconteceu com a família do Gibsie, mas o Hugh realmente ama a água.

— Eu sei, querida — ela disse com um sorriso triste. — Ele sempre foi meu bebezinho aquático.

Eu não duvidava. Nunca conheci alguém que adorava água tanto quanto o meu melhor amigo. Hugh tinha muitos hobbies. Praticava vários esportes e era excelente em todos, mas eu sabia que suas verdadeiras paixões eram livros e natação. Parecia ganhar vida quando estava na água, e eu ficava triste por ele não poder viajar com a família com a mesma frequência de antes.

Entendia perfeitamente por que Gibsie tinha ficado na casa

com Claire e os primos e também achava que Sinead Biggs era muito forte por levar o filho para a água outra vez.

— Respira, Sinead — a tia Sarah falou, deitada no deque do pai, se bronzeando. — Senão você vai ficar com rugas.

— Ficou maluco? — Sinead gritou quando Hugh alcançou o barco. — De todas as coisas irresponsáveis, estúpidas e imprudentes que você podia fazer, decidiu se jogar de um maldito penhasco? — Ela se inclinou na borda do barco com uma toalha na mão e continuou ralhando com o filho. — E, pra piorar, ainda resolveu tirar o colete salva-vidas. Você podia ter se matado, seu infeliz!

— Você viu aquilo? — ele perguntou todo animado, subindo no barco. Ignorando a bronca da mãe, olhou para o avô e deu risada. — Viu o meu mortal?

— Vi, garoto — vovô Healy falou, rindo e apertando o ombro dele com orgulho. — Foi um salto e tanto.

— Foi épico pra caralho — Hugh disse, também rindo e molhando todo mundo ao sacudir a cabeça. — Uma bela descarga de adrenalina.

— Olha a boca — Sinead o repreendeu, dando um tapa na cabeça dele e enrolando uma enorme toalha azul-marinho nos seus ombros. Não era uma tarefa fácil, pois ele era bem mais alto que ela. — E, pelo amor de tudo que é sagrado, será que você pode colocar o colete salva-vidas, por favor?

— Ele me deixa lento, mãe.

— Ele te deixa flutuar, isso sim.

— Liz? — Com seus olhos de uísque me observando, ele sorriu antes de se aproximar. — O que você achou?

— Foi incrível! — falei, vibrando de empolgação. — Você tem que me levar lá. — Segurei as pontas da toalha e a ajeitei nos seus ombros largos. — Também quero sentir essa adrenalina.

— Só por cima do meu cadáver — Sinead me interrompeu. — Hugh, nem pense em levar essa menina pro penhasco. Entendeu?

— Entendi, mãe — Hugh disse, me dando uma piscadinha discreta. Em seguida, pegou minha mão e me conduziu para o outro lado do barco, sussurrando: — Vem, quero te mostrar uma coisa.

Meu coração disparou de ansiedade.

— Você vai me levar lá?

— Vou te levar pra um lugar ainda melhor — ele respondeu com um sorriso atrevido, passando uma perna pela lateral do barco e descartando a toalha. — Mas a gente tem que ser rápido. — Ele gesticulou para a água e me lançou um olhar cúmplice. — Beleza?

Fiz que sim depressa, sabendo exatamente o que eu precisava fazer.

— Beleza.

— Hugh? — Sinead falou com um tom de aviso, nos observando desconfiada. — Nada de gracinhas, hein?

Tarde demais.

O filho dela já estava na água com os braços estendidos para mim.

Não hesitei.

Nem por um segundo.

Soltando um gritinho de empolgação, subi na lateral do barco e pulei na água.

— Ah, meu Deus! — falei, por um momento assustada enquanto meu corpo registrava a temperatura da água. — Está tão gelada!

Os braços do Hugh me envolveram na mesma hora.

— Te peguei.

— Ah, pelo amor de Deus — Sinead grunhiu, se inclinando

na beira do barco para olhar para nós. — Pelo menos essa daí teve o bom senso de usar o colete salva-vidas.

— Mãe, pode deixar — Hugh falou, rindo e nadando para longe comigo. — A gente só vai dar uma volta — explicou. — Só até a caverna das fadas. Quero mostrar pra Liz.

— Hugh, você sabe que pode ser perigoso — Sinead disse. — E a Lizzie não nada tão bem quanto você.

— Eu sei — ele retrucou, nos conduzindo pelo mar. — E você sabe que não vou deixar nada acontecer com ela.

— Não dá pé para mim, Hugh. — Eu sabia que estava flutuando porque o colete servia para isso, mas nunca tinha nadado em águas tão fundas. — E se eu for levada?

— Estou com você — ele disse, segurando meu colete e usando o braço livre para nadar. — Você está segura comigo.

— Não deixa nada acontecer com ela — Sinead pediu, levemente apavorada, inclinada na borda e nos observando desaparecer aos poucos da sua vista. — Estou te avisando, Hugh.

Depois de uns bons dez minutos do Hugh nadando e eu boiando atrás dele, enfim chegamos ao que ele chamava de caverna das fadas.

— Uau! — falei, admirando a impressionante entrada de uma gruta escondida nas profundezas das rochas.

— Ela é completamente inacessível por terra — ele explicou, me guiando para dentro pela alça do meu colete. — Só dá pra explorar a caverna quando a maré está baixa.

— E é fundo lá dentro?

— Pode acreditar que sim — ele respondeu, nos conduzindo cuidadosamente pelo estreito córrego de água do mar fluindo pela caverna, evitando as pedras pontudas dos lados. — É um poço sem fundo, Liz.

— Que legal! — falei, fascinada pela forma como as minhas palavras pareciam ricochetear nas paredes da caverna e ecoar de volta para mim.

Dava para ouvir a água gotejando de todas as direções, mas o lugar ainda era incrivelmente silencioso. A luz do sol entrava pela abertura da caverna, iluminando o caminho pelos túneis mais escuros. Eu nunca tinha visto nada tão bonito na vida e disse exatamente isso para Hugh.

— Te falei que isso era melhor que o penhasco — ele comentou, dando risada e usando o corpo para me proteger de uma parte particularmente estreita.

Me levou por outra curva fechada e, de repente, não estávamos mais espremidos entre paredes estreitas de pedras irregulares. Adentramos o que eu só poderia descrever como o paraíso na Terra.

— Bem-vinda à caverna das fadas — ele anunciou, rindo e gesticulando em volta. — Não é legal?

Era mais que legal.

Era deslumbrante.

Pensei que a trilha estreita por onde nadamos era o ponto alto do passeio, mas estava claramente errada, porque aquele canal rochoso de água dava nada mais, nada menos que no paraíso.

Completamente maravilhada, fiquei olhando para as paredes da caverna, que pareciam brilhar quase tanto quanto o poço em que estávamos flutuando. E o melhor era que a água ali dentro era *morna*. Pequenos feixes de luz se infiltravam, iluminando-a com uma tonalidade mística e cintilante.

— Por isso que chamam esse lugar de caverna das fadas — falei, totalmente absorta. — É mágico.

— Pois é — Hugh concordou, nos levando para uma pedra. — Mas não podemos ficar muito tempo.

— Não?

— Não. — Ele subiu na rocha, se virou e estendeu a mão para mim. Confiando inteiramente nele, segurei sua mão e me deixei ser puxada para fora da água com ele. *Para o seu colo.* — Daqui a algumas horas, este lugar vai ficar submerso — ele explicou, ajustando meu colete salva-vidas e tentando, sem sucesso, abrir mais espaço para mim na rocha. — Desculpa pelo aperto. — Ele deu um sorrisinho tímido. — Acho que não planejei as coisas direito.

Ainda bem que não, porque eu não conseguia pensar em um lugar melhor para me sentar do que no seu colo.

— É tipo a caverna do Aladdin — eu disse, passando o braço no seu pescoço. — Estamos completamente isolados do resto do mundo.

— Não se preocupa. Você está segura — ele falou depressa. — Eu nunca deixaria nada de ruim acontecer com você.

— Não estou preocupada, Hugh. — Nossos corpos estavam tão próximos que eu preferiria morrer ali naquela caverna e jamais ser encontrada a sair do seu lado. — Estou *feliz*.

— Que bom! — Minha resposta aliviou sua tensão, e ele relaxou debaixo de mim. — Porque *quero* que você seja feliz, Liz.

— Sempre sou feliz quando estou com você.

— Sei — ele disse com uma voz mais grossa que o normal. — Também sinto o mesmo.

— Obrigada por me escolher, aliás — falei, chegando mais perto dele. — Sei que você e Claire podiam chamar um amigo pra trazer nessa viagem, e sei que Claire escolheu o *Gibs*. — Sorri e acrescentei: — O que significa que você me escolheu.

— Sempre vou te escolher, Liz. — Hugh envolveu minha cintura com o braço e me puxou para o seu peito. — Você vai ser sempre minha primeira escolha.

— Pra viagens?

— Pra tudo.

Sua resposta fez um arrepio de prazer percorrer todo o meu corpo.

— Eu te amo, Hugh Biggs. — Soltando um suspiro de contentamento, passei o outro braço em volta do seu pescoço e sorri. — Eu poderia ficar aqui pra sempre com você.

Seus olhos castanhos cheios de ternura se cravaram nos meus.

— É mesmo?

Fiz que sim devagar.

— Não quero nunca mais ir embora.

— Eu também não. — Ele estava rouco e soprou meu rosto quando falou: — Liz... — O jeito como falou meu nome me causou um arrepio na espinha.

Foi como se ele me reconhecesse.

Como se eu fosse *dele*.

Como se pertencesse inteiramente a ele.

Ele me puxou mais, até nossos corpos estarem colados. Com os braços no seu pescoço, apertei as mãos com força de ansiedade.

Seus movimentos eram lentos e determinados, como se ele tivesse pensado nesse dia mil vezes antes. Eu também tinha pensado, mas o que imaginei não tinha *nada* a ver com a realidade.

Não aguentei nem mais um segundo, e ele também não devia estar aguentando porque baixou o rosto ao mesmo tempo que eu ergui o meu.

E então aconteceu.

Finalmente!

No instante em que nossos lábios se tocaram, uma energia vibrante disparou por todo o meu corpo. Instintivamente,

meus olhos se fecharam, e me agarrei nele, sentindo uma explosão de adrenalina tão poderosa que não era páreo para nenhum salto no penhasco.

Não, estava claro para o meu pobre coração que apenas uma pessoa poderia provocar essas sensações em mim.

Hugh Biggs.

Seu beijo era leve como uma pena.

Um toque suave e doce dos lábios.

Uma vez.

Duas vezes.

Na terceira vez em que seus lábios roçaram os meus, Hugh se demorou, mantendo a boca ali, pressionando um pouco mais, puxando as cordas do meu coração um pouco mais forte, até que fiquei tão arrebatada que poderia muito bem explodir nos seus braços.

Seus beijos eram doces e inocentes e faziam meu corpo tremer de um jeito descontrolado. Seus lábios eram surpreendentemente macios. Eu não sabia o que esperar, mas aquilo superou qualquer expectativa que eu tivesse alimentado nos últimos anos, e *com certeza* era melhor do que quando eu praticava sozinha.

Meus braços estavam segurando seu pescoço com força, e parte de mim temia sufocá-lo, mas eu simplesmente não conseguia soltá-lo.

Nada neste mundo poderia me fazer soltar aquele garoto.

Nem meus pensamentos.

Nem minha mente.

Nem minhas partes quebradas.

Nada.

Quando Hugh recuou e seus olhos de uísque vasculharam os meus, assenti levemente, desesperada para que ele entendesse que eu queria que continuasse.

Então ele pressionou os lábios nos meus e não os afastou, deixando-os ali, e de uma forma dolorosamente lenta moveu a boca contra a minha. Eu não sabia quem estava tremendo mais — só podia supor que estávamos igualmente nervosos porque, ao segurar meu rosto, aprofundando o beijo, foi como se eu tivesse sido eletrocutada.

Não, esquece isso. Parecia que ele tinha me prendido diretamente na rede elétrica e eu não tinha como impedir.

Hugh me beijou com cuidado, como se soubesse exatamente como eu gostava, o que foi surpreendente, porque nem eu sabia como gostava até ele encostar a boca na minha. Foi o *melhor* primeiro beijo que poderia existir.

PARTE 11

Limbo

31 de julho de 1999

Pulguinha atrás da orelha

LIZZIE

— Ouvi dizer que ele é um bambambã de Dublin.

— O pai dele é aquele tal de Kavanagh da cidade.

— E ele vai entrar na nossa turma depois do verão?

— Isso. Ele passou umas semanas na sexta série antes de sairmos de recesso.

— É mesmo?

— É. Parece que era pra estar começando o primeiro ano, mas teve que repetir a sexta série por causa da mudança.

— Qual é o nome dele?

— Jonathan, acho. Pelo menos foi o que o Cormac disse.

— Disseram que ele é surreal no rúgbi.

— Em que posição ele joga?

— Segundo centro, acho.

— De que parte de Dublin ele é?

— Da parte rica.

— Não brinca.

— Sério. Meu pai estudou na mesma escola que o pai dele, então sei que os pais dele compraram a Wild Rose Manor no Upper West. O cara deve ser cheio da grana.

— De quanto estamos falando?

Deitada na lateral do campo do clube de rúgbi, cercada por alguns colegas do Sagrado Coração, pelos meninos da Scoil Eoin e por algumas meninas do Convento de Santa Bernadete, fiquei ouvindo a conversa ao meu redor e suspirei.

Danny Call e Patrick tinham brigado no dia anterior, e Pierce O'Neill e Hugh quase chegaram às vias de fato. Mesmo assim, estavam todos ali, rindo e atirando a bola de rúgbi de um para o outro como se não tivessem uma preocupação no mundo.

Garotos eram tão esquisitos.

Quando tinham um problema, se resolviam dando porrada uns nos outros para depois voltar a ser amigos.

Eu não era tão compreensiva quanto eles e ainda guardava um ressentimento do tamanho do Gibsie por alguns daqueles garotos. Felizmente, ele e Claire tinham se escondido atrás do clube, então eu não precisava segurar a língua se decidissem pegar no pé dele hoje.

— A gente podia brincar de girar a garrafa — uma das meninas do Convento sugeriu, dando uma risadinha e se colocando ao lado do Patrick. — Com beijos de dois minutos.

— De *língua* — uma colega do Santa Bernadete interveio. Ela se sentou com o Hugh e limpou uma poeira imaginária da camiseta dele. — Quem topa?

Eu não sabia se queria jogar, mas estava absolutamente decidida a arrancar a mão dela se continuasse encostando no *meu* melhor amigo daquele jeito.

A raiva foi crescendo dentro de mim rapidamente, e cerrei o punho para me impedir de puxar aquele cabelo ruivo idiota dela.

Esse era o meu problema: ficar obcecada por tudo o que eu amava. Não conseguia me controlar. Quando sentia as coisas, sentia com todo o meu coração. E, quando ficava triste ou

brava, também. Nunca estava equilibrada ou em paz. Era dominada pela fúria das minhas emoções a todo instante. E, naquele momento, estava furiosa porque *ela* estava tocando a pessoa que *eu* mais amava no mundo.

Queria me levantar, ir até lá e empurrá-la para longe dele. Queria gritar a plenos pulmões *ele é meu*, mas *não* podia, porque ele *não* era.

Hugh tinha me beijado aquele dia na caverna, mas um mês se passou desde a viagem para a praia e ele não tocou no assunto uma vez sequer.

Na verdade, parte de mim se perguntava se o beijo na caverna das fadas tinha acontecido mesmo ou se era só mais uma invenção da minha imaginação desastrosa.

Ansiosa, fiquei sentada de pernas cruzadas na grama, pressionando os dedos nas têmporas. Eu estava bem aquele verão, tomando meu remédio todos os dias sem falhar, mas eu não podia colocar a mão no fogo. Sempre sobrava uma pulguinha atrás da orelha.

Eu estava tão absorta nos meus pensamentos que não percebi a rodinha se formando na grama.

Uma rodinha que me incluía, sentada na frente do Hugh.

— Você está bem, Lizzie? — Marybeth perguntou com uma voz gentil enquanto ela e a irmã se sentavam uma de cada lado meu. — Está com dor de cabeça?

— Não, estou bem. — Abri um sorrisinho amarelo e juntei as mãos. — Tudo certo.

31 de julho de 1999

Termina a sua bebida logo e gira a maldita garrafa

HUGH

— Hughie! — Robbie Mac gritou. — Termina a sua bebida logo e gira a maldita garrafa, cara.

Desconfortável, virei o último gole do refrigerante, fechei a tampa e atirei a garrafa nele.

Eu não ia começar nada.

Caramba, devia ter pedido a Liz em namoro quando a gente estava de férias. Assim, não estaria sentado naquela rodinha tentando disfarçar um ataque de pânico.

Eu estava *surtando*.

Toda vez que um dos caras girava aquela garrafa, eu achava que ia morrer. Não sabia como reagiria se aquela coisa caísse nela. Será que conseguiria ficar quieto vendo outra pessoa beijá-la?

Duvido.

Depois de catorze rodadas, me vi com a garrafa na mão, pronto para a minha vez.

Por favor, Deus, não deixa cair na ruivinha ensebada.

Por favor, Deus, me salva dessa confusão.

Prometo fazer qualquer coisa se essa garrafa cair na...

— Lizzie! — as meninas comemoraram, e meu coração disparou quando vi que a garrafa estava apontando para *ela*.

Obrigado, obrigado, obrigado, meu Deus!

— Até parece que você nunca beijou ela — Danny brincou, irritado.

Não respondi se a gente já tinha se beijado ou não porque não era da conta dele. Mas, para ser justo, eu também ficaria puto se ele beijasse a Liz e eu ficasse com a *Bernadette Brady.*

Eca!

Quando fixei os olhos na Liz, que estava se direcionando para o meio da rodinha, dava até para ouvir a pulsação retumbando nos meus ouvidos.

Soltei um suspiro trêmulo e me juntei a ela enquanto todos à nossa volta nos provocavam e assobiavam.

— Dois minutos inteiros, hein, Biggsie!? — Lukey falou, rindo. — Vamos cronometrar.

— De língua — alguém acrescentou.

Ignorei nossos amigos e concentrei toda a minha atenção na garota sentada à minha frente, tentando avaliar sua reação.

Não parecia nervosa.

Pelo contrário, seus olhos cintilavam de empolgação. Ela assentiu a cabeça para me encorajar, descansou as mãos nos meus ombros e sorriu.

— Oi.

— Oi — falei, colocando as mãos na sua cintura.

— Beija! — todos cantarolaram. — Beija, beija, beija!

Meu cérebro virou um turbilhão e meu coração perdeu o compasso.

Eu tinha que fazer aquilo.

Era agora ou nunca.

Eu tinha que beijar a Liz.

Queria beijar a Liz.

Ia beijar a Liz.

Mesmo assim, não consegui impedir a incerteza que crescia dentro de mim diante da ideia de fazer alguma coisa errada.

Você não está fazendo nada errado, imbecil. Para de pensar e só beija ela logo!

Com todos os nervos do meu corpo à flor da pele e a respiração irregular, abaixei o rosto. Me mexi devagar. A lentidão era dolorosa, mas eu não podia me dar ao luxo de estragar as coisas.

Quando seus olhos se fecharam e ela inclinou a cabeça para mim, relaxei. Respirei fundo, fechei os olhos e me aproximei.

No instante em que nossos lábios se tocaram, senti aquela familiar onda de eletricidade me percorrer. E soube que ela sentiu o mesmo porque abraçou meu pescoço com mais força e me puxou.

Eu não tinha a menor noção do que estava fazendo e ao mesmo tempo sabia *exatamente* o que fazer. Tomei a frente em um jogo que só tinha experimentado uma vez e não conhecia as regras. Acho que minha empolgação acabou superando minha inexperiência.

A pressão, as consequências e os sentimentos infinitos...

Aquela garota e aqueles lábios me assombrariam por toda a vida.

31 de julho de 1999

B-E-I-J-A-N-D-O

LIZZIE

Hugh Biggs estava me beijando de novo.

Meu coração estava batendo tão forte que pensei que todo mundo à nossa volta pudesse ouvir, mas eu não ligava. Porque aquele era o melhor dia da minha vida.

Os lábios dele tocaram os meus uma vez, duas vezes, e, na terceira, ele me beijou mais profundamente, segurando minha cintura com mais força.

Meu corpo parecia estar levando um choque. Tudo dentro de mim se contraiu e vibrou excitação.

Daí eu senti... a ponta da língua dele deslizando com delicadeza na minha. Não era ruim como as outras meninas tinham comentado.

Era *maravilhoso*.

De alguma forma, eu sabia o que fazer. Não sabia, mas ao mesmo tempo era como se soubesse.

Era confuso e empolgante e insuficiente.

A língua dele estava na minha boca, roçando suavemente a minha em movimentos lentos e entorpecentes que não lembravam nada do que eu tinha experimentado antes.

Sem conseguir parar, eu o puxei para mim até nossos corpos estarem colados e abracei seu pescoço com toda a minha força.

Porque eu queria mantê-lo ali para sempre.

Queria sentir aquilo pelo resto da minha vida.

Quanto mais a gente se beijava, mais familiarizados fomos ficando um com o outro.

Hugh não forçava nada e não ficava enfiando a língua na minha garganta. Também não era babão nem tentou me morder que nem Danny Call fez com Bernadette.

Quando enfim nos separamos, as bochechas dele estavam coradas e as minhas estavam vermelhas feito um pimentão.

Voltei para perto das meninas, me sentei na grama e obriguei meu coração a se acalmar enquanto elas cochichavam e fofocavam.

Os meninos do outro lado da linha invisível comemoraram e deram tapinhas nos ombros do Hugh.

Então nossos olhares se encontraram, castanho com azul, e senti o calor percorrer meu corpo.

A forma como ele me olhava era diferente de como olhava para os outros.

Um sorrisinho se espalhou nos seus lábios, e ele respirou fundo até dar de ombros de um jeito adorável.

Também sorri, dei de ombros e juntei as mãos.

Eu queria repetir aquilo.

Todos os dias.

Para sempre.

E acho que ele também queria.

28 de agosto de 1999

Uma coisinha doida chamada hormônios

HUGH

Tudo mudou depois da viagem para a praia. Eu sabia o momento exato em que aconteceu. No fundo da caverna das fadas, quando Liz envolveu os braços no meu pescoço e eu pressionei os lábios nos dela, enfim entendi que *amava* aquela garota sentada no meu colo e queria *ficar* com ela de um jeito *totalmente* diferente do que estava acostumado.

E essa conclusão só se solidificou ainda mais quando a gente se beijou de novo durante o jogo da garrafa.

Sim, aquele beijo acabou comigo.

Nunca tentei esconder que era a fim da Lizzie Young, mas essa chama inocente explodiu aquele dia, virando uma labareda que se espalhou sem parar por mim desde então.

E com esse fogo vieram sentimentos — profundos, poderosos e fervorosos, todos direcionados a Lizzie — tão intensos quanto complicados.

Mais confusos ainda eram os sonhos que acompanhavam esses sentimentos recém-descobertos. Sonhos que eu *não* devia ter com a minha melhor amiga.

A parte mais constrangedora de tudo era a reação imediata

do meu corpo à sua presença, o que era um problema toda vez que a gente estava junto.

Já a Liz não tinha a mesma questão e continuava sendo tão carinhosa e afetuosa quanto sempre fora, o que não seria um problema se eu tivesse alguma ideia de como fazer aquilo *parar*.

Não sabia agir com ela, porque toda vez que ela estava perto, eu só conseguia pensar em agarrá-la e fazer aquilo tudo de novo.

Não conseguia parar de pensar nela.

Nos seus lábios nos meus.

No gosto da sua língua.

Na *delícia* que foi.

Em como ela provocava coisas loucas no meu corpo.

Eu estava morrendo de vontade de beijá-la de novo, mas não tinha coragem. Queria pedi-la em namoro, mas toda vez que tentava tocar no assunto, surtava.

Então resolvi ficar na minha e esperar, prometendo a mim mesmo que não deixaria passar da próxima vez que a gente se visse. O problema era que acabei adiando o pedido o verão todo e estava mais que nervoso com tudo.

Eu só queria que ela fosse *minha*. Mais que qualquer coisa que já quis na vida. Incluindo o meu PlayStation. Sinceramente, se pudesse colocá-la na lista de presentes de Natal, eu abriria mão de pedir presentes para sempre. Se pudesse ter a *Liz*...

Só ela.

Havia vários caras interessados nela também, e eu passava mal pensando o que aconteceria se um deles tivesse coragem de chamá-la para sair antes de mim.

Será que ela toparia?

Se sim, como eu reagiria?

Será que eu ia morrer?

Eu achava que ia morrer.

Realmente achava que meu coração ia parar de bater.

— Você ouviu alguma palavra do que eu disse? — a voz do Feely se infiltrou nos meus pensamentos e pisquei, confuso. — Hugh... — ele continuou, sorrindo para mim do outro lado da barraca que estávamos tentando montar no jardim da minha casa para passar aquela noite. — Você estava viajando, cara.

— Pois é... — murmurei, me concentrando na vareta que eu devia estar passando por dentro das alças. — Ei, Feely?

— O que foi, Hugh?

— Posso te perguntar uma coisa?

— Manda.

— Eu só estava aqui pensando... — falei, todo vermelho ao tentar abordar o assunto. — Você ainda é BV?

— Infelizmente não — ele respondeu, olhando para o pino que estava martelando na grama. — A Maura McGuinness cuidou disso durante o jogo da garrafa que fizemos quando você estava viajando.

— Não brinca. — Arqueei a sobrancelha. — Você não me falou nada.

— Não é exatamente algo que eu quisesse divulgar, cara.

— Faz sentido — eu disse, observando-o com atenção. — Como foi?

— Foi tipo botar minha língua em uma máquina de lavar — ele respondeu, erguendo a mão para arrumar o colarinho da camiseta. — Com dentes.

— Credo! — Engoli em seco e cobri a boca com a mão. A língua da Lizzie não parecia uma máquina de lavar. Embora tivéssemos nos beijado apenas duas vezes e de língua uma vez só, eu estava secretamente confiante de que ninguém beijava tão bem quanto Lizzie Young. — Que azar, cara!

— Pois é. — Feely terminou de martelar os pinos e ergueu a cabeça para mim. — O que está pegando, Hugh?

— Você não vai querer saber.

Ele abriu um sorrisinho.

— Experimenta.

— Sério, cara. — Balancei a cabeça. — O único lugar em que eu poderia verbalizar meus pensamentos é no confessionário de uma igreja.

— Eita, agora você vai *ter* que me contar — Feely disse, dando risada e abandonando a barraca. — Vai, cara. — Ele se sentou na grama e sorriu. — Desembucha.

Saber que eu só tinha dois candidatos para conversar sobre isso — Feely ou Gibs — me fez mandar um *foda-se*.

Me sentei na grama e desabafei com o meu amigo, enquanto meu ressentimento pelo homem que um dia chamei de pai se renovava.

Faltavam apenas três meses para eu completar doze anos e a adolescência havia chegado com tudo, trazendo pelos no corpo, hormônios, uma voz que ficava cada dia mais grossa e um estirão de crescimento bastante significativo. *Em todas as partes*.

Eu estava longe de ser desinformado, pois já sabia como tudo funcionava: sexo, menstruação, puberdade, ejaculação, masturbação. Tudo o que se pudesse imaginar, eu estava por dentro. Mas havia uma lacuna monumental entre *saber* o que esperar do seu corpo e *entender* as coisas quando a hora chegasse.

Eu não podia conversar com a minha mãe sobre o que estava acontecendo e não deveria ter que recorrer aos meus amigos.

Deveria poder contar com o meu pai.

Depois de vinte minutos de conversa, ficou claro que, embora Feely fosse o mais velho de nós e o especialista em métodos de reprodução de animais de fazenda, ele não sabia nada da própria espécie. Daí *eu* que acabei tendo que explicar

como tudo funcionava para *ele*.

Para ser justo, eu achava que Feely tinha ainda mais azar que eu no quesito pai. O coitado tinha o Paddy Feely. Até a porta fechada atrás da qual meu pai se escondia era mais compreensiva que o pai dele.

No fim, a atividade de montar a barraca no quintal se transformou em uma inestimável aula de educação sexual. Quando a conversa terminou, eu estava confiante de que, se Feely fosse fazer uma prova surpresa sobre o assunto, passaria com louvor. Já eu continuei tão despreparado emocionalmente para lidar com meus hormônios em fúria quanto estava naquela manhã.

28 de agosto de 1999

A banshee de Ballylaggin

LIZZIE

— Não foi assim que aconteceu — Gibsie reclamou quando Patrick concluiu sua versão de uma história de terror local. — Que monte de baboseira!

Estávamos acampando no jardim do número quatro de Avoca Greystones e os meninos estavam tentando nos aterrorizar com histórias assustadoras e contos macabros.

Mas eu estava secretamente confiante de que nada do que inventassem poderia me abalar tanto quanto o comportamento da minha irmã aquele verão.

Durante muito tempo, eu pensava que era a única que tinha problemas na nossa família, mas desde que Caoimhe tinha voltado de Liverpool, ela vivia me provando o contrário. Passou a maior parte do verão enfurnada no quarto chorando e, quando não estava chorando, estava gritando com os nossos pais sobre a injustiça da sua vida.

Dizia que tinha mais de dezoito anos e merecia receber o namorado em casa quando quisesse. Só que, desde que ela caiu em desgraça com o nosso pai, logo percebeu que a vida de privilégios que ela conhecia desde sempre era exatamente isto:

apenas um *privilégio*. E estava tendo que lidar com a dura e terrível lição de que privilégios podiam ser revogados a qualquer hora.

Além do namorado estar proibido de botar os pés na nossa propriedade, ela também teria que repetir o sexto ano na escola pública, enquanto Mark repetiria o último ano na antiga escola deles. Meu pai se recusou a pagar os estudos dela no Colégio Tommen. A decisão dele provocou várias brigas em casa, e eu estava contente por poder passar uma noite fora.

— O Feely contou tudo errado — Gibs declarou, trazendo minha atenção de volta para o presente. Ele arrancou a lanterna do Patrick para se iluminar antes de continuar: — Eu sei a verdadeira história de Grainne Ní hÓigáin, também conhecida como "a banshee de Ballylaggin".

— Conta pra gente, Gerard — Claire o incentivou, se aproximando do irmão, amedrontada.

— Diz a lenda que Grainne era uma bruxa — ele começou, fazendo uma voz assustadora para dar um efeito especial. — Os habitantes da cidade sabiam que ela mexia com ocultismo, mas, naquela época, muitas pessoas na Irlanda praticavam o paganismo e adoravam sacerdotisas, druidas, espíritos e divindades, então os vizinhos a deixavam em paz. Não encanavam com ela, desde que ela não praticasse sua feitiçaria neles.

— Mas ela não fez isso, né? — Claire o interrompeu, enlaçando o braço no Hugh. — Ela fez algo ruim, né?

— Mais que ruim — Gibsie confirmou solenemente. — Em uma noite de lua cheia, no sexto dia do sexto mês, Grainne tirou seis crianças de suas casas e as afogou no rio Ballylaggin.

— Por quê? — perguntei, intrigada, porque a versão dele era bem mais macabra que a do Patrick. — Por que ela afogou essas crianças?

— Porque queria ter o dom da vida eterna e fez um acordo com o demônio pra conseguir o que queria — Gibsie respondeu em um tom sinistro. — E o preço do demônio era o sangue de seis inocentes.

— Isso mesmo — Patrick comentou, tão interessado na história quanto nós. — A sua versão é bem melhor, Gibs.

Com um sorrisinho presunçoso, Gibs continuou:

— Quando os pais das seis crianças acordaram e viram que elas não estavam na cama, a cidade virou um caos. Equipes de busca foram formadas e todos saíram procurando as crianças desaparecidas.

— Caraca... — Hugh murmurou, esfregando a mandíbula. — Que aula, Gibs!

— E, quando as crianças mortas finalmente foram encontradas às margens do rio, os seis corpos estavam sem coração!

— Puta merda! — Claire exclamou, apavorada e de olhos arregalados. — A bruxa comeu o coração delas?

— Pior — Gibsie respondeu. — Ela levou os corações pra casa pra oferecer no seu altar profano.

— Foi assim que os moradores descobriram quem tinha matado as crianças? — perguntei, me aproximando do outro lado do Hugh. — Porque acharam os corações na casa da Grainne?

— Exatamente — Gibsie respondeu, apontando a lanterna para mim antes de colocá-la sob o queixo. — Assim que os moradores de Ballylaggin descobriram que tinha sido a Grainne, ficaram furiosos.

— O que eles fizeram?

— Pediram ajuda pra outra bruxa — Gibsie falou, nos deixando fascinados com a história. — Uma poderosa sacerdotisa que morava em uma aldeia próxima.

— Pra fazer o quê?

— Os pais das crianças mortas e o resto dos moradores decidiram que a punição deveria ser adequada ao crime. Determinados a infligir tormento em Grainne, eles convenceram a sacerdotisa a lançar uma maldição tão vil, tão desprezível e imoral, que nunca tinha se ouvido coisa parecida antes.

— O que era?

— Achavam que a morte não era castigo suficiente pros crimes de Grainne, não importava quão dolorosa ou lenta ela fosse, então junto com a sacerdotisa os moradores conjuraram uma maldição que a acorrentaria no limbo por toda a eternidade.

— Limbo? — Claire arqueou a sobrancelha. — O que é isso?

— É onde os fantasmas moram — expliquei. — Não ficam no nosso mundo material, mas também não estão no além.

— Exatamente. É um lugar entre os mundos pra onde se vai depois de morrer — Hugh acrescentou, passando o braço em mim e na Claire para nos tranquilizar. — Quando não se está nem na terra, nem no céu ou no inferno... é o limbo.

— Então, naquela noite, quando o sol se pôs ao oeste e a sacerdotisa invocou os poderes de suas divindades pra impor a maldição sobre a bruxa má, os habitantes de Ballylaggin amarraram Grainne Ní hÓigáin a uma estaca na colina em frente à sua casa e a queimaram viva.

— Puta merda, Gibs — Patrick comentou, balançando a cabeça. — Por favor, diz que tem mais.

— Depois da morte dela, pensaram que nunca mais veriam a bruxa. E foi assim por um tempo...

— Até que...?

— Até que, seis anos depois, outras seis crianças desapareceram de suas camas e só foram encontradas na

manhã seguinte no mesmo local às margens do mesmo rio, todas sem coração.

— Ok, o que é isso? — Claire falou com uma voz esganiçada e desesperada. — Já chega.

— Diz a lenda que a sacerdotisa cometeu um erro fatal ao lançar a maldição — Gibsie explicou com uma voz mortalmente fria. — Assim, no sexto dia do sexto mês, a cada seis anos, a bruxa poderia retornar livre pra vagar pela cidade de Ballylaggin, em busca de mais seis crianças.

— Ah, meu Deus, estou toda arrepiada! — falei, me enterrando no Hugh.

— Como ela tinha afogado crianças no rio, foi proibida pela natureza de cruzar as águas, então seu espírito errante ficou aprisionado à terra da cidade onde morreu. A lenda diz que, tarde da noite, quando choros e lamentos preenchem a escuridão, é a Grainne gritando da vida após a morte, revivendo a dor de ser queimada viva.

— Puta que pariu, Gibs — Hugh disse, impressionado. — Essa foi épica, hein?

— Aí está — Gibsie falou, rindo e enfim saindo do personagem, voltando ao seu modo brincalhão. — A *verdadeira* história da banshee de Ballylaggin.

A única coisa que a gente podia fazer naquele momento era lhe oferecer uma salva de palmas.

— Ah, ah, ah! — Gibsie gritou, erguendo a mão. — Quase esqueci!

— O quê? — todos perguntamos ao mesmo tempo.

— Tem mais uma coisa. Uma coisa bem pior — ele sussurrou em um tom sinistro. — Porque, segundo os registros da cidade, um de nós cinco é descendente direto de Grainne Ní hÓigáin. — Ele acendeu e apagou a lanterna para causar um efeito. — Na verdade, uma das nossas casas foi construída bem onde

ficava a casa da bruxa.

— Quem? — Claire perguntou. — Ah, não! Eu sou parente da bruxa?

— Não, Claire, você não é parente de bruxa nenhuma — Hugh falou. — Se bem que tenho lá minhas dúvidas sobre a tia Sarah.

— Cala a boca, Hughie — Claire choramingou. — Estou assustada de verdade.

— Sou eu, né? — Patrick deu risada. — Sou o descendente da maldita banshee.

— Na realidade... — Gibsie disse, direcionando a lanterna para nós até pousá-la em mim. — ...é a nossa víbora local.

— Ah, meu Deus! — Claire berrou, tentando sem sucesso puxar o irmão para longe. — Ela é a bruxa, Hughie.

Eu me dobrei de tanto rir.

— Que legal! Sempre quis ser uma bruxa.

— Por causa da Stevie? — Hugh perguntou, me dando um sorriso malicioso. — Do Fleetwood Mac, né?

— É — concordei, ainda gargalhando. — Adoro a vibe bruxônica dela.

— "Silver Springs"?

Sorrindo, fiz que sim.

— Você lembrou.

Hugh deu uma piscadinha.

— Eu lembro tudo de você, Liz.

— Por que vocês estão rindo? — Claire falou, genuinamente apavorada. — Isso é *terrível*.

— Relaxa, Claire — Hugh disse, também rindo. — É só uma brincadeira.

— E se não for? — ela insistiu.

— Eu prometo não te enfeitiçar — eu disse.

— Meu Deus... — Claire grunhiu, fazendo o sinal da cruz. —

Preciso ir à missa amanhã.

— Gente, estou com medo — Claire declarou várias horas depois, se erguendo do saco de dormir. — Quero entrar.

— Para de agir que nem um bebê — Hugh resmungou, passando o braço no rosto. — Você está totalmente segura.

— Mas e se a banshee de Ballylaggin pegar a gente?

— Ela não pode vir — Gibsie respondeu. — Só vem daqui a quatro anos.

— Jura?

— Juro, ursinha.

— Ok, mas e se a Lizzie pegar a gente?

— Não vou fazer nada — falei, rindo.

— Promete?

— Juro por Deus.

— Está bem. — Claire ficou em silêncio por doze segundos antes de dizer: — E se um urso pegar a gente?

— Em Ballylaggin? — Patrick falou. — Não temos ursos na Irlanda. O máximo que você vai ver por aqui é uma raposa.

— Ou um esquilo.

— Ou um texugo.

— Ou um sapo.

— Ou um ouriço.

— Ou um rato-do-campo.

— Ou talvez uma vaca desgarrada.

— É pouco provável, considerando que estamos fora da cidade.

— Ah, meu Deus, eu não gosto de vacas!

— Você gosta de todos os animais, Claire.

— Normalmente sim, mas não de vacas.

— Não se preocupe. Eu vou te proteger das vacas, Biggzinha.

— E eu? Eu também não gosto de vacas.

— Também vou te proteger das vacas, Gibs.

— Promete, Fe? Promete que vai nos salvar?

— Ah, pelo amor de Deus, vamos parar com isso? — Hugh reclamou. — Vocês estão surtando.

— Não fica bravo comigo, Hughie! Sou mais nova que você, ok?

— Eu sei, Claire. É por isso que você devia ouvir o seu irmão mais velho dizendo que você devia calar a boca e ir dormir.

— Sabem de uma coisa? Se a ursinha não vai ficar, eu também não vou.

— Cala a boca, Gibsie — Patrick falou. — Está tudo bem. Só fecha os olhos e dorme.

— Porra, e se tiver algum rato lá fora? — Gibsie grunhiu. — Não lido bem com ratos.

— É o rabo, né, Gerard?

— É, e a leptospirose, ursinha.

— Credo.

— Não quero ficar doente.

— Eu também não.

— Ah, meu Deus do céu! — Hugh soltou. — Parem de falar, eu imploro.

— Biggzinha, sai do meu saco de dormir!

— Ops, foi mal, Patrick. Não consigo enxergar no escuro. Pensei que fosse o saco de dormir do Gerard.

— Claire! Fica longe do saco de dormir do Gibsie.

— Mas a gente não dorme separado, Hugh. Você sabe disso.

— Não aguento mais. — Bufando feito um urso ranzinza, Hugh saiu do saco de dormir e acendeu a lanterna, iluminando a barraca com uma luz amarela. — Estou fora.

— Não, Hughie, não vai embora — Claire falou para o irmão enquanto eu procurava a minha lanterna e a acendia. — Você está mais perto da porta. Precisamos de você aí pra bloquear os

ratos.

Tarde demais.

O irmão dela tinha desaparecido na escuridão do jardim, armado com seu saco de dormir. Alguns instantes depois, ouvimos a escada da casa da árvore rangendo.

— Pelo menos ele não vai lá pra dentro — Gibsie comentou. — Porque as nossas mães, com certeza, não deixariam a gente dormir aqui fora sem o Hugo Boss.

— Sou mais velho que o Hugh — Patrick disse, ofendido.

— Ah, mas o Hugh que é o *sensato* — Claire explicou, imitando a voz da mãe enquanto se aninhava no saco de dormir com Gibsie. — A mamãe diz que Hughie ficou com toda a sabedoria e eu com a selvageria.

— Estão felizes agora? — perguntei secamente depois que Gibsie e Claire se aconchegaram feito companheiros de ninhada. — Vocês dois são ridículos.

— Já te falei que não consigo dormir sem ela — Gibs disse, abraçando nossa amiga feito um gatinho. — Não é culpa minha.

— E ele me mantém quentinha — Claire acrescentou, dando um bocejo sonolento. — Boa noite, Gerard. Te amo.

— Te amo mais, ursinha.

— É bom você não peidar — Patrick avisou, apontando para Gibs antes de se voltar para Claire. — E é bom você não roncar. — Então se enfiou no saco de dormir e cobriu a cabeça com o travesseiro que devia ficar embaixo dele.

Esperei os outros pegarem no sono antes de sair da barraca discretamente e seguir para a casa da árvore.

Eu não queria dormir em uma barraca com meninos que não eram Hugh Biggs. Uma empolgação me dominou diante da ideia de passar um tempo sozinha com ele.

Quando alcancei o topo da escada e rastejei para dentro da porta da casinha, vi Hugh semideitado no seu saco de dormir, usando a lanterna para ler um exemplar antigo de *As cinzas de Ângela*.

No instante em que pus os olhos nele, uma onda de calor atacou minha pele e meu coração disparou violentamente.

— Oi. Posso ficar aqui com você?

— Oi. — Ele desviou o olhar para mim. — Hum, sim, claro. — Baixou o livro, ergueu o saco de dormir e gesticulou para que eu me aproximasse.

Não hesitei e fiquei encantada quando meus pés gelados se aqueceram instantaneamente com o calor das suas pernas.

— Você está ficando peludo — comentei, sentindo sua pele áspera de pelos contra a minha pele macia. — É estranho.

— Não posso fazer nada — ele disse, se virando para passar o braço nos meus ombros enquanto eu deitava de costas no seu peito. — Está quentinha?

— Uhum. — Assenti, segurei seu braço com as duas mãos e cheguei ainda mais perto. — Bem quentinha.

— Você está bem, Liz?

— Sim, Hugh. — Suspirando de contentamento, me aconcheguei ainda mais. — Esse é o melhor verão da minha vida.

— Sei. — Ele me abraçou com mais força. — Pra mim também.

Sem conseguir conter o tremor de prazer que me percorreu quando ele me puxou para si, virei a cabeça e esfreguei o rosto no seu peito.

— Você me faz feliz. — Respirei fundo e sussurrei: — Você me faz sentir segura.

— É mesmo?

— Uhum.

— Então acho que eu devia te contar uma coisa.

— Ah?

— É sobre a gente.

— O que tem a gente?

Ele ficou em silêncio por um longo tempo antes de falar:

— Ando tendo um pouquinho de dificuldade de ficar perto de você.

Murchei.

— Você quer que eu vá embora?

— O quê? Não, Liz! — Ele me abraçou mais. — Jamais ia querer isso. — Seu nariz tocou minha nuca e ele sussurrou: — Você sabe que eu te amo, né?

— Sei.

— Eu só... é que acho que te amo *demais*.

Meu coração deu um solavanco.

— Demais?

Ele fez que sim atrás de mim.

— Não tem problema. Vou dar um jeito nisso, mas queria que você soubesse que, se eu estiver esquisito, não é culpa sua, ok? Eu só, hum... as coisas andam um pouco confusas pra mim.

— Você sabe que também te amo, né? — sussurrei, fechando os olhos e me obrigando a ser corajosa. — Demais.

Ele não falou nada por um tempo, tanto tempo que comecei a pensar que a conversa tinha se encerrado, pelo menos para ele. Mas então sua mão trêmula cobriu a minha.

A excitação tomou conta de mim e ninguém nunca agarrou uma mão tão rápido quanto eu agarrei a daquele garoto.

Na verdade, eu não estava só segurando a mão do Hugh com todas as forças, eu a apertei com todas as forças.

Com as *duas* mãos.

— Que bom! — Uma risadinha nervosa lhe escapou. — Que

bom que não estou sozinho nessa!

— Definitivamente, não — falei, tremendo.

— Ei, Liz?

— Sim, Hugh?

— Posso te fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você acha que teria problema... se eu segurasse a sua mão? — ele perguntou baixinho, todo inseguro.

— Você sempre segura minha mão, seu besta.

— Sim, mas você acha que teria problema se eu fosse o *único* menino que segurasse a sua mão?

— Não. — Um delicioso entusiasmo me invadiu. — Não teria problema nenhum.

— Certo. — Seu peito se mexeu quando ele soltou um suspiro de alívio. — Que bom!

Houve um longo momento de silêncio até eu ter coragem de falar:

— Lembra aquela vez no meu quarto que você beijou o meu pulso?

— Lembro.

— Eu gostei.

Ele suspirou.

— Eu também.

— Gostei ainda mais daquele dia na caverna das fadas quando você beijou a minha boca — me obriguei a admitir.

Minhas palavras eram pouco mais que um sussurro ofegante.

— Gostou?

— Gostei, Hugh.

A ansiedade estava comendo minhas entranhas porque eu não sabia direito aonde aquilo ia dar, mas eu *tinha* que tentar. *Tinha* que tomar a iniciativa, já que ele claramente *não* ia tomar. Setembro já estava chegando e eu tinha esperado o verão todo

para que ele me beijasse de novo, mas ele não me beijou.

Dei um suspiro trêmulo, me virei de frente para ele e sussurrei:

— E acho que você devia repetir.

— Liz...

— A não ser que você não queira — acrescentei depressa quando vi a incerteza nos seus olhos. De repente, a insegurança me dominou e tentei recuar. — Quer saber? Estou sendo boba...

— Liz...

— Não, não, tudo bem. — Afastei as cobertas e rastejei para longe, sentindo o rosto queimar de vergonha. — Me desculpa, Hugh. Esquece que falei alguma coisa, ok? Eu não devia ter falado...

— Liz, espera, não vai embora...

— Foi uma bobagem, estou sendo boba. Não se preocupa...

— Liz! — Hugh exclamou, dessa vez chamando minha atenção. — Volta aqui.

Soltando um suspiro trêmulo, me aproximei e me sentei de joelhos.

Sem dizer uma palavra, ele pegou minha mão e a levou aos lábios. Mantendo os olhos em mim, ele a virou e beijou as cicatrizes do meu pulso.

Perdi o fôlego e pensei que meu coração fosse explodir. Enquanto eu tremia violentamente, ele espantou minha vergonha com seus beijos. Porque aquelas cicatrizes nos meus pulsos retratavam as partes mais feias da minha mente. Mas o Hugh beijou cada uma delas como se fossem lindas. Como se *eu* fosse linda. Como se eu ainda fosse *eu*.

Incapaz de me conter, me aproximei, querendo me aconchegar nele, querendo lhe dar todos os meus pedaços quebrados e ver se ele conseguia fazer um milagre e me

consertar. Porque, em noites como aquela, quando minha mente se aquietava e meu coração batia forte, ele me fazia acreditar que eu conseguiria.

— Quero te beijar — ele declarou com os olhos cravados nos meus. — Mas preciso te fazer uma pergunta antes.

— Hum, ok — falei, com o peito subindo e descendo depressa.

— Você é minha melhor amiga, Liz, e não quero que isso mude — ele disse com cuidado, nervoso. — Mas eu não te amo só como amigo mais. — Ele olhou para as nossas mãos juntas e limpou a garganta. — Te amo como um namorado ama a namorada.

— Sério?

— Sério. — Ele fez que sim devagar. — Então estava pensando se você poderia me amar como minha namorada.

— Eu já te amo assim — respondi, sem conseguir conter o sorriso que se espalhou pelo meu rosto. — Sempre te amei assim.

Ele me observou com olhos esperançosos.

— Sério?

Assenti vigorosamente.

— Sempre.

— Ah, graças a Deus — ele disse, soltando um enorme suspiro. — Porque eu queria te pedir em namoro desde 1994 e acho que não aguento esperar nem mais um dia.

— E eu estava esperando pra dizer sim desde 1994 — falei, dando risada e explodindo de felicidade. — Você está me pedindo agora pra eu enfim poder dizer que sim?

— Estou, Liz. — Ele assentiu, também rindo. — Estou te pedindo agora. — Ele balançou a cabeça, me olhou bem nos olhos e falou: — Quer ser minha namorada?

Até que enfim.

— Sim! — Abri um sorriso radiante. — Quero.

Ele também sorriu.

— Obrigado.

— De nada.

— Então é isso.

— É isso.

— Então você é minha namorada.

— Sim, e você é meu namorado.

— Com certeza.

— Uau!

— Pois é.

— Você quer... me beijar agora?

— Com certeza, quero te beijar, Liz. Se você quiser que eu te beije...

— Com certeza, Hugh.

— Ok. — Com o coração batendo forte, prendi o fôlego quando meu melhor amigo colocou meus braços no seu pescoço e me puxou para perto. — Então lá vai.

PARTE 12

Novos milênios

31 de dezembro de 1999

Celebre como se fosse 1999

HUGH

— Para de roubar.

— Não estou roubando.

— Está, sim. Você não pode se esconder na mansão, Claire. Tem que completar as missões *de verdade*.

— Eu te falei pra não dar a missão pra ela — resmunguei da cama. Atirei uma bola de rúgbi no alto e a peguei de volta enquanto minha irmã e Gibsie brigavam pelo controle do meu PlayStation. — A Claire fica brincando com o mordomo em vez de completar as missões.

Era véspera de Ano-novo e os meus pais estavam indo com Sadhbh e Keith para a festa da Catherine e do Mike na Old Hall House. Nossos pais tinham feito uma vaquinha para pagar uma boa grana para Caoimhe, senão até parece que ela toparia abrir mão da última noite do milênio para ficar com a gente.

Nossa, até meu pai deu um jeito de ressuscitar das profundezas do desespero para sair com minha mãe. Claro que era temporário. Se aprendi alguma coisa nos últimos quatro anos era que meu pai tinha desenvolvido uma atitude meio "preparar, apontar, parar" em relação à vida. Às vezes, ele

tentava, mas quase sempre desistia. Minha mãe e minha irmã acabaram se acostumando com esse padrão — e até o aceitavam. Mas eu não. Eu sabia que o homem de antigamente nunca quebraria suas promessas. O pai que eu conheci daria uma surra no pai de hoje.

— Não é à toa que o jogo se chama *Tomb Raider II* — Gibsie grunhiu, me trazendo de volta ao presente e perdendo a batalha pelo controle. — Porque ela saqueia tumbas, Claire. Não armários de cozinha.

— Estou explorando o cenário, Gerard — ela se defendeu, bufando com a língua no canto da boca, concentrada em trancar o mordomo no congelador. — E é a minha vez, gente. Posso fazer o que eu quiser.

— Te falei — brinquei, me sentindo validado. — É pior que quando ela joga GTA e para o trânsito no sinal vermelho.

— Sinal vermelho significa que é pra parar, Hugh Andrew Biggs.

— Não no universo alternativo dos jogos, Claire Bridget Biggs.

— Ah, cara, olha só pros peitos da Lara Croft — Gibsie disse, dando risada com a boca cheia de pipoca, apontando para a tela da TV portátil. — Faz ela pular de novo, ursinha.

— Gerard! Não fala "peitos".

— Dá pra dar zoom? — ele perguntou, passando o braço por ela para mexer no controle. — Chega mais perto.

— O quê? Ei... não! Para de olhar pros peitos da Lara.

— Por quê?

— Porque não é legal.

— O Hugh olha pros peitos dela.

— Não ligo se ele olha pros...

A campainha estridente ecoou pelo ar, trazendo uma descarga elétrica direto no meu coração.

Joguei a bola de rúgbi na cama, me levantei de um salto e corri para a porta do quarto, ignorando Gibsie me pedindo para trazer mais doces da cozinha.

Ele tinha dois pés perfeitamente funcionais.

Quando alcancei o corredor e ouvi a voz familiar dela, a vibração que eu sentia no peito se transformou em choques intensos por todo o meu corpo.

Finalmente.

Passei a noite toda olhando o relógio. Felizmente, consegui descer dois degraus por vez sem quebrar o pescoço. Pulei do penúltimo, saí deslizando pelo chão de meia e só parei quando estava pressionando a mão no vidro fosco da porta da frente.

— Belos movimentos, namoradinho — Caoimhe brincou, sorrindo para mim. — Foi um deslizamento digno de uma cena de *Negócio arriscado*.

Franzi a testa, confuso.

— Hã?

— Referência dos anos oitenta, garoto. Deixa pra lá — ela falou, rindo e dando um passo para o lado para dar espaço para a única menina capaz de conjurar eletricidade na própria mente e dispará-la para mim.

Ela havia acabado de fazer isso.

Liz sorriu para mim com os olhos brilhando de alegria, e tive que conter um gemido. Olhar para ela estava ficando cada vez mais complicado, porque com a idade vinha a beleza, e com a beleza vinham os hormônios, e com os hormônios vinham os desejos. Apesar de eu estar tentando disfarçar, eu andava sentindo desejos bem fortes direcionados apenas para aquela garota.

A minha garota.

— Oi, Hugh. — Ela pegou minha mão e se colocou ao meu lado depressa. Meu corpo ardeu quando sua pele tocou a

minha, e precisei segurar a tremedeira. — Obrigada por me convidar pra dormir aqui.

— Você sempre pode dormir comigo, Liz — respondi, nervoso. — Quer dizer, você sempre vai ser bem-vinda aqui.

Normalmente, eu esperaria minha mãe ir embora, mas aquela noite disparei para o andar de cima com minha namorada.

Pode me chamar de rancoroso, mas eu não tinha intenção nenhuma de dar tapinhas na cabeça do meu pai e lhe dizer que ele era um bom menino por estar se esforçando. Pois no fundo eu sabia que ele levaria meses para repetir tal esforço.

— Espera — Liz sussurrou, me puxando para longe da porta do meu quarto antes que eu pudesse abri-la. — Está com o seu celular?

— Sim. — Enfiei a mão no bolso e peguei o Nokia 3210 que eu tinha ganhado de Natal. — E você?

— Sim — Liz respondeu, pegando o meu aparelho e me entregando o dela.

— Sabe, nossas mães provavelmente compraram esses presentes juntas — comentei, salvando meu contato na lista da Liz enquanto ela fazia o mesmo. — Claire e Gibs ganharam o mesmo modelo que a gente.

— Provavelmente — ela falou, dando risada e destrocando os celulares.

Sorrimos um para o outro enquanto guardávamos os aparelhos.

— Te ligo amanhã.

— Não se eu te ligar primeiro — Liz retrucou, dando uma piscadinha.

— Beleza. — Balancei a cabeça, rindo e entrando no quarto. — Mas é melhor ser rápida, porque Deus ajuda quem cedo madruga.

— Espera — ela disse, segurando minha manga e me puxando para perto. — Tenho uma coisa pra você.

— Mas você já me deu o seu número...

Minhas palavras foram interrompidas quando seus lábios se pressionaram nos meus. Seus braços envolveram o meu pescoço, trazendo meu corpo para perto, e cedi facilmente.

Porque eu sentia *tudo* por aquela garota.

Bastava ela colar a boca na minha e todos os nervos do meu corpo ficavam malucos. Liz tinha um talento impressionante de deixar meu corpo em caos absoluto, me impedindo de formar um pensamento coerente.

Quando ela finalmente se afastou, eu estava com um problema terrível na cueca e com o chiclete dela na boca.

Suas pupilas estavam quase pretas de tão dilatadas. Eu só podia supor que as minhas também estavam assim.

— Sua irmã não vai me deixar te beijar depois — ela explicou, ainda ofegante por conta da avalanche que tinha provocado em mim. — Então achei que era melhor te beijar agora.

Tinha razão.

Minha irmã surtou quando ficou sabendo de nós dois. Até parou de falar com a gente, só que o gelo não passou de umas semanas.

Liz ficou arrasada, mas eu fiquei exultante com a paz e a tranquilidade daqueles dias.

Elas tinham se entendido, mas o namoro ainda era um assunto doloroso para a minha irmã, e, por causa disso, Liz fazia de tudo para não encostar em mim quando Claire estava perto. A gente era discreto, e a Liz nem segurava minha mão se minha irmã estivesse olhando.

Eu ficava puto, mas não podia negar que adorava nossos beijos escondidos.

Liz ergueu o braço e passou o dedo pelos meus lábios antes de resgatar o chiclete da minha boca e enfiá-lo de volta na dela.

— Tem o seu gosto. — Ela deu uma piscadinha. — Meu sabor favorito.

Caralho.

Sorrindo, ela deu um tapinha no meu rosto e passou por mim saltitando.

— Oi, gente — ela disse, abrindo a porta do quarto e se juntando aos nossos amigos.

Enquanto isso, fiquei parado no lugar por dez minutos inteiros, tentando desesperadamente me acalmar.

— Por que você tem que ir? — Claire resmungou uma hora depois, segurando a mão do Gibsie. — Não me abandona no fim do milênio, Gerard — ela implorou, não arredando os pés do chão quando ele tentou ir embora. — E se o mundo acabar?

— Ursinha, você tem que me soltar — Gibsie disse, dando risada e segurando o batente da porta. — Johnny está lá fora me esperando.

— E daí? — ela falou, estreitando os olhos. — Eu sou a sua ursinha.

— Eu sei — ele tentou acalmá-la. — E vou voltar pra você de manhã, ursinha.

— Nãoooo — ela choramingou. — Se você for, vou ficar sozinha com esses dois. — Fez uma pausa para olhar feio para nós e continuou: — Vou ficar solitária.

— Ei, olá! — Feely, que tinha chegado logo depois da Liz, interveio do pufe. — E o que eu sou? Cocô de cachorro?

— Ops, foi mal, Patrick — Claire disse, toda vermelha. — Esqueci que você estava aí.

— Legal. — Ele revirou os olhos. — Bem legal.

— Te ligo assim que der meia-noite — Gibsie prometeu, se soltando. — Te amo. — Ele soprou um beijo para ela e saiu do quarto. — Você continua sendo minha melhor amiga, ursinha.

— Sei. — Ela soltou um suspiro dramático e se jogou no colo do Feely, cruzando os braços. — Odiei isso.

A cena me fez revirar os olhos enquanto minha namorada dava risada.

— Claire, ele pode ter outros amigos.

— Não pode, não.

— Oun, qual o problema, Biggzinha? — Feely perguntou, dando atenção para a rainha do drama. — Está com saudade do seu amiguinho?

— Estou, porque agora ele vive na casa do Johnny — Claire falou, balançando os cachos selvagemente. — Viajando com a família do Johnny, dormindo na casa do Johnny, jogando rúgbi e saindo e... *treinando*. — Ela revirou os olhos e fingiu vomitar. — Me dá nojo, Patrick. De verdade.

— Não me diga que você está com ciúme do Johnny Kavanagh.

— Não estou com ciúme dele — Claire se defendeu, com as bochechas corando. — Estou zangada com ele. Ele roubou meu melhor amigo.

— Quer se acalmar? — falei, cansado demais para lidar com aquele drama. — O Gibs está dormindo aqui toda noite desde o Natal e passou o dia todo com você.

— E onde ele está agora, hein? Em uma festa com Johnny Kavanagh, isso sim. E sabe o que o Johnny Kavanagh faz nas festas? Ele beija meninas, é isso o que ele faz. Várias meninas. De língua.

— Eles não estão numa festa — Feely comentou, tentando acalmá-la. — Estão na casa do cap.

— Exatamente — concordei.

— Cap? — Ela estreitou os olhos. — Por que vocês chamam ele assim? — Ela olhou para nós inocentemente. — O garoto vai capar alguém?

— Isso mesmo, maninha. — Dei risada. — É por isso.

— Não, Biggzinha — Feely disse, claramente com pena da minha irmã. — A gente chama o Johnny assim porque ele é o nosso capitão.

— Do quê? Do navio imaginário de vocês? — Lizzie brincou, rindo. — Já estou vendo: Capitão Fantástico e seu bando de fãs.

— Capitão do nosso time de rúgbi — Feely falou. — Ele é bom, Víbora.

— Bem, aposto que esse cap está fazendo Gerard treinar bastante, o que é uma besteira porque ele só gosta de rúgbi porque o *Johnny* gosta. — Claire bufou antes de perguntar: — Ei, vocês têm certeza que eles não foram pra uma festa?

— Se o cap e o Gibs tivessem ido pra uma festa, a gente também estaria lá — Feely respondeu, dando tapinhas na cabeça dela.

— Com certeza — concordei. — E bem longe do seu draminha.

— Bem, se Johnny Kavanagh arranjasse o próprio melhor amigo, eu não estaria tão chateada — falou, comicamente magoada. — Por que é que ele tinha que escolher o *meu* melhor amigo?

Essa era uma pergunta que confundia bastante a nossa turma. Em setembro, quando Johnny Kavanagh apareceu no primeiro dia de aula da sexta série, se encantou imediatamente pelo Gibsie, e eles ficaram inseparáveis desde então.

Nenhum dos caras da escola entendia por que alguém como Johnny ia querer andar com Gibsie.

Mas eu entendia.

Gibsie era o melhor amigo que alguém poderia ter. Era leal,

confiável, tinha a personalidade mais incrível da escola toda e se importava pra caralho com as pessoas que amava. Eu e Feely sabíamos que amigos como Gerard Gibson não se encontravam em cada esquina, e eu ficava feliz pelo Johnny também ter percebido isso.

Eu nunca admitiria em voz alta porque não queria deixar o cara constrangido, mas estava satisfeito por ele enfim estar se sentindo mais confiante. Eu sempre estaria ao seu lado, independentemente do que acontecesse, mas vê-lo trilhando o próprio caminho e fazendo amigos sozinho me deixava muito orgulhoso. Porque Johnny Kavanagh era amigo *dele*. Sim, nós quatro nos sentávamos juntos no almoço, e eu e o Feely também considerávamos Johnny nosso amigo, mas todo mundo sabia onde morava a lealdade do cap.

Com o nosso Gibs.

— No que você está pensando? — Lizzie perguntou, sorrindo para mim. — Você está com um sorriso enorme no rosto.

— Em nada — respondi, sem parar de sorrir. — Só estou feliz.

1º de janeiro de 2000

Bom demais para ser verdade

LIZZIE

Durante muito tempo, programei meu coração para esperar tristeza. Atribuí isso ao fato de eu ter uma mente instável e ter aprendido desde cedo que tudo é temporário.

Tanto as coisas boas quanto as ruins.

Não importava quanto tempo algo durasse, nunca seria permanente.

Eu sabia disso e, *mesmo assim*, me deixei ser iludida por uma falsa sensação de segurança.

Permiti que meu coração enganasse a minha mente.

Por meses, me permiti acreditar que tinha virado a página, que a vida não seria mais tão difícil.

Eu tinha o melhor namorado do planeta Terra.

Tinha os melhores amigos.

Tinha uma mãe saudável.

Tinha um pai que parecia feliz comigo.

Eu estava bem.

Estável.

Não queria mais morrer.

A maré virou aquela manhã quando Sinead me acordou antes

dos outros. Ela pegou minha mão e me levou até a cozinha. Dali, começou a me contar que, durante a festa de Ano-novo na minha casa, minha mãe tinha passado mal.

Por um momento, fiquei congelada, ouvindo a mulher que eu amava como uma segunda mãe explicar que minha mãe *verdadeira* havia sofrido um ataque cardíaco.

Sinead disse que minha mãe estava se recuperando bem, mas que, quando fizeram alguns exames no hospital, um dos exames detectou uma mancha.

Ela não precisou dizer mais nada depois disso.

Eu já sabia o que significava essa tal mancha.

A doença voltou.

— Você não pode pensar assim, querida — ela tentou me consolar assim que verbalizei meus pensamentos em voz alta. — Nada foi confirmado ainda. Não enquanto o resultado da biópsia não chegar.

— Mas os médicos estão achando que a doença voltou — insisti, enxugando os olhos com a manga do pijama. — Não fariam uma biópsia se não achassem isso.

Ela segurou minha mão com uma expressão empática.

— Eles não têm certeza, Lizzie.

— Se a doença voltou, vai matar ela — sussurrei, apertando a mão da Sinead. — Isso não vai parar até matar ela.

— Sua mãe é a mulher mais forte que já conheci — Sinead falou de um jeito tão confiante que quase acreditei. *Quase*. — E se, e é um grande *se*, o câncer voltou, ela vai dar tudo de si pra derrotá-lo. — Ela limpou uma lágrima do meu rosto. — E vou fazer o que puder pra *te* ajudar a lidar com isso.

— Me ajudar? — perguntei, me entregando ao seu toque. — Por quê?

— Porque eu te amo, meu bem — ela disse, dando um sorriso carinhoso. — Aliás, essa família toda te adora, Lizzie

Young, e você não está sozinha nessa. — Ela enxugou outra lágrima. — Não enquanto houver um Biggs nessa cidade.

— Está bem — falei, sendo tomada pelo pavor. Fungando, acrescentei: — Posso ir falar com Hugh agora?

— Claro que pode. — Ela me puxou para um abraço apertado e deu um beijo na minha cabeça até se afastar e dar um sorrisinho. — Vai lá pra cima falar com o meu filho, querida.

Com as pernas bambas, disparei para a escada e quase não consegui chegar ao topo sem cair. Eu não conseguia respirar. Não conseguia andar direito. Tudo estava girando. Tudo estava desmoronando de novo.

Prendi o fôlego para me impedir de gritar e entrei no quarto do Hugh com a mão na boca. Tropecei no Patrick, que estava dormindo no chão, e cambaleei até a cama, só parando ao estar com Hugh.

— Liz? — Sua voz rouca encheu meus ouvidos enquanto ele piscava. — O que foi? — Notando minha cara, ele se sentou no colchão e estendeu a mão para mim. — O que aconteceu, Liz?

— Hugh!

Incapaz de aguentar mais um segundo, me joguei nele e desmoronei nos seus braços. Porque *aqueles* braços eram os *únicos* que nunca me abandonavam.

1º de janeiro de 2000

Ela tem ele, mas você tem a mim

HUGH

A primeira coisa que notei quando paramos na frente da Old Hall House era um conhecido carro que *não* devia estar ali.

A forma como Lizzie apertou minha mão ao ver o carro me garantiu que estávamos pensando a mesma coisa.

Que porra ele está fazendo aqui?

Mark Allen estava proibido de botar o pé naquela propriedade desde o verão. Desde que Mike percebeu que Mark tinha engravidado a filha adolescente e a levado para a Inglaterra para fazer um aborto. Além disso, Mike também considerava Mark o responsável pela reprovação da Caoimhe no leaving cert.

Eu sabia que o cretino tinha engravidado a irmã da Lizzie porque ouvi em primeira mão. Não estava bisbilhotando de propósito, mas, quando desci para pegar uma água numa noite em que estava dormindo na casa deles, ouvi Catherine e Mike conversando sobre o assunto. *Em detalhes.* Voltei para minha cama improvisada no chão do quarto da Lizzie, me deitei e não disse uma palavra do que tinha ouvido aquela noite.

Nem para a Liz.

Então por que, depois de meio ano de gelo no Mark, Mike estava na varanda abraçando o *cara*?

— Ele voltou... — Lizzie sussurrou, segurando minha mão com mais força. Fungando, ela se virou para mim de olhos arregalados e marejados. — Por que ele voltou, Hugh?

— Não sei, Liz — falei, colocando sua mão no meu colo.

Apesar de entender que o luto provocava reações estranhas nas pessoas, aquilo era bizarro.

— Se comporta, Hugh — minha mãe disse do banco do motorista. Soltou o cinto e se virou para mim com uma expressão severa. — Estou falando sério.

Estalei a língua e engoli a frustração, observando minha mãe descer do carro e ir até Caoimhe, Mike e o cretino.

— Olha pra mim — eu disse, voltando a atenção para a minha namorada. — Liz, olha pra mim.

Ela me olhou com relutância.

— Diz pra eles que vou ficar com você — instruí, apertando sua mão. — Quando a gente for lá, diz que você quer que eu fique.

— Eu *quero* que você fique — ela confirmou, soltando o cinto e se aninhando no meu colo. — Não quero ficar aqui sem você.

— Eu sei — falei, abraçando-a. — Só preciso que minha mãe ouça você dizer, senão ela vai achar que estou me metendo onde não fui chamado.

— Eu *quero* que você se meta — ela disse, abraçando meu pescoço com tanta força que fiquei até meio tonto. — *Sempre* que minha mãe fica doente, Caoimhe pode receber ele. — Ela segurou um soluço de choro. — Vai acontecer de novo. Meu pai vai sair e vou ficar sozinha.

— Não vou deixar isso acontecer — prometi, abraçando-a. — Ela tem ele, mas você tem a mim.

Segundo Mike, as coisas não estavam indo muito bem no hospital, e uma das enfermeiras sugeriu que as filhas visitassem a mãe. Caso o pior acontecesse.

Minha mãe deixou a família no hospital e combinou com Mike que eu poderia passar aquela noite lá, para estar com Lizzie quando ela chegasse em casa.

Foi assim que me vi sentado na frente de Mark Allen na sala da Old Hall House, esperando as irmãs voltarem.

Ele estava na poltrona do lado esquerdo da lareira, e eu estava na poltrona do lado direito.

Fiquei tamborilando os dedos, encarando o babaca diante de mim, silenciosamente desafiando-o a dizer alguma coisa. Eu nunca tinha pensado muito sobre cores de olhos antes, mas depois de fitar seus olhos desalmados por mais de uma hora fiquei feliz pelos meus serem castanhos e os da Lizzie azuis, porque aquele canalha estragou os olhos verdes para mim.

Havia um atiçador de fogo ao alcance da minha mão direita, e eu não pensaria duas vezes antes de enfiá-lo no rabo daquele canalha se ele falasse merda.

Bastava uma palavra.

Só isso.

Como sempre, ele não se mostrava nem de longe tão valente comigo quanto era perto do Gibs. Era como falei para os nossos pais mil vezes: Mark era um bully de merda, e bullies não passam de covardes.

Ele sabia que eu estava de olho. Dava para ver pelo nervosismo com que desviava o olhar toda vez que ousava olhar na minha direção e me encontrava encarando-o fixamente. Dava até para sentir o cheiro da insegurança emanando dele.

Para piorar o lado dele, eu o estava alcançando no quesito altura. Ele tinha dezoito anos e eu não tinha nem completado

treze ainda, mas tínhamos menos de três centímetros de diferença.

— Dá licença? — Mark enfim quebrou o silêncio tenso que pairava sobre nós. — Quer parar de me encarar desse jeito?

— Se não está gostando, pode ir embora — falei, mantendo os olhos cravados nele de propósito. — Você sabe onde fica a porta.

— Ah, bem que você adoraria, né? — ele resmungou. — Você e a sua irmã mal podem esperar pra me ver fora daqui.

— Porque sabemos julgar bem as pessoas — eu disse secamente. — Ao contrário dos outros.

— O que quer dizer?

— Quer que eu soletre?

— Qual é a porra do seu problema comigo, Biggs? — ele perguntou, perdendo a calma. — Nunca te fiz nada, mas você parece determinado a me perturbar sempre que pode.

— Não gosto de você. Não te suporto, pra falar a verdade. Não suporto a sua cara, o seu jeito de falar, de pensar, de dirigir, de se portar. Tudo em você me enoja. — Me recostei na poltrona e o medi, de cara feia. — Sem falar que você é um bully sádico e patético e se diverte atormentando uma criança que viu com os próprios olhos o pai e a irmã se afogando. — Estreitei os olhos. — Eu estava presente no dia no barco, seu babaca, e no enterro também. E lembro de *tudo*. Principalmente do *sorrisinho* na sua cara quando meu amigo estava se despedindo do pai, que, por um acaso, também é *meu* padrinho.

— *Era* seu padrinho — ele me corrigiu com uma expressão cruel. — Joe Gibson é passado.

Em vez de perder a cabeça, apenas sorri, o que só o deixou confuso.

— É assim que você faz? — perguntei, rindo baixinho. — É

assim que você provoca as pessoas? Mira nos parentes mortos? — Ri de novo, me deleitando com a forma como seu rosto ficou vermelho. — Meu Deus, você é ainda mais patético do que eu imaginava.

— Ah, é? — Ele se sentou na ponta do assento, apoiou os cotovelos nas coxas e estreitou os olhos verdes, me desafiando. — Bem, eu poderia te falar uma ou duas coisinhas que arrancariam o sorrisinho da sua cara.

Eu o imitei, me sentando na ponta da poltrona e apoiando os braços nas coxas.

— Manda ver.

Mark abriu a boca, mas mudou de ideia e balançou a cabeça.

— Nah. Não vale a pena.

Gargalhei.

— Você é um covarde.

— Você sabe que estou no sexto ano e você na sexta série, né? — ele grunhiu, olhando feio. — Eu poderia te partir ao meio se quisesse.

— Não se preocupa com os meus estudos — falei, sem parar de rir. — Tenho certeza que, quando eu estiver no sexto ano, você vai estar pronto pra terminar a escola.

— Você se acha tão esperto... — ele sibilou, cerrando os punhos. — Grava o que tô dizendo, Biggs: um dia, quando você for adulto, eu vou atrás de você e vou enfiar uma bala na sua cabeça.

— Ah, é? — Ainda sorrindo, cravei os olhos nele e disse: — Ou quem sabe, um dia, quando eu for adulto, eu que vou atrás de você e enfio uma bala na sua cabeça.

PARTE 13

Turbulência desconhecida

3 de março de 2000

De volta com força total

LIZZIE

Tudo estava de volta.

O câncer da minha mãe.

O namorado da minha irmã.

O mau humor do meu pai.

A voz da moça assustadora na minha cabeça.

O monstro nos meus pesadelos.

A vontade de cortar os pulsos.

Tudo.

Minha mãe tinha voltado para casa depois de duas semanas do infarto com mais uma cirurgia na conta e uma nova batalha para travar.

Meus pais se sentaram comigo e Caoimhe para explicar onde o câncer estava alojado dessa vez, dizendo que os médicos estavam otimistas de que ela o venceria de novo. Mas eu desliguei.

Não queria saber.

Não queria ouvir uma palavra sequer.

Porque essa palavra fazia a minha pele se arrepiar.

Minha casa não parecia mais o lar de antes. Havia uma

tristeza no ar que não estava ali no verão. Eu sabia que meus pais estavam se esforçando para aliviar a pressão em mim e na Caoimhe. Praticamente deixaram o Mark se mudar para lá para apoiar a minha irmã, que não estava lidando bem com o diagnóstico, e nunca me impediram de receber meus amigos ou de passar os fins de semana em Avoca Greystones.

Mas nada disso estava ajudando.

Eu queria estar em qualquer outro lugar que não a minha casa, o que me deixava mal, porque sabia que devia querer passar o máximo de tempo possível com a minha mãe. Pois, se o câncer a vencesse, eu não teria outra chance.

Não teria mais minha mãe.

Não teria mais lar.

A única luz na escuridão era o garoto com olhos de uísque e um sorriso que curava as partes que o remédio não era capaz de curar.

Ao contrário de mim, Hugh não tinha medo de passar tempo na minha casa ou de ficar com a minha mãe. Em vez disso, ele mergulhou de cabeça no caos, sempre pronto para ajudar, sem nunca se abalar com o corpo esquelético dela durante o tratamento.

Quando eu não podia ir à casa dele, ele sempre vinha com um presente para ela: um livro da biblioteca ou uma flor do jardim do Velho Murphy. Nunca chegava de mãos vazias.

Depois de um tempo, achei que ela esperava as visitas dele tanto quanto eu. Principalmente nos dias em que não conseguia se levantar. Hugh me levava para o quarto dela e a gente se sentava na cama para contar tudo o que estava rolando nas nossas vidas.

Daí descobriram que minha mãe tinha desenvolvido diabetes, e foi Hugh quem se sentou com ela quando a enfermeira domiciliar lhe mostrou como aplicar a insulina.

Com Hugh, tudo na minha vida parecia estável. Era como se ele tivesse meu mundo nas mãos e o obrigasse a parar de girar, me dando um tempo para recuperar o fôlego e me recompor.

As noites durante a semana eram as piores, pois eu tinha que dormir na minha própria cama sem ele para afastar a escuridão. *Para impedir os pesadelos*.

Então eu rezava para o fim de semana chegar, para que eu pudesse ter um alívio temporário da tortura implacável que sofria durante os sonhos.

— Você está muito quieta hoje — Hugh me falou no ônibus na sexta-feira. — O que está pegando?

— Hã? — Olhei para o seu belo rosto e sorri. — Você é tão lindo!

Minhas palavras fizeram suas bochechas ficarem vermelhas feito um pimentão.

Era tão fofo!

Estendi o braço e passei o dedão pelo seu rosto.

— Estou tão feliz porque a semana acabou!

— Eu também — ele falou com os olhos castanhos fixos nos meus. — No que você estava pensando?

— Quando?

— Liz, você apagou por, tipo, uns vinte minutos — ele disse, rindo. Pegou minha mão do seu rosto e a colocou no seu colo. — No que está pensando?

— Nos Estados Unidos — falei, suspirando e lembrando da conversa que eu tinha tido com minha família na noite anterior. — A gente vai ter que ir pra lá.

— Pra lá? — Seus olhos ficaram confusos, e ele franziu a testa. — Pros Estados Unidos? Quando?

— Em abril — respondi. Tremi conforme ele entrelaçava os dedos nos meus. — Estão testando um novo remédio ou

tratamento e a minha mãe é a candidata ideal — falei, tentando me lembrar do que tinham me contado. — Caoimhe disse que esse tratamento é absurdamente caro, mas que a mamãe tem dinheiro suficiente pra pagar mil tratamentos desses. — Dei de ombros e acrescentei: — As taxas de sucesso também são boas.

— Que maravilha! — Hugh respondeu, parecendo genuinamente animado com a possibilidade.

Já eu estava morrendo de medo de nutrir esperanças.

— Querem que ela comece imediatamente, então ela vai pra lá com o meu pai na semana que vem. Vou ficar em casa com Caoimhe, e a gente vai no mês que vem. Dia seis de abril.

— Quanto tempo vocês vão ficar fora?

— Três semanas e meia, acho — respondi, arrasada só de pensar em ficar longe dele por tanto tempo. — Como vai ter o recesso de Páscoa, a gente só vai perder duas semanas de aula em vez de quatro. Volto no dia primeiro de maio.

— A Catherine vai ter terminado o tratamento até lá?

Dei de ombros.

— Quem sabe?

— Vou ficar com saudade — Hugh disse, e essas palavras fizeram meu coração se partir.

Porque eu não queria ir.

Se tivesse escolha, ficaria bem ali em Ballylaggin com ele. Não a meio mundo de distância com Caoimhe e Mark. Eu sabia que era exatamente isso que ia acontecer. Meu pai passaria o tempo todo com minha mãe no hospital e eu teria que ficar com *eles*.

17 de março de 2000

Ela é só uma amiga, eu juro

HUGH

— Faz ela parar — Feely grunhiu, cobrindo a cabeça com um travesseiro. — Por favor, Hugh, não aguento mais essa porra de música.

Eu também não aguentava.

Fazia menos de uma hora que estávamos jogando PS1 e eu já tinha contado quinze repetições de "Bye Bye Bye", do NSYNC.

— A Claire viu o clipe na MTV e está tentando pegar a coreografia desde então — expliquei, dando tapinhas no controle. — Você sabe que ela fica obcecada pelas coisas, cara. Olha só pro Gibs.

— Bem, se ela não pegar essa coreografia logo, vou dar uma de Van Gogh.

— Não seja tão dramático — falei, dando risada e balançando a cabeça. — Seu idiota.

— Drama vai ser quando eu cortar minha orelha fora — Feely avisou, deixando o controle de lado. — Chega. Não consigo me concentrar no jogo.

— Não é tão ruim assim — comentei, também desistindo do jogo. Afinal, não dava para jogar sem ele. — É melhor que a

fase “My Heart Will Go On”.

— Aff, nem me lembre. — Ele estremeceu. — Sua irmã estragou o filme pra mim. Eu não podia nem curtir os peitos da Rose em paz.

— Cara... — Levei a cabeça para trás e gargalhei. — Ela não era tão especial assim.

— Você está maluco — ele disse, estreitando os olhos. — Aquela mulher era a pura perfeição. Cada partezinha dela. Principalmente o cabelo.

Dei risada.

— Principalmente os peitos, né?

Feely sorriu.

— Também.

— Sabe quem tem peitos lindos? — perguntei. — A Sharon Stone.

— Verdade — ele concordou, pensativo, claramente avaliando as duas. — Mas nada ganha de uma ruiva de peitos grandes.

— Agora é *você* que ficou maluco — retruquei, fazendo cara feia. — É a Sharon Stone, cara. A *Sharon Stone*, porra. — Ergui as mãos para dar ênfase. — Sério, Feely, você tem que admitir que a loira sempre vai ganhar.

— Até parece — ele grunhiu. — A Kate Winslet ruiva é inquestionavelmente deslumbrante.

— Beleza, você fica com a Kate e eu fico com a Sharon.

— Beleza. Pode deixar.

— Que bom! — Também assenti. — Ainda bem que resolvemos essa questão.

Bem nessa hora, “Bye Bye Bye” começou a tocar de novo do outro lado da parede.

— Foi mal, Hugh — Feely disse, seguindo para a porta. — Sério mesmo, mas vou estrangular essa cachinhos dourados

dos infernos!

Dei risada e saí atrás, sabendo que ele ia fazer o oposto disso.

Claire tinha todos os caras na palma da sua mãozinha.

Claro que eles prefeririam engolir vidro a admitir, mas todos viravam gatinhos mansos com a minha irmã.

— O que foi que você *fez* com ele? — Feely disse, visivelmente indignado, parado na porta do quarto da Claire boquiaberto. — Gibs! Para com isso!

Será que eu tinha coragem de olhar?

De verdade?

Será que isso não me deixaria traumatizado para sempre?

Me preparei para a dor e me juntei ao meu melhor amigo na porta. Logo estava repetindo suas palavras:

— O que foi que você *fez* com ele?

Perplexo e horrorizado com a cena diante dos meus olhos, fiquei observando Gibs, Claire e Liz executarem a maldita coreografia em perfeita sincronia.

As meninas estavam cobertas de maquiagem, o cabelo preso em marias-chiquinhas e o mesmo colete rosa.

Pior, tinham puxado tanto o cabelo do *Gibsie* que quase o mataram.

Seus cachos loiros?

Estavam presos em duas marias-chiquinhas grossas, e o colete rosa que enfiaram nele estava todo estirado em protesto.

— Olhem, gente! — Gritando de empolgação, Claire gesticulou para eles. — A gente finalmente conseguiu.

— Vocês estão na Irlanda — eu disse, torcendo o lábio. — Não em Hollywood.

— E você está na sexta série — Feely acrescentou, falando direto com nosso colega de sala, que não estava nem aí de ser pego dançando com as meninas.

Então o enorme gorila passou por elas e assumiu a liderança

para dublar os agudos da música.

Socando o ar com entusiasmo, Gibs *cantou* com todo o coração, executando a coreografia melhor que qualquer um.

Quando terminaram a performance, Claire e Gibs fizeram reverências teatrais, e Lizzie se jogou na cama, gargalhando sem parar.

Sem conseguir esconder que eu estava me divertindo, desencanei e bati palmas para os três patetas. Já Feely correu até o aparelho de som da Barbie e o arrancou da tomada.

— Ei! — Claire resmungou. — Quem disse que você podia tocar no meu rádio?

— É — Gibs interveio, na defensiva. — Quem disse que você podia tocar no rádio dela?

— Deus — Feely respondeu sarcasticamente.

— Mentira.

— E ele também me pediu pra te lembrar que você é velho demais pra ficar brincando de se fantasiar com as meninas!

— Não sou, não.

— Gibs, você tem doze anos!

Ignorei a discussão e me aproximei da garota sentada na cama da minha irmã.

Meu Deus, era tão bom vê-la rindo daquele jeito! Fazia um tempo que ela não fazia isso.

O novo milênio veio com tudo para cima da família da minha namorada, mas, ao contrário do meu pai, que só sabia se esconder, Lizzie saía da cama todos os dias e continuava lutando. Eu não podia estar mais orgulhoso. A maioria dos adultos não tinha um décimo da tenacidade e resiliência que a Liz demonstrava todos os dias.

— Não acredito que me convenceram a entrar nessa — Liz comentou, ainda dando risada. — Quando você me viu de rosa?

— Quando você usou maria-chiquinha? — perguntei, puxando o seu rabo de brincadeira.

— Ah, meu Deus, para com isso. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — Estou parecendo uma idiota.

Contorci os lábios.

— Você está adorável.

— Tudo bem, sou uma idiota adorável — ela retrucou, sorrindo.

— Não, aqueles dois são idiotas adoráveis. — Me apoiei nos cotovelos e inclinei a cabeça para Gibs e Claire discutindo com Feely. — *Você* é adorável. — Restringi minha atenção ao seu rosto. — E nada idiota.

Seus olhos azuis cintilaram de ternura.

— Que bom que você acha isso!

Eu te amo, simples assim.

— Para de me olhar desse jeito, Liz.

Ela ficou de joelhos e chegou tão perto que não restou um centímetro de distância entre nós.

— Assim como?

Contive um gemido.

— Você sabe.

Seus olhos brilharam, travessos, e ela sussurrou no meu ouvido:

— Você quer me beijar de novo, né?

Assenti, fechei os olhos e me esforcei para me controlar.

Calma. Calma. Calma, Hugh.

— Que nem você me beijou no jardim semana passada — Liz continuou me atormentando com seus sussurros. — Ou que nem você me beijou no armário debaixo da escada. — Ela deu um sorriso malicioso e se afastou para ver minha reação. — Você gosta de me beijar, Hugh?

Olhei nervoso para os nossos amigos antes de acenar a

cabeça.

— Você sabe que eu gosto.

— Hum. — Ela pegou minha mão discretamente. — Então faz de novo.

— Quando? — falei, sentindo muitas coisas de uma vez.

Ela apertou minha mão e sorriu.

— Agora.

Puta merda.

— A gente não pode... — murmurei, sentindo tudo dentro do meu corpo se contrair. Com a mandíbula trincada, gesticulei para a minha irmã. Apesar de não ter problema nenhum em mandar minha irmã ir se foder, eu sabia que Liz não aguentaria outra briga. — Ela está bem *aqui*.

— Ah, caramba! — Liz exclamou alto o suficiente para que todos ouvissem. — Esqueci meu celular na casa da árvore! — Ela me lançou um olhar cúmplice antes de descer da cama e disparar para a porta. — Já volto, gente.

Foi tão convincente que até eu quase acreditei.

Quase.

Nossos amigos não deram a mínima, absortos demais na conversa para ligar para celulares perdidos.

Consegui contar mentalmente até dez e então me levantei timidamente. Alonguei os braços para o alto e saí do quarto devagar.

Depois de fechar a porta, desci na velocidade da luz e só parei na porta da cozinha para o quintal, pois minha mãe agarrou a minha camiseta por trás.

— Aonde você vai com tanta pressa, mocinho?

— Eu, hum... eu, hum... eu, hum...

— Você hum o quê? — ela zombou, com as mãos na cintura. — Estava indo se esconder com a sua namorada na casa da árvore, né?

A Sadhbh, que estava na mesa da cozinha, morreu de rir, e meu rosto ficou quente.

— Não sei do que você está falando.

Minha mãe revirou os olhos.

— Aprenda a mentir melhor, filho.

— Eu ia ajudar ela a procurar o celular — falei, na defensiva. — Meu Deus, isso é crime agora?

— Ah, Sinead, pega leve com ele — a mãe do Gibsie disse, dando risada. — Não está vendo que o coitadinho está vivendo o primeiro amor?

— Ela é minha *amiga* — menti entredentes, lançando um olhar homicida para a Sadhbh. — *Só* uma amiga.

Minha mãe arqueou a sobrancelha.

— Você acha que nasci ontem?

— Só uma amiga — Sadhbh repetiu, achando graça. — Os anos passam e as desculpas continuam as mesmas, né, Sinead?

— Eu juro — falei, totalmente vermelho. — Estou sendo um bom amigo e me ofereci pra ajudar a procurar o celular dela.

— Hum... — Minha mãe estalou a língua, desconfiada. — Pois então prometa que é *só* o que você vai fazer, mocinho.

— É, sim — falei por cima do ombro, mentindo descaradamente.

Abri a porta de correr e disparei para fora.

— Por que você demorou tanto? — Liz perguntou quando alcancei o topo da escada. — Pensei que não viesse mais.

— Por causa da minha mãe. — Com o rosto corado, subi o resto dos degraus e deslizei para dentro, fechando a frágil porta. — Ela é uma ameaça. — Soltando um suspiro frustrado, me recostei na porta e grunhi. — Acho que ela sabe.

Liz ergueu a sobrancelha.

— Ela sabe?

— É. — Suspirei de novo e assenti, cansado. — Da gente.

Seus olhos brilharam de empolgação.

— O que tem a gente?

— Fala sério, Liz... — murmurei, sentindo mais calor no pescoço. Dava para sentir meu coração batendo nos ouvidos. Estava tão alto que era ensurdecedor. — Você sabe.

Ela deu risada e rastejou até mim. Só parou quando estava ajoelhada entre as minhas pernas.

— Quem é que está adorável agora? — Sorrindo, ela ergueu a mão e fez carinho na minha bochecha. — Você está vermelhinho.

Sim, acontecia com frequência quando eu estava com ela.

Tentei afastar sua mão, mas de alguma forma meus dedos acabaram entrelaçados com os dela. Seu toque sempre provocava um choque elétrico em mim, e aquele dia não era diferente.

Desviei os olhos para o seu rosto e me deparei com ela me observando com aquele seu olhar intenso.

— Liz...

Suas pupilas ficaram maiores ainda quando ela sussurrou meu nome:

— Hugh...

— Quer conversar um pouco? — sugeri, tentando ser acolhedor. Mas já sabia qual seria a resposta. — Sobre o que você está sentindo por conta do tratamento da sua mãe?

Ela balançou a cabeça.

— Falar é a última coisa que eu quero fazer.

— Tem certeza? — insisti, sem levá-la a sério porque a conhecia melhor do que a mim mesmo, e, quando as coisas ficavam difíceis, ela preferia seguir em frente em vez de analisar seus sentimentos.

Liz chegou mais perto.

— Cem por cento de certeza.

Meu Deus, a expectativa estava me matando, porque eu sabia o que estava para acontecer. *Sabia* que ela ia me beijar, e que não seria suficiente.

O beijo acabaria e daí eu ficaria louco de pensar nela até acontecer de novo. E de novo. E de novo e *de novo*.

No fundo, sabia que nunca enjoaria daquela garota, o que era bastante assustador. Saber que a Liz tinha tanto poder sobre mim me deixava sem ar.

Quando ela se inclinou e seu aroma familiar se infiltrou nos meus sentidos, aceitei que era uma batalha perdida. Não havia cura para o meu vício naquela garota. Eu sempre a procuraria.

Então ela disse "Me beija", e não hesitei.

Me aproximei e pressionei os lábios nos dela.

Era só um beijo.

Um beijo inocente.

Nada além disso.

Mas significava muito *mais*.

Porque parecia que eu estava assinando um compromisso permanente.

4 de abril de 2000

Sr. Responsável

LIZZIE

— Cala a boca e me deixa consertar isso.

— Não, não, não, por favor! — gritei com todas as forças, me contorcendo violentamente para tentar afastá-lo. — Por favor! Por favor, para! Está doendo!

— Para de resistir! — ele esbravejou, enfiando o cabide mais fundo no meu corpo. — Relaxa, ok? Eu sei o que estou fazendo. Vi um vídeo.

— Está doendo! — berrei, puxando e arrancando meu cabelo enquanto a dor ameaçava me engolir. — Estou morrendo!

— Eu que vou morrer se essa sua barriga crescer. — Ele enfiou um travesseiro no meu rosto. — Pelo menos abafa a gritaria se for mesmo necessário...

— Liz! — A voz frenética do Hugh penetrou meus pensamentos. Com a vista turva, fiquei vendo-o pular o sofá na pressa de chegar até mim. — O que aconteceu?

Aturdida e desorientada, olhei em volta, confusa. Eu estava na sala. Como podia estar na sala? Eu estava dormindo.

— Hugh? — Pisquei, procurando-o. — O que você está fazendo aqui?

— Você não estava no ônibus, fiquei preocupado. — Ele se

ajoelhou ao meu lado e segurou o meu rosto. — O que aconteceu, Liz? — Seus olhos estavam selvagens e desesperados, procurando nos meus respostas que eu não podia dar. — Onde estão as suas roupas?

— Minhas roupas?

— Sim, Liz, as suas roupas — ele repetiu, arrancando o suéter da Scoil Eoin e o passando pela minha cabeça antes de enfiar meus braços nas mangas. — Aconteceu alguma coisa com você?

Fiquei olhando para ele, inexpressiva.

— Tipo o quê?

— Sei lá, mas você não foi pra escola hoje e, quando venho te ver, você está deitada sem roupa em posição fetal no chão da sala! — Seus olhos estavam tomados pelo pânico, assim como sua voz. Ele agarrou meus ombros e me puxou para si. — Então estou meio que surtando!

— Eu, hum... a Caoimhe me deixou faltar na escola pra fazer a mala pro Texas. — Balancei a cabeça e tentei organizar os pensamentos zumbindo na minha mente. — Acho que acabei pegando no sono e tive um pesadelo.

— Pesadelo?

— É. — Tremendo bastante, segurei o suéter que ele colocou em mim. — Acho que ele me pegou, Hugh.

— Quem? — ele perguntou, olhando em volta. — Alguém esteve aqui, Liz? — Ele se levantou de uma vez. — Alguém entrou na sua casa?

— Não, aqui não — tentei explicar, pressionando a mão na sobrancelha enquanto a dor me consumia. — No meu pesadelo.

— Continuo achando que eu devia ligar pros seus pais — Hugh declarou vinte minutos depois. — Ou talvez pro seu

médico.

Sentada no sofá com um pijama limpinho, me aninhei no seu colo e enterrei o rosto no seu pescoço.

— Hugh, estou bem, eu juro.

— E a Caoimhe? — ele perguntou, me abraçando. — São cinco e meia. Por que diabos ela não chegou da escola ainda?

— Ela só chega umas oito ou nove horas. Você sabe.

— Bem, pois ela devia estar aqui — ele disse, nervoso. — Ela devia estar cuidando de você, Liz.

— Por favor, não fica bravo comigo — implorei, afundando mais ainda. — Me desculpa por ter te assustado.

— Não estou bravo com você, Liz, estou preocupado — ele esclareceu depressa, dando um beijo na minha cabeça. — Estou furioso é com a sua irmã. Isso não devia acontecer, e vou conversar com ela. Caoimhe não pode te deixar sozinha assim.

— Ela não pode fazer nada por mim. — Suspirei. — Isso sempre acontece.

— Bem, pois não vou sair do seu lado até ela chegar.

Hugh cumpriu a palavra e permaneceu grudado em mim o resto da tarde e noite adentro. Acabamos pedindo pizza com o dinheiro que meu pai deixava na tigela em cima da geladeira e depois nos empanturramos com o sorvete favorito da minha irmã.

Quando Caoimhe enfim chegou, já eram mais de nove horas, e a essa altura Hugh estava quase tendo um ataque. Assim que ela entrou na sala, armada com uma dúzia de sacolas de compras, meu namorado explodiu.

— Que horas você acha que são? — Hugh falou, se levantando de uma vez do sofá. — As aulas terminam às quatro, Caoimhe, não às nove e meia da noite!

— Eita, ok, sr. Responsável — minha irmã disse, confusa. —

Que tal se acalmar um pouco e me contar o que deu em você?

— Vou me acalmar quando você agir de acordo com a sua idade! — Hugh sibilou, andando de um lado para o outro feito um doido. — Você deixou sua irmã sozinha em casa o dia todo, Caoimhe. Sua irmã mais nova de quem você *devia* estar cuidando enquanto seus pais estão fora do país.

— Então é *isso*? — ela questionou, arqueando a sobrancelha, incrédula. — Você está surtando porque deixei a Liz em casa?

— Sim! — ele exclamou, assentindo com firmeza. — Ela teve um *pesadelo*, Caoimhe.

— Ela sempre tem pesadelos, Hugh. E, caso você não tenha notado, minha irmã é mais do que capaz de se cuidar.

— Talvez, mas esse pesadelo foi bem ruim.

— Todos são ruins, cara. Eu sei bem. Sou eu que não consegue dormir à noite com a gritaria dela.

— Isso não está certo, Caoimhe — Hugh continuou reclamando, sem querer ceder. — Isso não está certo mesmo. Você não pode deixar ela sozinha desse jeito!

— Ok, espera um segundo — ela o interrompeu, erguendo a mão e voltando a atenção para mim. — Você está bem, abelhinha?

— Estou, sim — falei, mortificada. — Tive um pesadelo e devo ter descido as escadas sonâmbula. — Olhei para o meu namorado. — Me desculpa mesmo por te deixar chateado, Hugh.

— Você não fez nada errado, Liz — ele disse com uma voz muito mais suave que a que estava usando com a minha irmã. — Só fiquei preocupado, ok?

Assenti, tremendo.

— Ok.

Mas me desculpa.

— Ahhh, pizza! — Caoimhe exclamou, pegando a caixa vazia

na mesinha de centro. — Vocês comeram uma pizza grande sozinhos, seus fominhas?

— Sim, e acabamos com o seu estoque de sorvete de menta com gotas de chocolate que estava no congelador — Hugh declarou, olhando-a sem o menor remorso. Ele estreitou os olhos e acrescentou: — Acabamos com os *dois* potes.

5 de abril de 2000

Menstruação cruel e inocência roubada

LIZZIE

Como íamos pegar o avião para encontrar nossos pais bem cedo no dia seguinte e Caoimhe ia trabalhar de babá aquela noite, ela decidiu que a gente podia faltar na escola para terminar de fazer as malas e limpar a casa.

Fiquei contente com o dia de folga, porque, quando acordei de manhã, estava com uma dor terrível na barriga e nas costas. Quando contei para Caoimhe, ela disse que devia ser cólica e me perguntou se minha menstruação estava para descer.

Falei que não fazia ideia e que não acompanhava o meu ciclo, então ela me deu um paracetamol para dor e me mandou aguentar firme.

Mas o remédio não adiantou nada.

Às três da tarde, eu estava agonizando e mal conseguia ficar de pé. Hugh estava para chegar para passar a tarde comigo.

Daí me arrastei até o quarto da Caoimhe para dizer isso e encontrei um bilhete dizendo que ela tinha ido fazer compras e voltaria na hora do jantar.

Que ótimo!

— Nossa senhora! — Hugh falou ao entrar no meu quarto e

dar uma olhada no meu rosto. — Meu Deus, Liz! — Ele largou a mochila no chão e correu até mim. — Você está bem?

— Me desculpa — eu disse, arrasada por estar me contorcendo de dor justo no último dia que teríamos juntos antes de eu passar o mês inteiro fora. — Eu só... — Suspirando de desespero quando uma pontada de dor atingiu meu ventre, agarrei seu braço e choraminguei. — Preciso ir ao banheiro.

— Aqui, segura meu braço que eu te levo. — Ele me sustentou pela cintura e me conduziu até o banheiro. — Ligo pro médico? — perguntou, todo preocupado. — Porque você não está parecendo nada bem, Liz.

— Não, vou ficar bem — respondi, empurrando-o para fora do banheiro. — Só espera um segundo, ok?

— Ok — ele disse meio em pânico quando fechei a porta na sua cara.

— Liz? Você está bem? Você está aí há vinte minutos.

Ele ficou batendo na porta do banheiro, mas eu não conseguia atender.

Estava assustada demais com o sangue escorrendo pelas minhas pernas.

— Liz, se você não me responder, vou entrar.

— Não, não, não entra — pedi, mordendo o punho quando a dor ameaçou me consumir. — Já vou sair.

Hugh ficou em silêncio por um momento e depois falou:

— Tem certeza?

— Tenho — eu disse, observando o coágulo de sangue do tamanho de uma ameixa que saiu do meu corpo e caiu no chão do banheiro.

Eu não sabia o que era aquilo, mas não era menstruação.

Parecia um aglomerado de veias.

Parecia um monstro.

Aterrorizada, peguei outra toalha no armário e a enfiei no meio das pernas.

5 de abril de 2000

Toalhas ensopadas de sangue e despedidas tortas

HUGH

— Puta merda! — falei, descendo de uma vez do sofá quando Liz enfim saiu do banheiro mortalmente pálida e carregando várias toalhas ensanguentadas.

— Meu nariz estava sangrando — ela disse baixinho, indo para a lavanderia. — Vou ficar bem.

— Não vai, não. — Corri até ela e a segurei pelos ombros. — O que aconteceu?

— Já te falei — ela insistiu, parecendo meio sensível. — Meu nariz estava sangrando.

— Liz, você estava com a mão na barriga quando entrou no banheiro, então eu *sei* que o seu nariz não estava sangrando. Além disso, um sangramento no nariz não causaria tanto... — Parei de falar e fiquei olhando para as toalhas, horrorizado. — Você fez alguma coisa?

— Não, meu nariz estava sangrando, Hugh! — ela gritou, me deixando para trás e se aproximando da máquina de lavar. — Por que você está sempre duvidando de mim?

— Não estou duvidando de você, Liz — tentei acalmá-la,

assustado com o sangue e com a mudança repentina de humor.
— É que é muito sangue.

— Não quero brigar com você — ela disse, pressionando a mão na testa. — Eu só... — Ela balançou a cabeça e caiu no choro. — Não sei o que aconteceu comigo. — Depois, atirou as toalhas no chão, tremendo bastante. — O que está acontecendo comigo, Hugh?

O medo que vi nos seus olhos fez meu peito doer, e fui até ela depressa.

— Vem aqui.

Ela não ofereceu resistência e se entregou aos meus braços.

— Saiu de mim — falou, chorando e se sacudindo. — Tinha tanto...

— O sangue?

A Liz assentiu, enterrando o rosto no meu pescoço.

Caralho!

Era a menstruação dela.

Minha mãe tinha conversado comigo sobre o assunto uns anos atrás. Ela me contou que algumas meninas sofriam bastante. Eu sabia que a Liz já tinha menstruado, mas não sabia que a coisa podia ser tão feia.

Sem saber se eu devia perguntar do seu ciclo ou se isso só pioraria tudo, decidi fazer algo produtivo.

— Vem — eu disse, passando o braço na sua cintura e a tirando da lavanderia. — Deixa eu cuidar de você.

— Me desculpa — ela murmurou, se apoiando pesadamente em mim na escada. — Estraguei o nosso último dia juntos.

— Hoje não é nosso último dia juntos — retruquei, sustentando todo o seu peso e a ajudando a voltar para o quarto. — Ainda temos uns oitenta anos pela frente.

Quando puxei as cobertas para que ela se acomodasse na cama, notei uma enorme mancha de sangue na calça do seu

pijama.

Meu Deus, que bom que eu não menstruava!

As mulheres ficavam com a pior parte do negócio.

— Posso pegar alguma coisa pra você? — perguntei, me sentando ao seu lado. — Hein? — Estiquei o braço para fazer carinho no seu rosto. — O que costuma ajudar com a dor?

— Você. — Seus olhos se encheram de lágrimas e ela agarrou meu braço. — Você sempre ajuda.

— Eu estava pensando em uma bolsa de água quente ou algo assim — sugeri, me inclinando para beijar sua testa. — Que tal um analgésico?

— Você — ela repetiu, sem soltar meu braço. — Só você.

— Estou aqui — sussurrei, sentindo emoções demais por aquela garota. — Sempre vou estar aqui.

— Não quero ir amanhã — ela confessou, em prantos. — Não quero ficar longe de você.

Eu também não queria que ela fosse.

— É só por um tempinho — falei, com o coração se partindo. — Vou te escrever todos os dias. — Sorri e acrescentei: — E pensa no sol do Texas.

— O sol não significa nada pra mim se você não estiver lá.

— Liz... — Minha voz falhou. — Vou estar aqui quando você chegar.

— Eu sei. — Ela me apertou com mais força. — É a única coisa que me faz seguir em frente.

— Como assim?

— Não quero estar viva sem você.

— Não diz isso, Liz — falei, sentindo meu coração se dilacerar dentro do peito. — Nunca mais diz isso.

Lágrimas escorriam pela sua bochecha.

— É verdade.

— Se alguma coisa acontecesse com você, eu ficaria arrasado

— admiti, sem conseguir conter o tremor na voz. — Você é meu mundo todinho, Lizzie Young. Então nem pense em falar em não estar viva.

— Te amo tanto... — ela choramingou, arfando muito. — Eu te amo, Hugh. Eu juro.

— Eu sei, e você sabe que também te amo — eu disse, detestando como meus olhos estavam se enchendo d'água. — Escuta, a Caoimhe vai cuidar do Gibs hoje. Por que você não vem pra casa comigo? Sua irmã pode te buscar quando terminar.

— Não. — Fungando, ela enxugou os olhos. — Não quero que a sua irmã me veja assim. A Claire ainda não menstruou, vou assustar ela.

— A Claire vive no mundo da lua — insisti. — Ela não vai perceber nada, prometo.

— Acho que vou ficar em casa. — Ela fungou de novo, mas dessa vez abriu um sorrisinho amarelo. — Só pra garantir.

— Você está bem, cara? — Caoimhe perguntou no caminho para casa mais tarde aquela noite. — Está bizarramente quieto.

— Estou preocupado com a Liz.

— Por quê?

— Ela estava sangrando muito.

— Como assim?

— Por causa da menstruação. — Me mexi, desconfortável. — A coisa estava feia.

— Ah, as alegrias de ser mulher — ela brincou. — Pensei mesmo que fosse isso. Ela passou o dia reclamando de cólica.

— É, só que ela não é uma mulher, Caoimhe — retruquei, ainda irritado com a sua indiferença com os pesadelos da irmã. — E tem que lidar com essa merda desde os nove anos. — Dei um suspiro pesado. — Não é justo.

— Bem, você é mesmo um príncipe encantado, hein? — ela me provocou, dando risada. — Olha só, relaxa. Essa hora, amanhã, a gente vai estar tomando sol e a Liz não vai nem ter tempo de pensar nas cólicas.

— Você vai cuidar dela?

— Dããã, ela é minha irmã.

— Estou falando sério. — Olhei fixamente para ela, que estava de lado. — *Preciso* que você cuide da Liz, Caoimhe.

— Está bem, Hugh. — Ela fez uma expressão meio confusa. — Eu sempre cuido dela.

— Dá uma olhada nela quando voltar pra casa hoje? — acrescentei, sentindo um nó na garganta. — Se a Liz estiver dormindo, será que você pode entrar no quarto pra dar uma espiada nela?

— Não se preocupa, Romeu. Prometo dar uma olhada na sua pombinha quando chegar em casa.

5 de abril de 2000

Não faz nada estúpido

LIZZIE

O barulho de um carro acelerando me fez acordar assustada aquela noite, seguido por um segundo carro freando bruscamente.

Confusa, fiquei imóvel na cama, prestando atenção na escuridão enquanto duas pessoas gritavam do lado de fora.

Por experiência, eu sabia que os gritos eram da minha irmã e do namorado dela.

Aquilo não era nenhuma novidade.

Ao longo do relacionamento, Caoimhe e Mark sempre discutiram bastante, mas desde janeiro, quando meu pai deixou Mark voltar a frequentar nossa casa, as brigas estavam mais frequentes e violentas que nunca.

Instantes depois, a porta da frente bateu e a gritaria ficou mais alta, logo acompanhada de passos pesados nas escadas.

— Vamos só curtir as férias e conversamos sobre isso quando a gente voltar — Mark disse.

— Ficou maluco? — Caoimhe falou. — Não vou pra lugar nenhum com você, seu pedófilo de merda!

— Não me chama disso.

— Você estuprou seu irmão postiço — ela berrou com todas as forças. — Você é adulto. O Gibsie é uma criança. Você maculou o corpo dele. Eu vi com meus próprios olhos. Isso é pedofilia!

Depois ouvi uma porta batendo e socos na madeira.

— Abre, Caoimhe!

— Vai pro inferno!

— Não faz nada estúpido. — Ele bateu mais forte. — Estou te avisando!

— Dá o fora daqui — Caoimhe gritou. — Vou ligar pra polícia agora, e, quando botarem as mãos em você, você nunca mais vai ver a luz do dia, seu babaca doente e perturbado!

Um estrondo alto ricocheteou no ar, e minha irmã vociferou:

— Que merda você está... não, para! Devolve isso. Não, Mark, não... ahhh! Tira as mãos de mim!

— Não, você não vai a lugar algum antes da gente conversar!

— Não tenho nada pra conversar com você porque finalmente estou te vendo, Mark. Você é um monstro disfarçado!

"*Finalmente estou te vendo...*"

"*Você é um monstro disfarçado...*"

"*Você é um monstro...*"

Com os olhos arregalados de horror, agarrei o edredom e cobri a cabeça.

Monstro.

Ele era um monstro.

O monstro era real.

Mark era o monstro.

5 de abril de 2000

Minha família é a sua família

HUGH

Quando cheguei em casa, desabafei com minha mãe sobre a mudança repentina no humor da Liz. Ela me deu um sorriso triste e me contou que o mau humor andava de mãos dadas com o transtorno bipolar e que a única coisa que eu podia fazer para ajudar era ficar ao lado dela.

Demorei para dormir aquela noite. Eu estava em pânico e não conseguia me livrar daquela sensação horrível e perturbadora.

A Liz estava ficando mal de novo.

Vi no rosto dela.

Ouvi na voz dela.

O brilho nos seus olhos estava diminuindo, e eu não sabia como reverter a situação.

Estava me revirando na cama quando a porta do meu quarto se abriu no meio da noite e ouvi alguém fungando.

— Não, Claire, a banshee de Ballylaggin não vai pegar a gente — falei para a escuridão. Os soluços ficaram mais altos e suspirei, derrotado. — Beleza. — Ergui o edredom, dei tapinhas no colchão ao meu lado e grunhi: — Pode dormir

comigo hoje, mas essa é a última vez.

Seus passos tomaram o ambiente, e então ela subiu na cama comigo. Só que o corpo trêmulo que grudou no meu não pertencia à minha irmã, mas ao...

— Gibs? — Confuso, tentei me sentar para ligar o abajur, mas ele estava tão agarrado em mim que foi impossível. — O que aconteceu, cara?

— Hughie! — Chorando descontroladamente, meu amigo mais antigo no mundo me abraçou com todos os membros. — Hughie!

— Estou aqui, cara — tentei acalmá-lo, passando o braço nele. — Onde está a Caoimhe? Ela sabe que você está aqui?

Ele sufocou um soluço e balançou a cabeça.

— N-não.

— Você saiu escondido?

Gibs fez que sim e me apertou com mais força.

— Quero o meu p-pai.

Meu coração se apertou.

Merda.

— Eu sei, Gibs — falei, dando tapinhas nas suas costas. — Eu sei, cara. Não é justo.

— S-só quero que o meu p-pai v-volte — ele disse, chorando e enterrando o rosto no meu peito. — N-não quero i-ir pra casa.

— Você teve outro pesadelo? — perguntei, silenciosamente agradecendo a Deus por ter me poupado desse sofrimento terrível. — Hein? Você sonhou com a primeira comunhão?

Ele fez que sim devagar.

— A morte deles é m-minha c-culpa...

— Não é, não — interrompi, sentindo o coração despedaçar. — Nada do que aconteceu aquele dia é culpa sua, Gibs. Está me entendendo? Foi um acidente. — Engolindo minhas próprias

emoções, controlei a voz e acrescentei: — Foi uma coisa horrível, trágica e insuportável, Gibs, mas foi um *acidente*. — Abracei seu corpo trêmulo com mais força. — Sei que você se sente sozinho naquela casa desde que a sua mãe se casou de novo, mas prometo que não está. Você tem a gente. Minha família é a sua família também. — Fechei os olhos e apertei meu amigo com o máximo de força, desesperado para aliviar sua dor. — E você tem a mim, Gibs. Você *sempre* vai ter a mim.

— Irmãos pra s-sempre? — ele disse.

— Sim, Gibs — prometi. — E além.

PARTE 14

A dissolução da vida como a conhecemos

24 de abril de 2000

Um grande mal-entendido

HUGH

— Hugh, meu amor — minha mãe disse baixinho, me acordando no meio da noite. — Preciso que você se levante e se vista.

— Hã? — Pisquei e levei alguns segundos para me situar. — O que houve? — Localizei o rosto dela, me ergui sobre os cotovelos e franzi a testa para as suas lágrimas. — Mãe? — O pânico me dominou imediatamente. — O que houve?

— O Mark ligou — ela disse, limpando as lágrimas do rosto. — O Keith já está a caminho. A Sadhbh está lá embaixo.

— A caminho? — Com o coração disparado, olhei para o despertador na mesinha de cabeceira e fiquei ainda mais confuso. — Por que a Sadhbh está na nossa casa às quatro da manhã?

— Ela vai ficar com Gibsie e Claire — ela falou, pressionando a mão no peito. — Eles estão dormindo no quarto dela, mas preciso que você venha comigo e com seu pai.

— Pra onde? — perguntei, desconfiado. — O que está acontecendo, mãe? Qual o problema?

— Ah, meu bem, sinto muito... — ela disse, contendo um

soluço angustiante. — A Caoimhe Young faleceu.

Meu mundo inteiro desabou no momento em que aquelas palavras saíram da boca da minha mãe.

— Do que é que você está *falando*? — Afastei as cobertas, pulei da cama e peguei minha calça. — Como assim a Caoimhe *faleceu*? — Esperei a explicação, mas, como ela só continuou chorando, entrei em pânico. — Mãe! Do que é que você está falando?

— Vem aqui, amor. — Meu pai entrou no quarto e foi direto até minha mãe. — Estou aqui.

Ela se entregou aos seus braços chorando descontroladamente.

— Pete!

— Eu sei — meu pai disse com uma voz suave, abraçando-a com força. — Estou aqui.

Enquanto isso, eu tentava me vestir o mais rápido possível.

— Que droga está acontecendo? — perguntei.

— A Caoimhe sofreu um acidente hoje, filho — meu pai falou com aquele tom tranquilo que fazia tudo parecer melhor e que eu não ouvia fazia anos. — Foi bem sério e a gente precisa ir — ele continuou sem soltar minha mãe, que parecia ter perdido completamente a habilidade de caminhar com os próprios pés. Na verdade, se meu pai a soltasse, ela com certeza desmoronaria no chão feito um saco de batatas. — O Mark está na Old Hall House com a Lizzie, falando com a Gardaí.

— O Mark está na *casa* delas? — Olhei para o meu pai perplexo, a dois segundos de ter um treco. — Do que você está *falando*?

— Só desce e entra no carro — ele instruiu, seguindo para a porta com a minha mãe. — A gente conversa no caminho.

— Ok, ok — consegui dizer, indo atrás deles, imaginando que estavam enganados.

O que quer que estivesse acontecendo, meus pais deviam ter entendido errado.

Lizzie e Caoimhe estavam no *Texas* com os pais.

Meu Deus, até o *Mark* estava no Texas com a família delas.

Aquilo era um grande mal-entendido.

Tinha que ser.

25 de abril de 2000

Não importa o que aconteça

LIZZIE

— O que foi que você fez com a minha irmã?

— Liz?

— Você não pode nos manter trancadas aqui pra sempre...

— Sou eu, o Hugh.

— Ela é uma criança, seu monstro. Ela é um bebê e você botou um bebê dentro dela...

— Está me ouvindo, Liz?

— Ele é um monstro, Lizzie. Você precisa sair...

— Estou bem aqui, ok?

— Desculpa por não ter protegido vocês dois...

— Não vou te deixar sozinha, Liz, prometo.

— Corre, Lizzie, e não olha pra trás...

Não importa o que aconteça.

Não importa o que aconteça.

Não importa o que aconteça.

Hugh!

27 de abril de 2000

Namoradas mortas e irmãs silenciosas

HUGH

Na noite de 24 de abril de 2000, Caoimhe Young deixou a casa da família no meio da noite, dirigiu até a ponte de Ballylaggin e tirou a própria vida.

Nada disso fazia sentido.

Por que Caoimhe se jogou naquele rio?

Por que ela estava em Ballylaggin, para começo de conversa, e *não* no Texas, como deveria?

Por que ela deixou a irmã sozinha em casa?

Por que seu namorado, que ia dormir lá, não a impediu?

Por que a carta que ela deixou para Catherine não parecia ter sido escrita por ela?

Por que Liz não me procurou nem uma vez em três semanas?

Por que todas as minhas mensagens foram ignoradas?

Eu tinha um monte de perguntas e temia que ficassem sem resposta para sempre, porque tudo o que Caoimhe deixou foi um rastro de peças de quebra-cabeça que não se encaixavam.

E, por causa disso, a Gardaí e a família só podiam confiar no que o namorado dela dizia.

Segundo Mark, o humor da Caoimhe havia azedado nas últimas três semanas porque ela não pôde visitar os pais como planejado. Mark contou para a polícia que Lizzie era diagnosticada com transtorno bipolar e tinha sofrido um surto psicótico na manhã em que eles deveriam partir.

Caoimhe ligou para os pais para contar do surto, e o pai disse que elas deveriam ficar em casa e *não* viajar. Mark disse que nos últimos meses tinha percebido que Caoimhe estava abusando dos medicamentos prescritos para a irmã.

Quando Catherine e Mike voltaram para casa, dois dias depois do ocorrido, confirmaram para o detetive a ligação da filha na tal manhã, e aquela tinha sido a informação repassada a eles. Também confirmaram que, nas três semanas seguintes, perceberam um mau humor na filha mais velha nas vezes em que se falaram e que estavam cientes de que ela consumia substâncias ilícitas desde que havia sido reprovada no leaving cert do ano passado.

Na noite em que ela morreu, Mark falou para os policiais que, ao acordar e perceber que ela havia sumido, teve um *mau* pressentimento. Então acordou Liz, que a Caoimhe mantinha sob forte sedação a pedido do pai, e a colocou no carro antes de sair procurando a namorada.

Quando questionado por que não pensou em ligar para um médico ou algum amigo da família para dar uma olhada na Lizzie durante aquelas três semanas, Mark disse que Caoimhe tinha vergonha do transtorno da irmã e, como Liz costumava ter explosões frequentes e violentas, aprendeu com os pais a lidar com a situação em particular.

Mark contou que, enquanto dirigia pela cidade procurando Caoimhe, viu pela primeira vez as sirenes e as luzes piscantes vindas do rio. Entrou em pânico instantaneamente e foi direto para a ponte, pensando que aquilo podia ter algo a ver com a

namorada, e foi então que viu membros da Gardaí e do corpo de bombeiros resgatando a garota do rio.

Depois disso, Mark se calou, dizendo que era tudo o que se lembrava daquela noite, e não quis mais falar sobre o assunto.

Havia muitas perguntas sem resposta, e a versão do Mark era tudo o que tínhamos, porque a namorada dele estava morta e a minha namorada não estava falando.

Lizzie não falou mais desde a noite que Caoimhe morreu.

Nem quando a Gardaí pediu seu depoimento.

Nem quando fui na casa dela.

Nem quando ligaram para os médicos.

Nem quando os pais dela voltaram dos Estados Unidos.

Nem uma palavra sequer saiu dos seus lábios desde a noite em que a Gardaí retirou o corpo inerte da sua irmã do rio.

Coloquei o pedaço de pizza em um prato de papel, atravessei a multidão prestando solidariedade na cozinha da casa da minha namorada e subi até o quarto dela.

Ela estava exatamente onde eu a deixei.

Enfiada debaixo do edredom.

— Vem, Liz, eu trouxe comida.

Nada.

Ela não mexeu um dedo.

— Sei que você está me escutando. — Deixei o prato no colchão improvisado que eu estava usando desde a noite em que a irmã dela morreu, escalei a montanha de cobertores, peguei a pizza e me sentei na beirada da cama. — Você tem duas escolhas — falei calmamente, partindo um pedaço. — Pode se sentar pra comer ou vou te dar na boca. O método é opcional. Se alimentar não é.

Eu não queria parecer um babaca insensível, mas a Liz não sobreviveria se não comesse, e os pais dela estavam

consumidos demais pelo luto para assumir as rédeas da situação.

Então ali estava eu.

— Lá vem o avião. — Apoiei o prato na mesinha de cabeceira, arranquei um pedacinho de pizza e o levei até sua boca. — Vamos, Liz. — Fiz carinho na sua bochecha e tentei trazê-la de volta à vida. — Uma mordidinha? Por mim?

Percebi um tremor percorrendo seu corpo, e então ela abriu a boca.

Graças a Deus.

— Isso — falei quando ela aceitou o pedacinho de pizza. — Agora preciso que você mastigue, Liz. — Fiz carinho no seu rosto de novo, enxugando as lágrimas escorrendo dos seus olhos vermelhos. — Pode fazer isso por mim?

Ela me obedeceu sem protestar, mastigando a comida e esperando a próxima instrução.

— Pode engolir, Liz — eu disse, sentindo meu coração se partir pela milionésima vez desde que aquele pesadelo tinha começado.

Depois que ela engoliu, arranquei outro pedacinho e repeti o ritual até ela ter comido tudo, menos a borda, porque estava deitada e eu não queria que se engasgasse.

Quando ela comeu o suficiente para sustentá-la por mais um dia, limpei seu rosto e me deitei na cama de frente para ela.

Seus tristes olhos azuis me fitaram, inchados e vermelhos.

— Te amo — sussurrei, descansando a mão na sua bochecha. — Sempre vou estar aqui do seu lado.

Ela não respondeu com palavras, mas quando colocou a mão trêmula na minha bochecha, eu soube que estava ouvindo.

Podia me ouvir.

Ainda estava ali.

30 de abril de 2000

Você nunca vai me esquecer, baixinha

LIZZIE

— Por que você não fez alguma coisa?

— Michael, ela é só uma criança...

— Por que você não ajudou? Ela era sua família! Você devia ter feito alguma coisa...

Entorpecida, segurei as cordas do balanço e chutei a terra toda vez que meus pés alcançavam o chão.

Mesmo dali, dava para ouvi-los nos fundos da casa.

Tomando chá.

Comendo sanduíches.

Conversando.

Agindo como se o mundo ainda estivesse girando.

Cala a boca.

Cala a boca.

Cala a boca, porra!

A traição preenchia o vazio no meu peito, alimentada por um ódio que me fazia querer gritar.

Lágrimas ardiam nos meus olhos.

Um frio se espalhava pelo meu corpo, transformando meu coração em gelo.

A raiva se infiltrava no fundo do meu ser.

Não era justo.

— Passei o dia todo tentando reunir coragem pra falar com você, mas não tenho as palavras certas — uma voz familiar disse. Me virei e vi Gibsie sentado no balanço ao lado. — Então vou só ficar sentado aqui com você, ok?

Me ajuda, eu queria berrar. *Você é o único que pode me ajudar.*

Minha voz me traiu que nem quando eu era criança.

Não saiu nada.

Só consegui ficar olhando para os grandes olhos cinzentos do Gibsie, *implorando* que ele ouvisse as palavras que eu não podia dizer em voz alta.

— Quero ir embora — supliquei, sonolenta e desorientada, cambaleando até minha irmã. — Por favor, Caoimhe. — Caí de quatro no chão do quarto dela, peguei sua mão e a apertei. — Faz ele nos deixar sair...

— Vai ficar tudo bem. — Fungando, ela me colocou debaixo do braço e continuou escrevendo furiosamente no caderno. — A gente vai sair daqui, e, quando isso acontecer, ele vai pagar por tudo, Liz. Prometo.

— Não ligo pra isso — choraminguei, me agarrando nela. — Só quero sair.

Minha irmã arrancou uma página do diário, a dobrou no meio e no meio e no meio, até a folha estar do tamanho de uma caixa de fósforo.

— Aqui. — Ela enfiou a carta na minha meia e segurou minhas mãos. — A gente vai ficar bem, prometo. — Seus olhos azuis lacrimejaram enquanto ela falava. — Mas se alguma coisa acontecer comigo e ele não me deixar sair deste quarto...

— Caoimhe, não! — gritei, jogando os braços em torno do seu pescoço. — Não fala assim.

— Preciso falar — ela insistiu, me abraçando com força. — Se alguma coisa acontecer comigo, Liz, e eu não sair, quero que você entregue essa carta pro Gibsie. Pode fazer isso por mim? — Fungando,

Caoimhe se afastou para me olhar nos olhos. — Quero que você diga pra ele tudo o que você me contou hoje, e depois quero que vocês procurem a polícia...

Eu não sabia se essas alucinações recorrentes eram memórias ou delírios.

Eu tinha muitas dessas visões, mas não sabia se eram reais e não conseguia falar.

Não conseguia *respirar*.

O medo me dominou a ponto de eu rezar para que minha mente sofresse um baque e me deixasse apagar.

Que nem eu apaguei aquela noite.

Flutuei para fora do meu corpo, subindo, subindo, para longe da dor.

Para longe da imagem do corpo sem vida dela.

Para longe do seu olhar morto olhando através de mim.

Mas eu ainda estava com ela.

Com a carta.

Estava no meu bolso.

Ela havia se transportado da minha mente para o meu bolso.

Eu sabia o que devia fazer.

O que *ela* havia me mandado fazer.

Mas eu tinha medo do que aconteceria.

Tinha medo de estar no meio de uma ilusão, de causar mais sofrimento para a minha mãe.

Eu não queria que ela sofresse mais do que já estava sofrendo.

Seu choro constante me assombrava.

Mas eu tinha mais medo ainda de *não* estar alucinando, porque, se aquilo tudo fosse real, era mais importante ainda que eu esquecesse.

Porque, se eu tivesse que lembrar, teria que reconhecer tudo, e se fizesse isso, se contasse para alguém, como *ele* contou, eu

perderia a pessoa que mais amava no mundo.

Eu perderia o *Hugh*.

Ele prometeu que faria aquilo.

Mas Caoimhe prometeu o oposto.

Prometeu que, se eu contasse para Gibsie, se eu simplesmente entregasse a carta para ele, estaríamos seguros.

Ele não conseguiria me pegar de novo.

Mas ela não estava mais ali.

Não podia me ajudar.

E se Gibsie contasse para ele?

O que aconteceria com Hugh?

E se nada daquilo fosse real?

E se minha mente estivesse pregando peças em mim de novo e eu acordasse e encontrasse Caoimhe comendo cereal na cozinha?

E se fosse eu que tivesse morrido aquela noite?

E se eu tivesse matado ela?

Talvez ela não tivesse pulado.

Talvez eu a tivesse empurrado.

Ou talvez eu que tivesse pulado?

E se a moça assustadora estivesse enfiando ideias erradas na minha cabeça?

— Posso te dar um abraço? — Gibsie perguntou, me distraindo dos meus pensamentos confusos. — Tudo bem?

Fungando, assenti e fiquei observando-o descer do balanço e se aproximar.

— Sinto muito, Liz — ele disse, me envolvendo. Entorpecida, apoiei o rosto no seu ombro. — Sinto muito mesmo.

Enquanto eu o ouvia sussurrar "sinto muito" sem parar, coloquei a mão no bolso e peguei a carta.

Por favor, me ajuda, implorei mentalmente, e então, fosse real ou não, enfiei o último fiapo de esperança no bolso do casaco

do meu amigo. *Por favor, me salva.*

— O que vocês dois estão fazendo aí sozinhos? — uma voz familiar falou, fazendo todos os músculos do meu corpo se contraírem.

O monstro.

Fechei os olhos, me agarrei no garoto que me *abraçava e rezei para que ele não me soltasse.*

Não me solta, Gibs.

Por favor, não me solta.

Não me deixa sozinha com ele.

— Estou abraçando minha amiga — ele respondeu, me abraçando com mais força. — A irmã dela acabou de morrer. Eu *sei* como é isso.

Ele estava muito perto.

Dava para sentir seu perfume.

Dava para sentir as palavras rastejando para fora da minha mente e alcançando a minha pele.

— Volta pra casa, Gibson — *ele* ordenou. — Preciso falar com a irmã da minha namorada.

Não, Gibs!

Não vai.

Por favor, não me abandona.

— Eu, ah... quero ficar com ela — meu amigo protestou, mas sua voz tremia quase tanto quanto seu corpo. — Hugh teve que ir pra casa e me pediu pra *ficar* com a Liz. Falou pra eu *não* sair do lado dela.

— Vai lá pra dentro. Eu fico com ela.

Não, não, não, não, não!

— Mas Hugh disse que...

— Vai lá pra dentro ou eu te arrasto pelos cabelos.

Por um breve momento, quando Gibsie me abraçou, senti uma centelha de esperança no peito, mas então ele me soltou e

se afastou, fazendo a centelha se apagar.

Ele me soltou.

Lágrimas escorreram enquanto eu o via ir embora.

— Você sabe que estava abraçando o assassino da sua irmã, né? — *ele* disse, se sentando no balanço ao lado. — É tudo culpa dele.

Não ousei olhar para ele, mantendo a atenção toda nas costas do Gibsie desaparecendo de vista.

— Se a Caoimhe estivesse aqui, ela estaria decepcionada com você. — Ele soltou um suspiro pesado. — Por abraçar o responsável pela morte dela.

Volta, eu queria gritar, mas tudo o que consegui fazer foi segurar as cordas do balanço com mais força e rezar para que ele me ouvisse. *Por favor, volta.*

— Ele encheu a cabeça da sua irmã de veneno — ele continuou falando, atormentando minha mente com dúvidas. — É aniversário dela hoje e ela não está aqui pra comemorar por causa daquele merdinha, então nunca se esqueça de quem é o verdadeiro responsável pela morte dela.

— É culpa dele! — Ele segurou minha nuca e me obrigou a olhar. A me inclinar sobre a beirada e olhar. — A Caoimhe está morta por causa dele. Porque ele fez a cabeça dela. A língua grande do meu irmão matou a sua irmã.

— Ajuda ela! Por favor, faz alguma coisa!

— Diz, baixinha. — Sua mão apertou minha nuca com mais força e ele me ergueu tanto que eu não conseguia mais tocar o chão. — Diz que você entendeu.

— Por favor — choraminguei, tremendo violentamente enquanto via minha irmã ser levada pela correnteza. — Você tem que ajudar ela!

— Não posso fazer nada pra ajudar ela. O Gibsie me deixou de mãos atadas quando encheu a cabeça dela de mentiras. — Ele me colocou no chão e me virou para si. — Diz, baixinha. — Apertou minha garganta

e me empurrou contra o guarda-corpo. — Diga que você entende o que acontece quando as pessoas mentem. — Ele me jogou contra o corrimão de novo. — Diga quem é o responsável por isso. Quem mentiu e matou sua irmã?

— Eu... — Lágrimas escorreram pelas minhas bochechas. — Ele...

— E quem é ele?

Outra lágrima escorreu.

— O Gibsie.

— E o que vai acontecer com o seu namoradinho se você sequer pensar em espalhar mentiras que nem o Gibsie?

— Não! — Fechei os olhos. — Por favor, não machuca ele.

— Diz. — Ele apertou mais minha garganta. — Onde é que seu namoradinho vai parar?

— Aqui — falei, com o corpo cada vez mais mole contra o guarda-corpo atrás de mim. — Com ela...

Balancei a cabeça, fechei os olhos e tentei expulsar as imagens da minha mente.

— Você sabe que é instável, né? — ele falou com um tom triste. — Sua mãe não pode fugir da morte pra sempre. Qualquer dia desses, vai chegar a hora dela. E, quando ela morrer, você vai ficar sozinha, sem sua irmã e sua mãe pra te amar.

Um soluço sofrido escapou dos meus lábios, mas ele continuou falando:

— A Catherine já está fazendo hora extra, e nós dois sabemos que ela é a única coisa entre você e aquele hospício em que o Mike está planejando te enfiar.

Suas palavras provocaram um medo descomunal dentro de mim e fizeram um caos na minha mente.

— Se eu fosse você, continuaria *sem* falar — ele acrescentou com uma voz gentil e suave que fez minha pele se arrepiar. — Todo mundo já te acha doida mesmo, então é melhor não

atiçar o fogo com seus devaneios insanos. *Não* que alguém fosse acreditar em você, de qualquer forma.

Eu sabia que *ele* estava olhando para mim.

Sentia seus olhos fuzilando meu rosto, mas não ousei virar.

Em vez disso, me concentrei no rastro que meus sapatos deixavam na grama debaixo do balanço.

— Vou sair da cidade em breve, baixinha. Assim que eu terminar o leaving cert no mês que vem, vou embora da Irlanda. Vou viajar um pouco antes de começar a faculdade. — Ele suspirou de novo. — Vou sentir saudade das nossas visitas especiais.

Minha pele se arrepiou, meu estômago se contorceu e minha mente gritou em protesto.

Não!

Nem pensa nisso.

— Eu queria que a gente tivesse outra noite juntos, mas acho que vamos ter que nos contentar com a última.

Não se permita lembrar.

— Mas vou te levar comigo. Aonde quer que eu vá, vou sempre levar a sua imagem comigo.

Se proteja e nunca mais volte para lá.

Nunca mais.

— E eu também sempre vou estar com você. Você nunca vai me esquecer, baixinha.

Bloqueie tudo.

— Uma garota nunca esquece a primeira vez.

Solta.

Se permita voar.

— E eu sempre vou ser seu primeiro, baixinha.

Voa, voa, para longe.

30 de abril de 2000

Com um alvo nas costas

HUGH

O corpo da Caoimhe levou seis dias para ser liberado e, mesmo assim, seus pais foram informados de que demoraria algum tempo para que o relatório da autópsia fosse finalizado.

Minha babá retornou à Old Hall House em um caixão marrom, que teve que permanecer fechado devido aos danos causados ao seu corpo enquanto ela estava no rio.

A cidade inteira compareceu ao velório para prestar homenagens à família, e houve um fluxo constante de pessoas entrando e saindo do local durante todo o dia. Ela passaria a última noite em casa, cercada pelas pessoas que mais a amavam.

No dia seguinte, o do seu décimo nono aniversário, Caoimhe Young seria sepultada após a missa do meio-dia no cemitério ao lado da igreja de St. Patrick.

Para sempre dezoito anos.

Eu não tinha saído do lado de Liz por um instante sequer até aquele dia, pois precisei ir à cidade com a minha mãe para tirar as medidas do terno para o enterro. Quando voltei algumas horas depois, a encontrei exatamente no mesmo lugar.

Mas não era o Gibsie que estava do lado dela, como eu tinha pedido.

Era o Mark.

A Lizzie estava sentada no balanço da árvore com os pés enfiados na terra, e o canalha estava no balanço ao lado que tínhamos instalado uns anos atrás.

Assim que o vi, fiquei furioso.

— Ei! — berrei, pulando a cerca de madeira e disparando até eles. — Que porra você está fazendo?

— O que está parecendo? — Mark estreitou os olhos conforme eu me aproximava. — Estou conversando com ela.

— Não está, não — retrucou, me colocando entre eles. — Você não tem nada pra falar com ela.

Eu não o queria perto da Liz. Levei seis dias para tirá-la daquela cama, e não ia deixar que ele a torturasse falando da irmã.

Além disso, a hora de falar já tinha passado.

Eu ainda não tinha engolido o fato de nem ele nem Caoimhe terem entrado em *contato* com a minha família ou com a dela naquelas três semanas.

Se fosse verdade que a Liz tinha sofrido um surto — não dava para saber —, isso significava que os dois a mantiveram naquela casa durante três semanas inteiras sem procurar intervenção médica.

Eu conhecia minha namorada. Sabia como seu humor ficava azedo, mas ela não era perigosa como o Mark a estava pintando.

Ele falou para Caterine e Mike que a Liz tinha atacado tanto ele quanto a Caoimhe em várias ocasiões ao longo daquelas semanas, e eles não tiveram escolha a não ser mantê-la sedada com o clonazepam que ela já tomava. Mark chegou a acusá-la de enfiar uma faca na garganta dele.

Se ele tivesse dito que a Liz o mordeu, teria sido muito mais plausível. Mas não, ele tinha que inventar essa da faca.

Não acreditei em uma palavra daquela história.

Nem uma palavra sequer.

— Na verdade, sou o *único* que devia falar com ela — Mark disse, olhando feio para mim. — Porque entendo ela. *Eu* estava com ela aquela noite, não *você*. Odeio te falar isso, Biggs, mas ela precisa de *mim* agora.

Minha namorada provou que era mentira, porque se levantou de uma vez do balanço e correu até mim. Tremendo, segurou minha camiseta e enterrou o rosto no meu pescoço.

— Ah, é? Bem, acho bem difícil acreditar nisso, considerando as circunstâncias — falei, protetor, passando o braço em volta da Liz. — Quer dizer, não é como se você tivesse o costume de estar presente quando é *necessário*.

— Como você se *atreve* a falar comigo assim? — Mark sibilou, se erguendo do balanço. — Você tem muita coragem de dizer isso na minha cara.

— Bem, alguém precisava dizer — retruquei, sem querer mostrar empatia com um babaca que não merecia. — A verdade dói, cretino. Mas é a verdade.

— Minha namorada está naquela casa em uma porra de um caixão — ele berrou, avançando para mim com sangue nos olhos. — Você não faz ideia do que estou passando.

— Sabe, se você tivesse passado menos tempo pensando no *seu* sofrimento e mais no sofrimento da sua namorada, talvez ela *não* estivesse naquele caixão — falei, abraçando a Liz com força e me mantendo firme no lugar. — A morte da Caoimhe não limpa a sua ficha, seu babaca. Não apaga a forma horrível como você a tratava, e nenhuma mentira que contar a si mesmo vai apagar a influência que você teve na decisão dela de tirar a própria vida.

— Eu nunca tratei a Caoimhe mal...

— Essa merda pode colar com a Catherine e o Mike, mas não perde seu tempo tentando me comprar — interrompi, me recusando a engolir suas baboseiras. — Você disse que entendia o que a *minha* namorada está passando porque estava com ela aquela noite. Foi isso? Hein? Foi isso que você disse? — Esperei que ele confirmasse antes de continuar. — Bem, pois eu estive com a *sua* namorada várias vezes ao longo desses anos e te vi manipulando e ferrando a cabeça dela. — Completamente tomado pela raiva, não consegui me conter e fui com tudo. — Você é incapaz de entender alguém, porque para isso precisaria ter consciência, algo que nós dois sabemos que você *não* tem.

— Cala a boca, Biggs. — Ele estreitou os olhos de um jeito ameaçador. — Você não faz ideia do que está falando.

— Você tratou a sua namorada como se ela fosse um pedaço de carne. Como se fosse inferior, cujo único propósito na Terra fosse te agradar. Em vez de cuidar dela como um homem deveria fazer, você a engravidou e arruinou o futuro dela!

— Eu resolvi isso — ele sibilou, parecendo mesmo abalado por eu saber do seu segredinho sujo. — Eu cuidei da minha namorada.

— Sim, você fez um ótimo trabalho cuidando da sua namorada mandando ela pra Inglaterra no meio do leaving cert. — Estreitei os olhos, enojado. — Namorado do ano, parabéns.

— Isso foi decisão *dela* — ele berrou na minha cara, alheio à garota trêmula agarrada em mim. — Ou a culpa é minha se Caoimhe não quis ter o bebê?

— Não. O corpo era dela, ela que tinha que decidir — falei, me virando de lado para tirar a Liz da linha de fogo. — Mas você com certeza tem culpa por colocar ela nessa situação, pra

começo de conversa. Eu, que ainda não tenho nem treze anos, já sei disso. Você *deveria* proteger ela, e *não* protegeu.

— Você está ultrapassando um limite bem perigoso, Biggs — Mark disse com um tom terrivelmente frio. — Não se mete nessa história.

— Você que ignorou os limites da Caoimhe — retruquei. — Você usou a garota como se ela fosse seu capacho sem pensar duas vezes. Então não venha me dizer que a *minha* namorada precisa de *alguma coisa* de um merda que nem você, sendo que a gente sabe que você é o *pior* tipo de câncer que já se infiltrou naquela família.

— Você vai se arrepender disso — Mark sussurrou, mas eu já tinha me virado para ir embora, percebendo que já tinha desperdiçado energia demais com ele.

Cretino do caralho.

— Você vai receber o que merece, Biggs — ele continuou falando atrás de mim, enquanto eu levava minha namorada para o mais longe possível. — É melhor tomar cuidado!

— Ignora ele — falei para a Liz, fazendo uma careta. — Lembra do que te falei sobre os bullies? — acrescentei com uma voz gentil, ajudando-a a escalar a cerca e me juntando a ela logo depois. — Eles se alimentam do medo, e, se você não der combustível, eles passam fome.

— E morrem.

Meu coração deu um solavanco.

Duas palavras.

Ela falou duas palavras.

Finalmente.

Aja normalmente, meu cérebro ordenou. *Não a bombardeie com perguntas que vão colocá-la de volta no casulo.*

— Isso mesmo — concordei, passando o braço nos seus ombros, mentalmente me obrigando a *não* reagir. — Eles

morrem.

— Hugh? — Ela parou de andar e se virou para mim. — Não morre, ok?

— Não vou morrer, Liz.

— Por favor. — Meus olhos se encheram de lágrimas, enquanto ela me fitava e suplicava: — Nunca me abandone.

— Não vou te abandonar. — Meu coração se despedaçou. — Não vou a lugar algum, Liz.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz. — Dei um beijo na sua testa. — Não importa o que aconteça.

— Você acredita no paraíso, Hugh? — ela perguntou pouco tempo depois, longe da casa que abrigava o cadáver da irmã e do quintal onde deixamos aquele cretino.

Ainda estávamos na propriedade da família dela, mas tinha uns bons quilômetros entre nós e o resto do mundo. Porque eu precisava que ela continuasse calma e *falando*.

— Essa é uma pergunta difícil — respondi, pensativo, coçando o queixo. — O cientista em mim diz que não, mas o católico diz que sim. — Sentado na grama, me apoiei sobre os cotovelos e olhei para ela. — E você, acredita no paraíso, Liz?

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Não mais.

— Como assim?

— Não acredito em mais nada — ela disse, sem tirar os olhos da corrente de florezinhas que estava fazendo. — Eu acreditava, mas não acredito mais. — Balançou a cabeça de novo. — Talvez eu só esteja quebrada por dentro.

— Não tem nada quebrado em você, Liz — falei depressa. — Você só está triste. Não tem problema ficar triste.

— Mas não estou só triste — ela sussurrou, amassando a corrente de flores no punho. — Estou com raiva.

— Também não tem problema.

— É mesmo? — Fungando, ela se virou para mim, fazendo meu estômago se contorcer quando seus melancólicos olhos azuis se fixaram nos meus. — Será que estou bem?

— Talvez agora não muito. — Meu coração se partiu ao perceber sua dor. — Mas vai ficar um dia.

— E se eu não estiver bem? — Ela ergueu o braço para enxugar outra lágrima. — E se eu nunca ficar bem de novo?

— Você *vai* ficar bem, Liz.

— Mas e se eu *não* ficar, Hugh? — ela insistiu, se aninhando no meu colo. — O que vai acontecer?

— Acho que também não tem problema. — Endireitei a postura, a envolvi nos meus braços e sussurrei: — Porque, não importa se você estiver triste ou feliz, vou estar do seu lado.

— Mesmo?

— A cada passo do caminho.

1º de maio de 2000

Foi ele, pai!

LIZZIE

Em memória de
Caoimhe Catherine Young
filha, irmã e amiga amorosa
30 de abril de 1981-24 de abril de 2000
Para sempre dezoito

Ignorando a mulher ao lado do túmulo da minha irmã tocando "Landslide", do Fleetwood Mac, no violão, me esforcei para ouvir os arranhões na madeira. Eu queria pedir para aqueles homens pararem de baixar o caixão dentro do buraco e trazerem minha irmã de volta.

Assim, eu poderia falar para o padre que Caoimhe só estava em um sono profundo que durou sete dias, mas que agora tinha acordado e que precisavam tirá-la do caixão.

Vamos, Caoimhe, seu tempo está acabando.

Corre, grita, chora, faz um escândalo...

Qualquer coisa!

Completamente entorpecida, vi alguém pegando uma cadeira para a minha mãe. Meu pai caía de joelhos ao lado da cova, chorando e implorando a um Deus que não nos ouvia que trouxesse sua filha de volta.

Enquanto isso, fiquei ali sozinha vendo os homens de terno preto baixarem o caixão da minha irmã.

A Caoimhe estava lá dentro.

Dentro daquela caixa de madeira.

Apertei as mãos com força e supliquei para que minha irmã fizesse algum barulho, provando para todas aquelas pessoas de preto que elas estavam erradas.

A voz dela.

Os olhos dela.

O sorriso dela.

Seus últimos momentos.

Não, isso não *podia* ser o fim.

Ela não pertencia àquele lugar.

Minha irmã mais velha.

Minha única irmã.

Nunca mais ia voltar.

Não.

Não.

Não!

Alguém segurou minhas mãos e gentilmente as separou antes de entrelaçar os dedos nos meus.

Eu não precisava olhar para saber de quem era aquela mão.

Conseguia *sentir* sua presença forte, confiável e segura.

Ele era a *única* coisa que eu conseguia sentir ultimamente.

Apertei a mão do Hugh com força e fiquei observando tudo em silêncio enquanto o enterro chegava ao fim.

Caoimhe estava enterrada.

Estavam jogando terra em cima dela, confirmando que ela não voltaria mais.

Não era um engano.

Caoimhe tinha mesmo partido.

Para sempre.

O padre falou para os meus pais que Deus tinha levado a alma da minha irmã para o paraíso, mas se esqueceu de mencionar que Caoimhe havia levado a minha junto.

Eu tinha certeza.

Havia uma parte de mim ali na terra com ela.

Eu sentia.

Havia um buraco aberto no meu peito onde ela costumava ficar.

Onde eu costumava *sentir* as coisas.

Mais alto que eu, Hugh ficou ao meu lado, segurando minha mão durante o resto da cerimônia. Mesmo depois que acabou, quando as pessoas formaram fila para prestar condolências à minha família, ele permaneceu ao meu lado.

Não aceitei nenhum dos cumprimentos que me ofereceram, preferindo segurar a mão do Hugh com as duas mãos.

Eu não queria que ninguém encostasse em mim.

Não queria sentir outra mão na minha pele nunca mais.

Só a mão *daquele* garoto.

Hugh.

Depois de um tempo, Claire e Patrick se aproximaram.

— Liz... — Com lágrimas escorrendo, minha amiga passou o braço no meu e me deu um abraço meio sem jeito. — Sinto muito.

— Obrigada, Claire — falei, me sentindo tão sem vida quanto a minha irmã.

— Não sei o que te dizer, Liz — Patrick comentou, dando um passo à frente para esfregar meu ombro. — Sinto muito mesmo.

— Obrigada, Patrick — repeti, morta por dentro.

Fungando, Claire ajeitou meu cardigã, colocando-o de volta no meu ombro. Eu nem tinha percebido que ele havia escorregado.

— Ela está bem, Claire — Hugh interveio, empurrando a irmã para longe dos botões do meu cardigã. — Deixa ela em paz.

— Só estou tentando ajudar — minha amiga choramingou, me fitando com tristes olhos castanhos. — Quero te ajudar, Liz. Mas não sei o que fazer.

— Hugh... — falei. Meu corpo foi ficando mole quando notei uma sombra pairando do outro lado do túmulo. — Olha.

— O que foi, Liz? — Claire perguntou, olhando ao redor. — O que você está vendo?

— A moça assustadora — sussurrei. — Ela está aqui.

— Que moça assustadora? — ela perguntou, desesperada. — Quem é?

— Um fantasma... — murmurei, levemente delirante, observando-a se mexendo e serpenteando em volta das lápides. — A moça tem garras afiadas e fica nos vigiando quando ninguém está olhando.

— O q-quê? — Claire falou, agarrando o braço do Patrick. — É a banshee?

— Não, e não tem banshee nenhuma — Patrick disse para Claire, passando o braço nela. — A Liz está enfrentando muita coisa. Ela deve estar sem dormir há dias. É normal que nossos olhos nos preguem peças quando passamos por coisas assim.

— Não tem nada de errado com os olhos dela — Hugh o interrompeu, com a atenção cravada na lápide onde eu tinha visto a moça se escondendo. — Também estou vendo.

— Ela está aqui, né? — perguntei, olhando para ele. — É ela, né? A mulher que a gente viu na floresta perto da sua casa aquele dia?

— É. — Ele assentiu devagar, estreitando os olhos para observar algo ao longe. — Acho que é.

— Hugh, para com isso — Claire disse. — Você está me

assustando.

— Eles estão sem dormir, Biggzinha — Patrick disse para acalmá-la. — Ele está grudado na Liz desde o acidente. Não se preocupa.

— Você ainda está vendo ela? — Hugh perguntou, ignorando nossos amigos e esticando o pescoço para dar uma olhada na área.

— Não. — Balancei a cabeça. — E você?

Ele também balançou a cabeça.

— Não.

— Bem, que boa notícia então! — Patrick disse, ainda confortando Claire, que estava apavorada.

Bem nessa hora, reparei na família que tinha ido falar com os meus pais.

Meu sangue gelou no mesmo instante.

O pai *dele* estava abraçando o meu enquanto a madrasta consolava minha mãe.

Senti um golpe de traição mais potente que qualquer outra coisa que já tivesse sentido antes quando olhei para o garoto parado ao lado *dele*.

Ele me encarou com seus olhos cinzentos.

Olhos culpados.

Como podia fazer isso?

Como conseguia ficar ao lado dele?

Ele não sabia?

Tinha que saber.

Eu fiz o que ela me pediu.

Ela prometeu que ele me ajudaria.

Mas ele não fez nada.

Lágrimas encheram seus olhos, combinando com as lágrimas ardendo nos meus.

Estreitei os olhos e me concentrei *nele*. Ele estava parado no

túmulo da minha irmã, recebendo condolências e usando sua falsa dor como um distintivo de honra.

Foi então que aconteceu.

Foi quando o primeiro grito me escapou.

O som estridente e penetrante fez com que todos se virassem para mim.

Inclusive meus amigos.

— Elizabeth, para com isso! — meu pai falou, se apoiando pesadamente no Keith Allen, buscando seu apoio. — Mostra um pouco de respeito pela sua irmã.

Eu não conseguia parar.

Não consegui segurar nem mais um segundo.

Vê-lo ali no túmulo da minha irmã consolando meus pais fez algo se acender dentro de mim.

— Foi ele, pai. — Com lágrimas escorrendo pelo meu rosto, gritei com toda a minha força, apontando para *ele*. — Ele matou a Caoimhe!

1º de maio de 2000

Nunca mais fala comigo

HUGH

Eu estava em uma dimensão paralela.

Tinha que estar.

Era a única explicação para aquele dia maluco.

Em um minuto, eu tinha certeza que estava vendo a moça assustadora da floresta escondida por uma lápide algumas fileiras atrás da gente, e, no minuto seguinte, Lizzie estava acusando Mark Allen de ter matado sua irmã.

Assim que aquelas palavras saíram, tudo virou um caos.

Fiquei momentaneamente atordoado, sem falar nada, sem conseguir fazer nada além de assistir a Liz vociferar as piores acusações.

— Foi ele, eu juro — ela gritou, apontando para Mark do lado do túmulo. — O Mark fez ela entrar no rio. Ele machucou ela. Ele fez ela morrer!

— Pai, não sei do que ela está falando — Mark protestou. — Eu nunca encostei um dedo na Caoimhe!

— Por que você está fazendo isso? — Keith disse, horrorizado. — Por que está falando essas coisas do meu filho?

— Para de mentir, Lizzie — Sadhbh gritou, enquanto a *minha*

mãe segurava os ombros dela com uma expressão severa, pedindo que se *acalmasse*.

Enquanto isso, Gibsie chorava tanto que mal conseguia respirar e Claire correu para ajudá-lo.

— Você é um mentiroso! — Lizzie berrou com tudo, puxando e arrancando os cabelos. — Eu te *vi*! Eu sei o que ele fez, pai. — Ela encarou o pai. — Mark é um monstro. A Caoimhe que disse! Ele faz coisas feias. Com o negócio dele. — Ela se virou para Mark e gritou: — Eu vi você tirando as roupas dela e obrigando ela a fazer aquilo!

— Aquilo o quê? — Mike perguntou, segurando os ombros da filha. — O que foi que ele obrigou Caoimhe a fazer?

— O Mark enfiou o *negócio* dele nela — Lizzie choramingou, se agarrando no pai, enquanto a mãe se jogava na cadeira, segurando os próprios braços e respirando com dificuldade. — Ele não devia ter feito isso.

— O *negócio* dele? O pênis dele? — Mike perguntou, sacudindo Lizzie. — Elizabeth, você está me dizendo que ele estuprou a sua irmã?

— O Mark fez ela morrer, pai. — Lizzie assentiu, chorando copiosamente. — Eu sei. Você *tem* que acreditar em mim.

— Mentirosa do caralho — Mark gritou, apontando para a Lizzie. — Ela é louca, pai. Sim, eu transei com a Caoimhe, mas ela era minha namorada. — Ele balançou a cabeça e olhou feio para o Mike. — A sua filha é uma louca e você precisa internar ela!

— Você estuprou a minha filha? — Mike perguntou, vibrando de raiva. — Você forçou a *minha* filha a fazer sexo?

— Não! — Mark gritou, indignado. — Nunca forcei a sua filha a fazer nada que ela não quisesse!

— Então por que minha filha está enterrada, Mark? — Mike rosnou. — E por que minha outra filha está dizendo que você

é o culpado?

— Porque ela é uma doida varrida, por isso! — Mark retrucou cruelmente, ainda apontando para Liz. — E você estragou a vida da Caoimhe no dia que decidiu trazer essa putinha do mal pra...

— Ei! — berrei, entrando na discussão. — Nem pense em xingar ela, seu babaca de merda!

— Hugh! — Meu pai segurou meu casaco por trás e me puxou para longe. — Chega!

Enquanto isso, minha mãe correu para acudir a Catherine, que estava caída na cadeira.

— Ela é maluca, Hugh — Mark continuou falando, voltando a atenção para mim. — Até *você* sabe disso.

— O que eu sei é que você é um bully hipócrita do caralho que vive mentindo. E, se chamar ela de louca mais uma vez, vai ver quem é louco aqui.

— Hugh!

Meu pai colocou a mão no meu ombro e eu o afastei grosseiramente. Ele podia ir se foder. Eu não precisava do seu apoio. Não precisava de nada que vinha dele.

— Conta pra eles, por favor, conta pra eles — Lizzie choramingou, se aproximando do Gibsie, entre todas as pessoas. — Você sabe. — Ela ficou de joelhos na frente dele e segurou suas mãos. — Eu sei que você sabe, Gibs. Eu te ajudei. Eu... eu te ajudei e agora você tem que *me* ajudar.

— Eu... — Gibsie balançou a cabeça, mortalmente pálido. — Não *consigo*.

— Consegue, sim! — Lizzie gritou, socando seu peito. — Você sabe! Você sabe! Você sabe!

Fui até a Liz, mas meu pai me puxou para trás de novo e, dessa vez, não me soltou.

— Deixa meu filho fora das suas mentiras — Sadhbh gritou,

pegando Gibs e o levando para longe da Lizzie e da minha irmã. — Nem tenta encher a cabeça dele com o seu veneno. Você é uma garota ruim.

— Não chora. — Claire também ficou de joelhos para dar um abraço apertado na Lizzie. — Shhh, para de chorar, por favor.

Liz não *conseguia* parar.

Os gritos selvagens que lhe escapavam eram resultado de sete dias de luto, e toda a dor e raiva enfim tinham vindo à tona.

— O que está acontecendo aqui? — um policial perguntou.

Então mais três oficiais chegaram com os paramédicos. Os adultos entraram em ação de imediato, brigando e discutindo para ter a palavra.

— Pensei que você fosse meu amigo — Lizzie choramingou, olhando para o Gibsie de pé com a família. Nunca a vi tão arrasada. — Achei que você fosse meu *amigo*.

— Eu *sou* seu amigo — Gibsie disse conforme sua mãe o puxava para perto do Mark e do Keith. — Eu sou, Liz, eu juro.

— Então *conta* pra eles o que você contou pra minha irmã — ela implorou, de quatro no chão enquanto a *minha* irmã a segurava. — Conta que o Mark matou a minha irmã!

— Ele não pode falar nada, porque eu *não* fiz nada com a sua irmã! — Mark se esgoelou, colocando a mão no ombro do Gibsie. — Sou inocente e meu irmão sabe. Não é, Gibs?

— Não sei o que você quer que eu diga — Gibsie falou, chorando tanto quanto Lizzie. — Me desculpa, Liz, eu não estava lá.

Lizzie soltou mais um soluço de cortar o coração até olhar para Gibs bem nos olhos e declarar:

— *Nunca* mais fala comigo.

E foi nesse momento que percebi que nada mais seria como antes.

PARTE 15

A grande divisão

2 de maio de 2000

Lembranças fugazes

LIZZIE

— Sai de perto de mim!

— Você não vai embora!

— Não, porque é você que vai embora. Vaza da minha casa!

— Isso foi um grande mal-entendido, Caoimhe. Eu juro.

— Mark, eu vi com meus próprios olhos! — minha irmã gritou. — Como você pôde fazer isso com uma criança?

Congelei na porta. Os pelos da minha nuca estavam arrepiados. Meu corpo inteiro começou a suar frio. Era quase como se meu estômago tivesse virado do avesso.

Segurei o edredom, me sentindo um pouco zonza, com a sensação de que estava prestes a desmaiar.

— Elizabeth! Vem cá agora. — Ela parecia querer me matar, então fiz a única coisa que eu podia naquela hora. Saí correndo. — Preciso falar com você!

Prendendo o fôlego, entrei no armário e fechei a porta discretamente. Cobri a boca com a mão e fiquei imóvel, esperando.

— O Gibsie sabe o que você é! — Caoimhe vociferou. — E eu também!

O que os dois sabiam?

O que estava acontecendo?

— Não ouse me ameaçar, Caoimhe!

E por que minha pele estava arrepiada?

Por que eu estava com vontade de arrancar as orelhas para não ter que ouvir a voz dele?

— Ah, meu Deus! — Caoimhe continuou gritando. — Eu trouxe um pervertido pra perto das crianças. Deixei você com a minha irmã...

— O que foi que ela te disse? — Mark perguntou. — O que foi que aquela putinha te contou? Porque você sabe que ela mente, Caoimhe. Não dá pra acreditar em uma palavra do que aquela maluca diz.

— Como assim o que foi que ela me disse?

— Nada, esquece.

— Como assim, Mark? — Caoimhe insistiu. — O que você fez com a minha irmã?

— Quer parar de gritar pelo menos um segundo? — Mark berrou. — Estou tentando pensar.

— Não, não, não, não! — Caoimhe soltou um grito estridente. — Me diz que você não fez isso! Com a Lizzie, não!

— Caoimhe, para de gritar e me deixa explicar...

Tentei contar para eles.

Tentei fazê-los entender.

Falei do monstro dos meus pesadelos, da moça assustadora me vigiando das sombras e dos olhos mortos da minha irmã.

Meus pensamentos estavam bagunçados demais. Me esforcei para que tudo fizesse sentido, mas todos os meus esforços acabaram se traduzindo em uma confusão de súplicas desesperadas e acusações histéricas que ninguém parecia levar a sério.

3 de maio de 2000

Eu acredito na sua filha

HUGH

— Você é bastante cara de pau de aparecer aqui, Hughie. — Essas foram as primeiras palavras que Michael Young disse quando abriu a porta e se deparou comigo na quarta-feira de manhã.

Eu não podia julgar a sua hostilidade. Não depois de ter testemunhado o caos que sua filha provocou no enterro da irmã dois dias atrás. O irmão postiço do meu amigo mais antigo tinha sido acusado de estuprar a irmã da minha namorada. Meus pais tinham tomado partido da mãe desse amigo, o que significava que, para aquele homem, eu pertencia ao lado inimigo. Mas também não podia ser responsabilizado pelas ações dos outros.

Quando tudo foi para os ares no enterro e a Liz e eu fomos levados em direções opostas, não tive escolha. *Tive* que ir embora com a minha família. Também não me deram a chance de dar a minha opinião sobre o episódio, mas eu pretendia fazer isso depois.

Voltamos para casa e fomos mandados para o quarto do Gibsie para que os adultos pudessem conversar. Daí eu surtei e

desci batendo os pés.

Além de ter ficado furioso ao ouvir a Sadhbh falando mal da minha namorada, eu me joguei em cima do Mark assim que ele voltou da delegacia com o pai.

Meu lapso momentâneo de sanidade me custou um nariz quebrado — cortesia do Mark — e uma proibição perpétua de pisar na casa número nove — cortesia do pai dele.

Mas valeu a pena, e eu toparia de bom grado ter uma dúzia de ossos quebrados se pudesse bater naquele babaca de novo.

Melhor ainda, meu pai perdeu a cabeça quando viu o estado do meu rosto e deu uma surra no Mark por ter botado as mãos no "filho dele". Não fiquei muito feliz por ser tratado como criança, mas não podia negar que ele tinha me feito um favor. Afinal, ele também acabou banido do número nove junto comigo.

Tudo tinha desmoronado na minha rua, e eu sabia que estava me arriscando ao pedalar até lá, mas não podia deixar de tentar.

Pois eu me recusava a abandoná-la.

Não importa o que aconteça.

— Por que você não volta pra Avoca Greystones, hein? — Mike sibilou, mais arrasado do que no enterro da filha. — Pode voltar pros Allen pra defender aquele canalha estuprador como seus pais decidiram fazer.

— Eu não sou os meus pais — falei calmamente, me mantendo firme. — E também não sou o canalha estuprador.

Minhas palavras surpreenderam o pai da Lizzie, que ficou pensando por um momento.

— O que está dizendo, Hugh?

— Estou dizendo que acredito na minha namorada — respondi, aproveitando a oportunidade. — Eu *acredito* na sua filha, Mike — eu disse, endireitando a postura para passar uma

impressão de maturidade. — E vim aqui falar exatamente isso pra ela.

Ele deu um suspiro e a tensão foi se dissipando devagar dos seus ombros.

— Então está bem. — Ele deu um passo para o lado e segurou a porta para mim. — É melhor entrar, filho.

A primeira coisa que me recebeu assim que botei os pés lá dentro foi o barulho estridente e desesperado vindo da porta fechada do quarto de Caoimhe.

Imediatamente, reconheci os lamentos perturbadores e sobrenaturais como os de uma mãe em luto. Eu só tinha ouvido um som como aquele uma vez antes — da Sadhbh Allen quando Bethany morreu. O pranto excruciante de uma mãe de luto pelo filho era assombrosamente peculiar e eu torcia muito para não ter que ouvir algo assim uma terceira vez.

Contive um tremor e fui direto para o quarto da Lizzie, tentando bloquear o choro sofrido da mãe dela. Entrei sem me preocupar em bater na porta, pois sabia que não adiantaria. Minha namorada estava inerte na cama, completamente dopada com Deus sabe o que os médicos prescreveram para aliviar seu sofrimento.

Me aproximei, tirei os sapatos e me enfiei debaixo das cobertas.

— Oi, baby, sou eu — sussurrei, para logo franzir a testa ao perceber a palavra que me escapou. Nossa! Eu nunca tinha chamado a Liz *assim*. Mais estranha ainda foi a sensação de que aquilo me pareceu a coisa *certa*. Como se eu devesse chamá-la de baby.

— Oi — ela falou, encarando o teto sem se mexer enquanto lágrimas escorriam. — Não consigo virar a cabeça.

— Tudo bem — eu disse, tocando seu rosto. — Posso te ajudar.

— Me deram uma injeção — ela disse quando a virei de lado para ficar de frente para mim. — Mais uma. — Seus olhos azuis estavam inchados. — Não sinto nada.

— Talvez isso seja bom — respondi, apoiando a mão no seu rosto. — Você já sofreu muito, Liz.

— Quero sentir você — ela sussurrou, com os olhos fixos nos meus. — E não estou conseguindo.

— Você não está me sentindo agora? — perguntei, fazendo carinho nela.

— Não — ela disse, com outra lágrima caindo dos seus cílios compridos.

— Tudo bem — falei com gentileza. — Eu consigo te sentir.

— Consegue?

— Sim, Liz.

— E como é?

— Sinceramente?

— Sempre.

— Você me faz arder — confessei, acariciando sua bochecha. — Do melhor jeito possível.

Ela ficou pensando por um tempo e depois disse:

— E tem mais alguém que faz isso com você?

— Não — respondi, totalmente focado no seu rosto. — Só você.

— Sério?

— Juro.

— Ah, meu Deus. — Seu peito arfou. — Eu estava com tanta saudade, Hugh...

— Eu estava com mais saudade, Liz — falei, lutando contra o tsunami de emoções surgindo dentro de mim.

— Deixei tudo um milhão de vezes pior — ela confessou

então, com o peito subindo e descendo rápido. — Destruí meus pais.

— Não destruiu, não — retruquei, chegando mais perto para pressionar a testa na dela. — Você não destruiu ninguém, Liz. Foi tudo culpa dele.

Ela soltou um suspiro de susto.

— Você *acredita* em mim?

— Claro que sim — falei vigorosamente. — E sinto muito por tudo o que aconteceu no enterro. — Um suspiro sofrido escapou dos meus lábios abertos. — Eu queria ir embora com você depois da briga, juro, mas meus pais me obrigaram a ir pra casa.

— Ninguém acredita em mim, Hugh — ela disse, arregalando os olhos. — Mas juro que estou falando a verdade.

— Eu sei — falei bruscamente, detestando o tremor que notei na minha mão quando afastei o cabelo do seu rosto. — E não é bem assim, Liz. Os seus pais também acreditam em você.

— Só porque são meus pais — ela sussurrou, murchando. — Só porque é mais fácil botar a culpa nele do que em mim.

— E por que botariam a culpa em você?

— Porque eu sou eu. Porque eu estava lá e não fiz nada.

— E o que você poderia ter feito? — perguntei no tom mais gentil que consegui.

Lizzie piscou, confusa.

— Impedido que Caoimhe fizesse aquilo?

Meu coração se partiu e fiz a única coisa que podia naquele momento: me inclinei e dei um beijo no rosto dela e depois sussurrei no seu ouvido:

— Te amo.

Os eventos daquela noite ainda eram um mistério, e eu sabia que a Liz tinha bem mais informações dentro daquela mente complicada do que a versão que aquele canalha mentiroso

tinha dado às autoridades. O único problema era que as lembranças da Lizzie estavam fragmentadas e precisavam ser organizadas, e apenas o tempo poderia restaurá-las. Quanto tempo eu não fazia ideia, mas se eu a pressionasse demais, ela se fecharia e eu a perderia de novo. Então me recusei a fazer isso, pois era egoísta e queria que a Liz permanecesse saudável muito mais do que queria a verdade.

— O seu nariz... — ela sussurrou, se concentrando no meu rosto. — Os seus olhos. — Soltou um suspiro. — Você está todo machucado.

— Estou bem. — Dispensei suas palavras com um sorrisinho. — Você devia ver como o outro ficou.

— Quem te machucou?

— Ninguém, Liz.

— Fui eu?

— Você? — Franzi a testa, confuso. — Não, Liz, claro que não.

— Ah! — Ela respirou fundo, aliviada. — Me desculpa.

— Não peça desculpas por algo que você não fez — eu disse, enxugando uma lágrima. — Além disso, sou eu que devia te pedir desculpas.

— Por quê?

— Por ter te abandonado no enterro.

— Mas você voltou.

— Dois dias depois, Liz.

— Mas voltou, Hugh.

— Sempre vou voltar pra você — falei, querendo envolvê-la no meu corpo e mantê-la segura. — Não importa quantas vezes eu precise ir embora, saiba que *sempre* vou voltar pra você.

— Pra mim ou por mim?

— Os dois.

— Que bom, porque você é o único motivo de eu estar aqui.

— Não, Liz. — Meu coração se despedaçou. — Não fala assim, por favor.

— Mas é verdade. — Ela contraiu o rosto e fechou os olhos para conter as lágrimas. — Acho que o destino errou.

Enruguei as sobrancelhas, sem entender.

— Como assim?

— Eu que devia ter me afogado, não ela. Vou morrer na água, Hugh.

— Liz... — Meu corpo inteiro ficou tenso. — Por que está falando isso?

— Por causa do meu sonho.

— Que sonho?

— Vivo sonhando que estou tentando voltar pra superfície e alguém está empurrando minha cabeça pra debaixo d'água.

— Puta merda, Liz. — Não consegui disfarçar o horror. — Há quanto tempo você sonha com isso?

— Desde sempre — ela sussurrou. — A pessoa grita pra eu parar de lutar, pra simplesmente desistir e respirar água. — Um tremor percorreu seu corpo inteiro. — E, quando faço isso, eu morro, e daí acordo.

— Isso é horrível.

— Acho que é um presságio — admitiu, arrasada. — Acho que eu não devia estar aqui... eu devia morrer debaixo d'água.

— Não. — A palavra saiu bem mais dura do que eu pretendia, mas não consegui evitar, porque meu coração estava disparado. — Não, Liz. Não é verdade. Nem pense em acreditar nisso.

— É meio difícil não acreditar quando eu realmente *não* queria estar aqui, Hugh.

— Preciso de você aqui, Liz. *Preciso* de você.

— Você não precisa de mim, Hugh — ela disse com tristeza.

— Só me quer aqui, mas nem sempre.

— Isso é uma besteira, e você sabe — insisti, puxando seu corpo para perto. — Além de você ser minha namorada e eu te adorar, você é minha melhor amiga desde que eu tinha sete anos. Sabe todos os meus segredos e é a única garota nesse planeta com quem quero passar o meu tempo. Preciso *totalmente* de você, Liz.

— Estou quebrada, Hugh.

— Não está, não — falei com gentileza. — Você só está de luto.

— Eu *sou* quebrada — disse, desolada. — Não sou *boa*, Hugh. Não sou a garota que você pensa, e qualquer dia desses você vai descobrir e vai acabar indo embora.

— Não vou — retruquei com veemência, devastado por ela ter tão pouca fé na minha habilidade de ficar. — Não vou te abandonar, Liz.

— Caoimhe me abandonou — ela sussurrou, fechando os olhos para disfarçar a dor. — Você também vai acabar me abandonando.

— Eu não sou assim — insisti, pegando sua mão. — Não sou esse tipo de pessoa. — Coloquei sua mão no meu rosto. — *Nunca* vou te deixar sozinha.

— Talvez você devesse — ela murmurou. — Antes que se machuque.

— Você vai me machucar, Liz? — perguntei, cobrindo sua mão com a minha.

— Não, mas talvez ele machuque.

— O Mark?

— Talvez. — Seus dedos tremeram debaixo dos meus. — Ou talvez o monstro te pegue primeiro. Ou a moça assustadora.

— O monstro não vai me pegar — prometi pelo que devia ser a milionésima vez ao longo do nosso relacionamento. — A

moça assustadora também não. Quanto ao maldito Mark Allen, ele é quem devia ter medo de *mim*.

Ela abriu os olhos de repente.

— Não, Hugh! Não! — Seus olhos azuis foram tomados de medo. — Não chega perto dele.

— Não tenho medo dele, Liz — falei, tentando consolá-la. — E ele vai ter o que merece. — *De um jeito ou de outro*.

— Promete, Hugh. — Ela agarrou minha camiseta. — Promete que vai ficar longe dele.

— Bem... — Soltei um suspiro pesado. — Nesse momento, estou proibido de pisar naquela casa, então não precisa se preocupar.

— Por quê?

— Não importa, Liz.

Seus dedos apertaram minha camiseta com mais força.

— *Por quê*, Hugh?

Pensei em mentir para proteger suas emoções fragilizadas, mas não *consegui*. Não com ela me fitando com total confiança nos olhos.

— Acabei brigando com o Mark. — Respirei fundo, derrotado, e logo continuei: — Bati nele por uns três minutos completos antes de ele quebrar o meu nariz. Ah, daí meu pai quebrou o nariz dele. — Dei de ombros e acrescentei: — O meu pai também está banido da casa deles.

— Por que você fez isso? — ela perguntou, passando o dedo trêmulo pelas minhas feridas e pelos meus hematomas. — Ele é bem mais velho e bem maior que você.

— Talvez agora — admiti de má vontade. — Mas não vai ser pra sempre. — Peguei sua mão e dei um beijo no seu pulso cheio de cicatrizes. — Eu vou crescer, Liz. Um dia, vou ser um homem. E, se aquele babaca olhar pra você, vou acabar com ele.

Ela arregalou os olhos.

— Você m-mataria ele?

— Se ele tocasse em você? Com certeza — confirmei, sério. — E nem me sentiria mal.

— Você faria isso por mim? — Um arrepio profundo percorreu seu corpo. — *Por quê?*

— Porque eu te *amo* — falei, beijando seu pulso de novo. — E porque *acredito* em você, Liz. — Entrelacei os dedos dela nos meus e completei: — *Acredito* que ele estuprou a Caoimhe. — Cheguei mais perto, pressionei a testa na sua outra vez e sussurrei: — E *nunca* vou deixar aquele animal fazer com você o que fez com a sua irmã. Nem com qualquer outra garota. Mas principalmente com você.

— Por que principalmente comigo?

— Porque eu te amo mais que tudo.

10 de maio de 2000

Estou me afogando de novo

LIZZIE

Gritando meu nome com todas as forças, Caoimhe entrou no meu quarto como um furacão.

— Elizabeth, sai agora mesmo. Preciso falar com você!

Me atrapalhei com a porta do guarda-roupa e saí devagar, em pânico.

— Me desculpa, Caoimhe.

— Ele tocou em você, Lizzie? — minha irmã perguntou, afastando o Mark quando ele tentou abraçá-la. — Mark te forçou a fazer sexo com ele?

Meu corpo virou pedra e olhei para a minha irmã com lágrimas caindo.

— Estou encrencada?

— Ela está mentindo — Mark esbravejou, empurrando minha irmã com tanta força que Caoimhe caiu no chão. — Fala pra ela que nunca te forcei a fazer nada, baixinha! — Ele agarrou meu braço. — Fala pra ela, sua putinha!

— Não encosta nela! — Gritando e fumegando, Caoimhe se jogou nele e começou a arranhá-lo. — Seu monstro do caralho!

— Estou mal — ele choramingou, tentando abraçá-la. — Preciso de ajuda, amor, estou doente.

— O que você fez com ela? — Caoimhe insistiu, derrubando-o no chão. — Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Ela queria, eu juro — Mark disse, prensando minha irmã no chão. — Ela sempre teve inveja de você. Do que eu tenho com você. Ela é uma puta, amor. A sua irmã me manipulou. Você não faz ideia do que ela é capaz.

— A Liz é uma criança! — Caoimhe berrou, erguendo o corpo para afastá-lo. — Qual é a porra do seu problema?

— Você não pode contar pra ninguém, Caoimhe — ele disse, prendendo suas mãos para cima. — Por favor, amor, por favor. Vou me matar. Você não vai querer isso, né? Você quer que eu morra, amor? Porque é o que vai acontecer...

A Gardaí não acreditou em mim.

Nem os adultos.

Ninguém acreditava em mim.

A não ser Hugh, minha mente me disse. *O cavaleiro valente acredita na sua donzela.*

Todo o resto pensava que eu era perturbada.

Talvez eu fosse mesmo.

Eles tinham tanta certeza que eu estava enganada que cheguei a ficar confusa.

Minhas crenças estremeceram.

E duvidei de mim mesma.

24 de maio de 2000

Não seja mais amigo dele

LIZZIE

Conforme os dias se transformavam em semanas, as lembranças da minha irmã começaram a se esvair lentamente. O fluxo constante de travessas de assados e comidinhas caseiras entregues todos os dias pelos nossos vizinhos acabou parando. Assim como o número de pessoas batendo na nossa porta para nos desejar boa sorte.

Hoje, sua morte completou um mês e ninguém se deu ao trabalho de aparecer em casa. De certa forma, fiquei aliviada, pois achava que não seria capaz de apertar a mão de outro estranho sem perder o que restava da minha sanidade — e, de fato, não me restava muita sanidade naquele momento.

A única figura consistente que continuava me visitando era o garoto segurando minha mão.

Hugh era a única pessoa que ainda vinha e, para mim, sua presença significava mais que toda a comunidade de Ballylaggin. A cidade inteira podia desaparecer se eu pudesse ficar com ele.

Se ele ficasse comigo.

— Cadê seu pai? — ele perguntou, me distraindo dos meus

pensamentos. — Não vi o carro dele lá fora.

— Ah, acho que ele foi pro trabalho... — murmurei, colocando o cabelo atrás da orelha enquanto o observava andando pelo meu quarto, dobrando roupas e organizando as coisas. — É, acho que foi o que ele me falou.

— Quando ele saiu?

— De manhã. — *Acho*. — Minha mãe está no quarto. — Como se eu precisasse falar. Dava para ouvir o choro dela lá de baixo.

— Posso te levar pra sair?

Balancei a cabeça, me recostando no travesseiro e me encolhendo só de pensar.

— Hoje não.

Ele se virou para mim e vi carinho e compreensão nos seus olhos castanhos.

— Não precisa entrar em pânico, Liz. Nunca vou te obrigar a fazer algo que você não quer.

Soltei um suspiro de alívio.

— Está bem.

— Mas qualquer dia desses vou te *convencer* a sair desse quarto — ele acrescentou com um tom brincalhão, chegando mais perto. — A gente pode começar com o andar de baixo. — Depois, subiu na cama, agitou as sobrancelhas e pegou minha mão. — Daí a gente pode arriscar ir pro jardim. — Ele me colocou no seu colo sem o menor esforço, passou o braço nas minhas costas e roçou a bochecha contra a minha. — Depois talvez a gente possa mirar na minha casa.

— Não. — Meu corpo virou pedra nos seus braços. — Não posso.

— Calma — ele brincou, passando a boca no meu ombro. — Sua pele precisa de sol. — Ele deu um beijo carinhoso no meu pescoço. — Pense na vitamina D.

— Não, eu quis dizer que não posso ir lá — expliquei, tremendo quando seus lábios me tocaram.

Ah, sim, eu definitivamente conseguia *sentir* seus lábios. Seu beijo era inocente, mas fazia meu corpo responder de um jeito não muito inocente.

Garota malvada.

Garota má.

Putinha imunda.

— Não posso nem chegar perto da sua rua — falei, tentando desesperadamente me concentrar no momento presente e *bloqueá-lo*. — Não posso ir na sua casa, Hugh. Não enquanto ele estiver lá. — *E ele sempre está lá*. — Me desculpa.

Hugh ficou em silêncio por um longo tempo até soltar um suspiro pesado. Em vez de discutir comigo, como eu esperava, ele me virou para si.

— Te amo — falou, me fuzilando com seus olhos de uísque. — Te amo tanto. — Ele segurou meu rosto entre as mãos e beijou minha testa. — Diz que você sabe, Liz.

— Sei que você me ama, Hugh — sussurrei de um jeito melancólico, montada no seu colo. — Mas você ama mais ele.

— Não amo, não. — Ele balançou a cabeça com tristeza. — Não chega nem perto.

Amava sim.

Quer admitisse ou não, Hugh amava Gerard Gibson como um irmão. O vínculo deles era bem mais profundo que amizade. A vida dos dois estava entrelaçada de uma forma que eu nunca tinha visto. Ao longo dos anos, houve várias ocasiões em que desejei que a minha irmã me amasse como Hugh *o* amava.

Eu entendia o motivo, claro. Também o amava como um irmão.

Até ele proteger o monstro responsável pela morte da minha

irmã.

Até me trair.

Até partir o meu coração.

Ele fez isso com ela.

Ele matou a sua irmã.

Não se esqueça disso, baixinha.

Ele é o responsável por tudo isso.

Você nunca vai ver sua irmã de novo e é tudo culpa dele.

— Então não seja mais amigo dele, Hugh — implorei, já sabendo qual seria a resposta. Não. Assim como da última vez que pedi e a vez antes dessa. — Por favor. — *Dói demais.* — Só... — *Me escolha.*

— Liz, por favor. — Hugh beliscou o nariz e soltou um suspiro sofrido. — Não posso abandonar ele. Ele não fez nada de errado. O Gibsie é tão inocente quanto você.

Não fiquei surpresa com a resposta.

Só desesperançosa.

E um pouco mais morta por dentro.

Porque Hugh nunca escolheria um de nós, o que significava que tinha escolhido *ele*. Assim como Claire e Patrick. Eu era descartável no nosso grupo. Nunca o abandonariam, porque, para a família Biggs, Gerard Gibson era indispensável. Ele era mais parte da família do que eu jamais seria, o que doía demais.

— Ele é irmão dele — sussurrei, apesar de saber que não adiantaria nada.

Eu jamais poderia fazer meu namorado entender algo que nem eu mesma entendia. Eu não sabia explicar por que queria arrancar a minha pele quando ouvia o nome do Gibsie, mas era uma reação bastante real e física. Uma reação que minha mente me garantia que eu tinha o direito de sentir.

Porque ele é mau.

Que nem ele.

Porque eles me machucaram.

Porque eles mataram minha irmã.

— Não foi escolha dele — Hugh afirmou calmamente. — A mãe do Gibsie se casou com o pai do Mark. Eles não são irmãos biológicos.

Um arrepio de repulsa me percorreu.

— Continuam sendo família.

— Gibs também é minha família, *por escolha* — Hugh retrucou com um tom frustrado. — Então também sou culpado por associação?

— Deixa pra lá... — murmurei, piscando lágrimas. — Esquece que falei alguma coisa. — Fungando, desci do seu colo e me recolhi para o outro lado da cama. — Ele é sua família, e eu sou só uma garota.

— Não é verdade, e você sabe disso, Liz — Hugh falou com uma voz grave. — Você nunca foi só uma garota pra mim, mas não posso ter a mesma briga com você toda vez.

— É só parar de vir aqui — falei, na defensiva. — É melhor você ir embora.

— Até parece que eu vou embora — ele retrucou, se virando para olhar feio para mim. — Nem pense em vir com esse truque pra cima de mim. Não vai funcionar.

— Que truque?

— Me afastar? — Ele balançou a cabeça. — Não vou embora, Liz. Desiste.

— Não posso ficar com você se você estiver com ele — gritei. As lágrimas escorriam livremente pelo meu rosto. — Não quero ter nada a ver com a família dele, e você tem *tudo* a ver com eles.

— Você não precisa ter nada a ver com eles pra ficar comigo! — ele gritou de volta, passando a mão pelo cabelo de

frustração. — Só fica *comigo*, Liz!

— Não quero ficar em lugar nenhum, Hugh! — berrei, perdendo o controle. — Principalmente na porra dessa casa! — Me ajoelhei, passei as mãos pelos cabelos, agitada, e soltei um grito furioso.

— Não, Liz! Para!

— Minha irmã está morta e minha mãe está morrendo! — Puxei o cabelo com força e uma mecha saiu na minha mão.

Joguei no chão e agarrei meu short.

— Lizzie, por favor...

— Meu pai me odeia e eu perdi todos os meus amigos! — Cravei as unhas na pele e rasguei tão fundo que saiu sangue. — Eu queria trocar de lugar com a Caoimhe! — Ignorando seus protestos, continuei berrando e me arranhando. — Queria ter morrido aquela noite!

— Não, baby! Não! — Os braços do Hugh me envolveram, me deixando indefesa. — Por favor, Liz, não se machuca.

— Não é justo! — vociferei com todas as forças. — Por que a Caoimhe tinha que morrer, Hugh? Por que ela? Por que *assim*? Por que a *minha* irmã?

— Não sei, Liz — ele respondeu, me segurando com força. — Eu queria ter as respostas pra te dar, mas não tenho. A única coisa que posso te falar com toda certeza é que fico feliz por não ter sido você.

— Não diga isso!

— Fico *feliz* por você não ter morrido aquela noite, e eu *jamais* ia querer que você trocasse de lugar com a Caoimhe. Nem em um milhão de vidas! Vou te escolher todas as vezes, Lizzie Young, porque eu te amo!

— Não me ama! — gritei, tentando me soltar sem sucesso. — Você não me ama, porque não consegue! — Ele era bem mais forte que eu, e eu não conseguia me libertar, não importava o

quanto tentasse. — Está me ouvindo? Você não consegue!

— Eu consigo, eu consigo — ele ficou sussurrando sem parar, fundindo minhas costas ao seu peito, segurando meus braços. — Eu te amo e você não pode me fazer parar de te amar.

— Você é amigo dele, não meu amigo! — falei, desesperada para ter razão.

Porque ele também acabaria me abandonando. Era a única certeza que eu tinha na vida. Ninguém permanecia.

— Você é *dele*!

— Eu sou seu — Hugh disse com uma firmeza inabalável enquanto eu soava selvagem. — Sou todo seu.

— Não mente pra mim — avisei, sentindo meu peito arfar devido ao pânico que me assolava. — Não vou aguentar.

— Eu sou seu — ele repetiu, roçando os lábios no meu ouvido enquanto falava suavemente. — Sempre fui seu.

— Mas eu não sou uma boa pessoa — falei, arrasada. — Sou uma garota má.

— Não é verdade — ele disse com a voz embargada de emoção. — Tudo em você é *bom*, Lizzie Young. E, como sou seu melhor amigo, eu sei bem.

— Mas eu sou bipolar — lembrei, conforme meu corpo amolecia contra o dele.

Ele beijou minha têmpora.

— Eu sei.

— Isso *não* é bom.

— Quem disse?

Fungando, contive um soluço de choro.

— Todo mundo.

— Eu não. — Ele beijou minha têmpora outra vez. — Por acaso, adoro essa sua mente complicada.

— Não é complicada... é maluca.

— Você está errada — ele retrucou em um tom confiante. — Vai ter uma vida *maravilhosa*, Liz. Um pouco complicada, claro, e talvez desafiadora, mas vai ser maravilhosa.

— É mesmo?

— É sim, Liz.

— Como você sabe?

— Porque vou garantir que isso aconteça.

25 de maio de 2000

A opressão da depressão

HUGH

Após o enterro da Caoimhe, as famílias Allen e Young rapidamente viraram o assunto da cidade. Os boatos corriam à solta, e a causa da morte se tornou o foco de todas as conversas num raio de dezesseis quilômetros.

Mark se manteve firme na alegação de inocência, e seus pais o defendiam com uma determinação inabalável.

Keith e Sadhbh nem cogitavam que poderia haver alguma verdade no que Lizzie disse. Não apenas a desacreditaram como difamaram toda a sua família, inclusive a falecida irmã.

Enquanto isso, Gibsie ficou tão inconsolável com a situação que mal conseguia funcionar direito.

Além de ter ficado arrasado com a ideia de perder os melhores amigos, ele passou a maioria das noites desde o enterro em enxurradas de lágrimas, buscando conforto na Claire, que permaneceu fielmente ao seu lado.

Apesar da intensa antipatia do meu pai pelos Allen, ele fazia questão de apoiar o filho sobrevivente do melhor amigo, o que significava que também estava do lado do Mark, embora meio relutante.

Já minha mãe e minha irmã continuavam fingindo neutralidade, mas estava claro que compartilhavam da mesma opinião do meu pai.

A rejeição arrogante do Keith e da Sadhbh à revelação da Lizzie só pareceu colocar lenha na fogueira da Catherine e do Mike, que travavam uma batalha ferrenha por um inquérito completo sobre a morte da filha.

Durante semanas, a Gardaí ficou entrando e saindo do número nove de Avoca Greystones sem parar, fazendo perguntas e coletando depoimentos, mas nada parecia conclusivo.

Não houve prisão, e Mark seguiu morando na casa da frente e frequentando as aulas no Tommen. No entanto, não saiu impune com o povo de Ballylaggin porque, apesar da falta de provas, os boatos se espalharam feito fogo.

Embora ninguém o tivesse acusado abertamente de ser um estuprador e os resultados preliminares da autópsia não tivessem apontado nenhum crime, a semente da dúvida tinha sido plantada, e ele logo se tornou o pária da cidade. As pessoas o evitavam nas ruas e na escola, o que só serviu para acentuar ainda mais a divisão entre as famílias.

A interdição do meu pai ao número nove foi rapidamente revogada pela Sadhbh, mas a minha permaneceria em vigor até Mark partir para a faculdade no fim de junho.

Além disso, fui instruído a evitar qualquer contato com o canalha estuprador e não podia nem atravessar a rua enquanto o carro dele estivesse na garagem.

Como se eu me importasse com ele.

Eu não mijaria no escroto nem se ele estivesse pegando fogo.

Pois ele era o instigador daquele pesadelo vivo e pulsante.

Por causa das suas ações, uma linha tinha sido traçada bem no meio do meu mundo, separando meu amigo mais antigo da

minha namorada.

O lance todo me deixava enjoado, e eu sinceramente não conseguia pensar em outro ser humano tão dividido quanto eu.

Porque eu *acreditava* nela.

As autoridades duvidavam do depoimento dela, e os adultos a rotulavam como doente mental, mas eu conhecia Lizzie Young melhor que ninguém, e se conseguissem ser pacientes com ela e olhar para além daquele maldito estigma, poderiam ver o que eu via.

Uma garota dizendo a *verdade*.

Eu sabia que a história dela tinha mudado várias vezes desde o enterro — primeiro Mark empurrou Caoimhe na água, depois ele foi o motivo de ela ter pulado —, mas *não* era porque ela estava mentindo. Era porque estava *traumatizada*. Só precisava de tempo para organizar os pensamentos, mas pelo visto não era assim que os agentes da lei interpretavam os furos na sua história.

Ao contrário dos outros, não duvidei da minha namorada nem por um minuto.

Se Lizzie disse que Mark estuprou a irmã, foi isso o que aconteceu.

O que me deixava confuso era o ódio repentino e intenso que ela passou a sentir pelo Gibsie. Ela o culpava pela morte da Caoimhe tanto quanto culpava o Mark. Talvez até mais. Vi nos olhos dela aquele dia no cemitério quando ela ficou de joelhos diante dele. Foi como se ela tivesse virado uma chavinha na mente e ele tivesse se tornado seu inimigo mortal. Eu sabia que ela não estava pensando racionalmente e não a culpava por isso, mas me partia o coração vê-la voltar sua angústia para Gibsie.

Porque, embora eu acreditasse plenamente no que a minha

namorada dizia sobre o papel do Mark na morte de Caoimhe, também sabia com absoluta certeza que o Gibsie não tinha nada a ver com aquilo.

Gibsie era tão inocente quanto ela.

Mas algo morreu dentro dela aquele dia. Uma parte sua foi enterrada junto com a irmã, e eu não pude fazer nada.

Era como se a morte da Caoimhe tivesse quebrado uma parte fundamental da sua mente, e eu não conseguia mais acessá-la como antes. O brilho nos seus olhos se extinguiu, e a mudança na sua personalidade foi tão rápida quanto contrastante.

A Liz estava muito mais fechada e agressiva, e as mudanças de humor eram tão rápidas que era difícil acompanhar. Seus altos eram estressantes, e seus baixos, ainda mais assustadores. A qualquer momento, ela ia de distante e indiferente a afetuosa e atenciosa.

Por tentativa e erro, fui aprendendo tudo na prática, encontrando maneiras de me virar e lidar com as oscilações de humor, mas ficou claro que ela não era mais a mesma pessoa. Pior ainda, nada do que eu fazia parecia reavivar a parte do seu espírito que foi apagada aquela noite.

Tudo o que me restava era tentar me agarrar às partes que eu ainda alcançava.

Me agarrar com todas as forças e rezar para que ela não escapasse por entre os meus dedos.

Ajeitei a garota adormecida no meu colo, me recostei na pilha de travesseiros às minhas costas e obriguei meu coração a manter um ritmo constante. Dava para sentir suas lágrimas escorrendo pelo tecido do meu uniforme, mas não me mexi. Mesmo dormindo, Liz chorava por tudo o que tinha perdido, e isso deixava meu coração em pedaços.

Com o rosto no meu peito e as mãos na minha camiseta, ela se segurava em mim como se eu fosse sua última salvação. E,

às vezes, eu achava que talvez fosse mesmo.

Eu certamente tinha me tornado o plantonista nos seus cuidados sempre que ela perdia o juízo. Provavelmente porque era o único com coragem suficiente para vasculhar a cabeça dela e trazê-la de volta para mim.

O pai dela não se esforçava. Pelo contrário, Mike tinha se distanciado emocionalmente depois do enterro, e Catherine, apesar de estar presente, não tinha forças nem para sair da cama. Claire tinha o bom senso de um filhote de springer spaniel, abanando o rabo e distribuindo beijos sem muita substância, enquanto Gibsie acabou virando seu inimigo autoproclamado. Patrick estava perdido e, por causa da desavença entre nossas famílias, minha mãe *não podia* ajudar.

Então só sobrava eu.

— Hugh? — murmurou, sonolenta. — Hugh?

— Sim, Liz — falei com gentileza. — Estou aqui.

— E *eu*, estou aqui?

— Nós dois estamos aqui.

— Estou acordada?

— Sim, Liz, nós dois estamos acordados — sussurrei, fazendo carinho no seu rosto com mais ternura do que seria sensato. — Você está acordada no seu quarto.

— Com você?

— Comigo — falei, pegando sua mão. — Está me sentindo?

Ela soltou um suspiro.

— *Estou*.

— Está me ouvindo?

— Estou.

— Boa garota — eu disse, abaixando a cabeça para dar um beijo no seu cabelo. — Eu te amo muito.

— Não importa o que aconteça? — ela perguntou, segurando minha camiseta com força.

— Não, Liz. — Meu coração disparou, e dei outro beijo nela. — Não importa o que aconteça.

29 de maio de 2000

Nunca acreditaram e nunca acreditariam

LIZZIE

— Caoimhe? — sussurrei na escuridão, sabendo que, apesar de estar do outro lado do quarto, ela podia me ouvir. — A gente vai morrer aqui?

Ela demorou bastante para me responder, e quando finalmente falou, sua voz não soava como antes.

— Não, Liz. — Suas palavras estavam arrastadas e esquisitas. — Não vou deixar isso acontecer com você.

Fungando, abracei meus joelhos e fiquei me balançando para a frente e para trás.

— Mas e você?

Silêncio.

O pânico ganhou vida dentro de mim.

— Odeio o seu quarto — declarei, enterrando o rosto nos joelhos. — Não quero mais ficar aqui.

— Eu também não — ela disse com a voz falhando. — Quero o papai.

— Eu não — falei, tremendo de frio. — Só quero o Hugh...

Depois do enterro, a Gardaí realizou uma investigação meia-boca que foi imediatamente encerrada quando o relatório do

legista concluiu que a causa da morte da minha irmã foi suicídio.

Todo mundo ficou do lado dele.

Porque a história do Mark fazia sentido e a minha não.

Porque ele era são e eu era uma criança doente.

Porque *Gerard Gibson* não me ajudou.

Eu não tinha muitas certezas na vida — sempre tive dificuldade em distinguir sonho da realidade —, mas tinha certeza de uma coisa.

Não importava o que eu fizesse ou dissesse sobre aquela noite.

Ninguém ficaria do *meu* lado.

Ninguém acreditaria em *mim*.

Nunca acreditaram e nunca acreditariam.

Então por que tentar?

Por que me esforçar?

Por que me dar ao trabalho de respirar?

1º de junho de 2000

Quando namoradas choram e porcos voam

HUGH

— Por que você só não me deixa morrer? — Lizzie gritou, atirando o cofrinho de porco na parede. — Não quero mais estar aqui! — A porcelana se espatifou em vários pedaços, e moedas e notas explodiram da barriga do bicho. — Ninguém me entende!

O resto do mundo podia não entender a Liz, mas eu entendia, e por isso sabia *exatamente* o que ela estava tramando quando afundou de joelhos no chão.

— Me dá — ordenei, vibrando de tensão, fechando o espaço entre nós. — Me dá *agora*, Liz.

— O q-quê? — ela choramingou, deitada em posição fetal com as mãos na barriga.

— Você sabe muito bem o que — eu disse, me abaixando para arrancar o caco de porcelana ensanguentado das suas mãos. — É bom você não estar nem *pensando* nisso.

— Sou uma pessoa ruim, Hugh — ela falou, me arrasando. — Você devia me deixar em paz.

Eu sabia que ela não estava falando sério, que era só o luto, mas não era fácil ouvir aquelas coisas.

Eu não ia nadar nem treinar rúgbi desde o enterro, pois tinha decidido passar todos os meus momentos livres fora da escola com a minha namorada, mas nada do que eu dizia fazia a menor diferença. A hostilidade dos meus treinadores e colegas por conta das minhas ausências era osso duro de roer, mas eu suportaria de bom grado o desdém deles se isso significasse aliviar um pouco a dor da Liz.

O problema era que eu estava começando a achar que fazia mais mal do que bem com as minhas visitas.

Mas como é que eu poderia deixá-la sozinha?

Eu não *podia*.

Abandonar Lizzie Young não era algo que eu tinha capacidade de fazer.

— Não, não, não! — ela gritou ao me ver indo até a lixeira do quarto. — Não, Hugh! — Liz ficou de quatro e foi até mim rastejando pelo chão. — Por favor... por favor! Não falei sério, eu juro. Vou me comportar, prometo!

Atirei a porcelana suja de sangue no lixo e me agachei na sua frente. Voltar para ela era um velho hábito, e eu fazia isso sem nenhuma reserva, porque, independentemente de quão fundo ela estivesse no abismo escuro da depressão, não havia outra garota neste planeta com quem eu quisesse estar.

— Olhe pra mim.

— Por favor, por favor, por favor — ela implorou, se agarrando em qualquer parte do meu corpo que ela conseguia. — Não me deixa.

— *Olha* pra mim, Liz. — Segurei seu rosto entre as mãos e a puxei pra perto. — Abre os olhos e *olha* pra mim.

Ela olhou relutantemente.

Olhos fundos e tristes, sem vida, me fitaram.

— Onde eu estou? — perguntei em um tom calmo, mantendo os olhos cravados nela. — Estou bem aqui. Onde

estou?

— Você está aqui — ela disse em meio aos soluços.

— E com quem estou? — continuei, sem soltar seu rosto. — Hein?

— Você está aqui c-comigo.

— Estou aqui com *você* — confirmei, fazendo carinho no seu rosto molhado de lágrimas. — E sabe o que não vou fazer?

Ela soluçou de tanto chorar e depois sussurrou:

— Me deixar?

— Isso mesmo. *Não* vou te deixar — falei, sustentando o contato visual. — E sabe por que não vou te deixar?

Fungando, ela falou:

— Porque você é meu m-melhor a-amigo?

— *Sou* seu melhor amigo — confirmei, assentindo. — E o que mais?

— Meu n-namorado?

— *Sou* seu namorado — confirmei de novo com uma voz gentil, porém firme. — Mas você se esqueceu do principal motivo.

Ela pareceu tão pequena e frágil quando olhou para mim e sussurrou:

— Porque v-você m-me ama?

— Isso mesmo. — Meu coração se comprimiu tanto no meu peito que foi difícil fazer as palavras saírem. — Te amo mais do que já amei qualquer outra pessoa ou qualquer outra coisa.

— Me desculpa. — Sua expressão murchou, e ela se entregou aos meus braços. — Me desculpa mesmo, Hugh.

— Vai ficar tudo bem... — murmurei, me sentando no chão e a abraçando. — A gente vai superar isso.

9 de junho de 2000

Nunca vou deixar você se afogar

LIZZIE

— Caoimhe? — gritei o nome dela, mas ela não me respondeu. Ela não abriu os olhos. — Caoimhe, por favor...

— A Caoimhe está bem. — Ele soltou o cinto de segurança do corpo mole da minha irmã. — Só está dormindo.

— O que está acontecendo com ela? — choraminguei, tentando alcançá-la. — Por que ela está assim?

— Por causa dele — ele disse, me colocando no banco de trás. — Ele queria machucar ela. É culpa dele, baixinha, não se esqueça disso!

— Não, não, não — falei enquanto meus olhos viravam para trás e o mundo girava loucamente à minha volta. — Ele não machucaria ela. Ele é meu amigo...

— Não é seu amigo, sua putinha burra! — Deu a volta no carro até o banco de trás, se inclinou para dentro e agarrou meu rosto. — Ele é um bostinha desprezível que estragou tudo.

— Para! — implorei, tentando me soltar. — Por favor...

— Ele é seu inimigo, baixinha, e é bem perigoso. — Ele segurou meu rosto com tanta força que pensei que os ossos da minha mandíbula fossem se quebrar. Então se aproximou e murmurou: — Ele vai tirar tudo de você.

— Por quê? — choraminguei, esticando os braços para a frente entre os assentos, desesperada para acordar minha irmã. — Caoimhe, por favor, abre os olhos.

— Porque ele te odeia profundamente. — Ele pegou um isqueiro do bolso e começou a queimar o diário dela. Página por página. — Fez isso com a sua irmã, ele que provocou tudo isso com as mentiras dele, e vai fazer de novo com todo mundo que você ama.

— Não!

— Sim — ele cuspiu, atirando para o lado um papel queimado. — Guarde minhas palavras, baixinha. As mentiras dele vão levar os seus amigos embora que nem levaram a sua irmã.

— O que você está fazendo? — falei, confusa e desorientada. — Para de queimar o diário dela...

— Feliz aniversário.

A familiar voz do Hugh me assustou, e pisquei para voltar à realidade, me deparando com ele sentado na ponta da minha cama com um pacotinho nas mãos.

— Oi — eu disse, enquanto meu coração disparava de vê-lo. — Obrigada.

— De nada. — Seus olhos castanhos estavam cheios de ternura e afeto quando ele pegou minha mão. — Como está se sentindo?

Como se eu quisesse morrer.

— Não estou tão mal.

Ele fez carinho com o polegar.

— Conseguiu dormir essa noite?

Não, não consigo dormir desde que os vi tirando o cadáver da minha irmã do rio.

— Um pouco.

Hugh ajeitou meu cabelo bagunçado em cima do meu ombro e deu um sorriso triste.

— Estou com saudade.

Eu sabia. Também estava.

— Eu também.

— Aqui. — Ele enfiou o pacotinho na minha mão. — Pra você.

— Não precisava comprar um presente pra mim.

— Eu sei, eu sei. — Ele revirou os olhos. — Só abre logo.

Abri e soltei um suspiro de susto quando meus olhos se direcionaram para a prata brilhante.

— O que é isso?

Seu rosto ficou vermelho.

— É uma tornozeleira.

Não era só uma tornozeleira. Era a tornozeleira mais linda que eu já tinha visto na vida.

Meu corpo foi esquentando enquanto eu reparava em cada enfeite cuidadosamente escolhido pelo meu namorado.

— Tem o símbolo de gêmeos por causa do seu signo, e o coração representa... bem, você sabe. — Ele ficou mais vermelho ainda. — O livro retrata a obra que eu sei que você vai escrever um dia, e a pílula é pra você não esquecer de tomar o seu remédio.

— E a vassoura de bruxa?

Seus lábios se contorceram.

— É porque você é minha bruxinha.

Sorri.

— E a boia?

— Eu não conseguia parar de pensar no que você me falou quando disse que achava que ia morrer afogada — ele explicou, colocando a joia no meu tornozelo esquerdo. — Daí resolvi botar ela aí pra você se lembrar que, enquanto eu tiver ar nos pulmões, nunca vou deixar você se afogar.

— Hugh... — Meus olhos se encheram de lágrimas. — Obrigada.

— De nada. Sei que está se sentindo sozinha, mas preciso que saiba que estou aqui, Liz. — Seus olhos arderam de sinceridade e ele apertou minha mão com gentileza. — *Ainda* estou aqui.

Respirei fundo, tremendo, e apertei sua mão de volta.

— Eu sei.

Mantendo os olhos fixos nos meus, ele fez carinho no meu rosto, no meu queixo, no meu pescoço, e enfim pôs a mão no meu ombro.

— Você é linda.

Eu não era.

Eu era imunda.

Por dentro e por fora.

Eu queria dizer isso, mas quando abri a boca, tudo o que saiu foi um soluço de choro.

Tentei de novo, mas outro soluço me escapou.

Então seus braços me envolveram, me puxando para perto.

— Pode soltar. — Ele me abraçou o mais forte que pôde e me embalou. — Estou aqui e não vou te deixar, ok? Não importa o que aconteça.

Fraca de exaustão, me entreguei aos seus braços e chorei.

Nada adiantava.

Pois nada a traria de volta.

Nada faria os pesadelos pararem.

Eu não desapegava.

Pouco depois, Hugh me convenceu a tomar um banho e fui até a cozinha de mãos dadas com ele.

Fazia tanto tempo que eu não descia que estava cambaleando.

Minhas pernas estavam bambas como as de um potro recém-nascido, e eu me escorava no garoto ao meu lado para me manter em pé.

Ouvi minha mãe chorando no quarto, e o som me fez querer voltar para a cama e nunca mais levantar.

— Dá uma voltinha comigo — Hugh disse, também ouvindo o choro da minha mãe. Ele limpou a garganta e nos conduziu para a porta dos fundos. — O dia está maravilhoso.

Eu não queria dar uma volta.

Não queria respirar.

Mas *queria* ficar perto do Hugh, então o segui sem resistir.

9 de junho de 2000

De volta ao túmulo dela

HUGH

— Hugh? É você, querido? — minha mãe falou no instante em que cheguei da escola na terça-feira.

— Sim — respondi, deixando a mochila no corredor antes de ir até a cozinha. — Desculpa o atraso. O ônibus quebrou. Tivemos que esperar outro que demorou um século.

— Não, Catherine, o ônibus quebrou — minha mãe falou ao telefone, visivelmente preocupada. — Não entra em pânico. — Ela me examinou rápido, como sempre, antes de acrescentar: — Tenho certeza que a Lizzie não foi longe.

Não foi longe?

Meu estômago embrulhou quando ouvi isso.

Meu Deus do céu!

— Mãe! — tentei interrompê-la, mas ela estava de costas para mim, querendo convencer Catherine Young a não se preocupar com a filha quando ela deveria estar preocupada, *sim*.

A coisa devia estar muito grave para ela ligar para a minha mãe.

Porque as duas não estavam exatamente se falando.

Então tomei uma decisão instintiva: me virei e saí correndo

para pegar minha bicicleta.

Pedalando feito louco, contornei o velho caminho estreito do cemitério e quase caí do selim de tanto alívio ao avistar sua cabeça loira lá na frente.

Desmontei, larguei a bicicleta e disparei para ela, ignorando o barulho de metal batendo no chão atrás de mim.

— Caramba, Liz! — eu disse, ofegante, ao vê-la dormindo profundamente em cima do túmulo da irmã. — Sua mãe está te procurando.

Ela não estava apenas cochilando. Não, ela estava dormindo profundamente, porque nem se mexeu quando falei.

Estava só de short jeans, camiseta branca e antigos tênis vermelhos de cano alto desbotados.

Estava com as mãos sob o lado esquerdo do rosto e o cabelo comprido esparramado pelos ombros feito um cobertor dourado. Doía olhar para ela.

Porque eu não sabia amenizar o sofrimento que a afogava.

Eu não podia trazê-la para a segurança.

Não podia salvá-la daquilo.

Nervoso e irritado, peguei o celular no bolso e mandei duas mensagens rápidas com a mesma informação tanto para a minha mãe quanto para a mãe dela.

Estou com ela.

Suando em bicas, me sentei ao seu lado na grama e afrouxei a gravata do uniforme antes de tirá-la e deixá-la de lado.

Abri alguns botões da camisa, soltei um suspiro sofrido e apoiei os cotovelos nos joelhos e a cabeça nas mãos, me perguntando que droga eu devia fazer.

Tomado por um ressentimento silencioso pela garota debaixo do chão e arrasado pela garota dormindo na grama ao meu

lado, fiquei me questionando se um dia a tortura do suicídio da Caoimhe se amenizaria para a minha namorada.

Eu tinha tanta coisa para falar, tantas palavras raivosas que queria gritar, mas nunca faria isso. Então fiquei de boca fechada como o bom namorado que prometi ser e dei o meu melhor para amá-la e fazê-la voltar à vida.

Eu sentia a escuridão se abatendo sobre ela, ameaçando dominá-la, e estava determinado a manter seu coração no sol.

Não importa o que aconteça.

17 de junho de 2000

Vou te roubar

LIZZIE

— Você vai voltar pra escola antes das férias de verão? — Hugh perguntou no sábado à tarde. Estávamos sentados na grama alta do campo da propriedade dos meus pais. — Acho que nem adianta muito — acrescentou, pensativo, quando balancei a cabeça. — Só vamos ter mais duas semanas de aula.

— Como vai a escola? — perguntei, me obrigando a voltar para o mundo real para *estar* com ele. — Quando é a formatura da sexta série?

— Decepcionante como sempre — respondeu com um sorrisinho. — E a formatura é na quinta da próxima semana.

— É mesmo?

— É. — Um sorriso lento se espalhou pelo seu rosto. — Que surreal!

— Você sabe se vai receber o prêmio? — falei, sentindo uma centelha de empolgação dentro de mim. — De aluno do ano?

— Sim, Liz — ele disse, esfregando o rosto para disfarçar a satisfação. — Vou receber, sim.

— Eu sabia — comentei, toda orgulhosa. — Que orgulho de você!

Ele retrucou depressa:

— Chega de falar de mim. — E me ofereceu toda a sua atenção. — Conversa comigo, Liz.

— Sobre o quê?

— Sobre você. — Ele ergueu o braço e fez carinho no meu queixo. — Quero saber de você.

Não quero falar.

— Hum, e o rúgbi? — perguntei. — Como vai?

— Sério? — Sorrindo, ele arqueou a sobrancelha, incrédulo. — Você quer falar de rúgbi?

— Quero falar de qualquer coisa que não seja de mim — admiti, soltando um suspiro trêmulo. — Quero que você me distraia, Hugh. Por favor.

Seus olhos castanhos fuzilaram os meus por um momento, e pensei que ele fosse me questionar, mas balançou a cabeça e limpou a garganta.

— O rúgbi... — Ele inclinou a cabeça para o lado, claramente pensando no assunto. — As coisas estão bem melhores desde que o dub se juntou ao time. Acho que temos uma chance real de conquistar algum troféu na próxima temporada.

— E você *quer* esse troféu? — perguntei, me concentrando na conversa. — É importante pra você?

— Estou pouco me fodendo pra isso — ele disse, dando risada. — Mas é divertido, e eu mando bem nos chutes, o que me mantém longe de confusão... e do hospital. — Sorrindo, ele acrescentou: — Você sabe que não ligo pra esse tipo de coisa, Liz.

Eu sabia.

Hugh tinha o físico de um atleta nato e era um jogador de rúgbi talentoso, mas seu coração pertencia à água, não ao campo.

— E a natação?

— Fiquei em terceiro lugar no campeonato nacional no último fim de semana.

— Sério? — Engoli em seco, peguei sua mão e a apertei. — Parabéns.

— Valeu. — Ele sorriu. — Ainda não sei como consegui, já que fiquei tanto tempo fora da piscina. — Ele sorriu de novo, só que dessa vez seu rosto foi tomado por um tom adorável de rosa. Porque ele estava orgulhoso. Porque a natação era sua paixão. — Mas não é nada de mais.

— É, sim — retruquei. Estremeci quando ele virou a mão e entrelaçou nossos dedos. — Estou muito orgulhosa de você.

— Recebi a carta de aceitação pra começar no Colégio Tommen em setembro — ele falou, fazendo carinho na minha mão. — Os resultados do exame de admissão chegaram pelo correio.

— E aí?

Ele corou.

— Minhas notas foram as mais altas das três escolas da cidade. Minha mãe até recebeu uma carta escrita à mão e tal.

— Eu sabia. — Sorri. Era meu primeiro sorriso genuíno desde... bem, desde tudo. — Você é um gênio, Hugh Andrew Biggs.

— Não sei, não — ele disse, um pouco hesitante. — O Johnny é bem mais genial.

— O dub?

— É. Além de você, eu nunca tinha conhecido alguém com um cérebro que nem o meu — ele falou, assentindo. — Talvez a transição pro secundário não seja tão fácil quanto...

— Todo o resto? — completei.

— É. — Ele acenou a cabeça e soltou um suspiro trêmulo. — Todo mundo vive falando do contraste entre o primário e o secundário. — Ele deu de ombros, desconfortável. — Pode ser

complicado.

— Não pra você — eu disse, voltando a atenção para as nossas mãos unidas. A mão dele era bem maior que a minha, sua pele era bronzeada e ele tinha veias proeminentes e masculinas. Meu Deus, suas mãos eram lindas. — Primeiro, você conquista o Colégio Tommen, depois o Trinity College, e depois o mundo todo.

— Tomara, Liz.

— Vai ser assim, Hugh. — Respirei fundo. — Daí, quando você for um cirurgião reconhecido mundialmente, vai poder voltar pra casa pra consertar o meu coração.

A dor cintilou nos seus olhos.

— Liz...

— Foi uma piadinha... — murmurei.

— Eu *vou* consertar o seu coração — ele falou depressa, me puxando para o seu colo. — Mas não vou precisar voltar pra fazer isso.

— Não?

— Não — ele respondeu, fazendo carinho no meu pescoço. — Porque, pra começo de conversa, não vou te deixar pra trás.

Tremi e me entreguei aos seus braços.

— Você vai me levar?

— Primeiro pro Trinity — ele confirmou, me abraçando com força. — Depois pro mundo todo.

— Mas e a escola? — falei, me enterrando no seu peito. — Sei que só temos quatro meses de diferença, mas estou dois anos abaixo de você.

— Você pode pular o quarto ano — ele sugeriu bem rápido. Rápido demais. — Assim vai ter dezoito no verão que eu for pra universidade e vai poder ir comigo.

— E se meus pais não deixarem?

— Daí a gente se casa e eles não vão poder falar nada.

— Simples assim? — Dei risada.

— É. — Ele estalou os dedos para dar ênfase. — Simples assim.

— Então a gente vai se casar quando eu fizer dezoito e você vai me roubar e me levar pra Dublin — falei, entrando na onda. — E depois, hein? Você vai estar na universidade, e onde é que vou terminar o secundário?

— Fácil — ele disse alegremente quando apoiei a cabeça no seu ombro. — Você vai estudar no Royce College. E, a propósito, o chefe do departamento de matrículas vai ficar tão impressionado com a sua redação que praticamente vai arrancar a sua mão pra fazer a sua matrícula.

— Hum... — Suspirei de contentamento e segurei seus braços, forçando-o a me abraçar com mais força. — Parece que você já pensou bastante nisso.

— Pensei mesmo.

— Desde quando?

— Desde o dia em que você disse que aceitaria se casar comigo — ele respondeu sem hesitar. — Então é melhor manter esse coraçãozinho batendo, hein? — Ele deu um beijo no meu ombro. — Porque eu preciso de você, Lizzie Young. Mais do que você percebe.

— Pode deixar — sussurrei. — Prometo.

24 de junho de 2000

Repartindo o pão e reconstruindo pontes

HUGH

Esparramado em uma montanha de almofadas no chão do quarto da minha namorada, eu apertava os botões do controle na minha mão e encarava a tela na minha frente, mas estava só meio interessado no jogo.

Eu tinha levado o videogame antigo para a casa da Lizzie no fim de semana passado e o instalei na televisão portátil de catorze polegadas do quarto. Os gráficos eram uma merda se comparados aos do PS1 top de linha que eu tinha em casa, mas ele era útil em dias como esse, quando ela não conseguia levantar a cabeça do travesseiro e eu não conseguia sair do seu lado.

Liz estava dormindo, e eu não sabia se seu estado catatônico era por conta dos sedativos ou pela exaustão. Suspeitava que fosse pelos dois. O médico fez uma visita domiciliar aquele dia e eu sabia que minha namorada tinha tomado algum tipo de injeção.

Eu acreditava que a Liz superaria aquilo e uma hora voltaria para mim, mas seus períodos depressivos estavam mais intensos tanto em termos de duração quanto de frequência, e

eu não sabia se a força por trás dessa crise era o luto ou o transtorno bipolar.

Era angustiante vê-la desvanecer bem diante dos meus olhos, sabendo que não podia fazer nada para impedir que a depressão a consumisse. Quando ela estava assim, meu único consolo era o fato de ela estar exausta demais para se machucar. Durante os episódios depressivos, eu conseguia pelo menos ficar de guarda.

Conseguia mantê-la segura.

Uma batida baixinha na porta, e logo a cabeça do Mike apareceu. Seus olhos foram direto para a filha e depois para mim. Vendo que eu estava a uma distância satisfatória da cama, ele assentiu.

— Alguma novidade?

— Não depois que o médico apagou ela — respondi, pausando o jogo para lhe dar minha atenção. — Como vai a Catherine?

Ele balançou a cabeça, e isso foi o suficiente para dizer que sua esposa *não* estava bem.

— Vem comer um pouco, filho. — Ele olhou para a filha mais uma vez e suspirou. — A Liz vai passar a noite toda assim.

— Fui injusto com você, Hughie — Mike declarou quando estávamos sentados na mesa da cozinha um de frente para o outro. — Depois do enterro, o luto me cegou. Você sempre foi um bom rapaz e eu não devia ter descontado a raiva em você.

— Você estava sob muita pressão — falei, enfiando o garfo cheio de macarrão na boca. — Ainda está.

— Verdade — ele disse, limpando a garganta. — Mas não sou tão orgulhoso assim e posso admitir que minha esposa e eu não teríamos conseguido passar os últimos meses sem sua

ajuda.

Sem saber o que dizer, apenas assenti e continuei comendo.

— Hoje faz dois meses — ele disse depois de um longo tempo. — Da morte dela.

— Sim. — Soltei um suspiro sofrido, baixei os talheres e me recostei na cadeira, dando àquele homem toda a minha atenção. — Eu sei.

— Caoimhe Catherine Young... — ele sussurrou, olhando apaticamente para mim do outro lado da mesa. — Minha linda bebezinha de olhos azuis.

Eu queria dizer que ele tinha outra bebezinha de olhos azuis na cama lá em cima, mas não tive coragem de dar esse golpe num homem que já estava mal. E principalmente depois de ele ter feito o esforço de preparar comida para mim. O fato de eu ser a única pessoa da casa comendo enquanto ele bebia um copo de uísque era prova disso.

— Você está segurando as pontas, Mike — falei. — Você está *indo*.

Ele me encarou com seus olhos opacos e tristonhos, tão parecidos com os da minha namorada.

— Estou por um fio, filho.

— Tudo bem — falei com cautela. — Contanto que você *siga* em frente.

— Bem, talvez as coisas fiquem mais fáceis agora sem o maldito Mark Allen.

— Sim — concordei baixinho. Eu queria falar um monte de coisa sobre aquele babaca, mas tive o bom senso de guardar tudo para mim. — Fiquei sabendo que levaram ele pro aeroporto de manhã.

— Já vai tarde. — Mike estreitou os olhos, e sua voz assumiu um tom ameaçador quando ele acrescentou: — Se bem que nunca vou conseguir aceitar que ele está viajando pelo mundo

enquanto minha filha apodrece debaixo da terra. — A mão que segurava o copo de uísque começou a tremer. — E pensar que recebi Mark em casa de braços abertos! — Ele limpou a garganta de novo, mas o som pareceu um rosnado. — Já você tinha sete anos quando chegou saltitando pela rua. — Ele fez uma pausa para esvaziar o copo e completou: — E, mesmo naquela época, já era mais homem do que o Mark jamais vai ser.

Meu Deus.

A confissão do Mike me confundiu porque, apesar de nunca ter tido nada contra mim, o pai da minha namorada tampouco demonstrava muito interesse. Claro, era educado e simpático, mas nada além *disso*.

— Acho que apostei no cavalo errado, né? — Mike deu uma risada forçada, enxugando discretamente uma lágrima. — Bem, não tenho medo de admitir meus erros. — Ele me lançou um olhar significativo e disse: — Tenho minhas divergências com seus pais e não precisamos entrar em detalhes, mas não há como negar que eles criaram um ótimo rapaz.

— Eu não sou ele — falei num tom urgente. — Eu juro, Mike. — Apoiando os cotovelos na mesa, me inclinei para frente e implorei com os olhos para que ele *acreditasse* em mim. — *Nunca* vou machucar a sua filha.

29 de junho de 2000

Quer apostar quanto?

HUGH

— Ignora eles — falei, mas não adiantou nada. O comentário maldoso que fizeram sobre Gibsie no estacionamento da escola na nossa formatura o fez surtar. — Você sabe que Danny Call é um bocudo de merda.

— Ele me chamou de pervertido. — Gibsie chorou mais, se jogando na cama da minha irmã. — Danny disse que eu era igual a *ele*.

— Ele estava falando bosta — insisti, ficando cada vez mais nervoso. Meu Deus, qualquer dia desses eu ia quebrar o nariz daquele escroto. — Alguém mais ouviu?

— Eu — Claire respondeu debaixo do nosso asa, que ainda estava com a beca de formatura e usava minha irmã como seu travesseiro pessoal. — Ele disse isso mesmo, Hughie — ela confirmou, com o chapéu do Gibsie cobrindo seus cachos selvagens. — Ouvi com meus próprios ouvidos.

— Mais alguém ouviu? — insisti, jogando o meu chapéu e minha beca no pé da cama dela. — E o cap?

— Até parece — Claire desdenhou. — Ele não teria coragem de falar um ai sobre o Gerard perto do Johnny Kavanagh.

Sim, eu sabia disso e não poderia estar mais grato por essa adição recente nas nossas vidas. Kav era venerado pelos nossos colegas, e como Gibsie era seu braço direito, a popularidade do meu amigo disparou. Apesar de se manter um pouco mais distante de mim e de Feely, ainda que bastante cordial, o peculiar apego emocional do cap fez maravilhas pelo Gibsie, que se tornou intocável na escola *e* no campo.

Na verdade, aquela era a primeira vez em que eu ficava sabendo de alguém provocando o Gibsie em meses.

Claro que o culpado era Danny Callaghan.

— Vou dar um jeito nisso, Gibs — declarei, sentindo uma onda protetora correndo pelas minhas veias. — Prometo que o Danny nunca mais vai falar nada pra você. — *Não se ele quiser continuar andando.* — Ele vai se ver comigo, cara.

— Não conta pro Johnny — ele pediu, arfando. — Por favor. Não quero que ele saiba.

— Pode deixar — prometi, ciente de que Gibs não queria que ninguém além da família soubesse daquilo. — Nunca contei nada pra ele, né?

— Não — ele disse, fungando. — Mas eu também não contei nada e não quero que ele pense mal de mim.

— Gibs, ninguém poderia pensar mal de você — falei, suspirando. — Você é do bem, cara, e o cap sabe disso.

— A Liz não concorda — ele choramingou. — Ela pensa mal de mim.

— Ela só está triste — Claire interveio, fazendo carinho no cabelo dele. — Não está pensando direito agora. Não é, Hugh?

— Hum, é, isso mesmo — respondi, vendo minha irmã fazer carinho na cabeça loira do Gibs e aninhá-lo no seu peito. — Falando na Liz... — decidi acrescentar, sabendo muito bem que aquele assunto poderia explodir na minha cara, como já tinha acontecido várias vezes antes. — Você pensou no que ela quis

dizer aquele dia no cemitério?

— Hughie, não! — Claire disse, passando o braço defensivamente em torno dos ombros largos de Gibs enquanto ele continuava esparramado em cima dela. — Não está vendo que ele está chateado?

— Sei que ele está chateado, Claire — falei, impassível. — Só estou tentando ajudar.

— Então para de pressionar ele — ela disse, cobrindo Gibs com seu edredom cor-de-rosa. — O Gerard já te contou tudo o que sabe.

— Eu sei — comentei, sem conseguir disfarçar a frustração. — Mas a reação da Liz não faz sentido...

— Porque a irmã dela acabou de morrer! — Claire retrucou, me lançando um olhar de advertência. — A Liz está de luto, Hughie. Você *sabe* como as pessoas ficam. — Ela olhou rápido para Gibs antes de me encarar intensamente. *Você lembra como o Gibsie ficou*, seus olhos me disseram. — Nada do que ela anda falando faz sentido. Estive com a Liz há três dias e *ainda* estou tentando entender os devaneios dela.

— Não sei o que ela queria que eu dissesse no cemitério — Gibsie declarou entre soluços, agarrado na minha irmã. — Eu queria ajudar, ainda quero, mas não vi o que aconteceu com a Caoimhe aquela noite!

— A gente sabe, Gerard — Claire tentou consolá-lo, passando os dedos pelos seus cachos enquanto ele encharcava a camiseta dela de lágrimas. — Você estava aqui com a gente.

— Eu achei que elas estivessem nos Estados Unidos — ele continuou, se segurando na minha irmã como se fosse a única coisa ancorando-o à terra. — Não sabia que ainda estavam em Ballylaggin. Eu não sabia, não sabia, eu juro...

— Eu acho que é verdade — falei, finalmente mencionando o elefante na sala. — Acho que o Mark estuprou a Caoimhe.

Dava para ouvir uma agulha caindo pelo silêncio que se seguiu.

— Hughie! — Claire disse, horrorizada. — Você não pode falar isso em voz alta.

— Por que não?

— Porque a Sadhbh disse que a gente não podia falar.

— Bem, sem querer ofender a Sadhbh ou você, Gibs, mas não dou a mínima pro que ela disse — afirmei, sentindo as emoções emergirem. — Porque eu acredito na minha namorada.

— Hughie! — Claire gritou boquiaberta.

— É sério, Claire. — Me afastei do parapeito da janela e fiquei andando de um lado para o outro no quarto da minha irmã feito um doido. — Não estou falando dessa história do Gibs, claro. Mas quanto ao Mark... — Balancei a cabeça, enojado. — A Liz não falaria isso se não fosse verdade. Aquele canalha definitivamente fez alguma coisa com a Caoimhe aquela noite.

— A Gardaí disse que ele não fez nada — Claire disse, assustada. Eu sabia por que ela estava assim. Ela achava que minha confissão abalaria muito o Gibsie, que já estava à flor da pele. E talvez isso acontecesse mesmo, mas eu tinha que dizer alguma coisa, droga. — Consideraram a morte dela suicídio, e a mãe falou que a Lizzie está muito traumatizada por ter visto a Caoimhe sendo retirada do rio...

— Eu acredito nela, Claire! — gritei, interrompendo-a, agitado. — A cidade toda pode distorcer a situação o quanto quiser, mas isso não vai me fazer mudar de ideia. — Virei para o meu amigo e disse: — Gibs, quero que você olhe pra mim enquanto eu falo.

Ele me olhou com relutância.

— Eu *sempre* vou te proteger — prometi, cravando os olhos

nos seus amedrontados olhos cinzentos. — Está me ouvindo? Sempre vou estar do seu lado. E *sei* que você não fez nada de errado, ok? Então jamais pense nem por um segundo que um dia vou virar as costas pra você. Você é meu irmão, de sangue ou não, e sempre vai ser.

— Mas? — ele perguntou, fungando.

— Mas ela precisa de mim — me obriguei a dizer, sentindo meu coração retumbar feito um tambor dentro do peito. — Você entende?

Ele balançou a cabeça, me olhando que nem um cachorrinho perdido.

— Não.

— Vou passar bastante tempo na casa da Lizzie esse verão — expliquei em um tom calmo. — O que significa que não vou estar tão disponível...

— Pra ficar comigo — ele terminou por mim, o que o fez parecer mais triste ainda. — Mas você ainda é meu amigo, né?

— Sempre — jurei, fazendo uma cruz no coração. — Só que ela é minha namorada e não tem mais ninguém. — *Você tem a Claire*. — Não posso deixar a Liz sozinha.

— Não quero que você vire as costas pra Liz — ele falou baixinho. — Não quero deixar de ser amigo dela.

— Talvez ela mude de ideia — Claire comentou com uma voz esperançosa. — Quando não estiver mais tão triste.

— Ela não vai deixar de ser triste — Gibsie retrucou, fungando de novo. — Acredite em mim, esse tipo de tristeza nunca vai embora. O mundo só para de ver.

— A gente se formou hoje e não vai ter nenhuma competição durante o verão — falei, me concentrando no meu amigo. — Então, quando eu for pra casa da Lizzie amanhã, estou planejando ficar um tempo lá.

— Quanto tempo?

Dei de ombros.

— O tempo que a Catherine e o Mike me deixarem ficar.

— Espera aí! — Claire disse, erguendo a mão. — Quem disse que você podia passar o verão com a sua namorada?

— Eu disse — respondi, impassível.

— Bem, não vai rolar — minha irmã falou depressa. — A mamãe *nunca* vai deixar você fazer isso.

— Por que não? Ela deixou o Gibs ficar com a gente quando o Joe e a Beth morreram.

— Aquilo foi diferente.

— Por quê?

— Porque a gente mora de frente um pro outro. E a Lizzie não é só sua *amiga*, você sabe muito bem.

— Fala sério — eu disse, irritado. — A irmã dela acabou de morrer.

— Verdade, mas vocês se beijam bastante — Claire murmurou, comprimindo os lábios.

— A gente se beijou algumas vezes e não foi nada de mais.

— Foi, *sim*. Você não pode dormir na casa dela se vocês estão se beijando, Hugh. Eca!

— Ah, é? — Arqueei a sobrancelha, a desafiando. — Quer apostar quanto?

29 de junho de 2000

Telefonemas noturnos

LIZZIE

— Continue falando — Hugh ronronou do outro lado da linha na sexta-feira à noite. — Eu amo a sua voz.

— Você é tão estranho! — falei, segurando o telefone no ouvido enquanto encarava o teto deitada na cama. — Como foi a formatura?

— Sem graça. Como foi o jantar?

— Não jantei — eu disse, franzindo a testa e fazendo uma careta. — Merda, você é bem espertinho, hein, Biggs!

— E você é uma furona, Young. Me prometeu que jantaria todas as noites.

— Esqueci de verdade dessa vez — falei com sinceridade. — Sério mesmo.

— Eu nunca poderia ser uma garota. Nunca me esqueci de fazer uma refeição em toda a minha vida.

— Está deitado? — perguntei, arrancando um fio solto do edredom.

— Estou indo pra cama — ele disse, e logo ouvi o som das suas cobertas. — E você?

— Estou. — Revirei os olhos. — Novidade, né?

— Talvez. — Havia um tom provocador na sua voz. — Mas isso vai mudar a partir de amanhã.

— Ah, *ok*.

— Não acredita em mim? — Certo, ele *definitivamente* estava me provocando. — Vai lá embaixo perguntar pro seu pai o que vai acontecer amanhã.

— O quê? — O pânico logo me dominou. — Ah, meu Deus, Hugh, por favor, me conta.

— Seus pais vão receber um hóspede.

Franzi a testa, confusa.

— Ah, é?

— É. E aposto que ele é bem mandão e curte arrancar garotas chamadas Lizzie da cama de madrugada.

— Ah? — Estreitei os olhos, desconfiada. — Continua falando.

— Acho que você vai gostar de conhecer esse visitante. Na verdade, sei que vai. Afinal, ele é seu namorado.

— Cala a boca. — Arregalei os olhos. — Você está me tirando.

Hugh deu risada do outro lado da linha.

— E aí, o que me diz, donzela? Vai abrigar um cavaleiro valente esse verão?

— Você sabe que eu vou — falei, sentindo meu coração disparar com a onda repentina de empolgação percorrendo o meu corpo. — Você vem mesmo pra ficar?

— Seus pais concordaram na hora. Pra ser sincero, pensei que seu velho fosse resistir, mas ele pareceu até mais animado que a sua mãe.

— Sério?

— Pois é.

— E os seus pais? — perguntei, vibrando de felicidade. — Sua mãe também concordou?

— Dei um jeito de convencer ela — Hugh falou com um tom convencido. — Bem, dei um jeito de fazer chantagem emocional com ela, mas foi uma vitória de qualquer jeito.

— E o seu pai?

Ele deu risada.

— Ele me deixaria viajar até a lua só pra poder ficar sozinho.

— E você quer mesmo ficar aqui? — perguntei, segurando o telefone com mais força que o necessário. — Não está com pena? Porque você não precisa fazer isso.

— Está brincando? Vou poder olhar pra minha namorada durante todo o verão. Meus motivos são totalmente egoístas.

Soltei um suspiro de alívio e sorri.

— Te amo.

— Te amo mais — ele disse, sem hesitar. — Vou ficar com você, Liz — acrescentou com uma voz séria. — Quando você abrir os olhos de manhã, meu rosto vai ser a primeira coisa que você vai ver. O dia todo, todos os dias e todas as noites, se tudo der certo, até as aulas voltarem em setembro. Porque você é a coisa mais importante da minha vida. E porque não tem outro lugar onde eu queira estar que não do seu lado.

Quando ele terminou de falar, eu estava aos prantos.

Minha garganta não produzia som nenhum, mas eu sentia as lágrimas escorrendo.

Não sabia direito se era alívio ou desespero aquilo que crescia dentro de mim.

Provavelmente os dois.

Porque eu me sentia tão solitária que estava desesperada para tê-lo pertinho, mas também estava aterrorizada com a ideia de ele ver o meu pior — realmente me ver... e decidir ir embora.

Porque havia algo errado comigo, algo quebrado dentro da minha cabeça, e apesar de eu ter algum controle sobre isso antes, esse controle tinha acabado aquele dia, no túmulo da

minha irmã.

Quando percebi que ninguém acreditaria em mim.

Quando decidi que também não acreditava em mim mesma.

Desde aquele dia, eu não conseguia mais mascarar, disfarçar.

Eu mal conseguia respirar.

Quanto aos amigos e familiares, a agitação do cuidado pós-enterro foi uma experiência curta. Depois de um tempo, eles pararam de aparecer.

Mas não o garoto do outro lado da linha.

Aquele garoto vinha me visitar todos os dias sem nunca falhar.

— Obrigada, Hugh — enfim consegui dizer ao reencontrar a voz. — Por tudo.

30 de junho de 2000

Olhares lascivos e mães atentas

HUGH

Precisei fazer um esforço hercúleo para convencer minha mãe a me deixar passar o verão na Old Hall House. Negociei munido de provas: inúmeros prêmios pelo meu desempenho nos esportes e nos estudos, demonstrando meu bom comportamento. Usei toda a papelada e todos os truques sujos possíveis para fazer a cabeça dela.

O fato de eu ser, de longe, o filho mais responsável e nunca ter lhe causado um único problema em quase treze anos — ao contrário de uma certa demônia cacheada e selvagem e seu companheiro igualmente selvagem e igualmente cacheado — também não me prejudicou.

O golpe fatal no meu argumento foi quando a lembrei que ela não teve escrúpulos em permitir que Gibsie ficasse com Claire durante *meses* após a morte do Joe e da Beth.

No instante em que essas palavras saíram da minha boca, percebi que ela estava nas minhas mãos. Minha mãe não podia negar a verdade e não podia me proibir de oferecer *exatamente* o mesmo conforto à Lizzie sem demonstrar favoritismo. Eu sabia que não existia favoritismo nenhum no coração dela, mas

não era contra um pouco de chantagem emocional. Não se isso me levasse de volta para ela.

No final, e depois de uma conversa *tensa* no telefone com Catherine e Mike, minha mãe concordou — relutantemente — em me deixar passar duas semanas lá, com condições bastante rígidas, que incluíam dormir no quarto de hóspedes e voltar para casa dia sim, dia não para jantar. Apesar de ter zero intenção de seguir seus termos, aceitei o acordo porque era um começo, e pedir perdão era preferível a pedir permissão nesse caso.

Na manhã seguinte, quando terminei de fazer as malas, com minha mãe rondando ansiosamente a porta do meu quarto, ela decidiu tentar uma tática de manipulação própria.

— Hugh, você acha que é razoável passar tanto tempo juntos sozinhos? — minha mãe perguntou, crispando os lábios. — Essa bolha que você construiu em torno de vocês não é saudável.

— Engraçado, porque não ouvi esse argumento quando o Gibsie praticamente morou no quarto da Claire por seis meses depois que o Joe e a Beth morreram — retruquei, olhando para ela por cima do ombro. — Ou quando o papai se enfiou na porcaria do sótão cinco anos atrás e se esqueceu de sair.

— Hugh!

— Desculpa — me obriguei a dizer, apesar de não estar arrependido.

A verdade dói, mãe.

— Olha, só estou querendo que você entenda que não estou confortável com essa sua estada na Old Hall House.

— Por que não?

— Por causa dos sentimentos envolvidos — ela explicou, suspirando. — Por causa do jeito que você olha pra Lizzie.

— Como eu olho pra ela, mãe? — perguntei, enchendo a

mala de roupas suficientes para passar o verão todo lá.

— Com *desejo*, Hugh.

— Desejo... — zombei, revirando os olhos. — Beleza, mãe.

— Estou falando sério, filho — ela insistiu com uma voz firme. — Não sou cega e estou longe de ser burra. Você acha que não sei o que está acontecendo com o seu corpo na sua idade? É assustador e óbvio que a puberdade tenha chegado, e você vai começar o secundário daqui uns meses, o que só vai piorar as coisas. — Ela soltou outro suspiro sofrido. — As coisas estão mudando, Hugh, e as regras também precisam mudar.

— E o jeito que eu olho pra Liz é diferente do jeito que o Gibs olha pra Claire, por acaso? — protestei, me virando para olhar feio para a minha mãe. — Hein? O mundo todo sabe que esses dois são obcecados um pelo outro e, mesmo assim, você não teve problema nenhum em deixar ele dormir aqui.

— Ah, por favor. — Então foi a vez dela de revirar os olhos. — Esses dois são crianças, Hugh.

— E eu sou o quê? — perguntei, apontando para mim mesmo. — Um idoso?

— Você já nasceu velho — ela disse, dando um sorrisinho. — Quando você era bebê, seu pai costumava dizer que tinha um velho ranzinza preso dentro de você.

— Nossa! Fico lisonjeado, hein?

— Olha, o que você acha da Lizzie vir ficar com a gente? — Ela foi até a minha cama, se sentou e pegou uma camiseta em cima da pilha. — Tenho certeza que a mudança de ambiente faria muito bem pra ela — minha mãe comentou, dobrando a camiseta. — Não deve ser fácil pra ela ficar sozinha naquela casa enorme com os pais. Principalmente com a mãe ainda em tratamento. — Ela me entregou a camiseta dobrada e pegou outra do monte bagunçado. — Se a Lizzie viesse passar o verão

na *nossa* casa, eu poderia cuidar dela. — Mais uma camiseta perfeitamente dobrada foi entregue. — E me sentiria bem melhor com vocês debaixo do meu teto, onde posso ficar de olho.

— Eu adoraria — falei, sem emoção, enfiando a camiseta na mala. — Mas não vai funcionar.

— Por que não? — ela insistiu, sem querer ceder. — Já te falei que ela vai ser sempre bem-vinda nesta casa.

— Sim — eu disse, fechando o zíper da mala. — E *já te falei* por que ela não pode vir aqui.

— O Mark foi embora. Você sabe, Hugh. Ele não vai voltar por um bom tempo.

— Eu sei. Mas ele não é o problema.

Ela ficou em silêncio por um tempo até a ficha cair.

— O Gibs.

Bingo.

— Ah, Hugh, meu amor. Você sabe que o Gibsie não tem nada a ver com essa confusão.

— Sim — concordei, cerrando a mandíbula. — *Eu* sei.

— A Lizzie também deve saber. O Gerard é amigo dela. Eles são unha e carne há anos.

— Eu *sei*, mãe — falei, sentindo uma pontada de angústia no peito. — Você não está me falando nenhuma novidade.

— Então ela deve saber que não foi culpa dele. Ela tem que acreditar que o Gerard é inocente.

— Ah, *ela* tem que acreditar. — Meu tom saiu duro e cheio de sarcasmo. — Bem, talvez a Liz não acredite em muita coisa ultimamente, mãe, talvez porque ninguém teve a mesma consideração por *ela*.

— Hugh... — Um suspiro profundo lhe escapou. — Por favor, não vamos entrar nessa de novo.

— Eu *acredito* nela, mãe — falei, sem rodeios. *De novo*. —

Acredito que o Mark estuprou a Caoimhe, e não tiro a razão da Liz por querer ficar o mais longe possível dessa rua. Me mata ver que ela está projetando a dor dela no Gibs, mas não posso fazer nada. Porque, se fosse o contrário e algo tivesse acontecido com a Claire, eu também perderia a cabeça.

— Você sabe o que a Gardaí disse. O Mark foi inocentado das acusações.

— Sim, mas também sei o que a minha namorada disse.

— Hugh, eu sei que você adora a Lizzie. Ela é como uma filha pra mim. Mas você também sabe que ela é bem problemática...

— Não — avisei, instantaneamente alerta, erguendo a mão para impedi-la de continuar. — Não use o transtorno bipolar contra ela. Não seja como os outros.

— Não é isso, e você sabe — minha mãe retrucou com a voz embargada. — Eu amo a Lizzie como se ela fosse sangue do meu sangue. Sempre amei.

— Mas?

— Estou *preocupada*, Hugh!

— Você devia *mesmo* estar preocupada. A irmã dela se matou, mãe. — Será que todo mundo tinha se esquecido dessa parte? — A Liz estava lá quando tiraram o cadáver da Caoimhe do rio. Ela *viu* tudo.

— Eu sei. — Minha mãe foi às lágrimas. — Coitadinha.

— O pai dela virou um zumbi ambulante desde o enterro — continuei, implacável. — E a mãe só sabe chorar. Minha namorada está completamente sozinha naquela casa, e não vou permitir isso. — Me mantive firme, olhei minha mãe bem nos olhos e falei: — E não vou deixar as pessoas chamarem ela de mentirosa.

— Não acho que ela esteja mentindo — ela falou depressa. — Acho que a Lizzie acredita mesmo no que disse.

— Dá no mesmo. Meu Deus, por que é que você insiste em falar comigo como se eu fosse criança? Eu manjo de semântica, mãe, e é exatamente o que você está fazendo agora.

— Hugh, isso não está ajudando ninguém — ela falou, arrasada. — Duas famílias estão em frangalhos neste momento e, em vez de botar lenha na fogueira do ressentimento, a gente devia apoiar e encorajar a *cura* delas.

— Então por que você não faz isso, mãe? — perguntei, olhando feio para ela. — Por que não pratica o que está pregando e visita a Catherine? Tipo, ela também é sua amiga, afinal de contas. Ou a Sadhbh Allen é quem decide quem pode oferecer *apoio* pra quem?

— Isso não é justo, e você sabe — respondeu, magoada. — A Sadhbh é nossa família, Hugh.

— Não, mãe, o *Gibs* é nossa família — eu a corrigi, enfim me permitindo dizer o que estava guardando por meia década. — Os *Gibson* são nossa família, e a Sadhbh não é mais uma Gibson. É uma Allen.

— Hugh!

— Eu te *avisei* sobre ele — sibilei, perdendo a calma e tremendo visivelmente de tensão. — Avisei *todo mundo*, mas ninguém quis ouvir uma palavra. — Furioso, fui até a televisão e comecei a desconectar o meu PlayStation. — Aquele babaca atormentou o Gibs por anos e a gente viu ele tratando a Caoimhe mal. — Enrolei os cabos no controle, enfiei tudo em outra mala e continuei resmungando. — Caoimhe estava infeliz com ele, então por que é tão absurdo pensar que a Liz pode estar certa sobre ele?

— Porque as autoridades disseram que ela está *enganada*.

— Sim, e talvez as autoridades é que estejam *enganadas*. Meu Deus, por que é que você não tenta ver o outro lado, mãe? Por que não consegue ser imparcial?

— Estou *tentando*, meu amor — ela falou, suspirando. — Mas, como você bem sabe, não é tão fácil quando se está dividido entre os amigos.

— Eu sei bem, e tenho muito mais a perder que todo mundo — eu disse, verbalizando meus medos mais profundos para ela. — O Gibsie é meu amigo mais antigo do mundo, e a Lizzie é a *única* garota que eu vou amar.

— Ah, para com isso — ela soltou, revirando os olhos. — Você está vivendo uma paixonite pela menina. Um pouco menos de drama, filho.

— *Não*, não estou vivendo paixonite nenhuma pela *menina* — retruquei calmamente. — Estou *apaixonado* por essa *menina*, e apesar do seu pouco-caso com os meus sentimentos, te garanto que não são apenas reais, mas também permanentes. — Fiz uma careta diante da sua expressão divertida. — Mas é bom saber o que você acha do meu relacionamento, mãe. Vamos retomar essa conversa daqui a vinte anos, quando eu passar pra te visitar com a minha esposa, mais conhecida como "menina", e os nossos filhos. — Estreitei os olhos e acrescentei: — Aguardo ansiosamente seu pedido de desculpas, mas não prometo que vou te desculpar.

— Você está falando isso pra me *tranquilizar*? — perguntou, pálida. — Porque estou prestes a te trancar neste quarto o verão todo, rapazinho.

— Pode tentar — rebati. — Vou dar um jeito de ficar com ela.

— Está vendo? É *exatamente* por isso que você *não* devia ir — minha mãe explodiu, se levantando de uma vez. — Pra completar, o filho que eu criei jamais falaria com a mãe desse jeito.

— Talvez porque o filho que você criou saiba a diferença entre o certo e o errado — retruquei, furioso.

— E eu não sei?

— Parece que não mais.

Ela ficou me encarando como se não entendesse o que estava vendo.

— Por que você está sendo tão desrespeitoso comigo?

— Porque você é o *único* adulto com quem posso conversar e não está me *ouvindo*.

— *Sempre* te ouço.

— Não sobre o Mark Allen.

— Hugh, não quero brigar com você de novo.

— Não vou deixar isso pra lá. *Nunca* vou deixar isso pra lá, mãe.

— *Não* é da nossa conta.

— *Ela* é da minha conta.

— E você é *meu* filho — ela gritou, perdendo a paciência. — Uma criança. Um menor sob os *meus* cuidados. Lembre-se do seu lugar nesta família, Hugh.

— Talvez não fosse tão difícil se eu soubesse qual é esse lugar — falei.

— Como?

— Você ouviu.

— Quer saber? Pode esquecer o verão na casa da Lizzie — ela berrou, parecendo chateada e furiosa ao mesmo tempo. — Você claramente esqueceu a educação, e até lembrar, vai ficar em casa — acrescentou, cutucando meu peito com o indicador. — Aliás, está oficialmente de castigo até eu mudar de ideia, rapazinho — ela completou, cruzando os braços e olhando severamente para mim. — Entendido?

— A única coisa que entendi é que, *nesta* família, o bom comportamento é punido, mãe — falei, imitando seus gestos e cruzando os braços. — Só tiro dez na escola. Coleciono vários méritos acadêmicos. Mando bem em todos os esportes que

pratico. Nunca trago problemas pra você. Sigo todas as regras. Cuido da Claire e do Gibs. Preparo a comida e passo os uniformes quando você é chamada no trabalho. Limpo meu quarto. Lavo minha roupa. Corto a grama. Tiro o lixo. Troco as lâmpadas. Volto na hora que você pede. Não bebo. Não fumo. Não uso drogas. Não fico mexendo com as meninas. — Com o peito pesado, respirei fundo e sussurrei: — Sempre faço a coisa certa, mãe. — Peguei a mala, a coloquei sobre o ombro e recolhi as outras coisas. — Faço a coisa certa toda vez, e você está me *punindo* por isso!

— Não é isso que estou tentando fazer, Hugh! — ela gritou, erguendo as mãos. — Por que você não vê que só estou tentando te proteger? Você é novo demais pra lidar com a tristeza daquela casa!

— E você acha que aqui é melhor? — perguntei, com o peito subindo e descendo rapidamente. — A depressão do papai se infiltra em todos os cômodos desta casa!

— Hugh!

— Não sou a Claire — falei, sentindo coisas demais. — Eu vejo, eu ouço. Observo. Então não tenta me manter longe dela sendo que você não sai do lado dele! — *Não importa o quanto ele arraste a gente para baixo*. — Parece que eu tive a quem puxar, né?

— Hugh, espera! — ela disse, mas eu já estava de saco cheio.

Ignorando as súplicas da minha mãe, saí do quarto pisando duro com as malas na mão e disparei para a escada.

— Ei, aonde você está indo com tanta pressa? — Gibsie perguntou do topo da escada, vestido com um macacão de dinossauro e segurando duas tigelas de cereal. — Hein, Hugo?

— Sai da frente, cara — foi tudo o que consegui dizer, raivoso demais para pensar direito.

A hipocrisia naquela casa era sufocante, e eu não aguentava

mais.

Mais que furioso, fui embora sem olhar para trás e peguei a bicicleta.

— Espera! — minha mãe berrou, correndo atrás de mim. — Hugh, por favor, espera um minuto!

— Nem se dê ao trabalho — avisei, montando no selim e ajeitando as malas nos ombros. — Eu vou de qualquer jeito.

— Sim, entendi isso. — Ela soltou um suspiro de derrota e pegou a chave do carro do bolso. — Eu te levo.

Olhei para ela desconfiado.

— Você vai me levar?

— Parece que não tenho muita escolha, né? — Outro suspiro cansado lhe escapou e ela foi até o carro. — Coloca a bicicleta no porta-malas. E, pelo amor de Deus, me liga se precisar de alguma coisa. Tipo, qualquer coisa, Hugh. É só pegar o telefone que *vou* até você.

4 de agosto de 2000

O garoto que ficou

LIZZIE

Hugh chegou em casa na manhã seguinte carregando uma mala e seu amado PlayStation e logo começou a montar acampamento em um colchão inflável no chão do meu quarto.

Meus pesadelos não assustavam meu namorado, nem minhas alterações de humor ou minha inabilidade de levantar da cama na maioria dos dias.

Ele se adaptou rápido à dinâmica disfuncional da minha vida doméstica e, em vez de sair correndo, mergulhou de cabeça, aprendendo com o meu pai sobre os diferentes tipos de remédio que eu precisava tomar e quando deveria tomar.

Não se intimidou com o peso da doença da minha mãe, como eu, ou com o mau humor do meu pai, que estava cada dia pior. O vaivém de enfermeiras entrando e saindo de casa não pareceu perturbá-lo, nem os terríveis efeitos colaterais da quimioterapia da minha mãe. Ele ficava esperando pacientemente do lado de fora de todos os consultórios psiquiátricos.

No fundo, eu sempre soube que não merecia alguém como Hugh Biggs, mas essa certeza acabou se reforçando aquele

verão. Qualquer outra pessoa teria dado meia-volta e ido embora, mas o Hugh não. Ele ficou comigo apesar das lágrimas, dos traumas e dos surtos.

Ele ficou.

Por mim.

Cinco semanas logo passaram voando, e ele permaneceu fielmente ao meu lado, provando mais uma vez que *cumpria* o que prometia. Fora as duas noites por semana que ele tinha que jantar em casa, passamos todos os segundos do verão juntos.

Eu sempre soube que amava o Hugh, mas meus sentimentos por ele se aprofundaram nesse período. Assim como as raízes do carvalho que se espalhavam debaixo da terra, o amor que eu sentia por esse garoto tomou conta do meu coração a ponto de eu sinceramente pensar que poderia morrer sem ele.

Mesmo nas noites mais sombrias, quando eu realmente achava que a morte era minha única opção, me agarrava à certeza de que conseguiria suportar a agonia que era a minha mente perturbada se isso significasse poder ficar com *ele*. Se eu morresse, ele não estaria mais comigo, e eu não aguentaria.

Então eu *tinha* que seguir em frente.

Tinha que *lutar*.

— Minha mãe ligou — Hugh anunciou na sexta-feira à noite, quando estávamos lavando as louças do jantar. — Ela pegou meu uniforme novo hoje.

— Do Tommen? — perguntei, colocando uma caneca no escorredor.

— É — ele respondeu, pegando a caneca para secá-la com o pano de prato. — As aulas começam dia trinta de agosto.

— Ah! — Meu coração despencou. — Queria poder estudar com você.

— Não tanto quanto eu queria estudar com você — ele disse, abrindo a porta do armário e guardando a caneca. — Quando você volta pro Sagrado Coração?

— Trinta de agosto também. — Balancei a cabeça de frustração. — É tão injusto, Hugh. Eu devia estar indo pro primeiro ano que nem você.

— Eu sei, Liz — respondeu, também frustrado. — Concordo.

— Sou velha demais pra ficar presa no primário por mais dois anos.

— Você é inteligente demais pra ficar presa no primário por mais dois anos.

— Vou ter catorze anos quando entrar no secundário. — Enfiei a mão dentro da pia para abrir o ralo e fiquei vendo a água escorrer. — Todo mundo vai pensar que tem alguma coisa errada comigo.

— Não vai, não — Hugh falou depressa, dobrando o pano de prato com cuidado antes de deixá-lo em cima do escorredor. — Porque não tem *nada* de errado com você. Além disso, isso vai se resolver depois do junior cert. — Ele pegou minha mão e me puxou para os seus braços. — Você pode pular o quarto ano, daí a gente vai ter só um ano de diferença.

— Eu sei. — Tremendo, descansei o rosto na curva do seu pescoço e abracei a sua cintura. — Mas só quero ficar com você agora.

— Você *está* comigo agora. — Ele passou o braço na minha cintura e segurou minha nuca com o outro, sussurrando: — Estou com você.

Respirei fundo, permitindo que meus olhos se fechassem e meu corpo se entregasse ao seu.

— Você me faz sentir tantas coisas.

— De um jeito bom ou ruim?

— Do *melhor* jeito possível.

— Que alívio! — ele comentou, me abraçando contente. — Eu sinto o mesmo, Liz.

Não era verdade.

Não podia ser.

Não era possível que ele entendesse os sentimentos que provocava dentro de mim ou as reações do meu *corpo* ao seu toque. Eu sabia que não devia me sentir assim, então não me atrevia a contar para ele, mas aquelas sensações estavam ficando cada dia mais fortes.

O que tinha começado como uma palpitação prazerosa no peito sempre que ele me tocava foi se transformando numa coceira urgente que precisava ser coçada antes de evoluir para uma fome total.

Ficar de mãos dadas ajudava a amenizar a fome e os abraços aliviavam um pouco da urgência, mas eu continuava *faminta* e não fazia ideia do que fazer.

Aquela conversa que tivemos sobre o toque ruim não saía da minha cabeça, e eu tinha plena consciência de que precisava manter minhas mãos longe dele.

N*ão* podia tocá-lo.

Os beijos só agravavam tudo e resultavam no meu corpo se mexendo de um jeito esquisito contra o dele. Pior ainda era a vontade desesperada que eu tinha de passar as mãos sobre a pele dele de maneiras que eu sabia que eram *feias*.

O que me deixava muito confusa, porque todas as coisas assustadoras que o monstro me obrigou a fazer, todas as coisas horríveis que me machucaram por dentro e me fizeram chorar, eram exatamente as coisas que eu queria que *aquele* garoto fizesse comigo.

O monstro foi embora, uma vozinha terrivelmente parecida com a da minha irmã ressoou na minha mente. *Você está livre agora*.

Não estava.

Porque o monstro poderia até ter ido embora, mas eu nunca me livraria dele.

Das coisas que ele fez comigo.

Das coisas que me fizeram querer arrancar a pele por *desejar*.

— Qual o problema? — A voz do Hugh penetrou meus pensamentos. Ele se afastou para inspecionar meu rosto com seus preocupados olhos castanhos. — O seu corpo ficou completamente duro.

— Nada — respondi, olhando para ele. — Eu só estava sonhando acordada.

— Comigo? — ele brincou, dando uma piscadinha.

— É, Hugh. — Abri um sorriso forçado. — Com você.

— O que é isso? — ele perguntou, pegando minha mão.

— Isso o quê?

— Isso. — Ele ergueu minha manga e apontou para o meu pulso. — Que porra é *essa*, Liz?

— Nada... — murmurei, arrancando a mão dele e abaixando a manga. — Deixa pra lá, tá?

— Como é que eu posso deixar pra lá? — ele disse, pegando minha mão de novo. — Você me prometeu.

Não foi a decepção que vi nos seus olhos que fez meu coração doer.

Foi a preocupação.

O medo.

— Estou bem de novo, Hugh. — Me esforcei para manter contato visual. — Está vendo? — Apontei para o meu rosto sorridente. — Está tudo bem.

28 de agosto de 2000

Verão na Old Hall House

HUGH

Depois de passar o verão todo dormindo em um colchão inflável no quarto da Lizzie, eu tinha certeza que, se não conseguisse ser cirurgião cardiotorácico, poderia facilmente me dedicar à oncologia ou à psiquiatria.

Eu certamente estava preparado.

Tinha plena consciência de que minha tranquilidade em crises médicas contrastava muito com a da maioria dos caras da minha idade, mas acontece que a maioria dos caras da minha idade não era fascinada por cirurgia de raiz aórtica.

A única coisa que me atrapalhava era o meu coração e o fato de ele bater unicamente pela garota dona do quarto em que eu estava dormindo. Porque, quando ela sofria, caramba, eu também sofria.

Toda noite, sem exceção, a Liz acordava em pânico, e toda noite, sem exceção, ninguém vinha dar uma olhada nela. Não importava quão alto ela gritasse ou quão histérica ficasse; ela estava sempre sozinha com seus demônios.

Na primeira noite, fiquei rígido no colchão, com medo de me aproximar dela caso seu pai entrasse no quarto e pensasse

que eu estava tentando alguma coisa — algo que ele deixou claro que eu *não* devia fazer.

Eu entendia que Catherine estava frágil demais, fisicamente incapaz de acudir a filha, mas Mike tinha duas pernas funcionando com perfeição — e dois ouvidos também.

Como ninguém apareceu e a Liz continuou chorando, resolvi fazer alguma coisa e fui para a cama dela. Ao perceber que eu estava ali, ela subiu em mim e se agarrou ao meu corpo com mais força do que Gibsie fazia quando tinha pesadelo.

Depois daquela noite, aquilo se tornou um hábito. Liz acordava de madrugada e eu levantava do colchão e ia para a cama dela. Então ela se agarrava em mim com força enquanto eu sussurrava palavras de conforto no seu ouvido. O choro parava, mas o tremor violento continuava até o sol nascer. Ela só me soltava quando o quarto estava claro o suficiente para formar sombras, e eu também não a soltava.

Algumas noites ela ficava divagando fervorosamente sobre os monstros no seu quarto, as moças assustadoras na sua cabeça e os pesadelos que a atormentavam. Apesar dos murmúrios noturnos raramente serem coerentes, eu ouvia cada palavra com atenção, porque sabia que ela estava tentando me contar algo importante. Algo que a mente dela se recusava a dar sentido.

Toda noite eu esperava minha namorada me convocar para a cama e então ficava ouvindo com cuidado, torcendo para que sua mente brilhante me desse algo com o que trabalhar. Um fragmento mínimo de alguma lembrança para que eu pudesse ajudá-la.

Eu sabia que não havia evidências do crime e que minha mãe achava que eu estava fazendo mais mal do que bem para Liz, mas meu coração me garantia que eu estava no caminho certo. Eu conhecia a Liz quase a vida inteira, e algo no fundo de mim

me dizia que eu devia confiar nos instintos dela. Caramba, até a minha intuição, que nunca tinha me deixado na mão, exigia que eu *acreditasse* nela.

Eu continuaria apoiando minha namorada em cento e cinquenta por cento das vezes, tanto em público quanto em particular, até o meu último suspiro. A única coisa com a qual eu não concordava era sua insistência em punir Gibs por um crime do qual ele não tinha participado. Assim, embora ela estivesse determinada a condenar todos os membros da família Allen, consanguíneos ou não, eu reservava minha condenação exclusivamente para o Mark.

Não podia dizer que os últimos meses não foram um desafio. Sempre pensei que entendia a saúde mental da minha namorada melhor do que a maioria, mas não poderia ter sido mais ingênuo.

Ficou claro que Liz guardava cada grama de energia e alegria para a minha visita diária, e ver o que ela passava em um período de vinte e quatro horas partia meu coração.

Porque a mente dela não era apenas complicada; ela a *torturava* a ponto de eu começar a compreender suas repentinas e drásticas mudanças de humor.

O pior de tudo era a automutilação — algo que descobri que ela fazia todos os dias. E que tirava o ar dos meus pulmões. Se eu virasse as costas, ela pegaria uma lâmina a qualquer hora e se *cortaria*. Eu a peguei no flagra três vezes, e essas três brigas foram as únicas ocasiões em que levantei a voz para ela.

Porque eu precisava que ela me *ouvisse*.

Porque precisava que ela soubesse que, quando se feria, também me feria junto.

— Hugh? — Liz sussurrou no silêncio. Sua voz repentina e a mão que ela estendeu para o lado para passar os dedos no meu cabelo quase me causaram um infarto. — Está acordado?

— Sim, Liz. — Respirei fundo, arfando. — Estou acordado. — Ela continuou fazendo cafuné e ergui o braço para pôr a mão na beirada do colchão. — Você teve outro pesadelo?

— Acho que sim — ela respondeu baixinho, pegando minha mão. — Mas não sei se estava dormindo quando aconteceu.

— Quer conversar...? — Parei de falar quando minha namorada rolou da cama e caiu no colchão ao meu lado.

— Oi — ela disse, se deitando de lado, de frente para mim.

— Oi — falei, engolindo em seco. — Você caiu da cama?

Liz balançou a cabeça, e a forma intensa com que me olhou fez todos os pelos do meu corpo se eriçarem.

— Você vai embora amanhã.

— É, eu meio que tenho que ir. — Uma dor surda se instalou no meu peito. — As aulas começam depois de amanhã.

— Não quero dormir sem você hoje — ela sussurrou, fazendo carinho no meu rosto. — É nossa última noite.

Tomando cuidado para não interpretar nada errado, levantei o braço devagar e esperei sua reação. Ela enterrou a cabeça na curva do meu braço na mesma hora, daí eu relaxei e a abracei.

— Não é nossa última noite — prometi com uma voz rouca. — A gente ainda vai ter milhares de noites juntos.

Ela respirou fundo, passou uma perna pelos meus quadris e colocou a mão na minha barriga.

— Você está sempre tão cheiroso!

— Bem, é meio que minha obrigação, né? — brinquei, me esforçando para ignorar como meu corpo ardia. — Já que minha namorada passa a maior parte do dia me fungando.

— Verdade — ela disse, passando os dedos até o meu umbigo. — Ei, sabia que você tem pelos debaixo do umbigo agora?

Esse não era o único lugar com pelos agora, mas eu que não ia falar nada. Não quando estava fazendo tudo o que podia para

mentalmente convencer meu corpo a se acalmar.

— Hugh?

— Hum?

— Você me ouviu?

— Sim, Liz. — Limpei a garganta e peguei sua mão. — Te ouvi.

— Me desculpa — ela sussurrou, parecendo culpada. — Foi um toque ruim?

— Não. — Balancei a cabeça e contive um tremor. — Não foi ruim. Só foi uma surpresa.

— Ah! — Ela chegou mais perto, provocando um caos no meu pobre coração. — Hugh?

— Sim, Liz? — falei, fechando os olhos quando ela acomodou a parte interna da coxa em cima de mim.

— Quando a gente vai poder se tocar?

Dessa vez, não engoli em seco, quase me engasguei com a pergunta.

— Se *tocar*?

— É — ela disse, acariciando meu ombro com o rosto. — Que nem os namorados fazem.

Porra, eu não conseguia mais disfarçar.

— O que é isso? — ela falou, claramente notando meu problema.

Meu Deus do céu, minha mãe estava *certa*.

Meu coração amava aquela garota, mas meu corpo definitivamente a *desejava*.

Ah, merda!

— A gente vai poder se tocar quando formos bem mais velhos — eu disse, buscando desesperadamente o bom senso e conter aquela nuvem de desejo que pairava sobre mim. — Quando nós dois estivermos no secundário.

— Mas você vai passar dois anos no secundário antes de

mim. E se conhecer outra garota?

— Não vou conhecer.

— Mas e se conhecer?

— *Não* vou, Liz — repeti, sentindo as pernas tremerem. — Não vou.

— Como você tem tanta certeza?

— Eu sei que isso não vai acontecer.

— Mas como você sabe?

— Porque só quero você.

Ela soltou um suspiro.

— Sério?

— Sério — falei e acrescentei depressa: — Quando a gente for *mais velho*.

— Mais velho quanto?

— Já falei: quando a gente estiver no secundário — respondi, pegando sua mão assim que ela começou a se aventurar pela minha barriga outra vez. — Não temos pressa, Liz, e não vou sair por aí procurando nem tocando outras meninas quando começar o secundário, ok?

— Nem beijando?

— Nem beijando. Não vou fazer nada disso, então você só precisa ter paciência e confiar em mim, porque não vou fazer nada que possa te magoar.

— *Confio* em você, Hugh.

— Que bom! — Me virei de lado, coloquei a mão no seu rosto e sorri. — Porque temos todo o tempo do mundo pra esse tipo de coisa.

Seus olhos fundos e azul-claros me fitaram.

— Está bem.

— Te amo — sussurrei, tendo a consciência de que ela precisava saber disso. — Não importa o que aconteça.

— Também te amo. — Minhas palavras fizeram o brilho no

seu olhar reaparecer. — Não importa o que aconteça.

— Quer me contar do pesadelo? — perguntei, tentando mudar a conversa para um assunto com o qual eu podia lidar. — Você pensou que não estava dormindo?

Seu corpo ficou imediatamente duro.

— Eu estava em um quarto.

— Este quarto?

Ela balançou a cabeça.

— Outro quarto.

— Ok. — Mantive um tom gentil e continuei fazendo carinho no seu rosto. — O que mais tinha nesse quarto?

— Uma cama.

— Você estava na cama?

— Não. — A Liz sacudiu a cabeça. — Ela estava.

— A Caoimhe?

Liz assentiu tensa.

— Ela estava chorando.

— Está parecendo bem assustador. — Meu coração disparou, mas eu jamais a deixaria saber. Então perguntei com a voz mais calma e tranquila que consegui: — Tinha mais alguém no quarto?

Ela balançou a cabeça freneticamente e depois fez que sim.

— Tinha?

Balançou a cabeça de novo e concordou.

— Não?

— Não sei. — Liz fechou os olhos com força e soltou um suspiro trêmulo. — Não quero mais pensar nisso.

— Ok — falei, sendo que tudo o que eu queria era gritar *não, não para agora*. Mas não podia fazer isso com ela. Porque eu ia voltar para casa no dia seguinte e não estaria lá para recolher seus caquinhos. — Não precisamos falar disso hoje. — Passei o braço pela sua cintura fina e a puxei para perto até nossos

corpos se tocarem. — Tenta dormir um pouco, ok?

— E se o monstro rastejar pra fora dos meus sonhos?

— Vou estar bem aqui — prometi, abraçando-a com mais força. — Te protegendo.

— E me mantendo segura?

— Sim, Liz — falei, sentindo meu coração se despedaçar. — Te mantendo segura.

PARTE 16

Novos horizontes

30 de agosto de 2000

Garotos de Tommen

HUGH

— Ah, meu Deus, quem foi que deixou você sair de casa desse jeito? — Johnny Kavanagh perguntou com seu forte sotaque de Dublin, circulando Gibsie no estacionamento do Colégio Tommen na manhã do nosso primeiro dia de aula do secundário. — Tá doido que vou deixar você entrar na escola assim, Gibs. — Ele voltou seus acusadores olhos azuis de aço em mim. — Como você *deixou*, Hughie?

— Não sou babá dele, não, cap — falei, dando risada e erguendo as mãos.

— Não, mas pelo visto ele é — Feely interveio, gargalhando.

— Com licença — Gibsie bufou, segurando as lapelas de seu blazer azul-marinho ultrachique. — A minha mãe disse que estou parecendo inteligente.

— É, e a minha mãe disse a mesma coisa quando tentou me enfiar em um desses, mas não fui burro de acreditar — Kav retrucou, fazendo careta. — Quer tirar logo essa coisa? Senão você vai virar a piada da escola antes do primeiro sinal.

— Mas todo mundo do primeiro ano está de blazer — Gibs reclamou, apontando para um grupo de novinhos passando por

nós correndo antes de alisar as mangas do seu blazer feito sob medida. Então lançou um olhar de desprezo para nós três antes de soltar um suspiro. — Não fiquem com inveja porque estou lindo e vocês três estão parecendo uns bostas aí de suéter.

— Bem, prefiro parecer um bosta do que a porra do Carlton Banks — Kav resmungou, logo avançando no nosso amigo para tentar arrancar o blazer dele. — Meu melhor amigo não vai andar por aí com um alvo nas costas.

— Você acabou de me chamar de melhor amigo.

— Não chamei, não.

— Chamou, sim.

— Não chamei, não.

— Chamou, sim!

— Chamou, sim, *Jonathan*, confessa.

— Foi só um escorregão, *Gerard*. Não exagera.

— Diz.

— Não.

— Diz logo, senão vou botar o blazer — Gibs avisou, pegando a roupa de volta.

Kav estreitou os olhos em desafio.

— Você não ousaria.

— Ah, não — Gibs falou alto o suficiente para chamar a atenção para nós enquanto dava um show enfiando o braço na manga do blazer. — Queria ter um melhor amigo pra me mostrar o caminho.

— Está bem, está bem! — Kav berrou, pegando o blazer de volta. — Você é meu melhor amigo — ele grunhiu, amassando o casaco e o guardando na mochila. — Está feliz agora?

— Estou radiante! — Gibsie exclamou, e juro que, se ele tivesse rabo, estaria balançando. Ele se virou para nós e sorriu. — O Johnny me chamou de melhor amigo.

— Foi, Gibs. — Feely e eu rimos juntos, achando graça da

cara horrorizada do cap. — Ele deve te amar pra valer, cara.

— Bem, esse é um status de relacionamento bem intimidante, na melhor das hipóteses — Kav disse, fechando a mochila e a colocando sobre o ombro. — Quer afrouxar essa gravata? — ele acrescentou, dando uma boa olhada no *melhor amigo*. — A gente está indo pra sala de aula, Gibs, não pro tribunal.

— Faço qualquer coisa por você, amigão — Gibsie respondeu, caminhando ao seu lado.

— Se me chamar assim de novo, vou te estrangular — Kav falou, pondo a mão no ombro do Gibsie e o afastando de uma poça d'água.

— Sim, sim, cap.

— Este lugar é um zoológico — Feely declarou quando enfim nos encontramos no almoço. Gibs e Kav estavam desaparecidos. — Nunca me senti tão intimidado na vida. — Ele afundou na cadeira ao lado da minha no refeitório, abriu a tampa de uma garrafa de refrigerante e deu um grande gole. — Não sei se estou curtindo essa escola, Hughie. Não sei mesmo. — Deu outro gole na bebida e sussurrou: — As garotas daqui são aterrorizantes.

Ele nem precisava me dizer.

Depois de passar os últimos oito anos em uma escola só de garotos, era como se tivéssemos sido transportados para um planeta totalmente diferente chamado Colégio Tommen, e fiquei profundamente grato pela minha irmã ter me preparado para esse universo alternativo.

— Está vendo aquela loirinha de rabo de cavalo? — Feely gesticulou para um grupo de meninas sentadas na mesa da frente. — Ela botou a mão na minha bunda lá no armário de manhã, e quando eu olhei ela nem disfarçou. Só ficou parada e

deu uma piscadinha pra mim.

— Não brinca. — Dei risada. — O que você falou pra ela?

— Nem tive chance de falar nada — ele disse, ajeitando o colarinho da camisa. — A menina mandou ver antes que eu conseguisse verbalizar uma palavra.

— Como assim mandou ver?

— *Ela* enfiou a língua na *minha* boca!

— Quem enfiou a língua na sua boca? — Pierce O'Neill perguntou, se juntando a nós. — E aí, Biggsie? — Ele concentrou a atenção em mim. — Não me diga que já começou os trabalhos, seu safado.

— Tenho namorada, imbecil — falei, na defensiva. — Não ando catando mulher por aí, não.

— Você ainda está pegando a amiga da sua irmã? — ele perguntou, incrédulo.

Meu corpo todo ficou rígido.

— E daí?

— Ela ainda está no primário?

Estreitei os olhos, desafiando-o.

— *E daí?*

— Daí nada — ele murmurou, desconfortável. — Pensei que você já tivesse dado um pé nela a essa altura.

— E por que eu faria algo tão absurdo?

— Olha em volta, Biggsie — Pierce disse, genuinamente confuso com a minha reação. — Por que você ia querer ficar preso com a mesma garota do primário quando pode pegar qualquer uma aqui?

— Porque *não* quero nenhuma dessas meninas.

— Como você sabe?

— Já *tenho* a garota que quero.

— Mas como você pode ter certeza se não fizer um test drive? — ele insistiu. — Você é o favorito pra ficar com a

camisa dez, cara. As garotas vão cair aos seus pés, e você está me dizendo que vai abrir mão de tudo isso por...

— A loirinha da mesa ao lado... — Feely interveio depressa, percebendo que o babaca estava me irritando. — Ela me beijou.

— Não brinca — Pierce comentou, se voltando na mesma hora para Feely. — Você é uma lenda, cara.

Vários colegas do Scoil Eoin se sentaram na nossa mesa e logo começaram a ranquear, dar nota e observar as garotas ao nosso redor feito os cachorros desesperados que eram.

Enquanto isso, tirei o celular do bolso e tentei me acalmar. *Maldito Pierce*. Nenhuma garota daquela escola chegava aos pés da Liz, e mesmo se chegasse, eu não mudaria de ideia, porque não foi a aparência da Lizzie que me conquistou. Foi *ela*.

Dei uma olhada nas mensagens, vi que havia uma nova e a abri às pressas. Meu coração acelerou quando notei que era da Liz. Chegou às 8h39.

Pode até olhar mas não tocar. bjs

Mantendo o queixo para baixo para disfarçar o sorriso, digitei uma resposta e a enviei.

A única garota que vou olhar é a *minha*, e é a única em que vou tocar também. bjs

Como eu sabia que ela só me responderia quando terminasse a escola, guardei o celular no bolso e voltei para a conversa terrivelmente tediosa rolando ao meu redor, que versava sobre garotas, garotas e mais garotas.

Loiras.

Morenas.

Ruivas.

Altas.

Baixinhas.

Com peitos grandes.

Com peitos pequenos.

Que pareciam adultas.

Proibidas.

Meu Deus do céu, aquele papo era exaustivo.

— Mas você pegaria se ninguém ficasse sabendo, né? — Lukey perguntou para mim.

Balancei a cabeça para clarear os pensamentos e me virei para ele.

— Pegaria quem?

— Outra garota.

— Não.

— Você tem que ser sincero, Biggsie.

— Estou sendo — insisti. — A resposta é não.

— Vi aquela menina na aula de irlandês falando com você.

— É, também vi.

— Nossa, ela era bem gatinha.

— Prestou atenção em cada palavra dele.

— Ela só queria me pedir uma caneta emprestada.

— E o seu número. Eu ouvi.

— Você passou seu número pra ela, cara?

— Não de novo.

— Ah, fala sério, Biggsie — vários caras falaram ao mesmo tempo. — Ela estava vidrada em você na aula.

— Cara, ela é maravilhosa.

— Com certeza.

— Nossa, ela pode ficar com o meu número se quiser.

— Não liguem pro Biggsie, gente. Ele renunciou a todas as gatinhas da escola — Pierce declarou, rindo. — Porque está *apaixonado*.

— Por que não tenta a sorte com ela? — eu o desafiei, cravando os olhos no idiota à minha frente. — Ou você é covarde demais pra chegar numa mina?

— Não estou interessado nas suas sobras, cara. Se bem que faria uma exceção pra sua namorada. — Ele agitou as sobrancelhas e falou: — Passa ela pra mim quando terminar, hein?

— Ah, meu Deus, você não devia ter falado isso — Feely grunhiu, cobrindo o rosto.

— Você não devia *mesmo* ter falado isso, cara — Robbie Mac acrescentou, sério. — Mandou mal.

— É. — Empurrei a cadeira para trás com tudo, fiquei de pé e avancei nele. — Você não devia mesmo ter falado isso, otário.

30 de agosto de 2000

Ligações noturnas

LIZZIE

Eu era meio ressentida com várias coisas na vida, mas o maior ressentimento de hoje vinha do fato de que eu devia estar começando o primeiro ano com o meu namorado, e *não* a quinta série com a irmã dele.

Eu me sentia atrasada desde criança, quando fui mandada para escolas especiais em vez de escolas regulares com colegas da minha idade. Fiquei com essa sensação de novo depois que minha irmã partiu deste mundo, e agora estava sentindo tudo de novo.

Porque Hugh estava seguindo em frente e eu estava ficando para trás.

Ficava brava porque alguns dos alunos da sexta série que tinham se formado no Sagrado Coração no verão eram mais novos que eu. Podiam ir para o secundário enquanto eu ainda estudaria no primário por mais dois anos.

Era constrangedor, pois não apenas faria catorze anos durante a sexta série como também faria *quinze* no final do primeiro ano, enquanto todo mundo na turma estaria com treze.

Eu, com doze anos e meio, estava começando a quinta série.

Que piada!

Eu era mais velha que todos da sexta série, que tinham onze anos ou *acabado* de fazer doze, e a diferença era ainda mais gritante na minha sala.

Claire e Shannon tinham onze, assim como alguns meninos da quinta série, mas a maioria das meninas ainda tinha dez anos.

E o que é que eu tinha em comum com meninas de dez anos?

Eu já tinha que raspar as pernas e as axilas frequentemente, e elas não. Eu tinha seios, um namorado, ciclos menstruais, e elas ainda brincavam de Barbie.

Além da Claire e da Shan, eu não sabia lidar com as outras garotas porque nunca me *senti* uma delas. Não tinha lembranças de antes dos três anos, e depois disso todas as minhas memórias eram de consultas médicas, internações, lágrimas, remédios, surtos e traumas.

Aliás, nunca nem brinquei de boneca. Ganhei várias de aniversário de Natal, mas ou doava tudo ou as usava para praticar tiro quando ia brincar com a espingarda de chumbinho com o Hugh e os meninos.

Eu não conseguia me identificar com o prazer que as outras sentiam de se arrumar e desprezava a ideia de ficar desfilando por aí com babados e laços. Não tinha nada contra usar vestido de vez em quando, mas meu estilo era completamente diferente do que as lojas empurravam para meninas da minha idade ou do que minhas amigas usavam.

Além da minha idade, do meu desenvolvimento físico e da minha incapacidade de me relacionar com minhas colegas, as matérias do ensino primário eram fáceis demais para mim. Eu ficava cada vez mais desanimada na escola porque minha mente não estava sendo estimulada, e eu precisava de

estímulos para me manter no caminho certo. Precisava de desafios para me distrair da tempestade constante que se formava dentro de mim.

Quando Hugh finalmente me ligou depois do primeiro dia de aula no Tommen, senti um calor imediato me percorrendo.

— Oi, Liz. — Ao ouvir sua voz familiar do outro lado da linha, um cobertor quentinho me envolveu. — Desculpa por ligar tão tarde. Tive treino depois da escola.

— Tudo bem. — Soltei um suspiro contente e me recostei nos travesseiros. Passei o dia todo sem conseguir me concentrar, absorta demais imaginando as aventuras dele no secundário. — Como foi o seu dia?

— Caótico — ele disse, dando risada. — Aquele lugar é um zoológico.

— Sério?

— É. É bem selvagem, mas sobrevivi — foi sua resposta descontraída. — O treinador fez uns testes depois da aula, e os caras e eu fomos convocados pro time de rúgbi.

— Que caras?

— O Kav, o Feely e, hum... o Gibs.

Eu não conseguiria descrever a sensação lancinante que atravessou o meu peito quando Hugh disse o nome dele. Por um momento, fiquei sem saber se estava respirando, até que finalmente consegui dizer *parabéns*, mesmo que aquilo quase tivesse me matado.

— Liz... — Houve uma longa pausa até ele falar de novo. — Me desculpa, baby, mas você sabe que ele é meu amigo.

Não seja amigo dele, eu queria gritar, mas me segurei, com medo de afastar a única pessoa que realmente estava do meu lado.

— Me conta do Tommen — pedi, precisando mudar de assunto para não explodir. — Quem são seus professores?

Aliviado, Hugh me deu um resumo detalhado do seu dia, do começo ao fim, omitindo qualquer menção a *ele*, o que me deixou profundamente grata.

— Tem meninas na sua sala? — perguntei pouco tempo depois, um pouco mais tranquila.

— Algumas — ele falou sem emoção.

Dei uma risadinha.

— Alguma menina legal?

— Nenhuma chamada Lizzie Young — ele respondeu com um tom provocativo. — Não estou nem olhando pra elas, Liz.

— Eu não ficaria brava se você estivesse — falei, suspirando. — Não sou exatamente a namorada mais fácil do mundo.

— Não estou olhando, Liz — repetiu, sério. — Você é a única garota que eu quero, e não tenho pretensão nenhuma de estragar isso.

23 de novembro de 2000

Encontros na piscina

LIZZIE

— Vou arranjar um emprego aqui quando for mais velho — Hugh anunciou na quinta-feira à noite enquanto a gente se refrescava na água.

Em setembro, quando ele sugeriu que a gente fosse nadar depois da escola, pensei que fosse só uma ideia passageira que ele tinha inventado porque adorava nadar.

Mas ele continuou mencionando o assunto, e logo percebi que estava falando sério. Depois que convenci meus pais que um pouco de exercício faria bem para a minha saúde mental, eles praticamente me chutaram para fora de casa.

Então todas as noites de segunda a sexta dos últimos dois meses, pontualmente às sete, Hugh ia para a minha casa com sua fiel bicicleta amarela e a bolsa de natação pendurada no ombro.

Dali, a gente pedalava até o centro de lazer do hotel da cidade que nossas famílias eram membros para nadar até nos expulsarem na hora de fechar.

Durante duas horas inteiras, eu o tinha todinho só para mim. Depois, ele me acompanhava até em casa e seguia para a casa

dele.

Talvez fossem as endorfinas da natação ou talvez fosse a presença dele, mas eu sentia uma tranquilidade na água que não sentia em nenhum outro lugar.

— Sério... — Hugh gesticulou para a cadeira vazia do salva-vidas. — Este vai ser o meu lugar.

— Acredito em você — falei, abraçando-o. — Você conquistou tudo o que quis.

— Nem tudo — ele disse, dando uma piscadinha insinuante. — Algumas coisas não podem ser apressadas.

Meu coração disparou.

— Ah, é?

— Uhum. — Ele segurou minhas coxas e me puxou para mais perto. — Não consigo parar de pensar em você.

— Estou bem aqui — falei, dando risada e afastando seu cabelo encharcado dos olhos. — Você fica lindo com o cabelo molhado. — Sorrindo, me inclinei e dei um beijo no seu nariz. — Fica parecendo um filhotinho de enormes olhos castanhos.

— É exatamente o que todo cara quer ouvir da namorada...

— Não foi o que eu quis dizer...

Minhas palavras foram engolidas pelos lábios dele. Sua língua roçou timidamente na minha, sondando a minha reação, aguardando aprovação. Tremendo de prazer, retribuí o beijo com avidez, desejando nada mais do que fundir minha boca à dele para sempre.

Quando Hugh me beijava, a sensação não parecia com nada que eu já tivesse experimentado antes ou depois. Ele me amava com a boca. Expressava seus sentimentos a cada movimento da língua. Era profundo. Era avassalador. Era como se eu fosse a única destinatária do seu tempo, da sua atenção, do seu coração e do seu carinho.

O número de beijos que a gente dava tinha aumentado

consideravelmente desde que ele começou o secundário, e mais ainda desde o aniversário dele no mês anterior. Era quase como se seu corpo tivesse alcançado o meu e *enfim* estivéssemos na mesma frequência. Ele sempre tomava cuidado para ficarmos *só* nos beijos, e eu estava bem satisfeita com isso, porque *puta merda*, ele sabia me fazer sentir coisas com aqueles beijos.

Parte de mim temia que Hugh se distanciasse depois que fosse para o Tommen, onde ele estaria cercado de outras garotas, mas ele parecia mais determinado que nunca a passar seu tempo comigo.

Meu namorado estava cumprindo a promessa de manter os olhos somente em mim, apesar de várias garotas da escola nova estarem tentando a sorte com ele. Ele nunca comentava nada, mas a irmã dele deu com a língua nos dentes assim que ficou sabendo dos detalhes sórdidos pelos amigos.

Pelo visto, meu melhor amigo desde a pré-escola tinha se tornado o verdadeiro príncipe dos corações partidos no Tommen, e havia uma fila impressionante de admiradoras competindo pelo seu afeto. Segundo Patrick, e para o bem do Hugh, ele praticamente ignorava todas essas atenções, mantendo a cabeça nos livros durante as aulas e os olhos no celular no almoço. E mesmo quando as garotas mais ousadas lhe faziam propostas, ele as recusava com educação e *firmeza*.

— Ok, a gente precisa parar — Hugh anunciou com uma voz desesperada, afastando os lábios dos meus.

— Por quê? — gemi, enchendo seu pescoço de beijos. — Ainda não terminei.

— Desculpa. — Com a respiração irregular, ele segurou minha cintura e me arrancou dos seus braços. — Mas preciso de um minuto.

— Ah, que belo jeito de tratar sua namorada! — resmunguei,

cuspindo água e nadando de volta até ele. — Me jogando na piscina desse jeito.

— Por favor, não chega perto — ele avisou, erguendo a mão e usando a outra para nadar para longe. — Sério, Liz.

— Ah, para de tentar fugir, seu bebezão — falei, dando risada e revirando os olhos. — Já sei o que está acontecendo aí no seu short. Senti a coisa me cutucando o verão todo.

— Valeu, Liz. Não quer falar mais alto, não? — ele grunhiu antes de desaparecer debaixo d'água, emergindo um minuto depois do outro lado da piscina.

Ele saiu da água sem o menor esforço e se sentou na borda, balançando os pés na água.

— Ok — ele disse, dando dois joinhas. — Acho que controlei a situação.

— Já te falei o quanto estou orgulhoso de você? — Hugh perguntou depois da piscina enquanto seguíamos para o estacionamento escuro onde tínhamos deixado nossas bicicletas.

— Pelo quê? — falei, curtindo a sensação da sua pele na minha e como ele colocava minha mão atrás da dele. Eu não sabia por que tinha percebido ou por que eu ligava para aquilo, mas era só mais um item que ele cumpria da minha lista. Outro era que ele sempre fazia questão de caminhar do lado de fora quando andávamos na rua.

— Por voltar pra água — ele disse. Em seguida, deu de ombros meio sem graça e murmurou: — Depois de... bem, você sabe.

Eu *sabia*.

— Não tenho medo de me afogar, Hugh — declarei, me aproximando mais dele para me aquecer. *Porque não tenho medo de morrer*. — A água não me assusta...

— Puta merda!

Abri a boca, assustada, pronta para perguntar qual era o problema quando o Hugh me virou e colou o corpo no meu.

— Não entra em pânico — ele sussurrou no meu ouvido, enterrando meu rosto no seu peito. — Você está comigo, e não vou deixar nada acontecer. Mas acho que estou vendo ela.

Não precisei perguntar de quem ele estava falando.

Pois eu já sabia.

— Onde? — falei, mantendo o rosto enfiado no seu casaco.

— Do outro lado da rua, debaixo do poste — Hugh disse com calma. — Está bem escuro, e não tenho certeza, mas acho que é ela.

— Ela está olhando pra mim? — perguntei, tremendo. — Ela está vendo a gente?

— Acho que não — ele falou, nos conduzindo de costas para um caminhão estacionado. — Está um breu aqui.

— O que a gente faz?

— Vamos voltar pro hotel e ligar pra polícia.

— Eles não vão acreditar na gente, Hugh.

— Vão sim, Liz — ele prometeu, refazendo nossos passos pelo estacionamento. — Vou fazer eles acreditarem.

— Por que eu inventaria isso? — meu namorado questionou quarenta minutos depois.

Estávamos sentados lado a lado no saguão do hotel, com dois policiais de expressões severas olhando feio para nós. Enquanto isso, permaneci em silêncio. Porque sabia o que ia acontecer.

— Estou te falando que é a terceira vez que vejo aquela mulher por aí. Isso certamente configura perseguição!

— Ela abordou vocês alguma dessas vezes? — um dos policiais perguntou, com a caderneta na mão.

— Bem, *não*. — Claramente incomodado pela indiferença

deles, Hugh passou a mão pelo cabelo e suspirou. — Mas ela fica *olhando* pra gente.

— Não tem lei nenhuma que proíba cidadãos de olhar pra outros pedestres.

Não importa o que você diga, eles não vão acreditar na gente, eu queria falar para ele, mas decidi só colocar a mão no seu braço. Porque qualquer esperança que ele tivesse de convencê-los de alguma coisa iria por água abaixo se eu abrisse a boca.

— Cadê ele? — Sinead Biggs entrou pisando duro no saguão, olhando freneticamente em volta, procurando o filho. — Cadê o meu filho?

— Mãe! — Hugh exclamou, com o alívio estampado no rosto. — Graças a *Deus*. — Ele se levantou, disparou para a mãe e contou depressa o que estava acontecendo.

Já eu não mexi um músculo, desconfiada demais dos homens de uniforme azul-marinho perto de mim.

— Quer acrescentar alguma coisa, senhorita? — um deles perguntou.

Balancei a cabeça.

— Não?

Assenti.

Eles se entreolharam e sacudiram a cabeça ao mesmo tempo, sem dizer nada, antes de irem até onde Hugh estava falando com a mãe, todo agitado.

Soltei um suspiro trêmulo, apertei os braços da cadeira e fiquei olhando para as janelas que iam do chão ao teto e davam no estacionamento.

Ela estava ali.

Dava para sentir.

O monstro tinha desaparecido.

Mas a moça assustadora estava sempre de olho.

31 de dezembro de 2000

Adeus ano velho, feliz ano novo

HUGH

Depois do incidente na piscina, o humor da Lizzie piorou, e nada parecia fazê-la voltar.

Eu não conseguia tirá-la da escuridão que a dominou, e como estava atolado de compromissos na escola, na natação e no rúgbi, não passávamos mais tanto tempo juntos quanto antes.

Isso destroçava meu coração, porque eu *sabia* por que aquilo estava acontecendo. A resposta decepcionante da Gardaí ao nosso depoimento sobre a mulher da floresta acabou sendo um gatilho para lembranças da morte da irmã dela. Já eu estava extremamente irritado não só pela descrença das autoridades em mim, mas também dos nossos pais. Eu ainda estava bem chateado com o que aconteceu e não conseguia nem imaginar como a Liz se sentia ao ser descreditada *duas* vezes.

Podiam botar a culpa na saúde mental da minha namorada o quanto quisessem, mas eu sabia o que vi aquela noite, e definitivamente *era* a mulher da floresta.

O que realmente me deixou puto foi quando nossos pais decidiram acabar com os nossos passeios até a piscina durante a semana. Eles resolveram tomar precauções para evitar que o

que diziam *nunca ter acontecido* se repetisse. Que nem os meus pais, que *não acreditavam* que Mark era um estuprador mas *proibiram* minha irmã de ir até a casa do outro lado da rua até ele se mudar.

É melhor prevenir do que remediar.

Os eventos na piscina alimentaram minha indignação com o tratamento dado à minha namorada no ano passado, trazendo consigo um pungente instinto protetor.

Fiz o possível para estar ao lado dela e faltei em todos os treinos de rúgbi que pude só para ter umas horinhas extras com a minha garota, mas a Liz estava se distanciando de mim.

O Natal foi um fracasso, e todos os planos que tínhamos feito para nos ver evaporaram quando ela se recolheu na cama assim que as férias chegaram.

Dormi na Old Hall House sempre que consegui durante o recesso, mas minha mãe estava pegando no meu pé por causa do nosso relacionamento e não queria nos deixar sozinhos em nenhuma situação em que a *tentação* pudesse surgir.

Mesmo assim, dei um jeito de convencê-la a me deixar passar aquela noite com a Liz. Se bem que talvez isso tivesse mais a ver com a festa de Ano-novo no clube de rúgbi do que com uma mudança de ideia.

Todos os meus amigos da escola iam à festa e passaram a semana toda bombardeando o meu celular, tentando me convencer a ir também. Quando descobriram por que eu não ia, tive que aguentar uma boa dose de provocações por ter escolhido ficar com uma garota em vez de sair com os caras.

Eu estava pouco me fodendo, e as provocações deles entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Afinal, eu estava de conchinha com Liz, enquanto eles se embebedavam no mato e trocavam saliva com pessoas aleatórias.

— Que horas são? — Liz perguntou, me despertando do

devaneio. Ela passou a perna comprida por cima da minha e se aconchegou mais, pondo o rosto no meu peito. — Já é meia-noite?

— Espera aí, vou ver. — Peguei o celular na mesinha de cabeceira, destravei a tela e falei: — Falta um minuto pra meia-noite.

— Que bom! — Sua voz foi pouco mais que um sussurro. — Pensei que eu tivesse perdido a hora.

Eu não teria me incomodado. Fiquei aliviado de vê-la dormindo bem. Sabia que ela sofria muito de insônia quando estava mal desse jeito e passava dias deitada sem se mexer na cama olhando para o nada.

— Ok, agora é meia-noite — anunciei, fazendo carinho no seu cabelo. — Feliz Ano-novo, Liz.

— Feliz Ano-novo, Hugh. — Com grande dificuldade, ela ergueu o rosto até o meu e deu um beijo suave nos meus lábios antes de se abaixar de novo. — Obrigada por ficar comigo hoje. Foi tudo pra mim.

— E você é tudo pra mim — falei, acariciando seu braço com a mão que estava sobre ela. — Além disso, passamos todas as viradas juntos desde 1994, e não tenho a menor intenção de quebrar essa tradição.

— Essa é a nossa tradição?

— Claro — respondi, pegando o controle remoto na minha barriga para pausar o programa que estava passando na televisão no canto do quarto. Eu não fazia ideia do que estava assistindo, mas o ruído branco era curiosamente reconfortante. — Vou comemorar todas as viradas te beijando até minha boca ficar torta.

— Não importa o que aconteça?

— Sim, Liz. — Beijei seu cabelo. — Não importa o que aconteça.

Ela ficou em silêncio por um longo momento e depois sussurrou:

— Eu me lembrei.

— Do quê? — perguntei, ficando tenso.

— Dele.

Meu coração disparou.

— Do Mark?

Ela fez que sim.

— Machucando ela.

Merda.

Puta que pariu.

— Aquela noite? — falei, me obrigando a permanecer calmo.

Ela fez que sim de novo.

— Várias noites.

Meu Deus do céu.

— E segurando ela — Liz sussurrou. Após uma longa pausa, disse: — Enfiando coisas dentro dela. — Seu corpo todo tremeu. — Ela tentou falar não pra ele... mas ele nunca ouvia.

— O Mark machucou ela mais de uma vez?

Ela enrijeceu e então disse:

— Toda noite.

— Desde quando?

Outro tremor a dominou, mas dessa vez bem mais violento, fazendo seu corpo todo se sacudir descontroladamente.

— Desde o começo.

— Desde o começo do relacionamento?

Liz suspirou e assentiu.

— O tempo todo — ela confessou, contendo um soluço. — Ele disse que ela ia morrer se alguém descobrisse, mas Caoimhe morreu de qualquer jeito, Hugh, mesmo que não tivesse contado pra ninguém! Ela fez o que ele queria e morreu mesmo assim.

Precisei de todo o meu autocontrole para *não* reagir, e de alguma forma consegui.

— A Caoimhe te contou tudo isso, Liz?

Tremendo bastante, ela acenou a cabeça.

— Quando, baby?

— Aquela noite. — Seu corpo ficou duro, e ela fechou os olhos. — Não estou mentindo. Juro. Estou falando a verdade.

— Eu sei. — Eu a segurei com mais força, me sentindo fraco. — Acredito em você.

— Ninguém acredita em mim. — Lágrimas caíram no meu peito. — Acho que nem meus pais acreditam mais em mim.

— Eu acredito em você — afirmei com a voz rouca e a mente a mil. — Acredito em cada palavra, Liz.

— Não vai embora. — Fungando, ela me abraçou mais apertado. — Por favor, fica comigo.

— Não vou a lugar algum — prometi, abraçando-a de volta. — Vou fazer algo a respeito, Liz. Prometo.

— Não adianta — ela sussurrou com tristeza. — Ninguém vai te escutar.

4 de janeiro de 2001

Dispara o alarme

LIZZIE

Contar minhas lembranças para o Hugh foi um erro.

Não porque ele não acreditasse em mim, mas porque eu não acreditava em mim mesma.

Minhas memórias continuavam se misturando à minha imaginação até eu não conseguir distinguir a diferença entre elas.

Eu não tinha mais certeza de nada, o que não ajudou quando Hugh chamou meus pais no primeiro dia do ano e exigiu que déssemos outro depoimento para a Gardaí, fornecendo os detalhes que eu havia contado na noite anterior.

Tentei permanecer estável, de verdade, mas quando fui levada para a delegacia e fiquei cara a cara com os policiais, surtei.

Incapaz de resgatar qualquer evento coerente da noite em que minha irmã morreu, fiquei divagando e delirando até chamarem um médico.

Depois disso, tudo virou um breu.

Quando meus pais me levaram de volta à delegacia três dias depois, passei por um interrogatório bem invasivo com uma

policial questionando a minha vida familiar. Ela não estava de uniforme, mas falava como se estivesse e me bombardeava com perguntas que não eram da sua conta.

— Tem histórico de abuso na sua casa?

— Não.

— Tem certeza? Este é um espaço seguro, você pode ser sincera.

— Não.

— Alguém já te tocou de forma inapropriada?

— Não.

— E quando você era pequena?

— Não.

— Tem certeza, Lizzie?

— Sim.

— Como é seu relacionamento com a sua mãe?

— Bom.

— E com o seu pai?

— Ok.

— Seus pais já te machucaram?

— Não.

— Nunca te bateram?

— Nunca.

— E a sua irmã?

— Ela também nunca encostou em mim.

— Sua irmã já te machucou?

— Minha irmã está morta.

— Estou ciente — a mulher falou friamente. — Antes de morrer, sua irmã já te machucou?

Estreitei os olhos.

— Não.

— Mas você já foi violenta com ela. — A policial ficou me olhando com atenção enquanto falava. — Meus registros dizem

que você deixou uma cicatriz no lado direito do rosto dela durante uma briga.

A vergonha me dominou.

— Não me lembro de ter feito isso.

— Você tem diagnóstico de transtorno bipolar, certo? — Isso.

— E você foi diagnosticada com essa condição ainda na infância?

— Sim.

— De que tipo?

— Importa?

— Delírios e alucinações são mais comuns em pessoas com o tipo 1. — Ela me encarou por um longo momento antes de dizer: — Você acha que se enquadra no tipo 1?

Desprezando instantaneamente aquela mulher, agarrei os braços da cadeira em que estava sentada e falei entre dentes:

— Não estou delirando.

— Mas você ouve vozes.

— Não ouço, *não*.

A mulher arqueou a sobrancelha, incrédula.

— Seus pais me deram permissão pra conversar com um dos seus médicos, e foi confirmado que você ouve vozes desde criancinha. — Ela me lançou um olhar severo. — Por exemplo, da moça assustadora.

Meu rosto ardeu.

— O médico não podia ter te falado isso.

— O médico tinha a permissão por escrito dos seus pais para divulgar qualquer informação referente às suas últimas acusações — ela rebateu calmamente. — Presumo que essa "moça assustadora" seja a mesma que você convenceu seu amigo a achar que estava te perseguindo?

Hugh.

Ela estava falando do Hugh.

— Não *convenci* meu amigo de nada — falei, sentindo meu corpo vibrar de tensão. — Nós *dois* vimos ela.

— Você fez acusações bem graves sem ter nenhuma prova. — Ela apoiou os cotovelos na mesa entre nós e juntou as mãos. — Essas acusações consomem tempo dos policiais trabalhando no caso e são custosas para o Estado. Você entende?

Bufei.

— *Sim*.

— Eu *simpatizo* com a sua situação — ela disse em um tom mais gentil. — Você passou por uma provação terrível, que, sem dúvida, exacerbou seus sintomas.

Mas...

— Mas essas acusações não podem continuar — ela completou. — Recebemos reclamações formais da madrasta do sr. Allen e, apesar de entender o que você está passando, se esse comportamento não parar, haverá consequências legais.

— A Sadhbh fez reclamações contra mim? — consegui perguntar, respirando forte e rápido. — Me acusando do *quê*?

Ela vasculhou as anotações e declarou:

— Difamação dos filhos.

— Filhos? — sussurrei fracamente. — No plural?

— Sim. Tanto o enteado quanto o filho biológico da sra. Allen estão listados como vítimas na queixa dela.

Vítimas?

Será que eu estava ouvindo direito?

Eles eram *vítimas*?

— Ninguém quer te ver encrencada, srta. Young — a policial continuou falando. — Certamente ninguém do meu time, mas você está provocando uma situação em que teremos que intervir se esse comportamento não parar. — Ela fez uma longa pausa antes de acrescentar: — Nenhum de nós quer ver uma criança de luto em uma delegacia da Gardaí, então você

me dá a garantia de que vai parar de caluniar a família Allen?

— Não se preocupa... — murmurei, sentindo meu coração gelar. — Você nunca mais vai me ver aqui.

7 de abril de 2001

Supera!

HUGH

— Que cara é essa? — Feely perguntou quando Claire entrou com tudo no meu quarto no sábado à noite.

Parecia que alguém tinha mijado no seu cereal.

— Me abandonaram — ela declarou, dramática, antes de se jogar na minha cama. — De novo.

— Ignora ela — eu disse, revirando os olhos. — Está dando chilique só porque o Gibs foi passar a Páscoa em Dublin com o cap.

— Dublin — a Claire bufou, cruzando os braços. — Que motivo eles teriam pra ir pra *Dublin*?

— Hum, talvez seja porque o Kavanagh veio de lá? — sugeri secamente. — E porque os pais do Johnny ainda têm imóveis e negócios em Dublin e talvez queiram dar uma olhadinha nas coisas?

— O cap e o Gibs não vão aproveitar a viagem pra ir num evento? — Feely perguntou.

— Evento? — Claire se levantou da cama de olhos arregalados. — Que *tipo* de evento?

— A cerimônia anual de premiação dos jovens do rúgbi.

— E o que vão fazer lá?

— O cap já ganhou meia dúzia de troféus — Feely disse. — Gibs vai com ele.

— Você não é dona dele, Claire — eu disse. — Gibs pode ter outros amigos, sabe? — Dei de ombros. — Além disso, pode ser bom pra você ter um pouco de espaço.

— Está falando sério, Hugh? — Minha irmã me olhou de queixo caído, como se eu tivesse acabado de dizer que a Terra é plana. — Por que eu ia *querer* um pouco de espaço do Gerard?

— Sei lá, quem sabe pra curtir seus outros amigos? — Feely disse. — Tipo a Lizzie?

— Exatamente — concordei, pausando o filme que estava passando na minha TV. — Você se lembra dela, né?

— Está falando da amiga que gosta de engolir a cara do meu irmão?

— Ela te pegou, cara — Feely comentou, dando risada.

— Ela ainda é sua amiga, Claire.

— Ela gosta mais de você que de mim.

— A maioria das pessoas gosta mais de mim, mas isso não é motivo pra não se esforçar.

— Você é um pé no saco — Claire resmungou, rindo e atirando um travesseiro na minha cabeça.

— Estou falando sério. Você devia ligar pra ela, Claire.

— Eu ligaria se ela falasse mais de quatro palavras comigo — minha irmã retrucou, dando um suspiro triste. — Ela está tão triste.

— Merda... — Feely murmurou, estremecendo. — Ela não está superando, né?

— Não. — Claire sacudiu a cabeça. — Ela está cada dia mais triste.

— *Superar*? — perguntei, instantaneamente puto. — Não faz nem um ano que ela viu a irmã sendo retirada da porra de um

rio, cara. Como é que você quer que ela supere algo assim?

— Foi mal, cara — meu amigo disse, constrangido. — Não quis dizer isso.

— Ela só quer falar com você — Claire comentou. — Sério, Hughie. Ela mal fala com as pessoas na escola e nunca responde às minhas mensagens. — Deu outro suspiro melancólico e se jogou na cama de novo. — Quero ajudar ela, de verdade, mas a Lizzie vive brava comigo por causa do Gerard, e a gente sempre acaba brigando.

Eu entendia minha irmã. Gibs era um assunto delicado para a minha namorada, mas não era legal ouvir que ela estava ficando cada vez mais isolada.

— Não sei o que fazer — confessei, respirando fundo. — Não sei como ajudar.

— Sabe, sim, porque você é o único com quem ela fala — Claire disse, me dando um sorrisinho compreensivo. — Você vai ser um ótimo médico, Hughie, porque você está fazendo milagre com a Liz há meses.

Na verdade, era o contrário: eu tinha estragado tudo da minha namorada. Insistir que ela desse um depoimento para a Gardaí depois do Ano-novo não só a traumatizou como a destruiu. Tipo, a destruiu *mesmo*.

Os policiais não tomaram atitude nenhuma em relação à sua saúde mental, o que fez a Liz recuar dez passos.

Ela voltou para a sua concha e se recusou terminantemente a contar o que tinham falado ou como estava se sentindo.

Liz estava se cortando mais e faltando à escola, seus remédios foram trocados várias vezes, e a culpa era inteiramente minha.

Se eu tivesse ficado de boca fechada, ela não estaria tão mal.

9 de junho de 2001

Então isso é ter treze anos?

LIZZIE

— Adoro como você nunca tira isso — Hugh disse, brincando com os enfeites da minha tornozeleira enquanto estávamos deitados ao contrário na minha cama. — Parece que estou com você o tempo todo.

— Mas você está — eu disse, enfiando o outro pé debaixo da camiseta dele. — Nunca vou deixar de usar.

— Nunca?

— Vou ser enterrada com isso — prometi, balançando o pé na frente do seu rosto para fazer os enfeites tilintarem. — Obrigada pelo novo pingente. — Olhei para o mais novo complemento na joia: o símbolo do infinito. E sorri. — Adorei.

Recostado na cabeceira da cama, Hugh sorriu de volta.

— De nada.

Apoiei o pé no seu ombro e soltei um suspiro contente.

— Então isso é ter treze anos?

— É — ele disse, fazendo carinho na minha perna, distraído. — Bem decepcionante, né?

Tudo na vida era decepcionante. O Hugh era a única exceção à regra, e fiquei feliz por ter a mesma idade que ele de novo.

— Ei, Hugh?

— Sim, Liz?

— Podemos nos beijar?

Sua mão ficou imóvel na minha perna, e ele me olhou de um jeito estranho.

— Sim. — Sua voz estava rouca. — Claro que podemos.

— Que bom! — falei, me deitando na cama e deixando as pernas ao lado do seu corpo. — Porque já faz um tempo que você não me beija.

— Não porque eu não queira. — Hugh ficou de joelhos e se aproximou, pairando sobre mim. — *Eu sempre* quero. — Seus ardentes olhos castanhos se cravaram nos meus. — Mas você teve uns meses difíceis. — Ele se apoiou no cotovelo, se inclinou e roçou o nariz no meu. — E eu não queria piorar as coisas.

— Você é o único que pode melhorar um pouquinho as coisas. — Estiquei o braço, coloquei a mão no seu rosto e o puxei para o meu.

Seus lábios tocaram os meus devagar, até o desejo crescente nos fazer vibrar e nos empurrar para a frente.

Eu o beijei com um desespero que não consegui explicar, puxando, agarrando e tocando cada centímetro livre da sua pele, desesperada para sentir mais.

Mais.

Mais.

Mais.

Assim que seus dedos encostaram no meu ombro, um formigamento se espalhou por toda a minha pele.

Segurei sua mão e tentei abaixá-la, mas ele voltava para a minha cintura.

Será que Hugh não entendia o que eu queria?

Será que não percebia o quanto eu *precisava* sentir o corpo

dele no meu?

Quando peguei sua mão e a pressionei no meu peito, ele gemeu na minha boca, e foi o melhor som que ouvi em toda a minha vida.

— Liz... — ele disse, tirando a mão do meu peito e colocando-a no meu quadril. — A gente devia ir com calma.

— Não. — Perdida demais nas minhas emoções, continuei puxando-o para mim, querendo senti-lo. Querendo que o seu toque expulsasse os toques ruins. — Eu quero você.

— Não, Liz. — Ele parou o beijo e se afastou para me olhar, ofegante. — Não podemos fazer essas coisas ainda.

— Por que não?

— Porque não estamos prontos.

Meus olhos se encheram de lágrimas e contive um soluço.

— Queria que você entendesse.

— Então me conta. Estou aqui, Liz. Estou sempre te escutando.

Eu sabia disso, e meu coração se partiu um pouco mais, porque eu não queria que ele fugisse depois de me ver.

Não queria que ele fosse embora.

Nem que ele pensasse que eu era suja e corrompida.

Porque eu devia ser dele.

Eu *pertencia* a ele, mas uma parte de mim tinha sido roubada.

E eu precisava que Hugh me devolvesse ela.

PARTE 17

Novos começos

7 de agosto de 2002

Um passo para a frente, dois para trás

HUGH

— Meu Deus do céu! — exclamei ao entrar no quarto da Liz na manhã do aniversário de treze anos da minha irmã. — Me desculpa por não ter batido na porta. — Porque minha namorada estava parada na frente do espelho de corpo inteiro completamente *pelada*. Tipo, *completamente* pelada. — Pensei que você estivesse na cama. — Na verdade, eu tinha tanta certeza disso que cheguei uma hora mais cedo que o combinado com o único propósito de arrancá-la do colchão. — Mas você está de pé... pelada.

— Nossa, você repara em tudo, hein? — Liz brincou, sem se abalar nem um pouco enquanto eu surtava. — Relaxa. — Ela deu risada e olhou para mim por cima do ombro. — Até parece que você nunca viu o meu corpo.

Eu tinha visto.

Mas não tudo.

E definitivamente não com ela *daquele* jeito.

— E aí? — ela falou com um tom brincalhão. — Pretende ficar aí secando minha bunda a manhã toda ou está esperando eu pagar peitinho?

— Ah, caramba! — eu disse, cobrindo os olhos com a mão e virando de costas para ela. — Me desculpa *mesmo*.

Ouvi a porta do armário abrindo e fechando e os cabides batendo uns nos outros.

— Ok, a barra está limpa — ela anunciou alguns minutos depois. — Pode olhar pra mim.

Me virei e me deparei com ela bem na minha frente com a blusa erguida.

— Porra, Liz — grunhi, incapaz de impedir que meus olhos percorressem seus peitos maravilhosos. — *Por que* você está fazendo isso comigo?

— Porque eu posso. — Ela deu uma gargalhada travessa antes de abaixar a blusa. — Olha só essa carinha toda vermelha. — Ela esticou o braço e apertou minha bochecha. — Você é *tão* fofo!

Passei o braço na sua cintura e a puxei para mim.

— E *você* é uma encrenqueira — grunhi, abaixando a cabeça para beijá-la, sem conseguir resistir à tentação dos seus lábios carnudos.

Quanto mais eu a beijava, mais ela enfiava as unhas no meu corpo, e eu estava ficando louco. Os hormônios estavam me dominando feito uma praga, e eu estava doidinho por aquela garota. Como ela era completamente inconsequente, eu tinha que ser a pessoa sensata do relacionamento. Eu tinha que ser o nosso guardião, mesmo quando isso ia contra todos os meus impulsos mais primitivos.

— Ah, meu Deus — Liz falou nos meus lábios. — Você beija *tão* bem!

Eu não podia responder. Estava ocupado demais reivindicando seus lábios mais uma vez, beijando-a com tudo o que eu tinha dentro de mim.

Segurei seus cabelos com uma das mãos e agarrei seu quadril

com a outra, me deleitando com a sensação do seu corpo contra o meu. Tudo o que eu queria era deitá-la na cama e mostrar quanto eu a amava. Quanto eu a desejava. Repetidamente. Até enfim acalmar o fogo dentro de mim. Até eu satisfazer aquela vontade avassaladora de ficar pelado com ela.

Então senti suas mãos escorregando para baixo da minha camiseta e os seus dedos se enfiando no cós do meu short e soube que era hora de parar.

Com muito esforço, encerrei o beijo e dei um passo para trás.

— Não me olha assim — avisei ao vê-la fazendo cara feia enquanto eu respirava com dificuldade. — Você conhece a regra.

— Só beijos, sem toques. — Ela revirou os olhos. — É uma regra bem idiota.

— É uma regra de *segurança* — corrigi, passando o dedo na sua boca. — Você me mordeu.

— E daí? — Ela pôs as mãos na cintura e deu um sorrisinho. — Você gostou?

Gostei pra caralho.

— Vem, minha mordedora. — Contive um gemido faminto, balancei a cabeça e fui para a porta. — Vamos sair logo desse quarto antes que a gente comece a quebrar as regras.

— Está tudo bem, né? — Liz perguntou, me alcançando no corredor. — Tipo, a sua mãe não liga de eu ir, né?

— Liz, a minha mãe te adora — falei, pegando sua mão. — Ela ficou feliz quando eu disse que você ia.

— E, hum... — Ela engoliu em seco antes de soltar um suspiro trêmulo. — Ele não vai chegar perto de mim, né?

— Não. — Apertei sua mão trêmula. — O Gibs vai estar lá, mas com a Claire. — Ergui seu queixo e dei um beijo suave nos seus lábios. — E você vai estar comigo.

— Estou com medo — ela confessou, e vi o pavor nos seus olhos selvagens. — E se eu estragar tudo?

Fazia mais de dois anos e meio que ela não pisava na minha casa, e queria muito dizer que ela não precisava fazer aquilo. Mas, se eu falasse, se eu desse uma saída, Liz nunca mais se arriscaria.

— Vou estar do seu lado o tempo todo — falei, desesperado para tranquilizá-la enquanto meu coração se partia ao meio. — Não vou deixar nada de ruim acontecer com você.

— Promete?

— Prometo.

— Ok.

— Ok?

Ela fez que sim.

— Ok.

Soltei um suspiro de alívio.

— Sei que é aniversário da Claire, mas estou fazendo isso por você, não por ela — Liz disse, ficando na ponta dos pés para me beijar com força.

Seu corpo todo se contorcia.

Eu sabia disso, e aquilo significava muito para mim.

Várias horas depois, estávamos todos no jardim dos fundos da minha casa, com cerca de uma dúzia de colegas da escola e o jogo da garrafa rolando.

Liz estava esparramada na grama ao meu lado, de óculos de sol e os pés cruzados. Ela pôs a cabeça na minha perna, e seus cabelos loiros se espalhavam pelo meu colo e faziam cócegas na minha pele. Estava usando uma blusinha branca, calça cáqui e coturnos, e eu estava me esforçando para não ficar secando seus mamilos.

Pelo visto, não era o único, e fiquei tão puto que não

conseguia ouvir uma palavra da conversa ao meu redor.

Por que Feely estava olhando para Liz daquele jeito?

Qual era a porra do problema do Robbie Mac?

Danny Call achou mesmo que estava sendo discreto?

E Pierce O'Neill? Ia acabar levando outro tapa na boca se não parasse de olhar para ela tão descaradamente.

Havia várias outras garotas ali para eles secarem. Tinha a Christine Grundy, do nosso ano, e a Bernadette Brady. As irmãs gêmeas do Pierce, a Marybeth e a Cadence. Por que é que não olhavam para elas?

Meu único consolo era que Gibs *não* estava secando os peitos da minha namorada, mas aquilo era meio que uma faca de dois gumes, porque eu sabia que, se reparasse no seu olhar, veria que ele estava mirando as tetas da *minha irmã*.

Com o canto do olho, o vi escapulindo com ela para a casa da árvore e estreitei os olhos, instantaneamente desconfiado.

Meu Deus do céu.

Eu não tinha um minuto de paz.

O fato da Liz não ter perdido a cabeça quando Gibsie chegou e ainda estar ali com a gente sem brigar com ninguém era motivo suficiente para que eu engolisse meus sentimentos. Porque eu *queria* que ela passasse um tempo com os amigos. Eu queria que ela se lembrasse que não estava sozinha. Que ainda tinha a gente. Até o Gibs.

— Ah, que azar, Biggs — Pierce falou, dando uma risadinha quando a garrafa que ele estava girando caiu na Liz. Fiquei petrificado. — Não se preocupa, cara, é só um beijo de língua.

— Não estou jogando — Lizzie disse despreocupadamente, meio dramática. — Gira de novo.

— Nada a ver — Pierce insistiu com o rosto vermelho. — Você conhece as regras. Se estiver na rodinha e a garrafa cair em você, você tem que beijar.

— Você ouviu ela — eu o interrompi, irritado. — *Gira de novo*.

— Está bem, não precisa ser de língua — ele cedeu, bufando. — Pode ser só um selinho.

— Que parte de "Não estou jogando" você não entendeu? — Liz perguntou friamente, se apoiando nos cotovelos para olhar feio para ele. — Você é tão burro que vou ter que repetir? Quer que eu desenhe?

Sua resposta fez vários caras rolarem na grama de rir.

— Ah, ela acabou com você, hein, cara?

— Toma essa, Piercy!

— Que seja, pelo menos não sou uma putinha fria e covarde — Pierce resmungou, ardendo de vergonha, fuzilando minha namorada com os olhos. — Aposto que você beija bem mal, Víbora.

— É melhor calar a porra dessa boca, babaca — falei, me levantando. Mas a Liz foi mais rápida e se sentou no meu colo.

— Que pena que você nunca vai descobrir, babaca. — Ela subiu em mim, com um joelho de cada lado do meu quadril, segurou meu rosto e ergueu meu queixo. Depois, me seduziu com seus olhos azuis, abaixou o rosto e ronronou: — Porque só beijo *este* garoto.

Eu não estava esperando sentir seus lábios. E menos ainda sua língua. Ou seu peito pressionando o meu. *Puta merda*, ela estava indo com tudo.

Eu sabia que todo mundo estava olhando, dava para ouvir a gritaria, os uivos e os assobios, mas não liguei. Qualquer lógica e qualquer sensatez foram pelos ares. Segurei sua cintura, puxando-a com força para o meu colo, em parte para esconder minha ereção furiosa dos caras, mas principalmente porque queria *senti-la*.

Minha namorada não ofereceu resistência, montando em

mim sem interromper o beijo, devorando minha língua.

Suas mãos estavam no meu cabelo. Sua língua, na minha boca. Sua bunda, no meu colo. Seus quadris rebolavam contra os meus. Eu estava completamente maluco. Não tinha a mínima ideia de como parar. Só sabia que *não* queria parar.

— Beleza, beleza, entendemos o recado.

— Credo, gente.

Então a Claire vociferou da casa da árvore:

— Eca! Lizzie Young, sai de cima do meu irmão agora mesmo!

E só isso foi capaz de nos separar.

Liz arrancou a boca da minha, ofegante, e ficou me encarando com uma expressão faminta antes de soltar um gemido frustrado.

— Pô, Claire! — falei, tão frustrado e faminto quanto ela. — Qual é o seu problema?

— Sou eu — Liz sussurrou, soltando um suspiro resignado. — Sou eu o problema dela.

— Fica aí — meio que implorei baixinho quando ela fez que ia se levantar.

Eu não queria mostrar para os nossos amigos o quanto estava frustrado.

Suas bochechas coraram, e ela me deu uma piscadinha discreta. Depois, se virou para se sentar de lado no meu colo e ficou vendo a Claire descer da casa da árvore e se aproximar batendo os pés.

Sua expressão fez todos os nossos amigos saírem da linha de fogo. Porque uma Claire Biggs evidentemente furiosa era algo raro de se ver. Até Feely saiu fora. Mas estreitei os olhos para ela, querendo enfrentá-la.

Aquela demoniazinha cacheada.

— Qual é o problema *comigo*? — Ela parou bem na nossa

frente com as mãos na cintura, olhando feio para mim. — Qual é o seu problema, Hugh? — Sua atenção se desviou para a garota no meu colo. — E você? — Fez uma careta de desgosto. — Se você não percebeu, está sentada no meu irmão. — Suas bochechas ficaram vermelhas. — E vi você enfiando a língua na boca dele! — outro grito furioso escapou da demônia, e ela bateu o pé. — Achei que você fosse minha melhor amiga.

— Eu sou, Claire — Lizzie disse, bufando derrotada, porque aquilo não era nenhuma novidade. Minha irmã e minha namorada tinham a mesma discussão desde que a gente começou a sair. — E você sabe.

— Então aja como uma melhor amiga, Liz! — A mágoa nos olhos castanhos da Claire ficou tão evidente quanto na sua voz: — É o *meu* aniversário, não do meu irmão. Você devia estar comigo.

— Ah, vê se cresce, Claire — falei, de saco cheio daquela baboseira.

Eu não dava um chilique toda vez que Gibsie chegava e eles desapareciam durante horas. A hipocrisia era real, e abri a boca para lhe dizer justamente isso, mas Liz colocou a mão no meu braço para me impedir.

— Me desculpa — Liz disse, cedendo. Fiquei instantaneamente puto. — No futuro, prometo não beijar o seu irmão quando a gente estiver juntas. — O fato da Liz ficar dando corda pros chiliques da minha irmã só me provava o quanto ela valorizava aquela amizade.

— Prefiro que você não beije meu irmão — Claire disse, resmungando. — É nojento.

— Você é nojenta — falei, sem conseguir me controlar.

— *Hugh*.

— O que foi? — perguntei, sem me dar ao trabalho de me

proteger da cotovelada que levei, cortesia da minha cúmplice. — A Claire está sendo bem infantil. Ela precisa crescer.

— Ursinha... — Gibs se aproximou. — Está tudo bem. Deixa os pombinhos. — Ele passou o braço nos ombros da minha irmã e sorriu. — Não precisa ficar ranzinza. Somos todos amigos.

A mera presença do Gibs no seu espaço pessoal foi o suficiente para fazer minha namorada explodir.

Ela saiu do meu colo como se tivesse se queimado e levantou de uma vez, com olhos selvagens e ferozes.

— Merda. — Soltei um suspiro sofrido e coloquei as mãos na nuca, resignado e derrotado, antes de ficar de pé.

Sem a menor graça e paciência que ela demonstrou com a minha irmã, Liz apontou o dedo trêmulo para Gibsie.

— Não somos nem *nunca* vamos ser amigos. Está me ouvindo? *Nunca* vou ser sua amiga. — Ela olhou feio para Gibs, vibrando, e balançou a cabeça. — E *nunca* vou perdoar você ou a sua família.

Gibsie não falou nada. Em vez disso, deu meia-volta e foi embora.

— Lizzie... — Claire colocou a mão no ombro da amiga e deu um suspiro triste. — Não é culpa do Gerard.

— *Não*! — Minha namorada afastou a mão dela grosseiramente e se virou para encarar minha irmã. — Não defende o que você não sabe. — Lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Você *não* sabe o que eu sei. — Ela respirou fundo sem parar de tremer. — Você *não* viu o que eu vi.

Claire me lançou um olhar suplicante, e balancei a cabeça discretamente. Não adiantava discutir. Não sobre aquele assunto. A gente já tinha tentado antes, e as coisas não tinham ido bem.

Com uma expressão dividida, a Claire recuou devagar antes

de se virar e sair em busca do Gibsie.

— Respira — falei, me posicionando na frente da Liz para protegê-la dos olhares alheios. — Está tudo bem. — Coloquei as mãos nos seus ombros trêmulos e a forcei a olhar para mim. — Só *respira*.

— Preciso ir. — Ela engoliu um soluço histérico, ergueu a mão e enxugou as lágrimas com o corpo chacoalhando. — Preciso ir *agora*. — Seus olhos desesperados me garantiram que ela estava prestes a surtar na frente de todo mundo.

— Vem. — Passei o braço em torno dela, a puxei para mim e nos conduzi para dentro. A Claire podia lidar com os outros. — Estou com você.

— Eu s-sei que f-foi ele! — ela choramingou, mal conseguindo respirar em meio ao pranto. — Eu s-sei que ele e-estuprou a minha i-irmã!

— Tudo bem — eu disse, atravessando a cozinha e seguindo para o corredor. — Estou com você.

Foi um erro levá-la ali.

Foi cruel.

— Eu l-lembro dos s-sons, H-Hugh. E do c-cheiro d-dele. Eu e-estava a-ali! — Seus dedos agarraram a minha camiseta. — Eu s-sei a v-verdade e n-ninguém a-acredita em mim!

— Eu acredito, Liz. — Guiei minha namorada escada acima, segurando sua cintura com firmeza, sabendo muito bem que aquilo podia acabar mal. — Acredito em você.

— J-juro que estou f-falando a v-verdade — ela disse, grudada em mim enquanto eu a levava para o meu quarto. — S-só n-não consigo p-provar.

— Cadê a sua mochila, Liz? — Eu a coloquei na cama, me agachei na sua frente e delicadamente tirei sua mão da minha camiseta. — Hein? — Ajeitei seu cabelo atrás da orelha antes de limpar uma lágrima do seu rosto. — Cadê a sua mochila,

baby?

— A-ali — ela falou, apontando para a porta com o peito subindo e descendo rápido. — M-mas eu n-não sou l-louca, H-Hugh.

— Eu sei que não. — Fiquei de pé para pegar a mochila dela. — Você sabe que não acho isso, Liz. — Abri a mochila e a vasculhei até encontrar um frasco familiar com o rótulo clonazepam. — Nunca pensaria isso de você. — Abri o frasco e coloquei uma pílula na sua mão. Ela só carregava um comprimido por vez porque sua mãe era uma mulher esperta. — Abre a boca, baby.

— Não, n-não, n-não! — Ao ver o remédio, a Lizzie fechou a cara e abaixou a cabeça, cobrindo-a com as mãos, chorando ainda mais histericamente do que antes. — Estou de s-saco c-cheio desses c-comprimidos!

— Eu também — falei, e não era mentira.

Eu não queria entupi-la de remédios. Detestava aquilo. Mas me lembrava do que tinha acontecido no verão e sabia que a situação precisava ser controlada logo. Depois da última vez, sua mãe me deu instruções bastante explícitas do que fazer. Eu *tinha* que acalmá-la.

— Por favor, Liz — implorei, odiando as palavras que saíam da minha boca. — Por favor, faz isso por mim.

Fungando, ela pegou o comprimido com a mão trêmula e o enfiou na boca.

Qualquer alívio por ela ter feito o que pedi foi eclipsado pela desolação que senti quando ela me olhou como se eu a tivesse traído.

— Te amo. — Me agachei na frente dela de novo, segurei seu rosto coberto de lágrimas e tentei me explicar. — Está me ouvindo? Eu te amo tanto que me *mata* te ver sofrendo desse jeito. — Engoli um nó na garganta e continuei olhando para

ela. — Não estou querendo te machucar, Liz. — *Eu preferiria morrer*. — Só quero te ajudar.

Ela fechou os olhos com força para me bloquear.

Ainda assim, insisti.

— Sei que você odeia os remédios. — Uma lágrima pingou dos seus cílios no meu dedo. — E sei que você odeia os médicos. — Outra lágrima caiu. — Mas também sei que você *não* é louca.

Liz suspirou alto, se entregando ao meu toque enquanto um soluço desesperado irrompia da sua alma.

— Você vai superar isso. — Enxuguei as lágrimas do meu rosto com o ombro e falei com a voz embargada: — E vou estar bem aqui com você durante todo o processo.

Fungando, ela cobriu minha mão.

— Não vou embora — prometi. — Vou ficar bem aqui com você.

Ela soltou um suspiro trêmulo, se inclinou para frente e apoiou a testa na minha.

— N-não importa o q-que aconteça?

— Não, Liz. — Fechei os olhos e também suspirei. — Não importa o que aconteça.

7 de agosto de 2002

Essa é a minha garota

LIZZIE

— Sei que você está sofrendo, querida — Sinead disse enquanto me levava para casa depois da festa. — Se houver alguma coisa que eu possa fazer pra tirar esse peso dos seus ombros, eu farei sem pensar duas vezes.

Eu não tinha forças para responder.

Então me recostei na janela e só fiquei olhando.

Para o que, eu não fazia ideia.

Minha mente estava girando. O remédio estava começando a fazer efeito; meu corpo estava quente, e minha cabeça, leve.

— Quero que saiba que *sempre* vai ser bem-vinda na nossa casa — ela continuou, esticando o braço sobre o console e pegando minha mão. — Eu te amo como se você fosse minha filha e sempre vou te amar. — Ela apertou minha mão. — Você tem um lugar no meu coração, e isso nunca vai mudar.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto.

Fungando, apertei sua mão de volta.

— Essa é a minha garota.

7 de agosto de 2002

Namorados protetores

HUGH

Uma hora depois, coloquei minha namorada no banco de trás do carro da minha mãe e fiquei observando enquanto se afastavam. Depois, disparei para dentro de casa feito um maluco.

— Você não podia deixar pra lá, né? — murmurei quando encontrei Gibsie e Claire se escondendo no quarto dela. — Tinha que fazer drama.

— Não queria deixar ela chateada — Gibs explicou rápido, erguendo as mãos. — Eu juro, cara.

— Não você — falei, voltando a atenção para a minha irmã. — Você. — Estreitando os olhos de desgosto, continuei: — Você não faz ideia do esforço que a Liz fez pra vir hoje. Do quanto significava pra mim estar com ela aqui, e você estragou tudo.

— Para com isso, Hugh — Gibs defendeu Claire sem hesitar, passando o braço protetoramente em torno da minha irmã. — Ela já pediu desculpas. Nós dois pedimos.

— Ah, é? — disparei, com o peito pesado. — Bem, pois às vezes só pedir desculpas não é o suficiente!

— Me desculpa, Hugh! — Claire berrou, cobrindo o rosto com as mãos. — Você estava beijando a minha melhor amiga, e eu perdi a cabeça por um momento.

— Bem, pois pode ir se acostumando. Porque a sua *amiga* é *minha* namorada, e ela pode me beijar quando quiser sem precisar pedir autorização pra minha irmã.

— Eu sei, eu sei, me desculpa — ela repetiu, genuinamente arrependida. — Percebi que estava errada assim que as palavras saíram da minha boca. Só... só... não pensei direito.

— Então *começa* a pensar! — vociferei, mais que furioso. — Nunca mais a coloque nessa situação. Ela não aguenta, Claire. Aquela garota que você chama de amiga está por um fio!

— O que está acontecendo com ela, Hugh? — Gibsie perguntou, me olhando de um jeito estranho.

— Nada! — gritei, passando a mão pelo cabelo. — Ela está de luto pela irmã, só isso.

— Sim, mas eu conheço o luto, Hugh — Gibsie falou devagar, franzindo a testa. — Aquilo é outra coisa.

Fiquei encarando-o por um longo tempo antes de soltar um suspiro cansado.

— Só deixa ela em paz, ok?

Esquece essa história.

— Ok — ele respondeu, assentindo lentamente. — Vou deixar.

31 de agosto de 2002

Tudo ótimo

LIZZIE

Furiosa, me sentei no consultório médico na quinta-feira à tarde de braços cruzados e o coração fechado.

— Está a fim de falar hoje? — a mulher atrás da mesa perguntou em um tom agradável.

— Depende do assunto — respondi, sem emoção.

Aquela médica era nova, uma jovem que eu nunca tinha visto. Nem me dei ao trabalho de aprender seu nome porque, depois de meia dúzia de sessões, a gente nunca mais se encontraria. As coisas eram assim. Sempre foram. Não havia regularidade naquelas consultas. Nem familiaridade. Eu poderia contar uma história nova toda vez e nunca saberiam.

A impressionante pilha de anotações na mesa os fazia acreditar que essa estranha sabia tudo sobre mim.

Mas ela não sabia nem jamais saberia.

As brilhantes credenciais que acompanhavam o seu nome garantiam aos meus pais que ela era a mais nova de uma longa linhagem de salvadores que poderiam consertar a filha quebrada.

Só que ela não podia me consertar.

A Chapeuzinho Vermelho foi todinha devorada pelo Lobo Mau.

A médica resolveu começar com:

— Estou vendo que você fez aniversário esse verão. — Ela folheou as anotações. — Fez catorze anos. — Seus olhos retornaram para o meu rosto. — Fez alguma coisa especial pra comemorar?

Tudo bem, aquela era uma abordagem um pouco diferente do clássico "Como está se sentindo?", mas não era nada com que eu não pudesse lidar.

— Sim, fiz. E não, não fiz.

— Sério? — Ela arqueou a sobrancelha, sem acreditar. — Nada?

Até parece que vou te contar alguma coisa. Dei de ombros.

A médica sorriu.

— Você não vai facilitar, né?

Nem a pau.

Como não mordi a isca, ela se voltou para as anotações enquanto eu esperava impacientemente o tempo passar. Faltavam trinta e sete minutos para eu poder dar o fora dali.

— Aqui está falando que a sua mãe passou toda a sua infância lutando contra o câncer. — Seus olhos se iluminaram conforme ela lia. — E se recuperou milagrosamente e está saudável.

— Sim — falei. *Até a próxima vez.*

— Você não parece muito feliz.

— Estou extasiada — eu disse, fuzilando-a com os olhos. — Não dá pra ver?

Seus olhos cintilaram de preocupação.

— Como vão as coisas em casa?

— Ótimas.

— E o relacionamento com os seus pais? Como vai?

— Perfeito.

— E o seu humor? Como está se sentindo, Lizzie?

Aí estava.

— Esplêndida.

A mulher soltou um suspiro frustrado.

— Você sabe que não vou conseguir te ajudar se você não falar comigo.

— Esse não é o objetivo do seu trabalho? — Ergui a sobrancelha. — Dar um jeito de me *fazer* falar?

— Sim — ela respondeu, impassível. — Mas você poderia facilitar bastante meu trabalho se abrindo comigo.

— Você está sendo paga pra estar aqui. — Dei de ombros. — Eu não.

— Você preferiria estar em outro lugar?

Sim.

— Já saquei o que você está fazendo.

— Na casa de um amigo, talvez? Ou do namorado?

— Você tem as suas anotações. Pode falar.

— Você sempre foi assim desconfiada?

Não.

Em algum momento no passado, quando eu era pequena, achava que poderia ser feliz. Naquela época, a felicidade me parecia tangível. Mas a escuridão sempre acabava levando a inocência com a correnteza.

Foi isso o que aconteceu com a minha inocência.

Foi o que aconteceu comigo.

Tudo escureceu quando o monstro subiu na minha cama. Então houve apenas vislumbres de esperança, raios de sol fugazes provocando minha alma. Até que ela morreu e levou para o túmulo meu último resquício de confiança.

Fazia dois anos, quatro meses e seis dias que tiraram o cadáver da minha irmã da água, e fazia dois anos, dois meses e oito dias que *ele* foi embora da cidade. Oitocentos e cinquenta e

três dias das pessoas *não* acreditando em mim, e essa médica estava questionando minha capacidade de *confiar* nos outros?

Que piada!

— Como eu disse, você tem as suas anotações.

— Como foi a sessão? — minha mãe perguntou no caminho de volta para casa. — Gostou da nova médica?

— Foi tudo bem — respondi, olhando a esmo para a janela do carro. — Ela era legal.

— E ela está contente com o seu progresso? — ela falou, enfrentando o trânsito da hora do almoço. — Não fez nenhum ajuste na sua medicação?

— Não. — Contive a vontade de gritar. — Está tudo ótimo.

— Ah, querida! — Ela esticou o braço sobre o console e apertou meu joelho. — Que bom ouvir isso!

— Sim, mãe — sussurrei. *Que bom!*

— Ela te deu alguma sugestão de como lidar com o secundário na semana que vem? Te passou alguma técnica de enfrentamento caso você se sinta sobrecarregada?

— Não vou me sentir sobrecarregada, mãe — falei, suspirando. — Não estou nervosa.

— Eu sei, meu amor — minha mãe disse com uma voz gentil. — Mas vai ser uma grande mudança pra você, e você sabe que *mudanças* podem te perturbar.

Sim, eu sabia, mas não podia fazer muita coisa a respeito disso. Não podia arrancar a parte bipolar do meu cérebro que nem os médicos faziam com o câncer dela. Aquilo era *parte* de mim.

— Vou ficar bem.

— Estou tão orgulhosa de você, Lizzie. Espero que saiba disso.

Eu sabia, e não merecia. Seu orgulho era equivocado, porque,

se ela me conhecesse de verdade, não sentiria isso. Se soubesse o que eu pensava ou as coisas que eu desejava, ficaria enojada.

— Também estou orgulhosa de você, mãe.

— E aí, o que mais vocês falaram na sessão?

— O de sempre — eu disse, soltando outro suspiro derrotado. — Ela quis saber como estou dormindo, o que estou sentindo, se acho que os novos remédios estão funcionando... Ah, e me perguntou sobre os pesadelos.

Minha mãe se encolheu.

— Você ainda tem pesadelos?

Toda noite.

— Não estão tão ruins quanto antes.

— Que alívio, meu amor!

— Mas ando tendo o mesmo pesadelo... — decidi contar. — Hum... sobre ela.

Sua expressão murchou.

— Ah?

— Pois é. — Engoli em seco e perguntei: — A gente morou em outro lugar antes daqui?

— Você sabe que sim, querida. A gente morava em Tipperary.

— Não, não Tipperary... — murmurei, confusa. — Algum lugar mais longe. Onde seria preciso pegar um avião.

Ela franziu a testa.

— Do que você está falando?

— No sonho, estou em um avião. — Soltei um suspiro frustrado. — Todos nós estamos. A família toda. A gente está indo pra algum lugar e a Caoimhe está bem feliz, e acho que eu também. — Franzi a sobrancelha e acrescentei: — Mas, assim que o avião pousa, eu acordo.

— Talvez você esteja se lembrando de alguma viagem de férias.

— Não. — Balancei a cabeça, ainda de testa franzida. — Acho

que não.

— Bem, pode parar de se preocupar, querida. — Ela abriu um sorriso animado. — Porque é só um sonho.

— Sim... — murmurei, cravando discretamente as unhas na minha pele para acalmar a ansiedade crescendo.

Então meu celular vibrou, e logo o peguei do bolso para ler a mensagem nova. No instante em que vi o nome dele na tela, a empolgação ganhou vida dentro de mim. *Eu ganhei vida*.

Mais quatro dias. bjs

Um calor repentino dominou o meu corpo, porque eu sabia exatamente o que essa mensagem enigmática significava. Com o coração batendo descompassado no peito, me atrapalhei com o teclado do celular, desesperada para responder.

Volte mais cedo do acampamento de natação. 😂 Podemos começar antes. bjs

Prendi o fôlego e fiquei encarando a tela, esperando a resposta, e tremi de alegria quando meu celular vibrou alguns instantes depois.

Estou preso em Kerry até domingo ☹

Contive um grunhido, escrevi outra mensagem e a enviei.

Isso significa que a gente só vai se ver na escola na segunda ☹

Ele respondeu na mesma hora.

Não se preocupa. Vou te recompensar ;)

Dei um sorrisinho e escrevi:

Como? 😂

Meu celular apitou dez segundos depois.

Com muitas mãos bobas ;)

Meu coração disparou. Abri um sorriso malicioso e escrevi:

FINALMENTE. 😂😂😂

— Bem, só tem uma pessoa capaz de botar um sorriso tão grande nessa sua carinha — minha mãe comentou, dando risada. — Então nem vou te perguntar quem é.

— Hã? — Com o rosto vermelho, guardei o celular e suspirei fundo. — Ah, é o Hugh.

— Sim, meu amor. Logo adivinhei.

— Ele só volta do acampamento domingo — falei, com o coração ainda acelerado. — Então a gente só vai se ver na escola.

— Ah, não! — ela exclamou de um jeito forçado. — Como é que vocês dois vão sobreviver até lá?

— Faz uma semana que a gente não se vê — falei, bufando. — Sete dias, mãe.

— Então tenho certeza que você vai sobreviver mais quatro dias sem o seu amorzinho — ela disse, rindo de um jeito nada empático. — Preciso te falar que até eu estou com saudade dele na nossa casa. Mas nem tanto quanto o seu pai.

Pois é, eu tinha quase certeza que meu pai amava mais meu namorado do que a mim.

As coisas estavam tensas em casa, e o relacionamento deles estava por um fio desde o enterro, mas o humor do meu pai parecia melhorar sempre que Hugh aparecia.

Minha mãe dizia que era porque ele gostava de ter a companhia de outro homem, mas eu sabia que não era só isso.

Meu pai amava Hugh porque ele segurava a barra. Quando ele estava fora, o que acontecia com frequência, sabia que podia contar com o meu namorado para assumir seu papel de homem da casa.

Quanto mais meus pais brigavam, mais ele saía, e quanto mais ele saía, mais meu namorado se destacava.

Não era certo como meus pais passaram os últimos dois anos e meio contando com Hugh, mas ele nunca reclamou. Pior ainda era a minha incapacidade de funcionar sem ele, mas, novamente, meu namorado nunca vacilou nem fugiu, e eu tinha certeza absoluta que as partes do meu corpo, do meu coração e da minha mente que ainda tinham salvação pertenceriam a ele para sempre.

Apesar dos surtos e das crises, Hugh continuou no meu mundo feito um cavaleiro valente, me protegendo dos estilhaços emocionais que queriam me destruir.

Eu não chegava nem perto de ser boa o suficiente para ele, tampouco merecia a paciência que ele tinha comigo, mas eu me esforçava.

Minha mente voltou para o caos que foi o verão de 2001, e estremeci ao lembrar como estive perto de perder Hugh.

O aniversário de um ano da morte da minha irmã trouxe consigo meu primeiro episódio de mania verdadeiramente grave, do qual eu pouco me lembrava. Mas não esqueci da vergonha que me tomou quando acordei em uma cama de hospital, mergulhada em uma depressão profunda. Não me lembrava de ter parado de tomar os remédios, mas foi o que os médicos disseram que aconteceu. Não me lembrava de ter destruído meu quarto, arrancado as fotos da Caoimhe das paredes nem de ter corrido pelada pelo campo nos fundos da nossa casa. Mas foi o que falaram que aconteceu. A pior coisa, de longe, foi ouvir que eu tinha amarrado a rédea de um cavalo no pescoço e me jogado do sótão do celeiro e que Hugh tinha quebrado o cotovelo ao cair, tentando cortar a corda.

No fim das contas, ele *conseguiu* cortar a corda e salvar a minha vida e nunca usou esse episódio contra mim. Mas *eu* sim, e *jamais* poderia me perdoar por colocá-lo em risco daquele jeito.

A queda foi tão grave que passei várias semanas das férias de verão na cama, mal comendo, raramente tomando banho e, em geral, apodrecendo debaixo das cobertas.

Depois disso, voltei à vida, mas estava atormentada pelos erros que cometi quando estava em mania. Pior de tudo, só podia culpar a mim mesma pelas minhas ações, e meu pai estava mais do que disposto a me dizer exatamente isso.

Eu não gostava muito de pensar sobre aquele período sombrio da minha vida porque tinha medo de me amaldiçoar.

O aniversário da Claire, algumas semanas atrás, foi mais um lembrete claro de quão rápido meu mundo poderia desabar.

— Escuta, sei que os últimos anos foram difíceis, mas e se a gente estabelecer que o Colégio Tommen é o nosso novo começo? — minha mãe lançou um olhar esperançoso na minha direção, e tive que me obrigar a não me encolher diante do seu rosto envelhecido. — Hein? O que acha, filhota?

— Parece que temos um plano — respondi, tentando ser a filha que ela precisava que eu fosse.

2 de setembro de 2002

Garotas de Tommen

LIZZIE

— Parece um castelo — Claire declarou, abraçando os livros e girando no pátio, impressionada com o prédio medieval que seria nosso lar acadêmico pelos próximos seis anos. — Não é lindo, Liz?

— É — falei, apertando as alças da mochila enquanto olhava para as paredes de tijolos antigos cobertas de hera, que lembravam as de uma igreja. — É uma coisa e tanto.

— A sra. Lowney disse que o Colégio Tommen foi construído em 1667 — ela disse efusivamente, repetindo os dados que nossa professora do primário havia divulgado sobre o prestigioso internato. — É bem difícil ser admitido aqui, pra não falar da mensalidade cara, e a escola oferece só seis bolsas por ano.

— Sim, Claire, eu sei — falei, suspirando. — Eu estava na sala no dia em que a sra. Lowney fez a apresentação.

— Me desculpa — ela disse com um sorrisinho tímido. — Esqueci.

Nos últimos dois anos, eu tinha faltado muitas aulas, então não podia culpá-la por ter esquecido.

— Tudo bem. — Abri um sorriso encorajador. — Continua.

— Sério? — Ela me fitou com seus grandes olhos inocentes cheios de esperança. — Posso te dar o resumo completo? Eu decorei.

Claro que ela decorou. Sorri.

— Manda ver.

Quase explodindo de empolgação, minha amiga limpou a garganta antes de assumir o papel de guia turística experiente.

— O Colégio Tommen é um prestigiado internato particular de ensino secundário localizado na idílica zona rural do Condado de Cork, a vinte e quatro quilômetros da movimentada cidade de Ballylaggin. Com mais de cento e vinte hectares de bosques e áreas verdes, o Colégio Tommen oferece vagas para estudantes diurnos e internos, com alojamentos separados para estudantes dos sexos masculino e feminino, com capacidade para duzentos e cinquenta alunos.

— Uau! — falei, dando risada, genuinamente impressionada com sua capacidade de memorizar as informações do panfleto. — Isso foi muito profissional.

— Ahhh, tenho mais — Claire disse, saltitando com alegria. — No Tommen, oferecemos instalações de última geração para as aulas dos nossos alunos, bem como um departamento esportivo de excelência reconhecido em todo o país.

— Parece a escola dos sonhos dos atletas.

— Com certeza — ela comentou, pegando o panfleto que recebemos e lendo o texto em voz alta. — As instalações do Colégio Tommen incluem uma sala de música, seis espaçosas áreas comuns, uma academia de musculação, um ginásio esportivo, um campo de grama sintética com iluminação artificial, uma piscina coberta e aquecida de vinte e cinco metros, campos de golfe de nove buracos, uma pista de corrida, três prédios de ciências, uma horta, duas bibliotecas,

uma sala de cerâmica, salas de aula de economia doméstica de última geração, três campos de rúgbi, uma sala de recuperação esportiva...

— Ok, ok, já entendi — eu a interrompi antes que ela se transformasse no Tigrão do *Ursinho Pooh* e começasse a pular sem parar. Entrelacei o braço no dela e a conduzi para as portas duplas gigantescas do prédio principal. — Vamos entrar e achar nossos armários.

— Você acha que a Shannon vai ficar bem na ECB, Liz?

Não.

— Claro que sim, Claire.

— Sério?

— Com certeza — falei, apesar do meu coração disparar só de pensar na Shannon sozinha em uma escola nova. — Ela tem o irmão dela.

— Sim, e ele não vai deixar aquelas meninas malvadas mexerem com ela.

— Exatamente.

— Estou tão feliz por você estar aqui comigo, Liz... — Claire murmurou quando entramos. Ela ficou visivelmente aturdida pelo enorme saguão de entrada e pelas centenas de estudantes perambulando por ali. — Acho que eu estaria bem assustada sem você.

— Você vai arrasar, Claire Biggs — prometi, puxando-a para perto. — Em um mês, vai ser o raio de sol da escola.

— Você acha mesmo?

— Tenho certeza.

— Mas e você?

— Eu?

— É. O que você vai ser?

— Não dá pra ter sol sem chuva — falei, dando de ombros. — Vou ser a nuvem carregada da escola.

Ela deu risada e fiquei contente, porque era importante para mim que essa garota jamais perdesse o brilho. *Como eu perdi*. A Claire tinha uma inocência única. Via o mundo com olhos puros. Seu coração era imaculado, e sua mente, íntegra. Eu não sabia se era por conta da educação que sua mãe lhe deu ou da bolha invisível de proteção que seu irmão projetava ao seu redor, mas ela era uma garota especial. E, apesar das nossas diferenças, eu não poderia amá-la mais.

— Ah, meu Deus! Oba! — ela gritou, soltando o meu braço. — Gerard!

Meu corpo virou pedra enquanto eu a observava disparar para uma multidão de garotos mais velhos com equipamentos de rúgbi. Bem, mais velhos que a Claire, pelo menos. Eu tinha mais ou menos a mesma idade de todos aqueles babacas.

Quando ela jogou os braços em torno dele, sinceramente pensei que ia vomitar.

— Ursinha! — Gibs exclamou, tão animado quanto ela, antes de erguê-la no ar. — Gente, essa é a minha noiva, então tirem os olhos e as mãos dela, entenderam?

Enojada e incapaz de disfarçar a careta, segui na direção oposta, precisando colocar o máximo de distância possível entre mim e a garganta dele.

Tremendo, tentei contornar um grupo de garotas mais velhas que estavam bloqueando o corredor inteiro enquanto tagarelavam.

Me esforcei para me acalmar e fiquei parada na frente delas feito uma idiota, esperando que se movessem. Até que desisti de ser educada e saí empurrando quem estivesse no caminho.

Era como aquela frase famosa do Winston Churchill: *Se você está atravessando o inferno... não pare*.

— Ei! Você não pode sair empurrando a gente assim — uma delas reclamou, segurando meu braço quando tentei passar. —

Quem diabos você pensa que é, sua caloura atrevida?

— Seu pior pesadelo, se você não me soltar — falei, me virando para olhar para aquela garota de cabelo escuro. — Sério — avisei quando ela não me soltou. — Você tem cinco segundos pra tirar as mãos de mim, senão vou cortar os seus dedos fora.

— Que vagabunda... — uma delas murmurou, dando um passo para trás, enquanto a garota que me segurava pensava se eu estava falando sério ou não.

— Ah, você não faz ideia do quanto estou falando sério — eu disse, chegando mais perto.

— Solta ela, Bella. Não vale a pena.

— É, Bella, deixa quieto.

— Cinco, quatro, três, dois, um...

— Na próxima vez, pede educadamente quando quiser que alguém saia do seu caminho — a menina chamada Bella esbravejou, tendo o bom senso de tirar a mão de mim antes que eu terminasse a contagem. — Estou no quarto ano, sabe, o que me faz sua veterana por aqui.

— Na próxima vez, não bloqueia o corredor inteiro — retruquei, sem querer ceder um milímetro. — Eu não ligaria nem se você fosse a própria Madre Teresa, piranha.

— Escrotinha e abusada! — Ela arqueou a sobrancelha perfeita, estranhamente impressionada. — Acho que essa barraqueira pode ser útil na nossa turma. — Se virou para o grupo e disse: — O que acham, meninas?

As garotas concordaram na mesma hora feito um bando de ovelhas obedientes.

— O que me diz, barraqueira? — Ela se virou para mim sorrindo. — O que acha de um lugar na mesa das mais velhas?

— Acho que você devia ir pro inferno — declarei.

Ela estreitou os olhos, indignada.

— Como?

— Talvez seja bom você fazer um exame de audição — acrescentei antes de sair fora, mostrando o dedo do meio para uma das ovelhas que me chamou de "piranha".

Consegui encontrar os armários do primeiro ano sem precisar pedir as direções para ninguém, mas logo antes de alcançar o meu, fui puxada para a escada de incêndio por um garoto vestindo a camisa número dez do time de rúgbi do Tommen.

— Finalmente! — meu namorado grunhiu quando a porta se fechou, nos deixando na escuridão. — Passei a manhã toda te esperando.

Inundada por uma avalanche de emoções, me atirei nele, precisando sentir sua pele mais do que precisava respirar.

— Hugh... — falei, me agarrando ao seu corpo e dando um beijo de desentupidor de pia na boca dele.

Com os lábios nos meus e as mãos na parte carnuda das minhas coxas, ele foi indo para a frente até minhas costas baterem na parede. O movimento fez a dor crescente entre as minhas pernas se intensificar, e avidamente envolvi os braços e as pernas nele.

— Só pra você saber, eu te beijaria com prazer na frente de todo mundo — ele falou, sem parar de me beijar. — Essa escada foi por você... ou melhor, pela demônia cacheada.

— Você sabe que a sua irmã fica chateada de ver a gente junto.

— Não dou a mínima se ela fica chateada — ele retrucou, beijando meu pescoço. — Mas não quero que a Claire reaja de um jeito que deixe a *minha* namorada mal. — Tudo dentro de mim se contraía quando ele me chamava assim. — Enfim, só queria te dar boa sorte no primeiro dia de aula antes do ônibus sair — Hugh continuou, enquanto seus quadris se esfregavam

nos meus de um jeito que estava acabando comigo. — Tenho um jogo em Clonamore.

— Esquece o jogo — implorei, tendo um frisson ao sentir sua língua na minha. — Fica comigo aqui.

— Eu ficaria se pudesse — ele sussurrou, me beijando com mais amor e carinho do que jamais recebi de outro ser humano. — Mas já estou na mira do cap por ter perdido o treino pré-temporada... poxa, Liz!

— Hoje é o dia D, Hugh. — Sorrindo no seu pescoço, segui passando a língua em uma veia que pulsava. — Você tem um cheiro tão bom! — Com os lábios na sua pele, dei um chupão nele, acariciando. — Hum...

— É melhor você parar — ele protestou fracamente, se inclinando para perto e oferecendo seu pescoço. — Meu Deus, nunca mais pare.

Eu não pretendia parar.

Pelo menos não até deixar minha marca nele.

2 de setembro de 2002

Cenários hipotéticos e o um por cento

HUGH

— Já era hora, hein, Biggs? — o treinador Mulcahy gritou quando enfim me juntei ao time no ônibus. — Meu Deus do céu, pensei que fosse ter que mandar uma equipe de busca pra achar o meu fly-half.

— Desculpa o atraso, treinador... — murmurei, subindo as escadas do ônibus. — Não vai acontecer de novo.

— Bem, considerando que você nunca se atrasa, vou deixar essa passar — ele grunhiu, com as mãos na cintura. — Mas não vai se acostumando.

— Obrigado, treinador — respondi, seguindo para o corredor.

— Espera aí. — Ele colocou a mão no meu ombro e me puxou de volta. — Você está bem, Biggs? — perguntou, preocupado. — Não está doente nem nada, né?

— Estou ótimo, senhor.

Ele me avaliou por um longo momento antes de balançar a cabeça e me soltar.

— Então está certo, Biggs. Vai se sentar.

— Alguém pulou o café da manhã hoje? — Feely brincou

quando afundei no assento ao lado. — Puta que pariu, cara, ela engoliu o seu pescoço, hein?

Você não faz ideia. Balançando os joelhos sem parar, respirei fundo e me esforcei para me acalmar.

— Estou ferrado, cara.

— Com o treinador?

— Não, não com o treinador — falei, me virando para ele desesperado. — Com ela, Fe, com *ela*.

Em vez de oferecer apoio para um amigo em necessidade, *meu* amigo decidiu rir da minha cara.

— Pensei que você fosse adorar enfim ter a namorada no Tommen.

— *Estou* adorando — falei, encarando-o seriamente. — Adorando *demais*.

— Corta essa, cara.

— Você já viu a *minha* namorada? — Mordi o punho e sussurrei: — Viu ela de uniforme?

— É alguma pegadinha? — meu melhor amigo perguntou, desconfiado. — Se eu disser que sim, você vai ficar puto por eu ter olhado?

— Você *viu* ela de uniforme — falei, enterrando a cabeça nas mãos. — Como é que ela consegue andar com aquelas pernas longas?

— Não faço ideia, Hugh, mas são de longe as pernas longas mais sexy que eu já vi.

— Você não está ajudando, cara.

— Foi mal.

— Ela me quer.

— Sim, Hugh, geralmente é o que acontece quando se está em um relacionamento.

— Não. — Me virei para ele de novo. — Tipo, ela me quer *pra valer*.

— Relaxa, tá? — Feely deu risada, dando tapinhas no meu ombro. — Você tem o autocontrole de um monge eunuco.

Balancei a cabeça.

— Com ela não.

Ele sorriu para mim.

— E por que isso é um problema?

— Porque eu não... tipo, a gente não... e eu não... aff! — Grunhindo, cobri a cabeça com as mãos outra vez. — Tipo, quanto mais tento ser respeitoso, mais ela me encoraja a *não* ser.

Feely bufou.

— Que problemão, hein!?

Ergui a cabeça.

— Como?

— Você é doente, sabia?

— *Por quê*?

— Está se ouvindo? — ele perguntou, achando graça da situação. — Você está quase chorando porque a sua namorada te *deseja*. Esse é um problema de um por cento dos caras, Hugh. — Ele deu risada e acrescentou: — Tem alguma ideia de como os outros noventa e nove sofrem?

— Falou o cara que enfia o pau em qualquer coisa que respira desde o aniversário de quinze anos.

— Ei! Nunca falei que fazia parte dos noventa e nove por cento, babaca — Feely retrucou, rindo. — Além disso, alguém tem que representar.

— É, e você está representando muito bem todos nós, né? — resmunguei, olhando-o de lado.

Ele deu de ombros sem o menor remorso.

— São as minhas mãos. — Ele ergueu a mão para enfatizar e agitou os dedos. — Dedos de guitarrista, cara.

— Tira essa coisa da minha cara antes que eu vomite em você

— avisei, afastando seu braço.

— Que bom que não moro em Avoca Greystones! — disse, pensativo, coçando o queixo. — Claramente tem alguma coisa naquela água que faz os caras perderem a cabeça. Tipo, o Gibs pode bancar o pegador o quanto quiser, mas a gente viu ele todo bolado de culpa por ter pegado a Bernadette Brady naquela festa no ano passado. Pelo menos você teve coragem de assumir o relacionamento com a Liz... apesar de não ter coragem de ser um namorado *de verdade* pra ela.

— Como é? — falei, extremamente ofendido. — Pois saiba que sou um ótimo namorado pra ela.

— Você já pegou nos peitos dela?

— *Já*.

— Por dentro do sutiã?

Abri a boca para responder, mas não saiu nada.

Feely deu risada.

— Imaginei.

— E por que é que pegar nos peitos dela me faria um namorado melhor?

— Porque, se você pegar nos peitos dela, talvez ela se sinta bem — Feely falou, sem parar de rir.

— Sempre faço ela se sentir bem.

— Sexualmente, Hugh.

Estreitei os olhos.

— Sei fazer a Liz se sentir bem sexualmente.

— Só segurar a mão dela não conta.

— Como se você fosse especialista no assunto.

— Ah, você quer um especialista? — Sorrindo, ele esticou o pescoço e disse: — Cap, pode vir aqui um segundo?

— Ficou *maluco*? Não vou falar disso com ele.

— Não precisa. Eu falo.

— Qual foi, gente? — Kav perguntou, se sentando na nossa

frente.

— Você já transou muito, né? — Feely perguntou, sem rodeios, enquanto eu mentalmente cavava um buraco para me enfiar.

— Se transei ou não, é irrelevante — Kav encerrou a conversa depressa. — Porque não discuto minha vida sexual com ninguém.

— Pode crer. — Feely revirou os olhos. — O que quer dizer que ele já transou muito com várias garotas diferentes.

— Pra que esse papo, Feely? — Kav perguntou, irritado.

— Se usar seu pau estivesse fora de cogitação, você usaria os dedos ou a língua pra fazer ela gozar?

— Pelo amor de Deus, Fe! — falei, estarrecido.

— Hipoteticamente? — Kav perguntou, um pouco interessado.

— Claro.

— Em que contexto?

— Com uma garota aleatória.

— Dedos — ele respondeu, sem hesitar. — Nada de língua. — Fez careta e coçou o queixo antes de acrescentar: — Nunca use a língua em garotas aleatórias. — Um tremor percorreu seu corpo gigante. — É íntimo demais.

— E se você estivesse em um relacionamento sério?

Johnny franziu a testa como se não tivesse entendido a pergunta.

— Se eu estivesse em um relacionamento sério, por que *não* estaria usando meu pau?

Feely começou a gargalhar.

— Estou confuso — Kav admitiu.

— Não se preocupe — falei, dando uma cotovelada no imbecil ao meu lado. — O Feely está tendo o momento dele.

Johnny ficou nos encarando por um instante antes de

balançar a cabeça e se levantar.

— Não sei qual de vocês, alecrins dourados, está transando, e sinceramente não tenho cabeça pra me preocupar com isso, mas é melhor estarem usando camisinhas *hipotéticas* nos seus paus *hipotéticos* antes de saírem farreando por aí. — Ele já estava voltando para o seu assento, mas parou no meio do corredor para se virar e dizer: — E deixem o oral só pros *hipotéticos* relacionamentos sérios.

— Boa, Feely. Agora ele está achando que a gente endoidou.

— Não encana, Hugh. Ele só deve estar pensando que a gente está transando um com o outro.

— Sem querer ofender, cara, mas sou areia demais pro seu caminhãozinho pra ele pensar isso.

— Cala a boca, seu *virgem*.

— Cala a boca você, seu *puto*.

27 de setembro de 2002

Paraíso na Terra

LIZZIE

— Pra onde a gente está indo? — Hugh perguntou, me seguindo pela antiga escada na parte de trás do prédio principal da escola. — Liz, só faltam cinco minutos pra acabar o almoço.

— Confia em mim — eu disse, subindo os quatro lances de escada de paralelepípedos até chegar ao paraíso na Terra. Bem, pelo menos ali no Tommen.

— Cacete! — Hugh falou, se juntando a mim no impressionante arco de pedra que levava à biblioteca original da escola.

Ela ocupava todo o quarto andar e era a única parte que tinha sido poupada da modernização do prédio. A arquitetura era do fim do século XVII, quando a escola foi construída, e a biblioteca era um verdadeiro tesouro para os apaixonados por livros, com extensos corredores de livros empilhados do chão ao teto, móveis antigos e gloriosas cortinas de veludo decorando as vidraças vitorianas. O melhor de tudo era que ali havia livros tão antigos quanto o próprio prédio.

— Como você achou este lugar, Liz?

— Tenho meus contatos — brinquei, decidindo não mencionar a sra. Reidy, a bibliotecária idosa que tinha se afeiçoado a mim. — Este lugar é aberto aos alunos, mas ninguém nunca vem aqui — expliquei, pegando sua mão e o conduzindo pelos corredores. — Todo mundo só usa a biblioteca nova. Sabe aquela do subsolo?

— Sei — ele respondeu, absorvendo o espaço de olhos arregalados. — Passo por lá todos os dias a caminho da piscina.

— Vem. — Arrastando-o pelos corredores compridos, virei à esquerda no fim da área central. — Espera até ver isso. — Serpenteando pelas estantes que iam do chão ao teto na ala esquerda, levei meu namorado até a parede de pedra que abrigava a verdadeira maravilha daquele lugar.

— O que diabos é isso? — Hugh perguntou, voltando a atenção para um buraco estreito e retangular nos tijolos.

— Me segue.

Me apoiei na saliência e passei pela pequena abertura para entrar na sala secreta.

— Puta merda! — ele disse, entrando atrás de mim e ficando de pé para contemplar a salinha de pedra de três metros quadrados. — Pra que serve essa sala?

— Andei pesquisando, e pelo que descobri, ela era usada como sala segura pelos estudantes das colunas voadoras durante a Guerra da Independência.

Hugh arregalou os olhos.

— Está brincando.

O lugar era uma pequena sala de pedra, sem janelas ou luz natural, mas havia uma luminária antiga e enferrujada presa à parede mais próxima da entrada. Esculpidas no tijolo estavam as iniciais de quem devia usar aquele cômodo durante a guerra. Os únicos móveis eram uma escrivaninha com uma cadeira e uma cama de campanha que parecia ainda mais

antiga. Como as que os soldados usavam na guerra.

— Bem-vindo ao meu esconderijo — falei, abanando a mão. — Bem legal, né?

— Vou te falar uma coisa... — Hugh disse, me olhando com uma expressão peculiar. — Você nunca para de me surpreender, Liz.

— É mesmo? — ronronei, me aproximando dele. — Bem, que tal eu te surpreender com algo melhor ainda? — Envolvi seu pescoço com os braços, fiquei na ponta dos pés e dei um beijo no seu rosto. — Hein?

— Não vou voltar pra aula, né? — meu namorado perguntou bruscamente, com as mãos na minha cintura.

— Por mim, não — sussurrei antes de beijá-la.

Ele me puxou, segurou o meu cabelo e inclinou meu rosto para cima para aprofundar o beijo.

No momento em que sua língua entrou na minha boca, senti uma eletricidade me percorrer e gemi.

— Hum...

Ele era lindo e eu queria tê-lo mais que qualquer outra coisa. Para o resto da minha vida.

Só aquele garoto.

Para sempre.

Hugh gemeu na minha boca ao sentir meus dedos no cós da sua calça e foi andando para a frente até minhas costas baterem na parede.

— Cacete, baby...

Um arrepio delicioso me tomava quando ele me chamava de "baby", e levei a mão à fivela do seu cinto, mentalmente desejando que desaparecesse.

Agarrei sua mão direita, a coloquei na minha coxa e o incentivei a ajeitar minha perna em volta da sua cintura. Ele obedeceu e senti nossos corpos se alinharem perfeitamente, e a

dor latejante entre as minhas pernas ficou mais forte.

— Você é tão linda... — ele sussurrou entre os beijos, pressionando os quadris contra os meus. — Eu não aguento.

— Mais! — implorei, arqueando o corpo, rebolando furiosamente contra ele. — Por favor.

— Você vai acabar comigo assim, Liz — ele grunhiu, segurando minha coxa com mais força, sem parar de empurrar o quadril contra o meu. — Só consigo pensar em você.

— Então me come — insisti, colocando a mão na sua calça. — Uau!

— Não — ele implorou, perdendo o ritmo quando o *toquei*. — Não vou conseguir. — Ele pegou minha mão e a afastou da sua virilha. — Eu quero, quero muito, mas a gente não pode. — Outro grunhido sofrido escapou dos seus lábios. — Ainda não.

— Então... — falei, perto dos lábios dele, enquanto guiava sua mão para baixo da minha camisa. — Me toca. — Senti sua hesitação quando seu corpo tensionou, mas não desisti, conduzindo sua mão pela minha barriga até meu seio. — Assim.

— Você está sem sutiã — ele disse com a voz rouca. — Caralho, Liz...

— Odeio sutiã — admiti, arqueando o corpo com a mão na dele, encorajando-o a continuar.

— A gente nunca fez isso — ele sussurrou, parecendo dolorosamente vulnerável. — Tem certeza que é ok? — Recuou um pouco para olhar para mim, com os olhos castanhos ardendo de desejo. — Te tocar desse jeito?

— Mais que ok — garanti, retirando a mão devagar. — E você? — perguntei, me entregando ao seu toque. — Gostou?

Ele fez que sim devagar, roçando meu mamilo duro com o dedão.

— Você é perfeita. — Me acariciando com delicadeza, ele se inclinou para a frente e recapturou minha boca. — Parece que você é minha.

Porque eu sou.

5 de outubro de 2002

Escolhendo roupas e forçando limites

HUGH

Esparramado na cama da minha namorada, com a cabeça recostada em uma pilha de travesseiros, me obriguei a manter os olhos nas páginas do livro que estava tentando ler, e *não* na garota desfilando seminua.

Infelizmente, *Ulisses* não chegava aos pés da Lizzie Young.

— Que tal essa? — ela perguntou. De rabo de olho, eu a vi se aproximando.

Liz não precisava de maquiagem nem de vestidos para ficar feminina, e eu não precisava dessa estética para elevar o meu ego. Porque sabia quem ela era, o que tinha: tudo e mais um pouco. Ela era tudo o que eu sempre quis, sempre almejei e sempre desejei. Era tudo para mim.

As garotas muito menininhas me matavam de tédio porque eu *morava* com uma delas. Não, eu não queria alguém do tipo que curtia bichinhos de pelúcia e tudo rosa. Queria uma garota cheia de atitude, de personalidade forte e jeito de moleca. Queria uma garota que me olhasse feio quando eu segurasse a porta para ela, em vez de ficar vermelha. Uma garota que respondesse a “primeiro as damas” com “primeiro os mais

velhos".

Aquela garota me estimulava.

Aquela garota me excitava.

— Muito linda — declarei, rapidamente redirecionando a atenção para o livro antes que ela pudesse atacar.

— Mentiroso, você nem olhou.

— Não preciso olhar — falei, virando a página. — Você fica linda com qualquer roupa.

O clube de rúgbi da cidade estava dando uma festa para os alunos do quarto ano para comemorar os resultados do junior cert. Em vez de encher a cara com os caras, eu estava sendo refém de uma loira só de calcinha.

Pelo visto, minha namorada precisava da minha ajuda para escolher uma *roupa* para aquela noite, e era uma questão de vida ou morte.

O que era uma merda por dois motivos.

Primeiro, passei quase todos os dias da minha vida desde os sete anos com aquela garota e nunca a vi pedindo a opinião de ninguém sobre moda. A Liz não se importava nem um pouco com roupas. Usava o que queria, e esse era todo o esforço que dedicava à escolha das roupas.

Segundo, cometemos um deslize momentâneo na biblioteca no mês passado, quando perdi a cabeça e passei as últimas três aulas do dia me esfregando na minha namorada. Desde aquele dia, ela estava determinada a encontrar outra brecha na minha moral.

Não era como se eu quisesse me conter. Estava a semanas de completar quinze anos. *Claro* que queria transar com ela. Nossa, não pensava em outra coisa, e sabia que a maioria dos meus amigos estava feliz da vida transando com garotas diferentes todo fim de semana, mas eu não podia fazer isso. Porque aquela era a *Liz*, e eu estava determinado a fazer a coisa

certa.

A gente sempre conversava sobre isso, e acabamos combinando que seria no aniversário de dezesseis anos dela. Daí, quando ela fazia esse tipo de coisa, ficava muito difícil bancar o bonzinho.

— Então esse vestido está bom pra hoje? Você acha ok se eu usar *só* isso na festa?

— Com certeza.

Ela endureceu o tom:

— Então você acha ok se seus amigos virem sua namorada completamente *pelada*?

Revirei os olhos.

— Você não está pelada, Liz.

— Rá, então você *está* olhando — brincou, toda animada.

— Posso ter dado uma espiadinha — comentei, afastando da mente a imagem maravilhosa da Liz de calcinha e sutiã, não sem antes deixar uma nota mental para retomar essa imagem quando eu estivesse sozinho de noite. — Por acaso, claro.

— E aí? — ela insistiu. — O que você achou, *por acaso*?

Que você é a coisa mais linda que meus olhos já viram.

— O corpo é seu, Liz — falei, sem ceder nem um milímetro. — Você decide o que usar.

— E se eu decidir não usar nada?

— Vou levar um casaco extra pra você não ficar com frio.

— Caramba, Hugh, só olha pra mim pra eu poder te seduzir!

— Então você admite? — falei, fechando o livro e apontando um dedo acusatório para ela. — Sua ladrazinha de virgindade!

Ela fingiu inocência.

— Não faço ideia do que você está falando.

— Suas táticas ardilosas não vão funcionar comigo, bruxa — eu disse, rindo. — Conheço todos os truques sujos do seu manualzinho safado. Afinal, sou a inspiração da maioria deles!

— Não te convidei aqui pra te seduzir, bobão — ela declarou com uma voz muito mais suave, dobrando a aposta. Suspirou e olhou para mim com uma cara de cachorrinho sem dono, fazendo biquinho e tudo. — Eu queria mesmo a sua ajuda.

— Boa tentativa — falei, rindo na cara dela. — Mas você já usou esse truque comigo várias vezes. Valeu o esforço.

Sua expressão mudou na mesma hora, se transformando de angelical para frágil e depois para puta e frustrada.

— Você é um estraga-prazeres, Hugh.

— Hum... — Achando graça das suas palhaçadas, voltei a atenção para o livro e suspirei de satisfação. — Contanto que continue vestida, Liz.

— Ah, é? — Sem querer aceitar a derrota, a demônia subiu em mim e só parou até estar montada nos meus quadris. — Vamos ver se isso vai continuar assim.

— Liz, para. — Contendo a risada, tentei me proteger com o livro, mas ela foi implacável no ataque de cócegas. — Você sabe que não aguento.

— Tira minhas roupas.

— Não.

— Está bem, então tira as suas roupas.

— Ah, tenha piedade, piedade... ah... ah... piedade, baby. Piedade!

Sem parar de fazer cócegas, ela arrancou o livro de mim e o jogou para trás.

Depois, prendeu meus pulsos no colchão acima da minha cabeça.

Deixei que ela me imobilizasse porque era fofa demais brincando desse jeito.

— Rá. — Sorrindo vitoriosamente em cima de mim, ela se inclinou para a frente e ronronou: — James Joyce não pode te salvar, Biggs.

Abri um sorriso divertido para ela.

— Você não marcou a página que eu estava.

Ela estreitou os olhos e segurei a risada.

— Ah, meu Deus, você é tão *irritante*! — Ela rebolou contra a minha óbvia ereção. — Estou te *sentindo*, Hugh. *Sei* que você quer tanto quanto eu.

— Estou duro porque te amo. — Outra risada me escapou, deixando-a mais irritada ainda e me fazendo gargalhar. — Porque você me faz feliz.

— Ah, por favor! — Liz revirou os olhos. — Você está duro porque quer transar comigo. — Ela ergueu as mãos, frustrada. — E seu corpo inteiro sabe disso, *menos* o seu cérebro!

— Por que você está obcecada por sexo?

— Por que você está obcecado por *não* fazer sexo?

— A gente concordou que ia esperar o seu aniversário de dezesseis anos.

— Pensei que a gente tivesse concordado em esperar o *seu* aniversário de quinze anos.

— Não, a gente definitivamente concordou com os *seus* dezesseis.

— Aff. — Ela suspirou, desanimada. — Está longe demais.

— É só daqui a um ano e meio. — Coloquei as mãos na sua cintura e fiz carinho na sua pele para acalmá-la. — O que é um ano e meio, hein?

— Uma vida inteira, se você sentisse o que eu sinto — ela grunhiu, reclamando no meu peito e bufando alto. — Você não faz ideia do quanto estou frustrada, Hugh. Você fica dando risada e fazendo piadinha, mas isso não tem graça pra mim. Na verdade, fico bem chateada. Tipo, sinto até dor, porque o desejo é grande demais. É como se fosse uma coceira que não posso coçar. O tempo todo. Constantemente. Estou me esforçando tanto... e você não está interessado e eu... aff, deixa pra lá.

— Liz... — Suspirei pesadamente e a abracei. — Você sabe que estou interessado. — Ergui a mão para fazer carinho no seu rosto. — Te quero tanto que só penso nisso. — Fiquei refletindo sobre o que dizer antes de respirar fundo e desembuchar: — Nos últimos dois anos, não consigo pensar em uma única noite em que eu *não* tenha batido uma imaginando estar dentro de você.

— Sério? — Ela se sentou no meu colo e olhou para mim com um brilho empolgado nos olhos. — Você não está mentindo, né?

Não, eu não estava mentindo.

Estava sendo cem por cento sincero.

Dolorosa e constrangedoramente sincero.

— Você já se olhou no espelho? — perguntei, cometendo o erro de seguir o meu próprio conselho. A visão dela montada em mim só de sutiã branco de renda e calcinha combinando me fez gemer. — Meu Deus do céu, você é tão linda que até dói olhar. Não existe outra garota no mundo que chegue aos seus pés, e não é exagero, porque não tiro os olhos de você desde que te vi naquele ônibus na primeira série.

Ela respirou fundo e disse:

— Você acha mesmo isso?

— Sim, Liz, acho mesmo isso. Sempre achei.

— Isso é só o exterior — ela sussurrou, gesticulando para o próprio corpo. — É um papel de parede, Hugh. — Um suspiro audível escapou dos seus lábios entreabertos, e ela baixou o olhar. — Juro que o que tenho aqui dentro não é tão bonito assim.

— Não tem nada de feio em você, Liz. — Como ela não falou nada, me sentei e estiquei o braço para ela. — Ei... ei, olha pra mim. — Segurando seu rosto entre a mãos, a obriguei a me encarar. — Não tem *nada* de feio *dentro* de você.

— Você não tem como saber. — Ela fechou os olhos, me bloqueando. — Você não sabe as coisas que eu penso.

— Não preciso saber. — Afastei o cabelo do seu rosto e a puxei para mais perto. — Porque te conheço.

— O problema não é só o que eu penso — ela disse baixinho, com a voz falhando. — São as crises e os buracos e os impulsos.

Ouvi-la admitindo isso em voz alta deixou meu coração apertado, porque a Liz estava verbalizando os nossos medos. Tivemos um verão maravilhoso. Meses de calma e estabilidade. Mas nós dois sabíamos que, a qualquer momento, tudo poderia mudar.

— Se você tiver outra crise, vou estar aqui pra te puxar de volta. — Fiz carinho no seu rosto e rocei o nariz no seu. — E, se perder a noção do tempo, vou estar aqui pra te resgatar. — Sem pensar direito, me inclinei e a beijei. — E, se sentir vontade de se machucar, vou estar aqui pra te proteger.

— Não quero passar por isso de novo — ela confessou, segurando minha camiseta com força. — Tenho muito medo.

Eu não podia dizer que aquilo não ia acontecer de novo, porque sabíamos que seria mentira.

Só podia prometer que, se acontecesse, estaria com ela do outro lado.

— Vou estar aqui. — Eu a beijei de novo. — Sempre.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz. — Dei um beijo suave nela. — Não importa o que aconteça.

31 de outubro de 2002

Quando o gato sai, os ratos fazem a festa

LIZZIE

Sinead Biggs sempre deu as festas de aniversário mais caprichadas e caras para os filhos. Como Hugh nasceu no Halloween, a casa deles sempre foi onde todo mundo queria estar na noite mais assustadora do ano.

A diferença aquele ano era que o casamento do primo do Pete seria celebrado no mesmo dia. O evento seria no interior durante o fim de semana todo, então, em vez de cancelar a festa do filho, Sinead pediu a ajuda do pai para cuidar da situação.

Deixar o vovô Healy responsável pelo fim se semana foi seu primeiro erro.

Deixar o armário de bebidas da sala de estar destrancado foi o segundo.

O que deveria ser uma reunião tranquila de amigos para comemorar o aniversário de quinze anos do filho logo se transformou na maior festa de todas — com o vovô Healy no comando do caos.

Depois de passar uma hora e meia discutindo com Claire sobre fantasias de Halloween — e minha falta de vontade de

me fantasiar —, enfim nos juntamos aos outros lá embaixo.

Assim que descemos o último degrau da escada, fomos imediatamente engolidas por uma multidão de adolescentes bêbados. O térreo da casa estava lotado de colegas fantasiados, e a música da caixa de som de um dos meninos do sexto ano era ensurdecedora.

— Que maravilha! — Claire exclamou, saltitando ao ritmo de "Whoomp! (There It Is)".

Ela estava absurdamente linda com uma jardineira jeans curtinha, meias brancas até a coxa, luvas brancas e um top vermelho e justo. Fez chapinha no cabelo e usava um chapéu vermelho com a letra M.

— Essa maldita jardineira está me deixando com uma pata de camelo — resmunguei, ajeitando o tecido apertado na virilha. Porque era *óbvio* que estávamos combinando. — Ok, *agora* a calcinha entrou na minha bunda.

— É que você tem as costas compridas — Claire disse em um tom compreensivo, ajeitando meu chapéu verde. — Você é a Luigi mais gostosa que já vi.

— Está bem, está bem. — Revirei os olhos. — Digo o mesmo pra você, Mario.

Ela deu um sorriso satisfeito para a fantasia que conseguiu me convencer a usar à base de muita chantagem emocional e franziu a testa quando reparou nos meus velhos tênis de cano alto.

— All Star, Liz? — Ela soltou um grunhido frustrado. — Você *devia* estar de salto verde pra combinar com o meu vermelho.

— Não força a barra, Biggs — falei, rindo e erguendo a mão. — Você devia é estar feliz por eu ter topado me fantasiar.

— Caraca! — um cara aleatório vestido de Batman exclamou, parando na nossa frente. — Acho que morri e fui pro céu,

meninas.

— Continua olhando e talvez você vá mesmo — respondi, irritada.

— Bem, essa Luigi claramente está naqueles dias — o babaca falou, dando risada, voltando a atenção para a Claire. — E você, Mario? — Ele se aproximou e tocou no queixo dela. Seu hálito de álcool era sufocante. — Que tal dar um passeio na Montanha dos Cogumelos comigo?

— Que tal se alimentar por uma sonda? — eu o interrompi, dando um tapa na mão dele. — Encosta na minha amiga de novo e você já era, *Batman*.

— Meu Deus! — ele esbravejou, colocando as mãos na cintura. — Você é mesmo uma vaca, hein?

— Melhor uma vaca que um babaca — retruquei, pegando a mão da Claire e saindo fora.

— Isso foi bem grosseiro, Liz — Claire me repreendeu, enlaçando o braço no meu enquanto atravessávamos a multidão, que incluía seu avô dançando em cima do balcão da cozinha. — Ele só estava sendo simpático.

— Ele estava sendo um cachorro — a corrigi, mantendo os olhos protetores naquela imagem linda e inocente ao meu lado. — E você precisa ficar esperta.

— Por quê?

— Porque garotas como você são um pedaço de osso suculento pra cachorros que nem ele.

Ela arregalou os olhos.

— Por que ele pensaria que sou um osso?

— Esquece — falei, suspirando. Claire não estava entendendo o que eu queria dizer. Eu era catorze meses mais velha que ela e sabia coisas que ninguém da idade dela deveria saber. — Só toma cuidado, tá?

— Tá bom, Liz. — Seus enormes olhos castanhos cheios de

pureza me encararam. — Pode deixar.

— Que bom! — Assenti e sorri. — Porque só quero que você fique segura.

Então ela notou algo atrás de mim e seu rosto inteiro se iluminou. Logo em seguida, o pânico tomou seus olhos.

— Liz... — Ela se voltou para mim, apontando para além do meu ombro. — Você vai ficar bem se eu for falar com o Gerard?

O fato de frequentar a mesma escola que ele, além de compartilhar o mesmo círculo de amizades, ajudava a aumentar meus níveis de tolerância, mas eu não era ingênua de acreditar que ficaria bem se *ele* viesse falar comigo.

— Vou ficar ótima — falei, usando toda a força que tinha dentro de mim para *não* reagir.

Para *não* explodir e gritar. Porque eu queria muito. Eu *realmente* queria muito.

Meu Deus, não conseguia nem *pensar* no nome dele na minha cabeça, quanto mais falar. Nas raras ocasiões que eu tinha que me dirigir a ele, eu usava a única palavra que saía: o apelido que lhe dei na infância.

Doía um pouco menos assim, e eu podia manipular minha mente para separar os dois. *Porque o monstro nunca disse o nome Thor.*

— Tudo bem se você quiser ficar um pouco com o Thor, Claire. — Tentei sorrir, de verdade, mas pela reação dela, entendi que fiz uma careta. — Vou ficar bem.

Não pareceu convencida.

— Mesmo?

— Mesmo. — Assenti. — Prometo que vou ficar bem.

— Ok, agora me sinto ainda pior pela forma como reagi no meu aniversário — ela falou, pegando minhas mãos e mudando de assunto de repente. — Me desculpa por ter feito

você se sentir mal por estar com o meu irmão. Eu não queria te deixar chateada, juro. Só fiquei com medo de você parar de andar comigo pra ficar grudada nele. E acho que fiquei com um pouco de ciúmes também. Mas já superei, ok? Juro, e não vou mais bloquear vocês da minha vida. Sei que você é importante pro meu irmão e não quero ser cruel.

— Você *nunca* foi cruel, Claire, e nunca vou querer parar de andar com você — prometi, apertando sua mão. — Você é o Mario do meu Luigi, afinal de contas.

— Eu sei, eu sei. Mas acho que fiquei daquele jeito porque Hugh te pediu em namoro e Gerard *não*... enfim, acho que você não quer saber — acrescentou, se encolhendo. — Me desculpa.

— Tudo bem — me obriguei a dizer, porque eu não podia projetar minha própria dor nela. — Não *posso* ser a amiga pra quem você confidencia coisas sobre o Thor, mas *sempre* vou ser sua amiga.

Seus olhos se iluminaram de empolgação.

— E não posso ser a amiga com quem você conversa sobre o meu irmão, porque eca... mas *sempre* vou ser sua amiga também.

— Então está bem. — Sorri. — Combinado.

— Combinado — ela disse, saltitando de animação. — Nada de encontro em dupla então.

— Isso — confirmei, balançando a cabeça. — Os encontros em dupla estão *proibidos*.

Nos abraçamos rapidamente e então Claire saiu à procura do Thor, enquanto eu seguia na direção oposta à procura do seu irmão. Quando o vi na sala, virando doses na frente da lareira com o avô, uma onda de calor me invadiu.

Dei um suspiro de alegria e me recostei no arco para ficar só *olhando* para ele.

Ao contrário de quase todos na festa, o Hugh não estava fantasiado. Afastado da multidão, meu namorado usava uma calça jeans escura e uma camisa branca justa, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, revelando seus braços ridiculamente sensuais e musculosos. Seu cabelo estava daquele jeito sexy de sempre: curto nas laterais e atrás, com uma mecha de cachinhos bagunçados no topo, ajeitados com um pouco de gel.

Com impressionante um metro e oitenta de altura e ainda crescendo, Hugh não poderia ser mais diferente do garoto por quem me apaixonei aos seis anos. A suavidade do seu rosto deu lugar a formas mais angulosas, e sua barriga antes esguia agora exibia uma marca assombrosa de músculos abdominais finamente esculpidos, assim como uma camada generosa de pelos que começava no umbigo e se estendia até a cueca. Suas costas estavam mais largas, seus bíceps, mais proeminentes, e ele tinha um par de pernas maravilhosamente fortes, com coxas e panturrilhas durinhas.

E esse *é o garoto que eu não posso tocar!*

— Na minha época, a gente já era considerado homem com quinze anos — o vovô Healy disse, me trazendo de volta ao presente. Todo contente com seu neto favorito e uma garrafa de uísque Jameson, ele encheu dois copos com o líquido âmbar antes de entregar um deles para o Hugh.

— Não aguento mais beber, vovô, o gosto é péssimo — Hugh resmungou, olhando para o copo cheio na mão. — Talvez seja melhor ficar na cervejinha.

— Deixa as cervejinhas pros meninos e o uísque pros homens. — O velho passou o braço no neto e os dois brindaram antes de virar a bebida de uma só vez. — Isso vai te fazer homem, meu querido netinho.

— Ah, que se foda! — Hugh grunhiu, também virando o

copo só para se engasgar e tossir bastante depois. — É pior que merda — ele disse com a voz rouca. Hugh colocou o copo na cornija da lareira, encarou o avô e disse: — Quer saber? Acho que não preciso virar homem. — Ele limpou a boca com o dorso da mão e acrescentou: — Não estou com pressa. — Então olhou na minha direção e depois de novo quando me viu parada ali. Seus olhos se arregalaram de surpresa. — Nossa senhora!

Aquele "nossa senhora" me deixou mais do que feliz. Sorrindo, me afastei da parede e fui me aproximando, adorando a forma como seus olhos não se desviaram do meu corpo nem uma vez sequer.

— Feliz aniversário — falei, ainda sorrindo, chegando ao seu lado. Hugh automaticamente ergueu o braço para mim e me aconcheguei sem hesitar. — Está se divertindo?

— Agora sim. — Ele me puxou para perto enquanto seus olhos me percorriam. — Você está incrível.

Talvez a Claire tivesse razão com aquela história de fantasia...

— Oi, vovô Healy — eu disse, me virando para o senhor. — Quanto tempo!

— Tempo demais, Elizabeth — o velho travesso respondeu, apertando minha mão e dando um sorrisinho malicioso para o Hugh. — Fico aliviado de saber que meu neto teve o bom senso de não te largar. — Ele deu uma piscadinha para o Hugh. — Mandou bem, garoto.

— Como se eu fosse burro de largar ela — Hugh falou, gargalhando e me puxando para o seu lado. Ele deu um beijo na minha cabeça e disse: — A Liz é a minha garota, vovô.

Ah, meu Deus.

Meu corpo inteiro ardeu. Hugh falava que eu era dele tão abertamente, até para o avô, que eu sentia que *de fato* significava alguma coisa.

Várias horas e vários drinques depois, me vi fazendo cavalinho nas costas do fly-half mais sexy de Ballylaggin... *talvez até do mundo todo*.

— Acho que a gente está um pouquinho bêbado — falei, dando risada na nossa quarta tentativa de chegar no topo da escada. Bem, na quarta tentativa do Hugh. Eu só estava pegando carona. — Acho... — fiz uma pausa para soluçar — ... que foi culpa do uísque do vovô Healy.

— Ah, eu tenho *certeza* — meu namorado grunhiu, lutando contra os próprios pés para fazê-los irem na mesma direção. Ele tinha perdido toda a coordenação, e a camiseta também. — Meu avô é maluco.

— Seu avô é uma lenda — falei, gargalhando. Comemorei quando chegamos ao corredor do andar de cima. — Isso! Meu herói!

— Você quer fazer xixi? — Hugh perguntou, batendo com tudo na porta do banheiro. — Melhor ir agora, se quiser, porque sua carruagem está indo direto pra cama.

Fiquei pensando por um momento e depois balancei a cabeça.

— Não.

— Tem certeza?

— Tenho.

— Então está bem. — Ele saiu cambaleando para o quarto, abriu a porta com a cabeça e falou arrastado: — Se prepara pra um desembarque suave, baby.

— Ah, me dá um pouco de privacidade! — uma garota aleatória berrou, rolando na cama do meu namorado com um garoto vagamente familiar em cima dela.

— Puta que pariu, Feely!

— Desculpa, Hughie!

— Vaza daqui! — Hugh ordenou, se recostando pesadamente

na porta para aliviar os nossos pesos. — Agora!

— É, *Feely* — falei, rindo e observando com a visão meio turva nosso amigo pegando uma pilha de roupas e correndo para fora do quarto com uma garota seminua no seu encalço.

— Babaca... — Hugh resmungou, fechando a porta com um chute antes de seguir para a cama. — Madeira! — ele avisou, se jogando de cara no colchão comigo ainda nas costas. — É melhor o Feely não ter transado com ela na minha cama.

— Ele estava de cueca — comentei, me deitando de barriga para cima ao seu lado. — Mas a garota estava sem roupa.

— Olha a merda — meu namorado disse, arrastando as palavras, puxando um travesseiro sob a cabeça. — Ele sabe que você é a única loira que pode ficar pelada na minha cama.

— Até parece — zombei, dando um tapinha no seu ombro. — Se eu tivesse ficado pelada na sua cama, você jogaria água benta em mim e me levaria pra fazer uma confissão.

— Não hoje.

Dei risada, me virei para ele e sorri.

— Está dizendo que me quer pelada na sua cama?

— Eu nunca *não* quis você pelada na minha cama. — Deitado de bruços, abraçando o travesseiro e com a cabeça virada para mim, Hugh sussurrou: — Obrigado por vir pra casa hoje, baby.

— Pra casa? — Meu coração descompassou, e um tremor forte me percorreu. — Como assim casa, Hugh?

Com uma expressão ardente, ele se apoiou no cotovelo e esticou o braço para mim.

— O seu lugar é nesta casa. — Ele colocou a mão na minha nuca e me puxou para perto. — Nesta cama. — Segurando meu cabelo, ergueu meu queixo e passou a língua na minha boca até se afastar para me olhar nos olhos. — Comigo.

Então Hugh me beijou.

Assim que a sua língua entrou na minha boca, eu soube que

estava perdida. A sensação familiar de obscenidade e desconforto foi substituída por um desejo faminto. Suas mãos estavam no meu corpo, me puxando para mais perto, e senti-lo assim tão forte, quente e real, foi um sopro de vida na minha alma fragmentada. Eu estava quebrada por dentro, verdadeiramente podre até os ossos, mas me redimi no seu beijo.

Desesperada para saboreá-lo, meus lábios se abriram por conta própria, aceitando sua oferta como se meu corpo tivesse sido programado para receber aquele garoto. Sua língua duelou com a minha quase amorosamente, com movimentos suaves e entorpecentes que fizeram meus mamilos endurecerem dolorosamente na tentativa de chamar sua atenção.

Dominada pelas sensações que percorriam meu corpo, puxei seus ombros até ele rolar para cima de mim. Acolhendo seu peso, deixei minhas pernas se abrirem para trazê-lo para mais perto, me deleitando quando a fivela de metal do seu cinto roçou em mim.

— Hum...

Camadas terríveis de roupas separavam nossas peles, o que me enfurecia. Mais do que agitada, cravei os dedos nas suas costas, vibrando de prazer quando ele se esticou contra mim. Eu o queria tanto que tinha vontade de chorar.

— Você está bem? — ele perguntou, movendo os lábios pelo meu pescoço, me imprensando no colchão, mexendo os quadris em perfeita sincronia comigo. — Está bom assim?

— Você sabe que sim — falei, segurando seu cabelo quando ele se esfregou em mim. — Me toca.

— Onde?

— Em todos os lugares.

31 de outubro de 2002

Travessuras bêbadas

HUGH

A Liz me virou de barriga para cima, montou em mim e me beijou com um desespero que lembrava o meu. Bêbado demais para me importar com a ereção que eu *sabia* que estava roçando nela, mandei a cautela para os ares e só *curti* o momento.

Não pisei no freio quando ela baixou as alças da jardineira, e também não reclamei quando ela tirou a blusinha verde.

Quando Liz desceu da cama para tirar a roupa, fiquei admirando aquele visual esplendoroso. E, quando ela pegou minhas mãos e as colocou nos seus seios maravilhosos, quase morri e fui para o céu.

Porque ela era perfeita.

Juro por Deus, aquela garota era o próprio paraíso na Terra para mim.

Sem conseguir me conter, deixei meus olhos percorrerem seus seios fartos e empinados e seus lindos mamilos rosados que pareciam se eriçar para mim. Soltando um gemido de desejo, passei o dedo delicadamente pela curva dos seus seios antes de acariciar seus mamilos.

— Eu te quero tanto... — minha namorada falou, gemendo, rebolando os quadris selvagemente em cima de mim, segurando as minhas mãos. — Me toca em todos os lugares!

Satisfeito por realizar seu desejo, a deitei de costas e me posicionei no meio das suas coxas.

— A gente não vai transar — declarei, arrastando as palavras e colocando sua coxa em volta da minha cintura. O movimento fez nossos corpos se alinharem do jeito mais primal de todos, e nós dois gememos de prazer. — Só vamos nos tocar.

— Tudo bem, o que você quiser — Liz disse, enfiando as unhas nas minhas costas. — Mas não para.

— Está me sentindo?

— Estou, Hugh.

— Esse é o tanto que eu te quero.

— Sério?

O álcool correndo pelo meu sangue me permitiu ficar dolorosamente vulnerável com ela.

— Quero entrar em você.

— Também quero isso.

— Só estou esperando — admiti, tensionando contra ela. — A gente combinou de esperar você fazer dezesseis.

— Acho que não aguento esperar tanto tempo, Hugh.

Eu também não.

Tremendo, cobri seus seios com as mãos ao mesmo tempo que cobri seus lábios com os meus. Meu Deus, a Liz era perfeita.

Bêbado ou não, eu ainda tinha capacidade mental de saber que aquela garota era meu mundo todinho e que, se fizesse algo para o qual ela não estivesse pronta, eu sinceramente não conseguiria me perdoar.

Não esquecia o que aquele canalha fez com a irmã dela, e acho que o uísque do vovô finalmente me fez reconhecer que

esse era o motivo por trás das minhas reservas.

— Tudo bem — Liz me encorajou, parecendo ouvir meus pensamentos enquanto empurrava minha cabeça para baixo. — Eu *quero* que você me toque.

Deixei um caminho de beijos entre sua boca e seu pescoço e fui descendo pelo seu corpo até minha língua circular seu mamilo durinho.

— Isso. — Ela suspirou e agarrou meu cabelo. — Não para.

Obediente, usei meus lábios, meus dedos e minha língua para me familiarizar com essa parte antes proibida do seu corpo.

— Acho que podia rolar — ela gemeu, se empurrando para o meu rosto. — Acho que podia rolar, Hugh.

— E você está ok com isso?

Assentindo vigorosamente, ela fechou os olhos e se contorceu debaixo de mim.

— Preciso de mais. — Então minha namorada segurou minha mão e a colocou entre as pernas. — *Aqui*.

Puta merda, eu estava aprendendo na prática aquela noite!

Me apoiei no cotovelo e olhei para o seu rosto corado enquanto meus dedos traçavam o tecido rendado entre as suas pernas.

— Tudo bem eu te tocar aí mesmo?

— Se você não me tocar, acho que vou gritar — ela disse, rebolando na minha mão. — Por favor, me toca.

Antes que eu mudasse de ideia, deslizei a mão para dentro da sua calcinha e passei o dedo levemente para cima e para baixo antes de enfiá-lo nela.

— Pode se mexer dentro de mim — ela instruiu, arfando. — Dobra o dedo... hum, isso, assim.

— Assim está bom?

— Isso, isso, por favor — ela disse, esfregando os quadris sem

parar contra meus dedos. — Continua, Hugh. Por favor, por favor! Me faz melhorar.

Me faz melhorar?

Era um comentário bem estranho de se fazer no calor da paixão, mas eu estava bêbado demais e perdido demais no momento para me importar. Dominado pelo desejo, só conseguia saborear como ela era apertada, quente e molhada.

— Me diz o que fazer agora — sussurrei, inseguro, porque aquele era o corpo dela e eu não tinha ideia do que estava fazendo. — O que devo fazer?

— Mais! — ela pediu, tremendo. — Mais!

— Mais dedos?

— Sim. — Com o rosto vermelho e desesperado, Liz se esfregou em mim enquanto eu enfiava com delicadeza outro dedo dentro dela.

— Tudo bem assim? — perguntei alguns segundos depois, quando ela começou a se contrair em torno dos meus dedos. — Liz, você está bem?

Ela não respondeu com palavras, só com gemidos e sussurros, e então começou a tremer violentamente e revirou os olhos.

Ficou assim por vários segundos até seu corpo inteiro amolecer.

— Uau! — ela disse, conforme um sorrisinho se espalhava pelo seu rosto. — Isso foi incrível.

Todo orgulhoso, tirei os dedos devagar e sorri.

— Olha só esse sorrisinho — ela brincou, apertando a minha bochecha. — Você tá que nem pinto no lixo. Não que eu seja o lixo. Ah, foi mal, comparação ruim.

21 de dezembro de 2002

Tubarão cheirando sangue

HUGH

Meu avô podia ser muitas coisas, menos dedo-duro. Ele não apenas conseguiu convencer o Velho Murphy a ficar de boca fechada sobre o que rolou no meu aniversário, como também assumiu a culpa pela enorme mancha de vinho no tapete branco da minha mãe na sala de estar, que não saiu por nada. E só Deus sabe o quanto a gente esfregou aquele maldito tapete.

Em geral, minha primeira incursão na devassidão juvenil foi um sucesso estrondoso, exceto por um problema gritante. Naquele meu estado ébrio, levei minha namorada para a cama e a toquei em lugares em que não devia tocar.

Quando acordei na manhã seguinte e a encontrei na minha cama, quase tive um infarto. A única coisa que me impediu de ter um ataque de pânico foi o fato de *ainda* estarmos de roupa íntima.

Liz, por outro lado, reagiu de um jeito muito mais positivo às nossas travessuras bêbadas e passou a intensificar a tensão no nosso relacionamento a partir daí.

Claramente, percebeu minha força de vontade se esvaindo rápido e ficou me cercando feito um tubarão.

— É melhor nadar como nunca, Biggs — ela brincou enquanto estávamos na piscina no primeiro sábado do recesso de Natal. — Porque vou te pegar.

— Não, não, não — falei em meio às gargalhadas, me jogando para trás em uma tentativa inútil de evitar a bruxinha que tinha desaparecido debaixo da água. — Não ouse, Lizzie Young — gritei, mas era tarde demais. Ela segurou meu short com firmeza e os abaixou com tudo até os joelhos.

Quando sua cabeça ressurgiu, ela estava sorrindo maliciosamente.

— Te avisei.

— Você é um perigo, hein? — eu disse, rindo e colocando o short de volta, nadando para longe antes que ela me pegasse de novo.

— Caramba, Hugh — ela reclamou, tentando inutilmente me alcançar. — Parece até que metade dos seus genes veio de uma sereia.

— Ou de um tubarão — falei por cima do ombro.

— Nah, você é bonito demais pra ser um tubarão. Você é definitivamente meio sereio.

— Não tenha tanta certeza — eu disse, mergulhando fundo e mirando nas suas pernas.

Coloquei a cabeça entre as suas coxas e me levantei, erguendo-a nos ombros.

Liz deu gritinhos de alegria, se equilibrando um pouco sem jeito e então caindo de costas junto comigo.

Quando emergimos de novo, nossos membros eram um emaranhado só.

— Você está parecendo o Simba caindo na água, no filme — comentei, rindo e apontando para as mechas de cabelo molhado no seu rosto.

Ela também deu risada, segurou a minha nuca e me puxou

para perto antes de cuspir água em mim.

— Que fofa! — falei enquanto a Liz morria de rir. — Cuspe da minha namorada. — Limpei a boca. — Bem o que eu queria de Natal.

— Por que a gente não vai pra sauna pra eu te dar seu presente de verdade? — ela ronronou, abraçando meu pescoço. — É um presente bem exclusivo — continuou me provocando, envolvendo minha cintura com as pernas. — E nós dois vamos curtir a parte de desembrulhar a coisa.

— Mantém esses seus dedinhos safados longe! — avisei ao sentir sua mão deslizando para dentro da minha sunga. — Liz, *por favor* — grunhi quando ela agarrou minha bunda com força. — Você está me matando.

— Não tanto quanto você está me matando — ela sussurrou, me beijando e saboreando a minha língua.

Puta que pariu, aquela garota era de outro mundo!

— Sei o que está tentando fazer — grunhi, me sentindo virar pedra. — E não vai funcionar.

— Vai, sim — ela respondeu baixinho. — Porque é como você disse: meu lugar é com você. — Agarrou minha bunda de novo antes de acrescentar: — E o seu lugar é dentro de mim.

— Meu Deus, Liz — grunhi, sem conseguir amenizar a pressão que eu sentia tanto no coração quanto no short. — Você não pode falar essas coisas.

— Por que não? — ela ronronou, rebolando no meu quadril enquanto eu a segurava na água. — E não me chama de Liz. Me chama de baby.

— Tá bom.

— Chama.

— Baby.

— De novo.

— Baby.

— Hum... — ela gemeu de satisfação, voltando a provocar a minha língua.

Será que alguém poderia ser preso por beijar na piscina? Eu teria que pesquisar. Porque a forma como a língua dela massageava a minha, com tanta delicadeza e erotismo, mas em um ambiente tão público, parecia ilegal.

Quando pensei que estava me afogando no beijo, ela afastou a boca da minha e sussurrou:

— Tenho pensamentos sujos, Hugh. — Pressionando os lábios na minha orelha, Liz passou a língua nela e acrescentou: — Desejos imundos.

— Não se preocupa. — Suspirei ao sentir seus dentes no meu pescoço. — Eu também tenho.

— Você se toca pensando em mim? — ela sussurrou no meu ouvido, me deixando perplexo. — Porque eu sim. — Sua língua estava na minha orelha de novo. — Enfio os dedos dentro da minha calcinha e finjo que é você dentro de mim.

— Caralho!

— É o que quero sentir — ela continuou me atormentando. — Isso é ruim? — Ela tremeu nos meus braços. — Sou uma pessoa ruim por desejar essas coisas?

— Claro que não — respondi, forçando-a a olhar para mim e reconhecendo na mesma hora a insegurança nos seus olhos azul-claros. — Você só está com tesão. — *Que nem eu*.

— Os médicos vivem me perguntando sobre isso. Sempre que tenho alguma consulta, perguntam disso.

— Disso o quê? — Franzi a testa. — Do seu tesão?

A Liz assentiu devagar.

— Pelo visto, pode ser um sinal.

— Do quê?

— De um episódio. — Ela engoliu em seco. — Pode ser comum em adolescentes bipolares.

— Acho que sentir tesão é comum em todos os adolescentes, Liz — falei, tentando acalmá-la. — Bipolares ou não.

— Não quero que aconteça de novo, Hugh — ela confessou suavemente, baixando a cabeça. — O que aconteceu no verão passado. — Outro tremor percorreu seu corpo e ela respirou fundo. — Só quero ser normal.

— O que já te falei sobre ser normal? — perguntei, determinado a bancar o corajoso, apesar do meu coração estar se partindo por dentro. — Hein?

— Que isso não existe.

— Exatamente. — Rocei o nariz no seu, dei um beijo em cada uma das suas bochechas e depois nos seus lábios. — E o que quer que seja isso... — Recuei para encará-la. — O que quer que a gente tenha construído, com a sua mente e a minha, é *tudo* o que eu quero.

25 de dezembro de 2002

Os dias sombrios não acabaram

LIZZIE

A gritaria dos meus pais se intensificou a ponto de eu ficar feliz por morarmos em uma casa tão grande. Se os vizinhos morassem mais perto, a Gardaí certamente estaria na nossa porta.

Entorpecida, me sentei no chão com as costas na porta e fiquei ouvindo as acusações sendo atiradas de um para o outro no corredor.

Nada do que eles diziam era novidade para mim. Eu já tinha ouvido aquela mesma briga centenas de vezes antes, mas o Natal sempre trazia o pior dos meus pais. Porque trazia a dor.

Me sentar à mesa para o jantar de Natal com a cadeira da minha irmã vazia era um lembrete gritante de que nunca mais seríamos uma família.

Não importava quão bem as coisas corressem ou o quanto eu me esforçasse.

Eu nunca seria o suficiente para que eles fossem felizes.

Eu nunca seria o suficiente para o meu pai.

14 de janeiro de 2003

Tomando coragem

LIZZIE

— Ora, ora, se não são os famosos cinco reunidos na minha cozinha! — Sinead falou com um tom alegre ao entrar na cozinha na sexta-feira à noite. — Não que eu não ame as suas carinhas felizes, mas não tem outra cozinha que vocês gostariam de visitar, pra variar um pouquinho?

Todos ficamos olhando para ela sem entender.

— Não? Então está bem. — Ela colocou uma sacola cheia de compras do mercado no balcão e voltou a atenção para a mesa. — A gente vai ter que ter aquela conversa, gente?

— Não — Hugh grunhiu, enterrando o rosto no meu pescoço.

— Não se sente na mesa, Gibs, meu bem — Sinead pediu, e logo depois acrescentando: — Querida filha, por favor, não lambe o mel da toalha de mesa. E não, isso não quer dizer que você pode enfiar o dedo na jarra, minha pequena selvagem.

— Pode deixar, Sinead. — Thor desceu da mesa, foi até onde ela estava e, na maior cara de pau, começou a vasculhar as sacolas de compras em busca de guloseimas. Enquanto isso, o Patrick, ligeiro, já estava escondendo as baquetas debaixo da

mesa.

— Ah, obrigada, Patrick, querido — Sinead falou com uma voz satisfeita. — Mas no futuro, por favor, evita usar minha mesa de carvalho maciço como tambor pras suas baquetas.

— Desculpa, Sinead — ele disse com o rosto vermelho enquanto Claire grunhia algo sobre a regra dos três segundos.

A mulher se voltou para o outro lado da mesa e, quando seus olhos castanhos calorosos se cravaram nos meus, franziu a testa.

— Lizzie, querida, apesar de eu ter certeza que o colo do meu filho adolescente cheio de hormônios é confortável, o que sobrou dos meus nervos vai ficar muito mais tranquilo se você se sentar em uma cadeira.

— Me desculpa, Sinead... — murmurei, me acomodando depressa na cadeira ao lado do Hugh conforme ele grunhia algo ininteligível baixinho.

— E aí, qual o plano pra essa noite, crianças? — Ela empurrou Thor para fora do caminho com o quadril e começou a guardar as compras, arrancando com habilidade pacotes de salgadinhos e barras de chocolate das mãos gulosas dele enquanto se movimentava. — Alguma coisa legal em mente?

Os outros logo se engajaram na conversa com Sinead Biggs, mas eu fiquei em silêncio, observando os arredores.

Querendo sufocar com automutilação minha frustração diante da presença *dele*, coloquei as mãos discretamente no colo, embaixo da mesa, e usei as unhas compridas para aplacar uma coceira que eu sabia que nunca passaria completamente.

Inquieta, mordi a parte interna da bochecha até sentir o gosto familiar de ferro.

O alívio me invadiu.

Fiquei quase eufórica.

Porque a dor enfraquecia a fúria na minha mente.

Era como eu tinha aprendido a viver.

Enterrando tudo.

Nessa hora, uma mão grande pousou em cima da minha.

O toque do meu namorado era gentil mas firme, e quando ele separou minhas unhas da pele que elas estavam rasgando, não pude fazer nada.

Hugh pegou minhas mãos entre as suas, entrelaçou nossos dedos e descansou as mãos no seu colo.

Com o coração acelerado, prendi o fôlego por um longo tempo, tanto me deleitando com a sensação da sua pele na minha quanto temendo sua reação ao meu erro.

Quando tomei coragem de olhar para ele, seus olhos estavam voltados para baixo, para as suas pernas. Hugh estava com a testa franzida, estudando metodicamente cada centímetro de pele da minha mão.

Meus olhos o absorveram, fazendo o resto do mundo desaparecer e se aquietar. Seus dedos bronzeados, bem mais compridos que os meus, correram pela minha pele, enviando faíscas de vida de volta para o meu corpo. Seu polegar percorreu cada uma das minhas juntas antes de passar para o meu pulso.

Assustada, tentei afastar a mão, mas Hugh se manteve inflexível. Ele a virou e seguiu em frente na missão de me matar com seu toque, passando o dedo pelas bordas irregulares de cada cicatriz que deixei na minha carne. Não vacilou nem recuou. Pelo contrário, tocou minha pele com uma reverência inigualável. Nem em cem mil vidas.

Foi assim que eu soube que nunca superaria aquele garoto.

Pelo resto da minha vida e o que quer que viesse depois — fosse o céu, o inferno, o purgatório ou mil reencarnações —, meu coração bateria eternamente por Hugh Biggs.

Também foi assim que encontrei forças para estar ali, na casa dele, suportando a companhia desconfortável de um garoto que fazia minha pele se arrepiar e as vozes na minha cabeça ficarem mais altas.

Eu estava fazendo aquilo pelo *Hugh*.

15 de abril de 2003

Você é minha baby

LIZZIE

— Certo, terminei — Hugh declarou três horas depois de uma sessão intensa de estudos durante o recesso de Páscoa. Fechou o livro no colo, o atirou na cama com todos os outros e se recostou no travesseiro. — Oficialmente, decorei cada palavra do programa.

— Calma lá, carinha. — Girei a cadeira para encará-lo e arqueei a sobrancelha, desafiando-o. — Diga o nome de um gás que a minhoca produz durante a respiração.

Ele revirou os olhos.

— Dióxido de carbono.

— Qual é o nome químico do mármore?

Revirou os olhos outra vez.

— Carbonato de cálcio.

— Diga o nome dos dois produtos que se formam quando o sódio reage com a água.

— Hidróxido de sódio. — Hugh amassou um papel e jogou a bolinha em mim. — E gás hidrogênio.

— Agora explique a refração da luz — falei, rindo e desviando do míssil no ar.

— É a curvatura da luz quando passa de um meio para outro — ele disse, entediado. — Podemos fazer outra coisa agora?

— Não. — Balancei a cabeça. — Não até você listar os primeiros trinta elementos da tabela periódica.

— Sério? — ele grunhiu, impaciente. — Faço isso dormindo.

Eu sabia que era verdade, mas sua habilidade de reter e falar as informações me fascinava.

— Ei, é você que vai fazer o junior cert em junho — comentei, erguendo as mãos. — Só estou tentando ser uma namorada útil.

— Nesse caso, fica à vontade — ele disse com um sorrisinho, dando tapinhas no colchão. — Sempre posso me atualizar na biologia humana.

Meu corpo ardeu quando ele falou isso, porque eu sabia do que ele estava falando. Algo tinha claramente mudado entre nós aquele dia na biblioteca, porque o Hugh não tinha apenas deixado de pisar no freio, como agora estava tomando a *iniciativa*.

— Você tem ideia do quanto é gato? — perguntei, encantada por aquele garoto. — Sério, você é o nerd mais sexy que existe.

— Está *me* chamando de nerd? — Ele desceu da cama e disparou para mim sem camisa e com um short de cintura baixa. — Você é mais rata de biblioteca que eu.

— Verdade — falei, secando sua barriga tanquinho. — Mas não me importo tanto com a escola quanto você.

— Porque você é rebelde. — Um tremor me percorreu quando o Hugh colocou as mãos nos braços da minha poltrona e se inclinou para frente, me encurralando. — Não é?

— Talvez — respondi com o coração disparado. Minhas pernas se abriam por vontade própria, e o Hugh se aninhava entre elas. — Mas sou a sua rebelde.

— Não. — Seus lábios roçaram os meus. — Você é a minha

baby.

31 de maio de 2003

Criado para ser um cavalheiro

HUGH

Os exames do junior cert seriam na semana seguinte, e em vez de estar revisando a matéria como eu *deveria*, eu estava lidando com duas pestinhas loiras.

— Usa uma cola — Liz falou da minha cama, engolindo mais do que a sua parte do nosso saco de pipoca de micro-ondas. — Vamos, Hugh — reclamou, apontando para a televisão. Eu estava tentando jogar GTA. — Você nunca vai ganhar da polícia só com três estrelas.

— Quer apostar? — murmurei, apertando o controle furiosamente e dirigindo pelas ruas de Vice City feito um maluco. — Fica olhando. — Assim que as palavras saíram da minha boca, três policiais furtivos bateram no meu carro.

— Ahá! Te falei. — Toda metida, a Liz enfiou uma pipoca na boca. — Você devia ter me ouvido, Biggs.

Esse lado brincalhão da Liz era raro e fantástico, porque a vida tinha endurecido a minha namorada. Mas, naquela noite, ela estava exalando jovialidade. Parecia *feliz*.

— Como você faz pra ser tão perfeita? — Claire grunhiu, cutucando a barriga da amiga. — Você come feito um

troglodita e continua com essa barriga sequinha.

— Do que está falando? — Liz perguntou, dando risada e atirando uma pipoca na cabeça da minha irmã, que ficou presa no meio dos cachos. — Você que é perfeita com esses seus quadris de Shakira.

— Danço todos os dias pra manter esses quadris em forma. Já você pode comer o que quiser e ainda bancar a top model.

— Ah, fala sério — minha namorada retrucou, totalmente desinteressada em se engajar naquela conversa de garotas inseguras. — Essa é a maior merda que já ouvi.

Sorri para mim mesmo e continuei apertando o controle.

Essa é a minha garota.

— Você sabe que é a maior gata, Claire, então pode parar de falar besteira só pra ganhar uns elogios.

— Não, *eu* sou fofa e encantadora. *Você* que é gata.

— Isso mesmo — me intrometi, fazendo a Liz dar risada e a Claire resmungar.

— Aff, Hugh — ela protestou. — Estou bem aqui.

Dei de ombros sem o menor remorso, voltando a atenção para o jogo. Já era ruim o suficiente não poder segurar a mão da minha namorada quando minha irmã estava perto para evitar um chilique dela, só faltava não poder nem a elogiar. Porque, apesar da Claire ter relaxado um pouco com o nosso namoro nos últimos meses, a Liz ainda se recusava a demonstrar afeto publicamente. Sério, a situação era tão grave que ela nem dava a mão para mim na escola, muito menos me beijava. A gente também não almoçava junto, mas isso tinha mais a ver com as minhas companhias na mesa do rúgbi do que com a minha irmã.

Mas a Claire estava correta na sua avaliação sobre a Liz.

Ela era uma tremenda gata.

— Ok, chega de ficar nesse quarto fedorento de *menino* —

Claire declarou. — Ela se levantou, pegou a mão da minha namorada e a ergueu. — Temos que nos preparar pra noite de filmes.

— Tá bom, tá bom — a Liz disse, dando risada. — Estou indo.

— Divirtam-se — falei, esticando o pescoço para ganhar um beijo, mas ganhando um tapinha na cabeça.

Valeu, Claire.

Mais tarde aquela noite, quando minha mãe me chamou na sala de estar dizendo que íamos assistir à adaptação cinematográfica do seu livro favorito, eu deveria ter percebido a armadilha. Em vez de apertar o play em *Apaixonando-se por uma dançarina*, assim que me juntei a ela no sofá, ela se virou para mim e disse:

— Precisamos conversar.

— Sobre o quê?

— Você e Lizzie — falou, colocando os óculos de leitura no colo. — Você está fazendo coisas com ela?

Ah, merda!

Lá vamos nós.

— Sim, mãe, estou fazendo coisas com ela — respondi, sem nem tentar negar. De que adiantaria? Até um cego poderia ver que eu estava caidinho pela garota. — Estou com ela, né?

— E o que você quer dizer com isso, mais especificamente? — ela perguntou.

— Significa que eu sou dela e ela é minha.

— Em que contexto, Hugh?

— Em todos os contextos, mãe.

— Estou querendo mais informações sobre a parte física, filho.

Eu sabia o que ela queria, e estava tentando

desesperadamente mudar o rumo da conversa para *longe* daquela informação.

— A Liz é mais nova que você, Hugh. Vocês *dois* são muito *novos*.

— Só temos oito meses de diferença — eu disse, enrijecendo a postura. — E estou ciente das nossas idades, mãe.

— Então você também está ciente de que é novo demais pra ter relações íntimas.

— Defina relações íntimas.

— Intimidade sexual, Hugh.

— Não estamos fazendo nada *disso* — declarei, me mexendo, desconfortável. — A gente se beija, mãe. Só isso.

Ela ergueu a sobrancelha, sem acreditar.

— Não mente para mim.

Ah, merda!

Ah, merda!

— Nós dois somos virgens — falei, com as mãos suando. — E pretendemos continuar assim por um bom tempo.

Seus olhos castanhos se fixaram nos meus, claramente me avaliando, e então ela respirou fundo.

— Fico aliviada, filho, porque te criei pra ser um cavalheiro.

— Sim. Estou sendo, mãe.

8 de junho de 2003

Passeios de aniversário na praia

LIZZIE

A gente não morava longe da praia, que ficava a apenas vinte minutos de viagem, e organizar o transporte até lá era fácil nos dias de sol. Minha mãe nos deixou lá de manhã, e o Hugh e eu passamos o dia todo nadando no mar, explorando piscinas naturais e nos bronzeando preguiçosamente na areia.

Como meu namorado estava atolado com as provas, com uma semana cheia pela frente, e o meu aniversário era no dia seguinte, resolvemos comemorar aquele dia.

— Nem pense nisso — ele avisou aquela tarde quando decidimos dar uma volta pelo penhasco.

— Ah, vamos — insisti, dando um passinho para frente na borda. — Vai ser divertido.

— Verdade, mas você não nada muito bem. — Hugh pegou minha mão e me puxou para trás. — E você está de roupa.

— Roupas podem ser tiradas, Hugh — brinquei, abraçando sua cintura. — Vamos. — Dei um beijo no seu rosto. — Vive um pouco.

— E se você se afogar?

— Como vou me afogar se tenho um salva-vidas particular?

— retruquei, dando uma piscadinha para ele, agitando o pé para fazer minha tornozeleira tilintar. — E um namorado sereio.

— Tubarão, não sereio — ele me corrigiu, e um sorrisinho se espalhou pelo seu rosto. — Você quer mesmo fazer isso?

Fiz que sim vigorosamente.

— Esse pode ser meu presente de aniversário.

— Você já ganhou seu presente — ele disse, gesticulando para o novo pingente de ponto e vírgula na minha tornozeleira.

— E amei — falei, dando um selinho nos seus lábios. — Quase tanto quanto amo você.

— Beleza, beleza, você ganhou — ele declarou, rindo e colocando as mãos na minha cintura. — Vamos nessa.

— Oba!

Hugh me ergueu com facilidade e me instruiu a envolver meus braços e pernas nele, pressionando o peito em mim.

— Não me solta — ele pediu, passando o braço pela minha cintura e dando vários passos para trás. — Está pronta?

— Não vou soltar — falei, animada, enterrando o rosto no seu pescoço. — E, sim, estou pronta.

Hugh disparou na direção do penhasco e lançou nossos corpos lá embaixo.

Gritei de alegria e fechei os olhos, sentindo o vento no rosto. A sensação eletrizante não foi nada do que eu esperava. Foi muito mais, e logo percebi o que tinha perdido todos aqueles anos, sentada na praia, só observando meu namorado dali debaixo.

Quando caímos no mar, a água nos sugou e eu instintivamente comecei a chutar. Na mesma hora, Hugh segurou a minha mão, e então eu estava subindo para a superfície.

— Puta merda! — Hugh berrou quando emergimos. — Está congelante.

Ele tinha razão. A água estava um gelo, mas a adrenalina estava vibrando pelo meu corpo, bombeando uma espécie de energia imprudente.

— Foi incrível! — exclamei, passando o braço pelos ombros largos do meu namorado enquanto ele nadava. — Podemos repetir?

Hugh sorriu.

— Com certeza.

— Caralho, estou congelando — Hugh anunciou quando chegamos ao vestiário que ficava em frente à praia. Ele arrancou a camiseta molhada e ficou pulando de um pé para o outro. — Não estou sentindo minhas bolas.

— Rá! — Sorrindo, desabotoei o meu vestido igualmente molhado e deixei o tecido cair dos meus ombros. — E o que você acha que estou sentindo nos peitos?

— Não faço ideia, mas você está linda. — Hugh virou as costas para mim e empurrou o short e a cueca para baixo, me oferecendo uma visão gloriosa da sua bunda. — Pensei que a água estaria mais quente — ele continuou, dando um passo para o lado para tirar o short. — Afinal, *é* verão.

— E *esta* é a Irlanda — falei, soltando o sutiã. — É melhor não esperar nada quente nem seco.

— Verdade — ele concordou, enrolando uma toalha na cintura. — Posso virar?

— Pode.

Ele gemeu assim que se virou e seus olhos de uísque se fixaram em mim.

— Liz...

Gargalhando, tirei o resto da roupa íntima e fui até o

chuveiro.

— E se alguém entrar? — Contendo um grunhido sofrido, meu namorado pegou uma toalha da nossa bolsa e ficou segurando-a na frente do chuveiro, como se fosse meu guarda-costas. — Você sabe que esses vestiários são unissex.

Ainda rindo, olhei para ele por cima do ombro.

— Não ligo.

— Pois eu ligo.

— Por quê?

— Porque você é minha. — Meu coração disparou. — E de mais ninguém.

Olhei para o meu guarda-costas segurador de toalha e sorri.

— Então me admira.

— Não me tenta.

Dei outra gargalhada e passei o xampu que estava preso na parede.

— Santo Hugh.

— Você levaria um susto se eu entrasse aí — Hugh resmungou, escondendo minhas vergonhas inexistentes com a toalha enquanto desviava o olhar feito um cavalheiro.

— Na verdade, eu adoraria — respondi. — Tem espaço aqui pra dois, sabe?

— Comporte-se.

— Jamais.

Mais tarde, já vestidos e nos empanturrando de sorvete no píer, Hugh olhou para mim e sorriu. Ele estava sentado no muro com as pernas balançando para os lados, e eu estava sentada de pernas cruzadas de frente para ele.

— O que foi? — perguntei, lambendo a casquinha. — Qual a graça?

— Nada. — Ele balançou a cabeça e também deu uma

lambida no sorvete, sem parar de sorrir.

— Claramente tem algo rolando — insisti, imitando seu sorriso. — Me conta.

— Estou feliz, só isso. — Ele deu outra lambida no sorvete e voltou a atenção para a água. — Hoje foi um dia tão legal. — Colocou a mão no meu joelho e suspirou de alegria. — Foi um ótimo dia, baby.

Foi mesmo.

— Eu adoro este lugar — falei, sentindo meu corpo suavizar junto com meu coração. — Com você.

— Eu também, Liz. — Ele apertou meu joelho de leve. — Eu também.

19 de junho de 2003

Férias de verão

HUGH

— É isso — Gibs declarou, chutando a mochila no pátio central do Tommen. — Essas mãos não vão tocar em livro nenhum durante todo o verão.

— Meu Deus. — Revirando os olhos, Johnny atravessou o pátio de paralelepípedos e pegou a mochila, que tinha caído em cima de um canteiro de flores. — O que te falei sobre não danificar as coisas da escola, Gibs?

— Não estou danificando as coisas da escola, Johnny — Gibs retrucou com um sorriso. — Só estou *devolvendo* as coisas pra escola.

— Jogando a mochila nas petúnias?

— Já volto — falei para o meu amigo antes de ir até uma das mesas de piquenique.

Deixei a mochila na mesa, me sentei no banco e liguei o celular. Assim que a tela acendeu, digitei o número que eu tinha decorado, sem paciência para esperar os contatos carregarem, e levei o aparelho ao ouvido. Quando ouvi a voz familiar da minha namorada do outro lado da linha, os pelos da minha nuca se arrepiaram.

— E aí? — ela disse.

Meu Deus do céu, até a voz dela me deixava com tesão.

Sorri.

— Acabou.

— Oba! — ela comemorou. — Qual é o plano? Onde você está?

— Ainda estou na escola com os caras. — Ergui o braço para afrouxar a gravata. — A gente vai encontrar os outros mais tarde antes de ir pra festa.

— Bem, não vai queimar a largada, hein? — ela disse, dando risada. — Porque não estou me produzindo toda pra nada.

— Se produzindo? — Fiquei intrigado. — Quer dizer que a minha namorada está se produzindo toda pra hoje?

— A sua *namorada* está pensando em botar um clonazepam na bebida da sua irmã — ela grunhiu. — Talvez isso a acalme.

— A Claire está pilhada?

— Pilhada é eufemismo, Hugh.

— Ela está pulando sem parar?

— Que nem o Tigrão.

— Ah, merda! — Dei risada. — Bem, não deixa ela chegar perto de uma lâmina. Peguei ela tentando raspar as pernas na pia do banheiro outro dia e foi uma carnificina.

— Não se preocupa com isso, porque a Claire está fissurada em me atormentar pintando um dedo do meu pé de cada vez — ela respondeu em um tom seco. — Então é melhor você estar sóbrio o suficiente pra apreciar minhas unhas.

— Está usando a tornozeleira?

— Sempre.

— Você vai dançar comigo?

— Nunca.

Dei risada.

— É melhor eu voltar.

— Se você precisa — ela disse, suspirando dramaticamente. — Enquanto isso, vou tentar me proteger da sua irmã obcecada por depilação.

— Faz isso. Até mais tarde.

— Te amo.

— Também te amo, Hugh.

Encerrei a ligação e voltei para os caras, mas me deparei com Gibs e Kav discutindo feito um casal de idosos.

— Eles me mantiveram preso por duas semanas, Johnny! — Gibs disse, agitando as mãos freneticamente. — Como se eu fosse um maldito ratinho de laboratório. Então me *desculpa* por não dar a mínima pras preciosas petúnias do jardineiro.

— Quer parar com isso? — o Kav retrucou a caminho da saída da escola. — Você está parecendo um disco quebrado, Gibs.

— Não foi *você* que ficou preso pra fazer as provas — o Gibs disse, irritado. — Já *eu* fui mandado pra uma salinha especial com um homem que só posso descrever como a reencarnação do Smithers pra anotar minhas respostas, junto com aquela orientadora bizarra, a srta. Moore. — Seus olhos cinzentos se arregalaram de indignação. — E ela está *grávida*, Patrick. Você sabe que grávidas me deixam estressado.

— Eu sei, Gibs, e sinto muito por você ter sido obrigado a ficar tão perto de uma grávida — Feely comentou, dando tapinhas nas costas do nosso amigo.

— Mas esse lance da salinha especial foi pra te ajudar — falei.

— Exatamente — Kav concordou. — O escriba estava lá pra te ajudar com a sua dislexia, cara.

— Verdade, e o Smithers, o escriba, *realmente* escreveu todas as respostas — Gibs falou, pensativo, e depois abriu um sorriso malicioso. — Hum... Parece que eu sei quem vai levar a culpa

quando os resultados chegarem em setembro e minha mãe tiver um piripaque por eu ter bombado.

— Calma, Gibs — Feely disse. — Você pode se surpreender com os resultados.

— Cara... — Gibs bufou. — Você não diria isso se visse a cara do Smithers quando falei pra ele o que escrever. — Uma gargalhada lhe escapou. — O coitado estava me implorando com os olhos para que eu *parasse* de falar.

Demos risada e então perguntei:

— Beleza, gente, pra que casa a gente vai pra se arrumar?

— Pra sua — Gibs e Feely responderam ao mesmo tempo.

Enquanto isso, Johnny franziu a testa, confuso.

— Se arrumar pra quê?

— Pra festa na cidade.

— E, antes que você comece com esse papo de "Não posso, tenho treino amanhã", fique sabendo que você *vai* — Gibsie interveio. — Você vai, cap, conforme-se.

— Mas eu não *posso* — Kav disse. — Porque *tenho* treino amanhã.

— Então pode liberar a agenda — Gibs ordenou, passando o braço no seu ombro. — Porque hoje você vai sair com a gente.

19 de junho de 2003

Ele é meu

LIZZIE

Pela primeira vez na vida, fiz um esforço genuíno para me arrumar. Achei que devia essa para o meu namorado por ele ter aguentado incontáveis meses da Liz selvagem. Ele merecia ter a Liz menininha pelo menos por uma noite.

Toda produzida com meu vestido justo de renda sem alça cor de limão, que deixava pouco espaço para a imaginação, eu o esperava na fila do clube de rúgbi. Com o rosto todo maquiado — cortesia da Claire — e o cabelo no meio das costas em cachos soltos, me consolei com o fato de que pelo menos meus pés estariam confortáveis, mesmo que o resto *não* estivesse. Meus fiéis tênis de cano alto, meu único item inegociável, estavam firmes nos pés.

O Ballylaggin RFC seria o palco da festa daquela noite. O evento era totalmente financiado pela nossa escola e pelo clube de rúgbi, com open bar de bebidas sem álcool e uma fila de seguranças para manter a ordem do lugar.

Eu sabia que a ECB estava dando uma festa do outro lado da cidade, no pavilhão da AAG, mas não fomos para lá. Avisadas pelos nossos professores e pais para ficarmos longe "daquele

tipo de garotos", fomos aconselhadas a ficar com os meninos da nossa escola. Os bonzinhos, os *promissores*, com carteiras infladas e egos ainda mais inflados.

Que piada!

Não sei como consegui levantar da cama de manhã, quanto mais arranjar forças para aguentar quatro horas de emperiquitamento com a Claire, mas enquanto esperávamos ali, cercadas por centenas de adolescentes, eu tinha que admitir que estávamos poderosas.

— Mal posso esperar pra entrar — Claire falou, saltitando de empolgação com seu vestido rosa de couro que escondia apenas o suficiente para que seu irmão não surtasse quando a visse. — Estou tão animada!

— Pois é, Claire, dá pra perceber.

— Você acha que os meninos estão vindo?

— Vai saber? — falei, dando de ombros. — Eles passaram a noite toda bebendo. Eu não ficaria surpresa se estivessem desmaiados em algum canto por aí.

— Bem, o Gerard com certeza vem — ela disse, confiante. — Ele prometeu que dançaria comigo.

Aguentei firme pelo bem da nossa noite e engoli a dor e a resposta que eu queria dar, me obrigando a sorrir.

— Se você está dizendo.

— Vou pegar o Danny Callaghan hoje — Shelly, uma das meninas do nosso ano, declarou. — Ele me escreveu ontem à noite. — A garota se aproximou com seus saltos altíssimos, uma saia de babados preta e uma blusinha rosa de decote halter e abriu um sorriso radiante. — Ele é tão gato!

— Eca! — Claire falou discretamente, franzindo o nariz, enquanto eu fingia vomitar.

— Acho que o Robbie Mac quer ficar comigo — Helen, outra menina do nosso ano e fiel parceira da Shelly, falou, ao lado da

amiga. — Ele me escreveu uma hora atrás.

— Eu não daria bola pra eles se fosse vocês — Claire avisou. — Esses meninos estão no time de rúgbi do Hughie e são uns galinhas.

— A gente sabe — elas falaram ao mesmo tempo, dando risada.

— Credo!

— Ah, meu Deus, são eles! — Shelly gritou, dando uma cotovelada na Helen e gesticulando para um grupo de adolescentes se aproximando do clube.

Me virei e fiquei olhando para os garotos gigantes até identificar o *meu*. Assim que botei os olhos no Hugh, rindo e brincando com os amigos, foi como se meu corpo inteiro tivesse pegado fogo. De jeans e camisa justa, com o cabelo naquele estilo bagunçado e sexy de sempre, meu namorado estava um gostoso.

— Por que é que os meninos só precisam de uma camisa, um jeans e um gel no cabelo pra ficarem tão gatos? — Helen grunhiu, verbalizando meus pensamentos em voz alta. — Não é justo.

— Ok, agora estou com medo — Shelly comentou, nervosa.

— A gente não precisa beijar ninguém — Claire falou para ela. — Eu não vou pegar ninguém, pelo menos. — Sorrindo, ela acrescentou: — Só vim dançar.

— Ah, merda! — uma das meninas do terceiro ano parada na nossa frente na fila falou. — O Johnny Kavanagh não está com eles.

— E qual a novidade? — outra garota disse. — Ele nunca vem.

— Bem, não sei se o Capitão Fantástico vem, mas o amigo dele vai me pegar mais tarde — uma delas comentou, dando risada.

— O Gibsie? — a primeira perguntou.

— É, o Gibsie — a garota de cabelo escuro confirmou. — Você já viu esse menino sem camiseta? Ele é um gato.

Olhei para a Claire, com uma expressão desolada, e percebi que ela estava ouvindo a conversa.

— Eca... — ela sussurrou de um jeito inocente, me fitando com seus olhos castanhos em busca de ajuda.

— Ignora ela, Claire — falei alto o suficiente para que as garotas me ouvissem. — A única coisa que essa menina vai pegar essa noite é uma gripe.

— Ah, meu Deus — Shelly e Helen grunhiram juntas, se afastando da Claire.

A risada das garotas do terceiro ano silenciaram, e uma delas se virou para olhar feio para mim.

Assim que nos encaramos, o reconhecimento surgiu nos seus olhos azuis.

Ah, *sim*, ela se lembrava de mim.

Nosso encontro na escola, quando ela estava tentando se sentar no colo do meu namorado na aula de irlandês, foi bastante memorável.

— Aff — a morena resmungou, fazendo careta. — Claro que é *você*.

Sorri.

— Oiê!

— Como se sente sendo a maior escrota da escola?

— Vai por mim: você ainda não viu quão escrota eu posso ser — respondi, sem hesitar. — Mas é só botar as mãos naquele garoto que vai descobrir rapidinho.

— Vocês não são donas deles, sabiam?

— Bem, é aí que você está enganada — retruquei, meio que torcendo para que ela fosse um pouco além e fizesse algo estúpido como me empurrar. Eu só precisava de uma desculpa.

Só uma. — A Claire chegou primeiro e escolheu esse cara há um tempão, então por que você não vaza e vai procurar outro babaca infeliz pra meter a língua?

— Vá se foder, sua vaca.

— É melhor ser vaca que puta. Agora dá o fora, *puta*.

— É! — Claire acrescentou, tendo encontrado a voz depois de um pouco de apoio. — Você ouviu o que ela disse. Vaza.

Alguns insultos foram trocados e então os garotos chegaram.

— Como vão, meninas? — Robbie Mac disse, enquanto ele e o resto do time furavam a fila e se juntavam a nós na frente. Claro que ninguém falou nada, pois eram os deuses do rúgbi do Tommen. *Escrotos*.

— Ursinha! — Thor foi direto até minha amiga, passou o braço pelos ombros dela e a puxou para si. — Nossa, você é um colírio pros meus olhos.

Meu desconforto habitual com a presença dele foi substituído por presunção quando vi as garotas com quem estávamos discutindo ficarem verdes de ciúmes.

Toma essa!

— Aí está a minha garota — uma voz familiar sussurrou no meu ouvido, e um arrepio proibido e profundo percorreu meu corpo quando seu peito encostou nas minhas costas.

Olhei para trás e, ao ver meu namorado, soltei um suspiro contente.

— Oi.

Meu Deus, ele estava tão alto! Quando éramos mais novos, costumávamos ter quase a mesma altura. Ele sempre foi um pouquinho mais alto, mas eu achava que podia alcançá-lo. Não mais. Seria impossível, porque seus hormônios levavam a puberdade a sério, e ele tinha ficado bem mais alto que eu.

Hugh me envolveu pela cintura e espalmou a mão na parte inferior da minha barriga. Não me aguentei e relaxei contra

ele, absorvendo o calor do seu corpo no meu. Peguei a mão dele instintivamente, como se tivesse sido programada para responder ao seu toque.

Porque seu toque era bom.

Era seguro.

Era correto.

Quando ele estava comigo, eu enfim me sentia bem de novo. Como se o mundo tivesse voltado ao eixo. Como se a normalidade tivesse retomado e eu pudesse sobreviver. Eu só teria mais uma noite de vida se pudesse vivê-la com ele.

Hugh continuou conversando com os nossos amigos, e eu perdia a noção de tudo o que estava acontecendo, envolvida demais nas minhas emoções para conseguir me concentrar em uma palavra ao nosso redor. De vez em quando, ele dava um beijo no meu ombro, o que só complicava ainda mais as coisas.

Porque eu estava *faminta* por aquele garoto.

19 de junho de 2003

Me leva para as nuvens

LIZZIE

O calor era sufocante dentro do clube, e o DJ era excelente, fazendo mágica com seus equipamentos enquanto luzes estroboscópicas brilhavam sobre nós. A multidão estava enlouquecida, e quase todos do primeiro ao quarto ano estavam presentes. Não havia um centímetro de espaço livre na pista de dança, com os alunos do terceiro ano comemorando a conclusão dos exames e o restante de nós celebrando o início do verão.

Quando "Fly on the Wings Of Love", de Annina, DJ Chucky e XTM, começou a tocar, todo mundo se aglomerou na pista. Revirei os olhos ao perceber quem tinha capturado a atenção da galera.

Thor jogou a camisa para o lado, dançando como se ninguém estivesse olhando e murmurando cada palavra da música para Claire enquanto a seduzia com aquele corpo solto. A dupla era tão impressionante que eu sinceramente não tirava a razão das pessoas em volta, embora jamais fosse admitir isso.

A química deles era inegável e provocava uma tristeza familiar dentro de mim, porque eu sabia que, um dia, a

perderia completamente. Por ora, estava conseguindo lidar com a presença dele na minha vida, mas minha melhor amiga o amava de verdade, e quando enfim oficializassem o namoro, eu a perderia. Apesar de saber que Claire se importava comigo, seus sentimentos por ele superavam em muito os de qualquer outra pessoa em seu mundo, e era apenas uma questão de tempo até que a balança pendesse a favor dele.

Aquilo era excruciante para mim.

Andar na linha.

Não dizer o que eu pensava.

Enterrar a dor.

Tudo estava fervilhando dentro de mim.

Qualquer dia desses, eu ia explodir feito uma bomba.

Eu só torcia para aguentar firme.

— Então é aqui que você anda se escondendo — a voz do Hugh se infiltrou nos meus pensamentos, e senti suas mãos na minha cintura e seu peito nas minhas costas. — Por que você saiu?

Eu tinha fugido do seu grupo de amigos mais cedo. Queria ficar com o meu namorado durante todos os segundos do meu dia, mas ficava desconfortável quando ele estava com o time — mais especificamente, com o Thor — e precisei de um respiro. Além disso, os meninos estavam todos bêbados, e os que não tinham compromisso estavam à caça, trazendo meninas que eu não suportava.

— Só precisava de um ar — respondi, me arrepiando quando seus lábios roçaram minha orelha.

A vontade de me entregar a ele era opressora. Não havia explicação para o que ele fazia comigo, e a pura adoração que eu sentia pelo meu namorado era incompreensível. Hugh parecia me estimular e me acalmar ao mesmo tempo. Não era certinho nem irresponsável. Era o equilíbrio perfeito e sabia

deixar seus méritos e suas conquistas brilharem naturalmente, sem precisar ficar esfregando nada na cara de ninguém.

— Aqui, Hughie! — Luke Casey falou, avançando sobre a multidão para chegar até nós. — É melhor ir lá falar com Gibs, cara, porque ele deixou a sua irmã montar nele como se fosse um cavalinho.

Achei que meu namorado fosse disparar para a rodinha em volta do Thor e da Claire para acabar com aquela palhaçada, mas não foi o que ele fez.

— Não ligo — ele falou para o colega, me virando nos seus braços e segurando meus cabelos. — Estou dançando com a minha garota.

— Ah, não, não, não — eu disse, fitando seu rosto adoravelmente corado. — Você sabe que odeio dançar. — Sorrindo, ergui o braço e fiz carinho no seu rosto. — Você fica tão fofo bêbado!

Porque ele certamente estava bêbado. Seu hálito de álcool era tão forte que poderia até *me* deixar zonza.

— Se você soubesse o que faz comigo, Liz... — Seus olhos estavam mais escuros que o normal, e suas pupilas dilatadas tinham um brilho faminto. Ele agarrou minha bunda, me abraçou com força e me puxou. — Se você soubesse...

Então estávamos no beijando.

Tocamos e apalpamos desajeitadamente todos os lugares que conseguíamos alcançar do outro. Sua língua estava na minha boca, suas mãos no meu corpo, e eu me afogava em mil sensações. Em sentimentos maravilhosos, provocativos e gloriosos que só esse garoto conseguia extrair de mim.

"Take Me to the Clouds Above", do LMC e do U2, havia substituído a música anterior, o que achei apropriado para aquele momento, porque Hugh Biggs poderia me levar para qualquer lugar que eu iria com ele de bom grado.

Aquele garoto era cobiçado no Tommen, pois era um jogador de rúgbi muito valorizado, o melhor fly-half da nossa escola, e eu adorava saber que ele não tirava os olhos de *mim*.

Que *eu* era a garota que não saía da sua mente.

Naquela hora, não me importei se a Claire estava nos vendo ou não.

Naquela hora, eu não estava preocupada com os sentimentos dela ou com o seu desdém.

Estava apaixonada demais.

Sua língua serpenteava, provocando a minha enquanto ele me conduzia para trás devagar. Hugh nem tentou disfarçar o que estávamos fazendo, oferecendo a todos uma amostra grátis e sem censura do que sentia por mim. Ele estava tão perdido no momento que fiquei exultante.

Cambaleei até a *famosa* parede onde todos os casais se pegavam e senti minhas costas baterem no concreto frio logo antes do seu corpo enorme se esmagar contra mim. Se eu pudesse, teria tirado as nossas roupas ali mesmo no salão. Estava desesperada.

Excitada e carente, me esfreguei nele, rebolando, roçando os seios no seu peito, precisando sentir o pau duro dele nas minhas partes.

Foi uma loucura.

Foi puro êxtase.

E eu nunca tinha me sentido *assim*.

23 de agosto de 2003

Verão de amor

HUGH

No instante em que botei os olhos na Lizzie Young lá na primeira série, me senti conectado a ela de um jeito que nunca tinha experimentado com mais ninguém.

Naquela época, eu não entendia essa paixão nem tinha a mínima ideia de quão profundas eram as raízes dos meus sentimentos por aquela garota. Jovem e inexperiente, mergulhei nessa sensação e me apaixonei perdidamente pela garota de olhos tristes e claros.

Ao longo dos anos, fomos ficando cada vez mais próximos e criamos um vínculo que o tempo só aprofundava e intensificava. Quando a Liz concordou em ser minha namorada no verão antes da sexta série, pensei que fosse o auge.

A morte da irmã e os sintomas da bipolaridade, que pioravam com o luto em que ela se afogava, não foram o suficiente para nos separar. Em vez dos problemas nos afastarem, como acontecia com todo mundo, a gente ficou mais próximo. Porque, apesar de se trancar no seu próprio mundo e deixar todos para fora, ela me deu uma chave.

Depois, a puberdade chegou com tudo e fui jogado no Tommen dois anos antes dela, e isso também não foi o suficiente para nos separar. Os caras da escola viviam dizendo que eu enjoaria da Liz e seguiria em frente, mas aconteceu o oposto disso.

Quanto mais velhos ficávamos, mais drasticamente nossos corpos mudavam, e nossos hormônios estavam em fúria. Minha paixão pela garota ficava cada dia mais forte, a ponto de eu mal conseguir me controlar. Eu a desejava *muito*, e como o desejo era recíproco, estava ficando sem energia para pisar no freio durante nossos momentos de intimidade.

Quando eu fizesse dezesseis anos em outubro, começaria a trabalhar meio período como salva-vidas, uma função para a qual Kim, a gerente do centro de lazer do hotel, já havia me recrutado, e não teria tanto tempo livre quanto antes. Por isso, fiz questão de passar cada segundo livre das férias de verão com a Liz.

A expressão "verão do amor" acabou adquirindo um significado totalmente novo aquelas férias, e a Liz e eu estávamos perigosamente perto de um ponto sem volta.

Naquele verão, aprendi mais sobre a anatomia feminina do que, em quase dezesseis anos de vida, e, puta merda, eu tinha uma professora maravilhosa. Eu era oito meses mais velho que a Liz, mas ela assumiu a liderança na cama e me deu xeque-mate todas as vezes.

Como eu era competitivo e sempre queria ter sucesso em tudo na vida, toda vez que a gente se pegava, eu decorava cada um dos seus comandos lascivos e suas instruções sussurradas, determinado não apenas a dominar a arte da sedução, mas também a me tornar excelente nela.

A Liz não tinha vergonha de me dizer o que funcionava e o que não funcionava para ela, e eu ficava grato pela sua

honestidade, porque quem mais iria me falar essas coisas? Era a única garota com quem eu já tinha ficado ou pretendia ficar, e era importante *saber* agradá-la.

Feely vivia reclamando da minha sede insaciável por conhecimento, da minha atenção metódica aos detalhes e da minha quase obsessão para alcançar a excelência em todas as áreas da minha vida — palavras dele, não minhas —, mas minha namorada não reclamava disso.

Pelo contrário, em vez de criticar minhas tendências perfeccionistas, como o Feely e os outros caras, a Liz me incentivava com todo o coração e me enchia de elogios sempre que eu alcançava um novo patamar e conquistava uma nova habilidade.

Se minha mãe soubesse de um décimo das coisas que a Liz e eu aprontamos aquele verão, teria me trancado no quarto até eu completar dezoito anos. E se o Mike sequer sonhasse com as partes da filha que beijei e toquei, bem... era melhor eu começar a cavar a minha cova.

Juro por Deus que nossa virgindade estava por um fio, e a grande ideia da Liz da gente "experimentar de tudo menos sexo" só fez os dez meses até o seu aniversário de dezesseis anos parecerem dezesseis *anos*.

A festa de fim de verão que aconteceria aquela noite havia sido organizada pelos alunos do sexto ano e seria na casa de um colega de equipe, o Terrance Crean. Os pais dele administravam um centro equestre na propriedade e, *caralho*, que casa chique. Claro, não chegava nem perto da Old Hall House — nenhum lugar chegava perto —, mas o lugar era impressionante e exalava riqueza.

Apesar de estarmos apenas entrando no quarto ano e a festa ser estritamente para alunos do quinto e do sexto anos, nossas

posições no time de rúgbi sênior da escola nos garantiram um convite.

Por conta das políticas e hierarquias escolares idiotas, os caras do time sênior eram quase sempre convidados para as festas e os eventos, junto com suas caras-metades.

Como o Johnny ainda estava de férias no sul da França com os pais e o Feely estava ocupado com a colheita na fazenda, o Gibs e eu estávamos representando o time aquela noite. Infelizmente, ele decidiu levar a demônia cacheada como sua acompanhante, o que não me ajudava em nada a relaxar. Porque a Claire animada junto com o Gibsie animado *e* bêbado só causariam confusão.

— Não acredito que as aulas estão logo ali — Gibsie reclamou, deitado em uma espreguiçadeira no jardim do Crean, virando a bebida da vez: tequila. — Onde foi parar o nosso verão?

— Não se preocupa com o verão, cara — falei da minha espreguiçadeira, bebendo o que devia ser o sétimo copo daquela porcaria verde e esquisita que as meninas do sexto ano chamavam de Sapo Gordo. Além de vodca, eu não fazia ideia do que elas usavam para preparar aquela mistura verde-meleca, mas o sabor era delicioso. E o negócio subia direto para a cabeça. — Se preocupa com a Claire sem supervisão e uma dúzia de cavalos perto.

— Ah, meu Jesus Cristinho! — Gibsie grunhiu, descendo da espreguiçadeira e saindo às pressas. — Falei pra sua irmã ficar longe dos estábulos.

— Vai lá, garanhão — falei por cima do ombro, arrastando as palavras por conta do álcool.

Gargalhando, virei o restante do copo e o deixei no chão. Conhecendo a Claire e o Gibs, eu estava prestes a testemunhar uma fuga ainda maior que a do Tito e do Ossie no filme *No*

limite da inocência.

— Preciso de você — uma voz familiar sussurrou no meu ouvido. — Agora. — Liz se sentou no meu colo, passou o braço no meu pescoço e a língua na minha orelha. — Desesperadamente.

— Nossa, Liz — falei, ficando duro assim que ela encostou a bunda na minha perna. — Assim vou ficar maluco.

— É o que eu quero. — Ela percorreu os lábios pela minha mandíbula, me dando beijinhos sedutores, até sua língua alcançar minha boca. — Pode ficar maluco, baby. — O cheiro de álcool no seu hálito era quase tão forte quanto o meu. — Vem.

Meu Deus do céu.

Aquela garota estava determinada a acabar comigo.

— Você está bêbada.

— Não ligo.

— Eu ligo — eu disse, ou pelo menos era o que a minha versão sóbria pensava. Porque a versão bêbada, ou seja, a versão atual, só queria meter naquela garota e nunca mais tirar. — Baby, não me tenta.

— Pois fique tentado — Liz me incentivou, deslizando os dedos para dentro dos botões da minha camisa. — Me come.

Comer ela?

Caralho.

— Você quer que eu te coma aqui? — falei, esperando que ela percebesse a loucura que tinha insinuado e recobrasse o bom senso. — Quer que a sua primeira vez seja na festa de um estranho?

Ela fez que sim, *claro*. Pior, enlaçou a perna em mim e montou no meu colo.

— Estou te sentindo — ela gemeu nos meus lábios. — Você está duro. — Depois, lambeu minha língua, arqueando o corpo

em mim e rebolando. — Me come.

— A gente não vai transar — falei, pressionando os lábios nos dela enquanto meu pau reclamava. — Antes do seu aniversário, não.

— É o que vamos ver — ela respondeu, segurando meu cabelo e me beijando.

23 de agosto de 2003

Foi por pouco

LIZZIE

Impulsionados por uma mistura letal de álcool e desejo, saímos cambaleando pela casa até encontrar um cômodo vazio. Bêbada demais para me importar com o lavabo do tamanho de um armário, tranquei a porta depressa antes de empurrar meu namorado no assento fechado do vaso sanitário.

— Liz, baby...

— Shhh...

Montei no colo do Hugh de novo e capturei avidamente seus lábios nos meus. Rebolando sem a menor vergonha, puxei sua camisa com força, desesperada para sentir sua pele na minha. A energia que eu sentia dentro de mim quando me esfregava no volume duro da sua calça jeans estava me enlouquecendo.

Hugh levou a mão para trás e afrouxou o nó que prendia minha blusinha com decote halter, e gemi de deleite, abrindo os botões da camisa dele às pressas.

A minha blusa escorregou até a cintura, e Hugh passou habilmente as mãos nos meus seios, acariciando minha pele bem do jeito que eu gostava. Gemi para incentivá-lo quando ele colocou o meu mamilo entre o indicador e o polegar, sem

parar de acariciar o outro. Aquilo era demais. As sensações que meu namorado provocava no meu corpo excediam todos os sonhos safados que eu tinha com ele.

Então Hugh me apertou mais, com mais força, e gemi na sua boca para que ele continuasse.

— Não para.

Meu namorado me obedeceu, usando os dedos e a língua na minha boca e nos meus seios, pressionando sua ereção na minha virilha.

Suspirei quando sua mão foi descendo e desapareceu entre as minhas pernas. Contente por ter seguido o conselho da Claire, segurei a saia que ela me convenceu a colocar e a puxei para cima, até a cintura. Eu queria dar ao meu namorado acesso irrestrito ao meu corpo e me mexi para afastar a calcinha, mas ele chegou lá primeiro.

— Caralho! — falei ao sentir seus dedos em mim, me provocando da forma como ele tinha aprendido a fazer aquele verão. — Por favor...

— Shhh... — Ele pôs os lábios em mim outra vez, penetrando dois dedos e movendo-os gentilmente.

Hugh deu um tempo ao meu corpo para se acostumar com aquela invasão bem-vinda e foi devagar, sem pressa, até alcançar um ritmo tão intenso que ameaçava me levar ao limite.

Desesperada para retribuir, coloquei a mão na sua calça desajeitadamente para soltar o botão e abrir o zíper do jeans e libertá-lo.

Puta merda!

Ele era tão grande, grosso e duro!

Morrendo de tesão e apaixonada, segurei seu pau e movi a mão para cima e para baixo.

Seus dedos pararam de se mexer, e um grunhido delicioso fez

seus lábios vibrarem.

Cada movimento dele fazia meu corpo estremecer e se contorcer de prazer. Eu rebolava implacavelmente na sua mão, louca para alcançar meu limite.

— Isso, baby — ele me incentivou, ainda com os lábios nos meus, dobrando o dedo e enfiando mais fundo, mais rápido e mais forte, enquanto eu trabalhava nele com a mesma velocidade e a mesma intensidade.

— Ah, meu Deus — falei, afastando os lábios quando meu corpo chegou perigosamente perto do ápice. — Ah... meu Deus... Hugh! Ah, puta m...

Hugh engoliu meus gritos outra vez, envolvendo minha cintura para me segurar no lugar, me comendo com os dedos até eu me perder.

Eu ia gozar na mão dele. Eu sabia. Sentia o prazer familiar crescendo dentro de mim, ameaçando chegar ao clímax e me dominar. Ele percebeu meu corpo se contraindo e aumentou ainda mais o ritmo.

— Vou gozar — gemi nos seus lábios. — Vou gozar. — Com as pálpebras tremendo, mantive os olhos cravados nele enquanto o prazer me consumia.

— Isso! — ele me incentivou, grunhindo na minha boca.

— Meu Deus... — Me balançando e vibrando sem parar, surfei naquela onda descaradamente, arrancando dele o que eu precisava e o que ele me oferecia de boa vontade. — Por favor — implorei, retomando o trabalho interrompido pelo orgasmo, avançando sobre ele. — Me come.

— Isso é uma péssima ideia — Hugh grunhiu enterrando o rosto no meu pescoço e com a calça e a cueca na metade do quadril.

Com a respiração entrecortada e acelerada, olhei para baixo e gemi quando vi a cabeça brilhante do seu pau enorme. Era

longo, grosso, duro, e eu só conseguia pensar em sentar nele, precisava senti-lo dentro do meu corpo, precisava que Hugh me pegasse de jeito. Aquele garoto tinha que tomar meu corpo para si de uma vez por todas. Era a única forma de fazer com que tudo fosse embora. Seu toque era a única coisa que poderia apagar o toque do monstro.

— Camisinha — Hugh sussurrou na minha boca. — Precisamos de camisinha.

— Não. — Balançando a cabeça, eu o segurei com força e me abaixei, roçando minha buceta no seu pau. — Não precisamos.

Com o peito pesado, ele se inclinou para trás e soltou o gemido mais sexy e masculino que eu já tinha ouvido.

— Não vai rolar sem camisinha.

— Ah, tudo bem. — Morrendo de tesão, olhei em volta freneticamente, me afogando de expectativa. — Você tem camisinha na carteira?

— Não — respondeu, genuinamente aturdido. — Não tenho.

— Tudo bem — falei para tranquilizá-lo, batendo uma para ele. — Não precisa.

— Liz, não. — Uma veia saltou no seu pescoço, e Hugh soltou outro som gutural, como se aquela recusa lhe causasse dor. — A gente *não pode*.

— Hugh, não! — quase gritei, precisando senti-lo em mim mais do que eu precisava acordar de manhã. Porque eu morreria feliz naquele instante se fosse para morrer com ele dentro de mim. — *Por favor!*

— Eu quero muito — ele disse, ainda se movendo na minha mão. — Mas não posso fazer isso sem te proteger. — Devagar, ele tirou os dedos de mim e me olhou com uma expressão arrependida. — Me desculpa.

Me sentindo tanto arrasada quanto excitada, engoli a frustração, sabendo que, por mais que aquilo fosse terrível,

para ele estava um milhão de vezes pior. Porque ele já tinha me aliviado, mas eu ainda não tinha feito o mesmo por ele.

— Tudo bem — falei, dando um beijo perto de sua orelha.

O movimento fez meu seio roçar no seu peito, e ele soltou um gemido.

Estimulada pelos sons guturais que ele emitia, deslizei a mão para cima e para baixo no seu pau. Ele gemeu baixinho, fazendo tudo dentro de mim se contrair de novo.

Meu namorado estava em uma posição tão vulnerável embaixo de mim que me senti estranhamente poderosa. Saber que eu provocava essa reação nele era revigorante.

Hugh tinha a capacidade de me dominar fisicamente a qualquer momento que quisesse, assim como o monstro, e não haveria nada que eu pudesse fazer, que nem foi com o monstro. Aquele garoto podia tomar o que quisesse de mim à força, mas eu me sentia segura por saber que ele jamais faria isso.

Ele me encheu com as mesmas coisas que foram retiradas de mim nos meus pesadelos. Em vez de infligir dor, medo e sofrimento como o monstro fez, meu namorado incutiu poder, confiança e respeito em mim.

— Está gostando, baby? — perguntei baixinho, segurando a base do seu pau grosso. — Você gosta quando te toco assim?

Ele respondeu fechando os olhos e assentindo sem força, metendo na minha mão. Depois, umedeceu os lábios e agarrou minha bunda enquanto eu “trabalhava”.

— Isso, baby.

Suas palavras despertaram um desejo pulsante entre as minhas pernas, e acelerei o ritmo, explorando-o implacavelmente e me deleitando com cada gemido sensual, primitivo e masculino que lhe escapava.

Quando todo o seu corpo ficou tenso embaixo de mim, eu

soube que ele estava no limite.

— Tudo bem — falei, acelerando mais ainda quando ele tentou afastar minha mão. — Não fica com vergonha. — Hugh fechou os olhos, e eu lambi seu pescoço. — Goza pra mim.

— Liz... — ele disse, mexendo os quadris sem parar. — Não consigo segurar...

— Não segura — pedi, olhando para o seu pau impressionante. — Pode gozar.

Fiquei observando fascinada a cabeça brilhante do seu pau grosso se contrair algumas vezes antes de liberar um líquido branco e turvo.

— Meu Deus, me desculpa, Liz — ele grunhiu, arfando, enquanto seu corpo poderoso tremia debaixo de mim. — Tentei me conter.

Eu não queria que ele se contivesse.

Eu queria vê-lo fazer isso de novo.

Ofegando, Hugh passou os olhos por mim e, ao se deitar na minha barriga, abafou um gemido.

— Porra, eu não queria te sujar.

— Foi bastante, né? — comentei, olhando para a bagunça. — Você devia estar querendo muito me comer.

— Nossa, Liz, por favor, não fala isso — ele implorou.

Olhei para baixo e logo percebi por quê. Encantada, vi sua semiereção começar a engrossar e crescer de novo.

— Uau!

— Ignora.

— Você quer mais? — Rebolei no seu colo. — Eu também.

— Não. — Ele endireitou a postura. Suas bochechas estavam coradas e seu cabelo estava todo desgrenhado pela força com que o puxei. — Não vai rolar. Não aqui. Não com a gente... — Meu namorado fez uma pausa para gesticular para nós. — A gente sabe o que vai acontecer, e não é assim que eu quero que

seja a nossa primeira vez.

— Como você quer que seja?

— Em uma cama, pra começo de conversa — ele respondeu, passando a mão pelo cabelo bagunçado. — Você merece uma cama, não um banheiro. — Como se tivesse acabado de perceber o que disse, olhou em volta e resmungou. — E nunca mais vou beber esse Sapo... — Carrancudo, ele pegou o papel higiênico pendurado na parede e arrancou um grande pedaço. — Me desculpa mesmo — continuou, nos limpando. — Merda, sujei a sua blusa também. — Ele balançou a cabeça e enxugou minha roupa. — Sou uma desgraça. Juro por Deus, eu não devia ter saído de casa hoje.

— Tive a melhor noite de todas — falei com um sorriso radiante. — Não lembro se já me senti tão feliz assim. — *Provavelmente nunca*. — Te amo, Hugh.

— Também te amo, Liz.

— Não, tipo, eu te amo *mesmo* — repeti, segurando seus ombros largos. — De coração e alma. — Sorri. — De corpo e mente.

Ele ergueu a cabeça, parando de limpar a bagunça que tinha feito, e me olhou bem nos olhos.

— Se alguma coisa acontecesse com você, eu não conseguiria seguir em frente.

Suas palavras solenes me atingiram feito um soco no coração.

Pois foram inesperadas.

Ele costumava ser muito lógico e sensato.

— Estou bem — falei baixinho, sentido uma súbita emoção me dominando. — Nada vai acontecer comigo.

— O que eu sinto por você supera qualquer coisa que o reino do amor possa conjurar — ele disse, com os olhos cheios de algo que eu não conseguia decifrar naquele meu estado de embriaguez.

— Você tem as melhores falas — ronronei, passando o braço em volta do seu pescoço e dando um beijo brincalhão e carinhoso nos seus lábios.

— É bom saber que minha intolerância à vodca te excita — falou, arrastado. — Mas preciso que você saia do meu colo pra eu poder botar esse empolgadinho *aqui* de volta no lugar.

— Ou seja, no meio das minhas pernas?

— Você não está ajudando, Liz. Não está ajudando nada.

Respirando com dificuldade, Hugh baixou a cabeça e a descansou no meu peito.

— O que é que eu estava pensando?

— Você não estava pensando, e eu adorei.

— Não, Liz. — Ele balançou a cabeça e grunhiu. — Eu estava a dois segundos de te comer nesse banheiro. — Meu namorado exalava um arrependimento bêbado. — Me desculpa.

Eu queria chorar.

Queria gritar para que ele não me pedisse desculpa e só continuasse, mas sua expressão me garantia que, por aquela noite, a diversão estava encerrada. Seu corpo estava mandando uma mensagem direta para o meu, e sua consciência precisava acompanhar. Aquilo era bom. Aquilo era *exatamente* o que a gente queria. Percebi que eu queria me revoltar. Percebi minha impaciência me dominando.

— Não quero que você se arrependa de mim, Hugh — eu disse baixinho.

— Nunca — meu namorado prometeu, me abraçando com ternura. — Você é a única parte da minha vida que não consigo planejar. — Ele me beijou na boca. — E a única parte sem a qual não consigo viver.

24 de agosto de 2003

Renegociando a data

HUGH

Quase rolou de novo ontem à noite.

Teria rolado se eu tivesse tido o cuidado de carregar proteção.

Eu nunca tinha comprado camisinha antes, e parte de mim queria adiar essa transação porque, sem camisinha à mão, a gente não poderia continuar. Mas uma parte ainda maior exigia que eu corresse até a farmácia mais próxima, porque, se a Liz tivesse ido mais longe ontem, eu não teria tido forças para impedi-la.

Minha falta de autocontrole em relação à minha namorada era aterrorizante. Era uma brecha gritante na minha armadura.

Ao longo da vida, sempre tomei muito cuidado planejando, me preparando e agindo de maneira responsável em todos os aspectos, então perceber que eu estava disposto a jogar tudo para os ares em um assunto tão sério me deixou bem abalado.

Eu estava prestes a completar dezesseis anos e não sabia por quanto tempo ainda conseguiria bancar o cavalheiro. Eu sabia que deveria agir com respeito, mas toda vez que ela colocava a boca em mim eu sentia minha determinação vacilar mais um centímetro.

— Você acha que eu devia comprar camisinhas? — perguntei para a Liz na tarde do dia seguinte, no meu quarto. Deixei o livro que estava *tentando* ler de lado e olhei para a criatura maravilhosa deitada de barriga para cima, com os braços e a cabeça no meu colo. — Só por precaução?

Liz ergueu os olhos do próprio livro e me encarou.

— Acho que essa é a melhor ideia que você teve o verão todo. — Seu sorriso se alargou. — Se a gente sair agora de bicicleta, conseguimos chegar na farmácia antes de fechar.

— Calma — falei, dando risada e passando a mão nas suas costas. — Eu não estava sugerindo que a gente fosse agora. — Para ser sincero, eu já tinha aceitado que provavelmente não conseguiríamos aguentar até o próximo verão, e o objetivo agora era aguentar até o *meu* aniversário. — O que acha da gente renegociar a data?

— Se for pra mais perto, com certeza — ela respondeu, ficando de joelhos rapidamente.

Ela posicionou minhas pernas entre as suas e ficou de quatro na cama, pairando acima do meu colo.

— O que você está pensando? — Liz perguntou, olhando para mim com aquele brilho familiar nos olhos.

Eu sabia *exatamente* o que aquele brilho e aquelas bochechas coradas significavam.

Que minha força de vontade seria colocada à prova.

— Estou pensando no meu aniversário — falei depressa, instantaneamente duro.

Não havia nada que eu pudesse fazer com a forma como meu corpo reagia ao corpo dela, e fazia tempo que eu tinha parado de me preocupar com isso. Meu corpo respondia ao dela. Era biologia humana básica.

Os olhos da minha namorada arderam de calor enquanto ela se sentava no meu colo.

— Sério?

Assenti devagar e fiquei observando-a com atenção.

— Só se você estiver pronta. Não quero fazer nada que você não queira ou não esteja pronta para fazer.

— Hugh... — Ela me lançou um olhar penetrante. — Faz um tempão que estou pronta, te esperando e te querendo. — Ela deu uma rebolada e enfiou as mãos debaixo da minha camiseta. — Você pode me comer agora mesmo se quiser — brincou. — Que tal?

— No meu aniversário — falei com a voz rouca e minhas mãos indo até seus quadris por vontade própria. — Podemos esperar até lá.

— Podemos?

Eu sabia que ela ia me beijar. Já tinha sentido sua boca na minha um milhão de vezes antes, mas quando cobriu meus lábios com os seus, meu coração reagiu como se fosse a primeira vez.

Ela estava no meu colo, se esfregando, e por um instante entrei em pânico ao perceber que estava morrendo de tesão. Meu corpo estava tão excitado a ponto de eu quase perder o controle.

Meu Deus, eu não conseguia explicar o que aconteceu comigo quando as palavras "Você pode me comer agora mesmo" escaparam da sua boca. Não era a primeira vez que ela me falava isso, mas toda vez uma parte intensa e viril do meu subconsciente acordava mais faminta.

Relaxei nos travesseiros nas minhas costas e acolhi a sensação da sua boca na minha, das suas mãos na minha pele e do seu corpo rebolando em mim. Não havia sensação como aquela, e pela primeira vez na vida, entendi os caras que acabavam virando pais na adolescência.

Porque eu não podia negar o desejo primitivo de reivindicá-

la, de corpo e alma. A vontade forte de colocar um anel no seu dedo e enchê-la de bebês era poderosa. Não era racional e eu não cederia — não até que fôssemos muito mais velhos —, mas, porra, ele estava lá.

Não havia outra pessoa no planeta para quem eu pudesse me entregar como tinha me entregado a ela. A Liz podia fazer o que quisesse comigo, e eu só aceitaria quieto.

Porque estava preso a ela com cola.

30 de agosto de 2003

Verão, saunas e arrepios

LIZZIE

Eu estava ferrada.

Estava dividida entre querer que o verão de 2003 durasse para sempre e desejar que o novo ano letivo chegasse logo.

Por um lado, não queria que o verão acabasse porque estava me divertindo muito com o Hugh. Por outro, voltar à escola significava que nos veríamos quase todos os dias.

Eu estava me afogando tanto nos sentimentos por aquele garoto que queria acelerar minha vida e pular cinco anos de uma vez.

Tínhamos bolado um plano bem detalhado, que consistia em nós dois estudando no Trinity — Hugh faria medicina, e eu, inglês.

A gente alugaria um apartamento pequeno nos arredores da cidade e sobreviveria de torradas com feijão até nos estabelecermos nas nossas carreiras.

O dinheiro seria curto nos primeiros anos, e eu assumiria o papel de provedora principal até que meu namorado conseguisse a residência e o dinheiro de verdade começasse a entrar. A partir daí, o Hugh assumiria o papel de provedor,

enquanto eu me concentraria em escrever meu primeiro romance.

Apesar de não saber quando Hugh me pediria em casamento, concordamos em ter o primeiro dos dois filhos antes dos trinta. Como ambos queríamos ter uma casa antes de formar uma família e como o Hugh insistiu que devíamos nos casar, imaginei que a aliança chegaria em algum momento entre o meu vigésimo terceiro e vigésimo quinto aniversário.

— Você vem? — ele perguntou, me arrancando do meu devaneio.

Estava parado perto da porta da sauna com um sorrisinho.

Eu não tinha dúvidas.

Saí da piscina em tempo recorde, deslizando pelos azulejos na pressa de chegar até meu namorado.

Sorrindo, ele abriu a porta e me puxou para dentro. Assim que entrei, o cheiro de eucalipto encheu meu nariz.

— Ah, meu Deus, que cheiro bom!

— Sabe o que é melhor ainda? — Hugh se sentou no banco de madeira e me puxou para o seu colo. — O cheiro da minha namorada.

Meu sorriso aumentou.

— Ah, é?

— Uhum. — Ele assentiu e roçou os lábios no meu pescoço. — Eu poderia te comer inteirinha.

Eu o abracei e apertei as coxas, sentindo coisas demais por ele.

— Bem que eu queria.

Sua boca ficou imóvel contra minha pulsação vibrante.

— Hã?

Soltando um suspiro trêmulo, repeti:

— Bem que eu queria.

Meu namorado me ajeitou para que eu montasse nele.

— Eu quero.

O tesão me dominou.

— Quer?

— Sim. — Ele assentiu devagar, com os olhos castanhos fixos nos meus. — Quero.

— Pois você pode — falei, tremendo ao senti-lo ficar duro embaixo de mim. — Quando quiser.

— Quero *estar* com você, Liz — admitiu, grunhindo. — Quero muito.

— Você me quer muito? — Rebolei nele, curtindo como segurou minha cintura e respirou fundo. — Quer meter em mim?

— Quero muito — ele disse, me pressionando no seu colo e forçando o corpo para cima.

— Você está duro.

— Eu sei.

— Estou molhada.

— Eu sei.

— Me come.

— Daqui a pouco.

— Não aguento mais esperar.

— A gente pode se tocar — ele sussurrou, correndo os dedos pela minha barriga e minhas coxas. — Se saborear.

— Eu posso?

Ele enrijeceu.

— Você quer?

Fiz que sim.

— Quero muito.

— Caralho.

Me inclinei para a frente e o beijei.

— Você vai acabar comigo, né?

— Você já está acabado — brinquei. — Só vou fazer valer a

pena.

— Estou dentro.

— Não quero dedos — protestei, colocando a mão entre nós. — Quero isso. — Enfiei a mão debaixo da sua cueca e o *agarrei*. — Dentro de mim.

Um suspiro escapou dos seus lábios, e seus quadris se moveram com o meu toque por vontade própria.

— Não faz isso, baby. Vou gozar.

— É o que eu quero. — Em um ritmo lento, deslizei minha mão para cima e para baixo, me deleitando com a maneira como ele se contraía embaixo de mim. — Desiste, Biggs.

— Você é tão boa... nisso — ele falou, com o rosto vermelho e os olhos vibrando. — Meu Deus, não para, por favor.

— Não vou parar — prometi, redobrando meus esforços para levá-lo a um ponto sem volta.

PARTE 18

A espiral descendente

1º de setembro de 2003

Corre o mais rápido que puder

LIZZIE

Era segunda-feira, o primeiro dia de um novo ano letivo, e eu estava entrando em crise.

Tinha que estar.

Os remédios que eu tomava fazia dois anos para ter uma vida relativamente produtiva estavam perdendo o efeito. Era isso ou meu corpo tinha construído alguma espécie de tolerância a eles. Era a única explicação que eu tinha para a situação em que me encontrava.

Passei o verão todo curtindo minha novíssima e maravilhosa habilidade de dormir oito horas seguidas *sem* sonhar. Pensei que enfim estava virando a página. Eu passava mais tempo fora da cama do que nela e chorava menos do que ria.

Meu relacionamento com o Hugh estava se fortalecendo, eu estava socializando mais e até fiz sim com a cabeça quando o Thor me ofereceu um biscoito em julho. Tipo, fui educada, não fiz cara feia nem cerrei os punhos para ele.

O navio da minha vida parecia finalmente ter alcançado águas mais calmas.

Quando acordei para ir para a escola de manhã, estava me

sentindo descansada e relaxada. Escovei os dentes e o cabelo, lavei o rosto e coloquei o uniforme limpinho e novo. Tomei café da manhã e os remédios, e depois peguei o ônibus. Me sentei no banco de sempre, ao lado do meu namorado. Ficamos nos beijando até chegarmos à escola, com os lábios inchados e planos de nos escondermos na biblioteca na hora do almoço.

Depois das seis primeiras aulas, encontrei meu namorado para uma sessão de amassos furtivos no almoço e fui para as três *últimas* aulas com um sorriso enorme no rosto, e o encontrei de novo no ônibus para casa.

No geral, meu primeiro dia de volta às aulas foi o mais próximo do perfeito que eu já tinha experimentado.

Então por que é que, ao atravessar os portões de casa depois de me sentir tão bem em anos, eu estava alucinando?

Por que é que, quando as coisas *finalmente* pareciam estar indo bem, tive a experiência extracorpórea mais assustadora que me lembrava de ter vivido?

O pesadelo começou depois que dei um beijo de despedida no meu namorado, antes de descer do ônibus. Fiquei parada no portão acenando para ele e então segui para casa.

Sim, eu me lembrava *claramente* de pular de alegria.

Eu estava feliz *nesse nível*.

Minhas lembranças ficaram nebulosas depois disso.

Ouvi um barulho perto e fui até as árvores que ladeavam a nossa entrada de carro, do lado direito, para investigar.

Foi quando aconteceu.

Foi quando minha mente se perdeu.

Num minuto, eu estava andando na ponta dos pés de árvore em árvore na esperança de avistar um dos muitos cervos selvagens que vagavam livremente pela propriedade da minha mãe e, no minuto seguinte, estava envolta em escuridão.

Havia algo na minha cabeça, cobrindo meu rosto e tirando

meu ar a ponto de ser difícil abastecer os pulmões. Tentei esticar os braços para rasgar o tecido áspero do que parecia um saco, mas o peso insuportável em cima do meu corpo, me pressionando na terra, me deixou indefesa.

Foi só quando ouvi a voz *dele* no meu ouvido e meu sangue gelou que percebi que estava sonhando.

Não, sonhando não.

Eu claramente tinha tropeçado, batido a cabeça e caído de cara no meu pior pesadelo...

— Estava com saudade de mim? — o monstro grunhiu, segurando minha garganta e abrindo minhas pernas. — Essa é só uma visitinha rápida pra resolver algumas pontas soltas. Mas não resisti e tive que vir dar uma olhada na minha baixinha.

Tentei responder, mas não conseguia ver nada, nem falar nem respirar nem me mexer.

Então só fiquei ali deitada no chão, impotente, ouvindo um zíper se abrindo e as folhas sendo esmagadas.

— Você tem se comportado bem, baixinha?

Senti suas garras rasgando minha calcinha.

— Que merda, por que você tinha que estar naqueles dias?

Ah, não, não, não, não, não!

— Que se foda. A gente pode fingir que é sua primeira vez.

Me preparei para a dor que eu sabia que viria a seguir.

— Vamos ver se seu corpinho apertadinho se lembra de mim.

Quando aconteceu e o monstro me estocou, doeu quase tanto quanto a primeira vez.

— Que pena que você cresceu tanto...

Eu tinha cinco anos.

— Tenho saudade de como você era antes.

Resmungando e gemendo, ele me puniu várias vezes até meu corpo ficar fraco.

— Chora, puta. Você sabe que isso me deixa duro.

Ele afastou a mão da minha garganta, e soltei um lamento sofrido.

— Mandei você chorar, putinha.

Chorei mais, tentando desesperadamente juntar a força e o fôlego necessários para gritar.

— Hu... gh...

— Por acaso o santo Hugh sabe que você é uma putinha imunda? — o monstro disse, me destruindo de dentro para fora. — Ele sabe de todos os jeitos que eu já te possuí, baixinha?

— Hugh! — gritei mais alto, lutando para empurrá-lo e acordar. — Hugh!

— O Hugh nunca vai ter as suas primeiras vezes, baixinha. Porque todas pertencem a mim — continuou a falar, segurando minha garganta com mais violência do que antes. — Minha semente sempre vai ser a primeira que cresceu dentro de você. — Ele deu uma risada cruel. — Seu precioso Hugh sabe disso? Hein? Você foi má enquanto eu estava fora e contou pro seu herói do nosso acordo? — Ele me estocou com tanta força que mordi a língua. — Será que preciso cuidar dele que nem cuidei da Caoimhe?

Tremendo bastante, balancei a cabeça sem parar com a boca cheia de sangue e as lágrimas caindo.

— É melhor torcer pra ele nunca descobrir. — Soltando um suspiro agudo, o monstro grunhiu alto e desabou em cima de mim, finalmente imóvel.

Meu corpo ficou inerte debaixo dele, e rezei em silêncio para que uma das duas coisas acontecesse: que eu morresse ali mesmo ou acordasse, porque sinceramente não aguentaria nem mais um segundo daquilo.

— Tenho um presente pra você, uma lembrancinha pra você não se esquecer de que é uma putinha imunda. Vou deixar aqui — ele sussurrou no meu ouvido, enfiando algo no cós da minha saia. — Se pensar em me foder, vou fazer questão de que o Biggs saiba que grande puta a namorada dele é. — O monstro deu risada e apertou minha garganta com as duas mãos. — Depois, vou matar ele...

Mesmo sonhando, perdi a consciência. Quando enfim acordei, fiquei totalmente imóvel, sem ousar mexer um músculo por medo de apagar de novo.

Entorpecida, fiquei deitada de barriga para cima por um longo tempo, olhando para o céu noturno. Eu não sabia dizer quanto tempo dormi, mas deviam ter se passado algumas horas, porque o sol estava bem mais baixo.

Virei a cabeça de lado para olhar a mata e senti uma lágrima escorrendo pelo meu rosto. Então vi um cervo vermelho dar um passo hesitante de trás de uma árvore a menos de três metros de distância de onde eu estava.

Ele ficou me observando com seus grandes olhos castanhos, sem piscar.

Eu não me mexi, momentaneamente capturada pela beleza crua daquela criatura etérea, e assim fui dominada por empatia.

Éramos tão parecidos, aquele cervo e eu.

Ambos éramos presas.

Uma coruja piou alto nas árvores, interrompendo o transe, e o cervo logo correu para longe.

— Corre mesmo... — sussurrei, olhando para ele até que desaparecesse de vista. — Corre o mais rápido que puder.

3 de setembro de 2003

Fecha os olhos e solta

LIZZIE

O medo se apossou do meu corpo de tal forma que eu não conseguia nem sair da cama. Com os braços em torno dos joelhos, fiquei me balançando, me sentindo oprimida e entorpecida.

Meu corpo inteiro doía, e uma pontada lancinante entre as minhas coxas fez minha mente surtar.

Eu não fazia ideia de quanto tempo estava ali.

Nem por que aquilo tinha acontecido de novo.

Eu só sabia que daquela vez tinha sido pior.

Estava me sentindo bem pior.

Estava encurralada, pois não havia escapatória.

Tinha sido capturada mais uma vez pelo monstro da minha cabeça, que vivia aprisionado no meu corpo.

Eu queria livrar minha alma daquele veneno.

Queria cortar os pulsos até chegar ao osso e sangrar toda a minha dor.

Pelo menos assim, tudo estaria acabado.

E aquilo teria fim.

Porque eu precisava que aquilo tivesse um *fim*.

Imersa na minha repentina turbulência emocional, tentei dar sentido aos meus pensamentos, mas tudo estava nublado.

A confusão tinha me engolido por inteiro, e *sua* voz ecoando estava me colocando no limite.

Com os dentes batendo, continuei me balançando, olhando para as fotos instantâneas que eu tinha encontrado no cós da minha saia.

A menininha se parecia comigo.

Não!

Ela estava deitada na cama.

Para!

Sem roupas.

Não é real!

Tomando o remédio dela.

Nunca foi real!

Sendo uma boa menina para o monstro.

Não, não, não! Não é real! Nunca mais pensa nisso de novo!

Um soluço rouco rasgou minha garganta, e atirei as fotos para longe depressa, desesperada para me limpar.

Você sabe que é uma pessoa ruim.

Você também é uma criança ruim.

Garotinha imunda.

Todos esses desejos...

Você é má.

Você não devia estar aqui.

Você é um erro.

Você é uma mentirosa!

Eu sabia que o monstro estava me engolindo de novo, mas não consegui me livrar dele dessa vez. Desmoronei e perdi o controle sobre mim, cansada demais para lutar.

Solta, abelhinha.

Fecha os olhos e solta.

Quando fiz isso, quando enfim parei de lutar e deixei as vozes me engolirem, não senti nada.

E foi maravilhoso.

9 de setembro de 2003

A tempestade está chegando

HUGH

Tinha alguma coisa muito errada com a Liz.

Eu não sabia identificar o gatilho da mudança tão drástica e repentina no seu humor. Toda vez que eu tentava falar no assunto, ela perdia a cabeça ou as roupas. Ela estava em plena ciclagem rápida do seu transtorno, e eu estava apavorado com a possibilidade daquela situação persistir, porque a Liz em mania era aterrorizante.

Na última vez que eu a vi assim fora de controle, minha namorada tinha tentado se enforcar com uma maldita rédea de cavalo. Eu nem gostava de pensar nesse período da minha vida porque ainda estava traumatizado com tudo aquilo. Tinha lembranças bem vívidas dos seus olhos pretos e selvagens me encarando enquanto ela se equilibrava na beirada do sótão do celeiro da família e me pedia para observá-la voar.

Liz pulou aquele dia, mesmo comigo implorando para que não fizesse isso, mesmo comigo chorando que nem um bebê. Ela simplesmente *desistiu* da vida, e acabei quebrando o braço subindo nos fardos para cortar a corda.

Havia uma tempestade se formando dentro da minha

namorada, e eu estava desesperado para encontrar um jeito de *impedir* que a história se repetisse.

Não conseguia entender o motivo disso estar acontecendo depois do melhor ano das nossas vidas desde a morte da irmã dela. Pela primeira vez em tempos, havia um ar de equilíbrio e contentamento na Liz que eu nunca tinha visto. As coisas estavam tranquilas havia mais de um ano, seu humor tinha se estabilizado depois da hospitalização de 2001 e, além de alguns deslizes estranhos ou algumas semanas ruins, ela estava florescendo.

Tudo isso mudou assim que voltamos para a escola. Em vinte e quatro horas, toda a sua personalidade se transformou. A Liz não apareceu depois do primeiro dia, e quando tentei entrar em contato, todas as minhas ligações e mensagens ficaram sem resposta.

Fui até a casa dela de bicicleta na noite do dia seguinte, e todas as janelas e portas que davam acesso ao interior estavam trancadas.

Não fiquei muito preocupado porque sabia que Mike e Catherine estavam no enterro de algum parente em Tipperary. Então fiquei até aliviado por ver que minha namorada estava levando a segurança a sério.

O que me incomodou foi o fato de que, pela primeira vez na vida, eu estava fora.

Ela só fez contato quando comecei a esmurrar a porta da frente. A Liz escreveu:

> Estou muito doente. Não posso te deixar entrar. Pode ser contagioso.

Respondi dizendo que eu não ligava de pegar a doença, e ela mandou uma última mensagem:

> Eu ligo. Não se preocupa. Vou ficar bem em um dia ou dois. Vá pra casa. bjs

E essa foi toda a comunicação que tive com a minha

namorada até ela voltar para a escola. Assim que vi a Liz no corredor entre as aulas, todas as minhas preocupações foram justificadas. Porque ela com certeza não era mais a Liz de quem eu tinha me despedido no ônibus na semana anterior.

Seu corpo inteiro estava travado de tensão, seus olhos estavam desvairados e escuros, e ela irradiava um ar horripilante de hostilidade. Como raramente interagia comigo na escola — *valeu*, *Claire* —, tive que esperar até o almoço para pegá-la sozinha. Me aproximei de fininho por trás na biblioteca, algo que sempre fazíamos um com o outro, mas ela surtou. Deu um grito selvagem, se debateu, chutou e arranhou meus braços com força.

Quando se virou e percebeu que era eu, se jogou em mim de uma forma totalmente diferente.

Com um gemido ofegante, ela literalmente pulou nos meus braços, envolvendo todo o corpo em mim, colando sua boca na minha.

Completamente aturdido pela mudança súbita no seu humor, não a parei como devia ter feito e acabei chegando perigosamente perto de perder a virgindade e tomar a virgindade dela.

Eu entendia que ela estava travando uma batalha complicada com a saúde mental, e passei a vida inteira lhe dando apoio em seus altos e baixos, só que daquela vez tinha algo diferente. Parte de mim temia que fosse mais do que alguns sintomas exacerbados do transtorno bipolar.

Porque aquilo parecia mais sombrio.

— Onde está a sua cabeça, Hugo? — Gibs perguntou, me arrancando dos meus pensamentos. — Você está meio acabado.

— Acabado, não — respondi, em um tom casual. — Só preocupado.

— Com o quê?

Inclinei a cabeça para a minha namorada dançando na pista e suspirei.

A festa de hoje era para comemorar os nossos resultados no junior cert, mas eu não conseguia me concentrar em nada além do comportamento incomum da minha namorada.

Não me incomodava de ela se divertir com os amigos. Pelo contrário, vivia incentivando ela a sair para curtir a vida. Minha preocupação vinha do fato de *saber* que a Liz detestava dançar e preferia arrancar a própria mão com os dentes a ser pega rebolando ao som de uma música pop chiclete qualquer com um bando de garotas.

— Ah... — Gibs respondeu, seguindo meu olhar. A Liz estava se esfregando toda na Claire e em algumas outras meninas do ano delas. — Bem, pelo menos ela está se divertindo.

Ela não estava se *divertindo*, estava surtando, e minha irmã era inocente demais para perceber a diferença.

— Ora, ora, se não é o gênio da escola — Robbie Mac disse, felizmente nos interrompendo. O alívio me invadiu quando ele afundou no banco ao nosso lado. — O que você ganhou, Hughie? — o garoto perguntou, falando arrastado por conta da quantidade de vodca que tinha virado junto com a galera da nossa turma. — Um zilhão de honrarias, é?

— Ele tirou onze As — Gibsie contou, todo orgulhoso. — Com destaque em todas as matérias. — Sorrindo, se inclinou e deu tapinhas na minha cabeça. — Sem chance de ter trabalho braçal no futuro desse cara. O filho da puta vai ser cirurgião cardiovascular.

— Nossa! — Robbie assobiou baixinho. — É mesmo, Hugh?

— É o plano — respondi, notando Feely escapulindo com uma ruivinha.

— Bem, que bom pra você — Robbie comentou, apontando depois para si mesmo. — Já eu sou bem burrão. Passei

raspando em quase todas as provas e tomei bomba em três. Vou passar o resto dos meus dias fazendo trabalho de merda na fazenda de algum velho.

— Bem-vindo ao clube — Gibs disse, entrando na conversa. — A única universidade em que vou pisar vai ser em visita a esses caras.

Tentei me engajar no papo, realmente tentei, mas não importava o quanto me esforçasse: minha atenção sempre voltava para Liz.

Uma sensação horrível se instalava no meu estômago enquanto uma vozinha no fundo da minha mente dizia: *A tempestade está chegando.*

22 de setembro de 2003

Nunca me senti tão bem

LIZZIE

— Como está se sentindo, Lizzie?

Como se eu quisesse enfiar no seu olho essa caneta que você está girando.

— Bem.

— Teve pesadelos recentes?

Como se você se importasse.

— Não.

— Como vão as suas notas na escola?

Mais altas do que as que você tirava.

— Só tiro A.

— Tem alguma pergunta?

Sim.

— Não.

Vi uma preocupação nos olhos do médico.

Percebi isso, mas nada mais.

O coitado estava completamente perdido, o que me convinha muito bem, porque nada fazia sentido.

Exceto as cores.

Cara, as cores eram deslumbrantes.

Meus sentidos tinham se aguçado a ponto de eu sentir que havia subido de nível espiritual.

Eu sentia o ar tocando minha pele.

Eu acreditava ser a primeira pessoa a ver o oxigênio.

Ele envolvia minha pele feito ecstasy.

Respirar me fazia ter saudade do Hugh e eu não conseguia ficar parada.

Estava inquieta e cheia de desejos e vontades insuportáveis.

Puta merda, como eu adorava a vida.

Eu queria subir em uma nuvem com o Hugh Biggs e levá-lo para longe de todos os nossos supostos amigos.

Queria ficar com ele para sempre e nunca mais devolvê-lo.

Talvez aquilo fosse parte de uma crise.

Eu não fazia ideia e não ligava a mínima.

Tudo era gatilho e me levava a um estado de agitação tamanho que eu precisava me mexer. O mal-estar pulsava dentro das minhas veias feito um tambor, me impelindo a me mover e rir e correr e fazer qualquer coisa só para me livrar daquela sensação.

Só para *afastá-lo*.

Para mandá-lo para longe.

Para bem, bem longe.

Pensa no Hugh.

Pensa nas coisas boas que os dedos dele te fazem sentir.

Contive um grunhido, apertei as coxas e me segurei para não rebolar no assento duro debaixo de mim fingindo que era a cara dele.

Meu corpo estava ardendo.

Chamas brotavam das pontas dos meus dedos.

Estou faminta.

Estou faminta para caralho.

Eu precisava do contato físico.

Assim como precisava respirar.

Assim como precisava que minhas veias levassem sangue para o meu coração nebuloso.

Eu só queria o Hugh.

— Ok, Lizzie — o médico disse, limpando a garganta. — Por que você não se senta na sala de espera enquanto falo com a sua mãe?

Eu não queria me sentar na sala de espera.

Queria *tocar*.

— Há quanto tempo você vem sentindo esses sintomas? — minha mãe perguntou no carro no caminho de volta para casa.

— Hã? — falei, distraída com as casas borradas conforme passávamos por elas. — Mais rápido, mãe.

— Estou no limite de velocidade, Lizzie.

Apertei o botão para abrir a janela e tremi de felicidade quando uma rajada de vento tomou os meus sentidos.

O cheiro.

O sabor.

A visão.

Cacete, eu nunca tinha me sentido tão viva!

Era como se pudesse dominar o mundo.

Como se pudesse derrotar todos os meus inimigos.

— Lizzie! — minha mãe gritou, chamando minha atenção.

— O que foi? — perguntei, subitamente furiosa. — Eu estava no meio de um lance!

Ela olhou para mim e vi preocupação nos seus olhos.

— O dr. Priestly acha que você está em plena ciclagem rápida.

— Ele está viajando — falei, dando risada e esticando o braço para dar um tapinha no seu joelho. — Nunca me senti tão bem, mãe.

9 de outubro de 2003

Garotas em crise e capitães nervosinhos

HUGH

— Você precisa se concentrar no jogo — Kav pediu quando entrei no campo dez minutos depois do resto do time. — Essa é a quarta vez esse mês que você chega atrasado no treino, e você não foi no jogo da quinta. — Ele me olhou feio. — O que seria irritante se você fosse medíocre, mas não é o caso. Você é um fly-half bom pra cacete, o melhor que a gente tem. O time precisa de você, então coloca suas prioridades em ordem, cara.

— Tenho namorada, cap. — *Uma namorada doente, aliás.* — Me desculpa pelo atraso, mas ela estava precisando de mim. — Dei de ombros e acrescentei: — Ela vem em primeiro lugar.

Meu capitão me encarou como se eu tivesse duas cabeças.

— Você ficou louco?

— Não — respondi devagar. — Mas, se você espera que o rúgbi seja minha prioridade, estou te falando agora que não vai rolar — esclareci, sem me abalar com seu mau humor.

Pois eu já estava aguentando o mau humor dela.

Apesar de gostar da fisicalidade do rúgbi e da adrenalina que ele proporcionava, o esporte não era o meu mundo como era para o Johnny. Eu curtia todos os esportes porque era

naturalmente atlético, mas só isso. Planejava continuar jogando até terminar o secundário e depois penduraria as chuteiras na universidade. Porque, se entrasse no curso que queria no Trinity, e eu *ia* conseguir, teria pouco tempo para dormir, quanto mais para atividades extracurriculares.

Balançando a cabeça, saí correndo na direção do resto do time antes que a discussão esquentasse.

Ao contrário da amizade que ele tinha com Gibs, Johnny e eu não tínhamos intimidade para que eu confiasse a ele o verdadeiro motivo do meu distanciamento.

Quando se mudou para Ballylaggin, ele era extremamente reservado com qualquer pessoa que não fosse Gibsie. Naquela época, o cara estava tão puto com a mudança que não quis saber de amizades. Estava decidido a voltar para Dublin e se recusou terminantemente a se envolver com qualquer pessoa além do Gibs. Ele se sentava com a gente no almoço, e ensaiamos um grupinho, mas juro que, no começo, Feely e eu podíamos dizer que íamos construir uma bomba na frente dele que o sujeito nem se abalaria. Ele não estava nem aí. Quando entramos na segunda série e Johnny enfim começou a aceitar que aquele novo lar era permanente, passou a se aproximar um pouco mais da gente.

Não que ele não fosse um bom amigo. Ele *era*. Era o primeiro a nos defender e *sempre* cumpria o que prometia. Se o cap dizia que ia fazer alguma coisa, fazia, e se falava que ia estar em algum lugar, ninguém precisava se preocupar se ele ia aparecer ou não. Sua palavra era confiável, seu coração era de ouro, sua vida amorosa era nula, sua boca estava trancada, e sua devoção ao rúgbi era insuperável.

Johnny seguia a vida com um cronograma bem rígido e enxergava o mundo através de lentes em preto e branco. Mesmo que fôssemos próximos o suficiente para discutir

assuntos profundos e significativos, meu relacionamento com a Liz não era um desses assuntos.

Como ele chegou poucos meses antes da morte da irmã dela e mal tinha tempo livre na agenda, nunca tive chance de apresentá-lo para Liz.

Depois do enterro, qualquer chance de interação entre eles foi por água abaixo quando ela se retirou completamente do nosso grupo de amigos numa tentativa de se distanciar do melhor amigo do Johnny.

Então ela começou a estudar no Tommen, dois anos depois, e nem chegava perto do Gibs. Na escola, minha namorada mantinha distância de qualquer pessoa e qualquer coisa remotamente relacionada com Gibs, o que por acaso incluía o próprio namorado. Ou seja, *eu*.

E a reação inicial da minha irmã ao nosso relacionamento afetou profundamente minha namorada, a ponto de ela continuar fazendo de tudo para manter o nosso namoro fora das vistas da Claire, apesar de a Claire não ligar mais para isso havia muito tempo. Assim, nas raras ocasiões em que a gente se encontrava na escola em algum lugar que não fosse a antiga biblioteca, ela nunca era abertamente carinhosa comigo.

Na verdade, a Liz era tão reservada na escola que eu não me lembrava de uma única vez que ela tivesse falado com o Johnny.

Por outro lado, o Johnny não tinha o menor interesse em saber um único detalhe da nossa vida pessoal que não fosse sobre nutrição, qualidade do sono e precisão em campo. Ele só mencionava nossas namoradas para dizer que não deveríamos nos distrair. Nos três anos em que convivemos, ele nem perguntou o nome dela.

O que suscitava a dúvida: como ele poderia entender o que eu estava passando com a Liz? Como poderia entender que,

para mim, uma garota vinha antes do rúgbi?

Não poderia.

Talvez um dia alguma garota entrasse no mundo dele e o colocasse de joelhos, como a Liz fez comigo, mas, até esse dia, era mais fácil não falar nada.

— Tudo bem aí, Hughie? — Feely perguntou quando me juntei a ele no alongamento. Seus olhos azuis estavam cheios de preocupação. — Você anda se atrasando bastante.

— Você também não, hein — resmunguei, alongando os glúteos. — Acabei de levar um puxão de orelha do cap, cara. Não preciso de outro sermão.

— Nada de sermão — ele falou com calma. — Só estou preocupado.

— Pois é, eu também — murmurei baixinho.

Feely estremeceu.

— Ela está bem?

Nem perto disso.

A ligação que recebi da mãe dela depois da última consulta da Liz confirmou que eu tinha acertado em cheio.

Minha namorada estava em crise de novo.

Os médicos tinham aumentado a dose do remédio que ela estava tomando e adicionaram outro à lista na esperança de afastá-la da mania total, mas até agora não tinham dado resultado.

— Ela vai ficar bem — respondi.

Feely não era burro e sabia que tinha alguma coisa rolando, mas teve o bom senso de não fazer mais perguntas. Em se tratando da Liz, ele sabia que eu era extremamente protetor. *E mais discreto ainda*.

— Certo, cara — ele disse, apertando meu ombro para demonstrar apoio. — Estou aqui se precisar.

13 de outubro de 2003

Abraços, beijos e mania hipersexual

LIZZIE

A medicina não funcionava mais comigo.

A terapia menos ainda.

Quando falei isso para o Hugh depois da última consulta com os caras de jaleco branco, ele saiu pela tangente.

— Se você se abrisse com eles e contasse o que se passa dentro desse seu cérebro, talvez pudessem descobrir o tratamento correto. — Recostado no balcão da cozinha de casa, ele continuou descascando a maçã. — Sei que você não fala muito nas sessões. E sei que os sintomas da bipolaridade estão acabando com você, então faz um favor pra mim, baby. Conversa com os médicos. — Meu namorado implorou com os olhos para que eu o escutasse. — Eles podem te ajudar se você se abrir.

Até parece.

— Ele só sabem prescrever remédios — comentei, sentada na ilha. — E não preciso de mais remédios, Hugh.

— Precisa sim, se eles acharem que os remédios podem ajudar — ele argumentou, colocando a casca da fruta na minha mão. — É bem *sério*, e a gente precisa cuidar disso, baby.

— Olha pra mim, Hugh. — Sorri para ele. — Estou ótima.

— Agora. Mas você não está bem, Liz. Você sabe que seu humor está mudando rápido demais pra você estar bem.

— *Não* estou em mania — retruquei, detestando seu jeito de cortar o meu barato. — E não *vou* entrar em mania.

— Você sabe como começa — ele insistiu, ignorando minhas alegações de sanidade e serenidade. — Começa assim. Você passa algumas semanas entre altos e baixos enquanto a montanha-russa vai subindo cada vez mais, daí você alcança o pico e depois o fundo do poço.

Arqueei a sobrancelha, achando graça da analogia.

— Eu sou uma montanha-russa?

— Você é uma montanha-russa de oscilações de humor. Tudo começa com a subida, também conhecida como alegria, daí você sobe mais pra parte dos beijos, depois sobe mais pra parte das noites insones, ficando mais inconsequente com a sua vida, daí chega ao topo, faz algo que quase te mata e cai em depressão. — Ele coçou o rosto, mordeu a maçã e acrescentou: — Não se esqueça que sou passageiro nessa montanha-russa desde os sete anos.

— Se você odeia tanto isso, por que continua sentado comigo nessa montanha-russa?

— Porque eu te amo — ele falou com simplicidade. — E a vida nunca é entediante com você.

Fiquei observando meu namorado mordendo a maçã e então um choque de consciência atingiu o fundo do meu ser.

Sem conseguir me conter, eu o sequei todinho, ávida.

Ele tinha os braços mais bonitos. Sua camisa estava arregaçada até os cotovelos, me dando uma vista privilegiada para seus braços bonitos e fortes, cheios de veias e músculos, cobertos por uma camada de pelos escuros.

Gostoso pra caralho.

— Fica pelado — ronronei, abrindo os botões da camisa do uniforme. — Agora.

— Ah, não, não, não — meu namorado disse, erguendo a mão. — Cobre esses peitos, sua feiticeira. A gente não vai fazer isso aqui.

— Por que não? — perguntei, encurralando-o no balcão. Fiquei de joelhos e levei a mão ao botão da sua calça. — Você sabe que a casa está livre até de noite.

— Olha, isso é exatamente o que eu estava falando sobre as suas mudanças de humor — ele disse, tentando sem sucesso afastar as minhas mãos. — Baby, estamos no meio de uma conversa e você está tentando... porra! — Um suspiro alto lhe escapou quando minha boca cobriu o seu pau.

— Hum... — gemi, chupando-o sem parar com meus lábios, dentes e língua.

— Pera, pera, pera — Hugh grunhiu, com o corpo mexendo por vontade própria. — Não precisa fazer isso...

Suas palavras se interromperam quando cravei os olhos nele e fui passando a língua no seu pau.

— Baby... — ele sussurrou. Uma de suas mãos estava no meu cabelo e a outra na minha nuca. — Não consigo pensar direito quando você bota a boca em mim desse jeito.

Que bom!

Era exatamente o que eu queria.

17 de outubro de 2003

Amigos sorridentes e namoradas malandras

HUGH

— Quem foi que botou esse sorriso no seu rosto? — perguntei para o Feely quando ele se juntou a mim no ponto de ônibus depois da aula na sexta-feira. — Cara... — Dei risada ao notar seu rosto corado. — Você está vermelho.

— Não estou vermelho, Hughie — Feely disse, esfregando o queixo para disfarçar. — Saí da sala mais tarde. — Ele deu de ombros casualmente. — Estou vermelho por causa da corrida.

— Você está vermelho por causa de alguma garota — falei, dando risada. — Quem é?

— Ninguém, porque não tem garota nenhuma — respondeu rápido.

— Fala sério — insisti, dando uma cotovelada na sua barriga. — Desembucha.

— Está bem! — Ele passou a mão no cabelo escuro, olhando para todos os lugares menos para mim. — Talvez tenha uma garota.

— Rá! — Gargalhei. — E posso saber quem é?

— Alguém que conheci no grêmio de música da escola.

— Ah, é? — Sorri. — Eu conheço?

— Acho que não. Ela é nova.

— E essa garota tem nome?

— Tem — ele falou devagar. — Mas ainda estamos no começo e não quero falar até saber direito o que está rolando. — Suspirou. — Faz sentido?

— Faz, cara — eu disse, dando tapinhas no seu ombro. — Faz, sim.

— Ah... se por acaso eu descobrir o que está rolando antes do seu aniversário, será que teria algum problema se eu... — Ele parou de falar e se mexeu, desconfortável.

— Pode levar quem você quiser, cara — falei, com pena do meu amigo, pois eu sabia que aquilo não era fácil para ele.

As habilidades comunicativas do Feely sempre foram fracas, na melhor das hipóteses. Desde que eu me conhecia por gente, ele nunca foi de se expressar nem de chamar a atenção das pessoas. Não que ele fosse tímido ou inseguro. Só era introvertido. Guardava as cartas na manga e era quase tão alérgico quanto Johnny à ideia de se comprometer.

Apesar de ter um monte de encontros casuais, Feely nunca apresentou ninguém para a gente. Quando éramos mais novos, eu achava que era por causa do crush que ele teve pela Liz na infância. Mas, depois que começou o secundário, percebi que ele só era emocionalmente fechado. Então aquela garota misteriosa devia ter algo especial para mexer com o coraçãozinho tão reservado do meu amigo.

O ônibus chegou, e nos sentamos nos lugares de sempre. Não precisei esperar muito para a minha companheira se aproximar, porque ela entrou logo depois da minha irmã barulhenta.

— Desculpa o atraso, senhor — Claire falou para o Mickey, o velho motorista. — Um menino... — A menina deu um grande suspiro, bloqueando o trânsito para conversar com o motorista.

— O nome dele é Jamie Kelleher. — Ela apontou para o próprio peito. — Ele me chamou pra sair, senhor. *Euzinha*!

— Claire, quantas vezes preciso te falar pra não me chamar de senhor? — o Mickey disse. — Sou um motorista, não um professor, meu bem. — Ele deu risada e acrescentou: — Vai se sentar, garota.

— Ok, senhor — Claire falou, felizmente soltando a mão da minha namorada, que seguiu para o seu assento. — Hum, quero dizer Mickey, senhor.

— Ela comeu um pacote inteiro de bala na aula de matemática — Liz explicou, erguendo a saia e se sentando no meu colo. — O que é o equivalente a conectar a menina a um poste de eletricidade.

— Parece que você vai ter uma noite agitada no quarto dela hoje — comentei, me aproveitando descaradamente da visão privilegiada das suas coxas.

— Quem disse que vou dormir no quarto *dela*? — ela brincou.

Abri a boca para responder ao flerte, mas minhas palavras ficaram presas na garganta e meu corpo inteiro enrijeceu.

Puta que pariu!

— Espera uma visita noturna — Liz ronronou, se sentando no banco da janela.

Com a mandíbula trincada, me obriguei a assentir.

Porque aquele *não* era o lugar para ter a conversa que eu queria.

17 de outubro de 2003

Dobrando a aposta e batendo o pé

LIZZIE

— Precisamos conversar — foram as primeiras palavras que Hugh disse quando me seguiu para o banheiro do andar de baixo da casa dele assim que saímos do ônibus.

— Hum, estou literalmente mijando — falei do vaso sanitário. — Não dá pra esperar?

— Não dá — ele disse, virando as costas para mim. — Então vai logo.

Meu Deus.

Ele parecia furioso.

Me apressei, ajeitei a roupa e dei descarga antes de lavar as mãos na pia.

— Ok, terminei. Sobre o que você quer conversar?

— Aqui não — ele falou, se virando para mim. — No meu quarto.

E, antes que eu tivesse chance de responder, pegou minha mão e praticamente me arrastou para cima.

— Ok, agora você vai me dizer qual é o problema? — perguntei quando ele fechou a porta. — Hein, Hugh?

— Eu sabia — Hugh metralhou, andando de um lado para o

outro feito um maluco. — Eu sabia, Liz!

— Quer esclarecer do que é que você está falando? — eu disse, com as mãos na cintura. — E por que está tão puto comigo?

— Você está se cortando de novo. Sendo que *jurou* que tinha parado.

— Eu *parei* — gritei. — Essas cicatrizes no meu pulso são antigas, Hugh.

— Você acha que sou burro? — Meu namorado olhou feio para mim. — Acha que não sei quando você está escondendo alguma coisa de mim?

— Não estou escondendo nada! — respondi entre dentes, também irritada. — Não estou fazendo nada de errado.

— Vem cá — ele disse, indo até a cama e se sentando. — Vem cá, Liz. — Ele deu tapinhas no colchão, ainda bravo. — Quero te mostrar uma coisa.

Contrariada, fui até ele e me sentei ao seu lado.

— O quê?

Ele pegou na barra da minha saia e perguntou:

— Posso?

— Vai — respondi, nervosa. — Faz o que quiser.

Ele respirou fundo e ergueu a minha saia, revelando as minhas coxas. Revelando as lesões recentemente cicatrizadas na minha pele. As que eu mesma tinha provocado no banho na noite anterior.

Ah, *merda!*

Hugh soltou um suspiro frustrado e colocou minha saia no lugar.

— Eu vi quando você entrou no ônibus. — Ele me encarou bem sério. — *Agora* repete que não está se cortando.

Minha mente deu um branco total, e não consegui pensar em nada para dizer.

Porque eu tinha esquecido.

Porque menti.

Porque quebrei minha promessa.

— E não é só isso que você anda escondendo de mim, né? — Hugh se levantou, foi até a escrivaninha e pegou minha mochila.

Depois, voltou e a deixou no meu colo, pedindo que eu pegasse eles.

O pânico me dominou.

Eu ia passar o fim de semana na casa dele, e Hugh sabia que minha mãe tinha organizado os meus remédios.

— Hugh...

— Pega eles, Liz — ele repetiu, com severidade. — Pega agora, senão vou te levar pra casa pra gente conversar com os seus pais.

— Não, não, não, por favor, não faz isso.

— Então *pega* eles.

Um profundo arrepio de repulsa tomou conta de mim, e fiz o que ele pediu sem falar nada.

— Me desculpa — sussurrei, entregando o frasco de remédios para ele. — Achei que não tivesse problema.

Ele não me respondeu.

Em vez disso, abriu a tampa do frasco e virou todo o conteúdo na mão.

Morta de vergonha, fiquei esperando em silêncio enquanto ele contava cada comprimido e os guardava de novo no pote.

— Faz quanto tempo que você parou de tomar os remédios?

— Só umas semanas — eu disse, sentindo meus olhos lacrimejarem. — Quando mudaram a dose, meu cérebro ficou lento e confuso e eu só...

— Você só decidiu parar os remédios por conta própria *de novo* sem se importar com as consequências *de novo* — Hugh

completou.

Minhas lágrimas escorriam, e tentei me explicar.

— Você não entende o que esses remédios fazem comigo.

— Entendo o que acontece quando você não toma eles — Hugh disse, ficando nervoso e erguendo a voz. — E sei que, da última vez que fez isso, você quase *morreu*. — Seus olhos marejaram, e seu peito arfou conforme ele gritava: — Tive que cortar a corda em que você se amarrou, Liz! Você passou seis semanas numa porcaria de cama de hospital. Por que sequer *pensou* que era uma boa ideia parar de tomar os remédios de novo?

— Me desculpa, me desculpa — falei, me aproximando dele às pressas. — Não sei o que estava pensando, nem se eu estava pensando, pra começo de conversa. Eu só... eu só...

— Só *o quê*, Liz? — perguntou, arrasado. — O que você achou que fosse acontecer?

— E não pensei direito — admiti, sentindo coisas demais naquele momento. — Esse é o ponto.

— Não vou passar por isso toda vez que você decidir que está curada — Hugh avisou, balançando a cabeça. — Não tem cura pra isso, Liz, mas *existe* um tratamento, então se permita ser tratada, porra!

— Só queria ser normal, ok? — berrei, enquanto as lágrimas escorriam livremente. — Só queria tomar a porra de uma injeção pra poder ser que nem qualquer outra pessoa da nossa idade, que não tem que engolir comprimido atrás de comprimido pra funcionar! — Percebendo a crise, segurei os cabelos e os puxei com força, pois precisava do sofrimento físico para distrair minha mente do colapso iminente. — Não quero viver minha vida desse jeito. Como uma maldita cobaia que só serve pros psiquiatras testarem tratamentos diferentes.

— Liz, vem aqui. — Hugh tentou me consolar, se

aproximando de braços abertos. — Está tudo bem, baby, a gente vai superar isso.

— Não, não, não... não faz isso. — Balancei a cabeça e me afastei dele. — Não me abraça se está bravo comigo, Hugh, porque sei que vai ser só por pena!

— Bem, azar o seu — ele disse, chegando perto e me puxando para os seus braços grosseiramente. — Porque nunca vou deixar de te abraçar, Liz.

19 de outubro de 2003

Vou cair lutando

LIZZIE

Assim que cheguei em casa no domingo à noite, depois de passar quarenta e oito horas no hospital, fui direto para o quarto, apesar dos protestos da minha mãe para descer e *conversar* com ela.

Bem, ela podia ir para o inferno — junto com o babaca do meu pai e do meu namorado traidor.

Que todos aqueles escrotos se fodessem!

Bati a porta do quarto e fiquei andando de um lado para o outro feito uma doida, fazendo jus a cada palavra do meu diagnóstico.

O termo *transtorno bipolar de início precoce* era usado desde que me lembrava por gente, e era a explicação que os médicos davam para a minha mente catastrófica.

Quando a doença começava na infância, como aconteceu comigo, o tratamento era extremamente difícil, e os casos costumavam ser considerados mais graves, com um prognóstico pior que o do transtorno bipolar de início tardio.

Como os tratamentos disponíveis para o transtorno bipolar não estavam disponíveis para crianças, a coisa virou uma

questão de tentativa e erro por parte dos médicos até encontrarem um tratamento que funcionasse para mim.

Essa era a explicação que me davam toda vez que me encontrava diante de um novo médico ou recebia uma prescrição aleatória de um novo medicamento que prometia me "curar".

Apesar do meu humor aparentemente ter se estabilizado com a última combinação de medicamentos que administraram durante minha última hospitalização, a eficácia deles foi diminuindo a ponto de eu voltar a ter a ciclagem rápida.

O psiquiatra de plantão no hospital aquele fim de semana disse aos meus pais que os altos e baixos extremos pelos quais eu estava passando, alternando rápido entre episódios maníacos e depressivos, eram resultado de "episódios mistos" — algo comum em crianças e adolescentes com a minha doença.

Eu sabia bem disso.

Afinal, aquela era a *minha* experiência de vida, não a deles.

Era *eu* que era dominada pela mania antes de ser cuspida de volta às profundezas infernais da depressão.

Era *eu* que perdia a noção do tempo e as memórias.

Era *eu* que via a motivação de viver enfraquecer a cada dia.

Era *eu* que não tinha fé nem esperança de um futuro.

Era *eu* que tinha uma mente destruindo minha alma.

E era *eu* que tinha que viver assim até o dia da minha morte.

Nenhum daqueles idiotas fazia ideia de como a minha vida era, e nenhum livro, pesquisa ou credencial poderia lhes ensinar isso.

O primeiro instinto da minha mãe foi desatar a chorar, claro, e o do meu pai foi tentar me internar.

Por sorte, ele não conseguiu o que queria, e me deixaram voltar para casa de noite, totalmente chapada com

antipsicóticos e sedativos, carregando uma nova receita. Meu pai jurou que me obrigaria a cumprir o esperado e me ameaçou fisicamente se eu sequer pensasse em fazer merda.

Como se eu me importasse.

Ele podia até tentar me prender, mas eu cairia atirando.

— Liz? — Ouvi a voz familiar do Hugh do outro lado da porta. — Posso entrar?

— Pra servir de espião pros meus pais? — perguntei, parando de andar e olhando feio para a porta. — Não, obrigada, Judas.

Meu namorado soltou um grunhido de frustração antes de abrir a porta e entrar mesmo assim.

— Sei que você está puta, mas a gente precisa conversar.

— Por quê? Já gastou suas trinta moedas de prata? — retruquei, furiosa, colocando as mãos na cintura. — Está precisando descolar mais uns segredinhos meus?

— Eu *não* traí você — ele disse, me imitando. — Você vai entender isso quando...

— Quando, Hugh? — gritei, fervendo de raiva. — Hein? Quando *o quê*?

— Quando você voltar a ser *você*! — ele rosnou, perdendo a paciência. — Quando você voltar a ser *você*, Liz.

— Pois tenho uma novidade, seu babaca: essa sou eu! — berrei, erguendo as mãos no ar. — Essa sou eu. É pegar ou largar.

— Liz... — ele falou com uma voz mais calma, se aproximando e colocando as mãos nos meus ombros. — *Olha* pra mim.

— Não, não, não — eu disse, balançando a cabeça. — Nem pensa em vir com essa pra cima de mim.

— Não estou vindo com nada — falou em um tom irritantemente gentil, enquanto eu gritava feito uma maluca.

— Não vou te largar. — Ele segurou meu rosto com ambas as mãos. — Só olha pra mim, baby. — Fez carinho na minha bochecha. — Hein? — Hugh chegou mais perto. — Volta pra mim...

— *Ele sabe de todos os jeitos que eu já te possuí, baixinha?*

— *Ele nunca vai ter as suas primeiras vezes, baixinha...*

— *Porque todas elas pertencem a mim...*

— *Vou fazer questão de que o Biggs saiba que grande puta a namoradinha dele é...*

— *Depois, vou matar ele...*

Uma lágrima solitária desceu pelo meu rosto e me entreguei ao seu toque.

— Não posso.

24 de outubro de 2003

Encontros na biblioteca

HUGH

— Você pediu a Lisa Donovan do sexto ano em namoro no fim de semana? — Feely perguntou para o Johnny no almoço da sexta-feira.

Estávamos saindo para o recesso de Halloween depois das provas, e em vez de estar animado com o meu aniversário e com a semana de folga da escola, eu nunca tinha me sentido tão estressado.

— Porque ela está contando pra escola toda que está com você.

— Como? — Kav perguntou, indignado. — O que você acha que eu sou? Um babaca? — Esticando o pescoço, ele olhou de soslaio para o refeitório. — Quem é ela?

Feely apontou para a garota em questão.

— A loira bunduda.

Vi nosso capitão dar uma olhada na loira e depois balançar a cabeça.

— Nada a ver — ele declarou antes de voltar a comer. — Nunca rolou nada com ela.

— Bem, segundo ela, rolou sim.

— Bem, segundo eu, não rolou — Kav retrucou, irritado com o interrogatório. — Cara, nunca nem falei com essa menina, muito menos pedi ela em namoro.

— Você poderia fazer muito pior, Johnny — Gibsie disse, dando risada. — Ela está no sexto ano, sabe?

— Então por que você não chama ela pra sair, Gibs? — Kav perguntou, batendo uma bolinha de papel-alumínio na cabeça dele. — Já que adora mulheres mais velhas. — Ele deu de ombros e acrescentou: — Além disso, eu nem curto loiras.

— Não? — Feely disse, erguendo as sobrancelhas de surpresa.

— O que posso te falar? — Kav encolheu os ombros de novo. — Curto mais as morenas.

— *Eu nem curto loiras* — Gibsie o imitou, mostrando o dedo do meio para ele. — E eu sou o quê, babaca?

— E por acaso estou te comendo, Gerard?

— Sinceramente, espero que não, Jonathan.

— Então pronto.

— Diz que você gosta de loiros.

— Eu não.

— Diz.

— É só uma preferência. Eu *posso* ter preferências, sabe?

— Claro que não — Gibsie bufou. — Não se for pra me deixar de fora.

— Meu Deus, Gibs, não é nada pessoal, cara! — Kav grunhiu. — É só que minha mãe é loira.

— E daí? — Gibsie olhou feio para ele do outro lado da mesa. — Não estou perguntando se posso comer a sua mãe. — Sorrindo, acrescentou: — Vou te poupar desse trabalho e partir direto pro ataque.

— É melhor você manter esses olhinhos safados bem longe da minha mãe, entendeu?

— Não tenho olhinhos safados. Sou a própria safadeza.

— Alguém tira ele daqui senão vou estrangular esse desgraçado.

— Você não pode, cap — Feely disse, rindo. — Você assumiu a custódia permanente dele na sexta série. Agora ele é seu.

— Pra ser justo, acho que todo mundo comeria a sua mãe, Johnny — o Robbie Mac interveio.

Todos gargalharam enquanto nosso capitão fechava a cara em silêncio, encarando aquela maldita lancheira cheia de frango como se fosse *um coitadinho*.

— Odeio vocês.

— Você já contou pro Hughie o seu plano genial? — Feely perguntou com uma expressão divertida, olhando para o Gibs. — Acho que você devia contar, já que a parada vai rolar na casa dele.

— O que foi agora? — Contive um grunhido e fiquei olhando de um para o outro. — O que foi que você fez, Gibs?

— Era pra ser uma surpresa, Patrick — Gibsie resmungou, fechando a cara para o nosso amigo. — Você não consegue ficar de bico fechado, né?

— *Eu*? — Feely riu. — Você que vive dando com a língua nos dentes, cara. Além disso, tenho quase certeza que o Hughie sacaria tudo quando você começasse a levar fardos de cerveja pra cozinha dele.

Ele não precisava falar mais nada.

A ficha já tinha caído.

Minha irmã havia recebido uma ligação do treinador de hóquei da escola na semana passada. O time sênior tinha uma partida importante em Kildare um dia depois do meu aniversário, e uma jogadora tinha quebrado o tornozelo. Daí o treinador perguntou se a Claire estaria disposta a jogar temporariamente no time sênior, e ela concordou na mesma

hora.

Como minha mãe era minha mãe, topou levar Claire para Kildare, trocando alguns turnos no trabalho para liberar a agenda. As duas teriam que passar a noite fora para poder sair para o jogo na manhã do dia seguinte ao meu aniversário.

A parte mais chocante de tudo foi quando o *meu pai* pediu para que ambas reservassem dois quartos no hotel, porque *ele* também iria.

— Diz que você não fez isso — falei sem emoção, olhando para o Gibs do outro lado da mesa. — Diz que você não planejou uma festa na porra da *minha* casa.

Ele deu um sorrisinho tímido.

— Acho que não posso negar, Hugo.

Sabia.

Aquele filho da puta safado de teta furada estava agindo de um jeito estranho desde que minha irmã recebeu a ligação do treinador.

— A minha mãe já planejou a festa de Halloween.

— E *eu* vou dar uma festa ainda melhor no *sábado* — afirmou, sorrindo feito um idiota. — Só não vai ter mamãe irlandesa.

— Cancela — ordenei, fazendo cara feia.

— Acho que também não posso fazer isso. — Ele deu uma risada nervosa. — Mandei os convites dias atrás.

— Por que você não muda a festa pra sua casa, Gibs? — o Feely sugeriu, enquanto eu me segurava para não esganar aquele pé no saco chamado Gerard Gibson. — Seus pais só voltam da Espanha no domingo, né?

— A minha mãe — Gibs o corrigiu e continuou depressa: — Eu faria a festa em casa se pudesse, mas você sabe que o Brian deixa todo mundo apavorado, e minha mãe deixa ele solto pela casa.

— Então deixa ele no jardim só essa noite — Feely disse. — Um pouco de ar fresco não vai fazer mal pra ele.

— Não estou com medo por ele, e sim com medo dele — Gibsie murmurou, comicamente aterrorizado. — Ele tem o tamanho de um bode, Feely. Um bode muito cruel, vou te dizer!

Decidi sair dali antes de perder a paciência preciosa que ainda me restava e fui procurar a garota que passou a semana toda me evitando de propósito.

Eu sabia que estava ferrado com Liz por ter contado aos seus pais que ela tinha parado de tomar a medicação, e Liz sabia que estava ferrada comigo justamente por ter parado de tomar a tal medicação.

Me arrependia bastante de ter aberto a boca, porque Mike logo voltou a ameaçar a filha dizendo que ia interná-la. E a ameaça que antes deixava minha namorada em pânico dessa vez a fez rir na cara dele.

Suas mudanças de humor estavam fora do normal, e eu estava lutando para tentar acompanhá-la. Nós dois nos sentíamos traídos, mas em vez de discutir, como sempre, minha namorada começou a me evitar, o que, eu tinha que admitir, era uma novidade entre a gente.

Como ela não estava com Claire na mesa, eu soube exatamente onde ela estaria: no mesmo lugar em que ela se escondia desde o primeiro ano. Porque eu podia lê-la melhor do que ela lia os vários livros com os quais se cercava. Ela era a área que eu tinha escolhido para me especializar, o assunto que eu mais dominava, e eu tinha certeza que nenhum outro coração poderia conhecer Elizabeth Eleanor Young melhor que eu.

Quando cheguei na antiga biblioteca, fui direto para a ala esquerda, pois sabia que ela estaria ali.

No canto do cômodo, deitada de barriga para baixo com a mochila apoiando o peito, a Liz folhava as páginas de um livro, balançando o pé.

Ela estava segurando o queixo com a mão, cantarolando baixinho, mexendo os ombros e as pernas no ritmo da música na sua cabeça, completamente absorta no que estava lendo.

— "Silver Springs"? — perguntei, interrompendo seu momento e me sentando no chão.

Liz olhou para trás, me dando um vislumbre daqueles olhos azuis capazes de engolir minha alma, e então voltou a atenção para o livro.

— Por que quebrar velhos hábitos?

— O que está lendo?

— *O amante de Lady Chatterley*.

Ergui as sobrancelhas.

— Onde é que você arranjou esse exemplar?

Ela apontou para uma prateleira particularmente empoeirada e abriu um sorrisinho malicioso.

— Quem poderia adivinhar que o Tommen teria um material de leitura tão interessante?

— Você, obviamente — falei. — Tomou os remédios hoje?

Ela respondeu me mostrando o dedo do meio.

Adorável.

— Você passou o dia todo aqui?

— Sim.

— Está pronta pra conversar comigo?

— Não.

Torci o lábio, abracei os joelhos e disse:

— Está planejando ir nas outras aulas?

— Não.

— Por que não?

— Porque não existe ninguém no corpo docente tão

estimulante quanto D. H. Lawrence.

Segurei o sorriso que ameaçava se espalhar pelo meu rosto.

— Sabe, se continuar matando aula desse jeito, você vai acabar bombando.

Liz bufou como se essa fosse a coisa mais ridícula que já tinha ouvido na vida, e em se tratando da sua mente brilhante, provavelmente era.

— Ok, talvez você não bombe, mas pode se encrencar.

— O que é que vão dizer, Hugh? — ela falou, completamente impassível. — *Para de ir à biblioteca?*

O sinal tocou, indicando que o intervalo do almoço tinha acabado.

— É melhor você ir — Liz murmurou, virando outra página do livro. — Você não tem treino depois do almoço às sextas?

— Tenho — respondi devagar. — E você não tem sessão com a orientadora da escola depois do almoço às sextas?

— Tenho — ela disse, sem se mexer.

— Está pensando em ir?

Ela respondeu virando outra página.

Soltei um suspiro pesado.

— Liz...

— Não vou hoje, Hugh.

— Por que não?

— Porque, graças a você, passei o fim de semana todo presa no hospital sendo interrogada por um bando de médicos que não me conhecem e não podem me curar. Então me desculpa se estou cansada de *falar* — ela disse com a voz embargada. — E mesmo que eu não estivesse de saco cheio dessas pessoas cutucando minha sanidade, até parece que eu ia deixar aquela orientadora intrometida ficar vasculhando a minha cabeça como se eu fosse o projetinho especial dela. — Ela ergueu a mão para enxugar uma lágrima do rosto e acrescentou: — Mas

não espero que você entenda isso, já que é a favor das sessões de orientação, a favor da medicalização, a favor de tudo o que me faz sentir morta por dentro!

27 de outubro de 2003

Somos como pássaros, Hugh

LIZZIE

Hoje foi o *melhor* dia.

Não senti um grama de raiva.

Nem um pouquinho.

Em vez disso, estava *encantada*.

Como se o mundo inteiro estivesse emanando raios de sol.

Tudo me parecia abençoado e glorioso.

Nada de medo.

Nada de tristeza.

Foi *tudo*.

— Foi aqui que aconteceu — declarei, parando no meio da ponte. — Aqui. — Segurei nas barras de metal do guarda-corpo e me inclinei para a frente para olhar o rio abaixo. — Bem aqui.

Um sussurro alto.

Água reluzente.

Uma farra absoluta.

— Ela foi pra lá. — Olhei para trás, para o meu namorado, e inclinei a cabeça para ele. — Vem ver.

Relutantemente, ele foi.

Hugh se aproximou, pressionou o peito nas minhas costas e olhou para além do meu ombro.

— Você acha que foi aqui que ela caiu?

— Eu sei que foi — falei, adorando a sensação do seu corpo grande e forte no meu. Na mesma hora, o desejo ganhou vida dentro de mim quando seu braço envolveu minha cintura, e meu corpo pulsou de necessidade. — Hum! Você me faz sentir tão bem!

— Como você sabe? — Hugh perguntou baixinho, esfregando o rosto no meu cabelo. — Hein?

— Eu estava aqui, seu besta.

— Como assim você estava aqui?

— Eu estava aqui. — Passei as mãos pelo cabelo e respirei fundo enquanto meu corpo absorvia a brisa gelada de outono, que incitava meus sentidos. — Vejo ela todas as noites. — Soltei um gemido quando meus mamilos endureceram com o vento frio, me recostei no Hugh e me deixei ser envolvida no seu amor. — Ela vem me encontrar nos meus sonhos, entende?

— Você sonhou com ela caindo? — A voz dele era gentil e sedutora. — No seu sonho, é aqui que ela cai?

— Uhum. — Assenti preguiçosamente e me virei para ele. — Você é tão lindo!

Seus olhos de uísque me fitaram.

— Você está bem, baby?

— Uhum. — Estiquei o braço para segurar seu rosto entre as mãos e puxei sua boca para a minha. — Você vai me fazer sentir bem melhor daqui a pouco — falei, roçando os lábios nos dele delicadamente. — Você é meu remédio, né?

— Posso ser o que você precisar — ele respondeu perto da minha boca, se afastando devagar do guarda-corpo e me puxando. — Por que não voltamos pra minha casa e eu faço o

jantar pra você?

— Mas não quero jantar — reclamei, tentando desesperadamente aprofundar nosso beijo. — Quero o seu remédio especial.

— Não tenho nenhum remédio especial, Liz — ele disse, querendo me convencer, cobrindo minha mão com a sua. — Mas tenho seu sorvete favorito no congelador e vários filmes alugados da locadora. — Ele se inclinou e me beijou suavemente. — E aí? — Outro beijo. — Podemos levar um edredom lá pra baixo e ver uns filmes no sofá. Que tal?

— Uhum. — Fiz que sim, beijei sua boca, soltei a mão dele e voltei para perto do guarda-corpo. — Tchau, Caoimhe.

— Liz... — ele disse, com tristeza. — Vamos pra casa, ok?

— Ok — falei, pisando na barra inferior do guarda-corpo e depois na de cima, antes de me virar para encará-lo. — Ei, Hugh?

— Sim, Liz?

— Se eu pulasse, você pularia comigo?

— Liz... — O medo cintilou nos olhos dele, e em algum lugar no fundo da minha mente, percebi que ele não estava curtindo aquilo tanto quanto eu. — Desce daí agora.

Notei o pânico na sua voz, vi nos seus olhos, mas continuei insistindo.

Eu queria chegar no limite, sem sentir, sem me importar com as consequências.

— Somos como pássaros, Hugh — falei, com a mente rodopiando e meu corpo sendo dominado por cem mil sensações. Tudo de uma vez. — A gente poderia sair voando, se você se arriscasse. — Respirei fundo e ergui as mãos para o céu. Foi mágico. — Só fecha os olhos e voa.

— Não vou fazer isso, Liz, e você também não, tá bom?

— Meu Deus, estou sentindo tantas coisas, Hugh! —

Sorrindo, fechei os olhos, esticando o braço o máximo que conseguia. — É como se o sol estivesse beijando a minha pele. Está sentindo, Hugh? Ele também está te beijando?

— Sim, baby, estou sentindo. Só desça daí, por favor.

— Eu te amo tanto, Hugh.

— Liz!

Tomei fôlego e me deixei cair para trás, esperando que a água me abraçasse.

Mas ela não me abraçou.

A única coisa que senti foi braços fortes segurando meu corpo e me puxando.

Me puxando de volta para ele.

De volta para o aqui e agora.

De volta para a vida.

28 de outubro de 2003

Vou ficar com o meu amor

HUGH

Depois de ter convencido Liz a voltar para a minha casa ontem à tarde, depois do incidente na ponte, liguei para a mãe dela para pedir ajuda.

Infelizmente, só consegui falar com Mike, que disse que estava esperando um médico atender Catherine, que havia adoecido pelo estresse de tentar criar, nas palavras dele, "a maior desgraça que tinha lhes acontecido".

Como era de se imaginar, esse comentário me atingiu feito um *Titanic*, e após uma discussão acalorada, Mike pediu que minha mãe deixasse Liz no hospital mais próximo, pois ele estava lavando as mãos.

Ele estava lavando as mãos em relação à filha adolescente que enfrentava uma doença mental.

O pai da minha namorada *disse* essas palavras.

Babaca.

Fosse a coisa certa ou não, não era algo que eu pudesse fazer com a minha melhor amiga.

Me deitar na rua em frente à minha casa e ver os vizinhos passarem por cima de mim com seus carros doeria menos do

que abandonar minha namorada num hospital.

Desabafar com a minha mãe também não era uma opção, porque no fundo eu sabia que ela faria o que *eu* não era capaz.

Então, em vez de fazer qualquer uma dessas coisas, inventei uma história para a minha mãe dizendo que a Liz precisava passar uns dias em casa enquanto os pais dela estavam fora, e fiz tudo o que pude para proteger sua dignidade.

Fechados no quarto, usei todas as ferramentas que eu tinha à disposição para manter a mente dela relaxada e o corpo saciado.

Lábios.

Dedos.

Língua.

O que quer que Liz precisasse, eu lhe dava sem reclamar, silenciosamente rezando para que ela voltasse para mim por livre e espontânea vontade.

E sem a necessidade de outra internação na enfermaria psiquiátrica.

30 de outubro de 2003

Quero mais

LIZZIE

Os lábios do Hugh estavam em mim, e eu nunca tinha sentido um beijo como aquele.

Ele me amava com a língua.

Sei que era um jeito estranho de falar de um beijo apaixonado, mas era a verdade.

Ele sempre me amou com seu beijo.

Com todos os seus beijos.

Com todos os seus toques.

Pertenciam a mim.

Ele todinho pertencia a mim.

— Eu te quero — falei.

Completamente imprudente com minhas ações, montei nele sem nem vacilar.

O desejo intenso que eu tinha de ser preenchida por ele era quase sufocante. Eu estava ficando sufocada e só conseguiria respirar de novo quando Hugh estivesse dentro de mim.

Eu queria rir, chorar, gritar e jogar a cabeça para trás, tudo ao mesmo tempo.

A força por trás dos meus desejos parecia até sobrenatural,

porque eu não conseguia ser saciada.

Eu precisava de mais, e minha necessidade era constante e agonizante.

Era fisicamente dolorosa, a ponto de eu estar disposta a ficar de joelhos para conseguir o que queria.

O que eu precisava.

Eu *precisava* ter acesso constante a ele vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e mesmo assim nunca seria o suficiente.

E o meu sono?

Bem, eu não precisava mais dormir.

Eu estava funcionando por mágica, que nem uma espécie de Mulher-Maravilha.

Eu era invencível.

Nada poderia me impedir.

Era tão libertador!

Era eletrizante.

— Liz... — Sua voz estava arrasada. — Precisamos conversar.

— Não precisamos, não. — Pressionei as mãos no seu peito, enfiando os dedos na sua pele maravilhosa. — Precisamos nos tocar.

Meu Deus, ele era tão bonito!

Eu queria sentir seu corpo nu se esfregando no meu.

Sem barreiras.

Sem roupas.

— Por favor, baby — Hugh grunhiu nos meus lábios. Ele estava com uma das mãos na minha cintura e a outra no meu rosto. — Vamos nos acalmar e conversar um pouquinho.

— Você está duro — falei, completamente desconectada das palavras que saíam da boca dele. Eu não conseguia ouvir. Só conseguia *sentir* seu corpo.

Sem me satisfazer com os toques, tão limitados, rebolei e

alinhei a parte mais macia de mim com a parte mais rígida dele.

Então o senti onde eu precisava.

— Me come — implorei, encorajando-o a tocar os meus seios enquanto colocava sua outra mão entre as minhas coxas. — Me come, Hugh.

— Merda — ele disse, arfando e enfiando o dedo lá no fundo. — Eu não devia estar fazendo isso.

— Devia, sim — falei, rebolando na sua mão e puxando sua cueca. — Está tudo bem.

Ele gemeu quando deslizei a mão para dentro e moveu os quadris assim que agarrei seu pau — o que era um desafio, porque havia muito *dele* para agarrar, mas eu sabia como ele gostava.

— Porra, Liz... baby, que gostoso.

— Quero mais — pedi, me mexendo na sua mão. — Pode enfiar mais — falei, insaciável. — Mais uma noite e você vai poder botar tudo dentro de mim.

31 de outubro de 2003

É hora do show, baby

HUGH

Para ser justo com a minha mãe, ela não ficou enchendo o nosso saco quando meus amigos chegaram em casa na noite de Halloween. Em vez disso, ela nos deu uma boa dose de privacidade e ficou de olho na gente da casa da sra. Grady, do outro lado da rua.

Isso era uma prova da confiança que minha mãe tinha em mim e que eu não merecia, porque dentro da gaveta da minha mesinha de cabeceira havia um pacote com três preservativos com a etiqueta "extra seguro".

— Vamos caprichar, hein, gente! — Gibs disse. Estávamos sentados ao redor da fogueira no meu quintal, assando marshmallows e bebendo uma latinha de Devil's Bit. — Hoje, vamos ser uns anjos. — Ele sorriu maliciosamente. — Mas, amanhã à noite, vamos ser anjos caídos.

— Demônios — Pierce O'Neill o corrigiu.

Gibs olhou para ele confuso.

— Hã?

— Hoje, vamos ser anjos. Amanhã à noite, vamos ser demônios — o Pierce disse.

— Soa melhor — Robbie Mac concordou.

— É — Danny falou, rindo. — É bem melhor que anjos caídos.

— Parem de botar defeito no meu discurso, seus babacas — Gibsie reclamou, dando uma mordida no marshmallow. — Eu disse o que disse.

— Não liga pra eles — Feely o consolou, oferecendo seu marshmallow para o amigo. — Você é ótimo, Gibs.

Tentei prestar atenção na conversa, de verdade, mas era praticamente impossível com a minha namorada sentada no meu colo, rebolando de um jeito tão erótico que eu estava dolorosamente duro.

— Preciso de você agora — ela sussurrou no meu ouvido, lambendo o lóbulo da orelha.

Fechei os olhos e precisei reunir todas as minhas forças para me conter.

— Fica comigo, Hugh. — Seus lábios estavam no meu pescoço. — *Dentro* de mim.

Era demais e não o suficiente, tudo ao mesmo tempo.

Liz tirou os braços do meu pescoço, se levantou e foi para a porta do pátio, me olhando por cima do ombro com uma expressão que dizia "Vem, garoto".

E eu a segui obedientemente feito um cachorrinho bem treinado, ignorando os gritos e assobios dos caras na fogueira.

Quando chegamos ao corredor do andar de cima, ela pegou minha mão e me puxou para o meu quarto sem falar nada.

Lá dentro, ela trancou a porta e me conduziu até a cama. Enquanto isso, meu coração ameaçava sair pulando do peito de tão acelerado.

Era isso.

Aquela era a noite.

Será que eu ia conseguir?

Eu não tinha certeza.

Tiramos nossos sapatos e a Liz ficou na ponta dos pés para dar um beijo quente na minha boca.

— Esperei tanto por isso! — ela confessou, enquanto seus dedos abriam depressa o botão e o zíper da minha calça jeans. — Tira isso — sussurrou, segurando a barra da minha camisa e puxando-a para cima. — Fica pelado pra mim.

— Tem certeza?

— Me mostra o que você tem de bom, Biggs — ela pediu, se livrando rapidamente de cada roupa do corpo.

Eu estava tão perdido no momento, tão hipnotizado pela visão dela todinha nua, que fiz tudo o que ela pediu.

— Perfeito — ela disse, percorrendo o olhar pelo meu corpo. — Você foi feito para mim.

Daí me empurrou na cama e montou em mim logo depois, e a pressão foi quase insuportável.

— Fica deitado — ela ordenou, assumindo a liderança e me empurrando de costas. — Hum, isso, assim mesmo.

Seus lábios amassaram minha boca ao mesmo tempo que sua mão segurou meu pau.

— Caralho... — grunhi, agarrando o lençol. — Liz...

— Você está sempre me salvando, Hugh — ela ronronou, em cima de mim, se entregando totalmente, enchendo meu rosto de beijos. — Deixa eu cuidar de você dessa vez.

Eu queria deixar.

Queria mesmo.

Mas pensei em como seus olhos estavam hoje, brilhantes e selvagens, e surgiu a culpa.

— Liz, espera.

A gente não podia fazer aquilo.

Não com ela no meio de um episódio.

— Hum... — ela disse, se posicionando e se encostando na

cabeça do meu pau. — Mal posso esperar pra te sentir dentro de mim.

Não sei se algum cara da minha idade poderia pisar no freio naquela hora, mas foi o que eu fiz.

— Espera! — Botei as mãos na sua cintura e a ergui com cuidado antes de me levantar.

— Qual o problema? — ela perguntou, toda sexy e ofegante. — Você está tão duro! Você estava gostando.

— Eu estava... estou — falei depressa, colocando a cueca de volta. — Mas a gente não pode fazer isso hoje.

Ela ficou em silêncio por uns dez segundos inteiros antes de explodir.

— Que merda é essa, Hugh? — ela perguntou, ficando de pé. — Você me prometeu que a gente ia transar hoje!

— Calma — sussurrei, apontando para a parede que separava o meu quarto do quarto da minha irmã. — A Claire está na cama.

— Não ligo! — minha namorada gritou de um jeito quase feroz. — Você disse que ia me comer, então me come, caramba!

— Não posso — admiti, torcendo para que ela me ouvisse. — Não com você assim.

— Assim como?

— Em mania, baby! — Vesti a calça e me aproximei dela. — Não posso fazer isso com você num episódio de mania.

Ela ficou me encarando como se não compreendesse uma palavra do que falei.

— Não vou esperar outra noite.

— Você vai ter que esperar — respondi, tranquilo, colocando meu moletom nela.

— Vou transar hoje, Hugh — a Liz disse, afastando minha mão. — Vai ser hoje.

— Não comigo.

— Tudo bem então — ela berrou, indo para a porta pisando duro. — Se você não quer me comer, vou achar quem queira.

31 de outubro de 2003

Me dá o que eu quero, senão...

LIZZIE

O Hugh mentiu.

Ele era um *mentiroso*.

Me enganou, me fazendo acreditar que poderia me deixar melhor só para depois arrancar tudo de mim.

Será que não entendia o quanto eu precisava dele?

Não se importava com o fato de eu estar pegando fogo?

Tudo doía e eu precisava dele, droga!

Não conseguia mais entender meus pensamentos.

Nem sabia para onde estava indo.

Tudo o que eu sabia era que estava sendo consumida pela raiva e *precisava* me mexer.

— Ei! — Uma voz estranha me chamou, e senti uma mão grande no ombro. — Aonde você está indo?

Confusa, me virei e vi um dos caras do rúgbi.

— Aonde eu estou indo?

— É — ele falou devagar, com os olhos azuis fixos em mim. — Você está bem? — O garoto me avaliou de cima a baixo e franziu a testa. — Por que está andando por aí só de moletom?

Eu estava?

— Não sei direito. — Atordoada, olhei para o moletom do Hugh que eu estava usando e depois para os postes iluminando a escuridão. — Eu, hum... sei lá.

— Ei! — o garoto disse, segurando meus ombros. — Está tudo bem. Não fica triste.

— Eu estou triste.

— Por quê?

— Porque eu... — Soltei um suspiro sofrido. — Só queria me sentir bem.

— Se sentir bem?

— Uhum. — Fechei os olhos e me balancei de um lado para o outro. — Quero ser tocada.

— Quer?

— Uhum.

— Se você quer se sentir bem, posso fazer isso por você.

Tremendo, me aproximei dele.

— Você pode?

— Sim. — Ele colocou as mãos na minha cintura e me puxou. — Se você quiser.

— Hum... — Soltei um gemido frustrado e senti meu corpo oscilar. — Eu só queria...

— Liz!

Confusa ou não, eu *conhecia* aquela voz.

Me virei e dei de cara com aqueles olhos de uísque.

— Pode ir — Hugh falou para o garoto com frieza. — Agora.

— Cara, a sua garota deve estar chapada — ele disse, dando uma risada nervosa e se afastando. — Achei ela zanzando na rua seminua.

— Beleza, eu cuido dela — Hugh disse com os dentes trincados. — Pode ir, Pierce.

O cara ficou olhando para a gente antes de balançar a cabeça e ir embora.

Hugh esperou Pierce sair para falar:

— O que você estava fazendo, Liz?

— O que você acha que eu estava fazendo, Hugh? — perguntei, irritada.

— Não faço ideia — ele respondeu calmamente. — É por isso que estou te perguntando.

— Por que você não me quer?

— Ah, acredita em mim: eu te quero.

— Então por que não me come?

— Porque estou tentando te *proteger*.

Porra, ele era tão bonito!

— Estou sentindo o seu perfume — falei, me aproximando até nossos corpos ficarem colados. — Seu cheiro é tão bom! Ei... por que está se afastando? — perguntei quando tentei beijá-lo e ele recuou.

— Vem. — Ele pegou minha mão e me levou para longe do poste. — Vamos voltar pra casa, ok?

— Não, não, não, não vou pra lugar nenhum com você — eu disse, estreitando os olhos para o garoto me arrastando pela rua. — Você mentiu pra mim.

— Podemos conversar sobre isso de manhã — ele falou, mantendo a voz neutra. — Depois que você tiver uma boa noite de sono.

— Não quero dormir — gritei, furiosa. — Quero transar.

Ele não respondeu.

Só continuou andando.

— Para de puxar meu braço!

— Não estou te puxando. Você que está me puxando.

Eu estava?

Ah, espera. Eu estava *mesmo*.

— Foi mal. — Dei risada. — Engraçado, né?

— Muito.

Revirei os olhos.

— Você é tão ranzinza!

— Tá bom, Liz.

— Por que está concordando com tudo o que eu digo?

— Estou fazendo isso?

— Está, e está me deixando puta, então para.

Ele ficou em silêncio.

— Droga, para de me ignorar.

Mais silêncio.

— Odeio quando você faz isso.

— Isso o quê?

— Quando faz eu me sentir uma pessoa horrível sendo que só estou sendo eu mesma.

— Não te acho uma pessoa horrível, Liz. Acho que você está doente.

— Pior ainda.

— Ok.

— Não, quer saber? Vá se foder. — Arranquei a mão dele. — Vá se foder por fazer eu sentir que é errado ser eu mesma.

A mágoa brilhou nos seus olhos.

— Quando foi que eu fiz isso?

— Está fazendo agora! — Empurrei seu peito. — Essa sou eu, Hugh. — Ergui as mãos e dei uma volta. — Essa sou eu. Estou feliz. Estou sendo eu. Não vou mais tomar esse remédio de merda, e se você não pode me amar como eu sou, pode ir.

Ele ficou parado no meio da rua com as mãos na cintura, balançando a cabeça.

— Você não está falando sério.

— Você fica tão sexy quando está bravo comigo... — eu disse, sendo dominada pelo desejo. — Não sou a única que te quer. — Cheguei mais perto. — Vejo elas te olhando na escola. — Estiquei o braço e apertei sua bunda, trazendo-o para mim. —

Querendo o que é meu. — Dei um beijo no seu pescoço. — Você é meu, não é? — Eu o beijei de novo. — E eu sou sua.

— Então aja como se fosse — ele finalmente explodiu, passando o braço na minha cintura. — Porque não vou tolerar a merda que vi aqui. — Ergueu o braço, tirou o cabelo do meu rosto e me forçou a olhar para ele. — Está me ouvindo? Se você me trair, não vai ter volta. Não pra mim. Não importa que você seja bipolar.

— Não te traí — falei. — Eu te amo.

— Não sou santo, Liz. Tenho meus limites.

Quanto mais bravo ele ficava, mais eu o desejava.

— Você pode me fazer melhorar — insisti, capturando sua boca entre os dentes e o puxando. As pálpebras dele se fecharam, e eu o senti crescer contra mim. Soltei seus lábios com um estalido alto, coloquei a mão entre nós e peguei seu pau. — Sei que você pode me fazer melhorar. — Apertei a mão, vendo sua determinação enfraquecer a cada centímetro que seu pau crescia. — Estou sentindo.

Hugh suspirou, arrasado.

— Tô falando sério, Liz, se eu pudesse te fazer melhorar com sexo, eu te comeria pra sempre.

— Por que você não pode só *tentar*?

— Porque tenho medo.

— Do quê?

— De você, Liz. Tenho medo de *você*!

— Você tem medo de me comer porque tem medo de mim?

— Não, Liz, tenho medo de te comer porque não sei qual versão de você eu vou estar comendo!

PARTE 19

A grande traição

1º de novembro de 2003

Você está desconvidada!

LIZZIE

Na manhã seguinte, ao acordar sozinha no quarto da Claire, saí da cama às pressas para procurar o meu namorado.

Encontrei o Hugh na cozinha, dando risada e se divertindo com Thor, e fiquei furiosa na hora.

Por que meu namorado parecia tão feliz quando estava com *ele*, e não quando estava comigo?

Qual era o problema *comigo*?

Por que ele não conseguia sorrir desse jeito *comigo*?

Thor foi o primeiro a notar a minha presença, e o vi dar uma cotovelada discreta no Hugh até se levantar e seguir para a porta.

— Vou pra casa dar uma olhadinha no Brian.

— Beleza, cara — Hugh respondeu, e seu sorriso já tinha desaparecido. — Te vejo daqui a pouco.

Ele esperou o amigo sair e então voltou a atenção para mim.

— Bom dia.

— Bom dia — falei, irritada e confusa. — Por que você não me chamou quando acordou?

— Eu tinha umas coisas pra fazer — ele disse calmamente,

desviando o olhar para a caneca que estava segurando. — Conversei com a sua mãe de manhã. — Com a cabeça baixa, ele deu um gole na bebida. — Ela vai chegar logo.

— Por quê? — perguntei, instantaneamente irritada.

— Pra te buscar, Liz.

— Pensei que eu fosse ficar aqui.

— Sua mãe vai te levar pra casa, ok?

— Hugh, não! — Arrasada, me aproximei dele e tentei iniciar uma intimidade. — Vamos...

— Não, Liz — ele falou, me afastando. — Não consigo fazer isso agora.

— Por que não?

Seus ombros ficaram tensos, mas Hugh não respondeu.

— Vem comigo — implorei, abraçando-o. — Por favor. — Beijei seu ombro. — Não me manda de volta pra lá sozinha.

Ele soltou um suspiro sofrido.

— Liz...

— Por favor, Hugh — repeti, desesperada. — Vem pra casa comigo.

Outro suspiro lhe escapou e ele cedeu.

— Está bem.

Três horas depois, eu estava sentada de pernas cruzadas no chão do meu quarto, de frente para o meu namorado, baixando uma carta, totalmente desinteressada no jogo.

Hugh claramente também não estava ligando muito para aquilo, porque nem olhou antes de atirar uma carta qualquer na pilha.

Ele ficou com os olhos fixos em mim o tempo todo.

Frustrada, baixei outra carta e arqueei a sobrancelha, desafiando-o.

E de novo meu namorado nem olhou para a carta.

Só acrescentou outra no monte.

— Você vai me dizer o que está pegando? — enfim perguntei, sem conseguir aguentar mais um segundo daquele silêncio intenso.

— Depende — ele respondeu com calma. — Você vai me contar o que estava fazendo com o Pierce ontem à noite?

— Nada.

— Ok.

— Você não acredita em mim.

— Não importa no que eu acredito, Liz — ele disse, abaixando outra carta. — Se você está falando a verdade, então é isso.

— Mas você não acha que estou falando a verdade?

— Acho que você precisa pensar muito bem no que está fazendo — ele falou com um tom bizarramente controlado. — E com quem.

— Ah, meu Deus... — murmurei, erguendo as mãos. — Eu não te traí, Hugh.

Ele balançou a cabeça e se levantou, e seu movimento me fez surtar.

— Espera, não, não, não! — Fiquei de pé e fui atrás dele, agarrando-o bem quando ele ia abrir a porta. — Por favor, não vai embora.

— Não vou passar o resto da minha vida fazendo isso com você. Você entende?

— Eu estou bem, Hugh. — Estiquei o braço, segurei seu rosto e o beijei. — Está vendo? Estou ótima.

— Você não está tomando os seus remédios e está em crise. — Seus olhos castanhos imploraram para que eu o escutasse. — Não está no controle de si mesma, Liz, e da próxima vez que fizer merda, talvez eu não esteja perto. — Ele respirou fundo. — Se você me magoar como quase fez ontem à noite,

eu *vou* embora.

— Eu nunca faria algo pra te magoar — ronronei, tentando conduzi-lo de volta para a cama. — Só quero fazer você se sentir bem.

— Se você quer fazer eu me sentir bem, então me *escuta* — ele disse, se desviando de mim assim que eu quis abrir a sua camisa. — Porque estou tão apaixonado por você que até dói, tá? — Um grunhido sofrido lhe escapou quando pulei em cima dele e o empurrei na cama. — Liz, por favor, me escuta.

— Você me quer — falei, sentindo-o crescer debaixo de mim. — Eu também te quero. Te quero tanto que nem consigo dormir. — Segurei minha blusa e a arranquei por cima da cabeça. — Passo a noite toda me tocando e não é o suficiente. — Peguei suas mãos e as levei até os meus seios. — Preciso muito disso, Hugh.

— Eu não sei quem você é quando está assim — ele admitiu com a voz rouca. — E isso me assusta pra caralho. — Se sentou e, para o meu desespero, agarrou meus ombros, me obrigando a olhar para ele. — Você está me assustando, Liz.

— Eu nunca te machucaria, baby — sussurrei.

— Não estou assustado por mim — falou, segurando meu rosto e fazendo eu me concentrar nele. — Olha pra mim.

— Me come.

— Olha pra mim, Liz.

— Vou te olhar quando você me comer.

— E quem exatamente eu vou comer? — Hugh perguntou, arfando. — Vai ser essa versão da minha namorada? A que se esfrega em outros caras quando não está tentando arrancar as minhas roupas? Ou vai ser a versão que corta os próprios pulsos?

Estremeci e dei um suspiro de perplexidade, mas ele não parou, claramente descontrolado.

— Ou vai ser a versão que passa semanas na cama? Ou a versão que ataca qualquer um que olhar pra ela de um jeito estranho? Hein? Você não sabe? Bem, eu também não! — Hugh gritou, perdendo a paciência. — Mas, quando a garota por quem eu me apaixonei voltar, me avisa, e vou ficar mais que feliz de atender o seu pedido e transar com *ela*. — Estreitou os olhos e disse, entre dentes: — Porque essa é a única versão da minha namorada com quem tenho interesse em estar!

— Isso não é justo! — gritei de volta. — Você está sendo injusto!

— Bem, podemos conversar quando você voltar a si. Estou te desconvidando pra festa de hoje. Ouviu? Você está desconvidada.

— Até parece — rosnei, sendo tomada por uma raiva repentina. — Eu sou sua namorada. Você não pode me desconvidar.

— Duvida? — ele falou, me colocando na cama.

— Hugh, espera!

— Fica aqui — ele ordenou, pegando a mochila e seguindo para a porta. — E toma a porra dos seus remédios!

Ele bateu a porta do quarto e eu berrei.

Derrubei tudo o que encontrei pelo caminho e soquei as paredes, sentindo tanta fúria dentro de mim que seria capaz de matar alguém.

— Seu babaca de merda! — gritei, me inclinando para fora da janela do quarto. — Vá se foder, Hugh!

— Pode deixar, Liz — ele falou por cima do ombro enquanto saía pelo portão.

— Eu te odeio!

Ele não olhou para trás.

Em vez disso, só continuou andando até desaparecer de vista.

E foi embora.

1º de novembro de 2003

Diga oi pra minha amiguinha

HUGH

— Puta que pariu! — Danny Call disse, se juntando a nós na cozinha. — Esses caras são da ECB?

Minha casa estava abarrotada, graças ao Gibs, e levei um tempo para localizar o grupo a que ele estava se referindo.

— Ah, é — falei, reconhecendo uns garotos da época da Scoil Eoin. — Fazia anos que eu não via esses caras.

— Bem, será que a gente acompanha eles de volta pro outro lado da cidade?

— Você é um esnobe do caralho, hein? — Gibs comentou, enojado. — Acompanhar eles de volta pro outro lado da cidade? — Ele revirou os olhos. — Que coisa mais arrogante de se dizer!

Danny ficou vermelho.

— Novidade: a gente é arrogante.

— Seu pai é farmacêutico — falei. — Não precisa se achar tanto.

— Qual o problema? — Gibsie perguntou. — Eles não estão causando e, além disso, foram convidados.

Danny ficou perplexo.

— Quem convidou?

— Eu, babaca — Gibs respondeu, irritado. — Você sabe que a gente estudou com eles no primário, né?

— E eles já vieram aqui em casa antes — acrescentei, franzindo a testa. Vieram a todos os meus aniversários, da pré-escola até a sexta série. — Os caras são gente boa e são mais que bem-vindos aqui.

— A gente só aguentou eles porque era obrigado — Pierce interveio, se aproximando. — Pensei que tivéssemos deixado a escória pra trás no primário.

Que filho da puta!

Ele era bem cara de pau de aparecer ali.

— Você é um escroto mesmo, né? — sussurrei, com o autocontrole por um fio. — Vaza daqui antes que eu quebre o seu nariz.

— Nossa, Biggsie! — Danny disse, confuso. — Qual é o problema, cara?

— Ele é o problema — esbravejei, arfando e olhando feio para Pierce. — É melhor você sair da minha frente senão vou arrancar a sua cabeça. Estou avisando.

Felizmente, o sujeito teve o bom senso de fazer o que mandei e desaparecer na multidão com Danny antes que eu explodisse.

— O que está pegando? — Gibs perguntou, me olhando com curiosidade.

— Você não vai querer saber, cara — respondi, ainda fervendo de tensão. — Vai por mim.

— Ok — ele falou, dando tapinhas nas minhas costas. — Que tal parar de falar e começar a beber?

— Acho que é uma ótima ideia, Gibs.

— Aqui — ele disse, colocando um copinho contendo um líquido claro na minha mão. — É só virar, cara.

Engoli tudo de uma vez sem nem me dar ao trabalho de

perguntar o que era.

— Caralho! — soltei, sentindo a garganta queimar. — Que porra é essa?

— Diz oi pra minha amiguinha — Gibs falou, animado, agitando uma garrafa com uma tampa de *sombrero* no meu rosto. — Testada e aprovada por mim mesmo. — Ele tirou o chapeuzinho mexicano com um gesto exagerado e encheu meu copo de novo antes de se servir. — Te garanto que isso vai anestesiar todos os seus sentimentos.

Eu o encarei desconfiado enquanto ele dançava, segurando a garrafa protetoramente no peito.

— Confia em mim, cara. — Ele brindou o copo no meu. — Sou o mestre do disfarce.

— Foda-se. — Soltando um suspiro trêmulo, inclinei a cabeça para trás e virei tudo em um gole só. — Isso foi um erro.

— Pelo contrário, meu amigo. — Ele fez uma pausa para colocar o chapeuzinho da garrafa na própria cabeça e virar seu copo, soltando um chiado alto. — Esta é a melhor decisão da sua noite.

— Não estou falando da tequila, Gibs, mas da festa — expliquei, aceitando outra dose. — Isso foi um erro da porra.

— Ficou maluco? — Ainda pulando e se balançando, ele gesticulou para a cozinha lotada. — Olha em volta, Hugo. A casa está bombando. A bebida está voando. A festa está a todo vapor.

Ele brindou o copo no meu de novo antes de virá-lo feito um profissional.

— Aeee! — Gibs comemorou, dançando. — À primeira das muitas festas que vão rolar no seu maravilhoso estabelecimento, Hugo. Ah, e não se preocupa com o Velho Murphy aqui da rua. Se aquele babaca intrometido chamar a

polícia, eu me responsabilizo.

E se ela aparecer?, eu queria perguntar, mas as palavras não saíram. Porque estava morrendo de medo de falar em voz alta e virar realidade.

1º de novembro de 2003

Perdendo a cabeça

LIZZIE

Eu não me lembrava de como cheguei à casa do Hugh e já estava tropeçando na porta dele, totalmente encharcada, com uma garrafa de uísque do meu pai pela metade balançando nos meus dedos.

A confusão me dominou, tornando difícil reconhecer os rostos sorridentes me cumprimentando.

Eu não conseguia entender uma palavra do que diziam.

Não me lembrava nem da minha senha para desbloquear o celular.

Naquela hora, só sabia que minhas roupas estavam molhadas, minha mente estava um caos e eu queria meu namorado.

Hugh.

Balancei a cabeça e subi as escadas, me movendo por instinto, desesperada para encontrá-lo.

Porque eu *precisava* dele.

Porque estava prestes a *explodir*.

Porque não conseguia *respirar* sem o toque do Hugh.

Entrei no quarto dele cambaleando, e pisquei de surpresa ao ver um garoto de cabelo raspado esparramado na cama.

Inclinei a cabeça para o lado e perguntei:

— O que está fazendo?

— Te esperando — ele respondeu com os braços cruzados na nuca.

— Até parece — falei, dando risada e balançando o dedo. — Eu não devia estar aqui hoje. Porque fui... — solucei e falei arrastado: — *desconvidada*.

— Pois é, eu também — ele disse, suspirando. — Fui banido pelo Biggsie. Achei melhor dar um tempo aqui em cima pra ficar fora do caminho dele.

— Você também? — Arregalei os olhos e agitei a garrafa. — Também fui banida.

Ele gargalhou.

— Quão bêbada você está?

— Não estou bêbada — declarei, dando voltinhas. — Estou chapada.

— Não quer dividir esse uísque, não? — ele perguntou, gesticulando para a garrafa. — Parece muito pra uma garota só. — Ele me olhou de cima a baixo. — Uma garota inacreditavelmente linda.

— Só por fora — falei, cambaleando até a cama para lhe entregar a garrafa. Me joguei no colchão e dei um suspiro triste. — Por dentro, sou bem feia.

— Não acredito nem um pouco nisso — ele disse, se virando de lado para me encarar. — Caralho, você é ainda mais linda de perto. — Ele deu um gole na garrafa e depois a colocou na mesinha de cabeceira. — O Biggsie é um cara de sorte.

— Ah, meu Deus, eu amo tanto ele! — Peguei o travesseiro que estava debaixo da minha cabeça, o levei ao rosto e respirei fundo. — Mas o Hugh não me quer.

— Claro que ele te quer — retrucou, rindo e se deitando de frente para mim. — Todos os caras da escola te querem.

— Ele não — grunhi, querendo chorar, quando o perfume familiar do seu travesseiro se infiltrou nos meus sentidos. — Porque ele é perfeito e eu não.

— Bem, o Biggsie deve ser cego se não te quer — o garoto comentou, colocando a mão na minha cintura. — E, só pra constar, eu te acho perfeita pra caralho.

— Acha?

Ele fez que sim devagar.

— Se você fosse minha, eu te daria tudo o que você quisesse.

— Tipo o quê?

— O que você quer?

— Quero ser tocada — admiti. — Quero que o Hugh me toque.

— Ele não te toca? — ele perguntou, passando os dedos pelas minhas coxas.

— Pode chamar ele pra mim? — pedi, com dificuldade para me concentrar com a mão dele subindo pela minha perna. Fechei os olhos e soltei um suspiro trêmulo. — Preciso conversar com ele.

— Por que você não conversa comigo? — o garoto sugeriu, deixando meu corpo maluco quando seus dedos deslizaram sob o meu vestido. — Juro que sou um ouvinte bem melhor.

— Hum... — Minhas pálpebras tremeram, eu me deitei de costas e deixei minhas pernas se abrirem. — Hugh... — Peguei sua mão, a posicionei entre as minhas pernas e gritei ao sentir seus dedos dentro de mim. — Me come.

— Você quer que eu te coma?

— Preciso disso.

— Tem certeza?

— Preciso sentir.

Eu estava pegando *fogo*.

Estava ardendo em chamas e precisava que meu namorado

me tocasse.

— Hum... — Mantendo os olhos fechados, concordei com convicção enquanto seus dedos iam lá no fundo. — Me possua.

***

Me retorcendo, meu corpo se arqueou para cima por vontade própria enquanto eu encarava a parede, inerte.

— Estou perto — ele grunhiu no meu ouvido, se enterrando em mim. — Estou de camisinha, mas posso tirar antes de gozar se você quiser.

— *Isso, baixinha, me recebe como a boa menina que você é...*

— Caralho, sua buceta é uma delícia.

— *Não resiste, baixinha. Não seja uma bebezona que nem minha outra criança...*

Me agitando ferozmente, prendi o fôlego e esperei acabar.

— É a sua primeira vez?

— *Está vendo? Não foi tão ruim, né, baixinha? Você está bem grandinha agora...*

— Não. — Minhas lágrimas se acumularam no travesseiro. — Sou bem grandinha.

— Espera, você está chorando?

— *Fica de boca fechada, senão vou cortar a garganta dela...*

— Meu Deus, vou parar, tá bom? Não precisa chorar.

— Não, Hugh, não! — Contendo um soluço, estiquei os braços para ele cegamente. — Não me abandona.

1º de novembro de 2003

Apaga as luzes

HUGH

— Vem, Hugh — uma menina de um dos grupos de dança da minha irmã falou algumas horas depois, aparecendo ao meu lado. — Dança comigo.

— Isso, Hugh — Gibs, que estava para lá de Bagdá, namorando a garrafa quase vazia de tequila, brincou. — Dança com ela.

— Me desculpa, Lisa, mas não posso — respondi, balançando a cabeça. — Tenho namorada.

— Cadê ela?

Espero que em casa.

— Tenho namorada — repeti, arrancando seus dedos da minha camisa e dando um passo para trás, para longe do perigo. — Mas ele não tem — eu disse, empurrando meu colega Luke Casey para ela.

— Nossa, Hugh, que generoso! — Luke falou secamente, enquanto seus olhos diziam "É melhor me tirar dessa, babaca".

— Ah, nossa! — Ela suspirou, impressionada. — Você é *lindo*.

— Ele é tão lindo — Gibs concordou, imitando a voz aguda dela e piscando os cílios. — Que garoto mais lindo!

Ela sacou uma camisinha do sutiã e a agitou na cara dele como se fosse um grande prêmio, e antes que Gibs tivesse a chance de pensar em uma resposta, a garota já estava com a língua enfiada tão fundo na garganta do nosso companheiro de equipe que devia estar encostando nas suas amígdalas.

Temporariamente pego de surpresa, Luke manteve as mãos erguidas ao lado do corpo, completamente atordoado, e quando ela enfiou os dedos dentro da sua calça jeans, tive que desviar o olhar.

— Meu Deus do céu! — Agitando a cabeça, me virei para Gibs. — O que foi que a gente fez?

— Se está pensando que estou achando isso sexy, está enganado. — Gibs balançou a cabeça, engoliu um tanto de tequila direto da garrafa e colocou as mãos em torno da boca para anunciar: — Lukey, se estiver precisando de ajuda, mostra três dedos!

Nosso colega levantou a mão, mas em vez de mostrar três dedos, mostrou o do meio.

Daí, com a boca ainda cirurgicamente atracada à língua demoníaca da Lisa Nevin, Luke a ergueu.

Sem hesitar, ela enlaçou as pernas na cintura dele enquanto Luke os conduzia para a porta.

— Puta que pariu, Hugo. — Gibs bateu no meu peito na mesma hora em que bati no dele. — Acho que ele vai levar a Lisa lá pra cima pra transar.

— Acho que você está certo, cara — falei, agarrando a sua camiseta com tanta força quanto ele agarrava a minha. — O que a gente faz?

— A gente não sei, mas você definitivamente devia subir pra trancar a porta do seu quarto. — Ele deu um tapinha no meu ombro. — A não ser que queira dormir em cima da marca de outro cara...

Eu já tinha disparado para a escada antes mesmo de ele terminar a frase.

Bêbado e zonzo, subi os degraus às pressas até chegar ao meu quarto, bem a tempo de avistar Luke e Lisa desaparecendo no quarto de hóspedes.

Aliviado, decidi dar uma olhadinha no meu quarto e trancá-lo antes que outro contratempo acontecesse.

Quando me aproximei da porta e ouvi gemidos altos e ruídos claramente de sexo, fiquei irritado na hora.

Abri a porta, entrei e acendi a luz, pronto para acabar com qualquer babaca que se achasse inteligente o bastante para transar na minha cama.

Então acendi a luz e não consegui me mexer.

Não consegui nem respirar.

Congelei, enquanto meu cérebro lutava para compreender o que os meus olhos estavam vendo, sentindo meu coração se partir em um milhão de pedacinhos.

1º de novembro de 2003

Talvez você devesse ter pensado nisso antes

LIZZIE

— Que *porra* você está fazendo?

— Meu Deus! Me desculpa, cara!

— Você tem um segundo pra tirar o seu pau de dentro da minha garota antes que eu te mate.

Levei um tempo para registrar a gritaria, e mais tempo ainda para entender por que eu estava com tanto frio.

— Hugh, me desculpa mesmo, cara. Eu estava bebendo e ela estava... ah, puta merda, me dá uma chance de pelo menos botar as roupas, pode ser?

Pisquei, confusa, e quando me apoiei nos cotovelos vi Hugh esmurrando o outro garoto no chão do quarto.

O que me deixou mais atordoada foi o fato de Hugh estar completamente vestido e o garoto com o rosto desfigurado estar só de cueca.

— Hugh... — murmurei, completamente perdida.

— Se cobre! — ele berrou, pausando a surra para apontar para mim. — E não fala comigo agora, Liz!

Depois que ele retomou o que estava fazendo, olhei para mim e percebi que estava pelada. Então me cobri depressa com o

edredom.

Ah, meu Deus!

O que foi que eu fiz?

Não, não, não...

O que foi que eu fiz?

A porta do quarto se abriu e Thor entrou com tudo para avaliar o estrago. Ele pôs os olhos em mim por um breve momento antes de se concentrar no Hugh.

— Tudo bem, Hughie, estou aqui. — Thor envolveu os braços no meu namorado e o arrastou para longe do garoto sangrando no chão. — Não vale a pena, cara.

— Me solta, Gibs. — Nunca na minha vida eu vi o Hugh tão atordoado, se desvencilhando furiosamente do amigo e tentando com todas as forças avançar no garoto que estava se vestindo. — Eu vou matar esse babaca.

— Sério, Pierce? — Thor perguntou, se esforçando para segurar Hugh. — Então quer dizer que você é um fura olho?

— Me desculpa mesmo, Gibs — o garoto falou, colocando os sapatos e pegando o casaco na cadeira.

— Bem, não adianta nada pedir desculpa agora, babaca — Thor respondeu, furioso. — Depois de comer a garota de um colega na cama dele, seu cuzão!

— Me desculpa, gente, mas ela que veio pra cima de mim. Sério, Hughie. A Liz que me pediu pra transar com ela.

Hugh pareceu entender, e vi seus ombros se curvarem em derrota.

— Tira ele daqui, Gibs — sussurrou, abatido. — E manda todo mundo pra casa. — Um tremor profundo percorreu meu namorado quando ele disse: — A festa acabou.

O garoto não precisou ouvir duas vezes e correu para fora do quarto, seguido pelo Thor.

— Vou estar lá embaixo se precisar de mim, cara — ele disse,

olhando para o Hugh antes de fechar a porta e nos deixar sozinhos.

Me preparei para a sua ira, mas ela não veio.

Ele só virou as costas para mim e ficou olhando para a janela, segurando o parapeito.

— Hugh... — Me levantei da cama e corri até ele. — Por favor, por favor, por favor, me deixa explicar.

— Veste suas roupas, Liz. — Ele nem se virou e continuou olhando para fora. — Não consigo olhar para você agora.

— Me desculpa — falei, arfando. — Me desculpa, Hugh. Por favor, *conversa* comigo.

— Veste suas roupas, Liz.

— Tudo bem. — Fungando, voltei para a cama para procurar minhas roupas. — Me desculpa.

Fui recebida com silêncio.

— É sério, Hugh. — Minhas lágrimas caíram rapidamente, e comecei a entender a seriedade da situação. — Não sei o que aconteceu.

Ele não respondeu.

— Hugh, por favor! — Em prantos, coloquei a calcinha. — Fala alguma coisa.

Ele não falou nada.

— Não significou nada, eu juro. Eu, hum... eu... pensei que estivesse com você. — Peguei o vestido no chão e vi uma camisinha usada. — Ah, meu Deus! — Estremeci e contive um soluço enquanto me vestia depressa. — O que foi que eu fiz?

— Pode ficar aqui hoje se não quiser pedir pros seus pais virem te pegar — ele enfim disse. Endireitando a postura, soltou um suspiro e seguiu para a porta. — Vou dormir no Gibsie.

— Não, não, não, por favor, não me deixa aqui — choraminguei, correndo para interceptá-lo, mas era tarde

demais. Ele já estava descendo. — Hugh!

***

— Espera — pedi, indo atrás do meu namorado no meio da noite. — Hugh, por favor!

— Volta pra dentro, Liz — ele falou por cima do ombro, caminhando na direção oposta.

— Por favor, espera! — Correndo descalça pela rua, agarrei sua camiseta. — Não, Hugh, não vai embora. — Segurei seu braço com as duas mãos, chorando com todas as forças e tentando fazê-lo parar. — Por favor, não vai embora.

Sempre educado, Hugh parou para não sair me arrastando pelo asfalto, apesar de eu merecer.

Seu corpo inteiro estava rígido, e ele olhava para a frente, para a escuridão.

Eu estava segurando seu braço, mas ele não cedeu.

— Olha pra mim.

— Não *consigo*.

— Por que não?

— Porque não te conheço mais.

— Conhece, sim. — Fungando, estiquei os braços para tentar segurar seu rosto. — Eu ainda sou eu.

— Não. — Sua voz estava embargada, e ele balançou a cabeça, arrancando minhas mãos. — Não quero suas mãos em mim.

— Não significou nada, Hugh. — Desesperada, entrelacei os dedos nos dele e me aproximei. — Eu estava bêbada, ok? Eu estava te procurando. Pensei que fosse você! Eu te amo. Eu te amo, de verdade. Me desculpa, me desculpa. Me desculpa mesmo.

— Você transou com ele, Liz! — ele gritou, perdendo a paciência. — Com Pierce O'Neill! Meu colega de time! Você

transou com ele. Então não vem dizer que me ama.

— Mas eu te amo, Hugh!

— Você não sabe o significado dessa palavra — ele murmurou, arfando. — Eu te amava, Liz. Eu. — Depois, bateu a mão no peito. — Eu te amava tanto que te coloquei em primeiro lugar. Mesmo quando estava difícil fazer a coisa certa. Mas eu fiz. Porque é isso que a gente faz quando ama alguém. A gente coloca essa pessoa em primeiro lugar.

— Eu... — Balançando a cabeça, vasculhei o cérebro para encontrar as palavras para melhorar a situação. Para voltar no tempo. — Não sei por que fiz isso. — Um soluço sofrido me escapou. — Não significou nada pra mim. Eu só... às vezes eu sinto essas coisas e preciso...

— Você acha que aquele babaca se importa com você? — ele me interrompeu, gesticulando para a casa. — Você acha que ele liga pra alguma coisa que não seja o que tem debaixo das suas roupas? Porque vou te contar um segredinho, Liz: ele não liga. Noventa por cento dos imbecis que estavam em casa hoje não dão a mínima pra nada e só querem se dar bem!

— Hugh... — eu disse, me segurando nele com todas as forças. — Me desculpa.

— Você não é ninguém pra eles, Liz — ele continuou gritando com a voz embargada de emoção. — Não se importam com o seu coração nem com a sua cabeça nem com a sua vulnerabilidade. Não estão nem aí pra isso. Porque, quando olham pra você, só enxergam uma buceta!

— Me desculpa. — Soluços violentos me dominaram. — Eu só queria esquecer.

— Esquecer o quê? — ele perguntou com a voz rouca. — De mim? Eu fui tão ruim assim que você quis fazer isso? Você não podia esperar?

— Me desculpa, me desculpa — falei chorando, me sentindo

histérica. — Você foi perfeito comigo. Ninguém nunca se importou tanto comigo quanto você.

— Ah, é? Bem, novidade, Liz: nem tudo gira em torno de como você se sente — Hugh retrucou, arfando. — Eu também estava nessa relação, e *eu* não estava pronto pra transar, tá? Eu te dedico nove anos da minha vida e você transa com um qualquer na minha cama?

— Não sei como isso aconteceu! — berrei, agarrando os cabelos. — Eu só... queria me sentir bem.

— Então a sua necessidade de se sentir bem justifica me *trair*?

— Hugh... — Eu não conseguia nem respirar. — Não tive intenção de te magoar, eu juro! Acho que, quando estou bêbada, eu só... — Balancei a cabeça e chorei com força. — Me desculpa!

— Bem, então essa é a diferença entre a gente, Liz: eu *nunca* conseguiria ter intimidades com mais ninguém além de você — ele confessou, tremendo. — Bêbado ou não, *jamais* me entregaria a alguém aleatório que nem você.

— Só me dá outra chance, Hugh. — Fungando, tentei abraçar seu pescoço. — Me deixa consertar as coisas, tá?

— É tarde demais.

— Não. — Chorando descontroladamente, me segurei nele com unhas e dentes, pois foi como se o mundo inteiro estivesse me escapando por entre os dedos. — Por favor, não fala assim.

— Você não pode continuar fazendo isso comigo — ele disse com dificuldade, lutando para capturar minhas mãos, que o tocavam em todos os lugares. — Liz, você está me *matando*.

— Não é o que estou tentando fazer — falei, soluçando sem parar. — Eu só... sempre estrago tudo.

— Achei que te conhecesse — sussurrou, arrasado. — Achei

que você me quisesse. — Uma lágrima escorreu pelo seu rosto. — Mas estava errado.

— Não diz isso — choraminguei, me aproximando para lhe dar um beijo, mas ele desviou de mim. — Eu quero você. Você é tudo o que eu quero.

— Você vai sair dessa. — Fungando, Hugh virou a cabeça e limpou o rosto com o ombro. — E, quando isso acontecer, vai se odiar tanto quanto eu *queria* poder te odiar.

— Hugh!

— Acabou, Liz.

Não.

Não.

Não, não, não, não, não!

— Por favor, Hugh — falei, enquanto meu mundo desmoronava. — Por favor, estou te implorando!

— *Acabou* — ele repetiu, e sua voz falhou conforme ele respirava fundo, tremendo. — Pode ficar aqui hoje. Vou dormir no Gibs. Mas precisa ir embora de manhã. — Ele respirou fundo e enxugou as lágrimas bruscamente. — E deleta o meu número do seu celular.

— Hugh... — eu disse, me sentindo fraca. — Por favor, não fala assim.

— Já era, Liz — ele falou, se afastando. — Não tem volta.

— Eu te amo! — gritei para ele. — Você é o meu melhor amigo! Como é que vou sobreviver sem você?

— Talvez você devesse ter pensado nisso antes — foi tudo o que Hugh disse antes de se virar e ir embora.

1º de novembro de 2003

A dor não vai durar para sempre

HUGH

Eu não conseguia respirar.

Não conseguia pensar direito.

Não conseguia nem parar de *chorar*, caralho.

Eu nunca entenderia como é que meu coração continuava batendo, porque ela o espatifou nas paredes do meu quarto.

A imagem do meu companheiro de time entre as pernas dela, enfiando o pau nela, me fazia perder a cabeça.

— Vou vomitar — avisei, avançando para o vaso sanitário enquanto os conteúdos do meu estômago se esvaíam do meu corpo.

— Estou aqui, irmão — Gibs disse, se ajoelhando no chão do banheiro ao meu lado e esfregando as minhas costas. — Bota tudo pra fora.

— Pierce! — falei entre violentos jatos. — Meu colega de time!

— Ele é podre — Gibs tentou me consolar, limpando meu queixo com um pedaço de papel higiênico. — E vai ter o que merece, Hugo. Eu te garanto.

— A Liz *transou* com ele, Gibs.

— Eu sei, cara.

— A minha namorada *transou* com o meu *colega* de time.

— Sim, e são dois traíras, isso sim — meu amigo disse, passando o braço em mim enquanto eu pairava acima do vaso. — Eles que se fodam, Hugh. Você vale um milhão de Pierces e é bom demais pra uma garota que abre as pernas pra um colega do seu time.

— Não fala assim dela — grunhi, chorando alto e vomitando. — Porra, não consigo suportar isso.

— Você vai ficar bem — ele prometeu, limpando meu queixo de novo. — Essa dor não vai durar pra sempre.

— Vai, sim — retruquei, tremendo violentamente. — Amo aquela garota desde os sete anos.

— Eu sei.

— Não, você não sabe, cara. Você não faz ideia. Amei a Liz com todo o meu coração. Passei a vida toda completamente devotado a ela. — Um lamento rouco rasgou meu peito. — Como ela pôde fazer isso comigo, Gibs?

— Não sei, Hugh — ele respondeu baixinho, permanecendo fielmente ao meu lado. — Talvez ela estivesse bêbada?

— Que se foda — eu disse, arfando. — Estou bêbado e não estou transando com outras meninas.

Gibs ficou em silêncio por um longo tempo antes de falar:

— Talvez a Liz estivesse com algum problema — acrescentou com cuidado. — Sabe, tipo aquelas coisas que ela teve depois que a Caoimhe morreu.

— Isso não justifica porra nenhuma — eu disse, realmente quebrado por dentro. — Porque ela tinha escolha, Gibs, e escolheu estragar tudo.

2 de novembro de 2003

Por favor, só leva ela

LIZZIE

Eu não me lembrava de ter pegado no sono, mas claramente apaguei, porque, quando abri os olhos, já era domingo de manhã e eu estava sozinha na cama do Hugh.

Me levantei às pressas e desci as escadas a toda velocidade, disparando pela porta da frente com apenas uma coisa em mente.

Abalada, atravessei a rua, obrigando meus pés a avançarem até estar batendo na porta do Thor. Fervendo de raiva, me segurei para não chutar e esmurrar a estrutura de madeira enquanto esperava que me atendessem, impaciente.

Então Thor abriu a porta e não disse nada. Ele só se virou e desapareceu na sala.

Alguns instantes depois, Hugh se aproximou.

— Oi — falei, sem conseguir ficar quieta. — Podemos conversar?

Hugh me encarou e ficou me olhando por um ou dois segundos até balançar a cabeça.

— Não. Não temos nada pra conversar com você desse jeito.

— Desse jeito como? — perguntei, erguendo as mãos. — O

que estou fazendo de errado agora?

— Você está em mania, Liz. Se quiser conversar comigo, é melhor ir pra casa se tratar.

— Hugh, por favor. — Desesperada e irritada, peguei sua mão, mas fui rejeitada. — Me dá só cinco minutos pra explicar.

— Não preciso da sua explicação. — Ele cruzou os braços e olhou para mim com uma expressão vazia. — Repito: vai pra casa se tratar.

— Não sei por que fiz aquilo — confessei, sabendo que deveria dizer muito mais se quisesse consertar a situação, mas lutando contra o orgulho. — Foi tudo muito... louco. — Balancei a cabeça e tentei tocá-lo, ficando chocada quando ele deu um passo para trás. — Eu nem gosto do Pierce.

A gargalhada que escapou dos meus lábios foi errada, errada, errada.

Eu precisava mostrar para ele que estava arrependida e, em vez disso, estava ali gargalhando.

Qual era a porra do meu problema?

Meu Deus do céu!

— Só vai pra casa — ele falou, fechando a porta.

— Ei! — Irracionalmente furiosa por ele não me deixar explicar, coloquei a mão na porta para bloqueá-lo. — Não vou embora até a gente conversar.

— Você não vai embora até a gente conversar... — ele repetiu, com uma voz fria. — Ok, Liz. — Saiu e fechou a porta. Eu o segui pela rua até a sua casa. — Então vamos conversar.

Entrei atrás dele e fiquei observando-o pegar o celular, digitar alguma coisa e colocá-lo no ouvido.

— Sim, é o Hugh. Olha, tenho que sair e preciso que você venha buscar a Liz assim que puder. — Ele manteve as costas para mim enquanto falava. — Você consegue chegar em quinze minutos? Pode ser. Obrigado, Catherine. Tchau.

— Não vou embora — falei quando ele se virou para mim. — Não vou, Hugh. — Fui às lágrimas. — Por favor!

— Você não vai ficar aqui — ele me disse, em um tom neutro. — Sua mãe chega em quinze minutos, então tira logo o que você quer falar do seu peito.

— Por que você está agindo desse jeito? — perguntei, magoada. — Por que está falando comigo assim?

— Assim como, Liz?

— Como se você me odiasse.

— Eu não te odeio, Liz.

— Você não me ama mais?

Ele respirou fundo e não respondeu.

— *Hugh!*

— Eu sei que você está doente, Liz. Entendo, mas isso não apaga o que você fez.

— O que foi que eu fiz?

— Só de você estar me perguntando isso já prova que está mais doente do que imaginei.

— Não estou doente, Hugh — falei depressa. — Estou bem, juro. Eu só... — Balancei a cabeça e contive uma risada sem graça. — Não sei o que eu sou.

A desolação tomou seus olhos.

— Eu te implorei, Liz.

— Para quê?

Hugh se virou de costas, foi até a cozinha e ficou encarando as portas fechadas do pátio.

— Eu te implorei pra você tomar os remédios, mas você não conseguiu fazer isso por mim.

— Então só porque não quero me sentir morta por dentro agora sou a vilã?

— Não, Liz, você é a vilã porque transou com o meu amigo! — ele berrou, vibrando de tensão. — Você é a vilã porque

destroçou a porra do meu coração ontem à noite!

— Olha, não precisa exagerar — tentei argumentar, me segurando para não revirar os olhos. — Está tudo bem. Tudo certo. Você não queria transar e eu queria. — Dei de ombros. — Consertei o nosso problema, então, se pensar bem, estamos melhores do que estávamos de manhã.

— Você é inacreditável.

— Ah, meu Deus, para com isso, ok? — Ergui as mãos e gritei. — Já te pedi desculpas! Por que você não está me ouvindo? — Furiosa, segurei seu braço, suplicando para que ele entendesse. — Você acha que foi assim tão grave, Hugh?

Seu corpo inteiro enrijeceu e ele beliscou o nariz.

— Pergunta isso de novo quando você voltar a si, daí eu te respondo.

Uma buzina soou, e comecei a entrar em pânico.

— Sua mãe está lá fora.

— Não, não, não, Hugh, por favor! — Agarrei seu braço e implorei para que ele não me fizesse ir embora. — Eu te amo, eu juro, eu juro que te amo! — Cravei os pés no chão, tentando impedir que ele me levasse até a porta. — Por favor, não me expulsa assim.

— Você tem que ir pra casa agora, Liz — ele disse, me carregando para fora. — Não posso mais fazer isso — ele falou para a minha mãe, que estava esperando no carro. — Desculpa.

— Ah, Hugh, meu querido... — Os olhos dela estavam cheios de preocupação. — O que aconteceu?

— Leva ela, Catherine — Hugh pediu com a voz embargada. — Por favor, só *leva ela*.

— Aonde você está indo? — perguntei atrás dele.

2 de novembro de 2003

Me prometam

HUGH

Gibs claramente tinha chamado reforços enquanto eu estava com o coração aos pedaços, porque, quando voltei para a casa dele, Feely estava me esperando com uma sacola cheia de cerveja e um abraço. Me joguei ao lado dele no sofá e desmoronei com os amigos que estavam comigo desde a infância, bebendo até esquecer.

Como ela pôde fazer isso comigo?

Como pôde se entregar para outro daquele jeito?

Por que eu não era suficiente para ela?

Eu entenderia se fosse um namorado de merda, se não a colocasse em primeiro lugar ou se ignorasse os sentimentos dela, mas nunca fiz nenhuma dessas coisas.

— Olha, se vocês valorizam a minha amizade, nunca mais vão falar no que aconteceu com a Liz e o Pierce — avisei com a voz arrastada várias horas depois, com uma cidra na boca. — Senão vou morrer — acrescentei, bêbado e dramático. — Estou avisando, gente, vou morrer de tanto sofrer. — Dei um grande gole na bebida, a engoli de uma vez e contive uma risada, que acabou se transformando em um soluço amargo. — Preciso

esquecer ela, e vocês têm que me ajudar.

— Não diz mais nada, irmão — Gibs falou depressa, passando o braço nos meus ombros. — Tudo isso já é passado. — Embriagado, ele agitou o dedo como se fosse a merda da varinha do Harry Potter. — Bola pra frente.

— Tem certeza disso? — Feely perguntou com um cigarro nos lábios. — Você está tomando uma decisão importante baseado em uma mágoa temporária.

— Mágoa? — esbravejei, dando uma risada amargurada. — Isso vai muito além de mágoa, cara. Não sei nem como é que ainda estou de pé.

— Ele sabe do que está falando — Gibs interveio. — E vai ficar bem. — Sorrindo, me ofereceu um abraço de urso. — Você vai beber a merda dessa garrafa de veneno barato, vai vomitar a sua alma e vai dormir. Quando acordar, ela vai ter saído do seu organismo e você vai ficar de boa na lagoa de novo.

— Será que é melhor eu ligar pra ela?

— Claro que não, porra — ele respondeu, arrancando o celular da minha mão antes que eu tivesse chance de pensar duas vezes. — Você devia é deletar o número dela.

— Devia mesmo — concordei, grunhindo de dor física quando outra série de imagens torturantes surgiu na minha mente.

Dela *embaixo* dele.

Dele *dentro* dela.

— Quero morrer.

— Nananinanão, você não pode fazer isso — Gibs disse, tão bêbado quanto eu. — Me recuso a te deixar morrer virgem.

— E o cap? — perguntei, com a visão turva, pra lá de Bagdá. — Não devia estar aqui pro nosso pacto?

— Kav? — Feely deu risada, se juntando à bebedeira e

relaxando um pouco ao encher a cara de vodca. — Sem querer ofender, Hugh, e digo do jeito mais sincero possível porque amo o Kav que nem um irmão, mas o cara nem se dignou a aprender o nome das nossas irmãs, quanto mais das namoradas.

— Não fala merda do Johnny — Gibsie reclamou, estufando o peito. — Senão vou arrancar a sua cabeça.

— Não estou falando merda dele — Feely disse, tentando tranquilizá-lo. — Só estou falando que ele só se interessa por três coisas: rúgbi, a cachorra dele e o Gibs. Ele não está nem aí pra qualquer outra coisa além disso.

— Ele também gosta de vocês — Gibs falou, mas o sorriso no seu rosto me garantiu que essa informação o fez se sentir nas nuvens.

— Ah, fala sério, Gibs — Feely disse, dando risada. — Ele viaja todo verão, e a única pessoa com que faz questão de falar quando está fora é você.

— Verdade — concordei. — Você é o favorito.

— Pelo menos sou o favorito de alguém. Vocês dois sempre foram mais chegados um no outro do que em mim.

— Porque a sua cabeça vive pensando no buraco da irmã dele e é impossível ter uma conversa com você que não contenha a palavra *Claire*.

— Porque eu amo ela e ela é minha noiva — Gibs declarou, estremecendo. — Foi mal, cara.

— Tudo bem, cara... — murmurei, balançando a mão. — Pelo menos um de nós está feliz.

— Você vai ser feliz de novo, Hugh. Te prometo, cara — Feely garantiu, me fazendo um brinde com a sua latinha na minha. — Vai encontrar uma garota bem legal e ponta firme — ele continuou, franzindo o nariz. — Que não transe com os seus colegas.

— Nem odeie os seus amigos — Gibs completou, erguendo uma mão. — Isso seria bem legal.

— Pode crer. — Feely assentiu melancolicamente. — E que não seja um trem desgovernado.

Meu Deus.

— Me prometam — implorei, com os olhos ardendo de lágrimas. — Jurem que não vão me deixar voltar com ela.

— A gente promete, cara — disseram ao mesmo tempo. — Não importa o que aconteça.

Não importa o que aconteça.

Porra!

PARTE 20

Corações implacáveis

5 de novembro de 2003

Isto não é um jogo

LIZZIE

As aulas tinham voltado três dias atrás, mas eu não tinha ido para a escola.

Meu pai estava *furioso* por eu estar em casa, pois tinha me levado para o hospital no domingo esperando que eu fosse ser internada. Só que, devido à falta de leitos e ao fato de eu não apresentar risco à minha vida, fui liberada depois de setenta e duas horas.

Os médicos me disseram que eu estava enfrentando episódios mistos, mas eu não tinha muita certeza disso, porque meus altos estavam ficando cada dia mais altos, e eu ansiava pelo momento que minha mente me engoliria inteira e eu não tivesse mais que pensar.

Então eu estava outra vez debaixo do teto dos meus pais, e meu pai não conseguia mais disfarçar a repulsa por mim, e tudo bem, porque eu também não conseguia mais disfarçar que estava pouco me fodendo.

Estava começando a me perder no tempo e, quando voltava a mim, ficava distraída e não lembrava de nada, o que só alimentava a minha veia imprudente.

Parecia que todo o meu ser havia sido reorganizado e reprogramado para funcionar em uma frequência de instintos primitivos. Meus sentidos estavam sobrecarregados, e minha empatia estava no nível mais baixo possível. Eu vivia entre o desejo de fazer sexo e a vontade de cortar os pulsos.

Meus pais não me aguentavam, e meu pai tirava minha mãe de casa por longos períodos todas as noites.

Eu sabia o motivo.

Ele estava me dando privacidade para me matar.

Ele queria que eu morresse.

Todos queriam.

Na quarta-feira à noite, eu estava sozinha, andando de um lado para o outro no saguão de entrada de casa quando a campainha tocou.

Confusa, fiquei olhando para a porta por um longo tempo, me perguntando se aquilo era real ou só minha imaginação.

Eu estava ouvindo mais coisas ultimamente e não sabia dizer se a campainha era alguma criação da minha mente ferrada. Se fosse, poderia ser o monstro tentando voltar, e eu *não* ia cair naquela armadilha de novo.

Fui até a porta na ponta dos pés, estiquei o pescoço para olhar além do painel de vidro fosco e vislumbrei uma sombra.

Desesperada, agarrei os cabelos e voltei a andar de um lado para o outro.

E se fosse a moça assustadora?

Puta merda, e se ela tivesse voltado para me pegar?

Ela disse que voltaria.

Ela prometeu.

A campainha tocou de novo, seguida por uma batida forte na porta.

Gritei de surpresa, corri até a porta e decidi abrir de uma vez.

Se fosse a moça, ela poderia me pegar.

Eu não ligava mais.

Quando abri, perdi o fôlego.

Fui recebida por olhos de uísque.

— Oi.

— Oi — falei, segurando a maçaneta com todas as forças, enquanto meu coração disparava loucamente. — O que você está fazendo aqui?

— Acho que deixei o carregador do meu celular no seu quarto — Hugh disse, mostrando seu fiel Nokia. — Estou na última barrinha. — Ele deu de ombros, sem jeito, antes de acrescentar: — É uma boa hora?

Sim!

Sim, *sim*, *sim*...

— Sim, sim, claro. — Dei um passo para o lado para deixá-lo passar. — Entra.

Sem falar nada, ele saiu andando na direção das escadas.

— C-como você está? — perguntei, subindo atrás dele às pressas.

— Bem.

— Está com fome? — Fiquei parada na porta do quarto vendo-o pegar uns livros. — Posso preparar alguma coisa pra você.

— Não, obrigado, comi antes de vir — ele falou em um tom educado, procurando o carregador e enfim o encontrando debaixo dos lençóis bagunçados na minha cama.

Ele enrolou o fio, guardou o carregador no bolso e foi até a porta.

— Valeu.

— E-espera! — eu disse, desesperada diante da ideia de ser abandonada de novo, bloqueando a porta. — Por favor.

Hugh parou bem na minha frente, mas manteve os olhos fixos em algo além do meu ombro. *Para o nada*, pensei. Era

mais fácil olhar para o nada do que para mim.

— Preciso ir, Liz.

— Não vai. — Coloquei as mãos na sua barriga e fui subindo até estar segurando seus ombros. — Fica.

Um tremor percorreu seu corpo enorme, mas ele não falou nada, claramente se recusando a olhar para mim.

— Me desculpa, baby. — Fiquei na ponta dos pés e dei um beijo demorado perto de sua orelha. — Me perdoa.

Hugh cerrou os dentes e os punhos, mas eu sabia que esse não era um prelúdio de violência. Ele estava lutando contra o desejo de me amar de volta.

Estiquei o braço, fiz carinho na sua bochecha e fiquei observando ele engolir em seco logo e as suas pálpebras se fecharem.

Dei um passo para a frente e passei as mãos no seu peito e na sua barriga. Em seguida, escorreguei os dedos para dentro da sua calça cinza.

A respiração dele ficou pesada, e suas narinas se dilataram pelo esforço que ele estava fazendo para não reagir, mas ele era tão teimoso que eu sabia que não iria ceder.

Então enfiei as mãos na sua cueca, estendi o braço e agarrei sua bunda durinha, usando a outra mão para segurar seu pau, que logo ficou duro.

Mesmo assim, Hugh *não* se mexeu.

Fiquei na ponta dos pés e fui passando a língua devagar pelo seu pescoço, só parando ao chegar à sua boca e capturar seu lábio inferior entre os dentes.

Puxei com força, fazendo-o enfim gemer, e o soltei com um estalido alto. Em seguida, acariciei sua pele macia com a língua.

— A gente terminou — ele enfim disse, entre dentes. — Não sou seu pra você me tocar desse jeito.

— E mesmo assim estou com a mão no seu pau — ronronei, me deleitando com a fúria que cintilava nos seus olhos quando ele me encarou. — Que mundo engraçado, né?

Seus olhos cor de uísque quase foram eclipsados pelas pupilas dilatadas, me garantindo que, mesmo que me desprezasse, Hugh *ainda* me queria. Sem mencionar que ele não tinha recuado.

— Isto não é um jogo — ele falou, apoiando as mãos no batente da porta acima da minha cabeça. — Está me ouvindo? A minha vida não é uma merda de um jogo. Você não pode ficar brincando comigo assim. Estou tentando seguir em frente.

— E como está se saindo? — perguntei, baixinho, roçando seu rosto no meu e o tocando *exatamente* como ele gostava. — É *difícil* seguir em frente, né?

— Liz, *por favor* — Hugh grunhiu, sussurrando e arfando enquanto suas bochechas ficavam cada vez mais vermelhas. — Não *posso* fazer isso.

— Mas você não fez nada — falei com uma voz carregada de desejo. — Hein? — Aumentei o ritmo, apertando-o com mais força e mais intensidade, passando as unhas na sua bunda maravilhosa. — Isso... — ronronei, masturbando ele melhor do que qualquer outra faria. — Me deixa cuidar de você.

— Eu, ah... não, eu realmente... por favor... porra! — Um grunhido alto, másculo e gutural saiu rasgando do seu peito, e os músculos da sua bunda se contraíram enquanto seu corpo se entregava ao meu toque. — Eu não devia, ah... — Hugh impulsionou os quadris de novo. — Você não devia... — Outra estocada deliciosa. — Porra, isso é tão... — Ofegando, ele mordeu o lábio e segurou o batente da porta com mais força. — Errado!

— Mas é *gostoso*, né? — sussurrei, passando a língua outra

vez pelo seu pescoço e sorrindo ao senti-lo concordar. — Você sabe que posso fazer mais gostoso do que minha mão — continuei provocando-o e implorando, conforme o masturbava sem parar para levá-lo à beira do penhasco que ele tanto evitava. — Só se entregue ao que você *de fato* quer e se permita curtir, baby. — Lambi e acariciei seu pescoço. — Se imagina na minha cama, bem onde você devia estar, no meio das minhas pernas, enfiando *isto* aqui bem fundo dentro de mim, me preenchendo toda e me abrindo pra receber você *todo*!

Funcionou.

O grunhido masculino mais sexy de satisfação escapou da sua garganta quando o orgasmo o atingiu, fazendo seus quadris se mexerem e seu corpo tremer.

Ainda se apoiando no batente da porta atrás de mim e vibrando com os efeitos do prazer, Hugh baixou a cabeça e respirou fundo várias vezes.

Apesar de estar relutante, eu sabia que precisava soltá-lo, então afastei as mãos devagar e arrumei sua cueca e sua calça.

Seu peito ainda arfava e ele olhava para os pés, e percebi que estava se afogando em culpa e vergonha.

Sua reação também me provocou uma pontada de culpa. Ao contrário do que sentia pelo resto do mundo e das pessoas, eu preferiria arrancar a minha própria pele a causar sofrimento *àquele* garoto.

Pelo menos, era o que eu estava sentindo aquele dia.

No dia seguinte, quem é que poderia saber como seria?

Eu com certeza não.

Mas, naquele dia, eu o amava.

Então decidi não tornar as coisas mais difíceis para ele e saí da sala para ir ao banheiro.

Fechei a porta, fui até a pia e *o* lavei das minhas mãos.

Os segundos se passaram em silêncio até que ouvi seus

passos nos degraus da escada, seguidos pela porta da frente batendo.

Soltei um suspiro, agarrei a pia de porcelana e fiquei encarando o meu reflexo.

Uma estranha me olhou de volta.

Uma puta tinha roubado o meu rosto.

— Garotas boazinhas ficam quietinhas aceitando tudo. Só as putas resistem. Você não quer ser uma puta, né, baixinha?

Incapaz de suportar mais um segundo encarando a pessoa que eu mais detestava no mundo, abri a porta do armário depressa.

Peguei minha fiel navalha, entrei na banheira e coloquei uma perna para fora.

Eu precisava fazer aquilo para estabilizar minha mente antes que meu humor mudasse, então me concentrei em uma parte particularmente carnuda da coxa e mandei ver, esculpindo, cortando e acalmando minha alma a cada corte feroz da lâmina.

6 de novembro de 2003

Dominada pela mania

HUGH

Primeiro, fiquei entorpecido, absolutamente entorpecido enquanto minha mente tentava processar o trauma. Nada que eu já tivesse passado me traumatizou tanto quanto entrar no meu quarto e ver meu companheiro de equipe transando com a minha namorada.

A minha Liz!

A dor me atingiu com tanta força no estômago que precisei até me segurar para não desabar.

Minha reação imediata foi arrastar aquele traidor para longe da minha namorada traidora e quebrar todos os ossos do rosto dele.

E, apesar de ter conseguido acabar com o nariz daquele babaca, não me senti nem um pouco melhor.

Em vez disso, só fui tomado por um vazio e fiquei decepcionado comigo mesmo por não ter feito a coisa certa.

Porque o Pierce não valia o meu tempo e acabar com a cara dele aquela noite só fez parecer que estávamos quites.

Mas *não* estávamos, e nunca estaríamos.

Sim, eu tinha destruído o nariz dele e provocado duas

fraturas na sua cara, mas ele tinha destruído o meu mundo e acabado com todo o meu futuro.

Os ossos dele se recuperariam.

Já meu coração não.

A parte lógica do meu cérebro insistia para que eu reconhecesse a traição, a aceitasse, absorvesse as emoções que me dominavam e então cortasse o mal pela raiz me afastando de vez dela.

Porque eu *tinha* que me afastar.

Eu podia lidar com quase qualquer coisa que a Liz aprontasse comigo, mas não com aquilo.

Com *aquilo*, eu não podia lidar.

Pierce tinha me esfaqueado pelas costas aquela noite, mas Liz acertou em cheio meu coração. Ao contrário da faca nas minhas costas — eu poderia sobreviver a ela —, a lâmina da Liz se estilhaçou dentro de mim feito chumbo grosso, se espalhando e dilacerando o meu peito até que não restasse mais nada.

A pior parte era que ela não estava nem arrependida.

Como ela não voltou para a escola na segunda-feira, eu meio que pensei que fosse porque ela estava desmoronando e enfim saindo da mania.

Mas estava enganado.

Percebi que tinha deixado meu carregador no quarto dela e finalmente criei coragem para ir buscá-lo ontem à noite, e acabei caindo nos velhos hábitos.

Quando ela botou as mãos em mim, não tive forças para impedi-la. Foi horrível porque meu corpo não tinha entendido que o corpo dela estava fora dos limites, e ainda a desejava.

Foi um erro ir até lá, e eu ia mandar a minha irmã no meu lugar, mas na hora, torci para que a nossa interação a fizesse voltar a si.

Mas não.

Como uma maldita fênix renascendo das cinzas, a Liz chegou na escola de manhã ainda descontrolada e ainda dominada pela mania.

E meu dia foi uma tortura, porque ela não só continuou pegando o meu colega como seguiu tentando me seduzir incansavelmente.

A Liz só conseguia pensar em sexo, e toda vez que eu a rejeitava ela corria de volta para o Pierce feito uma ninfomaníaca.

Eu sabia que o transtorno bipolar explicava essa hipersexualidade repentina, mas isso não aliviava a dor.

Eu sabia que a Liz não era assim e *sabia* que ela estava doente, mas estava magoado e vulnerável demais para separar as coisas.

Meu coração estava em frangalhos, e minha confiança nunca estivera tão abalada. Eu me sentia um brinquedinho descartável com o qual a Liz tinha brincado por nove anos até que se cansou.

Eu me sentia um *nada*.

Nada além de um efeito colateral no seu turbilhão de emoções.

Imagens do rosto dela ficavam passando pela minha mente como se eu tivesse um maldito projetor atrás dos meus olhos.

Eu ainda sentia o cheiro dela no meu travesseiro. Vivia encontrando fios de cabelo dela em peças de roupa aleatórias.

Meu Deus, doía tanto que era até difícil respirar.

Eu queria perguntar aos seus pais que merda estava acontecendo e questionar por que ela ainda não tinha sido hospitalizada. Mas não entrei em contato com eles porque não seria bom para mim, e eu precisava começar a *me* colocar em primeiro lugar agora.

Não fazia ideia de como me recompor, nem de como lidar

com aquela traição.

Minha única conquista remotamente produtiva desde o término foi arranjar um emprego de meio período na piscina e, honestamente, estar perto da água foi a minha salvação. A atividade mantinha minha mente ocupada e meus pensamentos *longe* dela. Nossas vidas estavam tão profundamente interligadas que era impossível passar mais de meio dia sem esbarrar nela.

Eu a via todos os dias na escola.

Eu a via em casa quando a Claire a convidava.

Eu a via no trabalho, pois ela frequentava a piscina.

Eu a via em *todos os lugares*.

A pior parte de tudo era que eu *ainda* a amava, e *ainda* queria estar com ela.

E eu me odiava por isso.

6 de novembro de 2003

Nada com que me preocupar no mundo

LIZZIE

Cheguei na escola sem me importar se ia magoar os sentimentos dos outros, pois eu não tinha nada com que me preocupar no mundo.

Nada com que me preocupar.

Eu era livre feito um pássaro e podia viver a minha vida sem ser atormentada pelo medo.

Quando Pierce me seguiu para o banheiro do ginásio, minha mente desligou e meu corpo assumiu o controle. Ele ergueu minha saia e me mandou sentar nele, e fiz exatamente isso.

Como uma boa garota.

Como o monstro tinha me ensinado.

Depois, me senti saciada, como se não precisasse me esfregar nele ou enfiar os dedos lá no fundo de mim mesma.

Aquele garoto não ficava bravo porque eu tinha pensamentos ruins.

Aquele garoto apaziguava a minha coceira.

Ele me curava com seu remédio.

Depois que Pierce me deixou sozinha no banheiro, fiquei olhando para o espelho, concentrada nas cores saindo dos

meus olhos.

Vi estranhas linhas douradas traçando um caminho nas íris azuis.

Fascinante.

Meu corpo estava todo dolorido.

Maravilhoso.

Meu pescoço estava cheio de chupões.

Glorioso.

Eu tinha olheiras.

Etéreo.

Lágrimas no rosto.

Puta.

Fragmentos e partículas de poeira tocavam minha pele, dava para ver. Foi como se o tempo tivesse desacelerado só para mim, e eu pudesse ter acesso a tudo com uma ultravisão.

Mágico.

Tamborilei os dedos na borda de porcelana da pia e inclinei a cabeça para o lado, tentando estabelecer alguma conexão com a estranha que me encarava de volta.

Eu não a reconhecia, mas estava tocando seu rosto.

Que esquisito!

— Então é aqui que você anda se escondendo? — Claire grunhiu, entrando no banheiro com tudo, com os olhos selvagens de fúria. — Que droga você está aprontando?

— Oi — falei, me sentindo saciada e suicida. — O que foi que eu fiz agora?

— O que foi que você *fez*? — ela perguntou de olhos arregalados. — Liz, você beijou Pierce O'Neill nos armários hoje de manhã. Eu vi! Daí você fugiu antes que eu pudesse te confrontar. — Ela estreitou os olhos. — Você devia estar com o meu irmão, Liz. Como pôde fazer isso com Hughie?

— Ah! — A desolação me acertou feito uma onda gigante

quando ela disse o nome dele. — Pois é, a gente terminou.

— Meu Deus! — Claire ficou boquiaberta. — *Quando*?

— No fim de semana.

— Mas vocês estavam juntos na festa dele.

— Foi no dia seguinte.

— Vocês terminaram mesmo? — ela gritou, horrorizada. — Ah, meu Deus! Por quê?

— Qual é o seu problema? — falei, me sentindo encurralada e magoada. — Você nem queria que eu ficasse com ele, pra começo de conversa. Então conseguiu o que queria.

— Lizzie! — Seu tom estava cheio de mágoa. — Só porque fiquei desconfortável com vocês não significa que eu queria que isso acontecesse. — Seus olhos se encheram de tristeza. — Agora tudo faz sentido. Ele está trancado no quarto há dias. — Claire me fitou com uma expressão perdida. — Só sai pra vir pra escola.

— Preciso ir... — murmurei, sentindo coisas demais naquele momento.

As emoções se agitavam dentro de mim, cada vez mais descontroladas, e o rosto dele me atormentava.

— Liz, espera. Vamos conversar.

Eu a ignorei e segui para a porta, mas tropecei em uma bolsa e caí no chão.

— Ah, meu Deus! — Ela correu até mim. — Você está bem?

— Estou ótima — falei, segurando uma risada quase histérica.

Quanto mais eu tentava me conter, mas eu ria e ria e ria.

— Ela está chapada? — uma menina perguntou ao entrar no banheiro.

— Quem é você, porra?

— Meu Deus, Liz! Seja legal!

— Ok — falei. — *Por favor*, quem é você, porra?

— Katie — a ruiva respondeu, me encarando como se eu fosse uma nova espécie de alienígena. — Você tomou alguma coisa?

— Não — eu disse, gargalhando e tentando soltar o pé da alça da bolsa. — Não que seja da sua conta, sua enxerida, mas ainda não experimentei heroína.

— Liz! — Claire me repreendeu. — Você não pode falar essas coisas pras pessoas.

— Não se preocupa — a garota disse, se virando para mim e arqueando a sobrancelha de um jeito desaprovador. — Você com certeza tem cara de quem usa heroína.

— Vai se foder — retruquei, mostrando o dedo do meio para ela.

— Me desculpa — Claire falou, querendo controlar os danos. — Ela está passando por um término.

— Bem, não custa nada ser educada — a garota bufou antes de sair do banheiro pisando duro.

— Isso não foi nada legal — Claire disse, se agachando para me ajudar a soltar o pé. — Você está parecendo uma louca, Elizabeth Young.

— Certamente, Claire Biggs — retruquei, me apoiando nos cotovelos para observá-la soltando o meu pé da bolsa. — Não somos todos um pouco loucos por dentro?

7 de novembro de 2003

Odiaria ser você

HUGH

— Você está bem, cara? — o cap perguntou, se agachando ao meu lado para amarrar o cadarço a caminho do treino na sexta-feira.

Balancei a cabeça, suspirei e me concentrei em não perder a cabeça.

— Vamos. Dá uma volta comigo.

Considerando que dar uma volta com ele significava evitar o babaca de camisa catorze, me juntei alegremente ao meu capitão.

— Você arrasou na prova de matemática hoje de manhã, hein? — o cap comentou, sem verter um pingo de suor enquanto corria. — Achei que eu tivesse arrasado com os meus 94, mas você me deixou no chinelo.

Eu sabia o que Johnny estava tentando fazer e fiquei bastante grato. Ele não costumava se interessar por nada que não estivesse relacionado a rúgbi, então dava para ver que estava se esforçando ao falar das provas.

Apesar de eu não ter certeza se o cap sabia o que estava rolando, ele claramente percebeu a tempestade se formando

em mim, e esse era o seu jeito de me dar uma força.

— Pois é — falei, correndo ao seu lado. — Até que não fui mal.

— Não foi mal? — o cap deu risada, me empurrando com o ombro. — O que você esperava? Tirar 101?

— Sei lá — falei, balançando a cabeça. — Foi mal, minha cabeça está nas nuvens.

— Nah, ela ainda está grudada no seu pescoço, seu cabeção — ele disse com um tom muito mais gentil que o normal.

Corremos três voltas e paramos para nos alongar antes que o Johnny voltasse a falar.

— Olha, fiquei sabendo que você e o O'Neill tiveram um desentendimento no Halloween.

— Tivemos — respondi sem emoção.

— Posso saber o que aconteceu?

Franzi a testa, surpreso.

— Você não sabe?

— Fofoca não é muito a minha praia, cara — ele disse, sacudindo a cabeça. — E, como não vou a festas, isso aqui é o máximo de socialização que consigo ter no tempo livre. — Deu de ombros e acrescentou: — Além disso, prefiro ouvir em primeira mão do que pela mão cagada dos outros.

— Pela mão cagada dos outros. — Dei risada. — Nunca tinha ouvido essa.

Ele sorriu.

— E aí, quer me contar o que rolou?

— Prefiro não falar — admiti, passando os dedos pelo cabelo. — É só que...

— Tudo bem — Johnny me interrompeu, erguendo as mãos. — Então não precisamos falar, cara.

Arqueei a sobrancelha.

— Só isso?

— Só isso, ué! — ele falou calmamente. — Todos temos direito à privacidade, cara.

— É — respondi, me sentindo muito grato. — Mas quero que você saiba que não vou causar problema no time.

— Que bom ouvir isso! — Johnny disse. — Porque o time precisa de vocês dois.

— Sim, cap — falei, acenando a cabeça e engolindo meu orgulho. — Eu sei.

Liz estava sentada no gramado na lateral do campo quando o treinador encerrou o dia.

Perfeito.

Juro que nunca andei tão rápido para chegar ao vestiário quanto naquela hora.

Ignorei Pierce, que correu direto para ela, e mantive os olhos fixos à minha frente.

— Hugh... — ela me chamou quando passei, mas fingi não ter ouvido.

Eu não conseguia controlar as emoções e não ia me humilhar de novo.

Ela já tinha me humilhado o suficiente.

Sem falar nada, Gibs veio caminhando ao meu lado, bloqueando a minha visão, e fiquei mais que agradecido.

Ele não fez nenhuma piadinha nem falou mal de ninguém.

Só andou comigo, me protegendo com a sua presença.

8 de novembro de 2003

É melhor esperar sentada

HUGH

Cheguei em casa depois do trabalho no sábado exausto e pronto para me deitar, mas congelei no lugar quando reparei no sofá, vulgo minha cama improvisada desde aquela noite.

Minha mãe levou o dedo aos lábios e inclinou a cabeça, gesticulando para que eu entrasse, mas não arredou um centímetro do sofá.

Ela não podia se mexer, já que tinha duas garotas deitadas no seu colo.

Bem, a *Liz* estava deitada no colo da minha mãe, e a Claire estava deitada nas pernas da Liz.

Elas formavam um monte de cabelos loiros e bochechas molhadas de lágrimas.

Meu coração se apertou.

De repente, minhas pernas pareceram feitas de chumbo, e pensei em ficar ali mesmo no arco que conectava a cozinha à sala de estar antes de soltar um suspiro de derrota.

Para onde mais eu poderia ir?

Eu não podia ir embora, podia?

Afinal, aquela era a porra da minha casa.

Deixei a bolsa no chão e me juntei à minha mãe relutantemente, me sentando na mesinha de centro à sua frente para não correr o risco do corpo *dela* tocar o meu.

Ela esperou que eu me sentasse antes de mencionar o assunto que estava na ponta da língua de todo mundo.

— O que foi que aconteceu, Hugh?

Meu olhar foi da minha mãe para a Liz e depois para a minha irmã até repousar nela. *Sempre ela*.

— O que ela disse?

— Nada — minha mãe respondeu, preocupada. — Esse é o problema. Não entendi uma palavra do que essa menina disse a noite toda.

Aquilo doeu.

Fiquei completamente arrasado.

Porque eu não queria que isso estivesse acontecendo.

Não queria que ela chorasse.

Não queria que ela sofresse, mas eu... eu *não* podia ajudá-la a se reerguer daquela vez.

— A gente terminou, mãe.

— Isso eu percebi — ela disse, fazendo carinho no rosto da Liz como se ela fosse sua segunda filha. E, de certa forma, meio que sempre foi.

Passamos nossa infância inteira naquela casa, na fortaleza de amor, segurança e conforto que minha mãe construiu à nossa volta. Eu sabia que era por isso que a Liz continuava voltando. Por isso que ela estava ali.

Droga, eu não podia culpá-la. Eu frequentei a casa dela. O lugar era um enterro sem fim.

Cheio de tristeza e lágrimas.

Sofrimento e raiva tocando feito um disco quebrado.

A minha casa se tornou uma trégua para a Liz, e mesmo que não estivéssemos mais juntos, eu nunca tiraria isso dela.

Só torcia para que ela pudesse encontrar na Claire o que quer que tivesse encontrado em mim, porque eu não podia mais dar.

— Quer me contar o motivo? — minha mãe insistiu quando não fiz menção de aprofundar o assunto. — Deve ter acontecido alguma coisa terrível. — O pânico cintilou nos seus olhos quando ela somou dois com dois e chegou a cinco. — Hugh, sei que você está no quarto ano agora e alguns dos seus amigos estão indo rápido com as garotas, mas a Lizzie só está no segundo ano. Por favor, me diz que você não...

— O quê? Não! — interrompi antes que ela terminasse de falar. — Eu não sou assim — falei, afastando o cabelo do rosto. — *Nunca* faria isso.

— Ok. — A minha mãe suspirou de alívio e voltou a atenção para a garota adormecida no seu colo. — Então *o que* foi que aconteceu?

— Ela que escolheu isso — respondi, e juro por Deus que detestei como minha voz embargou assim que a confissão escapou dos meus lábios. — Ela não me ama mais, mãe.

— Não acredito nisso nem por um segundo — minha mãe disse com delicadeza. — Adolescentes não choram por garotos desse jeito quando não estão apaixonadas.

Isso me acertou em cheio.

Me destruiu.

Despedaçou meu coração.

— Merda... — Baixei o rosto e o cobri com as mãos, puxando meu cabelo com tanta força que pensei que fosse arrancá-lo do couro cabeludo.

Eu definitivamente precisava fazer alguma coisa.

Dei um suspiro frustrado, me levantei com as pernas bambas e respirei fundo.

— Olha, você só precisa saber que não encostei um dedo

nela, mãe. Eu não faria isso, ok? Estou esperando que ela... quer dizer, eu *estava* feliz de esperar.

— Mas?

— Mas ela não queria.

— Não queria o quê, Hugh?

— Me esperar.

Então a ficha dela caiu, e senti a empatia emanando do seu coração para o meu.

— Ah, meu amor...

— Não fala nada — eu meio que avisei, meio que implorei. — Não quero que você pense mal dela.

Lágrimas encheram os olhos da minha mãe.

— Não vou pensar, querido.

— Também não quero que ninguém pense mal dela.

— Ok, meu bem.

— Porque a Liz está doente, mãe, e o que quer que ela tenha feito, eu sei que *não* teria se estivesse sendo ela mesma.

— Ah, Hugh...

— Por favor, não quero que as pessoas fiquem comentando, mãe — admiti, esfregando o queixo. — Principalmente a Claire. Então por favor, só... só esquece. — Balançando os joelhos sem parar, acrescentei: — Porque a Liz precisa desse lugar. — Inclinei a cabeça para elas três aninhadas juntas. — Ela precisa de você e da Claire.

— E você? — Minha mãe ficou me observando com atenção. — Do que você precisa, Hugh?

Da Liz.

Sacudi a cabeça.

— Não posso pensar nisso agora.

— Você vai conseguir — ela disse quando segui para a porta. — Você vai superar. Você vai ver.

— É melhor esperar sentada.

12 de novembro de 2003

Ciclagem rápida e corações disparados

LIZZIE

A confusão me dominou junto com a exaustão.

Eu mal conseguia arrumar energia para andar.

Minha cabeça.

Meu Deus, tudo estava girando.

Eu não conseguia acompanhar meus pensamentos.

Estavam acelerados demais.

Eram pensamentos demais.

Sentimentos demais.

Eu estava cansada, mas não conseguia dormir porque minha mente não *parava* de me atormentar.

Ela não desacelerava nem me deixava *respirar*.

Todas aquelas cores e formas...

Rostos e cheiros...

Tudo me atingiu de uma vez e eu não conseguia me regular.

Enquanto isso, Pierce O'Neill continuava falando comigo.

Por que ele não parava de falar?

— E aí, o que você acha?

Fiquei olhando confusa e irritada por ele *ainda* estar falando.

— Do quê?

— Da gente dar uma chance?

Ele estendeu a mão para mim, e fiquei tão assustada que não o impedi.

Estava atordoada demais.

— Dar uma chance pra quê?

— Pra gente, gata — Pierce explicou, dando risada e colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — O que você acha da gente oficializar as coisas?

— Oficializar? — falei, me sentindo enjoada. — *A gente*?

Um grupo de garotos passou por nós e um deles empurrou Pierce com o ombro.

Thor, percebi.

Ah, *meu Deus! O Hugh*.

Ele também estava lá.

Mas não estava olhando para mim.

Estava atravessando o corredor da escola com os dois amigos ao lado.

Afastei a mão dele e pressionei as têmporas, tentando me acalmar, mas tudo me parecia *errado*, *errado*, *errado*.

Porque tudo estava *mesmo* errado.

Que porra eu estava fazendo?

Qual era o meu problema?

Recuei do Pierce e disparei para o banheiro feminino, mal chegando a tempo.

Caí de quatro no chão e vomitei todo o conteúdo do meu estômago sem parar, até que não houvesse mais nada dentro de mim.

Me inclinei para a frente e respirei fundo, arfando, enquanto minha mente me oferecia um raro vislumbre de clareza.

Da realidade.

Tudo o que era bom no mundo estava acabado.

Apagado e substituído por veneno.

Por tristeza.

Por perguntas sem resposta e especulação.

Todos os pensamentos...

Todas as memórias...

Todo o arrependimento que eu sentia por decisões que eu não me lembrava de ter tomado.

Mas eu tinha tomado várias decisões.

Disso eu tinha certeza.

A angústia me arrastou em sua onda cruel e sufocante e depois me cuspiu na areia da culpa e da desolação.

Eu não queria mais ser daquele jeito.

Eu *queria* melhorar.

Queria encontrar a garota que eu era e voltar a ser ela.

Mas ela não estava mais lá, e se por algum milagre eu a encontrasse, o garoto que ela amava com todo o coração tinha sido perseguido pelo demônio que tomou a sua forma.

O que adiantava?

Eu tinha perdido tudo.

Estava *arruinada*.

14 de novembro de 2003

Você significa o mundo para mim

LIZZIE

Praticamente sem vida, com exceção do meu coração batendo, fiquei parada na varanda da frente e toquei a campainha de novo. Eu sabia que Claire e Sinead não estariam em casa. As duas iam à missa aos domingos, mas Hugh costumava passar a manhã estudando.

Eu tinha permissão para entrar, mas não me parecia certo incomodá-lo.

Não depois do que o fiz passar.

Aguenta firme, Lizzie.

Pode não ser tão ruim quanto você pensa.

Assim que a porta se abriu e fui recebida pelo Hugh, percebi que estava mentindo para mim mesma.

Não era tão ruim quanto eu pensava.

Era bem pior.

Hugh cruzou os braços, claramente esperando que eu falasse primeiro.

— Me desculpa — foi tudo o que consegui dizer.

— Pelo que exatamente?

— Por tudo. — Nervosa, fiquei mexendo nas minhas mangas.

— Não quis te magoar.

— Não — ele concordou, assentindo. — Você não quis me magoar, mas essa versão sua com certeza me magoou.

— Estou bem de novo, Hugh — falei, implorando para que ele me ouvisse. — Estou pensando com clareza.

Ele se aproximou, segurou meu queixo e ergueu meu rosto. Seus olhos estudaram os meus por um longo tempo antes de ele me soltar e balançar a cabeça.

— Você acha mesmo que, depois de todos esses anos, não sei reconhecer quando você está fora de si?

— Mas me sinto estável — retruquei, desesperada. — Por favor, juro que estou bem.

— As suas pupilas estão tão dilatadas que não dá nem pra ver o azul do seu olho, Liz. — Ele cruzou os braços de novo. — Você já voltou a tomar os seus remédios?

Eu ia fazer que sim, mas sua cara de "Não mente pra mim" me fez confessar a verdade:

— Ainda não.

— Então não temos nada pra conversar. — Ele descruzou os braços e segurou a maçaneta.

— Podemos entrar pra conversar, por favor? — supliquei, com os olhos ardendo de lágrimas.

Os olhos dele cintilaram de tristeza, e ele soltou um grunhido frustrado antes de entrar de uma vez e deixar a porta aberta.

Eu o segui e continuei falando:

— Hugh, me desculpa *mesmo*.

— Você já disse isso. — Ele passou por mim e seguiu para a sala.

Fui atrás depressa, com medo de perdê-lo de vista, caso ele mudasse de ideia e fugisse.

Ele se jogou no sofá, se espreguiçou e pegou o controle

remoto.

Tremendo, me sentei na poltrona à sua frente.

— A gente vai conversar?

— O que a gente tem pra conversar? — Ele não olhou para mim, mantendo os olhos fixos na televisão acima da lareira. — Você veio aqui me dizer que o Pierce transa bem? Porque acho que não quero saber.

— Por favor, me deixa explicar.

— Não precisa. — Ele ficou trocando de canal. — Já sei o que aconteceu.

— Hugh, eu estava bebendo.

— Eu também, mas dei um jeito de não te trair. Engraçado...

— Eu não te traí.

— Você deixou outro cara enfiar o pau em você, Liz. Se isso não é traição pra você, não sei o que te dizer.

— Não, eu quis dizer que *não* fiz de propósito.

— Ah! — Ele fingiu surpresa. — Você não fez de propósito. Por que você não disse antes? Isso muda tudo. — Ele voltou a atenção para a televisão e acrescentou: — Isso torna a imagem mental do meu colega de time te comendo feito um cachorro *muito* mais fácil de engolir. Agora, sim, vou conseguir esquecer a cena dele segurando o seu cabelo enquanto metia o pau na sua buceta.

— Hugh, não... — Parei de falar e cobri a boca.

— Me desculpa, não estou sendo gráfico o suficiente? — Ele atirou o controle na parede. — Meu Deus, foi mal, Liz. Eu adoraria te contar mais, mas só dei uma espiadinha.

— Hugh...

— No meu quarto, Liz! — Com o peito arfando, ele saiu andando. — Na porra da minha cama!

— Eu sei, eu sei, me desculpa, porra! — Caí da poltrona na pressa de segui-lo. Subi as escadas e fui até o seu quarto, onde

ele estava arrancando a roupa de cama. — O que você está fazendo?

— Você quer isso? — ele perguntou, erguendo o colchão. — Porque eu com certeza não quero.

Depois, ele avançou feito um furacão com o colchão na mão, e o jogou escada abaixo.

— Desculpa se isso tem algum significado pra você — ele disse com desdém por cima do ombro, descendo os degraus com tudo e pegando o colchão de novo. — Eu sei que a primeira vez de uma garota é especial.

— Hugh, por favor!

Ele abriu a porta e disparou para fora, jogando o colchão na grama sem a menor cerimônia.

Em seguida, limpou as mãos, deu meia-volta e entrou em casa.

Mais uma vez, fui atrás dele, sabendo que merecia cada segundo daquela tortura.

— Me diz o que fazer — implorei, seguindo-o pelas escadas até o seu quarto. — Por favor, Hugh, só me diz como consertar isso.

— Ah, eu não sei, Liz. Será que você pode voltar no tempo e não transar com ele? Você pode fazer isso?

— Me desculpa.

— Duas coisas — ele sibilou com a voz falhando. — Só te pedi pra fazer duas coisas, e você não conseguiu nenhuma delas.

— Eu sei, eu sei — choraminguei, vendo-o afundar no chão e se afastar de mim quando tentei tocá-lo. — Não sei qual é o meu problema.

— Eu sei — ele esbravejou. — Você é bipolar e não está tomando a porcaria dos seus remédios.

— Me *desculpa*...

— Consigo lidar com as suas alterações de humor. Consigo lidar com a depressão. Porra, consigo lidar até com a mania. E com seus olhos selvagens. E com o fato de eu nunca saber se você vai tentar me foder ou me machucar. Mas não consigo lidar com traição.

— Eu nunca te machucaria.

— Mentirosa! — ele gritou, com lágrimas escorrendo pelo rosto, puxando o cabelo de desespero. — Olha pra mim, baby! Olha bem pra mim!

— Faço qualquer coisa pra consertar isso — prometi, me ajoelhando ao lado dele. — Vou voltar a tomar os remédios. Vou fazer terapia. Faço qualquer coisa, Hugh, qualquer coisa!

— É tarde demais.

— Não, não, não, não é — tentei implorar, em pânico. — Não é tarde demais.

— Como não é tarde demais, Liz? — Ele levou as mãos à cabeça. — Você está transando com o Pierce desde aquela noite. — Um lamento sofrido escapou do seu peito. — Qualquer esperança que eu tinha de consertar as coisas está morta e enterrada agora.

— A gente pode consertar as coisas, Hugh — insisti, segurando o seu braço. — Eu sou sua. Sempre fui sua.

— O que você achou que fosse acontecer, Liz? — ele perguntou, abraçando os joelhos. — Achou que a gente poderia varrer tudo pra debaixo do tapete?

— Podemos tentar!

— Não. — Ele balançou a cabeça de novo. — Não podemos, porque você cagou pro nosso relacionamento publicamente, Liz.

— Eu não queria fazer nada disso!

— Eu sei, eu sei — ele grunhiu, parecendo mesmo dividido. — Eu sei que você está doente. Sei que você não fez de

propósito, mas tudo foi bem *real* pra mim. Porque estou aqui, Liz. Eu sou a porra do seu efeito colateral.

— Hugh...

— Não tenho nada pra me amparar, baby. Meus sentimentos são *reais*, e não tenho um interruptor que muda tudo como você tem.

Lágrimas escorriam pelo meu rosto enquanto eu tentava absorver suas palavras.

— Por favor, não me abandona.

— Não te abandonei, Liz — ele disse, erguendo a cabeça para olhar para mim. — Você que me abandonou.

Seus olhos castanhos estavam fixos em mim e pude ver tudo o que ele estava sentindo naquela hora. Eu não suportava ver a mágoa nos seus olhos, mas, de alguma forma, me obriguei a encará-la.

Porque eu tinha que fazer aquilo.

Eu tinha que ver o que fiz com aquele garoto.

O garoto que eu amava com todo o meu coração.

O arrependimento se agitou nas minhas entranhas, e comecei a duvidar de mim na mesma hora.

Mas que merda eu estava fazendo?

Eu não podia magoá-lo daquele jeito.

Você já o magoou, uma vozinha sussurrou na minha cabeça. *Você o deixou arrasado.*

A única pessoa que te amou de verdade, com todos os seus defeitos.

Você o destruiu.

— Não fiz de propósito — repeti, me sentindo imunda e indigna. — Não sei por que fiz isso. — Afastei as suas pernas e me aninhei no meio delas, me agarrando ao seu corpo enorme com força. — Você significa o mundo para mim.

Abracei sua cintura estreita e pressionei o rosto na sua barriga, sentindo o seu cheiro, precisando sentir sua pele na

minha. Precisando manter aquele garoto na minha vida.

Mas era tarde demais.

Seu toque me disse isso.

Com os ombros curvados e a cabeça baixa, Hugh lutou com a própria mão, até enfim colocá-la na minha nuca. Era mais do que eu merecia.

Eu o havia destruído. Aquela alma brilhante, linda e corajosa havia sido reduzida a pedacinhos.

Que estavam espalhados pelo chão do quarto.

Hugh não poderia me aceitar de volta nem se quisesse.

Porque seu orgulho nunca permitiria isso.

Eu queria limpar minha imagem e não ser uma humilhação para ele todos os dias, mas eu ainda era eu. Não podia apagar o meu passado. Eu era suja e gasta. Sempre fui. Não tinha conserto. Não existia feitiço capaz de apagar minhas memórias.

Saber que eu tinha entregado meu corpo a um garoto em quem eu não suportava nem pensar me fez querer parar de respirar para sempre.

Me fez querer arrancar minha pele.

Vergonha.

Era tudo o que me restava.

20 de novembro de 2003

Pai ausente

HUGH

Eu tinha aceitado havia muito tempo que sempre amaria Lizzie Young.

Meu coração não tinha um botão de ejetar, então a Liz nunca perderia o lugar dentro dele.

Ela só tinha que trocar de lugar se eu encontrasse alguém.

Se eu ousasse me abrir para esse tipo de amor de novo.

Se é que isso era possível.

Eu duvidava muito.

Tentei pensar de forma pragmática sobre o término, usar a lógica e a razão, o que era difícil pra caralho com meu coração esparramado aos pés dela.

Eu não conseguia ser bonzinho nem oferecer a outra face daquela vez.

Porque doía demais.

Era isso.

Se eu a aceitasse de volta, as coisas seriam assim, e eu merecia mais.

Eu a amava o suficiente para querer ficar, a adorava o suficiente para aguentar firme, mas até quando?

Quando aquilo acabaria?

O que aconteceria quando ela tivesse outra crise?

Será que me trairia de novo?

Será que eu receberia outra enxurrada de mensagens de colegas preocupados querendo me avisar dos boatos que ouviram sobre a minha namorada?

E se eu ficasse com a Liz e isso continuasse na universidade e depois?

E quando a gente estivesse casado e com filhos?

Eu ainda teria que viver desse jeito?

Será que eu conseguiria?

E como eu explicaria isso para os nossos filhos?

Havia algum limite?

Este, percebi de repente.

Aquele era o limite, o fim da linha, o ponto de ruptura.

Ali era onde nos separaríamos.

Aquele era o momento de abandonar o navio afundando.

Depois de pedir desculpas, Liz continuou me mandando mensagens e me ligando.

Tive que desligar o celular, porque ignorá-la acabava comigo.

Não falei sério quando pedi que apagasse o meu número.

Mas não era forte o suficiente para lidar com aquilo.

Tudo dentro de mim queria voltar correndo para ela. Mas eu não podia fazer isso.

— Hugh? — A voz do meu pai se infiltrou nos meus pensamentos, e me virei da bancada da cozinha, onde eu estava preparando meu lanche, e o vi na mesa. — Senta aí, filho.

— Não posso — falei, voltando a atenção para o lanche. — Preciso pegar o ônibus pra escola.

— Por favor, Hugh — ele insistiu. — Precisamos ter uma conversinha de pai pra filho. Eu te levo na escola depois.

Meu Deus do céu.

Aquele homem me irritava tanto que eu o evitava o máximo possível.

O que não era difícil, considerando que ele passava boa parte do tempo evitando a própria família como se fôssemos uma praga.

Assim, achei essa vontade repentina de ter uma conversa de pai para filho desnecessária e inconveniente.

— Então... — meu pai disse quando me juntei a ele na mesa relutantemente. — Como você está, filho?

— Bem.

— Não foi o que me disseram.

Mãe!

Que ótimo!

— Se está querendo me perguntar alguma coisa, pergunta logo. — Me recostei na cadeira e cruzei os braços. — Não precisa ficar enrolando.

Vi a mágoa brilhar nos seus olhos, mas não me arrependi.

Ele não tinha o direito de passar uma década sem ligar para mim e me procurar quando bem entendesse, e jurei nunca fazer isso com as pessoas que eu amava.

Minha família e meus amigos poderiam contar comigo sempre.

Pois eu nunca os abandonaria como ele fez comigo.

Eu seria um homem.

Seria digno e confiável.

Trabalharia duro e nunca aceitaria esmolas de alguém por quem eu tinha perdido o respeito.

Ele nunca poderia me comprar com presentes e viagens de última hora quando tinha uma "semana boa", como fazia com a minha irmã.

Podia ficar com o dinheiro dele.

Porque eu ia ganhar o meu próprio.

— Fiquei sabendo que você está tendo problemas no seu relacionamento.

— Estou tendo problemas na vida, pai — respondi, sem emoção. — Mas não precisa se preocupar.

— Talvez eu possa te ajudar.

Bufei.

— Você não consegue nem se ajudar, quanto mais ajudar os outros.

Meu pai se encolheu.

— Isso não é justo.

— Bem, a vida não é justa, pai, e a verdade dói.

— Sei que andei ausente... — ele começou a dizer, mas o interrompi antes que ele viesse com outra desculpa.

— Ausente é eufemismo — falei, dando risada. — Você virou a porra de um fantasma nesta casa desde que o Joe morreu. Andou ausente desde a minha primeira comunhão. — Descontrolado, descontei toda a minha raiva nele. — Suas aparições esporádicas podem funcionar com a mamãe e a Claire, mas nem precisa se dar ao trabalho comigo. Porque não preciso disso, tá bom? — Estreitei os olhos e acrescentei: — *Não* preciso de *você*.

29 de novembro de 2003

Liberação

LIZZIE

Tudo se apagou da minha cabeça como se eu tivesse apertado um botão.

Toda a dor.

Todos os sentimentos.

Todas as lembranças.

Tudo só fez *puf*!

Eu não ligava mais para nada e estava adorando aquilo.

Hiperalerta, me deleitei na loucura e completei semanas de trabalho escolar em apenas uma noite.

E as minhas histórias?

Nossa, as minhas histórias nunca foram tão detalhadas.

A criatividade estava fluindo da minha caneta para as páginas em branco.

Eu, sinceramente, achava que podia fazer qualquer coisa naquele momento.

Podiam falar o que quisessem de mim na escola.

Eu não dava a mínima.

Ninguém poderia me atingir.

Pois eu era invencível.

Aquelas putas que se fodessem.

Eu ia *acabar* com elas com a minha caneta. Ia destruí-las com minhas palavras, e nem precisava me preocupar se ia me sentir mal, porque eu não sentia nada mesmo.

Nem um pingo de remorso.

Foi um grande alívio.

Aquilo estava dentro de mim o tempo todo — uma caverna maravilhosa para onde eu podia fugir quando o mundo ficava difícil demais.

O sono era para os fracos, e eu era *forte*.

Era feroz e poderosa.

Não havia mais monstros no meu corpo.

Eu estava faminta para sentir alguém me tocando. Ia morrer sem isso.

Eu estava atravessando um deserto, procurando freneticamente por água. Eu ia morrer sem água. Estava sedenta. Eu teria bebido lama suja se isso matasse a minha sede, a minha queimação.

Era isso o que eu sentia quando o Pierce estava dentro de mim.

Ele era apenas um meio para um fim.

Eu não conseguia entender, porque como entender a loucura?

Toda a lógica, razão e moral tinham ido para o espaço.

Meu corpo agora funcionava inteiramente por instinto.

Era como se cada grama de bondade dentro da minha alma tivesse evaporado e sido substituído por maldade.

Eu estava possuída pelos sete pecados capitais.

Soberba.

Avareza.

Luxúria.

Inveja.

Gula.

Ira.

Preguiça.

Eu estava consumida por cada um dos pecados e não me cansava.

Eu não estava encurralada num canto, assombrada por vozes do passado, chorando sem parar.

Não, eu estava sendo produtiva, estava florescendo.

Estava cuidando das minhas necessidades.

Estava indo bem na escola e fazendo o que eu queria.

Se as pessoas não gostavam, que fossem para o inferno.

Eu ria ao perceber como tinha medo antes.

Ao perceber todo o pavor e toda a preocupação.

Todo o pânico e insegurança. E por quê?

Porque eu tinha medo de perder o que eu mais amava na vida?

Ele já tinha ido embora.

Eu não tinha mais nada a perder.

E aqueles médicos malditos com seus remédios de merda...

Todos mentirosos.

Quando eu estava tomando os remédios, ficava deplorável.

E agora?

Agora eu estava *livre*.

Eu me sentia *liberta*.

3 de dezembro de 2003

Atos falhos

HUGH

Meu coração estava partido, minha cabeça estava em frangalhos, e minha namorada era o motivo por trás de tudo.

Ex-namorada, me corrigi.

Sério, eu não sabia lidar com as mudanças súbitas no humor dela.

Todos os dias da última semana, Liz apareceu na minha casa — sob o pretexto de ver a minha irmã — determinada a me reconquistar.

Quando chegou a sexta-feira, ela já tinha usado todas as cartas na manga e mostrado cada centímetro da sua pele na tentativa de me levar de volta para a cama.

Não importava quantas vezes eu lhe dissesse para sair do meu quarto: a garota estava tão fora de si que não conseguia me ouvir.

— Por que você não desiste de uma vez? — ela ronronou, montando no meu colo como se tivesse o direito de fazer isso.

Fazia vinte minutos que tinha escapulido da cama da Claire para a minha, e eu estava ficando impaciente. *E fraco*.

— Porque, quando isso acontecer, não vai ter volta.

— Rá! — Liz sorriu para mim com olhos ferozes e selvagens. — Você falou “quando” e não “se”.

— Você entendeu o que eu quis dizer. — Estreitei os olhos. — Foi só um escorregão.

— Uhum. — Ela deu uma piscadinha. — Um ato falho.

— Não, não foi um ato falho, só um erro normal mesmo. Não inventa moda. Você só vai acabar se decepcionando.

— Ah, eu duvido muito disso — ela falou, ainda me prensando na cama e rebolando de um jeito provocativo. — Definitivamente, não tem nada decepcionante no que estou *sentindo* agora.

— Pelo contrário. — Fiz uma pausa para empurrar o corpo para cima, afastando-a da minha ereção. — Odeio ter que te dizer isso, mas nem todo cara aceita sexo como pedido de desculpas.

— Que tal só sexo? — Ela pegou a barra da blusa e a arrancou pela cabeça, me dando uma visão gloriosa dos seus seios. — Sem a parte das desculpas.

Meu Deus do céu, seus seios eram lindos!

Não eram nem pequenos nem grandes demais, permitindo que ela ficasse sem sutiã à vontade.

Eram bem empinados também, com mamilos rosados como botões de flor, e estavam sempre durinhos.

— E quem disse que eu quero? — falei, me concentrando de novo na maluca sentada no meu peito, sem querer ceder um centímetro.

Mesmo que minhas bolas caíssem de tanta pressão, eu *não* ia dar o braço a torcer.

— Seu pau — ela respondeu, retomando seu posto em cima dele.

— E minha cabeça está dizendo que não.

— E o seu coração? — ela perguntou, rebolando habilmente.

Ah, sim, ela sabia *bem* o que estava fazendo. — O que é que o seu coração está dizendo?

A pergunta azedou meu humor, e não me contive na hora de falar:

— Meu coração está dizendo que não é pra acreditar em uma palavra que sai da sua boca.

— Nossa... — ela disse, disfarçando a mágoa rápido ao estreitar os olhos. Mas eu vi e não me senti tão bem quanto eu esperava. — Acho que mereci essa.

— Pois é — concordei baixinho. — Acho que sim.

Para ser justo, ela logo recobrou o bom humor e voltou ao estado alegre e sedutor. Sorrindo com malícia, ergueu minha camiseta e arranhou minha barriga.

— Hum... — Soltou um gemido sexy. — Você tem o tanquinho mais delicioso de todos.

Contendo um tremor, cruzei os braços atrás da cabeça e a encarei.

— Pena que você não pensou nisso quando estava transando com o meu colega.

— Posso me redimir. — Ela se aproximou tanto do meu rosto que seus lábios roçaram os meus quando ronronou: — É só você dizer que sim.

Com um autocontrole infinito e a imagem ainda fresca na memória do Pierce O'Neill metendo nela na minha cama, ergui o queixo, a encarei e disse:

— Não.

4 de dezembro de 2003

Dormindo com a Stevie

HUGH

Liz entrou no meu quarto na noite seguinte e foi direto para o meu aparelho de som com uma caixinha de CD na mão. Visivelmente fervendo de raiva, pegou o CD e o atirou em mim.

— Eita! — Gibs disse, saindo do caminho e abaixando a bola que estava segurando.

— Liz? — Igualmente puto, peguei o CD no ar e vi que era o *The dance*, do Fleetwood Mac. — O que está fazendo aqui?

Sem dizer uma palavra, ela colocou o CD no som e começou a passar as músicas até chegar à faixa número doze.

Então pressionou o botão de fast-forward, pulando partes da música, e o soltou no minuto 3:38.

No instante em que a assombrosa voz da Stevie Nick encheu o quarto, minha ex-namorada aumentou o volume no máximo e se virou para mim. Ela continuou sem falar nada, deixando que a música comunicasse o que queria.

Então Liz me torturou se posicionando bem na minha frente, com o peito arfando tanto que encostou no meu.

Erguendo o queixo de um jeito desafiador, ela cravou os

olhos em mim e me capturou, me mantendo cativo enquanto a música nos envolvia.

Não se importava de estarmos no meio dos meus amigos, e eu não conseguia desviar o olhar.

Seus olhos ardiam de emoção — de fúria e sofrimento. A intensidade do seu olhar era demais para mim naquele momento, trazendo uma tristeza que eu me esforçava para esconder.

Com a mandíbula tensa, eu a encarei de volta, sentindo cada músculo do meu corpo se contrair conforme seus olhos berravam a letra da música para mim.

Nenhum de nós se moveu por um tempo.

Eu não conseguiria nem se quisesse.

Pois estava preso.

Quanto mais ela me encarava, mais rápida ficava a minha respiração, até que meu peito começou a arfar junto com o dela.

Porque aquilo era demais.

Eu sentia coisas demais por ela.

Todo o sofrimento, todas as lembranças, toda aquela adoração descabida...

Era paralisante.

Mas eu não ia vacilar.

Não ia ceder.

Não podia.

A música terminou com um último olhar demorado. Então ela afastou os olhos de uma vez, deu meia-volta e saiu do quarto.

Nem uma única palavra saiu dos seus lábios, mas Liz tinha conseguido descarrilar todos os meus pensamentos.

Só consegui ficar ali parado olhando para o nada quando a faixa treze começou a tocar.

— Acho que ela estava tentando te dizer alguma coisa, Hugo.
— Você acha, Gibs? — Feely falou secamente.
Ele fez que sim e depois colocou a mão no meu ombro.
— Com certeza.

5 de dezembro de 2003

Acordando com a Lindsey

LIZZIE

Eu não tinha a menor ideia do que me deu para fazer aquilo na frente dos amigos dele, mas não me arrependi.

Porque Hugh não estava conversando comigo e eu não estava ouvindo.

Eu não tinha mais nenhum outro recurso.

— O que aconteceu? — Claire perguntou aquela noite, sentada de pernas cruzadas na cama dela. — Tipo, sei que ele é meu irmão, mas você pode conversar comigo, sabia? Estou aqui pra isso, amiga.

Eu não podia contar nada, porque ela não seria mais minha amiga se soubesse a verdade.

Se soubesse que eu tinha traído o seu irmão.

— A culpa é minha — me obriguei a admitir. Pois não importava se isso nos afastasse, eu não podia deixá-lo levar a culpa por algo que ele não era responsável. — É tudo culpa minha, Claire.

— Bem, o Gerard disse que não posso mais falar nesse assunto — ela continuou. — Não me disse o motivo nem explicou nada, mas me fez prometer que eu não ia mais falar

do seu relacionamento. Pra ninguém.

— Tudo bem — sussurrei. — O Hugh tem o direito de querer esquecer.

Ela arregalou os olhos de tristeza.

— Esquecer o relacionamento?

— Esquecer de mim, Claire — respondi, engolindo em seco. — Esquecer de *mim*.

Foi difícil dormir aquela noite, mas quando finalmente peguei no sono nas primeiras horas da manhã, acordei apenas alguns minutos depois com algo batendo forte perto da minha cabeça e uma sensação de algo leve e plástico em cima do edredom.

Pisquei e dei um pulo de susto, confusa, bem na hora que Hugh colocava seu enorme aparelho de som, com alto-falantes e tudo, na mesinha de cabeceira da irmã. Ao lado da cama da irmã, onde eu estava dormindo.

Hugh conectou o aparelho na tomada atrás da mesinha, o ligou e foi passando as faixas até parar na número cinco.

Saquei o que ele estava fazendo no segundo em que a bateria e o riff da guitarra chegaram aos meus ouvidos.

Ele está me respondendo.

Com o coração batendo forte, peguei a caixinha de CD que foi jogada em cima de mim e fiquei olhando para ele, enquanto "Go Your Own Way", do Fleetwood Mac, tocava.

Hugh manteve os olhos em mim e botou o volume no máximo.

Ah, sim, ele queria ter certeza de que eu ia ouvir aquilo.

— Ah, meu Deus, que droga está acontecendo? — Claire grunhiu, cobrindo a cabeça com o travesseiro e se enfiando debaixo das cobertas. — Desliga isso, Liz.

Era mais fácil o inferno congelar que eu desligar a música.

Capturada e aprisionada pelos olhos do irmão dela, fiquei olhando para Hugh enquanto ele me fitava, incapaz de mexer um músculo.

O peso do meu arrependimento me prendia ao colchão, e a força do ressentimento dele me fazia perder o ar.

Eu sentia a raiva emanando do Hugh. Sentia a mágoa e as acusações silenciosas saindo do seu coração e indo direto para o meu.

Isso é culpa sua, ele me dizia com os olhos. *Você fez isso com a gente*.

— Meu Deus, Hugh! — Emergindo debaixo de uma montanha de travesseiros e bichinhos de pelúcia, Claire quebrou nosso intenso contato visual ao jogar o Garry, um ursinho enorme e feio, na cabeça do irmão. — Sai do meu quarto, seu esquisito, e leva essa porcaria de música com você!

Depois de uma última encarada carregada de emoção, ele desviou o olhar do meu e foi para a porta sem desligar a música, deixando o aparelho de som para trás para me dizer todas as coisas que seu orgulho jamais permitiria que ele dissesse.

12 de dezembro de 2003

Eu sou o Mister Brightside

HUGH

O nosso time de rúgbi ganhou a Taça Sheeler hoje de noite, e alguns dos caras mais velhos da equipe decidiram dar uma festa de última hora na casa do Creano para comemorar.

Eu sabia que tinha sido uma péssima ideia ir naquela festa, mas de algum jeito deixei o Feely me convencer, sendo que ele mesmo *não* apareceu. Segundo a mensagem que me mandou quando cheguei, sua mais nova amiga do clube de música precisava de ajuda com algo importante.

Até parece.

Eu sabia que tipo de ajuda ele oferecia para as garotas, e com certeza não tinha nada a ver com música.

Daí "Mr. Brightside", do The Killers, começou a tocar e dei um suspiro desanimado, sentindo que estava sendo pessoalmente atacado por aquela letra.

Se eu tivesse ficado em casa como o Johnny, não estaria sentado no sofá de um cara do sexto ano assistindo de camarote o meu próprio inferno pessoal.

Porque a Liz estava ali, se esfregando no Pierce enquanto dançavam, parando o tempo todo para engolir a cara um do

outro.

Puta merda.

Eu não tinha um segundo de folga.

Sinceramente, não estava aguentando aquilo.

Me esforcei para *não* olhar, mas de alguma forma meu olhar sempre voltava para ela.

Dançando com ele.

Tocando o peito dele.

Beijando a boca dele.

— Não olha, cara — Gibsie disse alguns segundos antes de se sentar na mesinha de centro à minha frente, bloqueando aquela cena horrorosa. — Mantém os olhos em mim.

— Estou bem, Gibs — falei, sentindo o exato oposto. — Sério.

— Me escuta — ele pediu, se inclinando para a frente e apoiando os cotovelos nas coxas. — Sei que você está sofrendo e que isso está te matando, e sinto muito por você estar passando por isso, cara. — Ele deu um suspiro pesado e me implorou com os olhos para que eu o ouvisse. — Mas você tem que superar, Hugh. Você *tem* que reagir, cara.

— Estou tentando — admiti, sentindo meu coração se despedaçar e trovejar ao mesmo tempo. — Mas estou *vazio*, Gibs.

— Eu sei — ele disse, apertando meu joelho. — E sei que você ainda ama ela, só que acabou, cara. — Meu amigo mais antigo no mundo estremeceu antes de acrescentar: — Você tem que esquecer ela.

Por mais doloroso que fosse ouvir isso, até que era um conselho sensato. Meu amigo queria o meu melhor e jamais me apunhalaria pelas costas.

Gibsie podia ser muitas coisas, mas *nenhuma* delas era desleal. Durante toda a minha vida, nunca conheci um ser humano

mais confiável que ele. Não importava se a gente estava brigado ou não, ele nunca dizia uma palavra sobre a minha vida pessoal para ninguém — nem para o Johnny ou para a Claire. Ele sabia mais merdas de mim que qualquer um dos nossos amigos, tinha vivido os piores dias da minha vida comigo, e eu tinha absoluta certeza de que Gibsie levaria tudo aquilo para o túmulo.

Foi Gibs que me levantou do chão depois do término, e foi ele que permaneceu ao meu lado durante os meus dias mais sombrios — e tive dias sombrios pra caralho. Falei um monte de bosta sem pensar quando Liz me traiu. Eu não ousava nem lembrar. Mas Gibs nunca jogou nada na minha cara.

Meu Deus, eu estava tão aliviado por não ter estragado minha amizade com ele por causa de uma garota que pegava qualquer um. Porque era bem isso que estava acontecendo.

Era meio estranho estar ali com ele. Parecia que eu estava fazendo algo errado. Passei tanto tempo sendo criticado só por cumprimentar o cara que não estava mais acostumado a passar um tempo direito com ele.

— Está tudo bem, Hugo — Gibs falou, claramente lendo a minha mente. — São águas passadas — acrescentou, dando uma piscadinha marota. — Estou feliz por ter meu amigo de volta em tempo integral. Essa história de guarda compartilhada estava sendo gatilho de lembranças ruins. — Ele deu risada e disse: — Fico feliz em ficar com a sua guarda total no divórcio.

Meu Deus, eu era um péssimo amigo.

— Te amo, Gibs — resolvi falar. Por que não? A Liz já tinha me humilhado além de qualquer limite. Eu não tinha mais orgulho nenhum. — Não sei onde eu estaria sem você, cara.

— O sentimento é recíproco, cara — ele respondeu, apertando meu joelho de novo. — Você também já me tirou da fossa várias vezes.

— Você acha que vou ficar bem? — sussurrei, me sentindo tão quebrado que eu precisava de alguma garantia de que ia conseguir. — Será que vou conseguir superar isso?

— Claro que vai — ele disse com firmeza. — E se você ficar atolado, vou estar com você pra te puxar pra cima. — Ele abriu um sorriso encorajador. — Você vai *conseguir*, Hugo Boss, estou aqui. — Seus olhos cinzentos cintilaram de sinceridade. — Sempre.

— Biggsie! — Luke Casey chamou, avançando pela multidão com várias garrafas de cerveja na mão. — Que drop goal sensacional hoje, hein!? — Ele se sentou no sofá ao meu lado, me entregou uma cerveja e ofereceu outra para o Gibs. — Você ganhou o jogo pra gente, cara.

— Ganhou mesmo — Gibs concordou, rindo e logo assumindo o papel de piadista da galera. — Que pena que o Pierce levou uma bolada na cabeça, né? — Ele deu uma piscadinha e acrescentou: — Quais eram as chances?

— Pois é — falei, dando um gole na garrafa.

— Biggsie, o que rolou com a sua gata? — Danny Call perguntou, se aproximando com uns caras. — Vocês terminaram mesmo e ela está livre? — Ele inclinou a cabeça para ela, chegando perto do Pierce e de outros garotos da minha turma. — Ou quer que eu quebre o nariz dele?

— Pois é, fiquei sabendo também... — Luke murmurou com um tom de desaprovação. — Ele é um idiota mesmo.

— Que sem noção! — Robbie Mac acrescentou, estreitando os olhos. — Uma coisa é provocação, mas isso é pura falta de educação.

— Você devia é acabar logo com essa palhaçada.

Se eu fosse lá, Liz acharia que eu estava querendo conversar, e se ela achasse isso, talvez tentasse reatar, e eu sinceramente não tinha mais energia para afastá-la.

Ela já sabia que eu a amava e sabia que eu me importava. A única ferramenta que eu tinha à disposição era o repúdio. Sem isso, eu voltaria para o inferno com ela e não sobreviveria.

Eu podia lidar com tudo o que ela atirasse em mim, com todas as crises e mudanças de humor, mas *não* toleraria infidelidade.

Eu tinha quase certeza de que ainda podia sentir o seu cheiro na camisa que estava usando. Pior, tinha a horrível impressão de que essa tal camisa tinha sido presente dela no Natal.

Sequei a cerveja e fiz uma anotação mental para lavar todas as minhas roupas.

Tudo estava contaminado e eu precisava de um novo começo.

— Tudo bem, gente — falei, prometendo a mim mesmo que eu não perderia nem mais um metro de dignidade na frente deles. Não depois da humilhação que aqueles dois me fizeram passar. Dei de ombros como se não tivesse uma preocupação no mundo, me recostei no sofá e tomei um gole de cerveja antes de responder: — Não aconteceu nada de mais.

— Estão falando que ela transou com o Pierce pelas suas costas, cara.

Me obriguei a não vacilar.

— Não acreditem em tudo o que vocês ouvem.

— Então não foi isso?

— A gente só decidiu terminar — eu disse, mentindo na cara dura para proteger a reputação de uma garota que não ligava a mínima para a minha reputação.

— Então vocês terminaram mesmo? — Danny insistiu, preocupado. — Pra valer?

— Pra valer — respondi, me forçando a olhar para ela uma última vez. Assim que fiz isso, tive vontade de vomitar todo o conteúdo do meu estômago.

— Porra! — Danny perguntou com um tom sério: — E você

está bem, Hugh?

— Cally, estou ótimo — falei, abrindo um sorriso despreocupado. — Não esquenta.

— Ela não é mais problema dele — Gibs acrescentou depressa, dando um trago no baseado que um dos caras do sexto ano lhe ofereceu. — Aceita, Hugo.

— Olha, vou ser sincero com você, Hugh — Luke disse quando os outros começaram uma conversa sobre o jogo. — Ela andou se atirando nos caras do time. — Ele se mexeu meio sem jeito e manteve a voz baixa para que somente eu o escutasse. — Não se preocupa, cara — acrescentou depressa, claramente desconfortável com o assunto. — Tirando o traíra do Piercy, todo mundo está com você.

— Falei que não aconteceu nada de mais — repeti, enjoado.

— Falou mesmo, cara — ele disse, dando um tapinha no meu ombro para demonstrar apoio. — Mas não sou tão burro quanto eles.

Que merda!

— Sei que você está bancando o durão agora, e acho justo, mas a gente se conhece desde criança e você sempre foi um bom amigo, então achei que precisava te falar que estou com você e posso acabar com o Pierce a qualquer hora, ok?

— Valeu, Lukey — respondi, me obrigando a manter a calma. — Valeu mesmo, cara, mas não quero que ela se encrenque por causa disso. — Soltei um suspiro pesado e acrescentei: — A gente estuda e joga junto, então vou bancar o superior nessa.

— Você é bem melhor que ele — Lukey comentou, apertando meu ombro. — E merece coisa melhor.

12 de dezembro de 2003

Eu te amo, me desculpa

LIZZIE

Foi uma péssima ideia desde o início.

Eu não devia ter ido.

Mas ali estava eu.

Estragando outra noite importante da vida dele.

Porque aquela era a noite do Hugh, não minha.

Ele que estava comemorando a vitória do time, não eu.

Mas, quando Pierce me convidou, sinceramente não ousei desperdiçar a chance de ver Hugh de novo. Parte de mim queria espioná-lo, ver se ele já tinha me superado, ter o meu coração partido. Porque, se ele tivesse seguido em frente, eu precisava testemunhar aquilo. Talvez então pudesse dormir um pouco à noite. Talvez parasse de sufocar no meu arrependimento.

Eu estava bêbada.

Sabia disso, só que o álcool correndo nas minhas veias não tinha nada a ver com as minhas ações.

Eu não podia culpar a vodca quando decidi subir as escadas com Pierce, nem podia culpar as doses que virei pelas outras coisas que fiz.

Não, era tudo responsabilidade minha.

Algo estava quebrado dentro de mim desde que Caoimhe tinha morrido, ou talvez até antes disso, e eu estava me afogando nas consequências dos meus atos.

Me deitei no colchão e deixei o garoto com quem arruinei minha vida fazer o que queria com o meu corpo.

Quando ele terminou, desceu da cama, fechou o zíper do jeans, fez um carinho meia-boca no meu rosto e desapareceu pela escada, voltando para os amigos e me largando sozinha com meus pensamentos, com o meu turbilhão de emoções.

Me sentindo usada e imunda, peguei minhas roupas depressa e disparei para o banheiro.

Assim que tranquei a porta, desmoronei no chão e deixei as lágrimas escaldantes escorrerem pelas minhas bochechas.

Segurei a vontade de gritar e mordi com força meu punho, batendo a cabeça na porta sem parar.

Eu precisava sentir dor.

A dor era a única coisa que abafava o barulho. Porque o barulho na minha mente doía mais que qualquer dor física que eu pudesse provocar em mim mesma.

Só que não era suficiente.

Nada parecia ser suficiente.

Eu só tinha imagens.

Lembranças.

Seu corpo suado.

O medo.

Os gritos.

As sensações.

O sofrimento.

O peso dele.

O barulho do colchão rangendo.

De uma vida diferente.

De um universo alternativo.

Eu precisava parar de sentir a dor dela.

Ela *não* pertencia a mim.

Aquele *não* era o meu trauma.

Sentindo o pânico se transformar em histeria, peguei uma escova de dentes aleatória na pia e usei toda a minha força para quebrá-la ao meio.

Desesperada, joguei a parte da escova fora e usei a só a haste. O plástico não era perfeito, mas era rígido e funcionaria.

Segurei o cabo com a mão esquerda e comecei a esfregar a ponta irregular na minha coxa.

Fui devagar no início até criar impulso suficiente para a sensação extrema e abrasiva invadir os meus sentidos quando a ponta afiada rasgou a camada superficial da minha pele.

Cortar minha pele era desafiador, mas eu adorava.

Implacável, fiquei mexendo a mão para a frente e para trás em um ritmo feroz, mordendo a outra mão quando a dor se tornou quase insuportável.

Eu não podia parar.

Porque não estava cansada.

Não estava saciada.

Não estava estável.

Eu precisava daquilo.

Precisava fazer as imagens saírem da minha cabeça, e aquela era a forma que eu tinha de conseguir exatamente isso.

Aquela era a forma de *fazê-lo* ir embora.

Só parei quando a carne da minha coxa se misturou de um jeito indistinguível ao sangue pingando da minha mão.

Soltei um suspiro entrecortado, larguei a arma improvisada e a joguei de lado antes de colocar as mãos nos ladrilhos gelados abaixo de mim.

Fechei os olhos, respirando fundo e devagar, me permitindo

absorver a dor.

Deixando meu cérebro reprogramar o caminho da dor mental para a dor física.

Me deleitando com aquele momento sagrado de *paz*.

Tonta e arrasada, desabei com as costas na porta e prendi a respiração, na esperança de que, se eu segurasse o fôlego por tempo suficiente, talvez eu apagasse e acordasse de novo na cama do Hugh.

Pouco tempo depois, já vestida e de volta ao andar de baixo, fui atingida por aquele velho tsunami de culpa. No instante em que entrei na sala e pus os olhos no Hugh, a vergonha me engoliu por inteiro.

Seus olhos de uísque perfuraram minha alma, e tive vontade tanto de correr para os seus braços quanto de me jogar de uma ponte.

Ele sabia o que eu tinha feito lá em cima com outro garoto, e isso fez eu me sentir exatamente a puta em que o monstro me transformou.

Vi nos olhos do Hugh que estava tudo acabado, que minhas ações apenas confirmaram a sua decisão de se afastar.

Passei semanas tentando me convencer de que eu tinha feito a coisa certa. Que, no longo prazo, seria melhor o Hugh me odiar. Que, se ele não me amasse, não poderia sofrer. Que, se ele ficasse longe, estaria seguro.

Então eu deveria estar feliz ao ver a decepção nos seus olhos. Afinal, era o que eu queria, não? Era o que precisava acontecer para libertá-lo do inferno que era me amar.

Mas, quando ele saiu, não consegui me impedir de ir atrás dele.

Ignorei os olhares feios que recebi dos seus colegas e os murmúrios me chamando de “vadia” quando passei e mantive

os olhos fixos nas costas do Hugh.

Eu o segui noite adentro, acompanhando cada passo seu até chegarmos a um estábulo. Quando enfim criei coragem para falar, ele estava encostado em uma portinha, de costas para mim, coçando a orelha de um cavalo.

— Oi — eu disse a uma certa distância.

Seu corpo inteiro enrijeceu e a mão que estava no cavalo congelou.

— Como você está? — acrescentei quando ele não respondeu.

Ele soltou um suspiro sofrido e se virou para mim devagar.

— O que você quer, Liz?

Você.

— Só queria te dar oi.

— Oi — ele disse.

Continuei parada ali, sem querer e sem conseguir ir embora.

— Você está bem?

Hugh ficou me encarando como se a pergunta o ofendesse.

Então murmurou algo ininteligível antes de voltar a atenção para o cavalo.

— Está frio aqui. Você devia entrar.

— Não ligo — falei, juntando as mãos com força.

— Pois é — ele disse, baixinho, ainda concentrado no cavalo. — Você não parece ligar pra muita coisa ultimamente.

— Eu ligo pra você — admiti, incapaz de impedir minhas pernas de se aproximarem dele. — Só me importo com você.

— Eu sei que você acredita nisso — ele falou, recuando quando tentei abraçá-lo.

— Mas é verdade — insisti, sentindo a familiar ardência das lágrimas. — Eu te amo.

— E eu te amo. Eu queria não te amar, mas amo.

— A gente não pode consertar as coisas? — Fungando, limpei

o rosto com a manga da blusa.

— Seus olhos estão escuros — ele comentou, com tristeza. — Você não está bem, e o Pierce não devia estar se aproveitando de você.

— Não ligo pra ele — choraminguei, puxando seu braço. — Só ligo pra você.

— Você precisa de ajuda, Liz. — Ele estava tão arrasado. — Você precisa, entendeu?

— Se eu tomar meus remédios, você vai me aceitar de volta?

— Você deve tomar os remédios de qualquer jeito, Liz.

— Mas isso vai ajudar? — insisti, desesperada. — A me aceitar de volta?

— Não, Liz. — Ele suspirou, balançou a cabeça e deu a volta em mim. — Nunca vou te aceitar de volta.

— Então o que adianta tomar essa porra? — gritei ferozmente, vendo-o sair do estábulo. — Hugh, por favor, não vai embora!

— Se cuida, Liz — foi tudo o que ele disse antes de desaparecer na escuridão.

— Eu te amo — falei, soluçando histericamente e afundando no chão. — Me desculpa.

18 de dezembro de 2003

O leão e a gazela

HUGH

— Hughie, podemos conversar? — Essas foram as primeiras palavras que Pierce dirigiu a mim desde que o peguei na *minha* cama, com o pau na *minha* garota.

— Que ousadia a sua vir aqui falar comigo — eu disse, me sentando no banco do vestiário para tirar os sapatos.

Depois de ter enfrentado duas horas de treino intenso debaixo da maior chuva, eu não estava nem um pouco a fim de ter aquela conversa. Então virei o rosto para o outro lado do vestiário, onde estavam as coisas dele.

— Sugiro que você volte pra lá antes que eu enfie esses trecos no seu rabo.

— É *importante*, cara — ele insistiu, pairando perto de mim feito uma mosca chata. — Eu não estaria aqui se não fosse.

Ignorei e tirei as meias molhadas antes de arrancar o resto do uniforme e pegar a toalha. Quando me levantei para ir para o chuveiro e o vi me seguindo, me virei e olhei feio para ele.

— Se você continuar me seguindo, não vai voltar mais.

Babaca.

Entrei no boxe, bati a mão na torneira cromada e fiquei

debaixo da água escaldante, tentando me aquecer do frio do inverno e, ao mesmo tempo, me acalmar da irritação provocada pelo traíra do meu colega.

O banho durou mais tempo que o normal, quase trinta minutos, pois eu tinha a esperança de que ele já tivesse ido embora quando eu saísse.

Infelizmente, quando voltei para o vestiário, Pierce era a *única* pessoa ali. Ele estava de uniforme e tinha uma expressão idiota.

Pelo menos teve o bom senso de se sentar do outro lado dessa vez.

Enrolei a toalha na cintura e passei direto por ele, seguindo para o meu lugar.

— O que você está fazendo aqui até agora? Está querendo descolar umas dicas? Ou está tentando comparar seu pau com o meu?

— Preciso falar com você sobre a Lizzie — ele disse de uma vez, o que foi uma péssima abordagem.

— Se toca, seu imbecil — resmunguei, baixando a toalha e pegando uma cueca limpa na bolsa. — Não estou interessado no que está rolando entre vocês, então vaza logo daqui.

— Mas você ainda está interessado no bem-estar dela, não? Ou não liga mais pra Liz?

Todos os músculos do meu corpo se contraíram de tensão e tive que respirar fundo algumas vezes para me estabilizar.

Era muito atrevimento falar sobre ela comigo.

Me obriguei a bancar o superior e *não* reagir e continuei ignorando-o enquanto me vestia.

— Olha, Hugh, me desculpa, tá? — ele disse, suspirando, parecendo tanto arrependido quanto frustrado. — Me desculpa pelo que fiz. Foi falta de consideração da minha parte. Fiz merda, cara. Agora eu entendo.

Ah, sim, entendia.

— Se está achando que vou te perdoar por ter transado com a minha namorada de *mais de quatro anos*, você está delirando. O máximo que pode esperar é minha tolerância, e você já está no limite.

— Cara, a gente é amigo desde os quatro anos — ele apelou. — Podemos superar isso.

— O fato de você estar mencionando há quanto tempo a gente se conhece só prova o quanto você cagou pra nossa amizade.

— Hughie, fala sério, cara...

— Você destruiu de propósito meu relacionamento de quatro anos com a garota que foi minha melhor amiga há quase tanto tempo quanto a gente se conhece. — Balancei a cabeça, enojado. — A garota com quem você me *viu* todos os dias da última década. Então guarda suas desculpas pra alguém ingênuo o suficiente pra acreditar nas suas palavras.

— Ela também não é nenhuma santa — retrucou, em uma tentativa lamentável de atirar a Liz na fogueira. — Ela que estava namorando, não eu.

— Verdade — concordei, com um tom neutro. — E, por causa disso, ela *não* está mais namorando.

— Não pensei que a Liz fosse topar — ele enfim admitiu, chegando ao cerne da questão. — Ela sempre pareceu tão obcecada por você. Eu estava meio que brincando quando mexi com ela aquela noite.

E a Liz estava no auge da mania.

— E você achou que seria divertido ver se conseguia nos separar? Ou deixou a inveja te dominar?

— Provavelmente os dois.

Ergui as sobrancelhas.

— Bem, pelo menos você é um babaca *sincero.*

— Sim... — ele murmurou baixinho.

— Já acabou? — perguntei.

— Olha, eu acho mesmo que você devia conversar com ela — ele teve a audácia de falar. — Ela estava chorando na festa do Creano e não apareceu na escola a semana toda.

— Meu Deus! — Dei risada, sem achar a menor graça. — Você é de outro mundo, sabia?

— Ela está... sei lá, tem alguma coisa *errada* com essa garota. E estou completamente perdido. — Percebi a preocupação na sua voz. — Acho que ela está surtando ou algo assim de tanta culpa.

De tanta culpa.

— Ela é demais pra você, né? — falei, pois não me aguentei. — Sim, bem que eu pensei que isso pudesse acontecer.

— Hughie, vamos, cara, isso também não é fácil pra mim. Vir pedir ajuda pro ex dela.

— Eu não vou te ajudar, babaca — respondi, calçando os tênis. — Esquece.

— Então ajuda ela — ele pediu. — Eu sei que você ama ela.

— Você sabe que eu amo *a Liz* — repeti, aguentando mais do que podia. — Você sabe que eu *amo* a Liz! — berrei, me virando para ele de cara feia. — Se você *sabe* que eu amo tanto ela, por que você, meu amigo de infância, transaria com ela na minha cama?

— Já te falei que me deixei levar!

— Não — esbravejei, sem querer dar o braço a torcer. — Se deixar levar teria sido só um beijo! — Meu peito arfava e eu não sabia se tinha a capacidade de não matar aquele escroto. — Mas você foi um cuzão do caralho!

— Eu estava bêbado, Hughie — ele grunhiu, tremendo. — Fiz merda. Estou assumindo meu erro.

— E qual é a sua desculpa pra todas as outras vezes que enfiou o pau nela? — perguntei, fervendo. — E aí? Você

passou as últimas quarenta e oito horas bêbado também? Ou vai usar a cartada da inveja de novo? Ou só estava comendo a minha namorada porque ela estava vulnerável e você é um merda?

— Eu não sabia que a Liz estava vulnerável desse jeito.

— Mas você sabia que ela era *minha*.

— Hughie, qual é, cara.

— O que você quer de mim?

— Queria que você desse uma olhada nela — ele murmurou, esfregando o queixo. — Pra ver se ela está bem.

— Por que você mesmo não dá uma olhada nela? — explodi, sentindo coisas demais. — E me deixa fora disso?

— Andei ligando, mas ela não me atende. Mas ela vai te atender. Faz uma semana que ela não aparece na escola e eu *sei* que você se importa.

— Espera aí. Deixa eu ver se entendi direito. — Estreitei os olhos de desdém. — Você quer que *eu* ligue pra *minha* ex que me *traiu* com *você* porque ela vai atender às *minhas* ligações em vez das *suas*?

— É mais ou menos isso... — Pierce murmurou, corando.

A adrenalina disparou junto com a testosterona, e eu mal consegui conter a vontade brutal e primitiva de arrancar a cabeça daquele idiota e colocá-lo no seu devido lugar.

— Você sabe por que isso está acontecendo, né? — falei em um tom estranho e frio, assumindo totalmente a minha superioridade masculina em relação àquele imbecil. — É porque ela é minha. — Sorrindo, avancei como se eu fosse o leão, e ele, a gazela. — E não importa quantas vezes ela se deite com você, ela nunca vai te querer mais do que *me* quer.

— Ah, é? Bem, ela parecia me querer bem mais que você aquela noite — ele falou, irritado, mordendo a isca que eu joguei. — Na verdade, se me lembro direito, a Liz estava

reclamando que você não estava comparecendo.

— Você acha que só porque comeu ela é melhor que eu? — Em vez de perder a cabeça como ele esperava, sorri. — Seu burro. Se eu quisesse transar com ela, poderia fazer isso agora mesmo, mas a diferença entre a gente é que eu não me aproveito de garotas vulneráveis. Porque sou um homem, babaca, e você é só um menino.

— Calma, Hughie. — Seus olhos reluziram de pânico. — Não precisa perder a cabeça, rapaz.

— Sabe o que você é pra ela, Pierce? — perguntei, me aproximando até estarmos peito com peito, nos medindo, comigo em vantagem no quesito altura por uns bons dez centímetros. — Pra Liz, você é apenas um péssimo substituto.

Seu corpo vibrou de tensão, e ele cerrou os punhos.

— Quer partir pra porrada? — Arqueei a sobrancelha. — Vai em frente.

Para dar o crédito, ele ficou pensando por uns bons cinco segundos antes de se acovardar.

— Não vou brigar com você de novo, cara.

— Sábia decisão — falei logo antes de estender a mão e apertar a sua garganta. — Agora me escuta. — Eu o imprensei contra a parede, me inclinei para a frente e murmurei: — Você vai ficar fora do meu caminho, e eu vou ficar fora do seu. Você não vai falar comigo a não ser que seja em campo ou na aula. Vai se afastar dela quando eu estiver perto, e se eu souber que os assuntos pessoais dela ou qualquer coisa que ela diga ou faça na sua presença se espalharam na escola, vou considerar isso um ataque pessoal, entendeu?

— Enten... di — ele disse, todo vermelho.

— E fica de boca fechada sobre a vulnerabilidade dela — acrescentei. — Porque, se você destruir a reputação dela, eu destruo você.

Eu não pretendia descer no ponto da casa da Liz depois da escola, mas quando o motorista parou, foi exatamente o que aconteceu — para o desgosto do Gibs e do Feely. Pierce tinha plantado uma sementinha de preocupação dentro de mim, que só foi crescendo ao longo do dia e me deixando maluco.

Como era tarde demais para voltar atrás, segui pelo familiar caminho de cascalho no meio de uma chuva torrencial em direção à casa dela.

Fiquei surpreso ao encontrá-la sentada na escada da frente, mas o que mais me deixou surpreso foi ver que ela estava de uniforme, apesar de não ter ido para a escola a semana toda.

— Hugh... — Os olhos da Liz se iluminaram quando ela me viu. Liz se levantou depressa. — O que você está fazendo aqui?

— Seu namorado me mandou. — Continuei andando até chegar perto dela. — Ele quer que você atenda ao telefone.

Sua expressão murchou, e um tremor percorreu seu corpo todo.

— Ele *não* é meu namorado.

Senti um prazer imenso com sua reação, mas disfarcei bem.

— Então... seu sei-lá-o-que quer que você atenda ao telefone.

— Só atendo às suas ligações — ela respondeu, olhando para mim com aqueles seus grandes olhos tristes. — Fiquei feliz por você ter vindo.

— Hum... — Limpei a garganta para afastar a emoção da voz. — Por que você está aí sentada na chuva?

Ela encolheu os ombros magros.

— Meu corpo estava ardendo.

— Você está doente?

— Não. — Ela balançou a cabeça, espalhando gotas de chuva. — Só estava com tesão.

Meu Deus.

— Pra que o uniforme? — perguntei, mudando o assunto

para águas mais seguras. — Faz uma semana que você não vai pra escola.

— Estou muito cansada — admitiu, mexendo nas mangas ensopadas. — E não consigo dormir, não importa o que eu faça. — Ela deu de ombros e apontou para o campo. — Andei me escondendo no mato a semana toda durante o horário da escola pro meu pai não me pegar.

— Você devia falar isso pro Pierce — me obriguei a dizer, apesar de isso quase me matar. — Ele, ah... está *preocupado* com você.

— Não quero conversar com ele — ela confessou, olhando para mim com uma expressão de culpa. — Não quero nada com ele.

— Você só está assim hoje porque não está tomando seus remédios — comentei, suspirando.

— Estou com medo de voltar a tomar os remédios — ela disse, me oferecendo o primeiro vislumbre da sua versão verdadeira em meses. — Tenho medo de me lembrar.

— Liz... — Meu coração se partiu. — Ficar entrando e saindo da realidade não é um bom jeito de viver.

— Eu sei. — Lágrimas encheram os seus olhos. — Mas é melhor do que viver sem você.

Tive vontade de acolhê-la.

Apesar de tudo, tive vontade de trazê-la para os meus braços.

Eu estava tão apaixonado por aquela garota que até doía ficar ali e não a *abraçar*.

— Eu te amo — ela disse fungando, limpando o rosto com o ombro. — Não importa o que aconteça.

— Eu também te amo — falei, sem conseguir me segurar. Eu claramente a amava não importava o que acontecesse, porque meus sentimentos ainda permaneciam iguais, mesmo com a traição e a mágoa.

— Quer entrar?

Balancei a cabeça.

— Não posso, Liz.

— Está chovendo — ela observou, apontando para o céu cheio de nuvens escuras. — Não vou tentar nada.

Sim, por enquanto.

— E se você mudar de ideia?

— Aí você pode ir embora. — Ela abriu a porta e entrou. — Por favor?

Eu sabia que não devia entrar.

Era uma armadilha.

Uma péssima ideia.

Mas, quando percebi, já estava atrás dela.

Mesmo com as bandeiras vermelhas por todo lugar, subi a conhecida escada com os olhos cravados na bunda que ela rebolava de propósito na minha cara, caminhando na minha frente.

Ao chegar no corredor, ela deu uma guinada estranha na porta da irmã, afastando o corpo ao máximo dali, e depois correu para o quarto.

— Onde estão seus pais? — perguntei, entrando no quarto que também foi praticamente meu durante anos. — Eles estão fora?

— Não sei — a Liz respondeu, tirando o suéter molhado e indo direto para a cama — Não estamos nos falando muito.

Ergui as sobrancelhas.

— Nem com a sua mãe?

— O meu pai não me deixa chegar perto dela — Liz explicou, suspirando. — Ele acha que sou perigosa.

— Você não é perigosa — retruquei, me aproximando e me sentando na cama sem nem pensar. *Merda*. — Você está doente. Tem uma diferença aí.

— Por que você não está gritando comigo? — ela disse, se sentando de pernas cruzadas no colchão, de frente para mim. — Por que está sendo legal?

— Não sou de gritar. Bem, pelo menos não normalmente.

— Mas eu mereço — ela disse com uma vozinha apertada e a cabeça baixa. — E dói porque sei o que perdi.

Eu queria dizer que ela não tinha me perdido, mas seria mentira.

— Quero que você fique saudável. É importante pra mim, Liz.

— Você é importante pra mim — ela admitiu, chegando tão perto que senti seu hálito quente no meu ouvido. — Você é tudo pra mim.

Aí estava.

A mudança repentina no seu humor.

— Não encosta em mim — avisei quando ela colocou a mão na minha coxa. — Se fizer isso de novo, eu vou embora.

— Sério?

— Sério, Liz.

— Está bem. — Ela pôs a mão na própria perna relutantemente. — Está feliz agora?

Não, porque eu *queria* sentir suas mãos em mim.

— Felicíssimo.

— Você tem saudade de mim, Hugh? — ela perguntou, e seus olhos foram escurecendo quanto mais me olhava. — Que nem eu sinto de você?

— Você sabe que tenho saudade — respondi, sem nem me dar ao trabalho de mentir. Não adiantava. Ela já dominava cada pedacinho do meu coração dilacerado. Então podia muito bem ficar com o último resquício do meu orgulho. — Me mata te ver com ele.

— Não quero ele. — Sua voz assumiu um tom sedutor. —

Nunca quis.

— E, mesmo assim, aqui estamos nós. — Balancei a cabeça, frustrado. — Você transou com ele e acabou comigo.

— Quer tirar as roupas? — ela perguntou, me secando sem o menor pudor. — Você está ensopado. Vai ficar doente.

— Vou arriscar.

A decepção tomou suas feições.

— Você não vai facilitar, né?

— Não. — Sorri. — Preciso proteger minha virtude.

— Não sei por que fiz aquilo — ela repetiu pelo que devia ser a centésima vez em meses. — Nem acho ele atraente. — Ela me tocou de novo, passando o dedo pelo meu pescoço, e dessa vez não tive forças para impedi-la. — Sempre só quis você dentro de mim.

Meu Deus.

— Eu *poderia* transar com você — falei, ressentido e com tesão. — Bem aqui. Só uma vez. Pra gente ter um encerramento. Mas isso só pioraria as coisas pra você.

— Não pioraria, não — ela disse, pressionando o rosto no meu e respirando fundo. — Você é tudo o que eu quero.

— Pioraria, sim, porque depois disso você nunca iria me superar — sussurrei no seu ouvido, decidindo virar o jogo pela primeira vez e me deleitando quando ela estremeceu em resposta. — Vai ser fim de jogo pra você, Liz, e depois?

— Depois a gente pode continuar transando — ela gemeu, se esfregando em mim. — Pra sempre.

Aquilo foi uma péssima ideia e eu precisava parar.

Só... *mais um pouco*.

— Sem chance, baby — grunhi, roçando a bochecha na dela. — Você jogou o nosso pra sempre pela janela por algo temporário com ele.

— Deixa eu te recompensar. — Enchendo meu pescoço de

beijos, a Liz colocou a mão entre as minhas pernas e segurou minha ereção, que crescia veloz. — Deixa eu consertar as coisas.

— Não vou enfiar o meu pau onde ele esteve — resmunguei, sem conseguir impedir o corpo de se contorcer ao seu toque. — Você precisa parar.

— Mas você adora quando eu te faço gozar — ela me provocou, me atormentando com seus dedos habilidosos. — Te dou tudo o que você quiser.

— Eu só queria a sua fidelidade.

— E eu só queria você dentro de mim. — Ela soltou um grunhido frustrado. — Você *ainda* é tudo o que eu quero.

— E ainda quero a sua fidelidade. Mas esse sonho se escafedeu, né?

— Hugh... — ela disse com uma vozinha suplicante, se deitando no travesseiro. — Para de me torturar.

Porra, ela estava linda toda esparramada na cama, com as bochechas coradas e a saia erguida.

— Está bem. — Soltou um gemido frustrado e abriu as pernas, me oferecendo uma visão privilegiada da sua calcinha branca. — Se não quiser me tocar, eu mesma vou dar um jeito.

Eu não fazia ideia do que dizer, mas quando ela empurrou a calcinha para o lado, perdi completamente a habilidade de falar.

Liz se tocou e foi penetrando devagarzinho dois dedos, enquanto esfregava o clitóris.

Puta merda.

Preciso ir embora.

Precisava desviar o olhar.

Por que caralhos eu não conseguia parar de olhar?

— Tudo bem — ela sussurrou, me encarando. — Quero que você me olhe.

Ela gemeu baixinho e manteve os olhos cravados em mim o tempo todo.

Meu Deus do céu.

Eu não conseguiria parar de olhar nem se quisesse. E definitivamente não queria.

Naquele momento, não pensava em nada além daquela garota e sua buceta perfeita.

Eu sabia como ela estava se sentindo.

Já tinha enfiado os dedos e a língua dentro dela incontáveis vezes.

Meu pau ficou apertado na cueca, desesperado para ter a sua vez.

Quanto mais vermelha ela ficava, mais altos ficavam seus gemidos, e mais perto eu chegava.

— Me toca.

Balancei a cabeça, me odiando por negar aquilo.

— Está tudo bem — ela insistiu. — Esse pode ser o nosso segredinho.

Balancei a cabeça de novo enquanto meu corpo se mexia por vontade própria.

— Se não quer me tocar, pode se tocar então — ela disse com a voz mais sexy que eu já tinha ouvido.

Puta merda!

— Me mostra, baby.

Porra, perdi a cabeça quando ela me chamou de “baby”.

— Me mostra seu pau enorme.

Um lapso momentâneo na minha sanidade me fez desabotoar a calça da escola e abrir o zíper depressa.

— Hum... — a Liz gemeu, rebolando na própria mão. — Tira ele.

Dominado pela impulsividade, fiz exatamente isso.

Segurei meu pau e bati uma enquanto ela se tocava na minha

frente.

— Vem cá — ela ordenou ofegante, dando um tapinha no colchão entre as suas pernas antes de voltar a esfregar o clitóris. — Quero ver.

Tirei a calça e me ajoelhei no meio das coxas dela com o pau na mão.

Aquilo era uma loucura.

Eu era um idiota.

Mas só um terremoto teria sido capaz de me levar para longe dela naquele momento.

Passando a língua nos lábios, ela direcionou o olhar para mim.

— Faz como você faria se estivesse me comendo.

Meu Deus.

Perdendo todo o autocontrole, mandei ver e bati uma tão furiosamente que senti minhas bolas se contraírem mais rápido que o normal.

Eu não estava familiarizado com aquilo, mas me masturbar com uma garota pelada debaixo de mim me colocou no limite rápido demais.

— Vou gozar — ela disse.

Então suas coxas ficaram tensas e se sacudiram, tocando as minhas pernas e fazendo com que eu me derramasse todo nela.

Arfando, gozei com um gemido e não consegui me desviar do seu rosto, pois ela estava perto demais.

Mortificado, congelei de joelhos entre as suas pernas, olhando para a lambança que eu tinha feito.

Em vez de reclamar e me mandar embora, Liz se apoiou nos cotovelos, abriu um sorriso malicioso e passou a língua pelo lábio inferior, me *saboreando*.

Puta merda!

Eu nunca tinha visto algo tão sexy na vida.

Daí ela tirou a mão do meio das pernas e levou o dedo indicador até os meus lábios.

— Abre a boca.

Sem a habilidade de articular um pensamento coerente naquele momento, fiz exatamente o que ela mandou e abri a boca.

Ela enfiou o dedo ali dentro devagar.

— Chupa.

Mantive os olhos fixos nela e fiz o que ela queria.

— Sente o meu gosto.

Eu *senti*, e era ainda melhor do que eu me lembrava.

— Está vendo? — Ela afastou o dedo, ficou de joelhos, encostando o peito no meu, e sorriu. — E a gente nem quebrou as regras.

Dei um suspiro, ainda arfando.

— Que porra a gente acabou de...

— Não se preocupa, cavaleiro valente. — Ela pôs o dedo nos meus lábios e deu uma piscadinha. — A sua virtude está intacta.

Com isso, ela desceu da cama e foi até o banheiro, me deixando sozinho com a minha culpa.

18 de dezembro de 2003

Você pode segurar a minha mão

LIZZIE

A euforia que eu estava sentindo passou assim que voltei para o quarto e vi o Hugh completamente arrasado.

Eu não entendia o motivo.

Ele tinha gozado em cima de mim.

Devia estar radiante.

Em vez disso, parecia prestes a chorar.

— O que foi? — perguntei, notando sua expressão de remorso. — Não finge que não gostou, porque a porra que acabei de lavar da minha cara me diz o contrário.

— Nossa, Liz! — Ele balançou a cabeça e começou a andar de um lado para o outro. — Você pode *não* falar desse jeito?

— Por que não? — Dei risada, percorrendo-o com os olhos. — É verdade.

— Porque eu não devia ter feito aquilo — respondeu, genuinamente desolado. — Isso *não* foi legal, Liz.

— Por quê? — questionei, insanamente furiosa. — Você me ama e eu te amo. Você me viu gozar e eu te vi gozar. A gente não quebrou a sua regra de não nos tocarmos. Então qual é o problema, *Hugh*?

— A gente terminou, Liz! — ele gritou, erguendo as mãos no ar. — E você não é *você* e eu *sei*!

— Ah, relaxa! — gritei, explodindo. — Você não se enfiou na minha cama no meio da noite pra me comer, que nem ele!

Ele me encarou perplexo.

— Do que você está *falando*?

— Do monstro! — berrei, também erguendo as mãos. — Você sabe que ele me come nos meus sonhos, né? Faz isso há anos! — Contive uma risada maníaca. — Opa! Talvez eu não devesse ter te contado que te traio durante o sono há anos.

— Nossa, Liz! — Ele balançou a cabeça e deu um grunhido furioso. — Não consigo conversar quando você está assim.

— Por que você não pode só me amar? — falei, avançando nele quando ele tentou sair. — Por que é que ninguém consegue me amar?

— Eu te amo! — ele se esgoelou na minha cara, ofegante. — Se eu não te amasse, não estaria aqui!

— Então me conserta — implorei, agarrando a sua camisa. — Faz isso parar!

— Eu tentei! — ele disse, dando um passo para o lado e saindo do quarto. — Por dez anos! Nada funcionou! E não posso mais continuar me sentindo assim!

— Assim como?

— Angustiado! — ele gritou. — Você está tornando a minha vida um inferno, baby!

— Então você vai me abandonar? — falei, me inclinando no corrimão, vendo-o descer a escada em espiral. — É assim que vai ser?

— Você que me abandonou, Liz — ele retrucou por cima do ombro ao chegar ao térreo. — Não eu.

— Beleza! — berrei, descendo as escadas atrás dele. — Se você não me quer, vou encontrar alguém que queira.

— Liz! — ele disse quando passei por ele e disparei para fora. — Volta aqui!

Não.

Eu nunca mais ia voltar para aquela casa.

Saí correndo e atravessei o caminho de cascalho com apenas um destino em mente.

A liberdade.

Ao chegar ao portão, pensei que estava livre, mas não.

— Não faz isso — Hugh esbravejou, agarrando meus ombros antes que eu chegasse à estrada. Ele me virou para si e repetiu: — Não *faz* isso, Liz.

A chuva caía sobre nós, colando seu cabelo loiro-escuro na testa.

Gotas de chuva escorriam pelo seu nariz e depois pelos lábios, e eu não estava aguentando mais.

Olhar para ele doía demais.

Não sei se gritei ou chorei, mas barulhos estranhos saíram da minha garganta.

— Você não me quer! — murmurei, me soltando e disparando para a rua. — Ele quer!

— Ele não te merece — Hugh disse, me segurando de novo. — E você não merece essa doença demoníaca!

— Me solta! — falei, me contorcendo nos braços incrivelmente fortes do Hugh enquanto ele me conduzia para longe da rua. — Agora!

— Pra você voltar praquele babaca e se jogar na cama pra ele? Ou pior, pra voltar pra casa e se cortar toda? — ele berrou, lívido. — Sem chance. — Hugh balançou a cabeça de novo e me puxou para perto. — Você vai pra casa comigo. Onde vou poder ficar de olho em você.

— E por que você ia querer isso? — falei, empurrando-o para longe. — Você mesmo disse que estar comigo te deixa mal!

— É — ele disse, se aproximando outra vez. — E *não* estar com você faz eu me sentir ainda pior!

Suas palavras ressoaram com algo dentro do meu subconsciente e fui me acalmando devagar.

— Hugh... — Tremendo, ergui o braço e toquei sua boca. — Não quero que você se sinta mal.

Sua reação inconsciente foi responder ao meu carinho e beijar o meu dedo, mas ele logo soltou um grunhido frustrado ao perceber o erro.

Porque eu era um erro.

Seu maior erro.

— Escuta... — Ele segurou meu rosto com as mãos grandes e baixou a cabeça para olhar bem nos olhos, me forçando a me concentrar naquelas íris mágicas de uísque. — Você não pode ficar aqui sozinha. Não agora, ok? Então vou te levar pra casa comigo.

— Vai?

— Vou — ele disse com uma voz firme e reconfortante, que tranquilizou algo lá no fundo de mim. — A gente vai andando até em casa e você vai ficar lá até os seus pais voltarem de onde quer que estejam.

— Só a gente?

— Só a gente — ele confirmou.

— Posso segurar a sua mão enquanto a gente caminha?

— Pode, Liz. — Vi a dor lampejar nos seus olhos, mas ele assentiu. — Pode segurar a minha mão enquanto a gente caminha.

30 de dezembro de 2003

Talvez a gente possa ser amigo

HUGH

— Sai — falei entre dentes, no meio do banho, quando enfiei a cabeça para fora da cortina e vi a loira recostada na porta do banheiro. — *Agora*.

Eu não estava nem um pouco a fim de lidar com as gracinhas dela, não depois da última armadilha em que caí.

Além disso, eu não tinha o menor autocontrole para rejeitar os seus avanços.

Que inferno!

Por que era tão difícil?

Por que é que me apaixonei pela melhor amiga da minha irmã?

A presença constante dela em casa estava me *matando*.

A minha ex dormindo no quarto ao lado era o motivo de eu estar *tomando banho* às duas horas da manhã.

— Oi. — A Liz levou a mão para as costas, virou a chave na fechadura e depois respirou fundo. — Te ouvi entrando aqui.

Claro que ouviu.

Meu quarto dividia a parede com o da minha irmã, o que significava que ambos percebiam os movimentos um do outro.

Felizmente, Claire tinha o sono pesado.

Infelizmente, Lizzie *não*.

— Então você achou que podia entrar pra gente bater um papo? — Contive um grunhido de frustração.

Já era difícil vê-la na escola todos os dias, em casa quase todos os fins de semana e nos meus sonhos à noite, e agora eu não conseguia nem pensar na Liz sem que a Liz de verdade aparecesse na minha frente.

Meu Deus!

Não tenho um minuto de folga.

— Eu precisava te ver — ela disse, segurando as mãos juntas. — Precisava muito.

— Ah, é? — Dei um suspiro pesado e fechei a cortina rudemente, bloqueando sua vista. — Bem, que pena...

— Me desculpa por surtar com você lá em casa na semana passada.

— Não se preocupa. Estou acostumado.

— E por você ter que me trazer aqui pra ficar de olho em mim até minha mãe vir me buscar.

— Como eu disse, estou acostumado — cortei.

— Bem, me desculpa por ser o tipo de pessoa que você se acostumou a cuidar.

Estremeci.

— Liz...

— Hugh... — Sua voz falhou. — Ah, meu Deus, eu te amo tanto!

Eu sabia disso, e os sentimentos dela eram recíprocos, o que não significava que a nossa relação não era tóxica.

— Bem, então é hora de parar — falei, apoiando as mãos nos azulejos e lutando contra o velho hábito de ir até ela. — Porque vou sair com os caras amanhã à noite e vou pegar alguém. — Era uma mentira total, mas eu precisava de alguma

desculpa, droga.

Ouvi seu suspiro de susto, seguido por um soluço abafado, e meu peito arfou por conta da pontada violenta e abominável que me atingiu.

Era demais.

Doía demais.

Eu estava apaixonado demais por ela.

Abaixei a cabeça, fechei os olhos e me obriguei a ser forte, a *não* ceder, a ter um pouco de respeito por mim mesmo.

Só que toda a minha resolução mental desapareceu assim que a cortina se abriu e a Liz entrou.

Pelada.

Ela não falou uma palavra e só se enfiou debaixo do braço que ainda estava apoiado na parede e abraçou a minha cintura.

Não mexi um músculo.

Mal respirei.

Totalmente rígido, fiquei olhando para o seu cabelo loiro, sentindo meu coração se despedaçar, com meu corpo vibrando de prazer.

Seu rosto estava no meu peito, ela me abraçou bem apertado.

Ficamos assim pelo que pareceu uma eternidade, com a água escorrendo nos nossos corpos unidos.

— Me desculpa — ela disse, enfim quebrando o silêncio tenso. — Sinto muito, muito mesmo.

Mais uma vez, meu peito arfou com violência e meu coração disparou.

— Eu sei — consegui falar, parecendo mais arrasado que ela.

— Não falei com ele. — Chorando baixinho, ela continuou esfregando o rosto no meu peito. — Não falei com nenhum garoto.

— Liz...

— Eu te amo tanto. É como se não conseguisse *respirar* sem

você.

Conheço essa sensação.

— Me dá outra chance — ela implorou, fundindo o corpo no meu, desesperada. — Faço qualquer coisa, *qualquer coisa*, pra te compensar, Hugh. Faço o que você quiser. — Seu choro foi ficando mais desenfreado junto com suas súplicas. — Não vou sair. Não vou beber. Vou fazer terapia. Vou tomar os remédios. *Qualquer coisa*. Só... *por favor*, não me abandona.

Um homem mais forte teria conseguido se manter firme.

Mas eu ainda não era um homem e a amava demais para não a confortar com ela desmoronando nos meus braços daquele jeito.

— Eu também te amo — sussurrei, abraçando-a. — Sempre te amei e sempre vou te amar.

— Não, não, não — ela choramingou, pressionando as minhas costas e puxando meu corpo para o seu. — Por favor, não continua.

— Mas não *posso* ficar com você — terminei, segurando-a quando seu corpo cedeu. — A gente não pode voltar.

— Não fiz de propósito, não fiz de propósito — ela disse sem parar de chorar, balançando a cabeça. — Eu nunca faria isso com você de propósito!

Esse era o problema da traição: fosse acidental ou proposital, doía da mesma forma.

— Sei que não foi de propósito, Liz — falei com a voz embargada, pois minhas emoções ameaçavam me dominar. — Mas não confio que você não vá fazer isso de novo.

— Não vou, não vou, eu juro, Hugh — ela implorou, abraçando meu pescoço. — Vou me comportar, prometo. Vou ser uma boa garota. Como você merece. Vou ser boa dessa vez.

— A questão não é essa, baby.

— Vou voltar a tomar os remédios. — Soluçando, me encheu

de beijos. — Vou melhorar. Você sabe que eu consigo. Você já me viu bem! Vou ser a sua Lizzie de novo se você me der outra chance.

Eu queria dizer que sim, queria com todo o meu coração. Eu queria essa última chance mais do que ela jamais saberia. Só que tínhamos tentado tantas vezes que, no fundo, eu já sabia o resultado.

— Você está falando isso agora, mas vai mudar de ideia.

— Não vou, prometo — ela protestou convicta, em meio às lágrimas. — Vou tomar os remédios todos os dias pro resto da vida, se for pra ficar com você.

— Você vai tomar os remédios até se sentir melhor. — Pisquei para conter as lágrimas. — Daí vai decidir que está curada e que não precisa mais deles, e vai voltar pra estaca zero. Vai voltar pra mania, pra gritaria, pra insônia e pra busca constante por sexo. Daí, quando tiver se ferrado de verdade, vai cair em depressão e ficar semanas na cama, e vou passar todas as horas dessas semanas arrancando a porra de uma navalha das suas mãos.

— *Não*, não vou fazer isso dessa vez.

— Você faz isso todas as vezes, ba... — Minha voz falhou, e tive que respirar fundo várias vezes para me recompor. — Não posso viver desse jeito. — Fungando, segurei a cabeça dela. — Sem dormir porque não sei onde você está ou com quem está, me perguntando se está tomando os remédios ou se tem outro babaca no meio das suas pernas porque você está em mania e quer transar de qualquer jeito. — Balancei a cabeça, arrasado. — Queria encontrar uma forma de fazer as coisas darem certo, mas não consigo, Liz. Não *consigo* passar mais uma década assim. Não posso planejar um futuro com você sendo que, a qualquer hora, você pode mudar de ideia e transar com outra pessoa. — Funguei de novo e dei um beijo na sua cabeça. — E

não é justo me pedir isso.

— Não sei viver sem você — ela disse, me abraçando com tanta força quanto eu a abraçava. — Não quero.

— Talvez a gente possa ser amigo de novo depois que passar um tempinho — sugeri, detestando aquelas palavras assim que saíram da minha boca. Porque eu jamais poderia ser só seu amigo. Aquela era a garota que eu queria ao meu lado pelo resto da vida. — *Sempre* vou te amar.

— Não importa o que aconteça?

— Não, Liz — sussurrei, morrendo por dentro. — Não importa o que aconteça.

31 de dezembro de 2003

Hambúrgueres e beijos roubados

HUGH

Era véspera de Ano-novo e eu tinha mais uma vez sido coagido pelos meus amigos a sair com eles. Passei a semana toda temendo aquele momento, porque aquela seria a primeira virada em uma década que eu não passava com a Liz.

Eu sentia tanta saudade dela que mal conseguia respirar, e nada melhorava a situação.

Apesar de estar com medo de sair, fiquei agradavelmente surpreso quando o Feely sugeriu irmos até a cidade para a festa que a ECB daria no pavilhão da AAG.

Cercado de estranhos, era bem mais fácil me soltar e me divertir. Ah, e a vodca que tomamos escondidos no mato também veio a calhar.

Totalmente de porre, cambaleei pelo pavilhão a maior parte da noite com meus três melhores amigos, dançando um pouco e principalmente evitando as garotas.

Johnny, por outro lado, foi levado para trás das cortinas no fundo do salão pela *segurança* da festa, que pelo visto estava cumprindo a promessa de *acabar com ele*.

Enquanto isso, Gibs estava ocupado demais se apaixonando

por si mesmo para reparar em qualquer outra pessoa, e o Feely estava de olho em uma ruiva gatinha na pista de dança.

— Caramba, eu sou demais — Gibsie declarou, deslizando pela pista ao som de "Pony" como se fosse o filho bastardo do Snoop Dogg com o John Travolta. — Vou te falar uma coisa, o Cara Lá de Cima não economizou ao criar o Gerard Gibson.

Ele era o melhor dançarino do condado, e o filho da mãe sabia disso. Não importava a música que estivesse tocando, nosso asa com molejo de cobra tinha os movimentos perfeitos para cada batida.

— Se você fosse um bolo, aposto que você mesmo se comeria, Gibs.

— Pode apostar que sim — meu amigo concordou com entusiasmo, tirando a camisa e flexionando o peitoral. — Você já olhou pra mim? — Ele sorriu, beijou o bíceps e rebolou feito um astro pornô. — Sou gostoso pra caralho. — Então ele usou todas as cartas ao se jogar no chão e fazer a dança da minhoca mais safada que eu já tinha visto.

A barulheira estridente dos gritos das garotas foi feroz, e uma horda delas o cercou enquanto Gibs "transava" com o chão melhor do que qualquer stripper.

— Vamos ver como ele vai sair dessa — Feely falou arrastado, observando nosso amigo ser engolido pela multidão.

Bêbado, me recostei na parede às minhas costas para me apoiar, enquanto Feely cambaleava até mim.

— Cara, você está pior que eu — comentei, dando risada quando ele escorregou para o lado feito a Torre de Pisa.

— Já pegou alguém, Hughie? — ele perguntou, apoiando o corpo na parede ao meu lado.

— Não vai rolar, Fe. — Bêbado ou não, eu não estava nem um pouco pronto para aquilo.

— Vai sim, porra — Feely disse, caindo para o outro lado. —

Está combinado, cara.

O DJ começou a contagem regressiva de dez segundos para o Ano-novo, e foi crescendo uma dor dentro de mim.

Porra!

A Liz.

— Ah, você vai ganhar seu beijo de Ano-novo — Feely insistiu com um tom persuasivo e os olhos fixos em alguém na pista de dança. — Vamos, cara. — Ele me puxou bem quando o DJ chegou ao número cinco. — Escolhe uma garota e vive um pouco.

— *Quatro*, *três*, *dois*, *um*...

Com a visão turva, vi meu amigo caminhando na direção da ruivinha que ele passou a noite toda de olho, mas foi interceptado por uma morena curvilínea, que o agarrou e o beijou de uma vez.

Eu o vi congelar momentaneamente antes de abraçar a garota e devolver o beijo.

Aff.

Meu Deus.

Balancei a cabeça, virei de costas e me deparei com a tal da ruivinha.

— Uau! — consegui dizer um milissegundo até ela puxar meu rosto para o seu e colar a boca na minha.

Cacete.

Minha reação imediata foi recuar, pois aqueles lábios desconhecidos não tinham nada que fazer com os meus, mas logo me lembrei que meus lábios não pertenciam a ninguém.

Com a respiração acelerada, mantive as mãos nos ombros da ruivinha para mantê-la longe enquanto tentava clarear os pensamentos.

— Por favor, me beija — ela implorou, segurando a minha camisa e ficando na ponta dos pés. Não foi um gesto agressivo.

Foi desesperado. — *Por favor*.

Seus grandes olhos verdes brilharam, tão inseguros quanto os meus.

Na verdade, seus olhos pareciam prestes a verter lágrimas.

Meu Deus.

Eu não fazia ideia do que era aquilo, mas algo nos olhos daquela garota me fez assentir devagar.

Com uma expressão aliviada, ela ergueu o queixo para mim.

Então, pela primeira vez na vida, beijei uma garota que não se chamava Lizzie Young.

O beijo não foi espetacular.

Não teve fogos de artifício.

Afinal, não era a Liz.

Mas *foi* gostoso.

— Não sei se você está aqui esperando comigo por escolha ou por pena — a ruivinha, cujo nome descobri ser Katie, falou depois da festa, enquanto estávamos sentados na calçada na frente do prédio. — Porque, por mais grata que eu esteja por você ter me salvado, acho que meu orgulho não aguenta outro golpe hoje.

Suas palavras atravessaram a névoa da minha cabeça e abri os olhos, atento de novo.

— Hã?

Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Deixa pra lá.

Eu tinha ouvido parte do que ela falou, então arqueei a sobrancelha e perguntei:

— E por que eu estaria aqui por pena?

Ela deu de ombros.

— Só saiba que você me salvou de bancar a maior ridícula.

— Só com aquele beijo?

— Acredita em mim, Hugh.

— Tudo bem.

— A Case não vai nem lembrar do nome dele — falou, gesticulando para a parede onde nossos amigos estavam se pegando. — Ela sempre faz isso.

— Você não aprova?

Ela balançou a cabeça de novo.

— Eu a amo, mas não é assim que eu vivo.

Quando a ruivinha começou a tremer, automaticamente peguei meu casaco, abri o zíper, o tirei e o coloquei nos seus ombros.

— Valeu.

— Sem problemas.

— Te devolvo na escola semana que vem.

Ergui as sobrancelhas, surpreso.

— Você estuda na mesma escola que eu?

— Nossa, você sabe mesmo fazer uma garota se sentir vista, hein?

— Não, não é isso...

— Tudo bem, só estou brincando. — Ela sorriu. — Estou um ano abaixo de vocês.

Então a ruivinha estava no terceiro ano.

— Desde quando?

— Fui transferida do St. Bernadette no começo do semestre. — Ela encolheu os ombros esguios e se cobriu melhor com o meu casaco. — Tenho bolsa.

Agora eu estava intrigado.

— Qual é a sua paixão?

— Música. — Ela corou de novo. — E a sua?

— Física — respondi com um sorrisinho de desculpas. — E um pouco de química.

— Ah, então você é *desse* tipo. — A menina deu uma

piscadinha. — Você é nerd.

Arqueei a sobrancelha.

— Sem querer ofender, mas você também deve ser uma nerd se descolou uma bolsa.

— Sim, sou uma das seis sortudas — respondeu, suspirando. — Viva.

— Por que nunca te vi na escola antes?

Ela sorriu.

— Talvez depois de hoje você veja.

— Como você vai voltar pra casa?

— A Casey é mais velha que eu — ela disse, apontando para a parede. — Uma das amigas dela vai me levar.

— E onde você mora?

— Bem longe de você. — Ela sorriu e acrescentou: — Seu riquinho.

Ergui as sobrancelhas outra vez.

— O que te faz pensar que sou rico?

— Hum, talvez porque eu já tenha ido na sua casa. — Ela deu risada e revirou os olhos. — Avoca Greystones fica bem longe de Rosewood.

— Espera... — Inclinei a cabeça para estudá-la melhor. — Quando você esteve na minha casa?

— No seu aniversário — ela respondeu com um sorrisinho. — Case e eu fomos. — Ela indicou a amiga. — O Feely nos convidou.

— O Feely.

— É. A gente participa do coral da escola.

— Não brinca. — Cocei o queixo, levemente surpreso de saber que o Feely estava no coral. — Então você é a amiguinha do clube de música? — brinquei, somando dois mais dois. — Ou melhor, a marmitinha?

— Nem nos sonhos mais loucos dele — Katie respondeu,

gesticulando para Feely nos amassos com sua amiga. — Ela que é a marmitinha. *Óbvio*.

— Foi mal aí... — murmurei, balançando a cabeça. — Mas isso foi bem grosseiro e escroto de se dizer pra uma garota.

— Tudo bem — ela disse, rindo e empurrando meu ombro. — Eu te perdoo.

— Você não se esquentou? — perguntei, notando que ela ainda estava tremendo.

— Você é bem legal — a menina comentou, olhando para mim com aqueles grandes olhos verdes. — Sabia?

— Como você sabe?

— É só uma impressão — falou, ainda sorrindo. — Fiquei feliz de te conhecer.

— É — eu disse, franzindo a testa. — Eu também.

— O que está rolando aqui? — Feely perguntou do nada, tentando fechar o cinto. — Hein?

— O que parece? — Katie disse com uma voz enjoativa, dando uma piscadinha para mim. — Hugh e eu estamos nos conhecendo.

— Tudo certo aí, Fe? — falei, tomado de preocupação ao notar sua expressão angustiada. Me levantei depressa para dar uma olhada nele. — Você não está parecendo muito bem, cara.

Antes que ele dissesse uma palavra, a Casey se aproximou cambaleando.

— Ei, você! — Katie agarrou minha camisa e me puxou bruscamente para si. — Cadê seu celular?

De cara fechada, o peguei no bolso e o mostrei para ela.

— Valeu — ela disse, apertando os olhos e digitando no teclado, se balançando e oscilando.

Alguns momentos se passaram e então ouvimos um barulhinho.

— Casey... — Katie disse, mortificada. — Você não me

mandou uma mensagem do celular do Hugh.

— Claro que mandei, minha raposinha bochechuda. — Ela piscou para a amiga e estreitou os olhos para mim. — Você. — Depois, enfiou o dedo na minha cara. — Liga pra minha garota. — Suas palavras eram arrastadas, mas ela emanava confiança. — Ao contrário de mim — ela gesticulou para si —, a minha Katie é uma boa garota, entendeu? Então não vá pensando coisas de nós, garotas do lado sul. — Ela se virou para o Feely e deu uma piscadinha provocadora. — Você não, seu mauricinho. — Sorrindo, estendeu a mão e deu um tapinha na bochecha dele. — Você com certeza sabe usar *generosamente* os dons que Deus te deu, né?

— Ah, meu Deus — Katie grunhiu, se encolhendo. — Acho que vou vomitar.

— Você está bem? — Feely perguntou, esticando a mão para ampará-la, mas ela a afastou.

— Por favor, não me toque com essas mãos — Katie disse, fazendo careta e se esquivando, e sinceramente não a culpei, pois ambos sabíamos por onde aqueles dedos tinham andado.

Então uma buzina soou, seguida por um cara gritando:

— Vamos, Tetas Diabólicas. Sua carruagem te aguarda.

— Sou eu — Katie falou, depois pensando melhor. — Quero dizer, não sou eu. Eu não sou a "tetas diabólicas". — Seu rosto ficou quase tão vermelho quanto seu cabelo. — A Casey é a "tetas diabólicas". Só vou pegar carona naquele carro.

— Sim, entendi — eu disse, dando risada.

— Bem, obrigada por tudo. — Ela estendeu a mão para mim. — Foi um prazer.

— Sim. — Aceitei seu cumprimento e sorri. — O prazer foi meu.

— Apaga.

— O quê?

— O número dela.

— De quem você está falando? — perguntei com a voz arrastada, recostado na lateral de um trailer de lanches.

— Da Katie.

— Quem?

— Aquela garota que você conheceu.

— Qual?

— A ruiva.

Estreitei os olhos, tentando lembrar do rosto dela, mas só consegui visualizar uma loira de olhos azuis.

— Porra, eu amo tanto ela.

— Você nem conhece ela — ele retrucou, oscilando tanto quanto eu.

— Como assim? — Eu o encarei, perplexo. — Ficou maluco? Conheço ela a vida toda.

Então foi a vez dele me encarar perplexo, de testa franzida.

— De quem *você* está falando?

— Da Liz! — grunhi, passando as mãos pelo cabelo. — De quem mais seria?

— Ah! — Ele assentiu, enfim entendendo. — Ok, que bom! Agora apaga o número dela.

— Não adianta, cara — resmunguei. — Decorei o número dela na quinta série. — Dei um soluço e acrescentei: — E o número fixo na primeira série.

— Não...

— O Hughie se deu bem, o Hughie se deu bem — Gibsie cantarolou, colidindo com a torre inclinada que era Kav. — Arrasou, hein, Hugo Boss! Sabia que você conseguiria. Daqui é só pra frente, cara.

Feely estreitou os olhos.

— Quem?

— Quem o quê?

— Quem você pegou?

— Uma ruivinha incrível — Kav respondeu, se juntando a nós perto da van. — Então é ela, Hughie? O motivo para você viver matando o treino? Nossa, cara, por isso que você estava escondendo ela do time, né?

Abri a boca para falar que ele estava pensando na garota errada e saberia disso se prestasse um pingo de atenção nos amigos, mas me distraí com o soco que levei no nariz.

— Ai! — berrei quando minha cabeça foi lançada para trás e bateu na van. — Que porra foi essa?

— Você! — Feely rosnou. — Você, Hughie!

— O que tem eu? — perguntei, confuso. — O que foi que eu fiz pra você?

— É sempre você — ele disse, balançando a cabeça. — Você sempre chega primeiro.

— Cara, não fui nem eu que cheguei hoje, então não sei por que você está assim. Eu sou virgem e você é o galinha!

— Meu Deus! *Sou* mesmo um galinha — Feely grunhiu, erguendo as mãos como se eu tivesse falado uma novidade. — Por que você não me segurou?

— Por que eu *faria* isso? — retruquei, confuso e bêbado demais para aquela conversa. — Você nunca me pediu pra te segurar.

— Você é meu melhor amigo, imbecil. Eu não devia ter que te falar essas coisas.

— E que melhor amigo, hein? — comentei, esfregando o nariz. — Isso foi violência gratuita, Feely.

— Ah, relaxa, bonitão — zombou. — Você continua sendo o rostinho por quem as garotas se apaixonam.

— Ei, ei, não briguem — Gibs reclamou, se colocando no meio para pegar um pedido que ele não tinha feito nem

pagado. — A gente é do amor, não da guerra.

— Ei! Esse hambúrguer é meu — Feely resmungou. — E não sou nada dele.

— Que bom! — bufei, dando tapinhas nas costas do Gibs. — Pode ficar, Gibs.

— Na verdade, *eu* sempre chego primeiro — Kav interveio, erguendo o dedo.

— De que merda você está falando? — Feely perguntou.

— Você disse que Hughie sempre chega primeiro, mas não é verdade — Kav explicou. — Hughie chega em segundo e *você* em terceiro lugar. — Ele deu de ombros e disse: — Foi mal, cara, mas o relógio não mente.

Feely o encarou boquiaberto.

— De novo: de que merda você está falando?

— Da corrida — Kav respondeu, perdido. — Por quê? Do que você estava falando?

— Isso — concordei, olhando para o doido, que estava querendo arrumar briga feito o maldito Vinnie Jones. — Do que é que você está *falando*?

— Sabia que você ia falar de esporte — Feely disse. — Meu Deus, Johnny, você não consegue desligar o cérebro por uma noite?

— Não fala comigo assim, babaca — Kav falou.

— Espera aí — Gibs o interrompeu, erguendo o hambúrguer de indignação. — Por que é que a sua matemática me faz ser o *último*, Jonathan?

— Porque você *sempre* chega em último lugar, Gerard. Agora seja um bom garoto e come o seu hambúrguer roubado.

— Vão se foder — grunhi, pegando o pedido de alguém no balcão e indo embora, farto de tanta loucura por uma noite. — Vou dormir.

— Na cama de quem?

— Na minha, imbecis! — falei por cima do ombro.

— Fala pra sua irmã que vou chegar mais tarde — Gibs disse. — Pro meu beijo de Ano-novo.

— Mantém a boca bem longe da minha irmã!

31 de dezembro de 2003

Onde é que você estava, papai?

LIZZIE

— Tem certeza que você gosta assim? — Pierce grunhiu, me imprensando no colchão. — Não estou te machucando, né?

Eu teria que conseguir sentir alguma coisa para ele me machucar, e nada do que aquele garoto fazia provocava uma reação sequer no meu corpo.

Eu achava que sim, mas estava confundindo "novo" com "bom".

Ele não conseguia fazer eu me sentir bem.

Ele não conseguia me curar.

Eu não conseguia *senti-lo*.

— Só cala a boca e me come — falei, entorpecida.

Quando ele aumentou o ritmo, morri mais um pouco por dentro.

Porque eu que tinha feito aquilo comigo mesma.

Perdi tudo.

De repente, uma luz enorme se infiltrou no quarto e a voz do meu pai retumbou no ar.

— Veste a roupa, seu desgraçado, e saia já da minha casa antes que eu te mate!

— Puta merda — Pierce falou, se afastando depressa e pegando as roupas. — Me desculpa, senhor.

— Quem é você, porra?

— Pierce, senhor.

— Pierce quem?

— Pierce O'Neill.

— Saia já da minha casa antes que eu te estrangule!

— Catherine! — meu pai continuou gritando, enxotando Pierce do meu quarto. — Vem cá e dá um jeito nela antes que eu mate essa menina.

— *Catherine* — zombei, revirando os olhos e descendo da cama para me vestir. — Eu, hein? Não é nada de mais.

— E você acha isso normal? — meu pai berrou. — Trazer garotos aleatórios pra casa na sua idade?

— Estou pouco me fodendo. — Dei risada. — E ele gosta de mim.

— Ah, sim, ele te considera muito, né? — meu pai disse, furioso. — Deixando seu esperma dentro de você.

— Na verdade, ele deixa o esperma na camisinha que sempre usa, mas obrigada pela consideração, babaca.

— Babaca? — O rosto do meu pai ficou roxo. — Com quem você acha que está falando? — Ele olhou para trás e gritou para minha mãe. — Catherine, é melhor você vir aqui agora antes que eu enfie um pouco de juízo na cabeça dessa garota!

— Pode vir, papai — falei, rindo e cutucando seu peito com o dedo. — Enfia um pouco de juízo na sua filha pródiga.

— Elizabeth, estou te avisando...

— Quem sabe, se você tivesse enfiado um pouco de juízo na cabeça da Caoimhe quando ainda podia, você tivesse impedido que ela fodesse a minha vida!

Meu pai levou o braço para trás, e senti a força total do seu tapa no meu rosto.

Em vez de chorar de dor, dei risada na cara dele.

— Bate mais forte, *papai*.

— Para com isso, está me ouvindo? — Ele agarrou meus ombros e me sacudiu violentamente enquanto lágrimas escorriam pelo seu rosto. — Para de fazer isso com a gente!

Eu sabia que meu pai estava chorando.

Estava vendo.

Eu sentia a agonia na sua voz.

Mas não ligava.

Eu não sentia nada.

Nada além de um ódio intenso por toda a minha família por permitir que o monstro entrasse na nossa casa.

— Onde é que você estava quando gritei por você? — tentei dizer, mas acabei rindo loucamente conforme as minhas lágrimas caíam. — Você nunca estava! Você nunca vinha quando eu precisava de você à noite! Você lembra, *papai*? De todas as noites que gritei por você? Bem, agora estou gritando de novo e, dessa vez, mandando você se foder, seu hipócrita do caralho!

— Mike! — minha mãe chamou, e a vi no chão da porta do meu quarto. — Ah, meu Deus, Mike...

— Catherine! — ele disse, correndo até ela. — Catherine, espera, meu amor.

Eu a vi no chão segurando o braço enquanto meu pai falava ao celular.

Mas não conseguia registrar a cena.

Não conseguia *sentir* nada.

1º de janeiro de 2004

Ano novo, vida nova

HUGH

No primeiro dia do ano, acordei com um olho roxo, uma ressaca pesada e um humor surpreendentemente bom.

Eu tinha *curtido* de verdade sair com meus amigos, algo que eu jamais imaginaria possível dois meses atrás.

Pela primeira vez desde o término, eu não estava com vontade de enterrar a cabeça debaixo do travesseiro e dormir para sempre.

Talvez 2004 não seja um caso perdido, afinal.

Desci as escadas depois do banho e enchi uma tigela de cereal no café da manhã me sentindo estranhamente calmo. Como se eu não tivesse a menor pressa nem uma dúzia de mensagens desesperadas me esperando.

Eu estava diferente.

E *não* era... ruim.

Então fiquei ali curtindo aquela paz hesitante, sentado na mesa da cozinha, comendo meu cereal e olhando pela janela.

Eu estava imerso nos meus pensamentos, planejando mentalmente minha agenda de estudos para o mês seguinte, quando minha irmã entrou correndo na cozinha.

Assim que vi seus olhos marejados e sua expressão desesperada, meu corpo se preparou para a bomba.

— O que aconteceu? — perguntei. — Claire?

— É a mãe da Lizzie — ela disse, segurando o celular no peito. — Ela teve um infarto ontem à noite.

Deixei a colher cair.

— O quê?

— A Catherine teve um infarto, Hugh.

— Meu Deus — falei, me levantando na mesma hora. — Ela está bem?

— Não sei. — Claire deu de ombros, impotente, e comprimiu os lábios. — Ela está na UTI.

— Ah, que merda! — Levei as mãos à cabeça, tentando acalmar meus pensamentos e permanecer *calmo*, o que foi impossível de fazer porque o pânico estava subindo pela minha garganta. — Era a Liz? — gesticulei para o telefone. — Ela te ligou?

— Ah, hum... não. — Ela balançou a cabeça. — Era a Helen.

— Helen?

— Uma menina da minha sala. Ela é uma baita fofoqueira e fica sabendo de literalmente *tudo* antes... ei! Pra onde você está indo?

— Pro hospital — respondi, seguindo para a porta.

— Como? A mamãe está no trabalho.

— Vou de ônibus.

— Você acha que é uma boa ideia? — ela disse, indo atrás de mim. — Sabe, já que vocês terminaram e tal?

— A mãe dela teve um infarto, Claire — falei, sem dar a mínima para a sua observação. — Eu vou lá.

1º de janeiro de 2004

Eu vou

LIZZIE

Arrasada, fiquei jogada na cadeira de plástico ao lado da cama da minha mãe no hospital, com meu pai do outro lado.

Com a cabeça baixa e os cotovelos apoiados na cama, meu pai segurava a mão frágil dela no rosto.

Minha mãe parecia morta, e meu pai, genuinamente derrotado.

— Sua mãe lutou muito pra estar aqui — ele disse, afagando a mão dela com um carinho que eu nunca o vira demonstrar antes. Lágrimas escorriam enquanto ele falava. — E, a cada dia que passa sem você melhorar, você acaba levando ela mais pra perto do cemitério.

— Me desculpa — falei, me remexendo. — Eu vou melhorar, pai, prometo.

— Promessas devem ser cumpridas pra terem algum significado — ele respondeu, mantendo a atenção na minha mãe adormecida. Não estava mais bravo. Só cansado. — O que aconteceu com o jovem Biggs?

— Magoei ele — admiti, respirando pelo nariz, enquanto meu coração disparava, rezando para que um milagre pudesse

reprogramar minha mente zoada. — E ele terminou comigo.

— Bem, não posso culpar o cara. — Ele suspirou. — Você com certeza feriu o meu coração e a minha alma. E a da sua mãe também.

Pois é, eu entendia aquilo agora.

Eu estava vendo o estrago de perto, e aquilo estava me *matando*.

— Pai... — Balançando os joelhos sem parar, passei as mãos pelo cabelo e suspirei fundo. — Acho que preciso de ajuda.

— Não tenho dúvida — ele disse, esticando o braço para afastar o cabelo da minha mãe do rosto. — Porque o seu comportamento está matando a minha esposa.

Dor.

Culpa.

Vergonha.

O golpe das minhas emoções me atingiu com tanta força que perdi momentaneamente a habilidade de respirar.

— Pai... — sussurrei, me sentindo zonza. — Acho que você devia me internar.

— Vamos conversar sobre isso depois. Quando a sua mãe estiver fora de perigo.

— Não, pai — falei, me afogando nos meus sentimentos enquanto meu corpo todo tremia. — Acho que preciso ir agora.

— O que está dizendo, Elizabeth?

— Tem alguma coisa errada na minha cabeça — choraminguei, cobrindo o rosto com as mãos. — E não quero mais fazer mal pras pessoas.

— Você quer voltar pro hospital?

Sim.

Não.

Talvez.

— Só quero parar de fazer mal pros outros — respondi, chorando baixinho. — Quero ser *eu* de novo, pai.

— Está falando sério?

— Sim. — Solucei, assentindo. — Por favor, me ajuda, pai.

— Está bem, está bem. — Ouvi o barulho de metal arranhando os ladrilhos e então senti a mão dele no meu ombro. — Tudo bem, estou aqui.

— Pai, estou com medo — confessei, arfando. — Estou morrendo de medo da minha própria mente.

— Eu sei. — Ele ficou dando tapinhas amistosos no meu ombro. — Vou ajudar você.

— Só quero ficar bem de novo.

— Você vai ficar. — Sua voz estava carregada de emoção. — O hospital te ajudou da última vez e vai ajudar de novo.

— Eu vou. — Fungando, encarei o homem que tinha me criado. — Vou fazer como você quiser. Vou fazer o que for preciso, pai.

— Boa menina. — Seus olhos azuis cheios de lágrimas me encararam de volta. — Agora vai dar uma volta lá fora enquanto eu faço umas ligações.

Abri a boca para responder, mas congelei quando a porta se abriu.

— Oi — Hugh disse, ofegante, entrando no quarto. — Vim assim que fiquei sabendo.

— Hugh! — falei, me levantando da cadeira de uma vez na pressa de chegar até ele. — Hugh!

— Estou aqui, Liz — ele disse, me envolvendo nos seus braços. — Estou bem aqui.

Fechei os olhos e me agarrei a ele com todas as forças.

Ele não me afastou.

Não enrijeceu nem se encolheu.

Só me abraçou, permitindo que eu me confortasse com seu

toque.

— Hughie — meu pai disse, suspirando, com alívio nos olhos. — Obrigado por vir, filho.

— Claro — ele respondeu, sem me soltar. — Como a Catherine está?

— Foi complicado — meu pai falou, cansado. — Mas ela já está estável. Os médicos disseram que viemos pro hospital na hora certa.

— Que bom! — Hugh comentou com aquela sua voz tranquila. Aquela voz que me fazia achar que tudo ficaria bem. — A Catherine é uma guerreira — ele continuou, passando a mão nas minhas costas. — Ela vai superar essa, Mike. E vai voltar mais forte que nunca.

— Vamos torcer pra que sim, filho.

— Aqui — Hugh disse, abrindo a embalagem da barrinha de cereal que ele tinha comprado na máquina do corredor e a oferecendo para mim. Estávamos sentados na sala de espera da UTI, esperando meu pai terminar as ligações. — Vamos, Liz — ele insistiu. — Dá uma mordida.

Cansada demais para dizer que eu não estava com fome, me inclinei e dei uma mordidinha.

— Boa — ele falou, fazendo carinho no meu joelho. — Parece que você está sem comer há dias.

— Eu estou — admiti, arrasada, me virando para ele. — Pelo menos, não me lembro de ter comido.

A dor reluziu nos seus olhos de uísque.

— Tudo bem. — Ele esticou o braço e colocou uma mecha bagunçada de cabelo atrás da minha orelha, e seus dedos se demoraram no meu rosto. — Logo logo você vai estar bem de novo.

— Sim — falei, sem conseguir conter um tremor.

Meu pai estava fazendo ligações para que eu fosse admitida na Brickley House, uma unidade de reabilitação psiquiátrica privada na zona norte da cidade.

Eu seria internada aquele dia e não sabia quando iria voltar.

O medo que subia pela minha garganta era aterrorizante, e minha veia inconsequente exigia que eu corresse para o topo das montanhas.

Mas eu não ia fugir.

Porque eu sabia que tinha que fazer alguma coisa.

Minha mãe estava deitada na cama de um hospital por minha causa, e todo o meu mundo tinha desmoronado.

Eu era um completo caos.

— Ei... ei. — A voz calma do Hugh rompeu a nuvem de pensamentos bagunçados se agitando na minha cabeça, e senti suas mãos no meu rosto. — Olha pra mim, Liz.

Fiz o que ele pediu com relutância.

— Está tudo bem — ele falou devagar, com os olhos cravados nos meus. — Vai ficar tudo *bem*.

— Me desculpa... — sussurrei, com lágrimas escorrendo. — Eu não queria que nada disso acontecesse.

— Eu sei que não — ele disse, fazendo carinho no meu rosto. — Podemos conversar melhor quando você voltar pra casa. — Seus olhos brilharam de lágrimas. — Mas, por enquanto, você só precisa melhorar, ok?

Fungando, fiz que sim e cobri suas mãos com a minha.

— Nunca vou me perdoar pelo que fiz com você. — Um soluço de choro me escapou, e fechei os olhos para conter as lágrimas. — Te fiz sofrer tanto, Hugh...

— Estou aqui, não estou? — Ele abriu um sorrisinho triste. — E só quero que você aceite toda a ajuda que os médicos te oferecerem, ok? — Uma lágrima caiu dos seus cílios grossos e foi descendo pelo seu rosto enquanto Hugh fungava para

conter a emoção. — É assim que você vai consertar as coisas, Liz. Voltando a ser *você* de novo.

— A sua mãe acordou, Elizabeth — meu pai nos interrompeu, parado na porta. — Ela quer te ver antes de você ir embora.

1º de janeiro de 2004

Mentirinhas

HUGH

Fiquei sentado no quarto de hospital da mãe da Liz, observando a reunião emotiva e a despedida chorosa das duas.

Ela iria embora dali a pouco.

Tinha concordado em aceitar ajuda.

Finalmente.

Temendo que a Liz fugisse se eu saísse, permaneci ao seu lado, priorizando a segurança dela, e não o meu orgulho próprio. Eu ficaria ali a noite toda se isso significasse que a Liz procuraria a ajuda de que precisava.

Mike estava com a chave do carro na mão, esperando para levar a filha para o hospital, enquanto a esposa se recusava a soltar a garota.

Porra, aquilo doía tanto que eu mal conseguia respirar.

Ir até a Liz quando ela precisava de mim não era um esforço.

Não tive que tomar decisão nenhuma.

Toda a dor e o sofrimento podiam esperar.

Eu poderia colocar a traição e o ressentimento de lado.

Porque, no final das contas, ainda queria estar perto dela, ainda queria segurar sua mão, ainda queria beijar sua boca.

Cada parte do meu corpo sentia saudade de cada parte do corpo dela, e eu não conseguia desligar meus sentimentos.

O que eu sentia por ela não era descartável e não tinha aparecido da noite para o dia. Meu amor por ela foi sendo construído durante nove anos, e suas raízes eram profundas. Não era algo que podia ser arrancado e jogado fora.

Lizzie estava enraizada nos alicerces de quem eu era como pessoa.

Estava impregnada em todas as escolhas fundamentais da minha vida desde os meus sete anos de idade.

Eu não ia superá-la do nada. Se era verdade que precisávamos do mesmo tempo que passamos amando alguém para deixar de amar a pessoa, então eu teria nove anos de sofrimento pela frente.

Como eu estava com dezesseis anos, teria vinte e cinco quando ela enfim saísse do meu organismo.

Porra, não era nem um pouco justo.

Porque eu não tinha *escolhido* aquilo.

Eu *não* queria que a gente terminasse.

Teria passado o resto da minha vida com ela se ela tivesse me mostrado o mesmo comprometimento que eu.

Por um tempo, pensei que Catherine e Liz não fossem se soltar, mas uma hora as duas se separaram.

— Hugh... — Liz falou, fungando, enquanto seu pai a conduzia para fora. — Você não pode contar pra ninguém pra onde estou indo.

Me levantei da cadeira e fui até eles antes que fosse tarde demais.

Eu não ligava se estava parecendo ridículo, pois eu precisava abraçá-la mais uma vez.

— Não vou contar, Liz — prometi, a puxando para mim. — Prometo.

— Por favor — ela insistiu, me abraçando com força. — Nem pra sua mãe.

— Não vou contar nem pra minha mãe — confirmei depressa, enquanto meu coração se despedaçava. — Ninguém vai saber de nada. — Minha voz estava bem mais calma do que eu me sentia. Porque a verdade era que eu estava surtando por dentro. Mas nunca deixaria que ela soubesse. A Liz não precisava de mais lágrimas. Precisava de força. — Você vai ficar fora por um tempo pra descansar — falei, me afastando para sorrir para ela. — E ninguém na cidade vai saber.

— Me desculpa mesmo — ela choramingou, segurando minha camiseta. — Quero morrer pelo que fiz com você.

Não sei como consegui sorrir.

— Só fica boa, ok?

— Você vai estar aqui quando eu voltar?

Dor.

A dor me atravessou.

— Claro.

Alguns minutos depois, quando eles foram embora e fiquei sozinho com Catherine, ela disse:

— Você mentiu pra ela, né? — Lágrimas tomaram os seus olhos. — Você não vai estar aqui quando ela voltar.

Balancei a cabeça e enxuguei as lágrimas.

— Sinto muito.

PARTE 21

Virando uma nova página

8 de janeiro de 2004

Corações hibernados e águas passadas

HUGH

— Não entendo por que ela não me contou — Claire reclamou, carregando a conversa que tinha se iniciado na mesa do café da manhã para os corredores do Tommen. — A Liz só foi embora sem contar pra ninguém?

— Ela contou pra mim — observei, desfiando minha desculpa perfeitamente ensaiada. — Me escreveu ontem à noite.

— Mas vocês nem são mais um casal — minha irmã grunhiu, comprimindo os lábios. — Por que ela não me contou que ia pra Espanha? E a escola?

— São só umas semanas — repeti pela vigésima vez só aquela manhã. — Quanto à escola, a Liz poderia fazer o junior cert de manhã e ainda deixar todo o seu ano no chinelo.

— Acho que sim — Claire falou, descontente com aquela situação. — Só achei... estranho.

— A mãe dela precisa se recuperar — acrescentei. — E não dá pra tirar a razão dela de querer acompanhar a mãe.

— Não, não, isso eu entendo totalmente — ela disse depressa. — É só que... queria que ela tivesse me respondido.

Pois é, eu também.

— Ela volta logo.

— E você está bem? — ela perguntou colocando a mão no meu braço. — Sei que você anda triste desde que vocês terminaram.

— Vou ficar... — fui interrompido pelo Feely passando no corredor e aproveitando para me acertar com o violão que estava carregando.

— Eita! — Claire exclamou de olhos arregalados. — Qual é o problema dele?

— Não faço ideia — respondi, arrumando a alça da mochila que ele tinha derrubado do meu ombro. — Ele está assim desde o Ano-novo.

— Por quê?

Me virei e olhei feio para o meu amigo.

— É difícil dizer se ele não fala.

— Bem — minha irmã disse, abrindo um sorriso radiante. — Pelo menos você tem a mim.

— E eu — Gibsie completou, passando o braço em torno de nós dois. — Como estão meus irmãos favoritos?

Bem nessa hora, uma ruivinha minúscula apareceu com um violão. Seus olhos verdes se cravaram nos meus quando ela passou no corredor.

— Oi, Hugh.

— Oi, Katie — respondi, sentindo uma pontada repentina no peito que pareceu ter vindo do nada.

Ela ficou vermelha e desviou o olhar.

E estiquei o pescoço para vê-la se afastar.

— Ora, ora, ora, pelo visto meu irmão andou escondendo umas coisinhas da gente, Gerard. — Claire chamou minha atenção de volta para si com uma risada animada, batendo palmas de empolgação feito uma foca. — Hughie está de olho

em outra garota. *Enfim*!

— Claire... — Estreitei os olhos. — Antes que você comece, é melhor parar por aí, tá bom?

— Seu irmão estava mais do que de olho nela no Ano-novo, ursinha — Gibs comentou com um sorrisinho malandro.

Fiz uma careta para ele.

E ele deu uma piscadinha cúmplice para mim.

— Sério? — Claire arregalou os olhos. — Ah, meu Deus! Viva! Essa é a melhor notícia do mundo! — Ela se virou para ver a Katie se afastando. — Acho que conheço ela. Ela começou a estudar aqui em setembro. É super quietinha, mas já vi ela falando com o Patrick algumas vezes.

— Sim, estão no clube de música.

— Oun, e o que mais você sabe sobre ela?

— Nada, absolutamente nada, porque foi só uma ficada — falei, encarando minha irmã. — Eu estava caindo de bêbado.

— Você sabe o que dizem: que a verdade aparece quando estamos bêbados. — Ela continuou batendo palmas feito uma foca. — Talvez o seu coração esteja pronto pra sair da hibernação e a bebida tenha sido só um empurrãozinho.

— *Claire*...

— Talvez seja hora de você dar uma chance pra outra pessoa.

— Talvez seja hora de vocês dois cuidarem da própria vida.

— Hugh, já se passaram meses — minha irmã disse com um sorriso encorajador. — Você vai conseguir superar.

— Meses demais — Gibsie concordou, fazendo dois joinhas. — Já são águas passadas.

10 de janeiro de 2004

O que for preciso

LIZZIE

— Você tem que fazer algo por ela — meu pai implorou. — Ela está agindo com promiscuidade, e essa não é a garota que eu conheço. — Um soluço entrecortado lhe escapou. — Ela não é assim.

— Tem um buraco nas anotações médicas dela. — O doutor encarou meu pai. — De três anos.

— Você vai ter que falar com a minha esposa sobre isso — meu pai respondeu, cansado. — Ela que cuida da papelada. — Ele limpou a garganta e acrescentou: — Por favor, me explica o que está acontecendo aqui.

— A sua filha está experimentando episódios de mania intensa, algo comum no transtorno bipolar tipo um, porém a gravidade e a frequência dos episódios depressivos são típicos do transtorno bipolar tipo dois.

— E o que adianta saber que tipo é? Você já sabe que ela é bipolar, então prescreve logo os remédios, caramba.

— Temo que as coisas não funcionem assim.

— Por que diabos não?

— O transtorno bipolar é complicado, sr. Young. O

tratamento de crianças e adolescentes com transtorno bipolar de início precoce pode ser extremamente difícil.

— Mas vocês *podem* curar ela, não?

— A gente pode *tratar* ela, mas não é tão simples assim, sr. Young. A Lizzie parou de tomar os remédios sem nenhum acompanhamento médico. Ela tem apresentado ciclagens rápidas entre a mania e a depressão há vários meses. Vai precisar de muita supervisão e cuidados nos próximos meses.

— De quanto tempo estamos falando?

— Em casos severos como o da sua filha, geralmente precisamos de no mínimo dois meses pra ver algum progresso, mas o tratamento pode levar mais tempo.

— Não aguento mais isso — meu pai gritou, enxugando os olhos com as mãos. — Minha filha morreu e minha esposa está doente. Não sei o que fazer com essa garota.

— Garanto que a sua filha está sob os melhores cuidados possíveis.

— E os tratamentos de choque? — meu pai perguntou, apoiando os cotovelos na cama onde eu estava amarrada. — Poderiam funcionar com ela?

— Se está se referindo à terapia eletroconvulsiva, não, não recomendamos mais a TEC pra pacientes com menos de dezesseis anos.

— Mas *é* utilizada?

— Em circunstâncias extremamente raras.

— Quão extrema a circunstância precisa ser pra que alguém faça alguma coisa? — ele perguntou, levantando as mãos. — Os remédios não estão funcionando. A Liz está se recusando a fazer terapia. Seus braços e pernas estão dilacerados. O que mais precisa acontecer pra que alguém nos ajude?

— Eu topo — consegui sussurrar. — Eu topo, pai.

Ele se virou para me olhar.

— Você topa?

Assenti, reunindo cada grama de força dentro de mim.

— Faço o que for preciso.

Os olhos do meu pai brilharam de alívio, e ele cobriu minha mão com a sua.

— Boa menina.

25 de janeiro de 2004

Só amigos

HUGH

Hoje, era o quadragésimo dia de tratamento da Liz.

Em uma década, aquele era o maior tempo que não nos víamos nem nos falávamos, e todo dia eu sofria de saudade da minha alma gêmea.

Ao contrário do Pierce, que seguiu em frente poucos dias após a partida da Liz, eu ainda me pegava inventando desculpas para *não* fazer isso.

Não que eu não me sentisse atraído pelas garotas que me convidavam para sair. Eu simplesmente não estava interessado.

Já fazia mais de três meses que a gente tinha terminado e eu ainda não tinha superado a Liz, e a ideia de ficar com outra garota me dava calafrios.

Eu sabia que meu comportamento não era normal para um cara da minha idade, e Feely vivia me lembrando disso, mas eu simplesmente não *conseguia*.

Talvez eu fosse diferente dos meus colegas de time, ou talvez eu fosse um puritano, como a Liz falava durante seus ataques de fúria quando eu não queria transar.

Nah, você definitivamente não é puritano, cara.

Não que eu não quisesse transar, *claro* que queria. Só que não podia transar com quem eu realmente queria, então não queria mais ninguém...

— Oi de novo.

Eu estava tão perdido em pensamentos que quase ignorei a garota de voz suave que parecia estar falando comigo.

Balancei a cabeça para clarear as ideias, desviei o olhar do armário que eu estava encarando à toa e me deparei com uma ruivinha sorrindo para mim.

— Hum, oi. — Me virei para ela e lhe ofereci minha atenção. — Katie, né?

— Isso. — Ela sorriu de novo. — Como vai?

— Hum, bem. — Dei de ombros, sabendo que eu devia falar mais alguma coisa, mas não encontrando nada dentro de mim. — E você, como vai?

— Vou indo — ela disse, rindo. — Então, olha, queria te pedir desculpas de novo por ter te agarrado no Ano-novo e também queria agradecer por você ter sido tão gentil. — Suas bochechas queimavam enquanto ela falava. — Eu estava bem mal aquela noite e... hum, não importa. — Ela balançou a cabeça e me deu outro sorriso radiante. — Só queria te agradecer mesmo. — Fez uma careta e acrescentou: — E me desculpa.

— Não precisa pedir desculpas — falei, achando seu discurso adorável. — E também não precisa me agradecer.

— Sério?

— É. Quem é que não quer ser beijado por uma gatinha no Ano-novo?

Ela deu um suspiro.

— Você me acha gatinha?

Levemente encurralado, assenti devagar.

— Você deve saber que é linda.

Seu rosto ficou da cor dos seus cachos.

— Nossa...

Sem jeito, limpei a garganta e voltei a atenção para o armário, fechando a porta.

— Ei, será que você... — Katie começou a falar, mas se atrapalhou com as palavras. — Tipo, será que você talvez queira, hum... ou, ah... ir pro... ou só... ah, esquece.

Fiquei a observando com o canto do olho enquanto ela dava um tapa na própria testa, murmurando consigo mesma e se afastando.

— Para de falar, Katie. Você só está tornando tudo um milhão de vezes mais constrangedor.

Segurei a risada, coloquei a mochila no ombro e fui atrás dela.

— Sabe, você devia pegar mais leve consigo mesma.

— Devia?

— Com certeza — confirmei, caminhando ao lado dela. — Você mandou bem.

— Assertividade — ela disse, segurando as alças da mochila com força. — Era o que estava no topo da minha lista de resoluções de Ano-novo.

— Bem, então pode riscar esse item — falei, segurando a porta do prédio principal para ela. — O que mais está na sua lista?

— Ah, sabe como é... — Ela suspirou, esperando que eu a seguisse. — O de sempre.

— Me conta.

— Deixar o passado pra trás, parar de me preocupar com coisas que não tenho controle, superar o babaca que partiu meu coração, ir à missa todo domingo, beijar algum garoto, fazer mais amigos e me arriscar mais. — Ela sorriu para mim. — Só coisas bem típicas de adolescente.

— Hum...

— *Hum* o quê?

— Nada — respondi, balançando a cabeça. — É só que a gente tem algumas coisas em comum.

— O coração partido? — A Katie fez uma careta de solidariedade. — É, fiquei sabendo. Sinto muito.

— As coisas são como são — comentei, sem querer perder a moral.

— E você quer? — perguntou, parando de andar. — Sair qualquer dia desses?

Também parei de andar e me virei para ela.

— Tipo um encontro?

— Ou só como amigos — ela respondeu, dando de ombros. — Se você preferir.

— Eu, ah... — Perdi as palavras e lutei contra um pânico repentino. — Eu não, ah... — Fiz outra pausa, tentando afastar a culpa que me afogava.

Para com isso, imbecil.

Você não tem por que se sentir culpado.

— Não estou pronto pra outro relacionamento — admiti, apertando a ponte do nariz. — Eu, ah... ainda estou...

— Lambendo as próprias feridas? — Katie completou com delicadeza. — Tudo bem. Eu também.

— Mas a gente pode sair, sim — falei, me obrigando a me arriscar. — Como *amigos*?

Seus olhos verdes se acenderam.

— Eu adoraria.

— Gosto de cinema — falei feito um idiota.

— Eu também.

— Estou livre na sexta — acrescentei, parecendo que nunca tinha ficado sozinho com uma garota antes, quanto mais falado com uma. Bem, acho que, além da Liz, era verdade.

— Sexta está ótimo.

Eu a encarei desconfiado.

— Como amigos.

Ela sorriu e assentiu.

— Amigos.

— Então está bem. — Soltei um suspiro, um pouco cauteloso e relutantemente esperançoso. — Eu, ah... te mando mensagem mais tarde.

— Eu te respondo. — Ela enfiou a mão no bolso da saia, pegou o celular e o agitou na minha frente, com as bochechas coradas. — Tenho crédito.

29 de janeiro de 2004

Fecha os olhos, meu bem

LIZZIE

Permaneci imóvel na maca e fiquei encarando a enfermeira enquanto ela colava os eletrodos na minha testa e no meu couro cabeludo.

— Fecha os olhos, meu bem — ela disse em tom de aprovação, fazendo carinho no meu rosto. — Você vai dormir rapidinho. — A mulher verificou o acesso na minha mão e sorriu. — Que nem da última vez.

E a vez anterior.

E a anterior.

Assim que o anestesista batesse, ele me colocaria para dormir com aquela máscara.

E quando eu apagasse, correntes elétricas seriam enviadas ao meu cérebro através dos eletrodos, e eu teria uma convulsão.

Fechei os olhos quando o líquido quente penetrou nas minhas veias e a máscara foi colocada no meu rosto e me concentrei na imagem mental do Hugh, rezando para que minha mente nunca se esquecesse de nenhuma lembrança dele.

13 de fevereiro de 2004

É bom ter um amigo

HUGH

Quando encontrei a Katie do lado de fora do cinema na sexta-feira à noite, eu estava estranhamente calmo, o que era bem bizarro, porque toda vez que eu encontrava a Liz ali, todos os nervos do meu corpo ficavam em polvorosa.

Talvez fosse bom não estar nervoso. Talvez eu não tivesse que lidar com palpitações no coração com todas as garotas com quem eu saía.

— Não, não é um encontro — Katie falou no balcão quando fomos pagar nossos ingressos. — Vou pagar o meu.

— Bem, isso não vai rolar — eu disse, entregando para a funcionária do cinema uma nota de vinte antes da Katie protestar. — Tudo certo.

— Não precisava fazer isso.

— Eu sei. — Franzi a testa para as mãos vazias dela. — Tem certeza que não quer nada?

— Tenho — ela disse, agitando uma garrafa d'água no ar. — Estou ótima.

Dei de ombros, a segui para a sala dois e me sentei ao seu lado.

— Disseram que esse filme é surreal... — a garota sussurrou, gesticulando para a tela à nossa frente, que tinha acabado de se iluminar. — A Casey viu *Entrando numa fria maior ainda* na semana passada e ainda está rachando o bico.

Levei quase o filme todo para relaxar.

Meus músculos estavam tensos de pavor e ansiedade.

Como se eu estivesse esperando que algo acontecesse.

Que eu tivesse que apagar algum incêndio.

Porque *sempre* tinha algum incêndio com a Liz.

Mas com aquela garota não era assim.

A Katie não falou nada durante o filme todo e manteve as mãos no lugar.

Ela estava perfeitamente contente de ficar ali sentada comigo, o que me surpreendeu.

Achei que estava sendo sincera quando me disse que só queria companhia e quis acreditar nisso.

Mas eu tinha sérios problemas para confiar em pessoas do sexo oposto.

***

— Foi legal — Katie disse mais tarde aquela noite quando a acompanhei até a sua casa. — Me diverti bastante.

— Fico feliz — respondi, mantendo as mãos firmemente enfiadas nos bolsos do casaco. — Também me diverti.

— Sério?

— Sério. — Franzi a testa.

— Você acha que vai dar azar nossa primeira saída ter caído numa sexta-feira treze?

— Nossa — falei, dando risada e balançando a cabeça. — Tomara que não.

— É, tomara — ela disse, ficando vermelha. — A gente devia

repetir.

— Devia — concordei com cautela.

— O que acha da próxima sexta?

— Estou livre na sexta — falei devagar, ainda desconfiado. — Mas trabalho no fim de semana.

— Legal. — Ela sorriu. — Sexta então.

— Sim. — Assenti. — Te vejo lá.

— Não se eu te vir primeiro.

Arqueei a sobrancelha.

Ela grunhiu, cobrindo a boca com a mão enluvada.

— Preciso melhorar isso.

— Nah. — Dei risada, atravessando a rua para voltar para o norte. — Você está indo bem.

12 de março de 2004

Esta sou eu tentando

LIZZIE

Se o estado de mania era pura euforia e o estado depressivo, o inferno, o estado eutímico ficava em algum lugar entre esses dois.

Para uma pessoa como eu, esse terceiro estado era o objetivo final.

Para uma pessoa como eu, esse terceiro estado era o mais difícil de alcançar.

O segundo estado era paralisante, e o terceiro, mundano, mas o primeiro se mostrava devastador.

A armadilha da mania era a sua sedução. No auge de um episódio, eu me sentia invencível, como se meu cérebro tivesse assumido uma nova frequência e eu, de repente, estivesse enxergando o mundo através de uma nova lente.

Uma lente emocionante.

Uma lente viciante.

Uma lente que me poupava de sentir empatia, culpa e todas as outras emoções devastadoras que me consumiam durante o estado depressivo.

Era um estado mental alterado que distorcia minha visão de

mundo e desligava a parte do meu cérebro que conectava minha consciência às consequências das minhas ações.

Quanto mais lúcida minha mente ficava, mais minha culpa aumentava. Porque com a clareza vinham as consequências, e eu estava me afogando. Meses de oscilações de humor fizeram com que meu mundo implodisse ao meu redor, e o remédio correndo nas minhas veias me deu um itinerário gritante de provas.

Eu não podia fugir.

Não podia me esconder.

Só podia me sentar na cama e lidar com a culpa, a vergonha e a autoaversão.

Ainda não estava pronta para ir para casa, nem perto disso, mas a vontade de sair correndo, de cair de joelhos diante do Hugh e implorar pelo seu perdão era avassaladora.

Ele estava sofrendo por amar alguém como eu.

Eu já sabia que faria mal para ele desde pequena. Foi por isso que tentei tanto afastá-lo quando estava em mania. O problema era que nunca pensava direito até ser tarde demais. Eu tinha a falsa impressão de que conseguiria, de alguma forma, viver sem o garoto responsável por soprar o ar nos meus pulmões, sendo que não havia nada mais impossível que isso.

Hugh era corajoso e honrado, e acabei tirando isso dele. Manchei sua reputação brilhante e o feri irreparavelmente.

Eu me lembrava do garoto que Hugh era antes de tudo ficar sombrio, mas tinha bastante dificuldade de me lembrar da garota que eu era.

Ela estava tão apagada na minha memória que eu duvidava que sequer tivesse existido, para começo de conversa.

Os médicos explicaram como funcionavam as minhas crises e me garantiram que eu não era viciada em sexo, mas que tinha surtos de hipersexualidade severa quando estava em

mania.

Quando a depressão se instalava, eu não queria que me tocassem. Não queria nada disso. Simplesmente não queria as mãos de ninguém em mim.

Os médicos diziam que não tinha problema.

Que esses sentimentos viriam em ondas.

Que não estariam sempre presentes.

No hospital, fiz exames para testar diversas doenças sexualmente transmissíveis, e felizmente todos os resultados deram negativos.

Depois, ofereceram implantar um anticoncepcional no meu braço, que evitaria uma possível gravidez durante três anos.

Aceitei.

Porque eu estava um caco.

Eu era o equivalente a uma bola de demolição humana.

Todos e tudo com que eu entrava em contato acabavam arruinados, e eu não precisava trazer nenhum bebê ao mundo só para arruiná-lo também.

5 de abril de 2004

Companhias confortáveis

HUGH

Hoje, marcava o nonagésimo nono dia de tratamento da Liz, e a vida, na maior parte, estava seguindo. A escola estava tranquila, e o trabalho, agradável. Nosso time de rúgbi estava progredindo, enquanto eu não parava de quebrar meu recorde pessoal na piscina.

Gibsie e Claire estavam radiantes, sonhando em um dia ter seu próprio santuário de animais, e o Johnny continuava ganhando massa muscular na academia. O único um pouco ferrado era Feely, mas seus problemas não tinham nada a ver com Liz.

Já os meus, tinham *tudo* a ver.

Eu ainda sentia a ausência dela em todos os lugares, e nada que eu fizesse era capaz de preencher o vazio que sentia no peito.

A Liz não tinha acesso ao telefone, o que era tanto uma bênção quanto uma maldição, porque, apesar de eu estar desesperado para falar com ela, eu sabia que isso não seria bom para nenhum de nós.

Mike costumava me ligar toda semana para me atualizar

sobre o progresso dela, mas minha mãe educadamente colocou um fim nessas ligações dizendo que aquilo não era *saudável*.

Sim, minha mãe sabia que a Liz estava no hospital, mas não fui eu que contei. Ela ouviu sem querer uma das conversas que tive com o pai da Liz pelo telefone e descobriu tudo. Foi compreensiva como sempre e prometeu guardar segredo se eu continuasse vivendo a minha vida e *não* me escondendo do mundo.

Eu *estava* tentando.

Passava as noites com Gibs e Claire e com os outros caras quando não estava trabalhando no fim de semana. Ah, e eu também passava bastante tempo com Katie, que se tornou uma ótima companhia.

Apesar de aparentemente não termos muito em comum em se tratando de matérias escolares e hobbies — eu era um nerd da ciência, e ela era um prodígio musical —, a gente se curtia o suficiente para encontrar um meio-termo.

Era surpreendentemente fácil conversar com ela, e quando ela se abriu comigo sobre a relação complicada que tinha com o pai músico, acabei lhe confidenciando detalhes sobre a relação complicada que eu tinha com o meu pai.

Aquela era a oitava sexta-feira que eu passava com ela, e em vez de ir ao cinema como a gente normalmente fazia, a Katie sugeriu que fôssemos comer alguma coisa.

Só que, vinte minutos depois que a comida chegou, eu me dei conta de que aquela não era uma sexta-feira habitual. A Katie estava toda arrumada, com um vestido preto bem bonito, maquiagem completa e os lindos cachos ruivos-acobreados num penteado elegante.

Era um *encontro*?

Será que *eu* estava em um encontro?

Cacete, a Katie tinha me mandado uma mensagem mais cedo

falando para eu *usar algo legal*.

Eu estava em um *encontro*.

— E aí, o que aconteceu? — Katie estava investigando o capítulo da minha vida chamado *Lizzie Young*, sentada à minha frente em uma mesa no Spizzico, o restaurante italiano bacanudo da cidade. — Sei que o término foi ruim, mas você nunca me contou os detalhes sórdidos.

— Porque não tem — respondi, dando um gole na água. — A gente só terminou.

— Até parece. — Ela sorriu, também dando um gole na água. — Vamos, desembucha.

— Não quero falar disso.

— Você sabe o que dizem quando compartilhamos nossos problemas.

Suspirei.

— As coisas só acabaram, ok?

Ela me fitou.

— Você ainda é apaixonado por ela, né?

Meus ombros enrijeceram.

— Acabou.

— Não foi o que perguntei — ela disse com uma voz suave. — Tudo bem, Hugh. Não se supera um término do dia pra noite.

Me sentindo culpado, soltei um suspiro pesado e disse:

— Pode perguntar.

— Sério?

Assenti.

— Vou falar o quanto puder.

— Ela foi sua primeira namorada?

— Sim.

— Foi a sua única namorada?

— Sim.

— Vocês ficaram juntos por muito tempo?
— Sim.
— Você dormiu com ela?
— Não.
— Mas você fez outras coisas com ela?
— Sim.
— E ela é a única garota com quem você esteve?
— Sim.
— Você estava apaixonado?
— Sim.
— Ela terminou com você?
— Não.
— Você que terminou com ela?
— Sim.
— Você pretende voltar com ela?
— Não.

Katie ficou me observando com atenção, procurando alguma mentira, e como não encontrou nada, sorriu. Foi um belo sorriso. Ela tinha dentes bonitos. E sardinhas. Suas sardas eram adoráveis.

— E ela é a melhor amiga da sua irmã?
— É.
— Então passa bastante tempo na sua casa?
— Sim.
— Então você também passa bastante tempo com ela?
— Sim.
— E isso não te deixa com vontade de resolver as coisas com ela?
— Não.
— Nossa! — Katie se inclinou para a frente, absorta na conversa. — Ela te fez sofrer muito, né?
— Sim.

— Isso foi mais um comentário indelicado que uma pergunta. — Katie esticou o braço na mesa e colocou a mãozinha sobre a minha. — Não precisava responder.

— Tudo bem — falei, olhando para o seu pulso magrinho. Em vez de cicatrizes, sua pele de porcelana estava repleta de sardas.

Foi um alívio.

Foi diferente.

— E você? — perguntei, mudando de assunto. — Você ainda não me contou como acabou se transferindo pro Tommen.

— Já te contei — ela disse, dando risada. — Ganhei uma bolsa.

— Não, tipo, por que você se transferiu tão tarde?

Aquilo não era incomum. O Tommen era conhecido por aceitar transferências tardias. Elas ocorriam em todos os anos, mas no terceiro e no sexto anos eram mais frequentes, pois era a época dos exames, e o desempenho acadêmico dos alunos do Tommen era expressivo. A escola tinha uma taxa de conclusão de curso de noventa e oito por cento, combinada com uma média de quatrocentos pontos no leaving cert. Não havia dúvidas sobre a qualidade do ensino oferecido, então não era surpresa nenhuma ver pais transferindo os filhos durante os anos dos exames, e os programas esportivos da escola eram diferentes de quaisquer outros na província.

— Se você é inteligente o bastante pra ter descolado uma bolsa de estudos, e você claramente é, por que não te colocaram no Tommen logo no primeiro ano?

— Originalmente, eu estava matriculada no primeiro ano.

— Estava? — Minhas sobrancelhas se ergueram. — O que aconteceu?

— O meu pai — Katie respondeu, revirando os olhos. — Ele deveria ter enviado o dinheiro da mensalidade pros meus avós,

mas isso nunca aconteceu. — Ela tomou outro gole de água antes de acrescentar: — E nunca imaginei que teria que concorrer a uma bolsa de estudos pra entrar, por isso os dois anos no St. Bernadette.

— Nossa! — falei, intrigado pela sua história.

— Como minhas habilidades são em música, e *não* na parte acadêmica, tive que ralar muito pra subir minhas notas e meu portfólio pra ser considerada pra uma bolsa — ela explicou, ainda sorrindo. — Por isso levei um tempinho.

— Mas você conseguiu — comentei, mais que impressionado. — O que foi bem foda, Katie.

— Foi mesmo — ela disse, rindo e corando.

E só consegui sorrir em resposta.

— Você quer continuar fazendo isso? — ela perguntou quando a acompanhei até em casa depois do jantar. — De forma exclusiva?

Contive o instinto natural de recusar e me obriguei a parar para pensar direito com a cabeça fria, e *não* seguir meu coração. Eu não podia confiar nele para tomar decisões tão sensíveis. Não podia confiar nele para me manter longe de problemas.

— Não sei. — Imitando seus gestos, enfiei as mãos nos bolsos e estudei seu rosto. — O que você quer fazer?

— Gosto de passar meu tempo com você — ela disse baixinho.

— Também gosto de passar meu tempo com você — falei com sinceridade.

— Mas...

— Não falei "mas".

— Sim. — Ela deu uma risadinha. — Mas você tem um "mas", não?

— Não sei que tipo de relacionamento posso te oferecer — admiti honestamente. — Ainda não estou cem por cento.

— Sim, mas você está chegando lá.

Eu estava?

Talvez eu estivesse.

Sem dúvida, eu curtia a companhia dela. Mas a ideia de dar o próximo passo com a Katie não estava nem no meu radar ainda.

— Não precisa ficar estressado, não vou sair arrancando as suas roupas — ela brincou, dando risada. — Também não estou nem perto de estar pronta pra *isso*.

Aliviado, também ri.

— Bom saber.

— Mas seria legal segurar a sua mão alguma hora — ela acrescentou, dando um empurrãozinho no meu ombro. — Ou quem sabe a gente pudesse se beijar outra vez antes do próximo Ano-novo.

Ergui as sobrancelhas.

— Você quer que eu te beije?

Katie corou.

— Achei que estivesse óbvio. — Ela gargalhou ao me notar olhando-a com uma expressão vazia. — Sabe, pra um garoto que passou a maior parte da vida em um relacionamento, você é tão perdido quanto eu.

— Isso deveria me ofender? — Dei risada.

— Não, é um elogio. — Ela se aproximou, vermelha. — E uma dica.

Vai em frente, meu cérebro ordenou. *Ela é uma graça*.

Não ouse, meu coração protestou. *Você sabe como isso vai acabar*.

Decidi ouvir o órgão que não tinha me causado uma década de dor. Dei um passo para a frente e segurei seu lindo rosto.

Sentindo uma mistura maluca de incerteza, culpa e

empolgação, mandei a cautela para os ares, me inclinei para perto e pressionei os lábios nos dela.

19 de abril de 2004

Saindo da prisão

LIZZIE

Três meses, duas semanas e um dia.

Foi o tempo que os médicos levaram para me reconstruir.

Estabilizar meu humor depois de tantos meses de crise exigiu um esforço hercúleo, mas *consegui*.

Eu colaborei.

Dessa vez, não lutei contra eles.

Em vez disso, trabalhei com eles para me arrastar de volta à vida.

As primeiras semanas da internação viraram um borrão distorcido, o que me deixava até aliviada, porque lembrar de tudo doía. Muitos dos apagões que experimentei durante a mania continuavam um mistério, e eu rezava para que continuassem assim.

Durante a internação, fiz dez sessões de terapia eletroconvulsiva para alterar a química do meu cérebro na esperança de estabilizar minha mente e melhorar minha qualidade de vida. Eu só podia torcer para que o tratamento funcionasse, porque a experiência de ser eletrocutada repetida e intencionalmente era algo que *jamais* toparia fazer outra vez.

A terapia diária, somada a uma combinação cuidadosamente selecionada de estabilizadores de humor e antipsicóticos, me levou ao esperado retorno à sociedade.

Enfim.

Quando voltei para a Old Hall House na sexta-feira à noite, me senti uma estranha.

Como se aquela não fosse a casa para a qual eu deveria voltar.

Como se meus pais não fossem meus pais, a bicicleta jogada no gramado da frente não fosse minha e o quarto em que passei a maior parte da infância não fosse meu.

Foi esquisito, mas consegui lidar com aquilo.

Processei meus sentimentos em vez de fugir deles.

Minha mãe estava emocionada por enfim eu estar em casa, enquanto meu pai seguia cauteloso.

Eu não tirava a razão dele.

Eu me sentia exatamente da mesma maneira.

Voltei para o Tommen logo após o recesso de Páscoa, e como minha mãe queria que eu fosse devagar, fui para a aula só depois do almoço.

Tive que enfrentar uma conversa penosa e unilateral com o sr. Twomey na diretoria e fui mandada para a sala de aula com um tapinha na cabeça e a recomendação de procurá-lo se precisasse de alguma coisa. O que eu não ia fazer, mas pelo menos ele não ficou irritado com a minha ausência. O diretor parecia estar mais preocupado com a minha saúde mental do que com a minha frequência.

Academicamente, ambos sabíamos que ele não precisava se preocupar. Antes da internação, eu me virava bem nas aulas e achava todo o currículo do junior cycle entediante. Assim que me estabilizei no hospital, terminei todos os trabalhos escolares da cama. Sinceramente, eu poderia ter perdido mais três meses de aula e ainda assim continuar só tirando A.

Assim que saí da diretoria, um gritinho empolgado encheu o ar.

— Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! Ah, meu Deus! — a Claire disparou e jogou os braços em mim antes que eu pudesse falar oi. — Já estava na hora de você voltar! — Ela me abraçou com força. — Morri de saudade de você, Lizzie Young.

Tremendo, me entreguei ao seu abraço e me permiti absorver o calor com o qual ela me envolvia.

— Também senti saudade.

— Como está a sua mãe?

— Se recuperando.

— E você? — Ela se afastou e passou as mãos no meu cabelo, avaliando meu rosto com os olhos. — Como você está?

— Você me conhece, Claire. — Engoli minhas emoções e abri um sorriso radiante. — Estou sempre bem.

Seus olhos castanhos se encheram de preocupação, mas ela não insistiu.

Ela só sorriu, me puxou para o seu lado e saiu andando comigo pelo corredor.

— Deixa eu te atualizar dos dramas que você perdeu aqui na escola. Mas já vou avisando: tem *muita* coisa rolando.

— Mal posso esperar — falei secamente, aliviada por voltar à nossa velha dinâmica.

— Então, as meninas do quinto ano bolaram um esquema chamado Operação Binding 13 — ela anunciou, narrando detalhadamente a conversa que tinha ouvido no banheiro da escola.

Pelo visto, as garotas mais velhas estavam participando de uma corrida safada para ver quem conseguia ficar pelada com Johnny Kavanagh.

— Mas ninguém vai ganhar só de, hum... bem, você sabe, de fazer aquilo com ele — Claire continuou. — Aparentemente a

garota tem que fazer ele se apaixonar.

— Aff — comentei. — Que bizarro!

— E tem que conseguir oficializar as coisas também — acrescentou, franzindo o nariz. — Oficializar o *namoro*.

— Então é uma missão fadada ao fracasso. Porque a única coisa com a qual aquele garoto vai assumir compromisso é com uma bola de rúgbi.

— Verdade — Claire concordou, rindo e dando um empurrãozinho no meu ombro. — Tipo, sei que ele é gato e popular, mas não entendo o fascínio.

— Eu também não.

— É educado e tal, mas meio reservado demais. — Ela arregalou os olhos enquanto falava. — E ele é grande, Liz. Tipo, *super grandão*.

— Ele é mais que reservado — comentei, vasculhando o que tinha sobrado da minha memória. — É um metido.

— Liz!

— Ele anda pela escola como se fosse páreo pro Brian O'Driscoll.

— Porque ele é — Claire disse, rindo. — É o melhor segundo centro da idade dele do país, Liz.

— E isso significa que ele tem direito a receber tratamento preferencial na escola?

Ela gargalhou.

— Sim!

— Que seja. — Revirei os olhos. — Continuo achando ele metido.

— O Gerard diz que ele só está bravo por ainda estar aqui. — Ela deu de ombros. — Quer voltar pra Dublin.

Foi assim que passei o resto da tarde: papeando com minha amiga de infância.

Foi *legal*.

Quando Hugh apareceu no corredor depois da última aula do dia, eu sabia que ele não esperava me ver tão cedo, e foi exatamente por isso que o esperei *ali*.

Ele era um reloginho. Sempre fazia o que prometia. Era comprometido com as coisas e não ia matar o treino, porque era assim.

— Ah, merda... — ele murmurou quando seu corpo colidiu com o meu e a pilha de livros que eu estava carregando saiu voando. — Me desculpa — falou depressa, pegando os livros espalhados no chão. — Não te vi aí.

Foi só quando se levantou com os livros que ele olhou para mim. Assim que isso aconteceu, sua expressão tímida se transformou em surpresa, e meus livros foram parar no chão de novo.

— Liz...

— Oi — falei, mal aguentando a pressão no peito enquanto o observava me fitando com seus olhos cor de uísque perfurando a minha alma.

Um tremor involuntário me percorreu o corpo, e tive quase certeza de que o mesmo aconteceu com ele.

Ficamos nos encarando por um longo tempo, até que ele quebrou a tensão balançando a cabeça.

— Você voltou.

— Voltei — falei, vendo-o reunir meus livros outra vez. — Podemos conversar?

— Tenho treino — ele respondeu, se levantando e me entregando os livros. — O cap vai cortar as minhas bolas se eu me atrasar.

Eu devia ter respeitado sua resposta.

Afinal de contas, não tinha o direito de insistir, mas não consegui me impedir de sussurrar "por favor".

Seus pés vacilaram, e vi a tempestade nos seus olhos

castanhos denunciando a batalha interna que ele travava dentro de si.

E quando eu já estava quase perdendo as esperanças, Hugh cedeu, assentindo de um jeito cansado.

— Ok.

Ele inclinou a cabeça para as mesas de piquenique, e fui dominada pelo alívio.

— E aí, quando você voltou? — ele perguntou, caminhando ao meu lado.

— Na sexta — falei com uma voz bem mais calma do que eu sentia.

A sensação do seu enorme braço roçando o meu ombro enquanto andávamos fez meus nervos em frangalhos surtarem.

Ondas de excitação percorreram meu âmago, provocando uma vibração na minha pele como se eu tivesse sido atingida por uma corrente elétrica.

Ai, meu Deus, aqui não, rezei mentalmente, lutando contra aqueles velhos impulsos nojentos e compulsões. *Agora não. Seja boazinha. Fica firme, porra.*

— E você está bem? — ele perguntou, colocando meus livros em um banco vazio.

— Sim — menti, me sentando na mesa. — Estou bem melhor agora.

— Que bom... — Hugh deixou a mala no chão e se sentou na minha frente. Apoiou os cotovelos na mesa e ficou mexendo em um fiapo de madeira lascada. — Quero que você fique bem, Liz.

Minha respiração estava entrecortada, e perguntei:

— É mesmo?

Ele ficou me encarando por vários minutos antes de soltar um suspiro triste.

— Claro que quero.

— Você não... — Minhas palavras se perderam, e tive que desviar o olhar por um instante para recuperar o fôlego antes de voltar a atenção para o seu rosto.

Doía demais.

Não doía o suficiente.

Engoli em seco, tentando abordar o assunto que eu queria.

— A Claire... você não...

— Não contei nada pra ela — ele me interrompeu com aquele conhecido tom tranquilo. — As pessoas estão achando que você estava na Espanha com os seus pais.

— Sinto muito por você ter que mentir por mim — falei, com vergonha por tê-lo arrasado nas batalhas que eu travava com a minha mente. — Me desculpa por ter te envolvido no caos do hospital aquele dia.

— Eu faria tudo de novo sem nem pensar.

Suas palavras me atingiram.

— Faria?

Ele assentiu.

— Claro, Liz.

— Por quê?

— Porque você está sentada aqui — ele respondeu com simplicidade. — Porque você voltou a ser *você*. — Um sorrisinho surgiu nos seus lábios. — E isso era tudo o que eu queria, Liz. — Vi um lampejo de dor nos seus olhos castanhos. — *Quero* que você fique bem — ele falou devagar, pronunciando cada palavra com cuidado. — *Quero* que tenha uma vida boa.

— Está certo.

Só não com você.

19 de abril de 2004

Tchau, meu amor

HUGH

Assim que botei os olhos nela no pátio, cada pedacinho do meu orgulho ferido, conquistado com muito esforço, se evaporou. E o meu coração? Voltou para ela feito um fiel bumerangue. Porque, ao contrário do meu cérebro, não podia ser obrigado a esquecê-la.

Eu tinha um milhão e um compromissos para depois da escola, mas a volta inesperada da Liz mandou cada um deles pelos ares.

Me sentei na frente dela em uma das mesas de piquenique da escola e não consegui me impedir de observá-la.

A Liz tinha mudado muito nesses três meses e meio. Estava com o cabelo loiro-escuro mais curto do que costumava deixar, chegando à altura dos ombros em vez de no meio das costas. E também estava bem mais magra e mais alta. Todos os resquícios das suas feições fofas da infância foram substituídos por uma beleza austera.

Mas foram os olhos dela que me abalaram.

Aqueles grandes olhos azul-claros e tristes.

Meu Deus, eles não eram como nada que eu já tivesse visto.

— Você parece bem — falei, pois era verdade. — Saudável.

— Você também — ela comentou, me hipnotizando com aquele olhar assombroso. — Você está diferente. — Notei ela me observando. — Está bem mais alto e largo e *homem*.

Meu rosto ardeu.

— É a puberdade.

— Escuta... — ela disse, e me preparei para a conversa que eu sabia que não tinha como evitar. — Sobre o que aconteceu...

— Liz, não precisa fazer isso — interrompi, ainda tentando protegê-la. — Sei que você não era você naquela época.

— Preciso, sim — Liz retrucou com os olhos marejados, juntando as mãos à sua frente na mesa. — Preciso tirar isso do meu peito e você tem que me deixar.

Merda.

— Está bem. — Engoli em seco e me obriguei a assentir. — Estou ouvindo.

Ela respirou fundo algumas vezes e disse:

— Me desculpa mesmo pelo inferno que fiz na sua vida. Por quebrar a sua confiança repetidamente e estragar o nosso relacionamento. — Lágrimas se acumulavam nos seus olhos, mas ela piscou e continuou: — Parar de tomar meus remédios foi terrivelmente egoísta e injusto com você. Você sempre esteve ao meu lado, me apoiando em tudo, e eu fui extremamente autocentrada e irracional. — Outro tremor a percorreu. — Sinto muito por não ter me responsabilizado antes, mas saber que te fiz sofrer é a coisa mais difícil que já tive que engolir.

— Liz... — Meu coração se destroçou. — Não guardo ressentimento nenhum de você.

— Porque você é generoso. Porque você é *você*. — As lágrimas começaram a escorrer. — Agora entendo o que fiz. Não entendo tudo, mas as partes de que me lembro deixam

claro que não tenho direito de te pedir uma segunda chance.

— Liz... — falei, sentindo o peito arfar de tanta pressão. — Eu faria qualquer coisa pra voltar no tempo e mudar o nosso final. Pra impedir que aquilo acontecesse. E se existisse algum jeito de superar o que rolou, eu não hesitaria...

— Sei que você não consegue superar — ela disse aos prantos, acenando a cabeça compreensivamente. — Tudo bem, Hugh. Eu entendo. — Fungando, acrescentou: — É por isso que não vou te pedir isso.

— Liz...

— Sei que você precisa ficar longe de mim — ela falou, com o corpo todo tremendo. — E sei por que você não pode mais ser meu amigo, mas só quero que saiba que sou grata por ter tido você na minha vida. — Um lamento triste escapou quando ela falou: — Nunca vou ter um amigo melhor que você, Hugh Biggs, nem um namorado melhor.

— Porra... — Soltei um suspiro entrecortado enquanto meu coração retumbava forte. — Liz...

Eu estava tão dilacerado que meu peito gritava para que eu cedesse.

Ela voltou a tomar os remédios.

Dessa vez, vai ser melhor.

Dá mais uma chance para ela.

Mas então a imagem dele no meio das suas pernas surgiu na minha mente, e me mantive firme.

Porque aquilo *ia* acontecer de novo.

Era a única coisa da qual eu tinha certeza.

— Nunca vou deixar de me arrepender de ter te traído — ela disse, com as mãos na cabeça. — E nunca vou me perdoar por ter destruído a gente.

Meu Deus do céu.

Eu queria confortá-la.

Queria enxugar as suas lágrimas e fazê-la se sentir melhor.

Eu queria *ela*.

Mas não *podia*.

— Vai ficar tudo bem — eu disse, segurando a sua mão. — A gente ainda pode ser amigo.

— Não, Hugh, a gente não pode — ela respondeu com tristeza, entrelaçando os dedos nos meus. — Não se pode ser amigo de alguém por quem você é apaixonado. — Lágrimas rolaram pelo seu rosto. — E sempre vou ser apaixonada por você, Hugh.

Eu acreditava nela.

Eu conhecia aquela garota melhor que a mim mesmo.

Sabia que ela estava falando a verdade.

Vi nos seus olhos.

Eles espelhavam os meus próprios olhos.

Eu sabia como a Liz se sentia, porque sentia o mesmo.

E era um sentimento impossível, desesperado, desvairado.

Era uma tortura.

— Podemos tentar — sugeri, em pânico de pensar que aquele era o fim. *Por favor, Deus, não deixa que esse seja o fim*. — Liz, vai ficar tudo bem.

— Vai sim, porque vou dar um passo pra trás — ela declarou, e o jeito como falou me fez pensar que tinha refletido muito sobre esse assunto. — Vou ficar no banco reserva do nosso círculo de amizades e não vou interferir na sua vida.

— Liz... — Meus olhos começaram a marejar. — Não quero isso.

— Eu também não — ela admitiu, fungando. — Mas é assim que tem que ser.

Eu sabia que ela estava certa; tínhamos que seguir em direções separadas, mas saber disso não tornava a situação mais fácil.

Não fazia ideia se esse era o plano, se ela pretendia me destruir daquele jeito e acabar com a minha determinação, mas funcionou.

— Eu sei o que você fez — ela continuou, apertando minha mão com delicadeza. — Sei que você abafou os boatos do que eu fiz e escondeu de todo mundo a forma revoltante como te tratei.

— Você não estava bem.

— Você foi pego no fogo cruzado e ainda assim me protegeu.

— Sempre vou te proteger. — Enxuguei uma lágrima no meu rosto. — Não importa o que aconteça.

Mais uma vez, ela fungou e apertou minha mão.

— Quero que você tenha a melhor vida possível. Ninguém merece isso mais do que você.

— Liz...

— E quero que você siga em frente sem mim — continuou, se engasgando com as palavras como se estivesse sentindo dor. — Não quero que você se sinta culpado nem pense que está fazendo alguma coisa errada, porque não tem nada de errado nisso. Você é uma pessoa maravilhosa demais pra passar a vida preso a alguém cagado que nem eu.

— Mas e você? — Eu mal conseguia enxergar seu rosto em meio às lágrimas. — Como é que vou conseguir te deixar pra trás?

— Você não me deixou pra trás, esqueceu? — Ela deu um soluço de choro, fazendo carinho na minha mão. — Eu que te deixei.

— Merda, Liz! — Recostei a cabeça na mesa e a cobri com a mão, me esforçando para controlar as emoções. — Merda!

— A Claire me disse que você está saindo com uma pessoa... — Liz sussurrou, esticando a mão para fazer carinho no meu cabelo. — Quero que você saiba que está tudo bem.

Eu desmoronei.

Não consegui evitar.

Fiquei ali chorando sem parar no meio da escola.

— Tudo bem — ela ficou falando conforme eu tentava me recompor. — *Quero* que você seja feliz.

Meus ouvidos zumbiam.

Meu coração disparou.

Ele insistia que eu tinha escolhido o caminho errado na vida e exigia que eu voltasse atrás.

— Está bem no começo — consegui dizer quando enfim me controlei. — Eu, ah... — Limpei a garganta, enxuguei os olhos com a manga da blusa e me forcei a olhar para ela. — O nome dela é Katie.

Quando seus olhos azuis encontraram os meus, senti aquela velha atração. O inegável laço que ligava minha alma à dela. O laço que tempo ou distância nenhuma parecia romper.

— Ela te faz bem?

Fungando, fiz que sim.

— Sim, me faz muito bem.

A tristeza que vi nos seus olhos estava me matando, e tive que lutar contra todos os meus instintos para não puxá-la para os meus braços. Porque eu parecia ter sido programado para proteger aquela garota. O único problema era que eu que precisava me proteger *dela*. Pois ninguém podia me machucar como a Liz.

— Estou feliz por você. — Ela tentou sorrir, mas um soluço choroso lhe escapou. — Juro que estou — acrescentou depressa, afastando a mão da minha. — Só é d-difícil.

Eu entendia.

Sabia bem o que ela estava sentindo.

O pânico me dominou quando Liz se levantou e pegou os livros e a mochila.

Eu queria gritar “Não vai embora”, mas não teria sido bom para nenhum de nós.

— Sempre vou te amar, Hugh Biggs — ela disse, contornou a mesa e parou na minha frente. Deu um suspiro trêmulo, se inclinou e deu um beijo no meu rosto antes de sussurrar: — Não importa o que aconteça.

E então partiu.

Muito obrigada por ler este livro!

A história do Hugh e da Lizzie só está começando. Leia tudo sobre eles no próximo livro da série Os Garotos do Tommen, que será lançado em breve.

Se você ou alguém que você conhece foi afetado pelos assuntos discutidos nesta obra, entre em contato com um adulto de confiança ou com um serviço profissional.

Se precisar denunciar violações de direitos humanos, disque 100 ou envie uma mensagem para (61) 99656-5008.

Em casos de violência contra a mulher, ligue 180.

Se você ou alguém que você conhece está pensando em suicídio, por favor, ligue para o Centro de Valorização da Vida (cvv), no número 188, ou visite o site cvv.org.br.

As denúncias são anônimas.

Por favor, fale.
Não sofra em silêncio.
A sua voz importa.
A sua vida é preciosa.
<3

Agradecimentos

Nunca sei se devo incluir uma seção de agradecimentos ao final dos livros, e muitas vezes não incluo, mas decidi fazer isso no *Releasing 10* porque preciso agradecer a algumas pessoas.

Walshy: É engraçado como tudo sempre volta para você. Não importa quantas histórias eu escreva, quando chego aos agradecimentos é *sempre* o seu nome que me vem à mente. Porque eu não conseguiria escrever essas histórias sem você.

Obrigada por me mostrar como é ser verdadeiramente amada. Obrigada por invadir meu mundo quando éramos adolescentes e me salvar da barbárie. Obrigada por me tirar dali. Você segurou minha mão e nunca a soltou, nem quando tornei as coisas difíceis. Obrigada por aceitar cada parte de mim, o mundo de onde vim e minha mente complicada.

Obrigada por alimentar meu amor pela música com sua habilidade de tocar qualquer instrumento em que você bota as mãos. Guitarra. Bateria. Banjo. Bandolim. Gaita. Baixo. Ukulele. É incrível como você consegue tocar qualquer um deles. E a sua voz? Nossa, nem me fala dessa voz!

Obrigada por me encantar com aquele violão que você pegou na aula, me deixando de queixo caído, assim como as outras meninas, com "Johnny B. Goode". Me lembro de olhar para a Tracy e pensar: "O que foi que acabamos de testemunhar?". E me lembro de entrar no pub com as meninas para ver você e o

Madden tocando pela primeira vez. Quando você pegou o microfone e cantou “Fall at Your Feet” me encarando o tempo todo, juro que derreti. Até nossos amigos perceberam que eu estava perdida. Isso foi há quase vinte anos, e eu ainda estou caidinha por você, Walshy, então parabéns por isso. Acho que a Angaleena Presley não estava errada quando cantou sobre homens bonitos com violão e garotas grávidas, porque nós duas sabemos o que vem depois. ;)

Obrigada por manter sua palavra, por ser o ápice de tudo o que há de bom em um homem e por construir para nós um lar onde não tenho medo de estar. Obrigada pelos meus filhos e por me mostrar que nem todos os pais vão embora. Obrigada por quebrar todos os ciclos geracionais que me aterrorizavam e mudar a minha narrativa. Eu te amo. (Para sempre.)

Slash, Madden e Al: obrigada por serem os melhores amigos do Walshy no mundo e por sempre o apoiarem — mesmo que alguém aí tenha cochilado na mesa durante o discurso do padrinho do nosso casamento. (Estou de olho em você, Ray.)

Obrigada por serem o melhor grupo de rapazes que uma garota arrasada poderia ter ao lado. Pelas noites que já não lembro mais com os amigos que nunca esquecerei.

Obrigada pelas memórias, meninos. <3

Nikki Ashton: dizem que, se uma amizade dura sete anos, ela vai durar para sempre. Bem, chegamos aos onze e não consigo imaginar um mundo no qual não nos falamos todos os dias. Você significa o universo para mim, e eu sempre estarei com você, Nik. Obrigada por sempre atender ao telefone. Por ser minha maior defensora quando o mundo fica cruel. Por me conhecer de verdade e não ter problema nenhum em desmascarar cada mentira dolorosa. Amigas como você só aparecem uma vez na vida, e eu só queria ter te conhecido antes para poder te amar por mais tempo. Se vocês chegaram

até aqui, confiram os livros dessa moça. Ela é um gênio da comédia e da sensualidade com as palavras. *Roman's Having Sex Again* sempre vai ter um lugar especial no meu coração. Obrigada por tudo, Nik. <3

Caitlin Mahony: minha irmã de alma do outro lado do oceano. Obrigada por ser a minha "parça". Desde a primeira vez em que conversamos, percebi que você era a pessoa certa para ter ao meu lado. Que eu tinha encontrado mais do que apenas uma agente, mas uma amiga preciosa. Também logo percebi que você tem a paciência de uma santa, algo necessário para lidar comigo e com a minha mente cagada. De alguma forma, você vive insistindo em mim e não sei bem por quê, mas fico muito feliz por você ter depositado sua fé em mim.

Obrigada por enfrentar o mundo por mim quando preciso respirar e por confiar na minha capacidade de fazer meu trabalho. Não vou te decepcionar, amiga. Ah, e se você for embora é melhor me levar junto.

Lexi Campbell: muito obrigada por entrar no meu mundo quando eu estava me afogando. Eu não conseguia enxergar direito por causa do pânico, e você tirou o peso dos meus ombros com um estalar de dedos. Você apareceu e me mostrou como impor limites. Você colocou um limite em mim e me deu a chance de me curar de toda a barulheira. Eu poderia te agradecer cem mil vezes e não seria o suficiente. Porque realmente acho que você me salvou algumas vezes, Lex. Me salvou de desistir de muitas coisas.

Você é super legal e única, e sempre acho hilário quando fazemos videochamadas, porque somos muito diferentes. Mesmo sendo diferentes na superfície, somos incrivelmente parecidas onde importa. (Somos planejadoras! Brincadeira, rs.) Você é a Stevie misteriosa e bruxônica da minha Dolly, que fala demais e usa medalhas sagradas. Rá. Dolly e Stevie. Chique.

Você me entende, e eu te entendo. E sou muito grata por ter uma amiga como você na minha vida. Amo você, L. <3

Aos leitores: quero agradecer a cada um que se deu ao trabalho de ler este livro. É incrivelmente gratificante saber que tantas pessoas querem ler minhas histórias. Já se passaram onze anos desde que publiquei meus livros pela primeira vez, e ainda parece surreal. Nesses onze anos, escrevi muitas histórias e trabalhei duro em cada uma, mas a série Tommen é diferente. A Tommen é *especial*. A Tommen é o produto da vulnerabilidade pessoal suprema. Revelei mais do meu coração nestas páginas do que a pessoas que conheço a vida toda. Cada página que escrevo parece uma memória catártica arrancada dos diários cheios de lágrimas da minha juventude. Saber que alcancei outras pessoas com essas histórias significa muito para mim. Eu só queria poder voltar no tempo e dizer àquela garota de quinze anos naquela cama de hospital para continuar respirando. Para continuar escrevendo. Para não ter medo da sua mente. Que as suas palavras importavam. Que a sua história podia ajudar outras pessoas.

Obrigada por me ler e, por favor, continue respirando.

Também de Chloe Walsh
SÉRIE OS GAROTOS DE TOMMEN

Vol. 1: *Binding 13*
Vol. 2: *Keeping 13*
Vol. 3: *Saving 6*
Vol. 4: *Redeeming 6*
Vol. 5: *Taming 7*
Vol. 6: *Releasing 10*

Copyright © 2025 by Chloe Walsh
Publicado por Companhia das Letras em associação com Sourcebooks USA.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

TÍTULO ORIGINAL Releasing 10
CAPA Brittany Vibbert/Sourcebooks
FOTO DE CAPA Addictive Creative/Shutterstock; Colormos/Getty Images, Little River/Shutterstock, Metelevan/Adobe Stock
ADAPTAÇÃO DE CAPA Danielle Fróes/BR75
PREPARAÇÃO Aline Canejo/BR75
REVISÃO Clarissa Luz/BR75

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walsh, Chloe
Releasing 10: salvos pelo amor, destruídos pela verdade / Chloe Walsh; tradução Raquel Nakasone. — 1. ed. — São Paulo: Bloom Brasil, 2026. — (Série Os Garotos de Tommen; 6)
Título original: Releasing 10
ISBN 978-65-83127-06-8
1. Ficção irlandesa I. Nakasone, Raquel. II. Título. III. Série.
25-320177.1 CDD-Ir823

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:
1. Ficção : Literatura irlandesa Ir823

Aline Graziele Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 – São Paulo – SP
Telefone: (11) 3707-3500
facebook.com/editorabloombrasil
instagram.com/editorabloombrasil
tiktok.com/@editorabloombrasil
threads.net/editorabloombrasil

Sumário

Aviso
NOTA DA AUTORA
PARTE 1
12 de junho de 1991
31 de outubro de 1991
12 de novembro de 1991
21 de dezembro de 1991
6 de janeiro de 1992
10 de fevereiro de 1992
9 de junho de 1992
11 de outubro de 1992
4 de novembro de 1992
27 de novembro de 1992
25 de dezembro de 1992
31 de dezembro de 1992
30 de abril de 1993
19 de setembro de 1993
19 de setembro de 1993
15 de novembro de 1993
25 de dezembro de 1993

PARTE 2
27 de outubro de 1994
27 de outubro de 1994
27 de outubro de 1994
28 de outubro de 1994
28 de outubro de 1994
31 de outubro de 1994
31 de outubro de 1994
31 de outubro de 1994
1º de novembro de 1994
1º de novembro de 1994
19 de novembro de 1994
3 de dezembro de 1994
17 de dezembro de 1994
31 de dezembro de 1994
PARTE 3
1º de abril de 1995
21 de abril de 1995
6 de maio de 1995
24 de junho de 1995
4 de julho de 1995
9 de setembro de 1995
30 de outubro de 1995
PARTE 4
31 de agosto de 1996
12 de outubro de 1996

25 de outubro de 1996
31 de outubro de 1996
31 de dezembro de 1996
31 de dezembro de 1996
5 de janeiro de 1997
17 de janeiro de 1997
17 de janeiro de 1997
PARTE 5
17 de março de 1997
8 de junho de 1997
23 de agosto de 1997
5 de setembro de 1997
31 de outubro de 1997
PARTE 6
22 de fevereiro de 1998
2 de maio de 1998
9 de junho de 1998
10 de julho de 1998
3 de outubro de 1998
PARTE 7
15 de outubro de 1998
31 de outubro de 1998
2 de novembro de 1998
15 de novembro de 1998
31 de dezembro de 1998
PARTE 8

22 de janeiro de 1999
19 de fevereiro de 1999
20 de fevereiro de 1999
26 de fevereiro de 1999
17 de março de 1999
17 de março de 1999
PARTE 9
18 de março de 1999
18 de março de 1999
18 de março de 1999
18 de março de 1999
22 de março de 1999
31 de março de 1999
9 de abril de 1999
PARTE 10
9 de junho de 1999
25 de junho de 1999
27 de junho de 1999
PARTE 11
31 de julho de 1999
31 de julho de 1999
31 de julho de 1999
28 de agosto de 1999
28 de agosto de 1999
PARTE 12
31 de dezembro de 1999

1º de janeiro de 2000
1º de janeiro de 2000
PARTE 13
3 de março de 2000
17 de março de 2000
4 de abril de 2000
5 de abril de 2000
5 de abril de 2000
5 de abril de 2000
5 de abril de 2000
PARTE 14
24 de abril de 2000
25 de abril de 2000
27 de abril de 2000
30 de abril de 2000
30 de abril de 2000
1º de maio de 2000
1º de maio de 2000
PARTE 15
2 de maio de 2000
3 de maio de 2000
10 de maio de 2000
24 de maio de 2000
25 de maio de 2000
29 de maio de 2000

1º de junho de 2000
9 de junho de 2000
9 de junho de 2000
17 de junho de 2000
24 de junho de 2000
29 de junho de 2000
29 de junho de 2000
30 de junho de 2000
4 de agosto de 2000
28 de agosto de 2000
PARTE 16
30 de agosto de 2000
30 de agosto de 2000
23 de novembro de 2000
31 de dezembro de 2000
4 de janeiro de 2001
7 de abril de 2001
9 de junho de 2001
PARTE 17
7 de agosto de 2002
7 de agosto de 2002
7 de agosto de 2002
31 de agosto de 2002
2 de setembro de 2002
2 de setembro de 2002
27 de setembro de 2002

5 de outubro de 2002
31 de outubro de 2002
31 de outubro de 2002
21 de dezembro de 2002
25 de dezembro de 2002
14 de janeiro de 2003
15 de abril de 2003
31 de maio de 2003
8 de junho de 2003
19 de junho de 2003
19 de junho de 2003
19 de junho de 2003
23 de agosto de 2003
23 de agosto de 2003
24 de agosto de 2003
30 de agosto de 2003
PARTE 18
1º de setembro de 2003
3 de setembro de 2003
9 de setembro de 2003
22 de setembro de 2003
9 de outubro de 2003
13 de outubro de 2003
17 de outubro de 2003
17 de outubro de 2003
19 de outubro de 2003

24 de outubro de 2003
27 de outubro de 2003
28 de outubro de 2003
30 de outubro de 2003
31 de outubro de 2003
31 de outubro de 2003
PARTE 19
1º de novembro de 2003
1º de novembro de 2003
1º de novembro de 2003
1º de novembro de 2003
1º de novembro de 2003
1º de novembro de 2003
2 de novembro de 2003
2 de novembro de 2003
PARTE 20
5 de novembro de 2003
6 de novembro de 2003
6 de novembro de 2003
7 de novembro de 2003
8 de novembro de 2003
12 de novembro de 2003
14 de novembro de 2003
20 de novembro de 2003
29 de novembro de 2003

3 de dezembro de 2003
4 de dezembro de 2003
5 de dezembro de 2003
12 de dezembro de 2003
12 de dezembro de 2003
18 de dezembro de 2003
18 de dezembro de 2003
30 de dezembro de 2003
31 de dezembro de 2003
31 de dezembro de 2003
1º de janeiro de 2004
1º de janeiro de 2004
1º de janeiro de 2004
PARTE 21
8 de janeiro de 2004
10 de janeiro de 2004
25 de janeiro de 2004
29 de janeiro de 2004
13 de fevereiro de 2004
12 de março de 2004
5 de abril de 2004
19 de abril de 2004
19 de abril de 2004
Muito obrigada por ler este livro!
Agradecimentos



Me deixe para trás

Morovona, K. M.
9786561510035
336

Compre agora e leia (Publicidade)

Neste romance militar de tirar o fôlego, dois inimigos mortais se encontram do mesmo lado de uma guerra: ele, o soldado mais temido do esquadrão, ela, a recruta nova que não se deixa intimidar. Ambos se lançam num jogo perigoso de ódio, vingança e desejo, e as consequências serão arrebatadoras.

Este livro faz parte da era **dark** da Bloom Brasil, a casa de leitores de romances de todos os gêneros. **Dark romance** é um gênero que retrata o amor através de temas sensíveis, violentos — e por vezes perturbadores. Contém conteúdo sexual explícito e violência gráfica. **Recomenda-se cautela ao ler.** Leia os descritivos de gatilhos no início do livro antes de começar (os gatilhos estão incluídos no trecho de amostra).

Nell Gallows foi a única sobrevivente de um esquadrão de elite das Tropas Ocultas depois de uma missão trágica. Como recompensa, foi jogada em uma divisão ainda mais perigosa e hostil.

Antes de embarcar no novo desafio, ela procura uma última noite de prazer e se rende ao charme sombrio de um desconhecido, mas acaba descobrindo que o homem em questão é seu futuro colega de equipe.

Cruel e impiedoso, o soldado Bradshaw é conhecido como o inferno na terra e declara guerra à nova recruta. Juntos, eles são duas máquinas mortíferas querendo se destruir, mas uma atração perturbadora faz com que se desejem na mesma intensidade com que se odeiam.

Nell está determinada a ir até o fim e confrontar seus demônios, mas Bradshaw usará todas as armas para que ela desista. Motivados pela violência tanto quanto pela luxúria, eles travam um cabo de guerra que vai arrastá-los para os limites da insanidade.

Este livro contém: romance militar; dark romance; bully romance; enemies to lovers; personagens com moral duvidosa; proximidade

forçada; cenas quentes

Compre agora e leia (Publicidade)



Binding 13

Walsh, Chloe
9786583127365
704

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma história de amor épica e inesquecível começa em *Binding 13*, primeiro volume da série irlandesa fenômeno no TikTok Os Garotos de Tommen, de Chloe Walsh.

Ele quer salvá-la. Ela quer se esconder.
Ela está ferida. Ele está determinado.
O destino os juntou. O amor os uniu.

Johnny Kavanagh é uma força da natureza no rúgbi. Preparado para o estrelato, ele está em disparada, e nada vai entrar em seu caminho. Nem mesmo a aluna nova na Tommen. Aquela garota tímida e de olhos tristes, que esconde muitas feridas. E que o distrai como nenhuma outra.
Aflito com uma lesão secreta e desesperado para impressionar os olheiros atentos a cada jogada sua, Johnny não pode falhar. Ele vem se empenhando ao máximo e precisa manter o foco. Mas o que acontece quando a garota solitária se torna seu único objetivo?
A vida nunca foi fácil para Shannon Lynch. Vítima de bullying e agressão, ela chega no colégio no meio do ano letivo rezando por um novo começo. Em seu primeiro dia, conhece o famoso Johnny Kavanagh. De repente a jovem que só queria levar uma vida discreta se vê em um turbilhão de sentimentos pelo cara mais popular da escola — e com isso conquista mais inimigos.
Publicada no Brasil pela primeira vez, Chloe Walsh promete cativar os leitores com um universo de rúgbi, paixão e decepções amorosas adolescentes.

Este livro contém: garoto popular se apaixona por garota excluída, romance com esporte, *dual POV*, *crossover* de *new adult*/YA, *friends to lovers*, romance irlandês.

Compre agora e leia (Publicidade)



Keeping 13

Walsh, Chloe
9786583127372
688

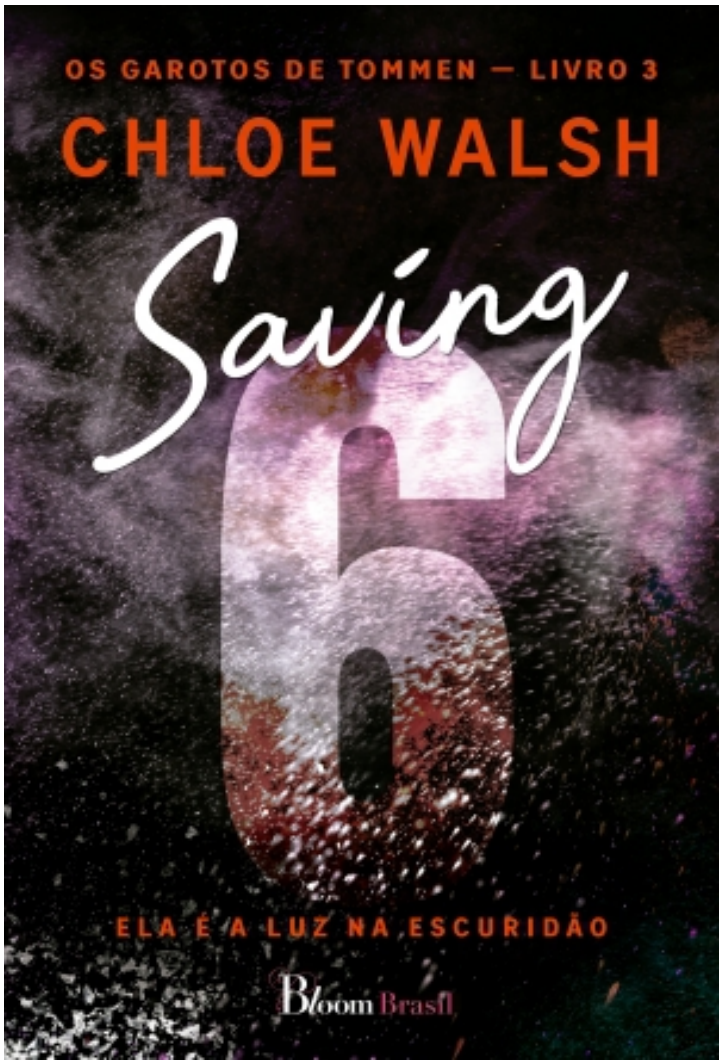
Compre agora e leia (Publicidade)

A épica e inesquecível história de amor de Johnny e Shannon continua em *Keeping 13*, da autora sucesso internacional de vendas e fenômeno no TikTok, Chloe Walsh.

Johnny Kavanagh tem levado uma vida diferente desde que uma lesão o deixou de fora do jogo. Ele nunca tinha imaginado a vida sem sua amada camisa 13 e, agora que foi obrigado a sair de licença, está perdido. Mas também jamais imaginou que pudesse dividir esse momento com alguém, ou melhor, uma garota.
Shannon Lynch sempre foi boa em guardar segredos. Ela percebeu que homens ruins não existem só nos livros, pelo contrário: são bem reais. Após uma viagem traumatizante para Dublin, ela está fazendo de tudo para proteger seus irmãos mais novos. No processo, Shannon acaba retomando antigos hábitos, se escondendo na tentativa de agarrar o pouco de futuro que lhe resta.
Há apenas um garoto que consegue tirá-la das sombras. E esse garoto é o dono de seu coração. O que ela não sabe é que segredos capazes de mudar vidas estão prestes a vir à tona. Será que o amor de Shannon e Johnny vai sobreviver ao maior teste?

Este livro contém: garoto popular se apaixona por garota excluída, romance com esporte, dual POV, sucesso no TikTok, crossover de new adult/YA, friends –to lovers, romance irlandês.

Compre agora e leia (Publicidade)



Saving 6

Walsh, Chloe
9786583127389
520

Compre agora e leia (Publicidade)

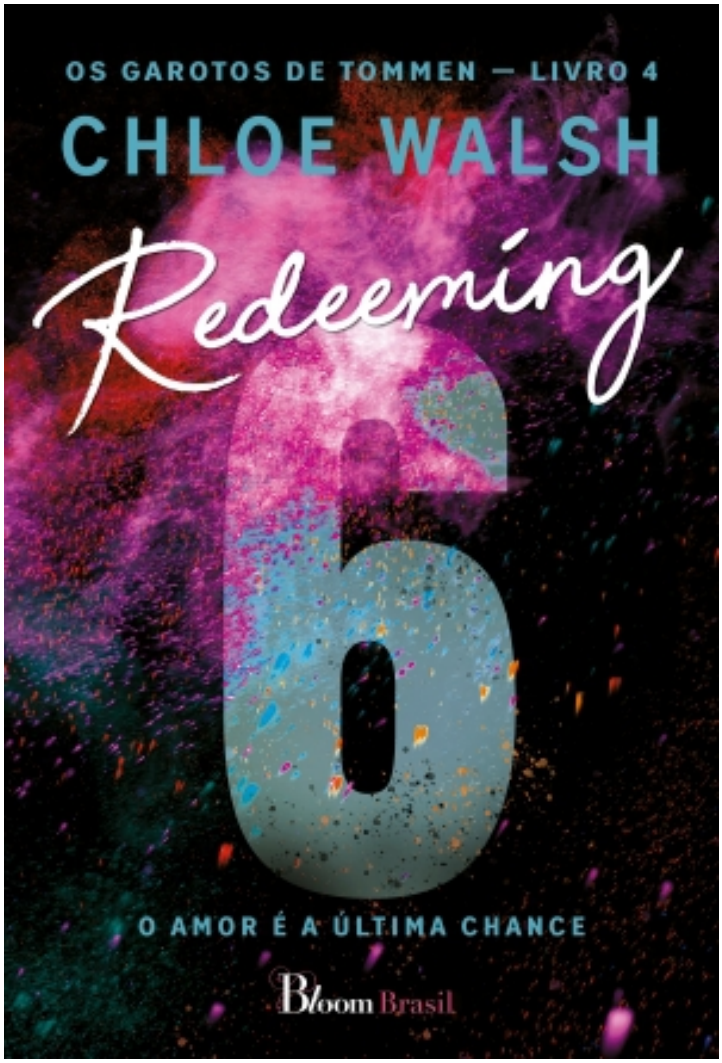
Uma nova e emocionante história de amor começa em *Saving 6*, terceiro volume da série de sucesso Os Garotos de Tommen.

Agora é a vez de rir, chorar e se apaixonar com Joey Lynch e Aiofe Molloy.

Desde os doze anos, Joey Lynch leva uma vida infernal tentando proteger sua mãe e seus irmãos mais novos do pai alcoólatra e violento. Sem avançar nos estudos ou no hurling, ele vê nas drogas um escape para seu sofrimento. A única luz que encontra em meio às trevas é a filha de seu chefe, Aoife Molloy. Linda e radiante, ela faz de tudo para entrar no caos particular de Joey e acaba se tornando seu porto seguro.

Este livro contém: romance quente, dual POV, friends to lovers, história para chorar, slow burn, new adult/YA, romance irlandês, romance com esporte, Grumpy x Sunshine

Compre agora e leia (Publicidade)



Redeeming 6

Walsh, Chloe
9786583127211
352

Compre agora e leia (Publicidade)

Se você se apaixonou por Joey e Aoife, prepare-se para se emocionar pra valer com o desfecho desse casal em

***Redeeming 6*, quarto volume de Os Garotos de Tommen, a série de Chloe Walsh que se tornou sucesso de vendas e no TikTok.**

Eu vou salvar você, seis.

Com tudo desmoronando ao seu redor, a vida de Joey Lynch nunca esteve tão caótica. Desesperado para provar que é digno da única pessoa em quem confia, ele tenta com todas as forças nadar contra uma correnteza de sofrimento que ameaça arrastá-lo para longe. Aoife Molloy não quer abrir mão do amor e luta para salvar seu melhor amigo do abismo da autodestruição. Mergulhando em um universo desconhecido e usando apenas seu coração como guia, ela se recusa a virar as costas para Joey, por mais improvável que sua salvação pareça.
Atravessando momentos de terror e esperança, Aiofe e Joey sempre tiveram que apoiar um ao outro, e agora não será diferente. Aconteça o que acontecer.

Este livro contém: cenas hot, *dual POV*, *friends to lovers*, história para chorar, *new adult*/YA, romance irlandês, romance com esporte, *grumpy* x *sunshine*

Compre agora e leia (Publicidade)